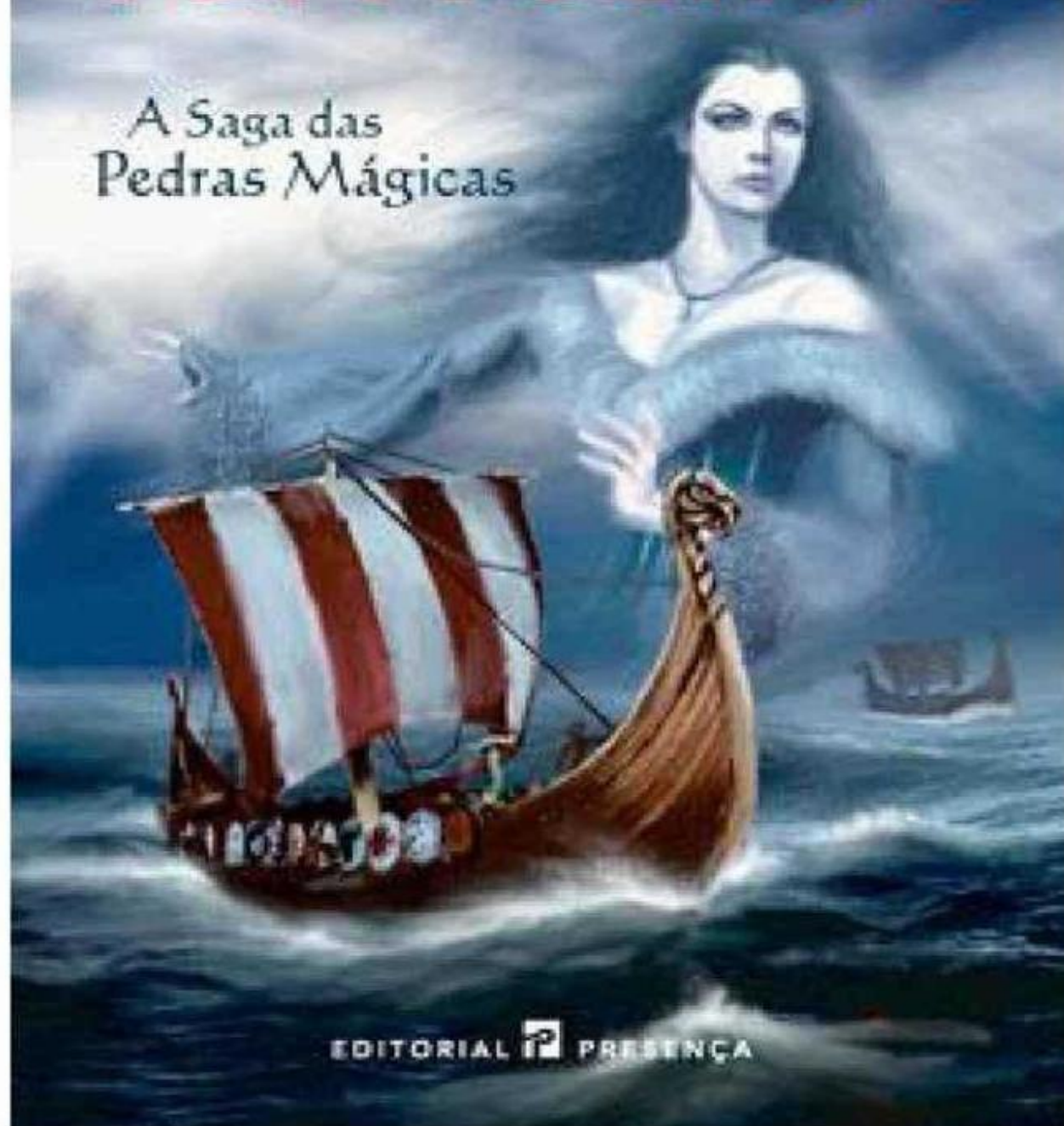


Sandra Carvalho

A ÚLTIMA
FEITICEIRA

A Saga das
Pedras Mágicas



EDITORIAL  PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*Os meus agradecimentos
Ao meu marido, por ser quem é;
Ao meu irmão, por ter nascido;
Aos meus pais e padrinhos, pelo amor e educação;
Às amigas Luísa C. e Claudia S., pelo apoio e incentivo.*

CAPÍTULO 1

Existe uma recordação que guardarei enquanto viver: o rosto de uma menina, refletido na superfície da água, com os longos cabelos negros e encaracolados caindo sobre as faces rosadas, os olhos brilhando mais do que estrelas e o sorriso denunciando uma felicidade que só a inocência pode conceber. Depois, a distorção; o caos originado pela forte ondulação que os meus irmãos provocavam, rasgando a água com braçadas vigorosas; a harmonia quebrada, perdida para sempre; o silêncio profanado pelo som alto das gargalhadas de euforia e exaltação... O doce som da liberdade.

— Vem, Cat! — gritavam quase em uníssono. — Vem!

Como resistir? Um piscar de olhos era quanto bastava para livrar-me do leve e colorido vestido de Verão e mergulhar destemidamente no regaço pouco profundo do ribeiro. De imediato, ficava rodeada por uma dúzia de braços, uma dúzia de pernas, seis rapazes lutando para agarrar no meu corpo esguio, erguê-lo no ar e envolvê-lo num nunca mais acabar de brincadeiras, que me faziam rir até às lágrimas.

Podíamos ficar ali até o Sol desaparecer, mergulhando, nadando, brincando ou apenas deitados na margem, inventando histórias, contando piadas, falando sobre a casa, a família, a herdade, os trabalhadores, os animais... Muitas vezes, também nos quedávamos em silêncio, contemplando o céu azul por entre as copas das árvores altas, respirando o ar leve e perfumado, escutando os delicados sons selvagens, suplantados por toda a beleza e a magia que nos envolvia e protegia. Éramos filhos da floresta, filhos da terra, filhos do ribeiro e do lago, filhos do Sol e do Ar. Éramos felizes.

Quando a luz murchava, Aled assumia a liderança e recordava-nos de que era tempo de regressar a casa. Não se ouvia um protesto. Ninguém contestava a autoridade do irmão mais velho. Então, Edwin erguia-me nos braços e sentava-me sobre os ombros, carregando-me às cavalitas com a mesma facilidade com que transportaria um

cordeirinho. Eu prendia as pernas com força, por baixo dos seus braços, e abraçava-o pelo pescoço. Adorava quando o meu irmão corria e o vento me batia na cara, mal me permitindo respirar. Delirava com a sensação de liberdade plena e pura, que entrava em mim e me pejava de vida.

Só diante da Casa Grande é que recordava que Tristan não era nosso irmão. Ficava triste quando o via acenar em despedida e correr para a cavalaria. Não compreendia por que não podia entrar conosco, partilhar a nossa casa e a nossa mesa, assim como partilhava as brincadeiras e morava nos nossos corações. Não podia compreender...

Aos cinco anos, eu vivia perfeitamente escudada da maldade do mundo.

A Floresta Sagrada era o nosso santuário, o nosso refúgio, o nosso lar. Crescemos dentro do seu abraço, partilhando segredos, risos e lágrimas. Conhecíamos cada árvore, cada pedra, cada toca e esconderijo dos animais que nela habitavam. O bosque de carvalhos frondosos acalentava-nos. Nós respeitávamos a sua grandeza e agradecíamos a proteção. Nenhuma árvore era cortada ao acaso, nenhum animal caçado desnecessariamente. Havia, entre os nossos, um respeito profundo pela natureza. Crescíamos amando a terra como a uma mãe.

Existiam vários povoados espalhados pela Grande Ilha, cada um governado por um valoroso lorde, mas nenhum tão poderoso e próspero como o de Lorde Garrick McGraw. Guerreiros vigorosos, bem armados e vigilantes, que se confundiam com a floresta como se eles próprios fossem árvores, transformavam os domínios do seu senhor num território inexpugnável.

A Aldeia do Lago ficava implantada no coração da floresta, junto da margem do Lago Encantado. Era ali que os vários ribeiros de nascentes puras que alimentavam a Grande Ilha se fundiam e formavam um círculo de água tão cristalina que refletia o céu. Mais

adiante, a corrente ganhava força, num único braço que rasgava a floresta e tombava pela escarpa rochosa, mergulhando no mar. Em toda a extensão do domínio dos McGraw, a terra era fértil como nenhuma outra e o peixe tão abundante, que quase podíamos apanhá-lo com as mãos.

Um pouco afastada do rebuliço da aldeia, ficava a herdade dos McGraw. Ali vivia a família, os empregados da Casa Grande e da quinta. Não muito longe, à distância de um chamamento, ficavam as instalações dos soldados, que se multiplicavam por pontos estratégicos no interior da floresta.

Apesar dos tempos difíceis em que vivíamos, não havia nenhum sinal de inquietação ou apreensão. O nosso povo sentia-se protegido pelo abrigo da floresta e pelos intrincados, altivos e inacessíveis penhascos, no extremo sul, que terminavam abruptamente numa extensão infinita de mar bravio. E, se a geografia só por si representava uma fortaleza, Lorde Garrick assegurava alianças sólidas com os vizinhos. Essas alianças exigiam-lhe muito tempo e atenção, por isso raramente via o meu pai, e a imagem que guardava dele era a de um homem tão grande como severo. Amava-o tanto quanto o temia e, se por um lado ansiava pelo seu regresso, de cada vez que viajava, por outro abençoava as suas ausências, pois os meus irmãos ficavam mais disponíveis para as nossas brincadeiras.

A minha mãe era a mulher mais bonita do mundo e eu inchava de orgulho sempre que afirmavam que estávamos cada dia mais parecidas. Para mim, a Senhora Edwina não era só uma mãe, uma companheira, uma amiga; era também uma deusa, a fonte aonde todos íamos buscar a força. A minha mãe não se limitava a ser a senhora da casa e a coordenar o trabalho da herdade na ausência do meu pai. Tinha poderes especiais e usava-os para ajudar aqueles que dela dependiam. Sempre que o permitia, eu ficava junto dela, observando-a enquanto plantava, colhia, secava e misturava ervas, raízes e cascas de árvore, fervia chás e infusões, preparava unguentos e bálsamos. Por vezes, improvisava na tentativa de melhorar o velho conhecimento. E era sempre bem sucedida.

A admiração e o amor pela minha mãe eram partilhados por todos, inclusive pelos aldeões, que recorriam à sua ajuda sempre que sofriam de alguma maleita. Muitas vezes, eu acompanhava-a nas visitas aos doentes e depressa aprendi como sarar uma ferida, imobilizar um osso quebrado, curar um desarranjo das entranhas ou aliviar os malefícios da exposição ao calor. Contudo, o que eu mais gostava, era de assistir aos partos. Não que a minha mãe me deixasse interferir! Para auxiliá-la tinha a sua ama de leite, a incansável Bretta, uma mulher tão grande como uma montanha e tão forte como um carvalho, mas com mãos de fada e palavras de mel nos momentos de aflição. Eu ficava de lado, observando, ansiosa por ajudar, sem me incomodar com o resmungar incessante de Bretta, sobre quão imprópria era a minha presença, opinando que eu deveria estar a aprender a bordar e a costurar; não a molhar toalhas em água quente e a assistir a um espetáculo de aflição, gritos, suor e sangue. Felizmente, a minha mãe era uma mulher prática e decidida. Respondia-lhe que, no futuro, eu seria uma curandeira muito mais habilidosa do que ela própria, e que era importante que começasse a habituar-me aos espinhos do ofício, assim como às doces recompensas. Nada havia de mais belo e comovente que o primeiro choro de um bebê e o sorriso da sua mãe ao aninhá-lo sobre o peito.

Quando eu não estava com a minha mãe, estava com os meus irmãos. Era a mais nova dos seis e única rapariga. Ser tratada como uma igual pelos rapazes era motivo de orgulho e vaidade. A sua força era a minha força, e eu acreditava acerrimamente que éramos inseparáveis e indestrutíveis.

Aled era onze anos mais velho do que eu. Aos dezesseis, era um homem perfeito, muito parecido com o nosso pai, alto e forte, com ombros largos, braços e pernas poderosos. Os seus cabelos castanho-claros eram tão rebeldes como os meus, mas ele mantinha-os presos com firmeza atrás da cabeça, o que lhe realçava a severidade da expressão e a determinação dos olhos verdes. Desde muito jovem que tinha plena consciência do peso da sua herança. Talvez por isso se dedicasse tanto aos assuntos da herdade e da guarda, em detrimento das nossas brincadeiras.

Seguia-se Edwin, com dois anos de diferença de Aled. Fisicamente, eram muito idênticos, mas tinham personalidades completamente distintas. Se Aled representava o método e a harmonia, Edwin era a tempestade, o fogo, um caldeirão em permanente ebulição. Havia nele uma paixão pela vida, pela natureza e pelo mundo, que se estendia para além de nós. Intimamente, sabíamos que nunca poderíamos segurá-lo. Edwin era independente, aventureiro e demasiado impulsivo para administrar os assuntos da propriedade. Graças a ele, conhecíamos cada grão da terra que nos rodeava. Contudo, isso não lhe bastava. O seu espírito ansiava por novas descobertas, por aventuras intermináveis para além do mar. Sonhava de olhos abertos e só assim conseguia sobreviver à monotonia dos nossos dias.

Berchan nasceu um ano após Edwin. Os mais velhos diziam que a sua personalidade era tão sólida como a montanha que sustinha a floresta. Nunca abria a boca sem pensar muito bem no que ia dizer e, por isso, nunca se enganava. As suas palavras estavam carregadas de sabedoria e de contemplação. Por vezes, parecia exprimir-se por enigmas, e eu não alcançava a profundidade dos seus pensamentos. De todos os meus irmãos, era aquele que eu menos conhecia e também o que mais me fascinava. Curiosamente, era também o que mais se assemelhava comigo, pequeno e magro, com longos cabelos negros, rebeldes e encaracolados, olhos vivos e expressivos, verdes e brilhantes.

Berchan podia passar o dia na margem do ribeiro, sentado na grande pedra que nós chamávamos "Pedra dos Sábios", de olhos fechados, respirando tão pausadamente como se adormecido. Todavia, nós sabíamos que a sua mente estava em acesa atividade. Se os irmãos mais velhos construía o mundo com as próprias mãos, ele dissecava-o dentro da cabeça, obtendo explicações lógicas para fenómenos que todos julgávamos indecifráveis e, ao mesmo tempo, fazendo coisas que nenhum de nós conseguia explicar. Era um gênio. E esse fato não passou despercebido aos sábios que viviam na orla da floresta, perto do mar. Há muito que os Druidas o observavam atentamente.

Quatro anos depois de Berchan, nasceram os gêmeos, Stefan e Quinn, iguais como gotas de água; os meus companheiros prediletos de brincadeira. Quando olhava estes irmãos, via uma balança equilibrada. O espírito de Quinn adivinhava-se parecido com o de Aled, e o de Stefan com o de Berchan. Sempre que podiam, era a companhia desses irmãos que procuravam. Quinn seguia Aled como um cão fiel, esbugalhando os olhos de admiração ao vê-lo treinar no manejo das armas, ansiando por tornar-se tão inteligente e forte como o primogênito. Por seu lado, Stefan corria ao encontro de Berchan e, invariavelmente, encontrava-o a meditar ou a estudar os livros que colecionava – diários e anotações, divagações e poemas, desenhos e mapas, presentes de viajantes, comerciantes e amigos que visitavam a propriedade.

Por fim, depois de cinco rapazes, nasci eu, Catelyn McGraw, pequena e endiabrada, completamente alheada de quaisquer assuntos próprios para uma menina. Sob a orientação dos meus irmãos, aprendi a pescar, a caçar, a escalar, a nadar, a montar a cavalo e a manejar algumas armas, se bem que com pouca ou nenhuma destreza. Aled, Edwin e Quinn divertiam-se com a minha curiosidade e perseverança. Quando estava cansada, sentava-me junto de Berchan e de Stefan. Foi com eles que aprendi a ler, a escrever, a contar, os nomes das estrelas, a razão por que os dias se sucedem às noites, o ritmo das marés, a história da minha terra e as histórias de outros povos, entre eles, o povo estranho e perigoso, que se aproximava da nossa costa em grandes e velozes barcos de madeira, movidos a remos e com uma única vela quadrada.

Mas o nosso grupo só ficava completo com Tristan.

Tristan era filho do mestre de armas do meu pai. A mãe morrera ao dar à luz, suplicando à Senhora Edwina que lhe cuidasse do filho. Nessa altura, Edwin era um bebê de colo e a minha mãe já estava grávida de Berchan. Quando nasci, aprendi a devotar a Tristan o mesmo amor que devotava aos outros. Ele era meu irmão, e eu não admitia que ninguém dissesse o contrário. Aliás, quando estávamos juntos, era impossível afirmar que não partilhávamos o mesmo sangue, tal a harmonia que reinava entre nós. Só quem olhasse com

mais perspicácia é que perceberia que o colar de Tristan era diferente.

A história do colar revelava-se simultaneamente estranha e fantástica. Os anciãos contavam que a minha mãe descendia do povo antigo, que vivera na floresta desde o princípio dos tempos e lhe dera o nome de Floresta Sagrada. Havia quem se atrevesse a sussurrar que os meus bisavós haviam sido feiticeiros poderosos e que a minha avó Aranwen herdara o seu poder. Também era sabido que os Seres Superiores não podiam relacionar-se intimamente com os humanos, sob pena de perderem a força mágica. Ora, a lenda continuava com a paixão da minha avó pelo meu avô Cianed, um bravo guerreiro da Grande Ilha. Por ele, Aranwen abdicara do seu poder e assumira uma frágil vida humana. Contudo, para que esse poder não se extinguisse, recolhera sete pedras de cores diferentes do leito do Lago Encantado e depositara nelas as suas habilidades. Com essas pedras fez um colar, lindo de tirar o fôlego e tão valioso que se tornara alvo da cobiça de muitos reinos. Como eu nunca ouvira falar de um rei que tencionasse invadir a ilha para roubar um colar de pedras, acreditava que era aí que terminava a fantasia e começava a realidade.

A minha avó morreu muito jovem, logo após a morte do meu avô. Deixou de herança à sua única filha a imensa propriedade onde vivíamos e um colar muito bonito, mas sem nenhum valor. A Menina Edwina cresceu e apaixonou-se por um homem rude e prático, descrente da religião antiga. Lorde Garrick era um senhor da guerra, que só acreditava verdadeiramente no vigor da sua espada. Mal tomou conhecimento da crença popular que envolvia a família da esposa, proibiu qualquer menção ao assunto. Para evitar o descontentamento do marido, a Senhora Edwina dividiu as sete pedras do colar pelos filhos. Aled foi o primeiro a receber uma, a verde, suspensa num fio tecido pelas mãos da própria mãe. Edwin recebeu a vermelha, Berchan a branca, Stefan a amarela, Quinn a violeta e eu a azul. A sétima permanecia guardada e era cor de laranja.

Porque Tristan não podia ter um colar como o nosso, eu mergulhei no Lago Encantado até que encontrei a pedra mais perfeita, repleta

de veios de muitas cores. A minha mãe concordou em tecer o fio e Tristan jurou que jamais o tiraria do pescoço. Afinal, o seu amuleto tinha todas as nossas cores; tinha um pouco de cada um de nós.

Eu era muito pequena quando aquilo aconteceu. Não sei precisar o dia, mas lembro-me de que o Sol brilhava alto e que todos descansávamos na margem do ribeiro, depois de termos nadado até à exaustão.

Berchan sentara-se na Pedra dos Sábios, em posição de meditação, com os olhos fechados erguidos ao céu. Aled, Edwin e Tristan conversavam sobre os cavalos que o meu pai trouxera da sua última viagem por mar, dois belos exemplares, ainda muito jovens e rebeldes. Edwin e Tristan tinham sido incumbidos de treiná-los e mal cabiam em si com tanto entusiasmo. Não muito longe, Stefan e eu jogávamos às pedrinhas. Quinn não quisera unir-se a nós e divertia-se a destruir o jogo. Sempre paciente, Stefan recomeçava. Mas eu não possuía a sua tolerância. Estava a ferver de raiva e sentia vontade de saltar sobre Quinn e dar-lhe umas palmadas. Porém, também sabia que ele era muito alto e mais forte. Se o confrontasse diretamente, seria afastada como um mosquito e alvo da zombaria dos presentes. De todos, Quinn era quem mais gostava de me arrelhar e, quando eu perdia as estribeiras e o atacava, ele segurava-me na cabeça e mantinha-me afastada do seu corpo, deixando-me a praguejar e a esmurrar o ar, enquanto os outros assistiam divertidos. Quanto mais furiosa ficava, mais me descontrolava e mais eles se riam da minha impotência. Desta vez, seria diferente!

Stefan lançou as pedras e, no mesmo instante, o gêmeo saltou por cima do jogo, arruinando tudo. Gritei enraivecida e, instintivamente, estendi o braço sobre as pedras e na direção de Quinn. Estas ergueram-se no ar, como que agarradas por um vento brusco e violento e precipitaram-se sobre o meu irritante irmão. Ele voltara-se para trocar de nós e assistiu ao meu arrebatamento. Ficou sem reação, fulminado de espanto. As pedras chocaram contra o seu corpo e caíram no chão. Ofegante e estremecendo de raiva, eu

encontrei o olhar esbugalhado de Stefan, cujo queixo quase tocava no chão.

— Como foi que fizeste isso?

De imediato, Berchan estava junto de nós, e eu pensei que aquela fora uma manifestação das suas inúmeras habilidades. Ele conseguia mover objetos com a força da mente e acender a lareira sem precisar fazer fogo. Eu acreditava que esses eram dons com que a natureza brindara apenas o meu irmão.

— Ela não tocou nas pedras! — continuou Stefan, despertando a curiosidade dos restantes. — Eu vi...

— Chega, Stefan — cortou Berchan mansamente, mas com firmeza. — Estás a assustá-la!

— Eu não queria magoar o Quinn — arquejei aflita, pensando que cometera uma falta grave. — Juro que não queria!

Quinn abraçou-me apaziguadoramente.

— Não me magoaste, irmãzinha. Juro!

— Ela não tocou nas pedras? — perguntava Aled incrédulo. Estavam todos ao meu redor. Berchan ajoelhou-se diante de mim, murmurando:

— Eu também vi. Levei anos para conseguir fazer o que a Cat fez sem pensar. — Prendeu-me os ombros frágeis e forçou-me a encará-lo. — Não te assustes, irmãzinha. O que aconteceu foi uma revelação da tua força. Não tens de temer ou de te envergonhar da tua habilidade. Apenas tens de aprender a controlá-la... Eu tratarei disso!

Mais tarde, Berchan explicou-me que tudo o que nos rodeava era composto por pequenos grãos, aos quais chamou partículas. Se eu agarrasse na terra da margem e a moldasse nas mãos, obteria uma bola grande e sólida; mas, se a apertasse com força, ela voltaria a transformar-se em minúsculos grãos. Quando eu tocava numa árvore, sentia-a dura e indestrutível. Porém, se cravasse os dedos na casca, podia arrancar pedaços e, quando a cortava, obtinha um pó fino. A água era ainda mais divertida. À primeira vista parecia sólida e tínhamos a ilusão de que podíamos caminhar sobre ela. Porém, na realidade, não era assim. Fugia do nosso corpo, escapava-se por entre os dedos... O lago não passava de pequenas gotas, que

continham outras pequenas gotas e por aí fora, até ser-me impossível conceber o tamanho e a forma.

— E nisso que tens de te concentrar — dizia Berchan. — Quando olhas para um objeto, deves imaginar como se divide, pequenas partículas dentro de pequenas partículas, até sentires a sua energia. Quando a encontrares, poderás controlá-la.

Cresci a ouvir narrativas da guerra travada entre o meu povo e os povos das terras geladas do Norte. Os nossos descreviam os inimigos como gigantes brutais e ignorantes, rudes e feios, com cabelos amarelos ou vermelhos e barbas repletas de sujidade, sem alma e com a capacidade de se transformarem em bestas selvagens, tais como ursos ou lobos, durante as batalhas. O seu bafo pestilento era suficiente para aniquilar um homem desprevenido. Lutavam com a ferocidade de mil demônios e sem nenhum propósito a não ser matar, destruir e pilhar.

Uma história antiga, transmitida de geração em geração, relatava a forma como haviam invadido um convento cristão, assassinado os religiosos, roubado ouro, prata e joias, entre outros objetos de valor, e destruído tudo o que não podiam saquear. Chegaram por mar, em fabulosos barcos de madeira que cortavam as águas como as flechas rasgam o ar e ancoravam na areia graças aos cascos rasos. Os monges, ocupados com os afazeres espirituais, nem se aperceberam dos gigantes bárbaros que avançavam sobre eles, empunhando espadas e machados. A chacina foi brutal e nenhuma vida poupada. Rápidos como o vento, os Vikings executaram a sua esmagadora invasão sem encontrarem resistência e desapareceram num abrir e fechar de olhos, como uma praga de insetos famintos que deixa para trás uma colheita devastada.

Verão após Verão, os ataques a alvos religiosos repetiram-se, sempre rápidos e eficazes, sempre devastadores e sangrentos, causando repulsa e revolta entre o povo e os governantes. Mesmo durante a mais impiedosa das guerras, os templos, conventos, igrejas e os seus religiosos eram respeitados pelos guerreiros, quaisquer que fossem as suas crenças. Os Vikings ignoravam todas

as leis do mundo civilizado, tornando-se malditos e proscritos. Era impossível prever onde atacariam de seguida, e eram tão céleres que escapavam sempre, vitoriosos, incólumes e impunes. Não tardaram a atacar os povoados, matando sem distinção, violando as mulheres, raptando as crianças e roubando os cavalos, o gado e os cereais, para depois partirem, deixando as habitações em chamas.

Durante gerações, foram-se aproximando perigosamente das nossas costas. Antes de eu nascer, Lorde Cearnach McKie, o nosso vizinho mais próximo, que controlava grande parte da costa, juntamente com Lorde Garrick e outros poderosos aliados, construíram uma frota que repeliu com eficácia os avanços dos Nórdicos. Todavia, o momento de glória sucedeu quando eu dava os primeiros passos e ainda nada sabia sobre a crueldade da vida. Comandando a poderosa frota numa missão de caça aos selvagens, Lorde Garrick e Lorde Cearnach haviam surpreendido os barcos vikings avançando sobre o território dos Aliados. Sem hesitação, enfrentaram-nos, incendiaram e afundaram os fabulosos navios. Poucos bárbaros escaparam à justiça do nosso povo. Esse dia era celebrado com entusiasmo pelo meu pai e seus aliados e tropas, pois, a partir daí, não mais ouvimos falar de Vikings nas nossas águas.

Todos adorávamos escutar a forma corajosa e feroz como o nosso pai enfrentara a praga maldita. As únicas pessoas a quem essa narrativa parecia incomodar eram a Senhora Edwina e Berchan. Sempre que se aflorava o assunto, ambos se desculpavam e ausentavam. No meu entender, essa atitude era explicável. Tanto a minha mãe como o meu irmão possuíam almas puras e amavam a paz. A simples menção da guerra e das suas consequências deixava-os angustiados. Quanto a mim, essa história enchia-me de orgulho. Era reconfortante saber que nada, nem ninguém, podia ameaçar o harmonioso equilíbrio do meu mundo.

CAPÍTULO 2

Eu tinha onze anos quando Fiona nasceu. Foi um parto muito complicado e, apesar de todos tentarem disfarçar a apreensão, eu já assistira a nascimentos suficientes para saber que a vida da minha mãe estava por um fio. Quando Bretta me expulsou do quarto, foi Stefan quem me recolheu nos braços. Li-lhe nos olhos que a sua dor era tão forte como a minha.

Sem saber por que, lembrei-me de algo que acontecera semanas antes. Eu estava na aldeia com a minha mãe, cuidando de um garoto que caíra de uma árvore e magoara uma perna. A Senhora Edwina improvisara uma tala para imobilizar o osso e ligara-o com cuidado. Tive de auxiliá-la, pois a sua barriga já estava muito grande e a minha mãe tinha dificuldade em movimentar-se. Aquele pequeno exercício deixou-a exausta. Felizmente, a carroça que nos trouxera esperava-nos à porta. O criado preparava-se para ajudar-nos a subir, quando uma velha apareceu do nada e se agarrou à minha mãe.

— Que senhora tão formosa! — arranhara numa voz que me gelara por dentro. — E que lindo bebê que aí tem! Deixe-me tocá-lo!

Antes que alguém conseguisse detê-la, já pusera as mãos encarquilhadas e ossudas sobre o ventre da Senhora Edwina. O nosso criado afastou-a com brusquidão e a minha mãe subiu para a carroça, ofegando com o esforço. Eu saltei atrás dela, receando que a sinistra criatura me tocasse. Enquanto a carroça se afastava, avistei-a pela última vez. Era alta, mas fora curvada pelo peso da idade. Estava tão magra que a roupa lhe caía sem forma pelo corpo e o rosto era só ossos e olhos. E que olhos! Eu nunca vira tal cor. Eram de um castanho-avermelhado e brilhante; uma cor que alguns fios do seu cabelo branco ainda conservavam. Devia ter sido extremamente bela quando jovem. Ficou parada, observando a carroça a afastar-se, com um sorriso estranho bailando no rosto. Já

não me parecia tão corcunda. Estremeci e desviei o olhar. Tive a certeza de que, se realmente existiam bruxas, eu estava diante de uma.

A minha mãe recusou-se a comentar o acidente, como se este não tivesse importância. Porém, nessa noite, sentiu-se indisposta e teve de pedir auxílio. Fora o bebê que dera a volta, explicaram-me. Mas eu não fiquei convencida.

Depois disso, a Senhora Edwina não voltou a ficar bem, mas havia sempre uma explicação, e o tempo foi apagando o incidente da minha memória. Todavia, agora recordava-o e sentia-me gelar de horror. Forcei-me a acalmar e censurei-me por deixar a imaginação dominar-me. Aquela mulher tenebrosa não passava de uma velha senil e esfomeada, que ninguém vira até então e ninguém voltara a ver. Certamente vivia escondida na floresta, definhando, embrenhada na sua loucura. Pensar nela, neste momento crítico, só iria atrair o azar.

Aled também estava branco como cera, forçando-se a simular uma serenidade que não sentia. Pensei que o meu irmão mais velho era o único pai que eu conhecia. Onde estava Lorde Garrick quando precisávamos dele? Aled enviara um mensageiro ao seu encontro, mas o nosso pai ainda não se dignara a aparecer.

Tentei recordar quanto tempo, nos últimos anos, o senhor da casa passara com a família. Muito pouco. E eu detestara cada dia. Lorde Garrick tornara-se muito exigente com os filhos, começando a levar Aled nas suas viagens e, por fim, Edwin. E, se eu inicialmente pensara que Edwin se sentiria feliz com a mudança e a oportunidade de viajar, depressa me desenganei. Pai e filho tinham personalidades incompatíveis. Edwin dizia sempre o que pensava e, embora não faltasse ao respeito a Lorde Garrick, não se deixava dominar. Não concordava com as alianças que o pai mantinha com certos vizinhos. Achava-as subversivas e perigosas e não tinha nenhum pejo em afirmá-lo abertamente. Não conseguiam trocar duas palavras sem discutir.

Berchan também se tornara uma vítima do braço forte do nosso pai. Lorde Garrick não entendia a alma erudita do filho e abominava a sua fraqueza. Um homem tinha de saber manejar uma arma,

dominar um cavalo, decepar a cabeça de outro homem num campo de batalha sem hesitação. De que lhe serviria o velho conhecimento quando os Vikings atacassem? E foi assim que Berchan se viu forçado a abandonar os livros e as artes espirituais para treinar as artes da guerra, desde que o Sol nascia até que se punha, para recuperar o tempo que perdera em relação aos irmãos.

Mas um homem não pode negar a sua natureza, a vontade da sua alma, e fugir ao destino. Quando pousava a arma, Berchan corria para os amados livros e sacrificava noites de sono para prosseguir nos estudos. As consequências do seu esforço foram quase fatais. Pela primeira vez, vi a minha mãe insurgir-se contra a autoridade do meu pai. E, nesse dia, tive a agradável surpresa de descobrir que, apesar de imaginá-lo desligado da família e de todos os valores que o haviam tornado um homem adorado e respeitado pelo povo, que o seguia cegamente, Lorde Garrick ainda amava a esposa. A Senhora Edwina fê-lo perceber que nem todos os seus filhos tinham de ser grandes guerreiros. E Berchan recuperou a sua vida.

Nem mesmo eu escapava ao olho crítico e severo do nosso pai. Sempre que me via aparecer com as faces afogueadas, os olhos brilhantes, os cabelos desgrenhados e o vestido ensopado e sujo, Lorde Garrick enrubescia de fúria. A experiência ensinou-me a regressar das brincadeiras pela porta da cozinha e só aparecer diante do senhor da casa depois de ter tomado banho e trocado de roupa. Nessa altura, o meu pai sentava-me sobre uma perna e perguntava-me sobre os progressos nos estudos. Demorei a perceber que a minha inteligência o divertia e enchia de orgulho. À sua maneira, o meu pai amava-me, por isso perdoava a minha incapacidade de agir como uma rapariga e permitia que continuasse a minha aventura clandestina, por um mundo intelectual e físico que pertencia exclusivamente aos homens. Todavia, eu sabia que essa tolerância estava condenada. Antes de partir para mais uma visita ao seu maior aliado, Cearnach McKie, ouvira-o dizer à minha mãe:

— A Catelyn está a crescer e precisa aprender a comportar-se como deve ser, ou nenhum homem de posição desejará desposá-la. Agora que as fronteiras estão seguras, terei mais disponibilidade para ficar junto de vós e vigiar a educação dos nossos filhos. A

Catelyn exige uma atenção especial. Não quero tornar a vê-la a correr pelos campos como um cabrito, ou misturada nas brincadeiras dos rapazes. Pode continuar a estudar, mas terá de adquirir as maneiras de uma senhora.

Nesse ponto eu fugira, sem coragem para continuar a escutar. As palavras do meu pai soavam-me a uma sentença de morte. Imaginava que a minha liberdade estava tão ameaçada como a de Berchan estivera. E se, no caso do meu irmão, o nosso pai reconsiderara, no meu, seria pouco provável que o fizesse. Afinal, eu era uma rapariga e, brevemente, seria uma mulher. Lorde Garrick não perderia a oportunidade de casar-me com o herdeiro de um dos seus aliados para fortalecer uma posição mais frágil.

Agora, a minha mãe corria perigo de morte e Lorde Garrick tardava, provavelmente a discutir uma estratégia de combate com McKie, em redor de uma mesa repleta de iguarias e bom vinho, aquecido pelo calor de uma lareira. Nunca lhe perdoaria! Nunca!

— Vem, Cat! — murmurou Stefan ao meu ouvido.

Fui conduzida até ao quarto de Berchan como uma sonâmbula. Pasmei ao ver as dezenas de velas que ardiam, colocadas em locais precisos, formando um padrão mais antigo que o próprio tempo. No centro, Berchan desenhara um círculo de proteção. Não esperara por nós. Já se sentara no chão, com as pernas recolhidas, as palmas das mãos voltadas para cima e os olhos fechados em profunda concentração. À nossa volta, os quatro Elementos reinavam: a janela aberta deixava entrar o Ar, o Fogo ardia esperto na lareira e nas velas, o círculo fora desenhado com Terra e não tive de procurar muito pela vasilha cheia de Água.

Questionei-me sobre o que Lorde Garrick pensaria desta manifestação da velha fé; da evocação da magia que os antigos controlavam e que se perdia rapidamente com o passar do tempo e as exigências da nova religião. O meu pai estava a converter-se ao Cristianismo e, apesar de não se atrever a impô-lo à esposa, ou a proibir os sábios de visitarem a nossa casa para conversarem com Berchan, não era do seu agrado que a nossa mãe nos transmitisse o conhecimento antigo, ou que o filho ultrapassasse os limiões do estudo e passasse à prática os ensinamentos dos druidas.

Em silêncio, sentei-me diante de Berchan e dei a mão a Stefan. Em teoria, entendia o suficiente de magia para saber que o círculo só resultaria se a energia fluísse ordeiramente por entre nós, do mais velho ao mais novo. O meu coração batia de aflição ao pensar que Aled, influenciado pela fé do nosso pai, não concordaria com este procedimento.

Quinn entrou de seguida e sentou-se ao lado de Stefan, sem dizer uma palavra. A sua mão fechou-se sobre a do gêmeo e a de Berchan, que continuava imóvel, como se a nossa presença já não pudesse alcançá-lo. Edwin chegou, quase no mesmo instante, e ocupou o seu lugar. Concluí que sabia muito pouco acerca dos meus irmãos. O que estava a acontecer era totalmente adverso à educação que Lorde Garrick impingira aos rapazes e, no entanto, lá estava o rebelde Edwin, rendido a uma força superior à sua, sentado com as pernas encolhidas, uma mão apertando fortemente a de Berchan e a outra aguardando pelo que eu supunha ser um milagre.

— Não te aflijas Cat — murmurou Stefan, como se ouvisse os meus pensamentos. — Ele virá.

De fato, mal acabara de proferir estas palavras e já a porta se abria, dando passagem a Aled. O primogênito dos McGraw avançou em silêncio e sentou-se ao meu lado. Quando a sua mão apertou a minha, senti as lágrimas escorrerem pelo rosto. Há muito que não chorava. Começara por fazer-me forte diante dos rapazes e acabara por aprender a inutilidade dessa manifestação de fraqueza. Porém, agora, não conseguia evita-la.

Subitamente, a voz de Berchan flutuou no nosso espírito e percebi que ele estivera sempre consciente da nossa presença, de todos os movimentos, de cada batida de coração:

"O amor deu-nos vida. Nasceamos do Sol, do Ar, da Água e da Terra. Somos filhos da Natureza. Somos seis, mas somos um só..."

Enquanto a voz serena, contudo poderosa, fluía em mim, senti que o meu espírito se separava do corpo e elevava, pairando como um pássaro ao sabor do vento. Podia ver-me, do topo desta estranha realidade descoberta, sentada entre os meus irmãos, partilhando de um momento único da existência. A cama de Berchan estava imaculadamente arrumada. A lareira ardia com um fulgor

esplendoroso. Pequenas velas cintilavam em padrões de harmonia. As cortinas esvoaçavam. Para lá da janela escancarada, as estrelas chamavam-me e fui incapaz de resistir ao desafio. O vento acariciava-me o rosto, entrelaçando-se nos cabelos. No quarto grande, Bretta encorajava a minha mãe a manter-se consciente. A Senhora Edwina cedia ao cansaço...

— *Não morras, mamã! Precisamos de ti!*

Queria permanecer ali, mas o vento arrastou-me para longe, sobre a copa das árvores, até as luzes da casa desaparecerem e as estrelas se apagarem. A escuridão tornou-se demasiado cruel para conseguir suportá-la. Estava por todo o lado e trespassava-me o corpo, com unhas afiadas como espadas de gelo.

Gritei. Gritei. Gritei... Mas não me ouvi. Pela primeira vez conheci o medo.

Lá muito em baixo, as ondas do mar reventavam com ferocidade contra o penhasco e desfaziam-se em jactos de espuma. O vento empurrou-me para o interior de uma espiral de turbulência que testou a resistência dos meus ossos. Pensei que os membros iriam separar-se do corpo, com a violência da pressão. E havia uma voz no ar:

"A laranja será corrompida, para sempre perdida..."

Brotava do nada e enchia-me a cabeça.

"A violeta tombará, decepada pela traição..."

Furava-me os ouvidos e rasgava-me a alma.

"A verde penderá sem glória, sob a lâmina gelada..."

Tinha o timbre sonante da desgraça e a frieza seca da morte.

"A vermelha sucumbirá, vítima da própria condição..."

Tentei tapar os ouvidos. Tentei ignorá-la. Mas era impossível!

"A branca vagueará sem rumo, na bruma do esquecimento..."

Entranhava-se na pele e gelava o sangue.

"A azul falhará, por fraqueza e inaptidão..."

Esmagava qualquer força. Destroçava toda a esperança.

"A amarela finará, devassada na essência..."

Até eu desejar a morte para não ter de escutá-la.

"E quando a luz se apagar..."

Até eu ansiar pelo fim de tudo, que me traria a libertação.

"É chegado o reino das trevas..."

Até eu me entregar ao desespero.

"O reino das trevas..."

E a voz possuir-me e dominar-me.

"Trevas..."

Senti a mente explodir quando o vento me cuspiu para o vazio. Lá em baixo o mar esperava-me, negro e imenso. E eu caía e gritava. Caía e gritava... Caía...

Já não conseguia gritar. A água rodeava-me e era o meu mundo; o princípio e o fim de tudo. Ergui os olhos ao céu e desafiei a tempestade. Não compreendia o "como" nem o "por que". Só sabia que aquela tormenta tinha de ter fim se eu desejava subsistir. E, no momento em que o relâmpago me atingiu, vi-me diante de um homem; um desconhecido alto como uma torre, com cabelos compridos da cor do Sol, olhos da cor do céu e um rosto belo, tão

perfeito como o de uma criatura encantada. Falava uma língua que eu desconhecia, mas entendi cada palavra que os lábios trêmulos murmuravam:

— *Diz o meu nome...*

Fui devassada por uma emoção impossível de dominar; um tremor que nunca sentira. Tentei falar, mas a garganta apertou-se, estrangulada. Novo esforço e o vento colheu-me violentamente e arrastou-me para longe. Estava outra vez sobre o mar, à deriva... Um mar tão grande que não tinha princípio nem fim. Lá em baixo, criaturas enormes rasgavam a água, mergulhando e desaparecendo, para depois voltarem a emergir, belas e majestosas, soltando esguichos de espuma que tocavam o céu. Já as vira antes, num dos livros de Berchan, esboçadas pelo punho de um velho marinheiro. Mergulharam e desapareceram. A floresta abriu-me os braços e as luzes de casa acolheram-me com entusiasmo. Pela janela do quarto da minha mãe, vi Bretta sorrir e ouvi-a exclamar por entre lágrimas de alegria:

— É uma menina!

E a minha mãe também sorria, enquanto as cores lhe retornavam timidamente às faces. Estava exausta, mas vencera a batalha contra a morte. No quarto de Berchan, eu continuava de olhos fechados e de mãos dadas com Aled e Stefan.

Lentamente, regressei a mim, trêmula, com o coração prestes a rebentar. Reaprender a respirar foi um esforço. Surpreendi o olhar de Berchan preso no meu rosto, com uma intensidade que me arrepiou. Aos poucos, um a um, todos despertaram, e o instinto revelou-me que não fora a única a ter visões. No centro do círculo, os símbolos desenhados brilhavam como se possuíssem luz, e eu podia jurar que se haviam alterado. A porta abriu-se, não me dando tempo para refletir. Tristan entrou de rompante, ofegando de excitação enquanto exclamava:

— A vossa mãe está bem! E o bebê já nasceu!

— É uma menina! — gritei sem pensar. E desatei a correr para fora do quarto, sem esperar pela reação dos meus irmãos.

Jamais esquecerei o que senti quando peguei em Fiona pela primeira vez. Devia regozijar-me. Devia amá-la apaixonadamente a partir desse instante. Mas não consegui. Dei por mim a sentir repulsa pela minha irmã e a odiar-me por isso. Como era possível não gostar de um bebê? Já pegara em dezenas e adorara-os a todos. Devia adorar este ainda mais, porque era carne da minha carne, sangue do meu sangue! Mas a sensação de rejeição era mais forte do que a vontade. Entreguei a menina a Bretta e concentrei-me na minha mãe. O perigo já passara, e a Senhora Edwina estava muito feliz.

— Desculpai-me se vos assustei, meus filhos adorados. Nunca poderei agradecer-vos o suficiente pelo que fizestes.

Ela sabia! Mesmo travando uma luta sem tréguas, a nossa mãe apercebera-se do nosso esforço. Olhei para Berchan e inchei de orgulho por ser sua irmã; por ter participado de algo tão puro, maravilhoso e mágico.

No exterior da casa, gerava-se um burburinho que terminou numa estridente agitação. Lorde Garrick acabara de chegar e não vinha só. A comitiva de convidados era liderada por Lorde Cearnach. Não era habitual termos visitas e a ideia desagradava-me profundamente. A minha mãe não se encontrava em condições de receber.

Engoli a indignação, enquanto via o meu pai agarrar na nova filha, aninhá-la contra o peito e beijá-la longamente na testa. Afundei-me, mais uma vez, numa penosa repulsa. A hipótese de a minha rejeição ser causada pelo ciúme deixava-me agoniada. Eu não tinha por que invejar Fiona! Eu era amada e acarinhada por todos os que adorava. O ciúme não era a resposta para a minha agonia. Qual era, então, a resposta?

Sabia que iria encontrá-lo ali, na margem do ribeiro, sentado sobre a sua pedra — a Pedra dos Sábios. Deslizei para o seu lado e imitei-lhe a posição de meditação. A mão suave fechou-se na minha. Um arrepio de conforto percorreu-me e fiquei em paz. Passado algum tempo, abrimos os olhos e sorrimos. Foi a primeira vez que consegui encarar Berchan sem me sentir nervosa.

— Cresceste — murmurou apreciativamente. — E eu nem percebi! É difícil admitir que estás prestes a transformar-te numa mulher. Para mim, serás sempre a menina que deu luz aos anos mais felizes da minha vida. Todos nós te recordaremos assim, Cat, mesmo quando os teus caracóis negros estiverem brancos de sabedoria. Todos viveremos suspensos no brilho dos teus olhos, na melodia do teu riso... Tu és a força que nos une e nos sustém. Sem ti, o Sol não nasceria e a vida finaria sem sabor. Tu és mágica, e a magia flui através de ti para os que te rodeiam. Nunca te esqueças disso...

O que Berchan dizia podia ser lisonjeiro, mas não fazia sentido. Eu não passava de uma pirralha que só se distinguia deles porque usava um vestido! Certamente as emoções que enfrentara, há pouco, o haviam perturbado. Ele, sim, era força e magia! Por sua causa estávamos a respirar livremente; a rir, e não a chorar uma perda irreparável.

— O que fizeste esta noite foi fantástico! — exclamei fascinada. — Tu tens poderes maravilhosos...

— Eu não o fiz sozinho, Cat! — interrompeu mansamente, como se estivesse a ensinar-me a mais elementar das lições. — Sem a tua ajuda, teria sido impossível. És muito jovem e ainda não tens noção do poder que vive em ti e que cresce a cada instante. Mas o tempo ensinar-te-á e, um dia, não precisarás de nós para fazer magia.

Fiquei muda. O luar iluminava o olhar de Berchan, que refletia a minha estupefação. Engoli em seco, tentando encontrar um sentido nas suas palavras. Não consegui.

— Não estou a compreender — murmurei, enrouquecida pela secura da garganta.

Ele desviou o rosto, fixando o olhar na bruma densa que nos rodeava. Por um instante, tudo o que se ouviu foi o cântico suave do ribeiro, o coaxar dos sapos, o assobio dos insetos...

— Um dia compreenderás... Brevemente! Até lá, busca a sabedoria dentro de ti e a força nos Elementos. Quando pensares que atingiste o limite e sentires o desespero queimar-te por dentro, lembra-te de que és filha da Natureza e que nós somos teus irmãos. Na vida e na morte, somos seis, mas somos um só...

O seu discurso assustava-me. Não era apenas o que dizia, mas a forma como o fazia. Cada palavra, cada pausa, era um prenúncio de desgraça. Berchan nunca fora pessimista. Pelo contrário, mesmo quando só tinha motivos para desesperar, como quando o nosso pai quisera transformá-lo numa pessoa diferente, nunca perdera a luz que o guiava. Agora, porém, parecia abalado, coberto e sufocado por um manto de tristeza. Tentava transmitir-me algo que não podia declarar abertamente. E eu não estava a alcançá-lo.

— Já não somos seis, Berchan — notei a medo, sentindo a pele arrepiar-se. — A Fiona nasceu...

Seguiu-se outro longo silêncio. Subitamente, parecia que todas as criaturas tinham parado, à escuta. Só ouvia o lamento do ribeiro e o murmúrio das árvores.

— Nós seremos sempre seis — recomeçou Berchan, num tom profundo que me fez estremecer. — A Fiona nunca será como nós. Sei que também compreendes isso. Este dia modificou as nossas vidas de forma irreparável. Eu vi o futuro, Cat. E o que me foi revelado deixou-me muito triste. Brevemente, tudo irá mudar. E as mudanças trarão ventos de discórdia, dor, sangue e muitas lágrimas. Terás de ser corajosa, querida irmã. Terás de ser forte para que nós possamos buscar força em ti. Tu és a luz que brilha dentro de cada um de nós. Se te apagares, estaremos perdidos.

Agora eu estava aterrada!

— O que foi que viste, Berchan?

— Não posso dizer-te — respondeu prontamente, quase com brusquidão. — Acredito que o futuro é construído a cada passo, alterado em cada encruzilhada. Falar do que vi influenciará irremediavelmente as decisões de cada um. Isso não deve, não pode acontecer! Temos de ser livres para escolher ou a vida deixará de fazer sentido. Todos tivemos visões. Cada um de nós terá de lidar com a sua, como um exercício doloroso de solidão.

Encolhi os ombros, sentindo-me cada vez mais apavorada.

— Como posso lidar com algo que não entendo? — argumentei aflita. — Até hoje só vi o mar uma vez, ao longe e, no entanto, flutuei sobre ele com uma voz dentro da cabeça. Uma voz que doía... Falava em cores...

— Guarda a tua visão dentro da mente — cortou ele com severidade. — No momento certo saberás o seu significado, e não antes!

Senti frio. O meu corpo era trespassado por milhares de pequenas agulhas geladas. Tinham sido muitas emoções para um único dia e, quanto mais pensava, mais confusa ficava. O desconforto aumentava a cada fôlego. Desejei voltar para casa e afundar-me na cama. Sabia que não conseguiria arrancar mais nada de Berchan, por muito que insistisse.

— Partirei em breve — anunciou subitamente. — Os sábios desejam ajudar-me na aprendizagem. É uma grande honra que não posso recusar.

— Não estás a falar a sério! — retorqui sobressaltada, corando de indignação. — Não podes ir! Não podes deixar a família, a casa... Não podes deixar-me!

O carinho do meu irmão encobriu-lhe a tristeza da expressão.

— Eu não irei para longe e estarei ao teu lado sempre que precisares. Tens de entender, Cat... O nosso mundo já não tem muito para oferecer-me. Preciso crescer, estudar, preparar-me para o futuro. Junto dos sábios poderei desenvolver as minhas capacidades. Se permanecer aqui, acabarei por estagnar, definhar e tornar-me num fardo para todos vós e para mim.

Reagi instintivamente, atirando-me ao seu pescoço e exclamando num sopro de aflição:

— Eu não quero que vás! A mãe está doente. Precisa de ti! Todos nós precisamos...

Berchan abraçou-me com força e beijou-me os cabelos, antes de murmurar-me ao ouvido:

— O meu pensamento e o meu coração estarão sempre convosco. Sei que é difícil, mas um dia compreenderás que não tive escolha. Não estou a ser egoísta! Estou a ser prático. O destino vem ao meu encontro, e eu não posso voltar-lhe as costas e negar o que sou.

Por alguma estranha razão, as suas palavras fizeram sentido. Rendime à irreversibilidade da sua decisão. Berchan nunca se enganava.

Berchan fazia sempre o que era devido. Tinha de confiar nele e ajudá-lo ao invés de contestá-lo.

Imaginava que a Visão lhe mostrara coisas muito graves, para impeli-lo tão bruscamente naquela direção.

Percebi-me subitamente exausta e o seu abraço tornou-se um bálsamo para o cansaço. Entreguei-me à doçura do meu irmão, sem alento para decifrar os seus enigmas.

Quando Berchan afirmou que as nossas vidas haviam mudado, não pensei que as consequências se manifestassem tão abruptamente. Logo na manhã seguinte, Lorde Garrick chamou os filhos à sua presença e instruiu-nos para que nada faltasse aos convidados. Comunicou-nos que planeava ficar um longo período em casa e que usaria esse tempo para concluir o treino de Aled e Edwin. Também esperava ver grandes progressos nas habilidades dos gêmeos. Curiosamente, Berchan ficou de fora das suas observações e exigências. Perguntei-me se já saberia das intenções dos druidas. Se as conhecia, não possuía ousadia para contrariá-las. A experiência ensinara-o a não subestimar o poder da fé antiga.

Lorde Cearnach fizera-se acompanhar pela filha, uma rapariga de dezesseis anos, alta, esbelta, de longos cabelos cor de melão, lisos como as crinas de um cavalo, chamada Melody. Não simpatizei com ela. E ainda mal sonhava com o que me esperava! Dos seis, seria eu quem enfrentaria as maiores mudanças. O plano do meu pai era simples: eu iria acompanhar Melody e aprenderia tudo o que ela generosamente se oferecera para me ensinar. Os dias das cavalgadas pelos campos, dos banhos no ribeiro e no lago, das brincadeiras com os rapazes, haviam terminado. Eu devia cuidar da casa, já que a saúde da minha mãe a manteria afastada da vida doméstica por algum tempo, assim como continuar a prestar auxílio aos aldeões, em seu lugar. Tinha também de adquirir as maneiras refinadas de uma dama. O meu pai desejava resultados rápidos e não admitia um esboço de protesto.

Esperei que os meus irmãos viessem em meu auxílio. Esperei em vão! Parecia que todos se resignavam a uma sorte que os

transcendia. Nem mesmo Edwin protestou. Mais tarde, descobri que o olhar azul estrelado de Melody o distraíra da minha infelicidade.

McKie partiu, mas a filha ficou com a criada pessoal. Não parecia ter nenhuma intenção de desaparecer com a irritante costura, os insuportáveis bordados ou a música intragável. Soube pela própria Melody, enquanto me debatia com a agulha e a linha, e picava os dedos pela milésima vez, que seria Lorde Cearnach, e não Lorde Garrick, quem visitaria os Aliados desta vez, já que o meu pai precisava ficar perto da esposa, cuja saúde se mantinha débil e assustadoramente instável. Encontrei-me, pois, presa àquela criatura enfadonha, que não sabia falar uma língua que não a de berço, não percebia nada de história ou de geografia, e achava qualquer atividade física, para além de dançar, um esforço intolerável.

Os meus irmãos, contudo, pareciam adorá-la. Aled e Edwin rivalizavam pela sua atenção, dedicando todo o tempo que lhes sobrava dos treinos e do trabalho na herdade a ouvi-la tocar harpa, ou entoar uma doce canção de embalar. Ficavam paralisados de pasmo e encanto ao vê-la passar, arrastando as longas saias e bamboleando as ancas. Derretiam-se quando ela sorria e piscava os olhos sedutoramente. Tornaram-se dois autênticos imbecis!

Até a minha mãe se rendera à doce Melody e, tenho de admitir, ela foi uma preciosa ajuda nos cuidados com Fiona. A bebê tinha uma saúde deveras frágil, e a Senhora Edwina passava os dias a administrar-lhe vapores, unguentos e orações. Eu continuava a experimentar a indesejada aversão, algo que a minha mãe depressa percebeu, porque eu era incapaz de dissimulá-la. De cada vez que pegava na menina ao colo, tinha vontade de arrancar-lhe a pedra cor de laranja, herança da nossa avó, do pescoço. Era uma urgência irracional que me angustiava e mantinha afastada. Sabia que o meu distanciamento magoava a minha mãe, mas não conseguia evitá-lo. Certo dia, ouvi Melody justificar-me:

— A Catelyn estava habituada a ser a única filha e a reunir todas as atenções dos pais e dos irmãos. É natural que sinta ciúmes. Mas é uma boa menina e tenho a certeza de que depressa os superará. Não tem com que se preocupar, Senhora Edwina.

Doce Melody. Prodigiosa Melody. Irritante Melody. Insuportável Melody! Eu não precisava que ela me defendesse! Por que não me deixava em paz com os meus irmãos? E, como se não me bastasse o castigo de ser forçada a viver com aquela carraça na pele, perdi Berchan antes de conformar-me com o inevitável.

Uma manhã, dois druidas apareceram na Casa Grande e foram recebidos com todas as honras que lhes eram devidas. Apesar de repudiar a fé dos nossos antepassados, o meu pai dobrava-se perante a autoridade que emanava dos homens vestidos com túnicas brancas, com longos cabelos e barbas, que caminhavam apoiados em belíssimos bordões de madeira.

Lorde Garrick fechou-se no salão com a Senhora Edwina e os sábios. O que foi dito nunca chegou ao meu conhecimento. Berchan mal conseguia respirar, dominado pela ansiedade. Eu pensei escutar as batidas do seu coração, apesar de estar do lado oposto da sala, guerreando com a agulha, a linha e o pano. Algum tempo depois, mandaram-no chamar.

Só tornei a ver o meu irmão ao jantar. Estava nervoso e silencioso. Aliás, além do meu pai e da sua encantadora hóspede, ninguém se atreveu a abrir a boca. Os sábios não jantaram conosco e, por um pequeno e exaltado instante, alimentei a esperança de que Lorde Garrick tivesse rejeitado a proposta e que Berchan não nos deixasse. Desenganei-me assim que entrei no seu quarto. Não o encontrei, mas constatei que os criados haviam preparado os seus pertences para a viagem. Saltei assustada ao sentir uma mão no ombro. Era Stefan.

— Não sofras irmãzinha! Acredita que o Berchan vai ao encontro de um futuro melhor. Dentro de alguns anos será o mais poderoso dos sábios e encherá a nossa casa de orgulho.

Abracei-o com força, quase com desespero, como se temesse perdê-lo também.

— Eu não quero a casa cheia de orgulho! — ripostei amargamente. — Quero o Berchan! Quero que o nosso irmão fique conosco! Nada será igual se ele partir!

Aled chegou e rodeou-nos com os braços, murmurando apaziguadoramente:

— O Berchan virá visitar-nos e nós também podemos visitá-lo. Prometo-te que, sempre que as saudades apertarem, te levarei até à Aldeia dos Sábios, Cat. — Percebendo-me um pouco mais calma, acrescentou: — Pensa na felicidade do nosso irmão! Esta casa tornou-se pequena para o seu espírito. Se ficasse, mais tarde ou mais cedo, o nosso pai forçá-lo-ia a retomar os treinos, e o Berchan morreria de tristeza. Com os druidas, irá viver a vida com que sempre sonhou. Devemos alegrar-nos por ele.

Mas alegria era um sentimento que eu não concebia na partida do meu irmão. De agora em diante, quem iria ensinar-me os mistérios da natureza e as histórias do passado? Quem iria sentar-se comigo de mãos dadas, sobre a Pedra dos Sábios, partilhando uma harmonia para além do entendimento dos restantes? Eu precisava do Berchan!

Berchan não regressou cedo. Fiquei acordada, fixando o olhar nas sombras que a lareira projetava no teto e no chão do quarto, imaginando-o junto do ribeiro, sentado na Pedra dos Sábios, comungando com a natureza, despedindo-se da liberdade. Apesar de Aled ter prometido que iríamos visitá-lo, eu sabia que não seria assim tão simples. Os druidas viviam isolados na sua pequena comunidade e raramente contactavam com os comuns mortais. Os aprendizes ficavam afastados do mundo durante anos a fio, dedicando-se de corpo e alma à meditação e à busca do conhecimento. Só daí a muito tempo Berchan seria reconhecido como um sábio e, quando esse momento chegasse, já se teria esquecido das nossas brincadeiras e cumplicidades. Eu seria apenas uma irmã e não a luz do seu coração.

Quando a porta do quarto se abriu, soube de imediato que era ele. Fechei os olhos, incapaz de suportar a angústia da despedida. Berchan sentou-se junto de mim e agarrou a minha mão. Apesar de perceber-me acordada, respeitou a minha dor e não forçou um diálogo. Instantes depois, ergueu-se e beijou-me na testa com uma ternura desmedida. Senti que se afastava e tive de enterrar os dedos na palha do colchão para conter a vontade imperiosa de gritar o seu

nome e saltar-lhe para o pescoço. Se o fizesse, choraria até secar as lágrimas e berraria até perder a voz, suplicando-lhe que ficasse. Isso não seria bom para nenhum de nós.

Pouco depois, arrastei-me penosamente para fora da cama e espreitei à janela. Os dois sábios caminhavam na direção da floresta seguidos pelo meu irmão. Fiquei presa a essa visão, recordando que Berchan profetizara um futuro de discórdia, dor, sangue e muitas lágrimas. As lágrimas já começavam a cair. Incapaz de parar de chorar, observei-o a afastar-se, sem olhar uma única vez para trás. Os meus lábios abriam-se e fechavam-se em silêncio, esboçando apenas as palavras: *Somos seis, mas somos um só...*

Quando reuni forças para regressar à cama, reparei que Berchan deixara um livro sobre as cobertas. Com as mãos a tremer, peguei nele com cuidado. Parecia tão frágil que dir-se-ia prestes a desfazer-se em pó. Contudo, não tardei a verificar que a sua fragilidade era mera ilusão.

O livro era antigo, mas robusto. A sua capa era negra, feita da pele de um qualquer animal que eu não conseguia identificar. Como resistira tanto tempo? Certamente já atravessara várias gerações e, eu tinha a certeza, ainda sobreviveria a muitas mais. Devagar, toquei com os dedos na superfície brilhante da pele, sentindo um aperto na barriga. A custo, criei coragem para abrir o livro e, assim que o fiz, fui invadida por uma força sobrenatural. Um vento gelado soprou através de mim e trouxe vozes de outros tempos, sons e cheiros, floresta e mar... A visão de uma montanha, vestida de branco imaculado e verde-vivo, preencheu-me a mente e uma voz sem idade ecoou dentro dela:

"Sobe a Montanha, Catelyn!"

Diante de mim estava um homem alto, forte e vigoroso como eu nunca vira outro. Vestia-se como os druidas, com uma túnica branca que lhe tocava os pés e um manto da mesma cor sobre os ombros largos. Segurava um bordão de madeira, ricamente trabalhado, mas não precisava apoiar-se nele. Os seus cabelos eram amarelos, brilhantes como o Sol, e usava-os presos atrás da cabeça com uma longa trança. Tinha uma barba loura, também entrançada, que lhe passava o peito. O seu rosto era belo, com traços desenhados com

precisão, e os olhos possuíam um azul intenso... O azul do céu da Grande Ilha... O azul da pedra da minha avó!

Estendeu-me a mão e não fui capaz de resistir ao apelo. Abriu os braços e convidou-me a imitá-lo. Tornamo-nos o centro do mundo, e este rodopiou à nossa volta. Vi o mar sem fim; as florestas densas e cerradas, de árvores belíssimas: carvalhos, pinheiros e abetos; as montanhas incontáveis, cobertas de neve; manadas de animais majestosos, uns familiares, outros tão estranhos que causavam pasmo... Vi paredes de gelo deslocando-se pelo mar e o céu pintando-se de todas as cores, ardendo em fogo, vermelho, amarelo, azul, rosa e laranja.

A paisagem era tão bela e perfeita que me tirou o fôlego. Encarei o meu companheiro com mil perguntas na ponta da língua, mas dei por mim sozinha, no quarto, sentada na cama, com o livro de pele negra aberto sobre o colo. Arfei em busca de ar, tentando controlar as batidas descompassadas do coração. Eu tivera outra Visão! Quem seria aquele homem majestoso?

Sem resposta, esforcei-me por me concentrar no livro. As suas folhas estavam amareladas pelo tempo, escritas com uma letra miúda, desenhada e incompreensível. Não tive tempo de apreender a frustração, pois as palavras ganharam forma na minha mente e tudo começou a fazer sentido. O livro que o meu irmão me deixara era, nada mais, nada menos, que um manual de feitiçaria. E o homem que eu vira no topo da montanha era, certamente, o feiticeiro que o escrevera.

Resignei-me rapidamente à minha nova vida. Aprendi depressa e à minha custa que de nada valia resistir. No final, era sempre a vontade de Lorde Garrick que prevalecia. A Senhora Edwina só interferira uma vez, por Berchan. Mas Berchan partira e a minha mãe estava muito ocupada com a bebê, para se preocupar com os caprichos de uma rapariga que desejava ter nascido rapaz. Mesmo que assim não fosse, eu jamais me atreveria a atormentá-la com o meu descontentamento, arriscando-me a debilitar-lhe ainda mais a precária saúde.

Com o passar dos dias, a floresta parou de me chamar, o ribeiro desistiu de me convidar, as agulhas deixaram de me atormentar o

trabalho da casa revelou-se fácil e até a presença de Melody se tornou suportável. Consegui que ela se interessasse pela arte de curar, em troca de aprender a comportar-me como uma dama. Sentia um prazer retorcido quando a ouvia recitar os nomes das plantas e para que serviam, enquanto eu caminhava com um livro sobre a cabeça, sentava-me com a leveza de uma pluma, suportava heroicamente a tortura dos sapatos e o estrangulamento do espartilho.

Melody desistiu de me ensinar a tocar qualquer instrumento, mas descobriu que eu possuía uma boa voz, o que acendeu uma nova chama nos serões dos McGraw. Todos se reuniam com satisfação para me ouvir cantar, enquanto ela tocava. Vi, finalmente, um esboço de aprovação no rosto do meu pai, agrado pelos meus progressos. Os olhos dos meus irmãos denunciavam muitas emoções que, atualmente, não se atreviam a exprimir em voz alta. Nesses momentos, a energia fluía entre nós e unia os nossos espíritos. Só faltava um para que o círculo fosse perfeito. Todavia, o tempo ensinara-me que, apesar da sua ausência, Berchan estava presente em cada gesto, em cada sorriso, em cada olhar que trocávamos. Sentia-o no sopro do vento, nas folhas que caíam, na chuva que lavava as minhas lágrimas.

Todos fomos confrontados com mudanças brutais na nossa pacífica e alegre existência. Essas mudanças haviam marcado profundamente os rapazes, embora nunca se lamentassem. Se os meus irmãos suportavam a tirania militar do nosso pai, como podia eu queixar-me da disciplina carinhosa de Melody? Além disso, o meu segredo ajudava-me a superar todas as dificuldades. Sempre que podia, corria para o quarto e mergulhava no livro que Berchan me confiara. Não fazia ideia de onde ele o desencantara e tinha medo de perguntar à minha mãe, pois temia que não permitisse que eu o guardasse.

O livro falava de grandes feitiços para realizar prodígios: ver e ouvir pelos olhos e ouvidos de um animal; parar as funções do corpo durante algum tempo e viver da força da mente, sem perecer; escutar a linguagem dos mortos e daqueles que estão prisioneiros entre dois mundos; controlar os elementos naturais, provocando ou

contendo a fúria de uma tempestade; conversar com a voz da mente com aqueles que possuem o mesmo dom; observar o mundo sem utilizar os olhos... Estas eram algumas das muitas magias ensinadas. Contudo, a que mais me impressionava era aquela que só podia ser usada uma única vez na vida de um feiticeiro.

O livro descrevia como mergulhar no reino das sombras, que separa a vida do que está para além dela. Ensinava a enfrentar o olhar da morte e a vencer o seu poder. Todavia, também deixava um aviso claro. Depois que a morte ficava a conhecer o feiticeiro, este não poderia tornar a desafiá-la, pois seria inevitavelmente derrotado e perder-se-ia para sempre num vazio de eterna condenação. Esta era uma advertência para não utilizar o dito feitiço de ânimo leve. Um poder fraco ou um deficiente controlo da magia também podiam resultar em fracasso e na perda da alma para aquele mundo de permanente incerteza e tormento. Que feiticeiro seria louco ao ponto de ousar executar tal sortilégio? Nenhum, tinha eu a certeza! Era insano, irresponsável e perigoso alterar tão abruptamente o destino. Nada justificava o risco de perder a alma e suportar uma eternidade de sofrimento.

CAPÍTULO 3

O meu irmão mais velho estava prestes a concluir os vinte e três anos e era um homem tão responsável como atraente. Observar Aled era imaginar o nosso pai vinte anos mais jovem, com a força e a determinação refletindo-se nos traços do rosto, no sorriso e no olhar brilhante. A sua beleza física só era suplantada pela de Edwin.

Mesmo na minha tenra idade, eu tinha noção de como Edwin era bonito. O seu rosto parecia uma pintura e os cabelos compridos, que usava soltos sobre os ombros, adornando o corpo alto e robusto, haviam adquirido reflexos de ouro. Os anciãos da aldeia diziam que ele era a reencarnação do nosso avô Cinaed.

Eu sentia-me orgulhosa sempre que via as raparigas competindo para chamar a atenção daqueles meus irmãos. Divertia-me a observá-las guerreando por uma palavra, por um sorriso ou por um simples aceno.

Certa vez, fui chamada à aldeia para acudir a um velhote que sofria de falta de ar, e Melody acompanhou-me. Nessa altura, já me sentia grata pela sua ajuda. Estava a ferver ervas para ajudar na ventilação do idoso quando um grande estrondo nos sobressaltou. Corremos para fora da casa e verificamos que uma carroça carregada de legumes partira uma roda e tombara, derrubando a carga. Foram necessários vários homens para voltar a pô-la de pé. Os meus irmãos estavam por perto e vieram ajudar. De imediato, as raparigas esqueceram o que estavam a fazer e reuniram-se, rindo e cochichando entre si, com as faces ruborizadas e os gestos trêmulos. Aled e Edwin não eram só os filhos de Lorde Garrick McGraw — o que os tornava os solteiros mais cobiçados da região — eram também os homens mais atraentes que elas alguma vez haviam visto.

O esforço deixou-os encharcados em suor. Edwin livrou-se da túnica e atou-a em redor da cintura. A pedra vermelha brilhou, como um pequeno fogo preso ao seu pescoço. Os ombros largos e o peito

musculado arrancaram gritinhos e suspiros mal disfarçados à assistência. Do nada, apareceu uma dezena de jarros com água, para compensar o empenho dos heróis. Eu engolia o riso quando, mesmo ao meu lado, escutei uma exclamação abafada:

— Que Deus me ajude!

Encarei Melody e perdi a vontade de rir. Os seus olhos azuis tinham um brilho estranho, e a sua pele alva e delicada estava da cor de um tomate maduro. Quando surpreendeu o meu olhar crítico e zangado, rodou nos calcanhares e entrou na casa. Nunca trocamos uma palavra sobre o sucedido.

Agora, enquanto cantava para a minha família, eu perguntava-me por quanto mais tempo Melody iria beneficiar da nossa hospitalidade. Lorde Cearnach regressara há dias e, em breve, viria fazer o relatório da viagem e levar a filha para casa. Pelo menos, era o que eu esperava. Os olhares que Aled e Edwin dirigiam à convidada não me agradavam. E não era por ciúme! Eu sabia que os meus irmãos estavam na idade de se apaixonar e mesmo de casar e constituir família. O que me angustiava era vê-los competir pela atenção da mesma mulher. As palavras de Berchan assombravam-me incessantemente. Pressentia que os ventos de discórdia se preparavam para chicotear o nosso pequeno e doce mundo.

Ao contrário do que eu pensara, a reunião não ocorreu na Floresta Sagrada. Soube por acidente que a viagem de Lorde Cearnach tivera o propósito de reunir todos os líderes da nossa ilha e das ilhas vizinhas, aliados e não aliados, para decidir que atitude tomar em relação aos Nórdicos que regressavam em força e preparavam um ataque violento às nossas costas. Amigos e inimigos teriam de entender-se, esquecer velhas disputas e ódios, para contrariar uma ameaça maior. Pela primeira vez em muitos meses, Lorde Garrick reuniu a sua escolta e partiu, rumo à propriedade vizinha. E, pela primeira vez em muitos meses, a casa ficou livre da sua sombra dominadora.

Sem hesitar, sugeri aos meus irmãos que déssemos o primeiro mergulho da Primavera. Os gêmeos aplaudiram, e Edwin concordou de imediato. Eu estava longe de imaginar que Aled levantasse qualquer objeção, mas, quando vi a sua expressão crispar-se, o meu

entusiasmo esmoreceu. Valeu a intervenção de Edwin, que colocou as mãos sobre os meus ombros, num gesto protetor, enquanto o enfrentava, num misto de crítica e desafio:

— Não sejas desmancha-prazeres, Aled! A Cat cumpriu com o que era esperado. Bem que merece um dia de descanso! E nós também! Há quanto tempo não saímos juntos, apenas para nos divertirmos?

Aled ficou-se em silêncio, e eu vi nele o nosso pai. As longas pausas para digerir algo que o contrariava eram típicas. Mas, ao contrário de Lorde Garrick, Aled não era intransigente.

— Muito bem! — concordou. — Pedirei à Bretta que prepare uma merenda e vou avisar a mãe.

— E eu vou chamar o Tristan — alvorecei-me, corada de excitação. — Ele vai ficar radiante!

Tristan estava na cavaliariça escovando um cavalo. Ergueu as sobrancelhas quando entrei e disfarçou um sorriso, antes de exclamar:

— Olá! Eis que surge um raio de Sol, quando eu pensava que iria chover! Julguei que se tinha esquecido dos velhos amigos, princesa! A que devo a honra de tão inesperada visita?

Franzi o sobrolho e amuei.

— Não estás a ser justo! — ripostei, transbordando de indignação. — Sabes perfeitamente que o meu pai mal me deixa respirar!

Ele abriu um sorriso e desviou o rosto, prosseguindo com a tarefa.

— Sim, sei. E ouvi dizer que estás a portar-te muito bem. Não tarda, serás uma juvenzinha tão distinta como a Menina Melody.

Não sei o que me irritou mais; se a insinuação que eu fora, até então, uma maria-rapaz; se a maneira como pronunciou o nome da hóspede. O fato, é que reagi de imediato à segunda provocação:

— Não me digas que também estás aparvalhado por causa dela, como os outros!

Tristan deixou a cabeça pender, soltando uma gargalhada antes de me encarar, com as mãos nas ancas em desafio.

— Aparvalhado? Não, longe disso! A florzinha não faz o meu estilo! Gosto de mulheres com sangue na guelra e não de meninas “não me toques”. Uma mulher tem de ser uma companheira, saber

falar e não ter medo de enfrentar o olhar de um homem. Uma conversa com a tua amiga chegaria para me adormecer!

— E o que sabes tu sobre mulheres? — ripostei inflamada. — Nunca tiveste uma namorada! Não passas de um rapazola!

Tristan ficou mudo. Sem desarmar o sorriso, aproximou-se e inclinou-se para olhar dentro dos meus olhos.

— Às vezes pergunto-me se tens realmente onze anos...

— Já vou fazer doze!

A minha reivindicação pareceu incomodá-lo.

— Diz lá por que vieste, Cat! Queres dar um passeio a cavalo?

Esqueci a irritação ao lembrarme do que nos esperava.

— Vim buscar-te para irmos nadar. Os rapazes estão à nossa espera.

Fiquei atônita diante da tristeza que lhe devorou o semblante. Voltou-me as costas e regressou para junto do cavalo, usando a escova com redobrado vigor.

— Agradeço a tua gentileza, Cat, mas não posso aceitar o convite. Espero que te divirtas...

— O quê? — Agarrei-lhe o braço, forçando-o a parar. — Não estás a falar a sério!

— Eu tenho de trabalhar...

— Existem dezenas de homens que podem fazer este serviço! — ripostei, mais alarmada do que irritada. — Desde quando os cavalos são mais importantes do que nós?

Tristan fixou em mim os olhos negros e respondeu, num tom controlado que não ocultava a mágoa:

— Eu trabalho para Lorde Garrick e tenho de justificar-me perante ele! Não sou vosso irmão, Cat!

Recuei como se tivesse levado uma bofetada. Jamais esperara ouvir semelhante disparate da boca de Tristan. Quedei-me, olhando-o simplesmente, confusa e ofendida. O que sucedera para levá-lo a reagir assim?

— Foi Lorde Garrick quem te disse isso?

A pergunta estava na minha cabeça, mas foi Edwin quem a fez, da porta da cavalaria. Sem esperar pela resposta, avançou até ficar frente a frente com o amigo.

— É por isso que tens andado tão triste e arredoio? — insistiu, cerrando o olhar. — O meu pai repreendeu-te por causa das nossas brincadeiras?

Tristan desviou o rosto, e eu percebi que Edwin acertara em cheio. O ressentimento que nutria pelo meu pai ganhou um novo fôlego. Tristan mirou-me de esguelha e ripostou:

— Não é o momento apropriado para discutirmos! Não piores as coisas!

— Piorar as coisas? — A fúria que o meu irmão andava a engolir havia meses, escapava-se do seu peito em golfadas. — Na ausência de Lorde Garrick, sou eu o responsável pela cavaliariça. Se não aceitas o convite de um amigo, terás de acatar a ordem do patrão. *Larga*, imediatamente a escova e vem conosco!

Tristan respirou fundo e deixou pender os ombros. Quando tornou a encarar Edwin, caíram nos braços um do outro e abraçaram-se fortemente. Eu não sabia o que acontecera, mas calculei que tivessem discutido. E o culpado, de certeza, fora Lorde Garrick. Parecia que estava a ouvir o meu pai, com a autoridade castrante que usava conosco, rebaixando Tristan à sua condição de criado. Certamente responsabilizava-o pela rebeldia de Edwin, já que eram inseparáveis desde o berço. Felizmente, tudo acabara bem.

Quando chegamos junto dos outros, deparei com Melody conversando alegremente com Aled, enquanto os gêmeos se entreolhavam carrancudos. Não consegui conter-me:

— O que é que ela está a fazer aqui?

Os gêmeos escancararam os olhos, horrorizados. Melody desviou o rosto, magoada. E Aled corou tanto que pensei que fosse explodir de fúria.

— Que falta de educação é esta, Catelyn? A Melody está aqui porque a convidai para acompanhar-nos! Pede-lhe desculpa imediatamente!

Nunca, em toda a minha vida, ouvira Aled chamar-me pelo meu verdadeiro nome. Admiti que fora rude, mas não conseguia controlar-me quando via a hóspede introduzir-se subtilmente nas nossas vidas, roubando a nossa cumplicidade.

— Desculpa, Melody! — murmurei, tentando conter o tremor da voz. Fitei Aled sem disfarçar a mágoa. — Eu pensei que este seria um passeio de família, como antigamente.

Mal acabei de falar, mordi a língua. Reparei que o olhar de Aled passava por mim e pousava em Tristan. Temi ter provocado um grande estrago. Porém, Aled dominou a irritação, ripostando secamente:

— Há sempre lugar para um amigo junto de nós! Ainda tens muito que aprender sobre boas maneiras, Cat!

— Basta de discussão! — replicou Edwin apaziguadoramente. — A Cat já pediu desculpa, e o equívoco foi desfeito. Todos temos muito prazer na companhia da Melody. Não é verdade, Cat?

Desta vez, forcei-me a ser um pouco mais convincente, mas continuei amuada. As minhas entranhas reviravam-se com a certeza de que aquela associação não iria terminar bem.

A água do lago ainda estava fria, mas nenhum de nós parecia importar-se com isso. Os rapazes despiram as túnicas, descalçaram as botas e mergulharam com as calças vestidas, respeitando a presença da convidada. Eu comecei a lutar com os cordões do vestido, mas fui interrompida por uma exclamação escandalizada:

— Não acredito que te vás despir!

Mirei Melody de relance e esbocei uma careta.

— Não estás à espera de que mergulhe vestida, pois não? Mais valia atar uma pedra aos pés! Farias melhor se me ajudasses...

— Estou à espera de que não mergulhes, Cat! — interrompeu ela, tencionando deixar clara a sua indignação. — Isto é uma brincadeira de rapazes! Nós, meninas, devemos permanecer aqui, a observar e aplaudir. Não é apropriado...

Engoli um palavrão muito pouco apropriado e libertei-me finalmente do vestido. Em combinação, corri para a água e mergulhei de cabeça, ignorando a interjeição horrorizada da convidada. De imediato, sentime leve e livre. Toda a frustração dos últimos meses se soltou do meu corpo e foi arrastada pela corrente. Com braçadas vigorosas, nadei até aos rapazes e alcancei Quinn. Esqueci Melody e entreguei-me à brincadeira.

Chovera bastante nesse Inverno, e o lago estava maior do que o habitual. Mas nós conhecíamos cada um dos seus segredos, por isso não receávamos as suas armadilhas. Onde estávamos, praticamente não existia corrente e a água era tão límpida que podíamos ver o fundo quando mergulhávamos. Adormecidas no leito, as pedras polidas e coloridas brilhavam com os reflexos da luz que penetrava na água. As plantas aquáticas, viçosas e bonitas, serviam de abrigo e alimento aos peixes. Uma árvore enorme morrera de velhice e buscara o derradeiro descanso dentro de água. Aproveitamos o seu tronco para mergulhar e deslizamos pelo labirinto de ramos. Durante muito tempo, os gêmeos não me deram tréguas. Tentavam apanhar-me, mas eu era rápida e esquiva como uma enguia. Por fim, cedendo à exaustão, trepei para o tronco e sentei-me, esforçando-me por recuperar o fôlego. Tristan já se encontrava lá. Estivera a observar-nos e sorria divertido.

— É bom ver que ainda existem maravilhas no nosso mundo! Espero que nunca mudes, Cat!

Deitei-me junto dele e entreguei-me às carícias do Sol.

— E por que haveria de mudar, se todos gostam de mim como sou?

— Sabes que não é bem assim! Os anos irão moldar a tua personalidade. Um dia terás de agir como a herdeira de Lorde Garrick.

A voz de Tristan refletia amargura. O que quer que fosse que o meu pai lhe dissera, magoara-o muito. Ergui-me sobre um braço e enfrentei o olhar negro, ripostando com firmeza:

— O meu pai não conseguiu dobrar o Berchan. Também não conseguirá dobrar-me! Posso aprender tudo o que a florzinha tem para me ensinar, mas nunca deixarei de correr pelos campos, nadar no lago, montar a cavalo, estudar com afinco e dizer a verdade. Sei que sou muito nova, mas crescerei. Lorde Garrick não poderá controlar a minha vida para sempre! Só estou a colaborar, porque a minha mãe precisa de ajuda e não pode ser contrariada.

Tristan não respondeu logo. O seu rosto estava sério quando, finalmente, retrucou:

— Eu estava enganado! Tu não podes ter só onze anos!

Trocamos sorrisos e voltamos a relaxar, cobrindo os olhos para protegê-los do Sol. Distraí-me a escutar as gargalhadas dos gêmeos, que guerreavam na água, perseguindo os patos coloridos. Na margem, Aled e Edwin pairavam em redor de Melody como idiotas.

— O Berchan faz-te muita falta, não é verdade? — perguntou Tristan mansamente.

Lutei contra o nó que se formava na garganta, antes de confessar:

— A sua partida foi o pior que me aconteceu. Estou cheia de saudades! Gostava de visitá-lo, mas o meu pai ainda não permitiu e sei que o Berchan, por enquanto, também não tem permissão para sair da aldeia. Só espero que esteja bem...

— Não te preocupes — interrompeu ele. — O Berchan está muito feliz com a sua escolha.

Dei um salto e fiquei sentada, sufocada pela exaltação. Sacudi-o violentamente, forçando-o a encarar-me.

— Estiveste com o Berchan? Quando? Conta-me! Como está? Perguntou por mim?

Ele esforçou-se para me acalmar:

— Por favor, uma pergunta de cada vez! Sim, estive com o Berchan. Sei que o vosso pai vos proibiu de visitá-lo, por isso fui certificar-me de que está bem. Gostei do que encontrei. O teu irmão está empenhado nos estudos e muito satisfeito com os seus progressos. Deixou crescer a barba e tem um ar mais velho e ainda mais inteligente. O seu único tormento é a saudade. Pediu-me que te transmitisse o muito que te ama.

Fiquei silenciosa, dividida entre a euforia e a tristeza. Era bom saber notícias do Berchan, mas insuportável pensar que não o veria tão cedo.

— Conte-lhe o que tens feito — continuou. — Ficou orgulhoso. Quer que te mantenha firme e que enfrentes as dificuldades com força e coragem. Diz que sabes como fazê-lo.

Engoli em seco e mergulhei no olhar negro, suplicando baixinho para que ninguém nos escutasse:

— Por favor, leva-me até ele! O meu pai vai demorar-se, mas nenhum dos rapazes se atreverá a desobedecer-lhe. Só posso contar contigo! Por favor, Tristan!

Ele desviou o olhar, e o seu rosto ensombrou-se. Eu estava prestes a insistir, quando replicou:

— Desculpa, mas não posso! Lorde Garrick matar-me-ia se descobrisse! Visitarei Berchan sempre que quiseres mandar-lhe um recado, mas não posso desobedecer à vontade do teu pai. Sinto muito, Cat! Acredita que me dói negar um pedido teu, mas não tenho escolha.

Respirei fundo, sentindo a boca amargar. Sem pensar, procurei-lhe a mão e apertei-a com força, murmurando:

— Eu sei que me levarias se pudesses. Não fiques triste! Assim que o Berchan completar o treino, regressará para junto de nós e tudo voltará a ser como antigamente.

Queria acreditar nas minhas próprias palavras, mas não conseguia. O nosso mundo estava a mudar diante do meu nariz. Ouvia os gritos de Aled e Edwin e os aplausos de Melody. Os estúpidos mergulhavam dos ramos de uma árvore alta, que se inclinava sobre a água, para impressionar a donzela. E a imbecil divertia-se, incentivando-os a rivalizarem como inimigos. Stefan e Quinn resolveram descansar e treparam para o tronco morto. Eu estava tão furiosa, que ouvia os comentários em silêncio e apertava os dentes com força, para não ceder à tentação de dizer algo de que me arrependesse depois.

— Olhem para aquilo — dizia Stefan. — Que belo par de idiotas!

— Ai, o amor! — suspirava Quinn num tom jocoso.

— Estão a ser inconscientes — opinava Tristan. — Não tarda, irão magoar-se!

Os comentários continuaram. Aled e Edwin executavam saltos temerários de ramos cada vez mais altos. Comecei a sentir um desconforto no peito; um ardor que se espalhava pelo ventre e me paralisava os membros. De repente, Tristan exclamou:

— Não acredito que ele vá fazer aquilo! — E gritou: — Desce daí, Edwin! Não sejas louco!

Os três levantaram-se, e eu segui-os, com o coração a bater na boca. Edwin trepara tanto quanto pudera e preparava-se para saltar. A altura era impressionante. Perdi a força nas pernas e tive de apoiar-me no braço de Stefan.

— Edwin! — gritava Quinn. — Não faça isso!

— Edwin!

Olhei para Aled em busca de auxílio, mas o meu sensato irmão observava impassível a loucura do mais novo. Percebi que, se Edwin sobrevivesse à queda, Aled subiria ainda mais alto para provar que era o melhor. O desejo de impressionar Melody era tão ardente, que até se esqueciam da sua integridade física.

— Aquele imbecil vai matar-se! — resmungou Tristan. — Nada do que dissermos o impedirá de saltar!

Como se o tivesse escutado, Edwin deixou o corpo tombar, cortando o ar a uma velocidade assustadora. No mesmo instante, Tristan atirou-se à água e nadou rapidamente na direção do impacto. Os gêmeos seguiram-no. Aled manteve-se só, pregado ao chão. Melody observava o inevitável com as mãos cruzadas sobre os lábios e os olhos esbugalhados. Odiei-a.

Um estrondo medonho calou os sons da floresta. O meu instinto revelou-me que tudo corra mal. O pânico forçou-me a reagir. Saltei do tronco e nadei até à margem. Quando pisei terra firme, já Tristan e os gêmeos arrastavam o corpo inerte para fora da água. Pálido de morte e a tremer, Aled apressou-se a ajudá-los. Era evidente que não acreditara que Edwin levasse a teimosia adiante, até ser demasiado tarde. A culpa não fora sua, mas da infame sedutora, que só agora guinchava de aflição. Toda a simpatia que acumulara por Melody dissipou-se, enquanto corria ao encontro dos rapazes com uma interrogação agoniada no olhar.

— Desmaiou... — arfou Tristan, derreado pelo esforço. — Mas parece bem...

Meti mãos à obra. Tristan alcançara Edwin antes que a água lhe inundasse os pulmões. O coração do meu irmão batia com vivacidade. Superado o primeiro susto, era imperioso enfrentar as consequências da queda. Eu temia que Edwin tivesse quebrado algum osso do pescoço ou das costas. Se assim fosse, ser-lhe-ia impossível voltar a andar. O interminável ataque de histerismo de Melody fez-me perder a cabeça e ordenei-lhe que se calasse. Sensatamente, Stefan ajudou-a a sentar-se e falou-lhe num tom

brando. Aled ajoelhou-se ao nosso lado, com o suor a escorrer pelas faces desfiguradas pelo medo, balbuciando:

— Não pensei que ele... Sinto tanto! Nunca me perdoarei se...

Lamentar a sorte de Edwin não iria ajuda-lo.

Enquanto os rapazes construía rapidamente um apoio para transportá-lo, eu concentrei-me nos ensinamentos que Berchan e a minha mãe me haviam transmitido. Não tardei a obter a primeira vitória, quando os grandes olhos verdes se escancararam para a vida.

Edwin acabara de adormecer quando bateram à porta. Senti as entranhas revolverem-se ao encarar o rosto alvo de Melody.

— Não consigo dormir — sussurrou penosamente. — Não consigo deixar de pensar... Posso ficar um pouco convosco?

— Não! — Barrei-lhe a entrada sem o menor vestígio de delicadeza.

Melody baixou os olhos e engoliu em seco, antes de continuar:

— Sei que me culpas pelo que aconteceu. E eu admito que tive culpa! Devia ter posto termo à brincadeira, mas juro que não me apercebi do perigo! Eu não fui educada ao ar livre como tu, Cat. Não tenho noção... — Suspirou ao verificar que os seus argumentos não me comoviam. — Sinto muito... Sinto muito por tudo!

Dei por mim a ripostar enraivecida:

— Quando é que vais parar de provocá-los? Quando um deles morrer? Queres enlouquecê-los? É assim tão divertido colocar um irmão contra o outro?

Melody recuou, e percebi que a magoara. Não me importei.

— Por quem me tomas Cat? Não sabes o que estás a dizer! Eu nunca...

Voltou-me as costas e fugiu. Fechei a porta e regresssei para o lado de Edwin. Apertei-lhe a mão, murmurando roucamente:

— Somos seis, mas somos um só...

O trabalho mantinha-me ocupada. Visitava os aldeões, ajudava a minha mãe nas tarefas caseiras, forçava-me a passar algum tempo com Fiona e ainda arranjava disponibilidade para estudar com Stefan. O acidente de Edwin devolvera-me o estímulo e a determinação que, durante algum tempo, me haviam abandonado. Stefan podia não ser tão habilidoso como Berchan, mas ajudou-me a progredir.

Eu sentia em mim a força de que Berchan falara, pulsando cada vez mais forte... E mais forte, à medida que o manual de feitiçaria me revelava os seus segredos. Era inegável que o livro despertara algo adormecido no meu espírito. A magia brotava da Terra, fluía pelo Ar, estalava no Fogo da lareira, e até me deslizava por entre os dedos, entranhando-se na pele, quando mergulhava as mãos na Água. Só tinha de aprender a desenvolvê-la e controlá-la.

Depois do acidente, Aled começou a passar muito tempo nos campos, chegando a dormir fora de casa. O remorso corroía-o e, apesar de Edwin só ter partido um par de costelas, o irmão parecia não conseguir encará-lo. Quinn acompanhava-o, tentando ajudá-lo a recuperar o equilíbrio. Tínhamos de estender as mãos uns aos outros.

A maior surpresa proveio do próprio Edwin, e eu descobri que ainda tinha muito que aprender acerca dos adultos. Contra todas as minhas expectativas, ele não repudiou Melody. Pelo contrário, derreteu-se como manteiga fresca quando ela o visitou e se ajoelhou junto da cama, chorando copiosamente. Ouvi-o ilibá-la, assumindo a culpa e admitindo-se irresponsável. Stefan teve de me segurar para me impedir de interferir.

— Não te intrometas Cat! — aconselhou mais tarde. — Eles já são crescidos e pensam de maneira diferente de ti. Um dia, quando conheceres alguém especial, que ponha o teu coração aos saltos, compreenderás o que está a acontecer.

Fui forçada a engolir a insatisfação e avançar, mas jurei a mim própria que jamais cairia naquele ridículo. Para começar, nunca teria vagas para me apaixonar. Mesmo que o trabalho da casa me

permitisse algum tempo livre, teria de estudar e concentrar-me nas novas habilidades que começava a dominar. Os namoricos eram para os tolos. De que servia aquele bambolear de ancas e aqueles risinhos parvos? A vida tinha muito mais para me oferecer.

O mensageiro chegou ao anoitecer, avisando que Lorde Garrick regressaria no dia seguinte, acompanhado por Lorde Cearnach. Este ficaria apenas um ou dois dias, e Melody devia preparar-se para partir. Não consegui evitar um sorriso, tão grande que revelou todos os meus dentes. Afundei os olhos no prato quando encontrei o olhar reprovador da minha mãe. Pelo canto do olho, vi o sobrolho carregado de Aled e o olhar que Melody e Edwin trocavam. Era óbvio que a confusão não terminara. A partida de Melody não resolveria o problema.

Nessa noite, recebi no quarto a visita inesperada da hóspede. Nos últimos dias, e por teimosia minha, só falávamos o essencial. Eu estava muito ressentida pelo seu comportamento e ainda mais furiosa pela benevolência de Edwin. O distanciamento de Aled também não ajudava. Os dois irmãos mal se encaravam, e a florzinha era a única culpada.

Apesar de ser uma mulher habituada a todos os recatos e regras de etiqueta, desta vez, Melody foi direta ao assunto, sem papas na língua:

— Percebi que ficaste feliz com o anúncio da minha partida!

Encolhi os ombros monotonamente.

— E o que esperavas? Desde que chegaste, que o Aled e o Edwin se comportam como patetas! Quando já não estiveres aqui, farão as pazes e esta família voltará a ter sossego.

Ela forçou um sorriso triste e suspirou, antes de continuar:

— Eu pensei que vinha para a Casa Grande para ensinar boas maneiras a uma fedelha selvagem, mas encontrei uma menina-mulher, cheia de força e coragem, em que todos se apoiam e de quem todos dependem. Depois que te conheci, não voltei a olhar-te como uma criança. Tu tens uma personalidade marcante, és muito inteligente e sincera. O que eu tinha para te ensinar tornou-se insignificante, comparado com o que aprendi ao teu lado. Magoa-me que não simpatizes comigo, porque eu sinto grande afeição por ti.

Fiquei sem palavras, porque senti que Melody estava a ser sincera e não apenas a tentar conquistar a minha simpatia pela lisonja. Cerrei os punhos, forçando-me a responder:

— Sabes perfeitamente por que embirro contigo! Vieste desestabilizar a nossa vida. Puseste a discutir dois irmãos que se adoram e quase provocaste uma desgraça. Se o Edwin tivesse morrido naquele dia, eu...

— Se o Edwin tivesse morrido naquele dia, eu ter-me-ia atirado para o lago e morrido também. Juro-te, Cat! Juro por tudo o que é mais sagrado! Eu adoro o teu irmão! Não seria capaz de viver sem ele!

Deixei o queixo cair, comecei a tremer e tive de puxar o xale sobre os ombros, tomada pelo frio. Não acreditava no que estava a ouvir. Mas os olhos de Melody, inundados de lágrimas, não mentiam.

— O que queres dizer com isso? — perguntei com a voz pouco segura.

— Eu estou apaixonada pelo Edwin. Amo-o perdidamente! Precisava confessar-te isto, porque... Não poderia partir sabendo que ficarias a pensar mal de mim.

A sua história não andava longe do que eu desconfiava: Lorde Garrick e Lorde Cearnach tinham filhos em idade de casar, mas o meu pai era um osso duro de roer e não admitia intromissão nos seus domínios, sem que existissem provas de boa índole. Lorde Cearnach podia ser um aliado poderoso e abastado em recursos, mas o seu nome não tinha peso junto do rei. Não fora apenas eu quem estivera a ser julgada nestes meses. Melody também se submetera à avaliação do senhor da Floresta Sagrada, para provar que era digna de entrar para a nossa família. No princípio, tudo correria bem. Ela sabia que o pai desejava que desposasse Aled e, quando o conheceu, ficou agradada com a ideia. O varão dos McGraw era um jovem bonito, educado, carinhoso e trabalhador. O que mais podia ela ambicionar? Porém, por muito que se esforçasse para manter-se fiel ao rumo que lhe fora destinado, o seu coração estava decidido a atraí-la. Apaixonara-se por Edwin, e ele por ela. Agora viviam desesperados, sabendo que teriam de enfrentar os pais. A opinião de Melody não tinha importância, e Edwin também

não era alguém a quem Lorde Garrick desse ouvidos. Para piorar a situação, Aled encantara-se igualmente pela hóspede e ela, apesar de não o amar, dedicava-lhe uma grande amizade e admiração. Não desejava, de forma alguma, magoá-lo.

Detestei-me pelo meu coração de manteiga, mas não pude evitar a comoção perante a sinceridade de Melody. Estendi-lhe um lenço e hesitei diante da pergunta:

— O que é que eu posso fazer, Cat?

— Não debes casar com nenhum dos dois — respondi finalmente, enquanto imaginava o que Berchan diria. — Pelo menos por enquanto. Qualquer que fosse a tua decisão, originaria uma guerra entre irmãos. Vai para casa e deixa que te esqueçam. O Aled cansar-se-á de esperar e desposará outra mulher. Nessa altura, poderás buscar o amor do Edwin.

Parecia fácil. Fizemos as pazes, e Melody deixou o meu quarto com o coração mais leve. Seguiria o meu conselho. Falaria com o Edwin e suplicaria por compreensão e paciência. Afinal, ainda eram muito jovens e tinham toda a vida diante deles. Acendi uma vela para iluminar-lhes o espírito e coloquei-a na varanda. Com os olhos postos na Lua, pensei em Berchan. Se o meu irmão estivesse conosco, teria evitado esta confusão. Murmurei uma prece para que Melody reunisse força e coragem, Edwin sensatez e calma, e Aled discernimento e resistência, para superar o sofrimento, a rejeição, e continuar a sua vida. Eu não voltaria a consentir que os meus irmãos se zangassem por causa de uma mulher. Nós éramos demasiado unidos para nos permitirmos tamanha estupidez. A razão tinha de prevalecer.

Depois de cumprir as minhas obrigações, senti uma vontade incontrolável de visitar o ribeiro, como se ouvisse Berchan a chamar-me, na sua voz profunda e doce. O meu pai só regressaria ao cair da tarde, o que me daria tempo de sobra.

Descalcei os sapatos e corri sobre a vegetação úmida, sentindo a exaltação da liberdade que há muito reprimia. As árvores estendiam os ramos, cobertos de folhas recém-nascidas, para me saudar. Os coelhos e as raposas fugiam dos caminhos, assustados com a minha desenvoltura. Mal continha a vontade de gritar. Sabia que, depois

que o meu pai voltasse, passar-se-ia muito tempo até que eu pudesse desfrutar de um pouco de liberdade. Tinha de aproveitar cada instante deste fôlego.

Aproximava-me do ribeiro quando o som de vozes me deteve. Teria surpreendido uma patrulha de Lorde Garrick num momento de descanso? Era pouco provável, mas não impossível. Avancei devagarinho, tentando não revelar a minha presença. Então, uma gargalhada fina e doce, que reconheci de imediato, entrou-me pelos ouvidos. O que estava Melody a fazer ali?

Mais dois passos e vi-os, Edwin em tronco nu e Melody em combinação, dentro do ribeiro, brincando como crianças, com a água cobrindo-lhes os joelhos. Ele acabou por apanhá-la sem grande esforço e quase caíram, sacudidos pelo riso. A luz do Sol incidiu sobre os dois, criando reflexos dourados nos seus cabelos. Fiquei paralisada de encanto, pensando como eram bonitos e ficavam bem juntos.

Então, o riso do meu irmão desfaleceu e a sua expressão tornou-se sóbria e solene. Começou a falar, tão baixo que deixei de escutá-lo. Levou as mãos ao peito e agarrou na pedra vermelha. Por um instante, pensei que a sua loucura arrebatada o impelisse a oferecê-la. Mas não. Segurou nas mãos de Melody e beijou-as delicadamente. Os seus olhos revelavam muito mais do que quaisquer palavras que pronunciasse. O peito da rapariga oscilava ao ritmo da sua respiração ofegante e, antes que eu conseguisse recuperar do espanto, lançou os braços em redor dos ombros de Edwin e ofereceu-lhe os lábios.

O meu coração disparou a galope. Teria gritado, se uma mão não me tapasse a boca. Um braço rodeou-me a cintura, arrastou-me para fora do esconderijo e para longe do ribeiro. Debatí-me, arranhei, esperneei e esmurrei. Tudo em vão. Quem quer que fosse, era muito forte, e eu mal podia respirar sob a pressão da sua mão. Por fim, uma voz sobejamente conhecida fez-se ouvir:

— Está quieta, Cat! Se não paras, acabarei por magoar-te sem querer!

Tristan! Soltou-me, por fim, e eu enfrentei-o enfurecida:

— Enlouqueceste? Por que fizeste isto?

— Porque tu ias fazer uma grande asneira — retorquiu prontamente, corado pelo esforço de carregar-me e zangado com a minha resistência. — Desde quando é que te armas em espia?

— Eu não estava a espiar! — objetei irritada. — Eles não deviam estar aqui...

— Nem tu! — cortou num tom acusador.

— Eu vim passear — defendi-me energicamente. — E tu vieste fazer o quê?

— Estou aqui a pedido do Edwin. O teu irmão queria despedir-se da Melody e pediu que vigiasse e o avisasse caso alguém se aproximasse.

— Não és muito bom vigilante, pois não? — trocei ironicamente, desejando esmurrá-lo por me ter agarrado à força.

— Eu estava de olho nos guardas e não numa fedelha intrometida! — Retrucou de imediato. — Em que estavas a pensar, Cat? Ias pôr-te aos gritos e desgraçar a vida dos dois?

— És mesmo estúpido! — desabafei. — Eu não podia deixá-los fazer... aquilo! Não é correto!

Para minha surpresa, Tristan desatou a rir.

— Aquilo, o quê? Eles só se beijaram!

— E achas bem? Nem sequer estão prometidos!

Ele continuou a sorrir e passou a mão pela testa, afastando o cabelo negro como a noite, enquanto procurava as palavras certas para me contradizer.

— Ainda és muito nova, Cat — começou apaziguadoramente. — Mas, um dia perceberás...

— Raios! — praguejei. — Por que é que todos dizem que sou muito nova para entender tudo? Sei perfeitamente o que está certo e o que está errado!

— Não digo o contrário! — replicou. — Mas o que está certo e o que está errado para os outros, não é o mesmo que está certo e errado para nós. Beijar a mulher que se ama numa despedida, não é errado! O Edwin e a Melody não sabem quando voltarão a encontrar-se ou se poderão ficar juntos mais alguma vez. Aquele beijo irá ajudá-los a suportar a distância. Não os condenes, Cat! É nosso dever proteger os que amamos; não julgá-los!

As suas palavras sacudiram-me. Eu estava a ficar mole. Sentia vontade de chorar por tudo e por nada. Avancei e procurei o aconchego dos seus braços.

— Eu quero que eles fiquem juntos — murmurei. — Gostam tanto um do outro! Mas o Aled...

Tristan abraçou-me com carinho e hesitou, antes de responder:

— Deixa que os três resolvam o problema. Tu, principalmente, não deves assumir a defesa de uma das partes, porque acabarás por magoar-te e magoá-los.

Afastei-me o suficiente para encarar os seus olhos negros, sentindo-me pequena e frágil.

— E o que devo fazer, Tristan?

Ele sorriu e entrelaçou os dedos num dos meus caracóis.

— Para começar, nunca comentes o que aconteceu com ninguém. Será o nosso segredo. Prometes? — Pareceu ficar satisfeito com o meu assentimento. — Tanto o Aled como o Edwin irão precisar do teu apoio. O amor, nos adultos, não é tão simples como imaginas. A cabeça deixa de pensar e o corpo tem vontade própria... a paixão enlouquece, controla... Um dia compreenderás! Agora, vou levar-te para casa.

Obedeci à sua vontade e segui-o através dos caminhos sinuosos, tentando esquecer o que deixava para trás. Todavia, não conseguia apagar da memória a visão dos braços de Edwin rodeando com urgência e desespero o corpo de Melody, nem a expressão de arrebatada felicidade da rapariga, no momento em que os lábios de ambos se encontravam. Está claro que eu percebia perfeitamente que duas pessoas gostassem de estar juntas, de conversar; até já vira casais namorando e sabia como se faziam os bebês... Mas não entendia a paixão! Deixar de pensar? Perder o domínio do corpo? Não me parecia nada agradável!

— Tristan — comecei hesitante. — Tens namorada?

— Por que perguntas? — inquiriu sem se deter.

Encolhi os ombros. Por mais que o assunto me incomodasse, a curiosidade atormentava-me. Eu queria compreender! Mas ninguém parecia disponível para me explicar!

— Falaste como se soubesses... O que é a paixão? Se é algo tão perturbador, por que é que as pessoas não a evitam?

E, de novo, Tristan disfarçou o riso.

— A paixão não é algo que se aprende nos livros, Cat! — Fez uma pequena pausa, pensativo. — É um calor que se sente na pele, um aperto no peito, um descontrole na respiração... E uma emoção que nos toma de assalto quando menos se espera e sem respeito pela nossa vontade.

— Então, a paixão é como uma doença — refleti. — Aparece quando menos se espera e não podemos escapar-lhe. Deixa o corpo fraco e a cabeça a andar à roda...

Fui interrompida por uma gargalhada.

— É a definição mais estranha que já ouvi! — exclamou ele. — Mas não deixas de ter razão!

Continuamos a avançar em silêncio. Por fim, não aguentei mais:

— E então?

Tristan fitou-me surpreendido, parou e encolheu os ombros.

— Então, o quê?

— Tens namorada, ou não?

Ele sorriu. Percebi que já não estava diante do garoto que saltitava em redor de Edwin; do rapaz que me segurava ao colo e voltava a atirar-me para o colo do meu irmão, para depois me receber, de novo, nos braços. Tristan também crescera. E era muito bonito. Não possuía uma formosura tão pura como a de Edwin, mas uma beleza mais rude e selvagem, porém igualmente atraente. Era muito moreno, com a pele queimada pelo sol. A barba, ligeiramente crescida, dava-lhe um ar rebelde e indomável, como os cavalos de puro sangue que tinha por missão treinar. Pensei que, em breve, também o surpreenderia a beijar uma rapariga, esquecendo as nossas brincadeiras. A ideia deixou-me furiosa.

De alguma forma, ele percebeu a minha angústia. Dobrou-se até encontrar o meu olhar e acariciou-me o rosto, retorquindo:

— Não tenhas medo, Cat! Nenhum de nós deixará de te amar! Muito provavelmente, todos casaremos e teremos filhos... Chegará o dia em que também o desejarás! Mas sei que, mesmo que a vida nos separe, a nossa amizade brilhará sempre, como um grande

fogo. O Berchan acredita que tu és o elo que nos une e dá vida a esta terra. Eu concordo com ele.

Continuava sem responder! Era evidente que tinha namorada e não queria contar-me!

— Não respondas se não queres! — resmunguei, afastando-lhe a mão. — Já percebi que não confias em mim!

Comecei a marchar adiante, apressando o passo quando ouvi a sua gargalhada ficar para trás. Tristan alcançou-me e segurou-me o braço, forçando-me a encará-lo, enquanto replicava com uma expressão trocista:

— Não, Cat! Eu não tenho namorada. Estou à espera de que tu cresças para tentar a minha sorte.

Empurrei-o indignada, mas acabei contagiada pelo seu riso.

— Idiota! — exclamei, enfiando o braço no dele e caminhando ao seu lado. — Se me quiseres para tua namorada, irás esperar até morreres de velho!

— E porquê? — Dir-se-ia que a conversa o deliciava.

— Porque eu nunca irei apaixonar-me! — respondi sem hesitar. — Prefiro ficar doente! A paixão, de que os adultos tanto falam só traz confusão, discórdia e sofrimento. Se fores inteligente, também não te deixarás apanhar por essa maleita.

Tristan gargalhou mais uma vez, antes de concluir:

— Vou ponderar o teu conselho. — Estávamos a sair da floresta e a entrar nos limites da quinta. — Agora, vai tomar banho e arranjar-te. Se o teu pai te vê assim, desgrenhada como uma gata selvagem, ficarás em maus lençóis!

Doce inocência...

O que sabia eu sobre a vontade dos homens, os negócios à porta fechada, as combinações secretas e inflexíveis? O que sabia eu sobre a vontade incorruptível do meu pai? E sobre a ambição; sobre a mentira, o engano e a maldade?

Nessa noite Lorde Garrick regressou à Casa Grande, acompanhado por Lorde Cearnach. Nenhum deles parecia satisfeito. Quinn segredou-me que a ganância e arrogância de alguns líderes haviam

tornado as negociações difíceis e forçado ao adiamento dos acordos. Não existia entendimento e confiança entre homens que partilhavam a terra, a cultura e as tradições. Como podiam enfrentar e vencer os inimigos, se não eram capazes de dar um passo sem vigiar as próprias costas?

Despertei para uma casa carregada pelo silêncio imposto para o descanso dos homens. Cumpri os meus deveres e guardei um pouco de tempo para estudar. Evitei Melody a todo o custo. Não saberia o que fazer ou dizer se ficássemos sozinhas. Felizmente, ela estava bastante ocupada com os preparativos para a partida, que se anunciava para a manhã seguinte, e não procurou a minha companhia.

A sala de estudo parecia-me cada vez mais fria e abandonada. Embora as criadas a mantivessem limpa, faltava-lhe calor, cor e vida. Abri as janelas de par em par e coloquei flores na jarra. Desarrumei um pouco os livros, para o caso de os meus pais me procurarem, e ignorei a cadeira, sentando-me no chão. Respirei fundo e estremei ao pensar no que Lorde Garrick faria se descobrisse que os filhos se entregavam a uma Arte que ele abominava. Esse pensamento fez com que puxasse um livro para o colo. Mas não foi nele que concentrei a atenção.

Começara por treinar com pedrinhas. Já me era relativamente fácil erguê-las, sustê-las no ar e arremessa-las, apenas com a força da mente.

Com o passar do tempo, treinava com pedras cada vez maiores. Berchan costumava dizer que o tamanho não importava. Eu estava a utilizar a força da mente e não a força do corpo. Só tinha de concentrar-me nas pequenas partículas que formavam o todo. Quando as pedras deixaram de representar um desafio, cansei-me delas e concentrei-me na cadeira.

— O tamanho não importa — murmurei, afilando o olhar. — As partículas formam o todo. Pequenos grãos... Um a um...

Senti a força. Senti o poder. A cadeira oscilou e inclinou-se para um lado, suspensa sobre dois pés.

Um a um...

A porta abriu-se de rompante. A cadeira vacilou e tombou com estrondo. Eu senti o sangue gelar e fiquei da cor da cera. Libertei um suspiro de alívio ao encontrar Stefan. O meu irmão fitava a cadeira, momentaneamente esquecido do que o trouxera ali.

— Estás a ficar cada vez melhor! Não tarda, estarás tão boa como o Berchan!

Não lhe agradei o elogio. Levantei-me devagar, pois o esforço da mente debilitava a força física, e enfrentei-o, com uma careta de reprovação.

— Queres matar-me de susto? Pensei que fosse o pai!

— O pai mandou-me procurar-te. Quer falar conosco no salão. Parece que vai fazer uma comunicação importante.

Segui-o a contragosto pelos corredores da casa. Apesar de imaginar o que nos esperava, não estava preparada para enfrentar todos os rostos que se voltaram na nossa direção, quando entramos no salão. Apressamo-nos a ocupar os lugares que nos estavam destinados. A nossa mãe fora a única que se sentara na sua cadeira de balanço, embalando Fiona nos braços. Ao seu lado, Melody sustinha-se com uma palidez de morte. Junto das grandes janelas, imperavam Lorde Garrick e Lorde Cearnach; duas majestosas aves de rapina, prestes a arremeter sobre as presas indefesas. O ar estava irrespirável, tão denso que se podia cortar à faca. As expressões dos meus irmãos mantinham-se veladas e eu não distinguia se era a apreensão ou a irritação que os dominava. Mas o olhar da minha mãe era inequívoco. Algo de muito grave ia acontecer. E Melody também conhecia o propósito da reunião. As manchas escuras que lhe rodeavam os olhos, sobressaindo na pele alva, denunciavam um choro convulsivo alimentado pelo desespero.

O meu pai iniciou um discurso leve, salientando a sua amizade com McKie e a necessidade de consolidá-la com uma união de sangue.

O meu coração começou a bater com mais força, enquanto os meus olhos viajavam de Edwin para Aled e depois para Melody. Ela evitou-me o olhar e fixou os seus olhos no chão. Percebi que o momento da verdade chegara cedo demais, e, pela consternação de

Melody, a escolha dos nossos pais só podia ser adversa à sua vontade.

Um forte abalo percorreu-me no momento em que o meu pai anunciou que sentiria uma grande satisfação se Lorde Cearnach concedesse a mão de Melody a Aled. De imediato, o rosto de Edwin transformou-se numa máscara de raiva. Vi a mão de Stefan segurá-lo subtilmente o braço, enquanto Melody murchava, como uma planta delicada brutalmente exposta ao Sol ardente. Quinn trincou os dentes e apertou os punhos. A minha mãe fechou os olhos e sacudiu Fiona nervosamente. Quando o silêncio constrangedor ameaçava engolir-nos, Aled decidiu fazer o impensável. Contra todas as expectativas, deu um passo adiante e enfrentou o pai. Deixou claro o quanto se sentia honrado e feliz com a decisão dos chefes das duas famílias, mas teve a nobreza de pedir que a opinião de Melody fosse tomada em consideração. Atrevime a aguardar por um milagre. Porém, ao mesmo tempo que Lorde Garrick fulminava o filho com o olhar, Lorde Cearnach replicava num tom gélido e cortante:

— A decisão da minha filha é a minha decisão. Tens alguma reserva em aceitá-la para tua esposa, Aled?

Aled empalidecia à mesma velocidade que Edwin ficava rubro.

— Não, Lorde Cearnach — apressou-se a justificar. — Desposar uma dama tão bela e prendada como a Menina Melody será uma honra sem igual.

Perguntei-me se Edwin conseguiria aguentar-se muito mais. O meu coração espinoteou quando o vi avançar para o pai, com os punhos cerrados, a ira estampada no rosto e a voz carregada de ódio:

— Isso não pode acontecer! Isso não irá acontecer! A Melody deve ser livre para escolher...

— O que se passa contigo, Edwin? — trovejou Lorde Garrick, num tom que eu nunca escutara. — Cala-te imediatamente e volta para o teu lugar!

— Não o farei! Não é justo que decida o destino dos seus filhos desta forma!

Edwin ofegava, tentando desesperadamente não perder a cabeça. Temi que a pedra vermelha explodisse no seu peito, tal era a intensidade com que brilhava.

— Parece-me que o teu filho tem algo para nos dizer, McGraw! — sibilou McKie. — Por que não falas abertamente, rapaz?

Soltei uma prece silenciosa para que Edwin tivesse a força e a sabedoria suficientes para controlar a sua indignação e recuar. Este não era o caminho da vitória. Este era o rumo que o afastaria irremediavelmente do seu objetivo.

— Eu amo a Melody e desejo desposá-la! Peço uma oportunidade para provar o meu valor!

Fechei os olhos, desanimada. Estava tudo perdido.

— Ninguém põe em causa o teu valor, rapaz! — Lorde Cearnach movia-se e falava como a mais letal das serpentes. — Contudo não possuis o carácter do homem que eu desejo ver ao lado da minha filha.

Esta declaração não me surpreendia. Edwin não era submisso e controlável como Aled. Edwin tinha uma força interior que estava para além da compreensão dos homens que o enfrentavam. Jamais permitiria que interferissem na sua vida. Nenhum dos grandes senhores podia admitir tal arrogância. Além disso, não era o primogênito. Aled era o herdeiro do império e isso, certamente mais do que tudo, pesava na preferência de McKie. Sufocada pela angústia, escutei horrorizada enquanto Edwin repetia, palavra a palavra, os meus pensamentos. No final, a voz do meu pai fez trepidar as paredes do salão:

— Como te atreves? Estás a ofender o nosso hóspede, a nossa hospitalidade, a nossa honra, o nosso nome! Retira tudo o que disseste e pede perdão. Imediatamente!

Edwin empinou o nariz, num desafio altivo e digno, respondendo no mesmo tom:

— Recuso-me a fazê-lo! Não pedirei perdão pelo amor que me enche o peito! Vós estais a negar a felicidade aos vossos próprios filhos...

— Basta, seu insolente! — berrou Lorde Garrick, com uma ferocidade que me chicoteou o âmagô. — Sai já desta sala!

— Sairei sim, meu pai! — rugiu Edwin descontrolado. — Sairei desta sala e desta casa! Recuso-me a viver com um tirano que não hesita em ditar a desgraça dos filhos, para seu próprio proveito.

Uma vaga de espanto e horror varreu os presentes. Antes que alguém pudesse reagir, já a porta batia atrás de Edwin. Não tive tempo de dar um passo atrás dele, pois Melody caiu no chão com um aparato estrondoso, privada dos sentidos pela intensidade violenta das emoções que não podia exteriorizar. A palidez extrema da minha mãe indicou-me que também ela não estava bem. Eu não podia seguir o meu irmão, por mais que isso me doesse. Era necessária ali e ali teria de permanecer. Tal como os outros, encontrava-me prisioneira de uma vontade superior à minha.

Melody partiu na manhã seguinte. Eu ainda argumentei que deviam esperar até que ela recuperasse as forças, depois do abalo que sofrera, mas fui simplesmente ignorada. Afinal, que peso tinha a opinião de uma criança? A despedida foi feita na presença de toda a família. Além da minha mãe, Lorde Cearnach não consentira que mais ninguém falasse com a filha. Por essa razão, foi-me impossível declarar-lhe a minha solidariedade. Quando a abracei, só consegui murmurar:

— Sinto muito! Não te deixes ir abaixo...

Ela não me respondeu. Os seus olhos estavam baços, sem cor nem vida. Parecia que, num único dia, o seu corpo perdera peso, força e vitalidade. Contudo, manteve-se firme e digna quando enfrentou Aled. O meu irmão segurou-lhe na mão e levou-a aos lábios. De onde estava, ouvi-o declarar:

— Não é segredo para ninguém, o quanto eu te amo! Farei de ti a mais feliz das mulheres...

Melody retirou a mão e voltou-lhe as costas. Senti a ferroadada de dor no peito do meu irmão, como se fosse no meu. Não era justo! Aled era um homem bom e merecia uma mulher que o amasse incondicionalmente. Esta união anunciada estava amaldiçoada à nascença. Seria eu a única a percebê-lo?

Edwin não dormira em casa, e Tristan também desaparecera. Lorde Garrick não teceu comentários, mas a sua fúria era evidente.

Aled partiu para os campos, ansioso por libertar-se do peso da nossa presença, e os gêmeos tiveram de desdobrar-se para cumprir as tarefas dos ausentes.

Encontrei a minha mãe no seu jardim privado, cuidando das delicadas plantas que utilizava para aliviar dores e salvar vidas. Por que não interferira e salvara os próprios filhos? Não fui capaz de enclausurar a indignação dentro do peito e enfrentei-a com aspereza:

— Como pode ficar aqui, a jardinar, como se nada tivesse sucedido? O que está a ser feito para procurar o Edwin?

Os seus olhos refletiam surpresa e tristeza. Não esperava a minha condenação.

— O Edwin não está desaparecido — respondeu num tom calmo e meigo, capaz de amansar uma fera. — Acredita que o teu irmão não quer ser encontrado; não quer que o perturbemos. O melhor que podemos fazer é deixá-lo sozinho com os seus pensamentos, permitir que reencontre o caminho e volte a encarar a vida com esperança.

Perguntei-me se ela nos conheceria realmente e disselhe com ardor:

— O Edwin é capaz de fazer uma loucura! Ele precisa do nosso apoio. Deixá-lo sozinho é imprudente e cruel! Acabou de perder a mulher que ama para o próprio irmão, o pai voltou-lhe as costas...

— Ninguém lhe voltou as costas, Catelyn — interrompeu a minha mãe, mantendo a serenidade. — O Edwin foi incorreto para com o vosso pai e Lorde Cearnach. Desde o primeiro dia que ele sabia que a Melody estava prometida ao Aled. Não deveria ter-se aproximado dela e, muito menos, consentido que a jovem se enamorasse dele.

Senti o mesmo que certa vez, quando Quinn entornara um balde de água fria na minha cabeça. Fora uma brincadeira dolorosa, pois estávamos no pico de Inverno, mas eu perdoara-o de imediato. Desta vez não havia água, mas o meu corpo ficou petrificado, gelado, sem ar e assolado por uma dor insuportável. E eu sabia que essa dor jamais se extinguiria. Não escondi o horror:

— A mãe sabia de tudo e nada fez para impedi-lo? Como pôde permitir que tamanha infelicidade se abatesse sobre a nossa casa? O Aled não será feliz junto da Melody. Ela e o Edwin estão apaixonados. Devem ficar juntos!

— Isto está para além da tua vontade, querida — continuou a Senhora Edwina, complacente com a minha revolta — para além da minha, da do Aled, do Edwin ou da Melody. Não julgues o teu pai tão severamente. Lorde Garrick limita-se a fazer o melhor para a família e para a terra. Sei que crescestes depressa e tens uma compreensão superior à de qualquer menina da tua idade, mas não podes entender o peso das responsabilidades que pendem sobre os ombros do teu pai...

— Posso entender, sim! — O meu tom ergueu-se, avivado pela raiva. — Entendo que a fome e a ganância de poder servem para justificar uma guerra. Entendo que uma aliança com um vizinho poderoso é mais importante do que a estabilidade e a felicidade de uma família. Entendo que, para o nosso pai, nós não passamos de peças num tabuleiro, que ele move de acordo com a sua vontade e interesse. Entendo que este casamento não passa de um negócio. Perdi o Berchan e estou prestes a perder o Edwin, sem que alguém tenha coragem de levantar a voz! Um a um, perderei todos os meus irmãos; a mãe perderá todos os seus filhos. Mas isso pouco lhe importa, não é? Enquanto tiver a Fiona para mimar...

— Chega, Catelyn! — Desta vez, a sua voz tremia de comoção. — Nunca esperei tamanha injustiça, arrogância e ciúme da tua parte! Tu não perdeste os teus irmãos! O Berchan escolheu a vida que ambicionava e, para isso, teve de deixar-nos por uns anos. O Edwin precisa de tempo para se acalmar, mas depressa perceberá que errou e voltará. Quando isso acontecer, será recebido de braços abertos. Eu amo os meus filhos de maneira igual! E o mesmo acontece com o vosso pai! É injusto da tua parte acusares-me de preferir a Fiona. A tua irmã é uma bebê indefesa e doente, que precisa de carinho, conforto e atenção; coisas que tiveste em maior abundância do que ela, já que os teus irmãos tinham disponibilidade para não largar o teu berço. Talvez isso se tenha refletido na tua personalidade! Foste demasiado mimada e crescestes pensando que

o mundo te pertencia. Mas não é assim! Nós fazemos parte de um todo e devemos respeitar os mais velhos e mais experientes, que sabem o que é melhor para nós. Há muito que reparo que evitas a Fiona. Esse ciúme cego tem de terminar! Não admitirei que te tornes irresponsável e egoísta. Vai para o teu quarto e pensa no que te disse. Lamento ter de concordar com o pai, mas um pouco de disciplina só te fará bem!

Nessa noite não desci para jantar. Também não desci no dia seguinte para tomar o pequeno-almoço, almoçar ou lanchar. Os gêmeos acamparam à minha porta, suplicando que a abrisse, ao menos para conversarmos, mas eu ignorei-os. A certa altura ouvi a voz irritada do meu pai, e os meus irmãos foram forçados a desistir. Da minha mãe, nem sinal. Apesar de saber que me infligira o castigo com a melhor das intenções, pois a Senhora Edwina era incapaz de qualquer ato de maldade, eu ressentia-me da sua ausência. Revoltava-me a sua frieza, a sua passividade resignada de esposa obediente e prendada, que vivia para cuidar da casa e educar os filhos, sem vontade própria, sem alento para corrigir o que estava errado.

O jejum deixou-me numa profunda dormência física e, lentamente, apercebi-me de que me concentrava com maior facilidade na minha força mental. O corpo já não importava. Eu dominava as partículas!

Se os gêmeos tivessem forçado a entrada no quarto, ter-se-iam deparado com uma estranha visão: uma rapariga pequena e magra, sentada no chão, com as mãos apoiadas nas pernas dobradas e a cabeça erguida; os olhos escancarados ao vazio, cegos para o mundo; uma cadeira pairando e rodopiando sobre a sua cabeça; os lençóis da cama esvoaçando como fantasmas; as cortinas da janela abrindo e fechando sem cessar; as velas apagando e acendendo, ao sabor da sua vontade...

Era eu quem estava ali; não a pequena Catelyn McGraw, mas sim uma entidade forte, capaz de dominar um poder muito acima das habilidades dos comuns mortais. As minhas duas bonecas de pano davam as mãos e bailavam no ar. Os seus vestidos garridos transformavam-se em vestidos de baile e os seus cabelos retorciam-

se em penteados fabulosos. Uma das bonecas era eu, mas o meu corpo já crescera. Fisicamente era parecida com Melody, mas pensei, ainda mais bonita; não tão alta, mas mais perfeita de formas: o peito firme, a cintura estreita, os olhos brilhando como esmeraldas. E, com as mãos fortemente entrelaçadas nas minhas, estava outra mulher, tão parecida comigo que poderia ser minha irmã gêmea. Só olhando dentro dos seus olhos se adivinhava a idade avançada de sabedoria, experiência e incalculável poder; olhos verdes como os meus — os olhos de uma feiticeira. Aquela mulher, era a minha avó Aranwen.

"Tens de ser forte, Catelyn! Sólida como a terra, bravia como o mar, implacável como o vento e ardente como o fogo... Tens de te preparar para enfrentá-la!"

"Quem, avó?"

"Saberás quando o momento chegar. Está próximo! Muito próximo! Gostaria de poder proteger-te... Gostaria de estar junto de ti para te treinar. Mas não posso... E tu não precisas de mim, querida neta! Tu és muito forte! Tão forte como eu fui. O meu poder está no teu sangue, e ela sabe disso. Por isso, planeia a destruição da família. Mas, a ti, não conseguirá quebrar! Tu és dona do teu destino. Escolhe com sensatez. Usa a mente com prudência e, quando tiveres de decidir, escuta a voz do coração. Prepara-te com determinação para a grande batalha..."

"Que batalha, avó? O que posso eu fazer? Sou apenas uma criança..."

"Não, tu já não és uma criança! És uma mulher corajosa e determinada. És o pilar de todos, de tudo! Acorda! Desperta para a vida de olhos bem abertos. Abre os olhos, Catelyn!"

O meu corpo foi sacudido por uma emoção violenta. Arquejei como se estivesse a sustentar a respiração há muito e desesperasse por ar. Demorei a recompor-me. O que acontecera? Seria possível que o espírito da minha avó tivesse estado ali comigo? Ou fora apenas a alucinação de uma rapariga débil, esfomeada, inconformada e revoltada?

A cadeira jazia desamparada. As cobertas da cama encontravam-se espalhadas pelo quarto e, por pouco, não tinham caído dentro da

lareira e incendiado a casa. As cortinas estavam fechadas e dei graças por isso. As duas bonecas continuavam juntas, uma tombada sobre a outra, como se toda aquela confusão não tivesse sido suficiente para separá-las.

Quando tentei erguer-me, mal abafei um grito. O meu vestido estava encharcado em sangue, assim como a combinação. Pensei que me ferira ou cortara. Mas como? Então, o meu corpo deu-me a resposta. A minha mãe já me prevenira acerca do fenómeno que transformava as meninas em mulheres e explicara-me o que fazer. Recordei que a minha avó me alertara para o fato de já ser uma mulher. Entendia que aquilo tinha de acontecer e que as raparigas deviam sentir-se felizes por isso. Mas podia ter esperado por um momento mais calmo da minha vida, não podia? Esta transformação física não era, de todo, bem-vinda!

Limpei-me e arranjei-me o melhor que consegui. Ainda ponderei pedir ajuda a Bretta, mas contive o impulso. Atrás de Bretta viria a minha mãe, e eu não desejava vê-la.

A noite já ia avançada quando acabei de arrumar toda a desordem. Sentia-me fraca, muito sonolenta e, por isso, pensei que a pequena pancada na janela fosse produto da minha imaginação. Só quando se repetiu, demasiadas vezes para ser ignorada, fui forçada a responder. O meu coração quase parou ao ver a sombra alta e esguia de Tristan esbracejando na penumbra. Sem pensar nas consequências, escorreguei pela árvore que crescia junto da minha janela, como já fizera dezenas de outras vezes. Nem Lorde Garrick nem todos os seus exércitos me impediriam de saber notícias de Edwin.

Teria gritado de indignação se tivesse força. Teria permitido que o meu uivo de dor ecoasse pela noite, se não soubesse que isso só pioraria a situação. Assim, mantive a voz baixa, embora o meu corpo tremesse como se assolado por uma tempestade.

— Ele não pode fazer isso, Tristan! Tens de convencê-lo a voltar!

Tristan suspirou e torceu as mãos nervosamente sobre o colo.

— Julgas que não tentei? Conhece-lo tão bem como eu! Quando se lhe mete uma coisa na cabeça, é impossível fazê-lo mudar de ideias! — Hesitou um pouco. — E se pensares friamente no assunto,

concluirás que é ele quem tem razão. O Edwin não pode continuar a morar aqui.

— Por que não? — insisti revoltada. — Esta casa também lhe pertence! O Edwin é herdeiro dos McGraw, tal como o Aled, ou qualquer um de nós! E não está a ser leal com a Melody! Por acaso pensou no que ela sentirá quando descobrir que ele partiu? Tristan tornou a suspirar, denunciando a apreensão.

— A Melody é a principal razão de o Edwin partir...

— Ele está a ser egoísta!

— Não, Cat! — corrigiu com firmeza. — Está a ser generoso; a pensar em todos menos nele próprio! Viver debaixo do mesmo teto que o Aled e a Melody seria insuportável. Já imaginaste o quanto o Edwin sofreria ao ver o Aled junto da Melody, partilhando a sua vida, a sua cama, gerando filhos? E o que sentiria a Melody casada com o Aled e vendo todos os dias, à sua beira, o homem que ama e que jamais poderá ser seu? Carregando os filhos do Aled e desejando que fossem do Edwin? Fechando os olhos à noite para imaginar que está nos braços de um e não do outro... — Calou-se subitamente, deixando um vazio no ar. — Eu não devia dizer-te isto! Por vezes esqueço-me de como és jovem! Além disso, não é apropriado... — Engoliu em seco, antes de continuar. — Mas certamente concordas quando digo que o Aled é um homem excelente, que merece ser feliz. Ele não pediu que isto acontecesse. Simplesmente aconteceu! Eu acredito que a Melody acabará por esquecer o Edwin e apaixonar-se-á pelo Aled. É assim que deve ser! E é isso que o Edwin também espera. A distância e o tempo acabarão por sarar esta ferida. O Edwin também esquecerá a Melody e apaixonar-se-á por outra mulher. Um dia, poderá regressar a casa e reclamar o seu lugar na família. Neste momento, enfrentar Lorde Garrick é impensável! Nem quero imaginar as loucuras de que o teu irmão seria capaz!

Os cavalos bufaram e bateram com os cascos, incomodados pela nossa presença. Tristan ergueu-se e percorreu as baias, acalmando-os com o seu sussurro suave. Instantes depois, voltou para junto de mim e sentou-se sobre o monte de feno, pedindo:

— Por enquanto, não deves contar a ninguém os planos do Edwin. Lorde Garrick seria capaz de impedi-lo de partir, só por orgulho e teimosia.

O meu coração sangrou. Mais uma vez, os presságios de Berchan concretizavam-se. Mais uma vez, iríamos enfrentar a discórdia, a dor...

— Quando é que o Edwin pretende partir?

— Amanhã com a maré. Não teve dificuldade em arranjar trabalho. É jovem, forte e aguerrido. Sempre desejou viajar e conhecer o mundo para além do mar. Acredito que lhe fará bem e que ainda te orgulharás muito do teu irmão marinheiro.

— E os piratas, Tristan? — murmurei estremecendo, gelada pelo medo. — E os Nórdicos? Não estão a rondar as nossas costas, esperando por uma fraqueza para atacar? E se atacarem o barco do Edwin? E se...

— Calma, Cat! — cortou ele, segurando-me gentilmente a mão para me confortar. — Nós sabemos defender-nos muito bem! E nem todos os Nórdicos são piratas assassinos que...

— *Nós?* — Sentime sufocar. — Disseste nós, Tristan?

A sua mão apertou-me com mais força, antes de responder:

— Eu não posso deixar o Edwin sozinho, Cat. Ele é o meu companheiro, o meu amigo, o meu irmão...

— Eu também sou tua irmã! — O meu tom elevou-se, pleno de angústia. — Não podes ir, Tristan! Eu não posso perdê-los aos dois!

Saltei para o seu pescoço, cedendo finalmente ao choro. Senti-o estremecer, enquanto me abraçava, esforçando-se por conter a comoção. Enterrou o rosto nos meus cabelos, sussurrando-me ao ouvido:

— Tu não irás perder-nos... Nem ao Edwin, nem a mim! Eu prometo que nunca estarei muito longe. Juro que estarei ao teu lado sempre que precisares...

— O Berchan também o fez e nunca mais o vi! — choraminguei entre soluços. — Irás esquecer-me, como ele me esqueceu!

Tristan embalou-me nos braços. A sua voz denunciava um grande aperto na garganta:

— O Berchan não te esqueceu! Acredito que não passe um dia, um instante, que não pense na sua irmãzinha. Comigo acontecerá o mesmo e com o Edwin também. Tu estás dentro dos nossos corações, Cat! Tens de ser forte e acreditar que, um dia, voltaremos a estar juntos e que estes tempos difíceis não passarão de uma má recordação.

Afastei-me para encarar os seus olhos. Mesmo na penumbra, brilhavam como estrelas. Limpei o rosto com força, arrelviada pela minha fraqueza. Sim, eu iria ser forte! A minha avó dissera que eu era o pilar de tudo e de todos, tal como o Berchan já tinha dito. Então, eu não podia fraquejar, ou tudo à minha volta acabaria por ruir.

— Promete que nunca me esquecerás! — apelei com firmeza e determinação. — Promete, Tristan!

Os seus lábios tremeram. Lentamente, ergueu as mãos e segurou-me no rosto, mergulhando no meu olhar.

— Prometo, Cat! Juro que estarei ao teu lado até ao instante da minha morte!

Pareceu-me que o tempo parava e o mundo se resumia ao olhar luminoso do meu fiel amigo. Sustive a respiração quando me beijou a testa e senti as lágrimas caírem, quentes e doridas, ao escutar a sua despedida:

— Sê forte e mantém-te longe de sarilhos. Lembra-te de que o Aled também precisará do teu apoio. E a Melody... Antes que te apercebas, estarei de volta com boas notícias. Até breve!

Num piscar de olhos, já a figura alta e esguia correra para fora da cavaliça e se embrenhara na noite.

CAPÍTULO 4

A festa do noivado de Aled e Melody realizou-se na propriedade de Lorde Cearnach. A viagem até lá foi cansativa e enervante. Apesar de a caravana seguir bem guardada, era evidente que existia alguma apreensão em relação aos salteadores que proliferavam nestes terrenos como ervas daninhas. Eu, ao contrário dos que me acompanhavam, não conseguia manter-me sossegada e conter o entusiasmo. Depois de tanto tempo, ia finalmente rever Berchan.

A propriedade de Cearnach McKie era quase tão grande como a de Garrick McGraw, com uma linha de costa extensa, protegida por dois fortes, um deles próximo da fronteira com o senhor da floresta. Há muito que o meu pai ambicionava expandir o seu território e anexar o primeiro forte. Como não pudera fazê-lo pela via militar, negociara-o com um casamento. O lugar conhecido por Enseada da Fortaleza seria o dote de Melody. Mas não era para lá que nos dirigíamos e sim para o interior, onde os McKie viviam numa herdade semelhante à nossa. Por isso, mais uma vez, foi adiado o meu desejo de ver o mar.

Um homem, montado num bom cavalo, cobriria esta distância num dia. Porém, a minha mãe insistira em trazer Fiona e um exército de criadas para ajudá-la na organização da festa, já que Melody era órfã de mãe. Avançávamos lentamente e fomos forçados a acampar para passar a noite. Só na tarde do dia seguinte chegamos ao destino.

Embora a herdade dos McKie não fosse tão grande como a nossa, estava igualmente bem cuidada. Um olhar apenas bastava para concluir que Lorde Cearnach não admitia que algo fosse deixado ao acaso. Vi um pastor ser brutalmente castigado, só porque permitira que uma ovelha se extraviasse do rebanho. O animal ultrapassara a cerca de proteção e fora devorado pelos lobos. Tive de morder a

indignação e a revolta. O meu pai avisara-me de que os castigos seriam implacáveis se me atrevesse a envergonhá-lo.

Já esperava encontrar Melody triste, mas não me preparara para vê-la tão debilitada. Perdera peso, e o seu rosto estava pálido. Os seus cabelos, outrora volumosos e brilhantes, estavam finos e quebradiços, sem brilho nem esplendor. Um vislumbre do seu olhar meio enlouquecido, negro de insônia e choro, foi suficiente para perceber que a angústia a devorava. Diante de Aled, manteve-se fria e altiva, assumindo uma postura de silencioso desafio, que o magoou. Antevendo uma situação constrangedora, a minha mãe assumiu o controlo, obrigando-a a descansar. A saúde da Senhora Edwina melhorara um pouco, o que lhe permitia revirar a casa com desenvoltura. Mal ficamos sozinhas, Melody saltou-me acima qual fera esfomeada.

— Onde está o Edwin? Por que não veio? Diz-me que está bem! Diz-me que não fez uma loucura!

Não tinha muito para lhe contar, pois eu também pouco sabia. Edwin e Tristan haviam partido como parte da tripulação de um navio de comércio. Desconhecia onde estavam. Desconhecia para onde se dirigiam ou quanto tempo iriam demorar. Só sabia o que Tristan me contara. E Tristan pedira-me para desenganá-la. Melody devia esquecer Edwin, dedicar-se à ternura de Aled e procurar a felicidade.

A última réstia de luz apagou-se do olhar da minha futura cunhada e temi que ela fosse perder os sentidos. Ajudei-a a sentar-se e servi-lhe água. Aos poucos, tremendo como uma folha solta aos caprichos do vento, Melody tartamudeou:

— Todo este tempo... só vivi... na esperança de voltar a vê-lo... Agora... o Edwin abandonou-me... A minha vida... acabou...

Foram dias difíceis. A minha mãe apelou a toda a sua arte para curar o espírito de Melody, e eu mantive-me sempre ao seu lado, suplicando-lhe que não desistisse de viver, que não nos deixasse; convencendo-a de que ainda havia muito para ver, muito para descobrir e fazer, garantindo-lhe que não estava sozinha. Eu tinha de salvar Melody. Edwin nunca me perdoaria se a deixasse morrer de

tristeza. E também Aled se finaria de desgosto e remorso se a sua prometida percesse.

O meu irmão mais velho andava pela casa, sofrendo como um condenado, sem entender por que é que a mulher que tanto amava preferia morrer a ficar ao seu lado. Tememos não conseguir pôr Melody de pé para a festa de noivado. Os convidados iam chegando, e a Senhora Edwina já estava a ficar sem argumentos para justificar a ausência da noiva.

Nessa noite, aprendi que existiam homens mais severos do que o meu pai. Lorde Garrick podia ser duro e intransigente, mas eu acreditava que nos amava. Lorde Cearnach não amava mais nada nem ninguém, senão ele próprio. Sem nenhum pejo, invadiu o quarto da filha como um touro enfurecido e, perante o nosso horror, agarrou-a pelo braço e arrastou-a para fora da cama. Melody estava tão fraca que caiu no chão. Sucedeu-se uma investida de pragas e gritos, todos impróprios de um cavalheiro como McKie se intitulava. Acusou-a de fingimento e de irresponsabilidade. Fez-lhe ameaças terríveis. Eu nunca aprendera o significado da palavra ódio até esse momento.

Então, como uma brisa salvadora, Berchan chegou. Eu estava à janela e reconheci-o de entre os sábios, vestido de cinzento, com os cabelos caindo sobre os ombros. Todos se mantiveram impávidos perante o discurso de recepção que o próprio Lorde Cearnach fez questão de proferir. Os olhos do meu irmão ergueram-se ao meu encontro e tentei acenar-lhe. Porém, a minha força estava canalizada para manter-me de pé, para resistir a correr e atirar-me nos seus braços, para não chorar...

Lorde Garrick dera instruções claras sobre a minha conduta, e eu mantive-me firme no momento do reencontro, inclinando-me reverentemente diante dos sábios, como a tradição exigia. Os olhos de Berchan revelaram-me a dor que a separação lhe causara, e os meus confessaram-lhe o grande amor que me ardia no peito. Sorrimos e apertamos as mãos. Não dissemos uma palavra.

Lorde Cearnach voltou a desculpar a ausência da filha como “uma indisposição própria das mulheres”, mas eu percebi que o meu irmão sabia a verdade. Quando conseguimos, finalmente, um instante de

privacidade, abracei-o até sufocá-lo e inundei-o de beijos. Berchan não se cansava de animar-me, como se temesse que eu me desvanecesse no ar.

— Razão teve Edwin em me prevenir de que estavas uma mulher! Olha para ti, Cat! Cresceste tanto! Estás linda!

Pensei que o meu irmão delirava. A imagem que o espelho me devolvia continuava a ser a de uma fedelha magra e arrapazada. Já ele, parecia mais velho e distinto, talvez devido à barba negra que lhe cobria as feições delicadas... Ou talvez devido à sabedoria que transluzia no seu olhar. O momento de chorar passara, mas a minha voz ainda soou entrecortada quando retorqui acusadoramente:

— Prometestes que virias visitar-me e nunca aparecestes! O pai proibiu-nos de ir à Aldeia...

— O Tristan contou-me — atalhou ele mansamente, como se já esperasse o meu azedume.

— Senti tanto a tua falta!

— Eu sei... — A sua voz tremia. — Eu também senti a tua. Acredita, irmãzinha, ter-te-ia visitado se pudesse. Mas a disciplina do treino é severa e inflexível. Devemos libertar-nos da família, da saudade; dedicar todo o tempo ao estudo e à meditação. Só depois de concluir a iniciação, terei liberdade para regressar a casa e para junto de ti. Por isso, devo empenhar-me com toda a vontade. Entendes?

Apesar de desgostosa, eu entendia.

— Além disso — continuou —, adivinham-se dias de tormenta. O que aconteceu até agora é insignificante, comparado com o que está para vir. Tens praticado, Cat?

Mostrei-lhe com orgulho a facilidade com que erguia uma cadeira e a controlava com a força da mente. Porém, ainda precisava de treinar o regresso ao solo. Berchan nunca criticava, mas era evidente que esperava mais.

— Tens de praticar com o fogo... e com a água também. Só a perfeição poderá salvar-nos.

O meu irmão estava obcecado por uma ameaça invisível. Contudo, era-me impossível imaginar a concretização dos seus temores. Como

podia a situação da nossa família piorar, depois de todo o mal que já se abatera sobre nós? Não disfarcei a ansiedade ao perguntar:

— Quando foi que falaste com o Edwin? Ele foi visitar-te?

Berchan levou o dedo aos lábios, pedindo-me que baixasse a voz, antes de sussurrar cautelosamente:

— O Edwin refugiou-se na Aldeia dos Sábios, no dia em que saiu de casa. O Tristan acompanhou-o. Conversamos longamente e o nosso irmão procurou o apoio dos druidas, que o aconselharam a partir. Foi a decisão certa...

Eu acenei contrariada. Nada me convenceria da sapiência ou justiça dessa decisão.

— Lorde Cearnach mentiu — confidenciei. — A maleita da Melody não é física. Ela está a enlouquecer de dor, saudade e incompreensão. Pensa que o Edwin a abandonou. E eu não consigo convencê-la do contrário, porque o meu coração partilha da sua opinião.

Esperei ouvi-lo argumentar com a minha imaturidade, mas Berchan limitou-se a estreitar-me, murmurando docemente:

— Não te preocupes, Cat. Prometo-te que a Melody ficará bem.

O seu conforto doce acalentava-me. Havia tanto que esclarecer, mas o que mais me intrigava era a proveniência e o significado do livro que ele deixara ao meu cuidado, na noite em que partira. Berchan hesitou bastante antes de responder:

— Não devemos falar desse assunto aqui. A afabilidade de Lorde Cearnach para com os druidas e os aprendizes de magia é um mero embuste. Recebeu-nos, porque não podia deixar de fazê-lo, mas a sua ambição e a vontade de agradar à coroa torna-o ainda mais perigoso para a velha fé do que o nosso pai. As paredes têm ouvidos e não podemos arriscar-nos. Diz-me só se já o leste.

— Sim...

— Torna a lê-lo quantas vezes puderes. Esse livro é o teu professor. Um dia entenderás o que eu quero dizer.

O mais idoso dos sábios e a Senhora Edwina permaneceram muito tempo no quarto de Melody. Lorde Cearnach exigiu assistir à conversa, mas o olhar intenso do druida demoveu-o. Perguntei-me quão forte seria o poder daquele homem, capaz de vergar sem

esforço a vontade de ferro do tirano. Quando saíram, a minha mãe chamou-me. Melody pedia para falar comigo.

Entrei meio amedrontada, meio esperançada. O meu coração ficou mais leve ao vê-la sentada na cama, apoiada numa almofada, com um sorriso enfeitando o rosto descorado. Estava muito fraca, mas os seus olhos tinham reconquistado o brilho perdido.

— Vem cá, Cat — pediu docemente. — Senta-te junto de mim.

Obedeci e não resisti a segurar-lhe as mãos. Melody manteve o sorriso, apesar da tristeza entranhada em cada traço do seu rosto.

— Ainda estás zangada comigo?

Suspirei aliviada com a frescura da sua voz. Finalmente, o vento soprava as nuvens para longe do céu de Melody. Respondi com sinceridade:

— Eu não estou zangada. Só desejava que tudo tivesse sido diferente!

Abraçamo-nos e senti-a soluçar, mas não me preocupei. O seu choro era um desabafo.

— Eu gosto muito de ti, Cat — murmurou sufocada. — Preciso tanto da tua ajuda! Serás minha amiga? Por favor...

A minha amizade por Melody não era um favor. Talvez tivesse nascido de forma acidentada e crescido dolorosamente, mas o tempo fortalecera-a. Mesmo sem querer, já a encarava como se pertencesse à família. E desejava vê-la recuperada, alegre e brincalhona, bailando sobre as flores, com os cabelos soltos ao vento como uma chuva de ouro, cantando à madrugada e ao pôr do Sol, tocando a sua harpa e brilhando dentro de um vestido maravilhoso. Ansiava pelo regresso da jovem radiosa e pura que deslumbrara os meus irmãos.

O que o druida lhe disse, eu nunca soube, mas o efeito foi rápido e surpreendente. Nessa mesma noite, apesar de debilitada, Melody arranjou-se para jantar e cumprimentou, pela primeira vez, os convidados para a sua festa de noivado. Depois de se certificar que não a incomodava, Aled manteve-se ao seu lado, carinhoso e compreensivo.

Na tarde anterior à festa, vi-os da janela do meu quarto, passeando no jardim e conversando calmamente. Seguiam lado a

lado, sem se tocarem. Mas, mesmo àquela distância, eu escutava o riso do meu irmão, vibrando como música. E via o sorriso de Melody, aberto e sincero, colorindo timidamente as suas faces. Talvez, apesar de tudo, a felicidade ainda fosse possível.

Conheci Oliver na festa de noivado e amaldiçoei esse dia para todo o sempre.

Já se tornara óbvio que Lorde Cearnach era um jogador. E que jogava para ganhar também não era segredo. Mantinha próximas a velha e a nova religião, amigos e inimigos, aliados e adversários. Se ninguém estranhava ver na sua festa druidas e padres cristãos, também não se surpreendia por encontrar os invasores que, aos poucos, nos iam colonizando, infestando as nossas terras e as nossas famílias, comendo à mesa com os senhores da região. As invasões nórdicas tinham relegado para segundo plano as outras invasões. Todos pareciam obcecados com a ideia de combater os bárbaros, esquecendo-se das atrocidades que aqueles nobres de sangue real haviam infligido à Grande Ilha e ao nosso povo. O meu pai podia ser leal à coroa, mas eu possuía sangue nativo. E o apelo da terra era demasiado forte para ignorar.

Foi com declarada aversão que cumprimentei Oliver, filho do Conde de Goldheart, parente do próprio rei, um homem alto e encorpado, com o cabelo louro cortado muito curto, grandes olhos cinzentos, nariz afilado e lábios finos. Poderia ser bonito, se não fosse tão altivo, afetado e presunçoso. Enquanto as raparigas se agrupavam, cochichando sobre o bom aspecto e excelente estirpe do recém-chegado, eu ansiava por livrar-me dele. Era mais velho do que Aled, por isso, não percebi qual o seu interesse em conhecer-me e sentime bastante desconfortável debaixo do seu olhar intenso. Nunca um homem me fitara com tamanha insistência.

E Myrna estava com o conde. Foi-nos apresentada como uma amiga da família Goldheart. Recordo o que senti quando a vi pela primeira vez: pasmo, encanto, maravilha. Ela era simplesmente perfeita, mais alta do que Melody, apesar de aparentar a mesma idade, com seios grandes revelados num decote que pouco deixava

à imaginação. A sua cintura era tão fina, que me interroguei como conseguia ela respirar. Usava um vestido branco, feito a partir de um tecido rico, com flores vermelhas que combinavam com o cabelo rubro, tão comprido que lhe passava a cintura, liso, brilhante, vaporoso e delicado, afastado das faces por dois ganchos brancos em forma de flor. A sua pele era alva como leite, sem uma sarda ou um sinal. Os seus lábios, vermelhos e carnudos como morangos maduros. E os olhos castanho-avermelhados e brilhantes... Uma cor tão singular, que me faz questionar a razão por que não percebi, de imediato, a verdade. Fiquei cega, tal como os demais; cega e impotente para lutar contra a vaga que se erguia contra nós.

Se o aspecto da maravilhosa criatura não fosse suficiente para dar a volta à cabeça dos homens, então, abria a boca e deixava escapar uma voz semelhante ao canto de um pássaro abençoado. Sorria, e todos se derretiam. Caminhava bamboleando as ancas, e os machos ameaçavam desmaiar. Ali estava uma mulher capaz de convencer um homem a cortar a garganta do melhor amigo, apenas por capricho.

Vi Aled pasmar diante dela e tive esperança de que esquecesse Melody e a libertasse para Edwin. Os gêmeos babavam como cavalos. Até Berchan estava ligeiramente corado. Mas Myrna jamais se interessaria por algum deles. Era óbvio que caçava um animal de maior porte. E, para nossa desgraça, já escolhera a sua presa.

A saúde delicada de Melody provocou o adiamento do casamento. Eu tinha acabado de fazer treze anos quando o grande dia chegou.

Melody recuperara o seu aspecto encantador e Aled vivia suspenso no sorriso dela. Havia algum tempo que a noiva se mudara para a nossa casa, a fim de ajudar a Senhora Edwina nos preparativos da festa. E a herdade ganhara um novo fôlego com a sua chegada.

Com a ajuda de Melody nas pequenas tarefas rotineiras, que ela adorava e eu abominava, sobrava-me tempo para estudar. Eu não esquecera as instruções de Berchan. Devia ler e reler o livro de feitiços, que mantinha escondido como o mais precioso dos

tesouros, e tinha de treinar com o fogo e a água. Parecia fácil quando se falava, mas uma coisa era controlar objetos sólidos e imutáveis, outra bem diferente era dominar algo que não se podia segurar entre os dedos. Inicialmente, tentei atear uma pequena chama com a força da mente. Praticava no meu quarto e na sala de estudo, junto à lareira. Esforçava-me muito, acabando derreada e com uma brutal dor de cabeça, sem nenhum sucesso. A água não era mais fácil de domar. No princípio, quis fazê-lo no ribeiro, mas não consegui separar uma gota do conjunto. Acabei diante de uma vasilha de água, em casa, mas os progressos revelaram-se nulos. Se Stefan me pudesse ajudar, talvez fosse diferente, mas, com as ausências de Berchan, Edwin e Tristan, o trabalho da herdade pesava sobre os ombros dos gêmeos. Eu estava por minha conta.

A Casa Grande estava bonita como eu nunca vira. O jardim parecia um quadro minuciosamente pintado com cores vivas, onde nada fora deixado ao acaso. No centro, fora montado um grande toldo, muito ao estilo da coroa, onde um padre cristão, por vontade dos pais dos noivos, celebraria o casamento.

Os convidados chegaram com dias de antecedência, ocupando os muitos quartos preparados para a ocasião, na minha casa e nas casas de apoio espalhadas pela herdade. Pensei que iria enlouquecer no meio de tanta gente. Mal podia esperar pelo dia em que os veria subir para as suas carruagens e desaparecer. Havia-os para todos os gostos: pessoas simples e simpáticas, sempre dispostas a estender a mão para ajudar... e os outros — senhores emproados, com conversas sobre caçadas, batalhas sangrentas e castelos altaneiros; senhoras empastadas em cremes e tintas, amedrontadas com o pio de um pássaro ou o restolhar de um, gato, saltitando sobre os bicos dos pés para não sujar as bainhas dos vestidos, que mal cabiam pelas portas. E as crianças, tão meigas e adoráveis como endiabradas e pérfidas, especialistas em birras e partidas.

Dois dias antes do casamento, chegou o Conde Oliver de Goldheart, acompanhado pela Menina Myrna. Enquanto Myrna se colava à minha mãe e a Fiona, como uma carraça, Oliver perseguia-me para onde quer que eu fosse. Nunca estava muito longe; aparecia como por encanto, sorria angelicamente e tinha sempre

algo agradável e lisonjeiro para dizer, alternando com um autoritarismo dissimulado: eu não devia cansar-me; eu não devia andar descalça, pois estragava os pés; eu não devia tratar do jardim, pois estragava as mãos; eu não devia chegar perto dos cavalos, porque era perigoso; eu não devia respirar, porque podia partir-me!

Além do desagrado que a sua presença me causava, comecei rapidamente a detestá-lo e a evitá-lo a todo o custo, mastigando a vontade de queixar-me a Lorde Garrick. O meu pai nunca admitira que os rapazes da aldeia ou os jovens soldados me importunassem. Se lhe contasse o que aquele emproado andava a fazer, certamente esmagá-lo-ia qual inseto repelente.

Felizmente, na tarde seguinte, Berchan chegou e o ar ficou mais leve. O meu irmão trazia consigo uma aura abençoada, uma paz que enchia muitos de alegria e trazia desconforto a outros tantos. Não podia ignorar que alguns convidados se afastavam sempre que ele ou os sábios se aproximavam. Esses ignorantes chamavam feiticeiros aos druidas e acreditavam piamente que os homens sagrados eram servos do demônio.

Eu já ouvira relatos impressionantes e arrepiantes sobre o que faziam, fora da Grande Ilha, àqueles que, tal como eu e o meu irmão, possuíam certas habilidades. Falava-se que lhes arrancavam os olhos, escaldavam ou cortavam as mãos, arrancavam a língua, marcavam a pele ou queimavam-nos vivos em fogueiras. Sempre imaginara que essas histórias eram inventadas para inibir a velha religião através do medo. Nunca acreditara que o ser humano fosse capaz de tamanha bestialidade. Agora, diante destes homens, observando a maneira como fitavam os sábios e o meu próprio irmão, eu já não duvidava da veracidade das histórias. Se estivessem na sua terra, certamente estariam a erguer piras para assar os druidas. E o que realmente me assustava era ver a minha terra tornar-se, cada vez mais, na morada dessas bestas.

Um olhar de Berchan foi suficiente para que Oliver se afastasse. Mantive-me perto do meu irmão, mesmo sem poder falar-lhe sobre as questões que me atormentavam. Bastava a sua presença para me sentir em segurança.

A noite chegou e, com ela, o prenúncio de um casamento que eu duvidava que devesse realizar-se. Tudo me parecia errado, desde os noivos aos convidados.

Aled não estava feliz. Eu conhecia-o muito bem e, apesar de nos termos distanciado devido aos últimos acontecimentos, ele ainda era o rapaz que me erguia ao colo e lançava ao ar, para um mergulho desastrado no lago. Mas perdera a alegria no olhar e o carinho nos gestos simples. Mesmo em relação à noiva, apesar de a sua devoção ser evidente, parecia artificial quando se aproximava, como se estudasse cada palavra e pensasse cada gesto.

Resolvi visitar Melody antes de ir para a cama. Encontrei-a no quarto, sentada diante do espelho... acompanhada pela Menina Myrna. Só não rodei nos calcanhares, porque a minha amiga esboçou uma expressão de infinito alívio quando me viu. Avancei sem desviar o olhar da mulher de cabelos avermelhados. Surpreendentemente, ela pareceu-me desconfortável, como se eu a tivesse apanhado a cometer uma infração grave. Ergueu-se devagar, despedindo-se de Melody com um dos seus sorrisos estonteantes.

— Não te esqueças do que te disse! Muitas felicidades, Melody, do fundo do coração!

Passou por mim, e o seu olhar singular cintilou.

— Boa noite, Catelyn!

Quando a porta se fechou, Melody saltou da cadeira e estendeu-me os braços. Constatei que tremia como uma criança assustada.

— O que tens? — questionei. — O que foi que aquela assombração te disse?

Melody encarou-me com o sobrolho franzido.

— O que foi que lhe chamaste?

— Assombração.

— E porquê?

— Não sei! — Encolhi os ombros. — Porque não gosto dela... Arrepiame! Parece uma alma do outro mundo. É tão perfeita, que mete medo.

Melody acenou com a cabeça.

— É exatamente o que eu sinto. Tive medo de o dizer, porque todos parecem gostar dela...

— Eu detesto-a! — afirmei com convicção. — O que estava a fazer aqui?

— Entrou para desejar-me boa-noite. Deixei-a sentar-se por boa educação, mas arrependime logo! Antes que eu pudesse fazer alguma coisa, as suas mãos estavam em cima de mim. Quis pentear-me o cabelo, acariciou-me o rosto e não parou de falar do Aled e do Edwin, como se soubesse o que aconteceu. Como é possível, Cat? Poderá a Senhora Edwina ter-lhe contado?

— Não acredito! — neguei horrorizada. — Nem nenhum dos meus irmãos!

Melody baixou o rosto, suspirando angustiada:

— Só pode ter sido o meu pai! Já reparei como ela manipula os homens com o seu poder de sedução. Nem quero pensar, se o meu pai decidir desposá-la! Acredito que essa ideia estapafúrdia já lhe passou pela cabeça. Quando saí de casa, ele só falava da Menina Myrna; como é linda, prendada, inteligente... — Fez uma pausa, antes de fitar-me com o rosto distorcido pela dor. — É verdade que o Edwin tem uma mulher? Se é, diz-me, Cat! Eu prefiro saber! Por favor!

A pergunta deixou-me estarecida e foi-me impossível disfarçar o pasmo.

— Não sei... Mas é improvável! Um amor como o que o Edwin sente por ti não se arranca do peito de um dia para o outro.

— Já se passou muito tempo — sussurrou Melody, enquanto os olhos azuis adquiriam um brilho estranho, etéreo. — Ele partiu para o mar, mas já parou em vários portos... Teve de aplacar o desgosto...

— Melody! — quase gritei, horrorizada. — De quem são essas palavras? Tuas, ou da mulher que saiu daqui?

Melody piscou os olhos, como se despertasse de um transe maligno. Então, fitou-me com uma expressão assustada.

— Ela disse isso, sim! — murmurou, tapando o rosto com as mãos. — E muito mais! Disse coisas horríveis que não são para os ouvidos de uma menina. Eu tenho medo, Cat! Tenho medo de condenar o Aled à infelicidade. Eu tenho-me esforçado, juro que

tenho! Mas o amor não funciona assim! Gosto muito do Aled, mas... Nem consigo imaginar... Oh, Cat!

Caiu nos meus braços, chorando convulsivamente. Fiquei junto dela e providenciei um chá para que se acalmasse. Por fim, adormeceu.

Como o seu sono se adivinhava povoado de pesadelos, deitei umas ervas na lareira para que, ao arderem, o cheiro se espalhasse pelo quarto e lhe trouxesse a paz de espírito de que necessitava. Eu não desejava estar na pele de Melody, no dia seguinte.

No meu quarto, uma surpresa maravilhosa aguardava-me. O fogo que crepitava na lareira envolveu-me no seu calor aprazível, mas foi o sorriso de Berchan que me aqueceu a alma. Corri a aninhar-me nos seus braços.

— Estive com a Melody...

— Eu sei.

— Ela está apavorada!

— Tem razões para isso — replicou o meu irmão numa voz suave, contudo arrepiante. — O caminho que a espera não é fácil de trilhar.

Sentamo-nos no chão, diante da lareira. Mesmo que conversássemos a noite inteira, ainda ficariam muitas questões suspensas no ar.

— Quando entrei no quarto da Melody, estava lá aquela mulher... a Menina Myrna. Sabes quem é?

— Já tentei descobrir. Todavia, no que lhe diz respeito, ninguém tem certeza de coisa nenhuma. Não sabem de onde veio ou a que família pertence, mas também ninguém se importa com isso. A sua presença é suficiente para gerar satisfação.

— Ela sabe que os nossos irmãos disputaram a mão da Melody... E afirmou que o Edwin tem outra mulher.

Berchan negou com uma convicção que me surpreendeu:

— Isso não é verdade! O Edwin ama a Melody, tanto ou mais do que no dia em que arrancou o coração do peito para que ela tivesse uma oportunidade de ser feliz.

— Como podes ter a certeza? Já se passou tanto tempo...

— O Edwin está cá na ilha, Cat. O barco chegou há três dias, e ele foi visitar-me.

Pus-me de pé de um salto, arfando de excitação.

— Onde está ele agora, Berchan? Quero vê-lo!

O meu irmão sorriu tristemente e segurou-me a mão, forçando-me a sentar.

— Tem calma, Cat! Sabes muito bem que não posso levar-te ao Edwin, e ele não pode vir até aqui. Terão de aguardar por outra oportunidade. Tenho a certeza de que arranjará maneira de te ver, em breve. Também está cheio de saudades. Mas este é um momento muito doloroso para ele. Certamente compreendes isso!

— Sim...

Ficamos em silêncio durante um bom bocado. Depois, Berchan contou-me sobre a nova e arrojada vida do nosso irmão. Se não estivesse marcado pela infelicidade sentimental e familiar, Edwin sentir-se-ia realizado. Agora, vivia finalmente as aventuras com que sempre sonhara.

— Ficarás abismada quando os encontrares — prosseguiu.— O Edwin e o Tristan estão muito diferentes.

— Diferentes... como...?

— Já não parecem homens da terra e sim do mar. Pintaram a pele como os bárbaros, furaram as orelhas, estão torrados pelo Sol, vestem-se de forma estranha... Até mudaram na maneira de falar!

Tentei imaginar o Edwin, sempre tão cuidadoso com o seu aspecto, com a pele tatuada, as orelhas furadas e vestido como os marinheiros, mas não consegui.

— Agora que já sabes as novidades, vamos falar de coisas sérias. Tens praticado?

Confessei-lhe os meus falhanços sucessivos. Ele foi impiedoso:

— Tens de empenhar-te mais! Vou mostrar-te como deves fazer, primeiro o fogo...

Eu estava a fazer tudo mal! Não podia esperar que a chama brotasse espontaneamente. Não ainda! De início, tinha de sentir a madeira, partícula a partícula. O princípio era sempre o mesmo, só que, desta vez, era necessário assimilar a pulsação de cada uma e forçá-las a chocar com as outras, cada vez com mais força, até se gerar calor... e esse calor aumentar até que o fumo anunciasse uma faísca e essa faísca provocasse uma chama, que devia ser

constantemente alimentada... Eu tinha de treinar. Tinha de treinar muito!

— Há algo que deves saber, para teu próprio bem — murmurou Berchan, enquanto a minha mente batalhava com a perspectiva deste novo desafio. — Recordas-te da história do colar de pedras? — Levou a mão ao peito e agarrou no amuleto de cor branca que pendia do fio delicadamente tecido pela nossa mãe. — Não se passou assim tanto tempo, mas Lorde Garrick certificou-se de que a verdade era enterrada e ninguém tem coragem ou vontade de desenterrá-la. A nova religião veio para ficar e, uma a uma, as nossas crenças e tradições cairão no esquecimento. Talvez eu seja o último dos aprendizes...

Sustive a respiração e aguardei, acariciando instintivamente a pedra azul. Ele prosseguiu:

— É verdade que os Feiticeiros dominaram o mundo até à chegada do Homem. Quando a nova raça se tornou hostil e começou a tomar conta de tudo, os Feiticeiros decidiram partir. Voltaram as costas aos humanos que tinham tomado sob a sua proteção e desapareceram. Os Sábios nada mais puderam fazer senão continuar a praticar o pouco que haviam aprendido: pequenos truques para controlar a natureza, a mente e a vontade de outros mais fracos...

— Porém, uma feiticeira ficou — arrisquei, maravilhada com a história que conhecia de cor, mas que sempre acreditara não passar de uma lenda. — A nossa avó...

— A nossa avó era a mais jovem de três irmãs e uma feiticeira muito poderosa. Sabendo que seria banida por ter quebrado as regras ao apaixonar-se por um humano, desviou o seu poder para as sete pedras que trazemos ao pescoço. Quando o nosso avô morreu, também ela perdeu a vontade de viver. A nossa mãe foi educada pelos Sábios e, depois de casar-se, distribuiu as pedras mágicas por cada um de nós. Porém, aquilo que deveria ser uma dádiva, uma bênção, está a revelar-se uma maldição. Tudo correu mal no dia em que a Fiona nasceu. Se não tivéssemos interferido, a nossa mãe e a nossa irmã teriam morrido. Isso não era suposto acontecer! A Fiona

iria completar o círculo mas, em vez disso, nasceu desprovida de alma.

Como podia Berchan saber tanto? Estas revelações só podiam ter origem nos druidas; eles viam através dos nossos olhos, liam as nossas mentes e adivinhavam o futuro. Ficava explicada a razão por que eu não conseguia conviver com a minha irmãzinha.

— Como é que isso é possível, Berchan?

— Os druidas acreditam que, em algum momento da gravidez uma feiticeira maldita apossou-se do espírito de Fiona. Com que propósito, ainda não sabemos.

Apesar do calor que emanava da lareira, o meu rosto empalideceu e o meu corpo gelou. Quando dei por mim, já contara a Berchan sobre a tarde na Aldeia do Lago, em que aquela velha sinistra se atirara ao ventre da nossa mãe qual cão raivoso. Estávamos a enfrentar uma ameaça grave, e todas as informações se adivinhavam importantes para solucionarmos o enigma.

— Quem era essa mulher, Berchan? — Depois do que ele dissera, já não duvidava de que fosse uma bruxa. — Por que motivo fez uma maldade tão grande?

O meu irmão não respondeu logo. A peça que eu lhe fornecera explicara uma parte crucial do mistério, mas não o resolvera.

— Não sei... — murmurou com a voz a tremer. Ele era um homem ponderado, mas o que eu lhe revelara faria ferver o sangue de um santo. — Todavia, pretendo descobrir!

— Há outra coisa — hesitei pouco segura. — Não te disse antes, porque pensei que sofrera uma alucinação, ou algo parecido. Eu tive uma Visão... Vi a nossa avó! Ela disse que eu devia ser forte e preparar-me para a chegada de alguém... uma mulher que tentará destruir a nossa família e que só eu poderei deter. Falou de uma batalha... Uma grande batalha! Isto faz algum sentido? Achas que ela estava a falar da bruxa? Essa criatura irá atacar-nos novamente?

A expressão de Berchan não se alterou. Respirava pesadamente e tinha a testa vincada por uma ruga profunda.

— Não tenho respostas para as tuas perguntas. Preciso de consultar os sábios. — Segurou-me nos ombros e prendeu o meu olhar. — Promete que terás cuidado e que te esforçarás para não

contrariar o pai. Deves passar despercebida, mas não podes parar com os treinos. O fato de a avó te ter procurado só prova que todos nós... especialmente tu, Cat, corremos grande perigo. É crucial que progridas, mas em segredo. Nem quero pensar no que estes senhores da guerra fariam, se descobrissem o teu poder.

O padre fez a pergunta, e Aled hesitou. Nesse intervalo entre as batidas do coração, eu tive esperança de que o impasse se resolvesse. Vi no olhar de Berchan que ele ansiava o mesmo. Esperanças vão! Aled confirmou, e Melody também. O casamento foi abençoado, e os noivos beijaram-se. Nada mais havia a fazer. A música deu início à festa, os convidados cumprimentaram os noivos e começaram a celebrar. Durante algum tempo, esqueci que o casamento não devia ter-se realizado. Acredito que o mesmo sucedeu com Melody e que, por breves instantes, foi feliz ao lado de Aled. Dancei com Stefan e Quinn. Dancei com o meu pai, que confessou estar satisfeito com o meu comportamento, reafirmando que eu devia agradar a todos os convidados. Dancei com Aled e mal contive as lágrimas. O meu irmão abraçou-me com força e murmurou-me ao ouvido:

— Eu amo-te muito, Cat! Sei que não compreendes e que estás magoada. E isso dói-me... Dói-me que as coisas não possam ser como antes! Mas... Não importa o que aconteça, nunca te esqueças de que és a minha menina; a minha irmãzinha adorada...

Demorei para recuperar da emoção. Não fora exatamente uma reconciliação, porque nós nunca estivéramos zangados, mas fora uma aproximação entre duas pessoas que se amavam e se tinham distanciado. Desejei que o elo não voltasse, jamais, a ser quebrado.

Isolei-me um pouco, procurando sossego e paz para o espírito perturbado. Já não suportava ver a Menina Myrna rodopiando pelo jardim, nos braços de todos os homens que lhe apareciam pela frente. Solteiros e casados, novos e velhos, pareciam capazes de matar para dançar com ela. O meu pai não era exceção e isso causava-me náuseas.

Sentei-me no tronco cortado de um velho carvalho, nas traseiras do celeiro. Ali não seria atingida pela confusão. Só teria de alhear-me da música...

— O que está essa cabecinha bonita a pensar de tão sério, que tenha necessidade de se afastar de uma festa tão animada?

Não era possível! Desejei gritar de raiva.

— Se a festa lhe provoca tamanho entusiasmo, Conde de Goldheart, por que razão está aqui e não lá?

A minha rispidez plantou-lhe um sorriso nos lábios. Sem nenhuma cerimônia, acomodou-se ao meu lado.

— Por favor, trate-me por Oliver! A resposta à sua pergunta é simples. Como é possível apreciar um jardim se a sua flor mais bela não estiver aberta? Como poderei apreciar a festa, se a Catelyn não estiver presente?

Quando desejava, Oliver era um homem muito envolvente. Qualquer rapariga na festa teria ansiado por um cumprimento seu. Mas não eu! Achava-o irritante. O que pretendia ele afinal?

— Tenho a certeza de que encontrará muitas flores bonitas no jardim, se procurar com atenção — ripostei secamente. — A Menina Myrna, por exemplo! Não perca o seu tempo conversando com uma criança!

Não havia maneira de declará-lo sem ser indelicada. Estava tudo implícito. *Vai-te embora! Deixa-me em paz! Vai atrás de outra! És demasiado velho para mim!* Mas Oliver não se mostrou nem um pouco afetado. Pelo contrário, a resposta pareceu divertí-lo.

— Não se menospreze, Catelyn! Você é de longe, a flor mais bonita do jardim! E não se preocupe com a Myrna. Nós somos apenas amigos. Quanto à sua idade, estou consciente de como é jovem, mas já não é uma criança... Irá crescer e, muito em breve, terá idade para ser cortejada. E eu pretendo cortejá-la. Quero que seja minha noiva e desejo oferecer-lhe uma festa de casamento muito melhor do que esta! O que me diz?

Poderia ter rido na cara dele, se não estivesse tão atônita e enojada. Era óbvio que o Conde não perdia tempo com rodeios. Pois bem, eu também não!

— Sabe perfeitamente que a minha opinião pouco ou nada importa — argumentei, com o rosto a arder e os olhos a chisparem.
— Mas certamente compreenderá que Lorde Garrick deseje um homem mais jovem para desposar a filha!

Quando Oliver me afrontou com um sorriso vitorioso, percebi que eu desconhecia grande parte da história e que as expectativas não eram boas.

— Pelo contrário, minha querida e doce Catelyn! — A sua voz tresandava de ironia. — Lorde Garrick está ao corrente das minhas intenções e aprova-as incondicionalmente. Talvez já se tenha apercebido das influências maléficas a que está sujeita e reconheça que a tutela de um homem mais velho só lhe trará benefícios.

O sangue fugiu-me do rosto, e o coração quase me saltou pela boca. Poderia ele saber sobre a minha avó e o poder que crescia dentro de mim?

— Influências maléficas?

A minha voz tremia tanto, que mal se distinguia. Mas Oliver era bom de ouvido.

— Eu vi quando aquele homem deixou o seu quarto, já de madrugada. Era muito tarde para uma visita, não concorda?

Saltei do cepo e enfrentei-o com os punhos cerrados e os olhos relampejando de raiva. Tive de conter-me para não lhe cuspir na cara.

— O homem que viu era Berchan, o meu irmão druida...

— O seu irmão bruxo — corrigiu ele de imediato, erguendo-se e enfrentando-me. Já não sorria. — Não sei como Lorde Garrick, um homem tão devoto, cometeu a imprudência de permitir que um dos seus filhos mergulhasse na perdição! Um dia, teremos de corrigir esse erro. Certificar-me-ei de que o seu irmão será adequadamente libertado das influências nocivas daquelas criaturas. Ainda irá agradecer-me, Catelyn! Dentro em breve, verá que só quero o seu bem e que não pouparei em esforços para fazê-la feliz.

Recuei bruscamente quando Oliver estendeu a mão para tocar-me no rosto.

— Não se atreva! — rugi ameaçadora, apontando-lhe um dedo. — Mantenha-se longe de mim e da minha família, ou farei com que se

arrependa amargamente! Não tenho nenhuma intenção de casar-me consigo! Acho-o insuportável! Não volte a dirigir-me a palavra ou...

— Ou o quê, Catelyn? — desafiou o Conde, voltando a sorrir jocosamente. — Irá transformar-me num sapo? Sei que o povo acredita que é neta de uma feiticeira. Vou dar-lhe uma única oportunidade de se livrar de mim. Vamos! Transforme-me num sapo!

Gritei de frustração, desejando ter o poder para responder ao seu desafio. Voltei-lhe as costas e desatei a correr na direção do jardim, segurando nas saias para não tropeçar. Pelo menos, diante dos outros, ele não se atreveria a abordar-me com tamanha ousadia. Oliver era um homem perigoso! Muito mais perigoso do que eu poderia imaginar, se não se tivesse revelado de forma tão frontal. E Lorde Garrick planeava entregar-me àquele demônio. Incondicionalmente!

Stefan apareceu do nada e puxou-me para si. Ia afastá-lo e replicar que não estava com disposição para dançar, quando vi a intensidade do seu olhar e percebi que o seu gesto não era desprovido de propósito.

— Sorri, Cat! — sussurrou num tom que não admitia discussão. — Sorri sempre.

E eu obedeci. Sorri quando me contou que muitos convidados ilustres haviam manifestado a Lorde Garrick o interesse em cortejar-me. Sorri quando ele disse que o nosso pai estava a ponderar algumas propostas que considerava tentadoras. Continuei a sorrir quando concluiu que o Conde de Goldheart seria o provável vencedor.

— Eu não gosto desse homem, Cat! É dissimulado e ardiloso. Apareceu na nossa terra com a subtileza de uma serpente e já conquistou a confiança dos Aliados e o entusiasmo do nosso pai. Sei que ele te incomoda, mas não podes fugir-lhe. Se Lorde Garrick perceber que pretendes contrariá-lo, irá castigar-te e aumentar a pressão até que dobres e quebres. Isso não pode acontecer! Neste jogo de interesses, terás de ser mais inteligente do que os teus oponentes. Deves jogar com as suas regras, irmãzinha, pelo menos por enquanto. Temos de ganhar tempo para descobrir uma saída.

Não permitirei que o nosso pai estrague a tua vida como estragou a dos nossos irmãos...

Escutei a sentença sobre o meu tenebroso futuro com um sorriso nos lábios. Stefan tinha razão. Se eu contrariasse Lorde Garrick, estaria condenada. Se, pelo contrário, alinhasse naquela imundice, ganharia tempo para reunir armas para combater aqueles que pretendiam negociar a minha vida, como se eu fosse um animal, gado de raça, crescido e gordo, pronto a abater.

Enquanto dançávamos, vi o Conde de Goldheart aproximar-se do meu pai e segredar-lhe. Temi que a minha irreverência tivesse repercussões graves. Porém, Lorde Garrick respondeu cordialmente, e Oliver avançou para mim, como um grande gato cercando um rato. Eu não tinha como fugir.

— Por favor, Stefan, conceda-me a honra de dançar com a sua encantadora irmã.

As mãos de Stefan apertaram-me subtilmente a cintura, num último aviso, antes de abandonar-me nas garras do predador.

Oliver de Goldheart. O que falta dizer sobre ele? Se o tivesse conhecido nesse instante e não sentisse uma antipatia visceral, poderia sentir-me lisonjeada por estar nos seus braços, feliz por ser alvo da sua atenção, deliciada com o seu perfume e com a delicadeza do seu toque, fascinada com o sorriso aberto e o olhar brilhante.

— Antes que me atire à cara o quanto me detesta, Catelyn, permita que me desculpe pela forma como a abordei há pouco — começou. — Quando olho para si, vejo uma mulher bela e inteligente e esqueço-me de como ainda é jovem. Só pretendia dizer-lhe que iremos passar mais tempo juntos, para que possamos conhecer-nos melhor. Sinto muito se a assustei. Não tinha, de forma alguma, esse intento.

Respirar fundo. Sorrir. A minha vida e as vidas dos que eu amava dependiam do meu controlo, da minha capacidade de dissimulação. O rato teria de engolir o gato. Dei o meu melhor para que a voz não me falhasse:

— Também lhe devo um pedido de desculpas por me ter excedido.

O sorriso do Conde abriu-se um pouco mais, e a pressão dos seus dedos aumentou.

— Não pense que tenciono mudar a sua personalidade, Catelyn.
— Gosto do seu gênio, da sua irreverência, da forma como se exprime sem rodeios. As mulheres submissas são vazias e enfadonhas. Sei que, ao seu lado, jamais me aborrecerei.

Apeteceu-me pisá-lo, esbofeteá-lo, dar-lhe um pontapé no meio da expressão de declarada vitória. Porém, em vez disso, insisti com simplicidade e clareza:

— Porquê eu? Ainda sou uma criança...

Oliver cortou-me a palavra com uma gargalhada deliciada:

— Entendo a sua surpresa e temor, mas o tempo ensinar-lhe-á a confiar em mim. Eu posso fazê-la muito feliz, Catelyn! Sei que não sou um homem desagradável de olhar e tenho posses para proporcionar-lhe a vida de uma rainha. E tanto que desejo ensinar-lhe... coisas que apreciará, na devida altura.

Corei desalmadamente. Sabia a que coisas o Conde se referia e não estava interessada em aprendê-las. Muito menos com ele! Mais uma vez, tive de conter-me para não quebrar o juramento que fizera ao meu irmão. Compreendi como se sentia uma borboleta presa numa teia gigante, pressentindo a morte aproximar-se, mas guardando uma esperança vã; estrebuchando sempre e sempre, orando por um milagre que lhe restituísse a liberdade. A teia apertava-se à minha volta, mas eu ainda tinha muita força e vontade para lutar.

Quando não estamos emocionalmente envolvidos num cenário, podemos observá-lo de uma perspectiva diferente. Talvez por isso Stefan tivesse sido tão eficaz na análise das intenções do nosso pai e do Conde de Goldheart. Talvez por isso Berchan soubesse que o tempo escasseava. Contudo, eu não conseguia alhear-me do que me rodeava. Via dezenas e dezenas de pessoas movimentando-se, rindo, conversando, comendo, bebendo...

O enorme jardim parecia pequeno. As criadas estavam coradas e arquejavam de cansaço. O barulho era ensurdecedor. Aled e Melody dançavam juntos, e eu sentia desconforto apenas por observá-los. A

minha mãe desapareceu subtilmente no interior da casa, levando Fiona consigo. Calculei que toda esta animação a tivesse deixado exausta e que já não regressasse. Berchan e os sábios não tardaram a segui-la. Stefan voltou a procurar-me para dançar, mas, desta vez, limitamo-nos a desfrutar do momento e nada dissemos.

Dos irmãos McGraw, Quinn parecia ser o único que realmente se divertia. Conseguira captar a atenção da Menina Myrna e derretia-se em sorrisos, enquanto rodopiavam ao som da música. Eu estava a mastigar a imagem da mulher de cabelos de fogo, com os ombros e o peito brancos como a neve, quando o impensável aconteceu: Lorde Garrick deixou os seus convidados e interpôs-se entre o filho e Myrna. No instante seguinte, ela voltava a rodopiar, mas, desta vez, nos braços do meu pai.

Eu sabia que rebentaria se permanecesse na festa. Oliver estava ansioso por voltar a agarrar-me, mas fui salva pela intervenção rápida de Stefan. O meu irmão barrou-lhe o caminho, iniciando uma conversa enérgica sobre a ameaça nórdica, um tema que parecia apaixonar o Conde. O meu pai continuava a dançar com a Menina Myrna. Para mim, isso representava uma falta de respeito, já que a minha mãe não estava presente. Quinn amuara e ficara a observá-los com uma expressão idêntica à minha, mas fundamentada em razões bem diferentes.

Fugi para o sossego da floresta, livrando-me dos sapatos e desejando poder libertar-me do vestido com igual facilidade. Sentar-me na Pedra dos Sábios era tudo o que ainda ambicionava, depois de tantos sobressaltos e contratempos. O ribeiro recebeu-me com a sua alegre cantoria. Trepiei para a pedra, tentando desesperadamente esquecer que as nossas vidas galopavam para o desastre. Sentei-me em posição de meditação e fechei os olhos.

O tempo passou por mim sem que o percebesse. De repente, senti uma estranha sensação de desconforto; o aviso inconsciente que nos desperta para o fato de estarmos a ser observados. Abri os olhos sobressaltada e não fui capaz de conter um grito. Mirando-me em silêncio, estava um homem alto e moreno, com o cabelo negro preso atrás da cabeça, a barba cerrada sobre o queixo, argolas de

ouro nas orelhas, vestido de preto, misturando-se com a noite que tombava sobre a terra.

— Desculpa se te assustei...

— Seu grande palerma! — gritei, caindo-lhe nos braços e lutando contra as lágrimas de alívio e alegria. — Por onde tens andado? Não te perdoo esta ausência interminável!

Tristan apartou-se apenas o suficiente para exclamar:

— Olha para ti, Cat! Estás uma mulher!

— Tu também estás... diferente!

O que podia eu dizer? Há muito que Tristan era um homem, mas só agora eu reparava. O seu olhar tinha um brilho que eu desconhecia... o brilho da experiência de quem já vira muito e esperava ver muito mais.

— Deixa-me olhar-te bem — insistiu ele, ignorando a minha observação. — Como crescestes! Estás quase da minha altura!

Isto era uma piada lisonjeira! O topo da minha cabeça, mal lhe chegava ao peito.

— E como estás bonita! — continuou, parecendo incapaz de segurar a língua. Sorriu trocista, quando me viu corar. — Mas, de certeza, todos os lordes da festa já te disseram!

A sua ironia trouxe-me à lembrança o Conde de Goldheart e apressei-me a desabafar a minha aflição. Quando terminei, os olhos de Tristan chispavam de raiva.

— O teu pai só pode ter enlouquecido! — declarou, sem medir as palavras. — Esse homem é perigoso, Cat! A sua fama atravessa fronteiras e cruza os mares. É tão poderoso como perverso. Fala-se que até o rei se curva diante da sua vontade. O que é que os teus irmãos pensam desse acordo?

Contei-lhe o que Stefan me aconselhara. Tristan hesitou, parecendo mastigar uma fúria violenta, até encontrar o equilíbrio e recuperar o controlo.

— Suponho que o Stefan tem razão. Mesmo nestas condições, não acredito que Lorde Garrick consinta que te cases com menos de dezesseis anos. E em três anos muita coisa pode acontecer. — Segurou-me na mão e levou-a aos lábios, forçando um sorriso que me pareceu bastante nervoso. — Até lá, pode ser que eu perca a

cabeça e te leve comigo para o mar. Gostarias de conhecer outras terras, Cat?

Fiquei sem palavras. Abri muito os olhos e, só a custo, consegui sussurrar:

— A sério que me levarás contigo? Promete! Jura que não me deixarás à mercê daquele monstro!

Tristan envolveu-me nos braços, antes de replicar:

— Eu não te deixarei e tenho a certeza de que os teus irmãos também não consentirão nessa loucura. Tem calma, Cat! Tudo se resolverá!

Senti um calor agradável espalhar-se pelo corpo quando o estreitei com força. Confiava plenamente em Tristan. A ameaça de Goldheart já não me parecia tão grotesca. Respirei fundo, libertando a mente para outras prioridades.

— Onde está o Edwin? Por que não veio contigo?

Tristan respondeu mansamente, como se já esperasse a pergunta:

— Este foi um dia triste para o teu irmão. Tenta compreendê-lo. Está a sofrer muito... Talvez, na próxima vez que o barco ataque aqui perto, o Edwin reúna forças para enfrentar esta terra e dar-te o beijo por que tanto anseia.

— E quando será isso? — resmunguei desgostosa. — Daqui a um ano?

Tristan sorriu carinhosamente, perante a minha impaciência.

— Desta vez não iremos para muito longe. Dentro de poucos meses estaremos de volta. Talvez no Verão... Até lá... — Remexeu na bolsa que trazia a tiracolo e retirou do interior um gancho de cabelo feito de madeira. — Podes usá-lo sempre que tiveres saudades. O Edwin comprou-o para ti. Mal o viu, pensou logo nesses caracóis negros. Pediu-me que te entregasse e transmitisse o seu amor.

Observei o gancho com cuidado. Era o enfeite mais bonito e perfeito que já vira. O artesão fizera um trabalho exemplar.

— Obrigada — agradei emocionada, enquanto retirava o gancho que me prendia os cabelos e colocava o novo. — Diz ao Edwin que adorei o seu presente e que o usarei sempre. Diz-lhe também que o amo e que já não suporto as saudades. — Suspirei angustiada. —

Não é justo! Vivemos felizes durante tantos anos e agora... A cada dia, sinto que a situação piora, que estamos mais distantes, que não há possibilidade de recuperarmos o que perdemos...

Tristan assimilou as minhas palavras em silêncio. Depois acariciou-me o rosto com um carinho tão sincero, que me provocou um nó na garganta.

— Havemos de recuperar, Cat! — declarou numa voz carregada de confiança, que me fez acreditar. — É só uma questão de tempo!

Deslizei para os seus braços e apertei-o com força. Desejei pedir-lhe que me levasse com ele de imediato, mas acobardei-me ao recordar que isso significava abandonar a minha família. Além disso, não tinha o direito de impor a Tristan e a Edwin o fardo da minha presença. Eles eram marinheiros. O que faria eu junto deles, senão atrapalhá-los?

Como se escutasse os meus pensamentos, ele murmurou-me ao ouvido:

— Na casa de Lorde Garrick fui tratado como um filho e sempre me senti amado e protegido. De todos, Edwin foi o mais chegado dos meus irmãos de coração, por isso o sigo e seguirei até que ultrapasse esta fase terrível da sua vida. Mas tu, Cat... Tu és muito especial para mim. Queria que soubesses que... gosto muito de ti...

Estava ofegante, trêmulo e, quando se afastou, reparei que o seu rosto enrubescera. Levou novamente a mão à bolsa e retirou de lá uma pulseira de madeira. O trabalho não era tão perfeito como o do gancho, mas igualmente maravilhoso. Desajeitadamente, mostrou-me o pulso para que eu visse que possuía uma igual.

— Queria oferecer-te algo... que te fizesse sentir próxima de mim. Fui eu que as fiz...

Nunca o vira tão embaraçado. Sempre fora um rapaz ágil e desvencilhado, com uma solução prática para todos os problemas. Este novo Tristan fazia o meu coração bater com mais força e um sorriso tímido bailar-me nos lábios.

— Não tens de usá-la... se não quiseres...

Agarrei na pulseira e enfiei-a no pulso. Servia-me na perfeição.

— É linda, Tristan! — murmurei, comovida com a intensidade do momento. — Não irei tirá-la nunca!

Ele afastou as farripas de cabelo que lhe caíam para o rosto, com uma mão que tremia tanto, que dir-se-ia prestes a cair do pulso.

— Não é... propriamente um sinal de... compromisso... Tu ainda és muito novinha... mas...

Coloquei-lhe um dedo sobre os lábios, silenciando-o.

— Há algum tempo, disseste que não tinhas namorada, porque estavas à espera de que eu crescesse. — Afundei-me nas profundezas do olhar negro de Tristan e percebi o seu sobressalto, perante a minha confiança, ousadia e expectativa. — Estavas a falar a sério?

Ele abriu a boca e fechou-a de novo. Depois de um silêncio que me pareceu infundável, tomou o meu rosto entre as mãos e beijou-me na testa, ripostando:

— Falaremos sobre isso da próxima vez que estivermos juntos. Já é muito tarde e devem andar à tua procura. Não será bom se te encontrarem aqui. Toma cuidado, Cat! Mantém-te próxima do Stefan. Ele cuidará de ti até ao nosso regresso.

A festa continuou por mais alguns dias, que se arrastaram numa agonizante lentidão, pondo os meus nervos à prova.

Logo no dia seguinte ao casamento, Lorde Garrick chamou-me à sua presença. Embora eu já adivinhasse do que se tratava, não esperava que ele me confrontasse tão cedo com a sua decisão. O discurso foi simples e definitivo. Eu estava a aproximar-me da idade em que as jovens começavam a ser cortejadas. Não devia incentivar nenhum pretendente, pois a minha mão já estava prometida. Na sua opinião melhor pretendente do que o Conde Oliver de Goldheart, só mesmo o filho do próprio rei.

É claro que argumentei! Nem todas as recomendações de Stefan me forçariam a aceitar passivamente tamanha aberração. O meu pai manteve-se irredutível, mesmo quando falei de amor. A sua resposta foi curta e fria: o amor era para os camponeses! A filha de um senhor da guerra teria de aprender a amar o homem escolhido pela família. Com o tempo, eu seria a primeira a agradecer-lhe.

Mas havia mais! O empenho de Melody para me domesticar não tinha sido suficiente. As minhas atitudes continuavam a denunciar

uma irreverência indesejada. E, agora que Melody casara, teria responsabilidades mais prementes do que a orientação de uma rapariga obstinada. Por isso, Lorde Garrick decidira apelar a quem tinha a disponibilidade e a vontade de me “educar”. A corajosa heroína não era outra senão a Menina Myrna.

Fui dispensada pelo meu pai, cega de ódio e frustração, sem nada poder fazer além de engolir a vontade de gritar. Se Myrna tivera o desprante de aceitar semelhante missão, eu iria ensinar-lhe de que essência eu era feita! Os sorrisos melosos e os olhares intensos não funcionavam comigo. Eu era Catelyn McGraw! Em menos de nada, a Menina Sedutora estaria a arrumar as malas e a regressar a casa, onde quer que esta fosse.

Berchan partiu nesse dia, sem ter oportunidade de revelar-me a sua opinião acerca dos novos desenvolvimentos. Apenas Quinn ficou satisfeito com o anúncio da permanência de Myrna na Casa Grande. Stefan partilhava da minha antipatia, e Aled estava com outros problemas na cabeça. Para ele, a presença ou ausência de Myrna era igual.

O Conde de Goldheart partiu três dias depois, com a promessa de regressar brevemente. Desejei que se perdesse nos caminhos tenebrosos que percorria e desaparecesse de vez. Lorde Cearnach viajou com ele, deixando Melody entregue à sua nova vida.

A minha cunhada manteve-se firme até à despedida do último convidado. O apoio de Myrna não foi recebido sem alguma apreensão. Melody sabia da minha triste sina, mas encontrava-se demasiado embrenhada nos seus próprios problemas para poder ajudar-me. Eu via-a organizar as tarefas caseiras, com o semblante carregado e os olhos inchados de cansaço. Os primeiros dias de casada não estavam a ser fáceis. Ela sofria, Aled sofria... e eu e a minha mãe com eles.

Apesar de a Senhora Edwina manter um silêncio resignado sobre que a rodeava, eu percebia-lhe a tristeza. A sua saúde piorara depois do casamento. O esforço fora demasiado para o corpo frágil, e a sua mente, outrora brilhante e sagaz, era agora uma pálida névoa, concentrada invariavelmente em Fiona.

A minha irmã continuava a viver sob um aro protetor, envolvida em fumos curativos, unguentos, rezas e o olhar perspicaz da progenitora. Aos dois anos, não dizia uma palavra, nem sequer “papá” ou “mamã”, mal se aguentava nas pernas e fazia todas as necessidades nos panos. Se eu relutara em aproximar-me, agora era a minha mãe que não permitia a aproximação... de ninguém!

Tentei desencorajar Myrna pelas formas convencionais: uma aranha desenvolvida, um sapo, uma lagartixa ou um ratinho apareciam subitamente nos locais mais inesperados, saltavam do cesto de costura ou esgueiravam-se por entre os nossos pés, subiam pela bainha do vestido ou misturavam-se com os seus objetos pessoais. Depressa concluí que este não era o caminho correto.

Numa tarde fria, enquanto me forçava a bordar o que futuramente seria o meu lençol de núpcias, Myrna segurou com as mãos nuas o desprevenido sapo que eu escondera no seu baú de linhas e, sem a menor cerimônia, atirou-o para a lareira. O animal saltou algumas vezes; uma bola de fogo, vermelha, azul, amarela, batendo na parede de pedra, emitindo um som horrível, de arrepiar. Enquanto eu assistia ao flagelo, com o coração a bater desabaladamente e os olhos esbugalhados de horror, diante daquela demonstração de desprezo pela vida, Myrna ria-se às gargalhadas. Depois enfrentou-me; o olhar refletindo as labaredas que ardiam com vivacidade.

— Eu adoro o fogo! É lindo, selvagem, indomável... mas, acima de tudo, é eficaz e limpo. Não concordas? A lei devia permitir que se queimassem todos os degenerados na fogueira. Os outros métodos deixam muita porcaria para limpar. Nunca assististe a uma execução pelo fogo? Um dia assistirás! Prometo-te que será inesquecível!

E era com esta mulher que Lorde Garrick pretendia que eu aprendesse os modos de uma dama? As palavras de Myrna soavam como uma ameaça. Para meu próprio bem, decidi comportar-me impecavelmente por algum tempo. Tinha de estudar uma retaliação mais eficaz. Não era justo que as criaturas da floresta morressem por minha culpa.

Mas o que fazer? Com o passar dos dias, descobri que não era fácil desobedecer a Myrna. Quando o meu trabalho a satisfazia, recompensava-me com elogios e alguns momentos de paz, que mal

chegavam para pensar livremente. Quando não ficava satisfeita, obrigava-me a desmanchar o trabalho e a recomeçar. Sem razão aparente, eu era assolada pelo cansaço e ficava com os dedos moles. Cada gesto incerto fazia com que a agulha se enterrasse profundamente na minha carne. Tinha de parar para que o sangue não manchasse o tecido delicado. Queria protestar, mas não conseguia. O sono fechava-me os olhos e a língua tornava-se seca e dura. Aos poucos, sem que pudesse explicar a razão, a minha consciência e vontade perdiam-se para aquela mulher.

O tempo foi-se arrastando. A minha mãe vivia isolada, definhando lentamente ao lado da sua enfraquecida cria. O meu pai recebia os seus homens à porta fechada. Stefan preocupava-se comigo; eu lia-lho no olhar, mas não tinha oportunidade de aproximar-se. Aled e Melody ignoravam-se propositadamente durante o dia e só se encontravam à noite. Melody assumira todas as tarefas da minha mãe e não lhe sobrava tempo para mim. A sua consternação era visível, sempre que me via seguir Myrna como um cão obediente que aprendia a comportar-se pela força. Contudo, certamente, eu não era a sua única preocupação. A minha amiga voltara a perder peso e o seu rosto denunciava as marcas de muitas noites de vigília. Essas marcas refletiam-se no rosto de Aled. O meu irmão tinha um aspecto desleixado e parecia desinteressado de tudo o que o rodeava, à exceção do trabalho que o absorvia por completo.

No nosso mundo, para além de Myrna, Quinn era o único que transpirava felicidade.

CAPÍTULO 5

A Primavera instalara-se. Os dias estavam longos, e as noites, mais curtas. As árvores agitavam orgulhosamente as folhas verdes, cantando ao vento um hino de renascimento. O ribeiro corria alegre e lamacento, depois das generosas chuvas do Inverno. Os animais atreviam-se a sair das tocas, apresentando as crias ao Sol. Na Aldeia do Lago, os camponeses declaravam-se satisfeitos com o rendimento da terra. O gado crescia, gordo e saudável. As crianças podiam brincar na rua, pois viviam-se tempos de segurança. Havia muito que os guardas não avistavam intrusos na floresta, e os Nórdicos tinham esquecido as nossas costas durante o Inverno rigoroso. Por todo o lado, respirava-se alegria e prosperidade. O interior da casa de Lorde Garrick era a exceção.

Dediquei aquela noite ao estudo. Myrna nunca me dava oportunidade de aproximar dos livros. Segundo ela, eu já sabia demais. Uma mulher não devia ser excessivamente culta, pois o conhecimento conduzia à tentação de exprimir opiniões e à intromissão em assuntos que eram exclusivos dos homens. E isso era intolerável! Uma mulher tinha de saber ocupar o seu lugar na sociedade. As suas funções eram claras: cuidar da casa, receber com elegância, parecer divina ao seu marido e dar-lhe numerosos descendentes saudáveis.

O descuido forçado da minha preparação angustiava-me. Eu tinha de habilitar-me para enfrentar aquela que imaginava ser a bruxa que roubara a alma de Fiona e condenara a minha mãe à fragilidade. Mas como podia eu praticar a Arte com Myrna colada a mim? Se não podia contrariá-la de dia, teria de fazê-lo à noite. Não morreria se perdesse um pouco de sono todos os dias. E começaria de imediato.

Fiquei tão entusiasmada por voltar a treinar, que perdi a noção do tempo. A noite já corria avançada quando parei. Estar junto da

lareira, fundindo a mente com as chamas, tentando dobrar a vontade do fogo, deixara-me a garganta seca. O jarro estava vazio, por isso descí à cozinha para beber água.

De regresso ao quarto, palmilhando o chão de madeira com os pés descalços, apercebi-me dos ruídos abafados provenientes do quarto de Myrna. Ela gemia baixinho e ininterruptamente, como se padecesse de uma dor de barriga atroz. Era certo que eu não gostava dela e pouco me importava com o seu bem-estar, mas nascera e crescera com coração, e este impediu-me de ignorar a agonia da minha opressora. Talvez um chá lhe aliviasse as dores. Ergui a mão para bater na porta, mas surpreendia aberta. Empurrei-a devagar e pretendi anunciar-me. Detive-me, paralisada pelo espanto e pelo horror.

Na lareira ardia um fogo vivo que iluminava bem o quarto. Roupas em desalinho jaziam espalhadas pelo chão; roupas de mulher e de homem... de um homem que eu conhecia muito bem! A cama agitava-se, fustigada por um vendaval de braços e pernas. As cobertas libertavam os gemidos abafados e roucos de uma voz que me era bastante querida e os miados estridentes que me haviam alarmado.

Recuei um passo e depois outro, ciente de que não devia estar ali; que não podia deixar que me vissem. O meu coração ameaçava rebentar e o estômago embrulhava-se. Há muito que eu percebera um brilho intenso e estranho nos olhos de Quinn, mas nunca imaginara que o meu irmão estivesse tão profundamente envolvido com aquela tirana. Rodei nos calcanhares e desatei a correr, tão depressa quanto as pernas trêmulas permitiam. Entrei no meu quarto e tranquei a porta. Encostei-me à madeira sólida e deixei-me escorregar para o chão, demasiado chocada para reagir, demasiado magoada para chorar. A descoberta atingia-me como uma traição profunda e imperdoável. Quinn sabia que Myrna me sufocava, que eu queria livrar-me dela a qualquer custo... e, no entanto, entregava-lhe o seu corpo, o seu coração...

— Somos seis, mas somos um só... Somos seis, mas somos um só...

Por mais que repetisse a frase mágica que me unira aos meus irmãos durante anos, e que nos tornara indestrutíveis, achava-a vazia de sentido. Como poderia confiar em Quinn depois do que vira?

Não sei quanto tempo fiquei ali, sentada no chão, com os olhos escancarados ao vazio, nem o que me fez gatinhar até à janela. Foi certamente um poder superior que me empurrou; uma força divina, abençoada, que me forçou a distinguir a figura branca como um espectro, que cruzava o jardim numa corrida incerta e se embrenhava na floresta.

O que estava Melody a fazer lá fora, a meio da noite? Para onde ia?

Como por encanto, a energia regressou ao meu corpo e, no instante seguinte, eu escorregava pela árvore e atravessava o jardim. As ervas molhadas pela umidade da noite encharcaram-me os pés, as pernas e a barra da camisa de dormir. Continuei a correr, cortando a escuridão por puro instinto. Não sabia para onde ia, mas estava no caminho certo. Dentro de mim, uma voz chorava um pedido de socorro; uma voz triste, magoada, dorida, desesperada e angustiada. Não ficaria sozinha por muito mais tempo!

Encontrei Melody na margem do ribeiro, no sítio exato onde eu a surpreendera brincando com Edwin. Estava ajoelhada dentro de água, ignorando a força da corrente que quase engolia o seu corpo magro e frágil, com os cabelos soltos em desalinho e um olhar demente. A pouca lucidez que prevalecia permitia-lhe ponderar se devia ceder à loucura e deixar-se afogar.

Entrei na água de rompante. Estava tão gelada! Uma dor aguda fulminou-me a razão, mas reagi rapidamente e abracei a minha cunhada. Nunca conseguiria arrancá-la da água se ela não colaborasse. Mesmo debilitada, era mais forte do que eu. Comecei a murmurar-lhe palavras doces ao ouvido. Declarei o muito que a estimava e como admirava a sua coragem. Elogiei o excelente trabalho que estava a fazer na herdade e o apoio que dava aos aldeões. Por fim, Melody reagiu e deixou-se arrastar por mim até à margem.

A luz abria-se timidamente sobre as nossas cabeças, enquanto a manhã se preparava para nascer. Foi nessa penumbra delicada que constatei que a camisa de dormir de Melody estava manchada de sangue. A água não conseguira eliminar o testemunho do que acontecera. Parei de respirar. Algo não batia certo! Melody devia ter perdido a virgindade há meses e não nessa noite! Não precisamente nessa noite, quando a minha vida sofrera outro abalo violento!

— Foi aqui que ele me beijou, Cat... — murmurou num tom tão sofrido e baixo que mal a percebi. — Foi aqui que me beijou pela primeira vez... A única vez...

Eu testemunhara esse beijo e quase estragara o momento ao qual Melody se agarrava com desespero para manter a sanidade.

— Temos de voltar para casa — retorqui, abanando-a levemente. — Não tarda, os criados começarão a despertar e verão o estado em que estás. Não te exponhas desta maneira! Vem... Ficarás no meu quarto. Farei um chá e não deixarei que te incomodem.

Ela fixou em mim os olhos cheios de água.

— Prometes?

Como uma fera selvagem defende ferozmente a sua cria, eu amparei Melody no regresso a casa, vesti-lhe outra camisa de noite e enfiei-a na minha cama. Avivei o fogo na lareira e também troquei de roupa. Depois descii para a cozinha. Bretta e a cozinheira já estavam de pé e olharam-me com estranheza. Atirei uma desculpa para o ar enquanto colocava água a ferver.

Dirigi-me ao jardim da minha mãe e fiquei chocada com a degradação que encontrei. As ervas daninhas minavam os canteiros das poucas plantas que tinham resistido sem cuidados aos rigores do Inverno. Brevemente, todas as reservas estariam gastas e não haveria maneira de repô-las. O que podia eu fazer? Myrna não mais permitira que me aproximasse dali, Melody não tinha tempo nem habilidade e a minha mãe estava esquecida das necessidades do seu povo. Felizmente ainda restava um pouco da erva que eu procurava.

Voltei à cozinha e, perante o olhar curioso das duas mulheres, preparei o chá e regresssei ao quarto, depois de instruir Bretta para que comunicasse à família que Melody estava indisposta e que eu ficaria a cuidar dela.

Esperei encontrar a minha cunhada adormecida. Sentia-me exausta e, se ela repousasse, também eu descansaria. Não tive sorte. Tranquei a porta para assegurar-me de que ninguém nos incomodaria e sentei-me ao seu lado. Melody bebeu o chá com o olhar fixo na lareira, enquanto eu lhe acariciava os longos cabelos cor de melão. Só muito depois, reuniu coragem para desabafar.

Amava Edwin. Apaixonara-se ao primeiro olhar e não conseguia esquecê-lo. Tentara! Tentara com tanta força, que quase se convencera de que tinha vencido a paixão. Por fim, casara-se, e esse fora o seu grande erro. Um erro fatal! Edwin continuava no seu coração e em cada toque, em cada beijo do marido, Melody sofria por aquilo que nunca poderia sentir, que nunca poderia usufruir. Aled respeitara a sua indisposição na noite do casamento. Percebera que estava nervosa e que precisava de tempo para habituar-se a ele, à sua companhia e às suas carícias. Prometera-lhe que seria paciente, que esperaria... Mas, nessa noite, cansara-se de esperar.

Melody parou nesse ponto, mas eu compreendi o resto. Num ímpeto de paixão cega, Aled tomara a esposa à força, reclamando o que era seu por direito e que adiava havia muito. Depois, odiando-se pelo que fizera, deixara-a meio enlouquecida de dor e desencanto e fugira covardemente.

Apesar de tudo, não condenei o meu irmão. Aled era apenas outra vítima do destino. O mal enraizava-se profundamente no seio da minha família e não havia forma de combatê-lo. A única pessoa que podia ajudar-me estava longe, na reclusão da difícil aprendizagem de um sábio. Sozinha, eu não tinha força nem poder. Restava-me assistir impotente à destruição daqueles que amava.

— Por onde andaré o Edwin? — perguntou Melody, sem esperar resposta. — Ninguém diz o seu nome nesta casa. Todos os vestígios da sua presença desapareceram, como se nunca tivesse existido. O seu pecado foi assim tão grande? Revoltar-se contra os desígnios de Lorde Garrick foi suficiente para que os pais o esquecessem?

Eu não podia dizer-lhe que a sua revolta também era a minha sem piorar a situação, por isso, decidi revelar-lhe o que Tristan me contara no dia do casamento. As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto pálido e a sua voz soou sufocada e rouca, quando exclamou:

— Eu teria ido com o Edwin, Cat! Tê-lo-ia seguido até ao fim do mundo, com a roupa do corpo e o nome manchado. Nada importava, senão o nosso amor! Se ele me tivesse pedido... Mas ele preferiu dar uma oportunidade à família, em detrimento da sua felicidade... e da minha! Eu nunca conseguirei amar o Aled! Como posso suportar as suas mãos no meu corpo, quando...

Calou-se, talvez recordando que as suas palavras não eram apropriadas para os ouvidos de uma menina. Não podia saber que, nessa noite, nada do que eu vira e ouvira era apropriado para a minha idade. Suspirei frustrada. Quanto mais aprendia sobre o amor, mais me convencia da sua inutilidade. Eu já tinha coisas suficientes com que me preocupar, sem ser forçada a passar por tão duras penas. Cuidadosamente, retirei do cabelo o gancho de Edwin e ofereci-lhe, com a piedade vincada no olhar.

— Toma! Precisas mais dele do que eu!

Melody sabia como me era difícil apartar do presente do meu irmão e não escondeu a gratidão. Com as mãos a tremer, acariciou o gancho entre os dedos.

— Como posso viver sem ele, Cat? E o que farei quando ele decidir regressar?

Não sabia o que responder-lhe. Tomei-lhe o gancho das mãos e enfeitei-lhe carinhosamente o cabelo. Ficava-lhe muito bem. Mesmo abatida pelo desgosto, Melody era bonita. A formosura ditara a sua perdição, ao despertar o amor de dois irmãos. Tudo o que eu temera acontecera e continuavam a suceder coisas terríveis que eu nunca imaginara possíveis. Neste momento, o regresso de Edwin parecia-me tão improvável como temível. Além de ficar com o coração despedaçado a sua natureza impulsiva faria com que se desgraçasse. Era melhor deixar as coisas como estavam.

Despertar para um novo dia, significava encarar Quinn, enfrentar Myrna, e mastigar uma revolta desmedida. Percebi que não tinha estômago para continuar a engolir o ar de cândida inocência da minha opressora. Quando Myrna começou a repreender-me por ter

permanecido no quarto, descurando as minhas obrigações, ripostei num tom gélido e cortante:

— Certamente compreende que eu não podia deixar a Melody sozinha. As indisposições são coisas terríveis. Mas é claro que sabe disso! Mesmo ontem, quando atendia ao sofrimento de Melody, eu ouvi o quanto a Menina Myrna estava indisposta. Felizmente, o meu irmão Quinn já estava a socorrê-la, por isso, a minha intervenção não foi necessária.

Pensei que a tirana fosse corar ou ficasse lívida. Tinha forçosamente de sofrer um sobressalto, fosse ele de que espécie fosse. Mas a sua expressão não acusou abalo. Pelo contrário, abriu-se num sorriso, como se o fato de eu saber o seu sórdido segredo a enchesse de satisfação. Perguntei-me que idade teria. Parecia mais velha do que Melody... Nos seus olhos transpareciam centenas de anos de sabedoria e maldade. Era óbvio que tinha idade para casar-se... Mas não se guardara para o marido! Estaria a pensar desposar Quinn? Fora por isso que acedera a tutelar-me? Como era possível que os meus pais não vissem que ela não prestava? Viera não se sabe de onde, a coberto da proteção do detestável Conde, que as más-línguas diziam ser seu amante. E agora era amante do meu irmão! Acalentar esta cobra no nosso ninho era desafiar uma desgraça!

Então, Myrna respondeu à minha provocação, numa voz vibrante que soou como uma chicotada:

— Vejo que perdeste o teu gancho novo. Que pena! Era uma prenda tão bonita! O teu irmão Edwin ficará desapontado... — Fez uma pausa, gozando o espetáculo das cores fugindo do meu rosto. — Ou talvez não! Estou agora a lembrarme de que vi o teu gancho no cabelo da Melody. A tua oferta foi muito generosa! De qualquer modo, sendo uma prenda do Edwin, é no cabelo da sua amada que o gancho deve ficar! É pena que o Aled não esteja aqui para apreciar o novo enfeite da esposa e a sua felicidade, causada pelas atenções daqueles que tanto ama!

— Não se atreva! — gritei sobressaltada. — Não permitirei que envenene o meu irmão com os seus delírios...

— Que delírios, menina? — continuou ela impassível. — Vais negar que o gancho foi um presente do Edwin?

— E como pode saber isso?

Myrna riu-se; uma gargalhada tão fresca e cristalina que me gelou por dentro.

— É fácil, minha querida! Já viajei um pouco e sei que esse gancho veio de longe, por mar. É o trabalho perfeito de um artesão habilidoso, que empregou muito tempo e amor na sua concepção...

— Fez nova pausa, deliciando-se com o meu terror quando me segurou a mão e fez deslizar a pulseira de Tristan para os seus dedos, sem nenhuma dificuldade. — Mas não tanto amor como o que está aqui! Isto sim, é um testemunho de paixão! Dá gosto usá-la! É suave como seda... — Antes que eu pudesse esboçar qualquer movimento de protesto, já ela enfiara a pulseira no seu braço. — Fica-me bem! Talvez um dia me ofereças, como prova da tua amizade, quando reconheceres que apenas desejo a tua felicidade, Catelyn. Até lá, usa-a com cuidado. O teu pai ficaria muito desapontado se soubesse que aceitas presentes de um marinheiro; mesmo um marinheiro tão habilidoso e belo como o teu protegido!

Um último sorriso venenoso, um último olhar de brilhante desafio, um arrastar de saias e um manto de cabelos vermelhos desaparecendo no corredor...

Myrna vencera mais uma vez! Provara que podia silenciar-me, manipular-me, controlar-me, sem que eu ripostasse. Se a denunciasse, ela tinha armas suficientes para colocar a minha família numa situação ainda pior. Que espécie de criatura perversa era esta? Como podia saber tanta coisa? Só Melody tomara conhecimento do meu encontro com Tristan e ela nunca me trairia. Estaria a trair-se a si própria se o fizesse! E eu nada falara sobre o que Tristan me confessara gaguejando, com os olhos a brilhar e as mãos a tremer. Como podia aquela mulher adivinhar os seus sentimentos, se nem sequer o conhecia?

Onde estás Berchan? — perguntei mentalmente, sem me atrever a abrir os lábios, não fossem as paredes denunciar os meus segredos a Myrna. — *Onde estás, mano? Preciso de ti... Preciso desesperadamente de ti!*

A estação quente aproximava-se em passadas largas, e, enquanto picava os dedos na agulha e via os jardineiros, instruídos por Lorde Garrick, a semear flores nos canteiros onde outrora a minha mãe plantara ervas curativas, recordei com saudade os momentos de despreocupada alegria que vivera com os meus irmãos. Tanta coisa mudara... para pior!

A saúde da Senhora Edwina degradava-se a cada instante, até recearmos que já não houvesse força ou remédio que pudesse restabelecê-la. Myrna passava muito tempo junto dela, velando o seu sono e cuidando da minha irmã. Sempre que eu tentava aproximar-me, enxotava-me sem piedade. Passavam-se dias sem que eu recebesse autorização para visitá-las.

Bretta também se queixava da presença constante e inoportuna da hóspede. Até ela, que fora companheira da Senhora Edwina desde o seu nascimento, se surpreendia excluída, com o conhecimento e consentimento de Lorde Garrick. Aos poucos, Myrna introduzia-se nas nossas vidas e tomava posse de tudo. O senhor da Floresta Sagrada nem hesitava perante um pedido seu. A palavra de Myrna tornava-se lei. Os criados temiam-na tanto que nem se atreviam a contestar-lhe a autoridade. Deveria ser Melody a dirigir a casa, mas a esposa de Aled não tinha oportunidade de abrir a boca. Eu sabia que também ela morria de medo da mulher de cabelos vermelhos e sorriso sedutor.

Depois daquela noite acidentada, Aled procurou a esposa e a amizade que os unia salvou o que eu já dava como perdido. Do descontrolo do meu irmão resultara uma gravidez, que foi recebida com alegria e emoção por todos, mesmo por Melody. Percebi que, agora, a minha cunhada se esforçava e consentia nos carinhos do marido, o que parecia suficiente para restaurar o equilíbrio emocional de ambos.

Nos dias que corriam, raramente via os gêmeos, principalmente Quinn, que se ausentava muitas vezes para que Aled ficasse perto da esposa. A sua relação com Myrna parecia ter gelado. Mas não por sua vontade! Sempre que estava em casa, o meu irmão tentava a todo o custo aproximar-se da convidada. Porém, ela tratava-o com

indiferença, com frieza, quase com desprezo... E eu não acreditava que fosse por receio das minhas retaliações.

Apesar de ter prometido que regressaria para visitar-me, o Conde de Goldheart não mais dera notícias. E eu não me cansava de agradecer pela sua ausência! Com um pouco de sorte, talvez encontrasse uma vítima mais apelativa e me esquecesse.

Certa manhã ensolarada, Stefan apareceu de surpresa e resgatou-me da costura. Quinn esperava-nos no jardim e depressa descobri que planeavam uma surpresa.

— Está um lindo dia para um mergulho, não concordas?

Fiquei tão feliz, que nem consegui responder. Enquanto corríamos por entre as árvores, todos os problemas desapareceram. Mas as surpresas estavam longe de terminar. Junto do lago, duas figuras altas e tostadas pelo sol aguardavam-nos. O meu coração transbordou de alegria no momento em que lancei os braços em redor do pescoço do meu querido irmão Edwin, debaixo do olhar emocionado de Tristan. A água passava por nós, enquanto ressuscitávamos as acaloradas brincadeiras do passado. Éramos, de novo, crianças e, se eu ignorasse as ausências de Aled na água e de Berchan sentado na Pedra dos Sábios, podia fantasiar que tudo estava bem.

Quando o cansaço venceu, sentamo-nos na margem a conversar. Aos poucos, ia percebendo o quanto os anos nos tinham alterado. Já não achava Stefan e Quinn tão parecidos como antigamente. Quinn desenvolvera-se mais do que o irmão gêmeo, mas o seu olhar estava desprovido de brilho, como se na sua alma habitasse apenas um imenso vazio. Já Stefan era uma fonte inesgotável de alegria e carinho para todos nós. Quanto a Edwin, eu recordava as palavras de Berchan de cada vez que o mirava. E demorei bastante tempo a mirá-lo!

Edwin tornara-se mais homem do que Aled. O seu corpo alto tinha todos os músculos desenvolvidos, e a pele dourada estava enfeitada com intrincados desenhos, nas costas e nos braços. Explicou-me o significado de cada um e desafiou-me a imitá-lo, num futuro que sabíamos impossível. Os seus cabelos compridos eram uma cascata de tranças minúsculas. Das orelhas pendiam-lhe duas argolas de

ouro, como as de Tristan. Só o seu sorriso franco e o olhar cintilante se mantinham inalterados. Imaginei o que Melody pensaria se o visse agora.

— Onde está o gancho que eu te dei, Cat? — perguntou a dada altura. — Não me digas que já o perdeste, rapariga endiabrada!

Eu sempre fora defensora da verdade a qualquer custo e não pretendia mudar de atitude. Stefan e Quinn falavam com Tristan, distraídos da nossa conversa, o que me permitia responder-lhe abertamente:

— Ofereci-o à Melody. Ela passou por grandes dificuldades, depois que partiste. O gancho ajudou-a a superar a tristeza e a recuperar o equilíbrio.

O semblante de Edwin enevoou-se. A mudança foi tão drástica, que temi que aquele amor jamais deixasse de assombrá-lo, qual maldição.

— Como está ela, Cat? — inquiriu com a voz embargada. — Feliz?

Chegara o momento de dizer-lhe que Aled e Melody se haviam entendido e esperavam o primeiro filho, mas faltou-me a coragem. Afinal, a verdade a qualquer custo não era tão fácil como eu desejava.

— Está resignada — respondi cautelosamente. — Parece que finalmente, o Aled conquistou um lugar no seu coração.

— Então, não é prudente que eu apareça na casa — ripostou, mais para si próprio do que para mim. — Mas gostava de ver a mãe... o Stefan contou-me que ela está muito doente.

Confirmei com um nó na garganta:

— É verdade. E só a protegida do Conde de Goldheart, que está hospedada na nossa casa, tem permissão para cuidar dela.

A testa de Edwin franziu-se ainda mais.

— O Tristan contou-me sobre a intenção do pai de casar-te com esse homem. Só pode ter enlouquecido! Como se não bastasse ser muito mais velho do que tu, Goldheart é um mercenário sem escrúpulos. Não permitirei que te negociem como se fosses um saco de farinha! Se chegarmos a extremos, virei buscar-te e levar-te-ei comigo para o mar.

De cada vez que ouvia falar de Oliver, o meu pavor aumentava. Se o Conde era tão perigoso, como podia ter ganho a confiança de Lorde Garrick? E o que tinha eu de especial para receber a sua preferência? Fiz essa pergunta a Edwin, que me elucidou prontamente:

— O Conde tem a proteção da coroa, mas negocia por conta própria. O seu poderio reproduz-se como uma gigantesca erva daninha. O único sítio do reino onde ainda não conseguiu impor a sua marca é exatamente aqui, por isso, tu és tão importante. A sua ambição é desmedida e não olha a meios para atingir os fins. Acredito que muitos massacres que foram atribuídos aos Nórdicos, durante a estação fria, tiveram a sua mão. Os Vikings não se aventuram para fora das suas terras durante o Inverno, e o modo de ação de Goldheart não é diferente. Ataca, pilha e mata, sem deixar testemunhas da sua selvajaria. Em negócios abertos, age em nome da coroa, mas o rei está longe e ele pode ficar com o proveito sem objeções...

Os outros solicitaram a atenção de Edwin, para que lhes falasse das fabulosas aventuras vividas no mar. Eu permaneci em silêncio, sobressaltada pelas revelações aterradoras. Seria Oliver realmente capaz de matar mulheres e crianças? Se recordasse o homem distinto e educado, que circulara pela festa como se fosse o senhor do mundo, era impossível conceber tal atrocidade. Mas eu ouvira a rudeza com que se exprimira quando fora provocado e vira o brilho metálico do seu olhar. Não duvidava do julgamento do meu irmão.

Estremeci de medo. Era impossível que o meu pai desconhecesse a ferocidade do homem a quem pretendia entregar-me. E isso significava que não era melhor do que ele! Pensei que não conhecia Lorde Garrick e que jamais conseguiria entendê-lo. Valiam-me os meus irmãos. Edwin nunca faltava com a palavra, e a sua promessa dava-me confiança para enfrentar a terrível ameaça que me torturava o espírito.

Voltamos para dentro de água e para as brincadeiras aguerridas. Dei por mim a admirar Tristan. Não era tão alto como Edwin, mas igualmente forte. O cabelo negro soltara-se do rabo-de-cavalo e caía-lhe em farripas sobre o rosto. Deixara crescer as patilhas, que o

faziam parecer mais velho e intrépido. A sua barba era um fio aparado em redor dos lábios e do queixo. A pele bronzeada também estava tatuada. Desenhara nas costas uma criatura de corpo longo, repleto de escamas e garras, com uma cabeça grande e medonha. Era um animal estranho, semelhante a uma cobra sem o ser. Percebendo a minha curiosidade, explicou-me que se tratava de uma serpente marinha, igual às que, de acordo com as histórias dos marinheiros, afundavam os barcos e devoravam os homens. Não entendi por que Tristan desejava carregar na pele um monstro tão horrendo.

— É um truque — explicou-me. — Se mantiver os meus receios controlados, poderei enfrentá-los com serenidade. Desde que a serpente me acompanha que eu não temo o mar.

Só então reparei na tatuagem que lhe adornava o peito, mesmo sobre o coração. À primeira vista, parecia um emaranhado de folhas e ramos, mas, quando se prestava atenção, verificava-se que eram três letras: C-A-T... O meu nome! Senti o rosto enrubescer ao adivinhar o significado do desenho. Ele observou o meu sobressalto e ergueu uma sobrancelha interrogativamente. Fui forçada a justificar-me:

— Tens... o meu nome... no teu peito...

A cada palavra ficava mais embaraçada. Tristan prendeu-me o olhar, antes de replicar:

— Há muito que te guardo dentro do meu coração, Cat. E está a chegar o momento de declará-lo ao mundo.

Os meus irmãos encontravam-se suficientemente afastados para não nos escutarem. As minhas faces palpitavam, em fogo, quando correspondi ao seu sorriso. Tristan segurou-me na mão, acariciando a pulseira entre os dedos.

— Não a tiraste — murmurou num tom que exprimia alívio e satisfação. — Atrevime a sonhar que a usarias... Mas não podia ter a certeza.

— Não te prometi que a usaria sempre?

Os seus olhos encheram-se de luz, enquanto a respiração se estrangulava.

— Prometeste...

Os dedos fortes deslizaram da madeira e tocaram-me na pele, provocando um arrepio quente. As suas mãos envolveram as minhas e ergueram-nas ao encontro dos lábios. Sustive o seu olhar a custo, com o coração a martelar no peito, consciente de que nada voltaria a ser igual depois deste beijo. Tristan já não pensava em mim como uma criança, e eu já não o via como um irmão. Eram os lábios de um homem que me aflagavam a mão e o meu corpo reagia de forma estranha, mas agradável. Eu ainda era uma menina, mas também já era uma mulher. Desejei acariciar-lhe o rosto, mas sabia que o meu gesto não seria inocente como antigamente.

— Tristan...

— Tira as mãos de cima dela!

O berro estridente rasgou o ar, e o safanão violento que o acompanhou quase provocou a minha queda. Levei algum tempo para compreender que flagelo profanara a harmonia do meu mundo. A água agitava-se e os pássaros abandonavam as copas das árvores, gritando assustados. Tristan caíra, prostrado com a violência do soco. Parado, diante dele, com o rosto transfigurado pela raiva, os punhos cerrados e o corpo a tremer de nervosismo, estava Aled.

Ouvi os outros rapazes bradando apelos de calma e reconciliação. Aled encarou-me e rugiu:

— Olha para ti, nesses trajés! Não tens vergonha? Veste a roupa, Catelyn! Como foste capaz de te despir na presença de estranhos?

A estupefação paralisava-me. Edwin agarrou no braço de Tristan que, entretanto se levantara, e forçou-o a aquietar-se, enquanto indagava:

— O que se passa contigo, Aled? O teu irmão já é um estranho, para ti? A Cat não estava a fazer nada de mal...

— Não? — cortou Aled agressivamente. — Tu podes ser nosso irmão, mas ele não é! — Apontou um dedo acusador a Tristan. — Estavas tão cego, que não o viste beijá-la?

O rosto moreno de Tristan corou de ira, e os seus olhos chamejaram como fogo, mas a mão de Edwin manteve-se firme no braço do amigo, impedindo-o de reagir, enquanto replicava:

— O Tristan pode não ser nosso irmão de sangue, mas é nosso irmão de criação. Jamais faltaria com o respeito à Cat! O beijo que

Ihe deu nada teve de inconveniente!

— Ele estava a devorá-la com os olhos! — retorquiu Aled, com a cabeça perdida.

Quinn já estava ao seu lado, esforçando-se por acalmá-lo. Stefan também interferiu, colocando-se no centro do conflito e apelando à razão:

— Não deixes a raiva cegar-te, Aled. Nós crescemos juntos. Não existe maldade entre nós! O que presenciaste foi uma simples demonstração de afeto.

— Eu jamais desrespeitaria a Cat! — acrescentou Tristan num tom baixo e perigoso.

— Vais negar o que eu vi? — Aled investiu, e tanto Quinn como Stefan tiveram de segurá-lo. — Conheço bem o olhar de um homem que deseja uma mulher! E parem de falar da Catelyn como se fosse uma criança. Ela já é uma mulher! Uma mulher comprometida! — Voltou-se para mim, e li o ressentimento no seu olhar. — O que é que ainda estás a fazer aí? Vai cobrir o corpo! Será que já não existe uma réstia de decência nesta família?

— Não admito que fales assim com a Cat!

O grito de Tristan sacudiu-me. Saí da água aos tropeções, buscando o vestido. Nas minhas costas a discussão continuava:

— E quem és tu para admitir seja o que for?

— Parem com isso...

— Por que não ages como um homem e dizes o que tens para dizer?

— Eu não permitirei que ameaces a honra da minha irmã!

— Rapazes, por favor...

— Honra? Não me faças rir! Tu não tens a menor ideia do que isso é!

— Tem cobro na língua, rapazote!

— É com honra que vendes a tua irmã a um mercenário?

— Chega!

Enfiei o vestido sobre a combinação encharcada, a tempo de ver Aled tentar agredir Tristan. Os gêmeos conseguiram segurar-lhe o corpo, mas não a ira.

— Como te atreves a falar-me desta maneira? Desaparece imediatamente das minhas terras ou mandar-te ei abater como um cão vadio!

Edwin prendeu Tristan fortemente nos braços e objetou com ferocidade:

— Estas terras não são tuas, Aled! São de todos nós, enquanto o pai viver! E o Tristan é meu convidado, na minha casa, e será tratado como tal! O ódio e o rancor podem ter-te feito esquecer quem és, irmão, mas não permitirei que destruas as vidas dos que amo!

Aled estrebuchou para repelir os gêmeos, agitando os punhos na direção de Edwin.

— Maldito! Malditos sejam os dois! Por que voltaram? Para destruir esta terra, esta casa? Porquê, Edwin? Não basta todo o mal que já fizeste? Não és bem-vindo aqui...

O berro de Edwin gelou-me o sangue. Ninguém conseguiu segurá-lo quando arremeteu contra Aled. Caíram na margem do lago e rolaram pela terra molhada, recolhendo a matéria morta e a lama nos corpos e nas roupas. Os outros tentaram intervir, mas fui eu que cheguei primeiro.

— Parem! — gritei, magoada e enraivecida. — Parem já, antes que se magoem! Nós somos irmãos!

Stefan segurou-me pelos ombros, afastando-me da briga tempestuosa. Por fim, Edwin conseguiu imobilizar Aled e vomitou a sua indignação:

— Eu deixei tudo o que amava para que tu pudesses ser feliz; para que a nossa casa não caísse em desgraça; para que esta terra pudesse prosperar! E tu o que fizeste, Aled? Tu, que sempre foste o melhor de todos nós, comportaste-te como um tirano e vendeste a alma. Eu vivo a vida que me é permitida e coro de embaraço perante as coisas que tu tens feito.

— Basta, Edwin! — trovejou Stefan, com tal ímpeto, que prendeu todas as atenções. — Levantem-se! Não ouviram a Cat? Nós somos irmãos! Somos seis... mas somos um só!

Senti a garganta estrangulada. Se fechasse os olhos, podia ver Berchan observando-nos reprovadoramente. O que faltava para

desgraçar por completo a nossa família era uma guerra entre irmãos. E eu não era a única a percebê-lo. Devagar, Edwin levantou-se e estendeu a mão a Aled. Apesar de hesitar, o mais velho acabou por aceitar a trégua e ergueu-se com a ajuda do irmão. Enquanto isso, Stefan continuava:

— A nossa mãe está doente, a morrer. Ficaré feliz por ver os filhos unidos, talvez pela última vez. As nossas divergências devem ser resolvidas pelo diálogo e não pela força. Não vamos fazer ou dizer algo irremediável. Todos nós carregamos feridas abertas que só o tempo sarará. Tentemos não cometer mais erros!

Aled e Edwin entreolharam-se e tive esperança de que se abraçassem. Porém, o tempo passou e o momento perdeu-se. Orgulhoso, Aled empinou o nariz e exclamou roucamente:

— O Stefan tem razão! As nossas divergências serão resolvidas noutra ocasião. A mãe ficará muito feliz com a tua visita. Vem para casa...

O olhar de provocação com que fulminou Tristan deixou claro que, no que lhe dizia respeito, a sua opinião era irreduzível. Sem se intimidar, Edwin revidou:

— O Tristan virá conosco! A nossa casa também é a casa dele!

Até agora, Aled fora o líder. O mais velho decidia e nós obedecíamos. Essa era a regra! Ver Edwin insurgir-se contra as suas decisões, mesmo que por uma boa causa, fazia-me estremecer. Pensei que o parco equilíbrio, que tinham construído a custo, fora destruído. Aled cerrou os punhos e preparou-se para contestar, mas Tristan antecipou-se:

— Agradeço-te, Edwin, mas não irei! A casa dos McGraw já não é a minha casa! Tal como o Aled tão bem referiu, eu não sou vosso irmão.

Levantou-se um silêncio sepulcral que Edwin quebrou ao ripostar:

— O teu pai está certamente ansioso por reverte...

— O meu pai poderá visitar-me no barco, se assim o entender — interrompeu Tristan, com uma firmeza inabalável. — É lá que é a minha casa. — Cumprimentou-me e aos gêmeos com um aceno de cabeça. — Gostei de revê-los, amigos. Desejo-vos o melhor, do fundo do coração!

E, sem mais uma palavra, desapareceu na floresta.

Edwin chegou a casa com a cabeça erguida e o desafio no olhar.

Senti um aperto no peito ao ver o pai de Tristan surgir a correr. Quando percebeu que o filho não nos acompanhava, o corpo alto e robusto do nosso chefe da guarda contraiu-se e os seus ombros vergaram-se sob o peso da idade. A saudade doía-lhe com uma intensidade impossível de expressar.

Bretta e as outras mulheres vieram receber Edwin com sorrisos e lágrimas de alegria. Os homens cumprimentaram-no com abraços afetuosos e congratularam-se com o seu regresso. Edwin deixara muitas saudades. Ninguém sabia a razão por que partira, embora alguns desconfiassem. Porém, as opiniões pessoais eram mantidas em silêncio. Não havia lugar para mexericos debaixo do teto de Lorde Garrick McGraw.

Uma figura imponente preencheu a porta de entrada. Sustive a respiração ao ver o meu pai, incapaz de antecipar a sua reação. O pai que eu conhecera um dia, abria os braços e receberia o filho com lágrimas de emoção e palavras de perdão. O Lorde Garrick que estava diante de mim era homem para ordenar aos guardas que expulsassem Edwin da sua propriedade, como se este fosse um marginal. O silêncio ergueu-se à nossa volta, enquanto todos aguardavam uma decisão. Então, o senhor da Floresta Sagrada fez o impensável: Entrou na casa, voltando as costas ao filho como se ele não existisse.

Stefan enfiou o braço no de Edwin encorajando-o a entrar. Aled ficou no exterior. Pelo canto do olho, vi que Quinn se abeirava dele. Sem hesitar, segui os outros, tentando não pensar que, com este gesto simples e inocente, acabara de escolher um dos lados da contenda.

Lorde Garrick desaparecera. Stefan guiou Edwin até ao quarto da nossa mãe, e eu continuei atrás deles, sem saber por que os seguia. Percebi-o finalmente quando entramos no quarto. Fora a mão previdente do destino que me forcara a acompanhá-los. Além da minha mãe, Fiona e Myrna, também Melody se encontrava presente.

Stefan tomou a iniciativa. Sorridente, anunciou o irmão como uma boa surpresa. Eu não fui capaz de observar a alegria e o entusiasmo da minha mãe. Toda a minha atenção estava concentrada em Melody. A minha amiga ficou inerte, lívida, gelada pelo choque. Temi que desmaiasse e pusesse em perigo a vida do filho que carregava no ventre. Apressei-me a ampará-la e, só então, vi a expressão agoniada de Edwin.

Devíamos ter-lhe contado que Melody estava grávida. Pelo menos, eu deveria tê-lo feito! Agora, nada havia a fazer! Todos os sentimentos se misturavam no olhar do meu irmão, sem que os conseguisse dominar ou disfarçar: amor, ódio, choque, raiva, desencanto, desespero... a compreensão de que, não importava o que acontecesse, para os dois era demasiado tarde.

— Então, o senhor é o famoso Edwin McGraw? — A voz de Myrna, sempre tão afinada, soou surpreendentemente estridente e aberrante, como uma música fora de tom. — Seja bem-vindo! Mas que felicidade conhecê-lo...

— Deixem-me sozinha com o meu filho!

Ao apelo da minha mãe, Stefan apressou-se a segurar Fiona ao colo, enquanto eu ajudava Melody a recuperar a compostura. Pé ante pé, ela arrastou-se até à porta. Edwin não se movera, e o confronto era inevitável. Melody tremia tanto, que eu mal a sustinha. Talvez Edwin tivesse percebido, pois forçou-se a enfrentá-la com firmeza, denunciando aos meus olhos muitos ensaios para este momento.

— Olá, Melody. Folgo em ver que estás bem... muito bem! Parabéns! Eu não sabia... — Engoliu em seco. O sacrifício era grande demais até para um homem de tão sólida vontade. — Se não nos tornarmos a encontrar antes do nascimento do teu bebê, desejo de todo o coração muita saúde e sorte para o meu sobrinho.

Eu estava tão emocionada e trêmula como eles. Desejava gritar, possuída por uma raiva enlouquecedora, contra a injustiça do destino e a pouca sorte de ambos.

— Obrigada, Edwin...

Senti uma imensa admiração por Melody. Dentro da sua dor, ela conseguia arranjar força para reagir com dignidade e elegância. Era,

sem sombra de dúvida, uma mulher muito especial. O mesmo não se podia dizer da cobra venenosa que agitava a língua do lado oposto do quarto. Myrna argumentava com a minha mãe, recusando-se a deixá-la sozinha com o filho. As emoções não lhe fariam bem, justificava. Precisava de alguém forte do seu lado para apoiá-la.

Edwin avançou dois passos, e a sua voz chicoteou o ar:

— Parece que não escutou a minha mãe, senhora! Faça o favor de deixar-nos sós!

Pela primeira vez, vi a postura altiva de Myrna suster-se por um fio. Os seios redondos e volumosos quase rebentavam o decote, impelidos pelo fulgor da respiração descompassada. Flutuou até Edwin e fixou nele o olhar brilhante, retorquindo num tom estranhamente inseguro:

— Não há necessidade de ser rude, senhor! Eu só pretendo ajudar...

— É do meu conhecimento o quanto tem ajudado, senhora...

— Menina, por favor!

Seria a grande preocupação de Myrna deixar claro perante Edwin que era uma donzela e não uma mulher? Se a situação não fosse tão grave, eu teria sucumbido às gargalhadas. Ver a pérfida sedutora tremer diante de um homem era uma novidade. Principalmente, alguém como Edwin, que mais parecia um selvagem do que um herdeiro de Garrick McGraw.

O meu irmão sacudiu os ombros, completamente alheado da comoção que provocava. Mal recuperara do choque de encontrar Melody grávida e já sofria outro abalo, ao aperceber-se da condição débil da nossa mãe.

— Importa-se, então, de sair, menina? — frisou a palavra com uma impaciência gélida.

O rosto da víbora estava escarlate. Pensei que ela ainda se atreveria a ripostar. Porém, dona de um controlo invejável, ergueu a cabeça dignamente, levantou as saias, talvez mais do que necessário, e passou diante de nós, desaparecendo no corredor. Eu fechei a porta e levei Melody para o meu quarto. Assim que ficamos

sós, ela esmoreceu e tombou-me nos braços, entregando-se a um choro convulsivo.

Aled não tardou a mandar-me chamar. Prisioneira da sua autoridade, escutei todas as razões por que não devia dar ouvidos às más-línguas que falavam contra o Conde de Goldheart e por que devia manter-me afastada de Edwin e Tristan. Com os olhos em chamas, Aled não teve pejo em insinuar que o irmão embarcara numa aventura perigosa, que o levava por caminhos menos corretos. Aparentemente, Lorde Garrick nem sequer colocava a hipótese de perdoar ao filho. Edwin escolhera o seu destino e afastara-se da terra, da casa e da família... sem hipótese de retorno.

— O que eu fiz foi para proteger-te — concluiu. — Caso não tenhas percebido, já não és uma criança! Não é correto que te exponhas daquela maneira!

Apertei os dentes com força, enquanto a língua batia em desespero no céu da boca, decidida a vomitar toda a espécie de injúrias. Tinha de conter-me... Tinha...

— Por que mudaste tanto, Aled? — Ouvi-me desabafar. — Cada dia estás mais arrogante, prepotente; vêes maldade em tudo! Por que não confias...?

— Confiar? — atalhou ele friamente, começando a mover-se como uma fera aprisionada. — Confiar em quem? Toda a vida me esforcei por agradar, por corresponder às expectativas de todos, por superar-me a mim próprio, ser perfeito... O Edwin nunca precisou de esforçar-se por coisa nenhuma! Nunca teve de provar nada! Havia sempre uma desculpa para a sua irresponsabilidade, para os seus fracassos. Sempre fez o que quis e conseguiu o que pretendia, até que o pai decidiu que seria eu a desposar a Melody e não ele! — Parou diante de mim e trespassou-me com um olhar tão intenso, que me queimou. — Nesse dia, o Edwin revelou o seu verdadeiro carácter! Em vez de enfrentar a situação como um homem, fugiu como um covarde. E, nesse momento tão difícil da minha vida, todos ficaram do seu lado. Até tu, Cat! E agora pedes-me que confie? Devo confiar nos irmãos que me voltaram as costas? Nos irmãos que me deixaram sozinho e amargurado, lutando contra a rejeição e o desespero? — Abanou a cabeça negando. — Tens razão quando

dizes que mudei! Mudei sim! Deixei de ser um imbecil! E, quanto a ti, aconselho-te veementemente a rever essa irreverência. O interesse do Conde de Goldheart, além de uma excelente oportunidade, é uma grande honra. Não deites tudo a perder por causa dessa irresponsabilidade que te azeda o sangue. Não quero ser forçado a queixar-me do teu comportamento ao pai. Fui claro?

Não sei explicar o que senti. Decepção? Muita! Raiva... Angústia. Dor. Despeito.

— Já terminaste?

Algo no meu tom pareceu abalá-lo durante uma batida de coração; apenas uma. Depois, a sua expressão voltou a gelar e os ombros sacudiram-se monotonamente.

— Podes retirar-te. — Fez um gesto na direção da porta, dispensando-me. — Tenho a certeza de que estás ansiosa por ouvir as aventuras do grande herói... Histórias de traição e covardia, bem à medida do Edwin!

Voltou-me as costas e deu a conversa por encerrada. Eu não me quedei para argumentar ou protestar. Sentia-me injustiçada e revoltada. Entendia a sua dor, mas não lhe tolerava a arrogância e a intransigência. Afinal, que razões tinha Aled para guardar rancor a Edwin? Não ficara com a Melody? Não fora ele o vencedor?

Muito do que ouvi sobre as atividades do Edwin deixou-me apreensiva. Mas nada do que disse, ou fiz, o convenceu a contar-me o que realmente se passava. Todas as minhas súplicas conduziram apenas a uma promessa: não permitiria que moldassem o meu destino contra a minha vontade. Eu só tinha de ser forte e corajosa, a fim de dar-lhe o tempo de que necessitava para executar o seu plano.

Além de tudo o que era evidente, havia outro assunto que o incomodava: a nossa hóspede. O que tinha para revelar-me era intrigante e inquietante. Edwin tomara conhecimento da existência de Myrna através de Berchan. O nosso irmão pedira-lhe que investigasse a enigmática mulher de cabelos rubros, e o que Edwin começara por considerar uma tarefa fácil resultara num verdadeiro quebra-cabeças, num enigma sem par.

Quem era Myrna? Quem eram os seus pais? Que família era a sua? De onde viera? Ninguém sabia! Ninguém ouvira falar dela, até que o Conde de Goldheart a apresentara à corte como sua protegida. Não tinha idade para ser sua filha ilegítima. Podia ser sua amante... Podia... Mas o fato é que nada se provava, e não existia uma alma no mundo que conseguisse explicar coisa alguma relacionada com aquela mulher. Simplesmente tomara conta dos desígnios da caprichosa sociedade onde se movia, com as suas maneiras subtis e apaixonantes. Não havia um homem que pusesse os olhos nela e não a desejasse; que não movesse montanhas por um sorriso, por um instante da sua atenção. Myrna era um mistério; uma mulher muito perigosa, segundo Edwin. E estava debaixo do nosso teto, beneficiando da proteção do nosso pai, o homem mais poderoso da região.

Revelei-lhe que Myrna era amante de Quinn. Talvez pretendesse casar com o nosso irmão e assegurar um lugar na família...

Edwin quase gargalhou. A minha explicação era simplória. Se Myrna quisesse assegurar um lugar na família, certamente teria seduzido Aled, que era o primogênito e o herdeiro. Mas, até essa hipótese era irrealista. Se ela tinha possibilidade de conquistar um lugar na corte, casando-se com um membro da família real, talvez mesmo o príncipe herdeiro, por que se interessaria pela família McGraw? Não, essa não era a explicação para a sua presença na nossa casa. Mas, então, qual poderia ser? O que ganharia Myrna com a ridícula tarefa de preparar-me para casar com o seu tutor? Não era lógico que desperdiçasse a vida, enterrando-se na nossa modesta ilha, quando o mundo estava ao alcance das suas mãos!

— Mantém-te bem desperta e atenta, Cat. Não sabemos quem é essa mulher ou o que pretende, mas sabemos que é envolvente e perigosa. Torná-la numa adversária, numa inimiga, é muito imprudente. Deixa-a pensar que te tem controlada e observa-a com cuidado. Entretanto, eu voltarei às investigações. Deve existir alguém que saiba de onde veio essa criatura!

A conversa continuou com a revelação de que o nosso mestre de armas iria abandonar a casa, a terra, e juntar-se a Edwin e a Tristan na grande aventura que estavam a preparar. Eu imaginei o rude

golpe que tal representaria para Lorde Garrick. O pai de Tristan sempre fora seu homem de confiança. Todos os soldados dos McGraw tinham passado pelas suas mãos. Agora, talvez revoltado pela forma como o filho fora escorraçado, decidia com o coração e deixava para trás uma vida de devoção e uma obra admirável. E a culpa era toda do Aled!

Por que raio embirrara com o Tristan? Exprimi a minha revolta em voz alta, sem esperar uma resposta. Mas ela veio. E não era, de todo, a que eu imaginava:

— Ainda não percebeste, Cat? — Edwin agarrou-me na mão e deslizou os dedos pela pulseira de madeira. — Não sabes o quanto o Tristan te estima?

Sofri um sobressalto, e o ar escapou-se-me dos pulmões às golfadas.

— C... Claro! Ele gosta... Eu sou como uma irmã...

— Não, não és! — corrigiu ele pacientemente. — Há muito que deixaste de ser uma irmã para o Tristan e te transformaste em algo mais. Ele ama-te como um homem ama uma mulher, Cat.

Fiquei em silêncio, encarando uma realidade que estava diante dos meus olhos, que me fora sugerida pelo próprio Tristan, mas que eu ainda não tivera tempo de assimilar.

— Ele... — balbuciei desajeitadamente. — Ele disse isso?

— Não — continuou no mesmo tom complacente. — Mas eu sei o que é sofrer longe da mulher que se ama, e reconheço os mesmos sintomas no meu amigo do peito. Felizmente, para o Tristan ainda existe uma esperança... Eu já percebi que ele te agrada!

Pensei que o coração me iria rebentar nas faces. O meu corpo tremia tanto como a minha voz, quando murmurei, embaraçada mas ansiosa:

— Se isso for verdade... Não te incomoda... que o Tristan e eu...

— Edwin forçou um sorriso e puxou-me para um abraço apertado.

— É óbvio que não, tolinha! Pelo contrário, dar-me-á grande prazer ver a minha irmã adorada casada com o meu melhor amigo e tão feliz quanto uma mulher pode ser! Ainda és muito jovem... mas o Tristan saberá esperar. Quando o momento certo chegar, tenho a

certeza de que fará de ti uma rainha! Acredito que o vosso amor será para toda a vida.

Fez uma pausa e eu percebi que se preparava para abordar outro assunto grave.

— Quando estive na Aldeia dos Sábios, o Berchan incumbiu-me de pedir-te que lhe devolvas o livro que te confiou. Diz que é imprudente mantê-lo aqui em casa, com essa... Menina Myrna a rondar nas sombras. Que livro é esse, Cat?

Suspirei, resignada. Berchan tinha razão. Manter um livro tão especial ao alcance de Myrna era o mesmo que chegar o fogo à palha e esperar que não ardesse. Fui buscá-lo ao esconderijo e entreguei-o ao meu irmão, respondendo:

— É um manual de magia. De qualquer modo, não voltarei a precisar dele. Conheço cada palavra de cor. Tem cuidado!

Edwin assentiu com a cabeça e guardou-o dentro da sacola, sem sequer o abrir.

— Não te preocupes, Cat! Eu levo-o até ao Berchan em segurança.

Depois de muito revirar na cama, acabei por mentalizar-me que não conseguiria dormir. Fora um dia repleto de acontecimentos extremos e de emoções fortes.

Edwin insistira em que eu não guardasse rancor a Aled, explicando que o nosso irmão apenas quisera proteger-me, pois, também ele reconhecera o olhar apaixonado de Tristan. Escusei-me de justificar que a minha raiva não fora desencadeada pelo espírito protetor de Aled e sim pela percepção da adulteração da sua personalidade. Para Aled, o amor e a amizade já pouco significavam. O desencanto empurrara-o para uma cegueira profunda, que só distinguia a fome de poder, a sede de conquista, a ânsia pelo domínio de tudo e de todos. Tanto se esforçara por agradar a Lorde Garrick, que terminara contaminado pelas suas ideias.

Com o passar do tempo, o meu pensamento voou para paragens mais coloridas. Recordei Tristan e o que sentira quando ele me beijara a mão. Desejei vê-lo. Queria dizer-lhe que não esperaria em vão. Que a ideia de ser sua mulher me agradava. Mas o que podia

eu fazer? Não me atrevia a mandar semelhante recado por Edwin, e Tristan estava proibido de entrar nas nossas terras. Maldição! Quando voltaríamos a conversar? Dentro de meses? Dentro de anos?

Afogueada e confundida por mil e um sentimentos, levantei-me e fui até à varanda.

A noite estava linda! A lua cheia iluminava a terra, com tal intensidade, que mais parecia dia. O vento jazia adormecido em qualquer recanto da floresta, e as árvores não se mexiam. A minha visão apurada distinguiu um homem, certamente um soldado de vigia, fundindo-se nas sombras do bosque.

Inspirei o ar perfumado e desejei poder chamar os meus irmãos para apreciarem a noite comigo, como nos velhos tempos. E Tristan também. Ele treparia pela árvore com a agilidade de um felino e ficaria imóvel e sereno ao lado de Edwin. O braço de Aled estaria sobre os meus ombros, fazendo-me sentir protegida e feliz. Stefan e Quinn parariam as incessantes traquinices e quedar-se-iam em silêncio. Então, debaixo dos olhos brilhantes das estrelas, a voz de Berchan vibraria como a mais doce das melodias: *Nós somos seis... mas somos um só!*

Um movimento no jardim despertou-me do devaneio. Stefan costumava dizer que eu adquirira visão noturna, como alguns animais. E agora, graças a ela, via distintamente a figura elegante de uma mulher, esgueirando-se silenciosamente até à floresta. Por um instante de sobressalto, pensei que fosse Melody, buscando um encontro furtivo com Edwin. Contudo, a luz da Lua devolveu-me um reflexo vermelho como o fogo, fugidio mas real, denunciando a identidade da transgressora. Aquela mulher era Myrna!

Sem pensar duas vezes, desci pelo tronco da árvore e lancei-me em sua perseguição. A floresta não era carinhosa com aqueles que desconhecia. Myrna podia sair do caminho e perder-se, ou cair num buraco oculto pela vegetação, ou ainda ser atacada por um animal selvagem. Eu sabia que ela não era tola! Para se aventurar a entrar à socapa no bosque, a meio da noite, tinha de existir uma razão muito forte. Seria uma espia, prestes a entregar os segredos da nossa família ao inimigo? Que outra explicação haveria para tamanha imprudência? Fosse o que fosse, eu ia desmascará-la!

Pouco depois, ouvi o cântico do ribeiro. Estava próximo do sítio onde costumava reunir-me com os meus irmãos. Avancei com cautela, consciente dos ruídos selvagens e dos sussurros dissimulados das árvores, que pareciam aconselhar:

"Volta para trás, Cat! Torna a casa! Não avances mais! Não avances mais..."

Mas eu avancei, surda aos avisos, convicta de que ia descobrir a verdade sobre a mulher misteriosa que me infernizava a vida. Quando o seu terrível segredo estivesse em meu poder, usá-lo-ia sem hesitar para combatê-la. O meu pai não tardaria a expulsar da nossa casa aquela espia ordinária. E, conseqüentemente, o estado de graça do Conde também finaria e eu libertar-me-ia do odioso compromisso.

Então ouvia-a. Alternava o ronronar suave, que eu conhecia bem, com um rugido selvagem, qual fêmea possuída pelo cio. Myrna estava com um homem! Aproximei-me cautelosamente. Quem ousara invadir a nossa propriedade, só para possuir aquela mulher desprezível? O Conde? Talvez um dos vizinhos do meu pai...

Tapei a boca, evitando um grito a custo. Já os via perfeitamente. Estavam sobre a Pedra dos Sábios e, tamanha profanação do lugar que a minha infância tornara sagrado, deixou-me enojada. Myrna encontrava-se em cima do homem e a pele branca como leite refletia o luar. Os cabelos vermelhos tanto lhe cobriam o rosto, como eram atirados para trás, provocando uma chuva de fogo, revelando os volumosos seios nus que balançavam ao sabor das oscilações do seu corpo.

Fiquei paralisada, mal me atrevendo a respirar, trespassada pela visão aberrante. Não conseguia distinguir quem era o intruso, mas, pelos seus gemidos roucos, concluí que não era um garoto como Quinn. Era um homem maduro e experiente, que num ímpeto de intenso ardor, forçou Myrna a deitar-se e rolou sobre ela, domando-a com um poderoso impulso da sua masculinidade. Nesse instante, a Lua iluminou o rosto desfigurado pelo prazer. Gelei de horror, e o choque matou o grito que nascia na minha garganta. Tudo o que eu pudesse imaginar, nunca seria tão terrível como a imagem que me

vergastava o espírito. Pisquei os olhos. Não queria ver, não queria acreditar...

Quando um braço me rodeou e uma mão se colou aos meus lábios, nem tive força para reagir. Pelo canto do olho, vi o rosto de Stefan ao meu lado e depois uma densa névoa, que girava à nossa volta. O ar recusava-se a alimentar-me os pulmões, e o chão fugia-me debaixo dos pés. Sentime grata quando a Lua se apagou e a dor desapareceu.

Acordei no meu quarto. A janela estava fechada, e as cortinas, cerradas. As velas iluminavam o rosto pálido de Stefan e a preocupação estampada no seu olhar. No ar pairava o cheiro de ervas curativas. Percebendo que eu despertara, passou a mão pela minha testa numa carícia delicada, murmurando pesarosamente:

— Lamento não ter chegado a tempo de impedir que visses... — Então era verdade! Fechei os olhos e engoli as lágrimas. Chorar só me enfraqueceria o corpo e a mente. E eu precisava de ser forte, muito mais forte do que alguma vez imaginara. A minha vida estava destrocada. Já não acreditava que existisse algo puro, bom ou verdadeiro. Todos os meus sonhos de criança haviam-se despedaçado quando reconheci o homem que possuía Myrna, com a ferocidade de uma besta enraivecida. Como fora o meu pai capaz de tão vil traição? Como se prestara a um ato tão repugnante?

— Já sabias? — perguntei a custo, mantendo os olhos fechados, porque a cabeça ameaçava rebentar.

— Desconfiava — respondeu Stefan num tom sombrio. — Tinha de haver uma explicação para o poder de que essa mulher desfruta. Infelizmente, as minhas suspeitas confirmaram-se.

Abri os olhos. Stefan parecia ter envelhecido dez anos. Eu imaginava o efeito que esta descoberta hedionda tivera sobre ele. Como poderíamos encarar Lorde Garrick, depois do que víramos? E a nossa mãe? A Senhora Edwina estava tão doente, que tal revelação ser-lhe-ia fatal...

— A mãe não pode saber — começou o meu irmão, adivinhando-me os pensamentos. — Apesar do temperamento difícil do nosso pai, ela ama-o com devoção. Morreria de desgosto... — A sua voz

esvaía-se, à medida que a comoção vencia e a indignação o fustigava.

— Não sei o que essa mulher pretende, mas se julga que pode usurpar o lugar da nossa mãe...

Ficamos em silêncio, conscientes da nossa impotência. A Senhora Edwina estava doente, e Lorde Garrick decidira tomar uma mulher jovem e atraente para sua amante. Como enfrentá-los, sem provocar um escândalo que mataria a nossa mãe? E como reagiria Lorde Garrick quando percebesse que a sua perfídia fora descoberta? Uma coisa era certa: Se Stefan não se tivesse lançado no meu encalço, assim que me vira seguir os dois traidores, eu estaria num grande sarilho!

— O Quinn... — Lembrei-me subitamente. — Ele e a Myrna também...

Stefan ergueu uma sobrancelha, surpreendido pelo meu conhecimento.

— Sim, é verdade! O Quinn também se deixou enrolar na teia dessa criatura reles. Está tão enamorado, que temo que faça uma loucura...

— Temos de falar com o Aled e o Edwin imediatamente! — concluí, agoniada. — Os nossos irmãos saberão o que fazer!

Para minha surpresa, Stefan fechou os olhos e abanou a cabeça em negação, com a expressão desfigurada por um desgosto profundo.

— O Aled sabe o que se passa — ripostou com a voz toldada. — E suponho que não se importe! Tenho a certeza de que te será difícil entenderes o que vou dizer, mas, para os homens, é perfeitamente normal procurar uma mulher para satisfazer os prazeres da carne, se a esposa estiver doente ou incapacitada. Às vezes, até é natural que isso aconteça simplesmente porque se enfadaram da companheira. O que o nosso pai está a fazer, Cat, por mais horrendo que nos pareça, é encarado com naturalidade no mundo onde vivemos.

Eu jurara que não choraria, mas sentia as lágrimas a escorrerem pelas faces.

— Está bem! — retruquei, mastigando a frustração. — Eu já percebi que o Aled se aliou ao inimigo. Mas o Edwin continua do

nosso lado, importa-se conosco e com o nosso futuro! Temos de contar-lhe...

— O Edwin deverá ser o último a saber desta aleivosia! — cortou Stefan com uma vivacidade que me fez estremecer. — Cego pelo ódio, seria capaz de investir contra Lorde Garrick e provocar uma tragédia de sangue. Fiz-me entender, Cat?

Confirmei com a cabeça, tremendo ao imaginar Edwin matando o pai ou este matando o filho. Mais uma vez, Stefan tinha razão.

— E o Berchan? — insisti, sentindo-me subitamente desamparada.

— O Berchan tem muito com que se preocupar! Ventos agrestes irão fustigar brevemente a nossa terra. Ele previu-os há muito, e eu começo a sentir-lhes o cheiro. Se o nosso irmão não estiver preparado para enfrentá-los, estaremos completamente desprotegidos quando a tormenta rebentar. — Fez uma pausa, apertando as minhas mãos. — Temo que estejamos sozinhos, Cat! Não podemos contar com mais ninguém, nem confiar em mais ninguém!

Caí nos braços do meu irmão e entreguei-me a um choro desesperado, enquanto a fatalidade das suas palavras descia sobre mim como uma mortalha.

CAPÍTULO 6

Talvez por ter enfrentado a noite em camisa de dormir e descalça, ou devido à dor causada pela descoberta da traição do meu pai, ou ainda pela percepção de que o meu mundo perfeito estava a desmoronar-se... Havia inúmeras razões para o meu mal-estar, que se prolongou por muito tempo. Ardi em febre e cheguei a delirar.

Nos meus pesadelos revi vezes sem conta o modo como a bruxa roubara a alma de Fiona, aproximando-se com subtileza, colocando as mãos sobre o ventre da minha mãe e murmurando um feitiço. Via claramente o rosto encarquilhado pelo tempo, os olhos castanhos... de uma tonalidade rara, única, avermelhada como os poucos fios de cabelo que ainda mantinham a cor e se perdiam por entre a densa cabeleira branca. Mas havia mais...

Enquanto a nossa carroça se afastava, a bruxa esgueirava-se para o interior da floresta. De noite, longe dos olhos de qualquer criatura viva, lançava os braços à Lua e invocava uma maldade lóbrega. O seu corpo dobrava-se, como se acometido por uma dor dilacerante, e uma luminescência estranha brotava do seu âmago. Depois, tombava no chão, com um guincho capaz de rachar uma montanha. Eu mal tinha tempo de me regozijar com a sua miséria, e já a criatura imunda se movia lentamente, ressuscitando para uma nova vida. Os andrajos afastavam-se, revelando uma longa cabeleira cor de fogo, que umas mãos finas e delicadas se apressavam a desviar do rosto. Diante dos meus olhos, resplandecendo de juventude e beleza, com o corpo voluptuoso mal coberto pelas roupas esfarrapadas, surgia a Menina Myrna.

Este sonho aterrador perseguiu-me, noite após noite, dia após dia.

Eu tinha consciência das pessoas ao meu lado, mas estava incapaz de falar, como se a língua me tivesse sido arrancada. Sentia as mãos carinhosas e preocupadas de Stefan sobre a minha testa, as mãos

trêmulas de Quinn acariciando-me as faces e as de Melody envolvendo as minhas, enquanto o seu choro baixo e aflito sufocava o crepitar do fogo na lareira. Percebia a presença nervosa de Aled, a figura indiferente do meu pai, o cuidado constante e meigo de Bretta... E sentia a sombra dela...

Vinha de noite, quando eu me encontrava sozinha, ou aqueles que velavam o meu tormento cediam ao cansaço. Esgueirava-se, silenciosa e pérfida como a morte, abeirava-se e tocava-me com as mãos imundas.

— Morre, maldita! — ouvia-a murmurar. — Por que é que não morres?

As garras geladas como a mais cruel das noites de Inverno, cercavam a pedra azul que repousava sobre o meu peito; tentavam desfazer o nó do fio e rebentá-lo, em vão. Chegou ao cúmulo de esforçar-se por arrancar-me pela cabeça, mas o cordão revelou-se estranhamente curto e indissociável do meu ser.

— Tens de morrer! Morre! Morre, miserável! Morre!

Invadida pela sensação alucinante de viver fora do corpo, observei Myrna a estrangular-me com o meu próprio amuleto. A menina que arfava, desesperada por ar, não era eu. Eu era superior a qualquer necessidade ou fraqueza humana. Myrna não podia tocar-me.

Subitamente, a pedra de Aranwen começou a brilhar, com um esplendor tão intenso que iluminou a penumbra do quarto. Compreendi que essa luz provinha de mim e que a pedra era uma mera executora da minha vontade. Concentrei toda a força, toda a raiva nessa manifestação. Antes que Myrna pudesse reagir, o clarão azul envolveu-lhe as mãos e subiu-lhe pelos braços, provocando-lhe um esgar de dor. Desejei manter a energia concentrada na pedra mágica, mas a força esvaía-se rapidamente de mim. Já não me sentia poderosa e eufórica, como de início. Voltara a ser uma menina doente e débil, prostrada pelo sofrimento e pelo desencanto.

Com um safanão brusco, Myrna libertou-se do meu domínio e cambaleou, olhando para as mãos, incrédula e com os olhos cheios de lágrimas. A sua carne estava queimada. Era incrível como não soltara um único gemido. Ergueu-se e olhou diretamente para o lugar onde o meu espírito se encontrava, ignorando o corpo deitado

na cama. Enfrentou-me de punhos cerrados e dardejou-me com o ódio que lhe ardia no peito. Os seus lábios moveram-se sem emitirem um som, mas a voz berrou dentro da minha mente:

"Como te atreves, vil aberração? Vais arrepender-te amargamente de me teres desafiado! Irei quebrar o teu espírito e destruir aqueles que amas, um a um! Um dia, desejarás morrer! Um dia, suplicarás que te liberte dessa vida miserável! Prepara-te para sofrer, porque, até agora, eu só estive a brincar!"

A escuridão sobrepôs-se à consciência durante bastante tempo, e a névoa só se dissipou quando um apelo me envolveu como um bálsamo curativo:

— Acorda, Cat... Tens de reagir! Precisamos de ti. Precisamos da tua força! Desperta, minha querida...

Berchan estava no meu quarto! Essa percepção deixou-me em pânico. Se o meu irmão regressara, algo de muito grave acontecera. Tê-lo-iam chamado por minha causa? Estaria eu a morrer, como aquela mulher execrável desejava? Não! Eu não lhe daria essa vitória! Não podia abandonar a minha família!

Forcei os olhos a abrirem-se. A luz do dia inundava cada recanto do meu mundo. O quarto estava impecavelmente limpo e arrumado. Quanto tempo se passara desde que eu cedera à inconsciência? Não sabia e não tinha a quem perguntar, pois não se avistava viva alma. Onde estariam todos?

Desci da cama, sem medir a extensão da fraqueza, e o resultado foi desastroso. As pernas cederam à fragilidade do corpo e tombei desamparada. Descubri que me doíam todos os ossos, a pele, as unhas e até as raízes dos cabelos. Quando vislumbrei a minha imagem no espelho, mal me reconheci. Parecia um fantasma, um espectro do que fora, só com pele sobre os ossos, os cabelos finos e embaraçados e os olhos baços, sem cor nem brilho. Olhava-me e recordava Melody, durante a grande provação que sofrera. Mas eu não podia dar-me ao luxo de ceder. Tinha um inimigo perigoso para enfrentar e agora conhecia-lhe o rosto e sabia o seu nome. Não havia tempo a perder!

Pus um agasalho sobre a camisa de dormir e calcei os sapatos. Ficava provado que não era imune às maleitas físicas, como pensara

até então, por isso, mais valia precaver-me. Desci as escadas com cuidado, atenta à minha fraqueza. No piso de baixo, comecei finalmente a encontrar pessoas, as criadas da casa, as minhas companheiras de toda a vida. Quando me viram, fizeram-se brancas e taparam o rosto com as mãos, mal contendo as lágrimas. Tive a confirmação do pressentimento de que algo estava errado. Agarrei no braço de uma delas, pouco mais velha do que eu, e perguntei ansiosa:

— O que foi que aconteceu? Onde estão todos? — Sem cores nas faces, a rapariga respondeu:

— No jardim... da Senhora...

Percebi que o seu tremor era tanto, que não conseguiria arrancar-lhe nem mais uma palavra. Soltei-a e forcei-me a avançar, decidida a descobrir a verdade. Assim que saí para o exterior, deparei com uma multidão. Com o coração a martelar no peito, distingui rostos conhecidos e queridos, banhados pelo desgosto, corpos vestidos de luto, gestos de profundo pesar. Estaquei, fulminada pelo horror. Não podia ser! Não podia...

Berchan e Stefan foram os primeiros a notar a minha presença. Abraçaram-me e explicaram-me, com suavidade e doçura, aquilo que os meus olhos se recusavam a aceitar:

— A mãe está a descansar, Cat. Foi um alívio para a sua dor. Agora, devemos ser fortes...

Parei de ouvir e interiorizei o que se passava ao meu redor. Não havia dúvida de que estivera doente durante um longo período. O brilho do Sol era quente, e os frutos pendiam maduros nos ramos das árvores. Enquanto eu delirava e lutava pela vida, a bruxa maldita pudera mover-se à vontade e tecer a sua teia de destruição. Bem que me avisara de que iria atacar os que me eram queridos! E começara pela mais fraca e indefesa, pela mais doce, pura e amada das mulheres. Eu despertara para sofrer a dor de ver a minha mãe a ser sepultada; nem um dia mais cedo, para que pudesse dizer-lhe o quanto a amava, para que pudesse segurar-lhe na mão uma última vez e guardar a recordação do seu sorriso. Até isso me fora negado!

Aled fitava-me com um olhar vazio. Havia nele tanto sofrimento contido, que ameaçava rebentar. Melody apoiava-se em Bretta, e

ambas choravam, confortando-se como podiam. Quinn ajoelhará-se diante do buraco na terra e berrava como uma criança perdida. Lorde Cearnach e o Conde de Goldheart também se encontravam presentes, assim como outros rostos habituais das relações do meu pai; todos eles com as expressões carregadas e sombrias exigidas pela solenidade do momento. Fiquei atônita ao verificar que era um padre cristão que celebrava o funeral. Todavia, o que mais me chocou e enfureceu foi a visão do meu pai.

Lorde Garrick estava impávido e sereno. O seu olhar não era o de um homem devastado pela perda do seu bem mais precioso. O seu olhar era de puro alívio, como se se tivesse livrado de um fardo incômodo. E junto dele estava a Menina Myrna, com o rosto prostrado pela comiseração e as lágrimas escorrendo pelas faces. Dir-se-ia que padecia de uma pena atroz. Porém, se eu não soubesse que fora ela a causadora desta desgraça, bastar-me-ia lembrar a noite que quase me destroçara a razão e arrastara para a loucura; bastar-me-ia recordá-la nua sobre o corpo do meu pai, roubando um amor que não lhe pertencia, gozando um prazer proibido e amaldiçoado. Maldita! Eternamente maldita!

— Catelyn, minha querida! — A hedionda criatura estendeu as mãos e deu um passo em frente, pretendendo abraçar-me. Pobrezinha! Vem cá! Eu cuidarei de ti com todo o amor...

— Não me toque! — gritei instintivamente, antes que os meus irmãos me pudessem deter. — Não se atreva a pôr essas mãos nojentas em cima de mim! — Apontei para o buraco negro e úmido onde a minha mãe descansaria por toda a eternidade. — Julga que não sei que isto é obra sua? Julga que não me lembro de que ameaçou matar-me e matar todos os que me são queridos? — Ignorei o burburinho que se erguia à minha volta e os esforços de Berchan e Stefan para me silenciarem. — Eu sei quem você é! É uma bruxa! Roubou a alma da minha irmã ainda no ventre da minha mãe e infiltrou-se na nossa casa com o único propósito de tomar o lugar da Senhora McGraw...

— Basta, Catelyn! — A voz do meu pai ecoou como o estrondo de um penhasco a despenhar-se no mar. — Nada justifica esse comportamento! Volta imediatamente para o teu quarto!

— Não! — berrei em resposta, completamente descontrolada. Libertei-me dos meus irmãos e investi em frente. — Não me calarei! Esta mulher matou a minha mãe! E o senhor só não vê a verdade, porque foi enfeitado pela sua amante...

A mão de Lorde Garrick esmagou-se no meu rosto. A minha pequena estatura, aliada ao estado de fraqueza extrema, impediu-me de recuar. Fui projetada pelo ar e tombei desamparada no chão. Sentime como um pedaço de cerâmica que se quebrava. Mesmo de olhos fechados, percebi que o meu pai se dispunha a continuar a agressão e, só não o fez, porque Aled e Quinn o seguraram, enquanto Stefan e Berchan me protegiam.

Fiquei onde caí, sem reagir, ouvindo os gritos, o choro e a confusão à minha volta. Alguém agarrou n meu corpo trêmulo e agradei pelo calor e proteção de Stefan. Abri os olhos a custo e encontrei o olhar sombrio e preocupado de Berchan. Por cima do seu ombro, vi Myrna cair nos braços de Lorde Garrick chorando como se tivesse sido brutalmente ofendida e ultrajada. Para mim e só para mim, os seus olhos brilharam e o rosto iluminou-se com um sorriso. Depois, escondeu a face no peito do protetor, sacudida pela mágoa e pela vergonha.

Falsa! Eu tinha de desmascarar aquela bruxa assassina. Myrna tinha de ser castigada! A minha mãe haveria de ser vingada! E eu não deixaria a vingança por mãos alheias!

A minha mãe morrerá. Existiria uma dor maior? Ouvia Stefan e Berchan aconselhando-me a chorar, a deitar para fora o sofrimento que guardava dentro de mim, mas não conseguia obedecer-lhes. Aled chegou pouco depois. Abraçou-me e murmurou penosamente:

— Sinto muito, irmãzinha! Sinto muito por todos nós! O que perdemos é insubstituível...

Faltavam-lhe as palavras. Quinn entrou nesse instante, e a sua reação foi oposta à que todos esperávamos:

— Como foi que te atreveste a falar à Menina Myrna daquela maneira, Cat? Sabes o quanto ela ajudou a mãe nos últimos momentos? Fazes ideia das noites de sono que perdeu? Quem foi que cuidou da Fiona enquanto tu estiveste doente? Foste muito

injusta! E como tiveste coragem de acusá-la de ser amante do nosso pai? Isso foi uma calúnia infame! Espero que o pai te castigue!

Saiu e bateu com a porta. Eu olhei em redor e verifiquei que os outros partilhavam do meu assombro. Até Aled parecia abismado com a indignação de Quinn. Cerrei os dentes e engoli a revolta. A minha mãe estava morta, e o meu irmão desejava que eu fosse punida, porque tentara desmascarar aquela que a matara!

— Em parte, o Quinn tem razão, Cat! — começou Aled, atraindo as atenções. — Não devias ter falado daquela maneira no funeral da mãe, diante dos nossos hóspedes, fossem quais fossem as tuas opiniões e suspeitas. Estiveste muito tempo doente e desconheces o que a Myrna tem feito pela nossa família. O pai tem-na em grande consideração e não te perdoará facilmente. Certamente justificará o que disseste com um delírio de febre e depois subirá para te castigar.

— Eu sei o que estou a dizer — contrapus frustrada. — Pouco me importa que Lorde Garrick me castigue. Ele não pode negar que é amante daquela mulher! Eu vi-os com os meus próprios olhos. E ela é uma bruxa! — Voltei-me para Berchan. — Ela é a bruxa que roubou a alma da Fiona do ventre da nossa mãe. E já tentou matar-me! Foi o amuleto da nossa avó que me salvou.

Aled levou as mãos à cabeça, completamente desnortado.

— Não insistas nessa loucura, Cat! Tu estiveste doente, a delirar...

— Eu estive consciente a maior parte do tempo — revelei. — Apenas o meu corpo esteve enfermo. A minha mente viu e ouviu tudo o que se passou ao meu redor.

Berchan estava da cor da cera. Olhou para Stefan e murmurou:

— Existe um feitiço maligno que consiste em roubar a alma de uma criança para recuperar a juventude. A Visão da Cat pode muito bem ser real...

— Visões? — cortou Aled, incrédulo e irritado. — Feitiços e bruxas? Vós estais loucos! Deixai o pai ouvir-vos falar assim! Deixai o Conde ouvir-vos falar assim e sereis vós quem acabareis na fogueira! Eu não pactuarei com esta maluquice coletiva. O corpo da nossa mãe mal arrefeceu, e vós estais a conspirar contra a pessoa que mais a ajudou nas últimas semanas. Não contem comigo para

apoiar os vossos delírios! E tu, Berchan, estás a trilhar caminhos muito perigosos. Foste entregue aos cuidados dos sábios para estudar e não para aprender as artes do demônio. Se o pai sonha...

— Irás contar-lhe, Aled?

Esta pergunta simples foi feita num tom suave, como se Berchan apenas constatasse que o dia estava bonito. Senti a pele arrepiar-se, enquanto o rosto de Aled corava de fúria. Tive a certeza de que não era a primeira vez que discutiam esse assunto.

— Eu vou tentar acalmar o pai — resmungou entredentes. — Convençam esta doida a pedir desculpa à Myrna. É a única coisa a fazer!

Ficamos os três sozinhos.

— É verdade que ela tentou matar-te, Cat? — Stefan tremia de perturbação.

Confirmei e contei-lhes os pormenores. Berchan e Stefan trocaram um olhar significativo, e o mais novo respondeu:

— Eu tentei estar sempre perto da Cat, mas o pai começou a enviar-me para a fronteira em missões de reconhecimento. Não podia contar a mais ninguém o que se passava. A Melody era a única que podia ajudar-nos, mas está no fim da gravidez e também não tem passado bem.

Berchan encarou-me e disse pausadamente:

— Foste muito imprudente e precipitada! Nunca debes dar a conhecer ao teu inimigo o quanto sabes acerca dele e da sua estratégia. Não tens maneira de provar o que afirmaste e entregaste todos os trunfos. Agora, a Myrna ficará mais forte do que alguma vez esteve. Receio por ti... Receio por todos nós! — Voltou-se para Stefan. — Temos de avisar o Edwin do que está a acontecer. Acho que a Cat deve partir imediatamente...

O seu raciocínio foi brutalmente interrompido pelo estrondo da porta que se escancarava. Lorde Garrick apareceu diante de nós, com os punhos cerrados e os olhos raiados de sangue, bufando como um touro enfurecido.

— Saí imediatamente! — ordenou aos filhos. — Quero falar com a vossa irmã. — Como os rapazes hesitaram, bradou irado: — Estais surdos? Saí!

Senti o perigo dardejar-me na pele. Este homem não era o meu pai e sim um boneco da feiticeira. Um boneco poderoso e perigoso! Não me olhava como uma filha, mas antes como um estorvo, uma fedelha rebelde que o envergonhava, que manchava o seu nome com brutal irreverência e teimosia, que ousava enfrentá-lo sem temor. Eu estava diante de um estranho e não sabia o que fazer. Instintivamente, agarrei na pedra azul. Graças a ela, já derrotara a feiticeira uma vez. Precisava de acalmar-me e apelar à sabedoria e proteção do amuleto.

Lorde Garrick começou a gritar o quanto o meu comportamento fora abominável. Olhando dentro dos seus olhos, eu vislumbrava o reflexo vermelho dos olhos da bruxa. Tinha a certeza de que ela o controlava; que estava conosco, incitando-o a provocar-me para que me perdesse de vez. Se Myrna não podia matar-me, então tentava afastar-me. E eu dera-lhe todos os motivos...

"Desculpa, pai!"

A voz soou dentro da minha cabeça, e eu reconhecia de imediato. Era a voz de Aranwen. Apertei a pedra com mais força e senti-a aquecer, como se pretendesse provar-me que a manifestação era real. Porém, o que a minha avó pedia era contra os meus princípios. Eu não sabia mentir! Eu não sabia enganar! E não iria suplicar o perdão do homem que ajudara a matar a minha mãe! Mas a voz teimava em repetir:

"Desculpa, pai!"

— Então, Catelyn? — rugiu Lorde Garrick, incendiado pelo meu silêncio. — Não tens nada a declarar em tua defesa?

Os meus lábios tremeram. Engoli em seco e abri a boca a custo. Se esta era a única maneira de enfrentar a feiticeira, eu não podia desperdiçá-la. Devia-o à minha mãe e aos meus irmãos. Devia-o a mim própria! Seria a minha penitência por não ter dominado o temperamento e seguido o plano de Berchan; o único que tinha possibilidade de resultar e que eu comprometera, talvez irremediavelmente.

— Desculpa... pai...

"Durante a doença tive muitos pesadelos..."

— Durante a doença tive muitos pesadelos...

"Delírios..."

— Delírios...

"O choque de despertar e descobrir que a mãe já não estava conosco..."

— Fez-me misturar a loucura com a realidade...

Já não sabia se as palavras que me caíam dos lábios me pertenciam, mas depressa percebi que estava a dizer exatamente o que Lorde Garrick desejava ouvir. O semblante do meu pai suavizou-se perante a demonstração de dor e o brilho avermelhado desapareceu lentamente dos seus olhos, apagado pela força da emoção. Expliquei o quanto sofrera na doença e como fora violento o despertar para a vida.

"Hoje perdi o amor e o carinho da minha mãe..."

— Não posso perder também o amor e o carinho... do meu pai. — De tudo o que disse, estas últimas palavras foram as que mais me custaram a proferir, não só porque, atendendo às circunstâncias, eram uma punhalada no meu orgulho, mas também porque tinha de admitir que eram verdadeiras.

A centelha maligna finou. Lorde Garrick deu um passo em frente e envolveu-me no seu abraço, murmurando:

— Eu também devo pedir-te perdão, Catelyn! — Afastou-se o suficiente para acariciar-me o rosto, no sítio onde as marcas dos seus dedos me manchavam a pele. — Perdi a cabeça e excedime. Nunca tinha batido em nenhum dos meus filhos. Nem mesmo no Edwin! E fui bater na minha menina, naquela que mais amo...

Esta revelação era inesperada! Eu era a favorita do meu pai? Ele sempre tivera uma forma muito estranha de demonstrá-lo! Mas, se isso era verdade, talvez ainda houvesse uma possibilidade de chamá-lo à razão...

— Aceito as tuas justificações e perdoo-te o descontrolo, mas exijo que peças perdão à Menina Myrna! — O brilho vermelho reacendeu-se subitamente no seu olhar. A bruxa recuperara o domínio sobre a vontade do senhor da Floresta Sagrada. — Enquanto estiveste doente, a Menina Myrna foi incansável a cuidar da casa, da tua mãe, da Fiona... O que lhe disseste foi intolerável! Como pudeste chamar bruxa a uma jovem tão bondosa?

Lorde Garrick era novamente um fantoche. O momento de apelar à razão desvanecera-se e a voz da minha avó também se silenciara. Eu estava por minha conta.

— Sinto muito — murmurei, esfaqueando o orgulho até sangrar. — É claro que pedirei perdão à Menina Myrna! Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente por tudo o que tem feito por nós!

— E o Conde de Goldheart ficou mal impressionado com a tua atitude. Será prudente que lhe fales... Mas não hoje! Amanhã, quando estiveres mais calma e arranjada. — Afastou-se; de novo um gigante! longe do meu alcance. — Vou dar instruções para que te tragam comida e preparem um banho. Pedirei à Menina Myrna que seja paciente e venha visitar-te pela manhã. Hoje foi um dia difícil para todos.

Permaneci sentada na cama, vendo o meu pai sair sem olhar para trás. Sentia a garganta estrangulada pelos gritos que não podia libertar e a cabeça afogada pelas lágrimas que não conseguia chorar. Myrna viria pela manhã... Depois viria o Conde. A bruxa e o carrasco! Para eles, eu teria de preparar uma história tão boa como a que contara ao meu pai. Não voltaria a fraquejar. A primeira e única vez que cedera, ficara à mercê da feiticeira, quase sucumbira à morte... e permitira que ceifassem a vida daquela que eu mais amava.

— Mamã...

A Senhora Edwina fora uma grande mulher, amada pelo seu povo e pela sua terra. Seria lembrada e respeitada para todo o sempre. Eu certificar-me-ia disso! Myrna só venceria por cima do meu cadáver! E para matar-me, teria de esforçar-se muito... Porque eu não era uma simples rapariga! Ela podia ser bruxa, mas eu era neta de uma feiticeira muito boa e poderosa. Eu era neta de Aranwen da Floresta Sagrada da Grande Ilha!

Estava tão fraca, que precisei da ajuda de Bretta para tomar banho. Para mim, ela pertencia à família; era como se fosse uma tia mais velha. Falou-me dos últimos dias da Senhora Edwina, da sua preocupação em assegurar-se de que os filhos ficavam bem e do

quanto lamentara não poder ver-me uma última vez. Apesar de, ultimamente, a minha mãe se dedicar exclusivamente a Fiona, eu não devia duvidar do seu amor por mim. E não duvidava!

Mal conseguia aguentar água no estômago. Forcei-me a beber o caldo que Bretta me deu, porque sabia que era imperativo recuperar rapidamente as forças. Depois, afundei-me na cama e fechei os olhos, pedindo à minha avó que me ajudasse a dormir, para que pudesse enfrentar Myrna com a mente descansada e limpa.

Sonhei com a minha mãe. Caminhávamos pela floresta até ao lago e tomávamos banho juntas. A Senhora Edwina pegava-me ao colo e rodopiava o meu corpo sobre a água. Depois, deitávamo-nos na margem e ficávamos a dourar ao Sol, esperando que as roupas secassem. Muito perto, ouvia as gargalhadas dos meus irmãos e de Tristan. Nes-se dia, eu colocara no pescoço de Tristan o fio com a pedra que o identificava como um de nós. Ele chorara de felicidade, a minha mãe beijara-o na testa e todos havíamos aplaudido. Fora um momento lindo; um momento mágico que jamais voltaria a repetir-se.

Myrna chegou, acompanhada por Lorde Garrick, quando eu acabava de pentear os meus caracóis rebeldes. Aproximou-se cautelosamente e trespassou-me com o seu olhar singular, que me forçou a questionar por que demorara tanto para perceber que ela e a bruxa velha eram a mesma pessoa.

— Lorde Garrick disse-me que tens algo para me dizer, Catelyn! Achei melhor que o teu pai me acompanhasse, não fosses recear que eu te transformasse num verme!

Por trás da sua inocente ironia, reconheci a fúria que a revolvía por dentro. Eu conseguira convencer o meu pai de que padecera de uma loucura momentânea, e ele recusara-se a castigar-me. Isso desgostara-a profundamente. Agora, esperava com ansiedade que eu tivesse um novo deslize diante dele. Lutaria com ferocidade para descontrolar-me, para provar que eu era louca e que devia ser afastada da família. Temia-me! Lia-o nos seus olhos. Não compreendia a minha força, a minha resistência à sua vontade. Pois eu iria dar-lhe outra lição!

Levantei-me ao seu encontro, inclinei-me e beijei-lhe a mão. Foi a pior coisa que tive de fazer na vida. Nenhuma das provações que suportara até então, e as muitas que ainda teria de suportar, me pareceram tão vis e nojentas. Eu estava a beijar a mão da mulher que roubara a alma da minha irmã, que distorcera a vontade do meu pai e que matara a minha mãe. Sim, porque eu não tinha a menor sombra de dúvida de que fora ela! A Senhora Edwina vivera saudável até ao momento em que a bruxa lhe tocara. A partir daí, a sua existência transformara-se numa batalha constante para salvar a filha, entregando-lhe a sua força, até consumir-se por completo.

Odiei-me. Senti nojo de mim. Pensei na bofetada do meu pai e no quanto a merecia agora. As minhas faces latejaram, e tive de ranger os dentes para recuperar o domínio que me custara tanto a reunir. Mantive os olhos colados ao chão, pois sabia que, se a bruxa os visse, o meu plano cairia por terra, condenando toda a família.

— Peço perdão, Menina Myrna — murmurei, sufocada pelo ódio, esperando que ambos pensassem que o meu tremor se devia ao nervosismo. — Sei que o que disse foi imperdoável, mas peço-lhe que compreenda que eu estava enlouquecida...

E continuei, agradecendo o que já fizera por mim, pela minha educação e pelo meu futuro. Argumentei que, devido à sua influência maternal, fora sobre ela que descarregara a revolta, ao tomar conhecimento do falecimento da Senhora Edwina. Enquanto falava, pensava no sonho maravilhoso que tivera nessa noite. Recordava o calor do abraço da minha mãe e a imagem harmoniosa de Berchan sentado sobre a Pedra dos Sábios, de Edwin e Aled saltando das árvores para o lago, de Stefan rasgando a água com braçadas largas e vigorosas, de Quinn correndo no meu encalço para forçar-me a mergulhar... Eu fora a criança mais feliz do mundo. Nem tudo podia estar perdido!

O meu discurso agradou a Lorde Garrick, mas Myrna continuava desconfiada. Procurava o meu olhar. Desejava dissecar-me o pensamento para extorquir a verdade à força.

— Certamente não ficarás magoada se eu exigir uma prova da tua boa vontade, Catelyn! — Estava a provocar-me; a testar-me descaradamente. — Nada demais! Só quero que te apliques a tempo

inteiro nas tarefas que te indicarei. Se realmente represento para ti essa figura maternal que tanto estimas, não verás nenhum sacrifício na minha solicitação.

E a sua solicitação foi aceita, para plena satisfação de Lorde Garrick. Durante dois anos eu teria de trabalhar com afinco no meu enxoval. Nada de corridas pelo jardim, mergulhos no lago, passeios pela floresta ou fugas para a sala de estudo. Apenas costura, bordados e rendas. Quanto aos aldeões, Melody cuidaria deles, se aceitasse esse encargo. Eu sabia que a minha cunhada não teria tempo, pois o nascimento do bebê estava iminente. Os aldeões seriam abandonados à sua sorte ou entregues aos caprichos da bruxa maquiavélica. No fundo, o que Myrna pretendia era isolar-me e manter-me debaixo de olho, ao mesmo tempo que afastava Melody das tarefas de organização da casa, que passariam a ser exclusivamente suas. Verguei-me sem um protesto, ciente de que não passava de um pássaro preso numa gaiola. Porém, chegaria o dia em que alguém se esqueceria de fechar a porta e eu poderia voar.

As mudanças não tardaram. Um ruído horrível debaixo da janela do meu quarto fez o meu coração sangrar. Corri a gritar que parassem, mas era tarde. A grande árvore que me vira nascer e crescer jazia no chão, cortada, assassinada sem nenhum motivo, sem o menor respeito. Justificação? É óbvio que a Menina Myrna tinha uma! A árvore estava tão alta que impedia a entrada da luz no meu aposento. Além disso, era perigoso viver com uma árvore tão perto, pois algum animal poderia trepar por ela e introduzir-se no quarto, pondo em risco a minha saúde ou mesmo a vida. A verdadeira razão era clara aos meus olhos e aos de Stefan. Agora, eu não conseguiria esgueirar-me para fora da casa sem passar pelo controlo dos guardas.

E guardas era o que não faltava na propriedade. Dir-se-ia que esperavam o ataque de um inimigo poderoso. Com o protesto de reforçar a segurança do meu pai, o Conde de Goldheart fizera questão de enviar para a herdade alguns dos seus homens. As suas justificações pouco me importavam. Oliver tencionava apenas espiar-

me; assegurar-se de que a mulher que pretendia desposar não era louca.

Depressa se tornou impossível passar despercebido aos homens do Conde. Na floresta, dezenas de árvores foram abatidas, e os postos de vigia nasceram como cogumelos. Uma grande cerca passou a limitar o acesso ao ribeiro. A Aldeia do Lago transformou-se num acampamento militar. Em poucos meses, Goldheart possuía o domínio de toda a propriedade dos McGraw. E Lorde Garrick não podia estar mais satisfeito.

Dentro da casa, voltamos a viver dias de dor e lágrimas. O bebê de Melody nasceu morto. Ninguém tinha justificção para a tragédia. O bebê desenvolvera-se no tempo devido, e Melody sentira-o mexer até ao último instante. Bretta também jurava que o parto correria bem. O meu sobrinho, um rapagão grande e gordo, com uma farta cabeleira loura, foi sepultado no jardim, junto da avó.

A Menina Myrna estava desolada. Fizera questão de ajudar Melody, pressionando-lhe o ventre para empurrar a criança. Quando a desgraça se confirmara, fora ela quem mantivera a calma e controlara o horrorizado alvoroço. Eu remoí em silêncio, sem poder confiar a minha certeza a ninguém. Mais uma vez, Myrna fora responsável por uma morte. A sua juventude era alimentada com o sacrifício de vidas inocentes. Ou, talvez Berchan estivesse enganado e a bruxa não precisasse desse artifício. Talvez o utilizasse apenas por maldade!

Amparei Melody enquanto me foi permitido. Aled tombou numa tristeza profunda. Cercou-se de homens e partiu para ajudar um aliado distante na luta contra os Nórdicos. Stefan e Quinn ficaram na herdade, tratando dos poucos assuntos que Lorde Garrick não dispensara aos conselheiros de Goldheart. Quinn vivia um sonho idílico sempre que Myrna estava por perto, cego à evidência de que a bruxa era amante do nosso pai. Berchan regressara para a Aldeia dos Sábios e não voltara a dar notícias. Tínhamos falado uma única vez depois da morte da nossa mãe. Ao despedir-se, congratulara-me pela forma como contornara a situação. O meu sacrifício permitiria-nos ganhar tempo para nos prepararmos para enfrentar o inimigo.

O grande prodígio da casa era Fiona. Depois da morte da Senhora Edwina, Myrna dedicara toda a sua atenção à criança. Proibira os chás, os unguentos, os vapores e qualquer reza. Os resultados foram imediatos. Fiona ganhou cores, o cabelo ralo e quebradiço cresceu forte, o andar inseguro transformou-se numa correria pela casa e pelo jardim, e até já esboçava algumas palavras. Lorde Garrick extasiava-se ao ouvi-la chamar-lhe “pai” e não poupava elogios à amante. Para o poderoso senhor da guerra, era evidente que o que impedira Fiona de desenvolver-se fora a influência supersticiosa da mãe. Toda a proteção que a Senhora Edwina exercera sobre a filha mais nova só inibira o seu crescimento.

Doeu-me muito ouvi-lo falar assim e vi nos olhos de Stefan que ele partilhava do meu pesar. Nós sabíamos a verdade. Myrna já não necessitava da energia de Fiona, pois trazia, dentro de si a vida do bebê de Aled e Melody. Mais uma vez se revelava uma mulher exemplar, uma heroína aos olhos do nosso pai. E o seu esforço não tardou a dar frutos.

No fundo, nós sabíamos que aquilo era inevitável, mas nunca esperamos que acontecesse tão rápido. Lorde Garrick reuniu os filhos presentes, os amigos e os aliados chegados, para comunicar o seu casamento com a Menina Myrna. Senti a mão de Stefan apoiar-se nas minhas costas; um aviso claro de que não devia reagir. Não precisei de preocupar-me em disfarçar a comoção. Quinn desviou todas as atenções para a sua pessoa, gritando horrorizado:

— Não! O pai não pode estar a falar a sério! É uma brincadeira, não é? Myrna...

Ao seu apelo, Myrna chegou-se ainda mais para Lorde Garrick. O meu pai deu-lhe a mão e enfrentou o filho com severidade:

— Tem tento na língua, Quinn! Que maneiras são essas de te dirigires à tua futura madrastra?

Quinn recuou um passo, com a expressão de um homem que fora apunhalado no coração. Quanto a mim, havia muito que me preparava para ceder esta batalha à bruxa. Vi o meu irmão abandonar o salão num ímpeto desesperado, mas, ao invés de sentir

pena dele, fui invadida por um alívio profundo. Quinn iria libertar-se do encantamento e brevemente, estaria do nosso lado, lutando contra o domínio do mal. Só precisávamos de dar-lhe tempo.

O casamento realizou-se poucos dias depois, sem que sequer houvesse uma festa de noivado. Berchan só chegou no último momento, quando eu já temia que a sua ausência fosse interpretada como uma afronta pessoal. O meu irmão não estava em posição de desgostar o pai. Nunca fora da vontade de Lorde Garrick que o filho estudasse com os druidas. Ultimamente, e devido à influência do Conde de Goldheart, a sua descrença na velha religião transformara-se em antipatia profunda. Se permitira que Berchan seguisse a sua vocação, pelo respeito e amor que nutria pela Senhora Edwina, agora, que a nossa mãe já não estava conosco, só aguardava um protesto para arrancá-lo da proteção dos sábios

Berchan surpreendeu-me de tão magro e pálido. Era evidente que a aprendizagem o desgastava. Contudo, no seu olhar habitava uma determinação de ferro, que me provava que, por mais duras que fossem as provas, jamais desistiria. Pesava sobre ele a responsabilidade de nos libertar. Sentime miserável pela pouca ou nenhuma assistência que poderia fornecer-lhe quando o momento chegasse. Myrna não me dava espaço nem tempo para respirar, quanto mais para treinar habilidades proibidas.

Aled também só chegou na noite anterior ao casamento. Trazia novidades de Edwin, mas não as que eu ansiava por ouvir. As novas perturbadoras revelavam que o meu irmão se tornara um mercenário a soldo e lutava muitas vezes contra os Aliados. Lorde Garrick nem hesitou. Nesse instante, diante de todos, renegou o filho. Não admitia traidores na sua casa.

Olhei para Stefan e Berchan em busca de algum argumento, uma simples palavra de apoio. Percebi que, aquilo que os Aliados haviam confirmado, já era do conhecimento dos meus irmãos. Muita coisa que não fazia sentido tornou-se óbvia. Ficava explicado como Edwin planeava resgatar-me das garras de Goldheart. Mas eu não acreditava que a história fosse tão linear como Aled a descrevia. Edwin não era um traidor sem honra, que levantava o braço armado contra o pai, os irmãos e a sua terra. Nisso apostava eu a vida sem

hesitação! Faltava algures uma peça nesse enigma. No entanto, não tinha como descobri-la e não me atrevia a abordar o assunto. Qualquer murmúrio descuidado poderia pôr em risco a vida dos meus irmãos. Stefan e Berchan mantiveram-se inalteráveis, e eu acatei mais esta provação.

Assim, num dia que nasceu lindo e radioso e, de repente, se pôs negro e tormentoso, para grande raiva e frustração de Myrna, Lorde Garrick desposou aquela que desgraçara a sua casa e a sua família. Fê-lo com um sorriso nos lábios, com a emoção e o entusiasmo de um adolescente perdido de amor e paixão.

Nessa noite, livre da vigilância da bruxa, visitei o túmulo da minha mãe. Deitei-me na terra molhada e acabei por adormecer. Acordei com uma carícia quente e delicada no rosto. Sobressaltada, encontrei o sorriso doce e os olhos meigos da minha avó. O dia começava a nascer e era imperioso que regressasse ao quarto, antes que dessem pela minha falta.

— Quando é que este pesadelo irá terminar? — indaguei, estrangulada pela dor emocional.

Aranwen estendeu-me a mão, e eu segui-a, passando pelos guardas sem que me vissem. Quando cheguei ao quarto, tinha a roupa seca e pude deitar-me na cama. A minha avó aconchegou-me as cobertas ao peito, como a minha mãe fizera durante anos, e beijou-me levemente a testa. Partiu sem dizer uma palavra, deixando a pairar a dúvida se realmente ali estivera ou se fora um produto da minha angustiada imaginação. Do seu silêncio, eu concluía que o pesadelo estava longe de terminar. Talvez, ainda mal tivesse começado!

CAPÍTULO 7

Os dias sucederam-se às noites, os meses às semanas; estações passaram diante dos meus olhos sem que o tempo importasse. O meu coração gelara e os sentimentos estavam petrificados pela força da necessidade. Já não me reconhecia. A menina sorridente, que mirava o seu reflexo na água do lago, fenecera de angústia e tristeza. Quem era eu afinal, senão uma amálgama de fingimento, falsidade e dissimulação, em permanente luta pela sobrevivência?

Dos meus irmãos, apenas Stefan permanecia ao meu lado. Aled andava em constante movimento com as tropas e nunca nos visitava por muito tempo. Depois do casamento de Lorde Garrick com Myrna, Quinn juntara-se ao irmão mais velho. Edwin fora renegado pelo pai e o destino de Berchan não se adivinhava diferente, já que o seu nome era evitado diante dos Aliados, que frequentavam a nossa quinta como se ali morassem, não faltando à missa celebrada todas as semanas por um padre cristão, no salão da Casa Grande.

Fiona tinha agora cinco anos e era uma menina saudável e inteligente. Eu praticamente não a conhecia, mas não tentava ilibar-me dessa culpa. Myrna assumira a educação da minha irmã quando a Senhora Edwina falecera. A partir desse instante, a garota começara a idolatrá-la. Não queria estar perto de mais ninguém. Apenas suportava Melody e com alguma arrogância. A mim, detestava-me simplesmente.

Despertei da minha comiseração e apertei o corrimão de madeira, até os nós dos dedos perderem a cor, ao ver aquela que era agora a Senhora McGraw e Lorde Garrick regressarem de um passeio matinal. Fiona saltitava entre eles, de mãos dadas com o pai e a madrastra.

Cerrei os dentes até ameaçarem quebrar-se. Não me recordava de alguma vez ter passeado com o meu pai. Lorde Garrick nunca tinha tempo. Mas, agora que entregara o controlo de tudo ao Conde de Goldheart, tempo era o que não lhe faltava.

Contudo, o que mais me enfurecia era a visão da bela pedra cor de laranja pendurada no pescoço de Myrna. Nunca perdoaria a Fiona por ter oferecido à madrasta a herança de Aranwen e Edwina. Stefan fizera o que pudera para aplacar a minha raiva, inclusive argumentar que, se nos havíamos sacrificado tanto para iludir o inimigo, não podíamos entregar-lhe tão estupidamente a nossa pequena vantagem. Além disso, Fiona era uma criança e não podia compreender a gravidade do seu ato. Eu acatara mais uma vez. Quando se é forçado a beijar a mão da assassina da própria mãe, para salvar a família e a pele, o resto perde a importância.

Myrna parecia convencida da minha subserviência. Depois de meses de perseguição cerrada a todos os meus movimentos e a cada uma das minhas palavras, a vigilância fora descuidada. Afinal, o que tinha ela a recear? A família estava separada, a floresta vedada e a sala de estudo transformada num templo de bordados.

No momento certo, reiniciei as atividades clandestinas. Não podia deixar de sentir-me frustrada com os meus progressos. Era certo que já controlava o movimento dos objetos e que conseguia acender a lareira com a força do pensamento, mas as minhas habilidades com a água eram nulas.

Rodei nos calcanhares e entrei no quarto. Tinha de preparar-me para receber Oliver. Lorde Garrick já avisara que o esperava nessa noite e eu devia estar deslumbrante.

Olhei para a imagem que o espelho me devolvia. Mudara muito nos últimos dois anos. Já tinha corpo de mulher: os seios redondos e firmes faziam volume por baixo do decote dos vestidos, as ancas estavam desenvolvidas e a cintura mantivera-se estreita. Continuava pequena e magra, mas seria impossível confundirem-me com um rapaz. Passei os dedos pelos caracóis rebeldes. Oliver adorava os meus cabelos e esperava que eu lhes prestasse especial atenção. Pelo menos por enquanto, teria de agradar-lhe.

O Conde de Goldheart visitava a propriedade dos McGraw com uma regularidade suspeita. Lorde Garrick cedera-lhe a Enseada da Fortaleza, o pedaço de terra junto da costa que fora o dote de

Melody, e Oliver instalara-se no forte. Durante a última estação, muitas famílias tinham-se fixado sob a proteção do Conde, e a pequena aldeia piscatória crescera e desenvolvera-se. Algumas dessas famílias vinham de lugares distantes, da terra de Goldheart; outras haviam trocado a Aldeia do Lago pela aldeia junto ao mar. Os agricultores tornaram-se pescadores e abraçaram a nova religião, por comodismo ou por medo. Os tempos não eram fáceis.

O êxodo da nossa gente, a que Lorde Garrick parecia totalmente indiferente, não se devia apenas às novas oportunidades que o Conde estrangeiro tinha para oferecer. Apesar de não me ser permitido visitar a Aldeia do Lago, tinham chegado aos meus ouvidos histórias de arrepiar. Dizia-se à boca pequena que a aldeia fora amaldiçoada. Nos últimos dois anos, as crianças que não morriam à nascença, nasciam doentes ou deformadas. Claro está que o fato da Senhora Myrna fazer questão de assistir a todos os partos não passava de uma coincidência!

As pessoas preferiam abandonar a Aldeia do Lago, onde tinham nascido e crescido, a enfrentar a estranha esposa do poderoso senhor da Floresta Sagrada, denunciando uma situação que os condenaria à morte.

E quem podia censurá-los? Eu não, certamente! Afinal, no fundo, também os abandonara, pactuando em silêncio com a aberração. Stefan alegava que era uma questão de sobrevivência; que enfrentar Myrna de imediato significaria a perdição de todos e da própria terra; que era necessário aguardar, e a espera implicava sacrifícios.

Mas eu não me sentia melhor. E quão pequeno era o meu tormento comparado com as vidas perdidas às mãos da bruxa malvada!

Acordei para a manhã do meu décimo sexto aniversário. O Sol brilhava no firmamento, e poucas nuvens encobriam o azul. Por todo o lado, os criados moviam-se como formigas atarefadas. As mesas estavam montadas em redor da enorme tenda, e era necessário distribuir a comida e as bebidas pelos convidados que começavam a aparecer.

Arranjei-me com cuidado, consciente de que este seria um dia crucial na minha vida. Na noite anterior, Oliver deixara claro que tinha autorização de Lorde Garrick para pedir a minha mão durante a festa. O casamento seria marcado para o dia do seu aniversário, na próxima estação. Isso significava que eu devia terminar rapidamente o meu treino e esperar que Berchan me viesse ajudar a derrotar os nossos inimigos. Se as coisas corressem mal, Edwin teria de intervir e raptar-me. Seria uma situação muito complicada, arriscada e perigosa. Os tentáculos do Conde chegavam longe, e alguém brincar com o que ele considerava seu era uma grande loucura, mesmo para um homem como Edwin.

Eu mal acreditava no rumo que a vida do meu irmão tomara. Neste momento, Edwin McGraw era um nome respeitado e temido em terra e no mar. Aos meus olhos, ele não era um renegado, como Lorde Garrick e Aled defendiam. A sua história era simples: nem todos os nossos vizinhos se tinham vendido à coroa. Havia alguns valorosos resistentes, e fora a estes que Edwin se unira, em defesa da nossa cultura e dos ideais ancestrais.

Esses homens corajosos tinham a ingrata missão de lutar contra dois invasores. Os Nórdicos entravam de rompante e arrasavam tudo. Destes, nós sabíamos o que esperar! Os outros eram mais subtis, mas igualmente devastadores. Dominavam pela influência e pelo medo. Eu via o exemplo de Oliver. Chegara, comprara o apoio dos Aliados e já era o líder mais poderoso da região. Os que se autodenominavam "grandes senhores da guerra" não se atreviam a fazer-lhe frente. Ninguém queria estar do lado mais fraco quando a corda rebentasse. Edwin limitava-se a não permitir que os frutos do nosso trabalho e a riqueza da terra fossem saqueados por aqueles que se declaravam nossos protetores. E, por isso, chamavam-lhe traidor e pirata. Para mim, Edwin McGraw era um herói!

O vestido azul-celeste assentava-me na perfeição. As borboletas brancas bordadas no tecido fino pareciam gritar: "*Por favor, liberta-nos!*" Tal como elas, eu sentia-me presa numa teia de falsidade e conspiração. E estava prestes a enfrentar o maior desafio da farsa:

aceitar a proposta do Conde de Goldheart com um sorriso nos lábios, como se esta representasse uma grande honra, quando, na realidade, desejava cuspir-lhe na cara.

Oliver representava tudo o que eu abominava. Culpava-o pela introdução de Myrna na nossa vida e pela subversão da Grande Ilha e do meu povo. Passado todo este tempo, eu ainda não compreendia por que esperara tanto para me desposar. Já não tinha a força e a influência que desejava? Podia casar-se com uma nobre da sua gente e reinar na minha terra... Para que precisava de uma rapariga franzina e inexperiente como eu?

A nossa relação era estranha. Depois de termos começado da pior maneira, o Conde reconsiderara a sua aproximação. Passava muitos dias na Casa Grande e procurava frequentemente a minha companhia. Ensinou-me vários jogos de tabuleiro e proporcionou-me um pouco de liberdade, levando-me a passear a cavalo e a pé.

Ao contrário dos outros, parecia apreciar a minha fome de conhecimento e trouxe-me livros que devorei com avidez, os quais falavam essencialmente sobre a sua terra, cultura e religião. Talvez pensasse que eu devia preparar-me para o que me aguardava, depois de casada! Era intrigante a frequência com que me pedia opinião, como se realmente se interessasse pelo meu alvitre. A sua conversa era tão inteligente e envolvente, que tinha de forçar-me a recordar que estava a lidar com uma cobra venenosa. Oliver era um cavalheiro e pretendia ser o companheiro perfeito. Apenas o olhar o traía, frio e cortante como uma lâmina mortífera. Aquele homem era inimigo da sua própria sombra.

Nesse dia, testemunhei a angústia que Melody experimentara na sua festa de noivado. Lorde Garrick e a Senhora Myrna estavam constantemente em cima de mim, certificando-se de que recebia convenientemente os convidados e que agia com o requinte esperado da futura mulher de um primo do rei. Nem tive tempo para recordar que era o meu aniversário.

A noite chegou depressa demais. Desejei poder ausentar-me do corpo e desaparecer. As pessoas multiplicavam-se ao meu redor, sorriam e congratulavam-me. Todos eram unânimes em elogiar a minha sorte.

Perdi a conta às mulheres e raparigas que confidenciaram dar tudo para estar no meu lugar. Pois eu daria tudo para fugir da própria pele!

Mal ouvi o que Lorde Garrick e o Conde de Goldheart tinham a dizer sobre o meu destino. As palavras podiam ser bonitas, mas não passavam de uma sentença de condenação. E, num piscar de olhos, estava noiva de Oliver e suportava um anel no dedo, tão valioso como pesado. Perdi a força quando encarei o olhar cinzento e percebi que era prisioneira da vontade do Conde. Por alguma razão estranha e incompreensível, ele desejava-me e mal podia esperar para ter-me totalmente à sua mercê. Mesmo que Edwin me resgatasse à infelicidade, Goldheart seguir-me-ia até ao fim do mundo e destruiria tudo o que se intrometesse entre nós.

Os lábios de Oliver demoraram uma eternidade para se separarem da minha mão. Depois conduziu-me para o meio do salão, e a orquestra começou a tocar. Certamente o próprio rei não se envergonharia de estar presente na festa organizada pela Senhora Myrna.

— Estás a tremer, Catelyn — constatou, enquanto guiava os meus passos. — Não fiques nervosa, querida. Ao meu lado, serás uma rainha. Terás o mundo aos teus pés!

Não respondi e mantive os olhos no chão. Enganar Oliver não era fácil. Se o Conde visse o meu olhar, perceberia que eu estava em pânico por razões muito diferentes das que imaginava.

Dancei com o meu pai e escutei dos seus lábios o quanto estava orgulhoso de mim e da mudança que eu experimentara sob a orientação da minha madrasta — já era uma mulher, muito bela, inteligente e com um futuro brilhante pela frente! Magoava-me ouvi-lo, mas tinha de convencer-me de que o homem que estava diante de mim não era o mesmo que me gerara e vira crescer. Este era um boneco sem vontade, manipulado por um tirano e por uma bruxa. Doía muito saber que o meu pai só se orgulhava quando eu mentia, dissimulava, iludia, falseava... A verdadeira Catelyn, que vivia escondida por baixo da carapaça que criara para me proteger, era motivo de embaraço e repulsa.

Suspirei de alívio quando Stefan me salvou. Dançar com o meu irmão foi uma baforada de ar fresco na noite sufocante. Depois, foi a vez de Quinn. Ele e Aled haviam regressado na noite anterior, na companhia de Goldheart. Ainda não tivéramos oportunidade de conversar, mas o que Quinn tinha para me dizer não era diferente do que eu já escutara: Devia considerar-me uma mulher de sorte... Decididamente, a cegueira mental era muito pior do que a física!

Tive de esperar um pouco para dançar com Aled. Na noite anterior, o meu irmão recolhera-se de imediato ao quarto que mandara preparar para si e nem se incomodara em visitar Melody. Eu testemunhara o olhar infeliz da minha cunhada, sem poder ajudá-la. Ela perdera o homem que amava, o filho, e também parecia ter perdido o marido. Depois do parto, Aled não voltara a procurá-la. Melody contara-me que ele a culpava pela morte da criança. Dissera-lhe que o filho morreria, porque a mãe não o desejava. Eu sabia que não era verdade.

E, mal tive oportunidade, introduzi o assunto doloroso.

Aled tentou esquivar-se às minhas questões. Por que não voltava para casa, onde todos precisávamos dele? Por que se mantinha afastado de Melody? Já não amava a sua jovem e bela esposa? Os olhos do meu irmão ficaram marejados de lágrimas. Não reagiu com a indignação e violência que eu esperava. Pelo contrário, mais parecia um menino perdido e muito infeliz.

O Conde de Goldheart voltou a requisitar a minha atenção e fui forçada a deixar Aled, mas sentime recompensada quando, mais tarde, o vi abeirar-se de Melody e segurar-lhe a mão, murmurando-lhe algo ao ouvido. O que foi dito, não sei, mas Melody sorriu e, nessa noite, o marido dormiu no seu quarto.

Eu aguentei enquanto me foi possível, mas a confusão, a falsidade e a imundice moral que me rodeavam, cedo ameaçaram destroçar o meu controlo. Percebi que, se Edwin aparecesse nesse instante e me levasse para longe, não sentiria saudades. Afinal, esta já não era a minha casa, e a terra que eu tanto amara fora estuprada e corrompida. As minhas raízes haviam murchado. Estava ansiosa para despir a pele da Catelyn que odiava e voltar a ser a indomável Cat,

pronta para acompanhar o meu irmão rebelde na luta contra os selváticos invasores.

Os donos da casa e o meu noivo ficaram desgostosos quando manifestei o desejo de me recolher ao quarto. Desculpei-me com as emoções fortes do dia, confessei que me sentia exausta e consegui o meu intento.

Discretamente, Oliver insistiu em escoltar-me. Não havia maneira de demovê-lo sem usar da brusquidão, por isso tolerei a sua companhia. Porém, mantive-me firme à entrada do quarto, com a porta apenas entreaberta, para que não se sentisse tentado a nenhuma façanha. Oliver percebeu a minha intransigência e achou-lhe graça.

— Não estás com medo de mim, pois não, Catelyn?

Sustive o seu olhar com grande esforço. Nessa noite, além do charme e sensualidade habituais, Goldheart transpirava a confiança de um vencedor. No que lhe dizia respeito, eu já era sua propriedade e nada poderia alterar esse fato. Lorde Garrick não se atreveria a reprovar-lhe qualquer avanço, e o Conde só não tomava o que já considerava seu, porque, de alguma maneira retorcida, respeitava a minha individualidade e achava mais excitante conquistar o meu afeto do que obtê-lo pela força.

— Tenho razões para ter medo, Oliver?

Os lábios finos quase desapareceram, tal a extensão do seu sorriso. Estremeci e desejei que ele recuasse depressa e me deixasse sozinha.

— Sabes que não, minha gata selvagem! — A sua mão deixou o meu braço e deslizou subtilmente até ao rosto. — Eu sei que não necessitarei de importe a minha vontade. Quando o momento chegar, o teu fogo arderá com tanta força como o meu. Depressa descobrirás que és uma mulher ardente, Catelyn! Mal posso esperar para ensinar-te todos os segredos do amor! Mal posso esperar...

A sua voz foi enrouquecendo enquanto falava. Os seus dedos aumentaram a pressão na minha nuca, enquanto me rodeava a cintura com o outro braço e me atraía contra o corpo. Fiquei tão surpreendida, que nem reagi. O Conde assumiu a minha ausência de

reação como um consentimento e apossou-se dos meus lábios com firmeza.

Pela primeira vez enfrentei o ardor de um homem. Fiquei paralisada de medo, ao perceber a minha fragilidade diante da sua investida. Se Oliver decidisse possuir-me à força, eu não conseguiria detê-lo. Enquanto os lábios quentes pressionavam os meus e a língua molhada se introduzia na minha boca, forçando-me a abrir os dentes, senti um arrepio gélido formar-se no fundo das costas e percorrer-me, até explodir no peito. Fiquei sem ar, enquanto o coração disparava a galope. A tontura que se seguiu fez com que as minhas pernas cedessem, e tive de apoiar-me no peito dele para recuperar o equilíbrio. Oliver apertou-me mais, e os seus lábios devoraram-me, até eu acreditar que iria morrer sufocada. Por fim, afastou-se devagar, como se a distância significasse um doloroso sacrifício. O seu rosto denunciava contrariedade por deixar-me, os olhos cinzentos estavam brilhantes como a lâmina de uma espada exposta ao Sol e o peito elevava-se ao sabor da respiração descompassada. O Conde não conseguia esconder o quanto me desejava, ou não se incomodava em demonstrá-lo.

— Isto é só uma pequena amostra de como pode ser bom, deliciosa Catelyn! — murmurou com a voz estranhamente enrouquecida. — É uma pena ter de parar, quando a vontade de continuar é imperiosa, e sentir que correspondes às minhas expectativas, um doce tormento. Mas assumi um compromisso com Lorde Garrick e irei cumpri-lo. Dorme bem, minha querida! Prometo que, muito brevemente, já não haverá necessidade de nos despedirmos.

Só consegui reagir depois de ele desaparecer no corredor. Sentia o corpo a tremer, o rosto a arder e as pernas bambas. Como se atrevera aquele homem a tocar-me? Como ousava pensar que eu lhe pertencia? O tremor que me percorria não era paixão! Era terror, nervosismo, repulsa! O meu primeiro beijo não fora lindo e desejado, como o de Melody e Edwin. O meu primeiro beijo fora uma imposição, um exercício de vontade. E, agora que provara o mel, Oliver não resistiria a procurar um pouco mais e a minha

dificuldade para evitá-lo seria acrescida. Raios! Como desejava voltar as costas a tudo e desaparecer no grande navio de Edwin!

Deslizei para dentro do quarto e fechei a porta. De repente, dois braços fortes aprisionaram-me o corpo, enquanto uma mão grossa, mas delicada, me silenciava os lábios.

— O desgraçado já se foi? — questionou o intruso ao meu ouvido.

Reconheceria essa voz em qualquer lugar, no meio de uma multidão. Reconhecê-la-ia se fosse um grão de terra no jardim, ou uma folha de árvore na floresta. Desta vez, o arrepio que me percorreu foi instintivo, quente e excitante. Acenei com a cabeça, e Tristan permitiu que o encarasse. Tremia tanto como eu, mas a razão era diferente.

— Um dia... Juro que, um dia matarei esse miserável! Pagará caro pela ousadia de te tocar!

Os seus olhos brilhavam com o fogo do ódio. Forcei-me a reagir e corri a fechar as cortinas. Podia calcular como Tristan entrara, aproveitando a confusão e fundindo-se com a multidão. Porém, sair não seria tão fácil. E não podíamos arriscar que o descobrissem. Se Lorde Garrick o apanhasse no meu quarto, matá-lo-ia com as próprias mãos.

Voltei-me lentamente para encará-lo. Tinham-se passado dois anos desde a última vez que o vira, e Tristan estava diferente. Amadurecera. Ou então fora eu que crescera e o via com outros olhos! Os olhos de uma mulher... E gostava muito da mudança!

Desejei correr para os seus braços, mas as pernas tremiam tanto, que ameaçavam ceder sob o peso do meu corpo. Vieram-me à memória as conversas clandestinas das jovens criadas ao cair da noite, quando regressavam das escapadelas com os namorados. Falavam de beijos ousados, de carícias ardentes que faziam o sangue queimar e o fôlego finar. Sentir-me-ia assim se Tristan me tocasse?

Corei ainda mais, ao perceber que todos os meus pensamentos se declaravam no rosto. Engoli em seco quando ele se aproximou. Já não havia ódio no seu olhar. Apercebi-me do esforço que fazia para respirar e do nervosismo que lhe prendia os movimentos. Tocou-me na face com tal suavidade, que dir-se-ia ter receio de quebrar-me.

— Eu estive a observar-te, mas a distância não me permitiu perceber o quanto cresceste — sussurrou tão baixo que mal o compreendi. — Estás linda, Cat!

Fechei os olhos, apreciando o contato. A emoção era demasiado forte para esconder. Com o coração aos pinotes, forcei-me a encará-lo, entreabrindo os lábios para respirar. O meu gesto inocente teve um efeito estranho. Tristan recuou um passo, sustendo a respiração e, como se a distância não fosse suficiente para resistir à tentação de abraçar-me, passou por mim e encobriu-se na sombra das cortinas.

— O Edwin e o Berchan mandam-te um beijo e desejam-te toda a felicidade do mundo, neste teu aniversário. O Berchan ficou inconsolável por não poder visitar-te. Está numa fase crucial do treino, e os sábios não permitem que deixe a aldeia. Mas, depois do que vi e ouvi hoje, fico aliviado por assim ser. Duvido de que ele fosse melhor recebido do que o Edwin.

O desabafo de Tristan não andava longe da verdade. A aversão à velha religião e aos seus praticantes estava a transformar-se num combate desigual de vontades. Era público que os aliados de Lorde Garrick o pressionavam para assumir uma posição quanto à vocação do filho, o que só lhe deixava duas opções: ou chamar Berchan para junto de nós, ou renegá-lo. Apesar de enfeitado pela bruxa, eu acreditava que ainda havia uma réstia de bondade e sensatez no coração do meu pai. Só isso explicava o adiamento da decisão.

Secretamente, eu rezava para que a sua tolerância concedesse a Berchan o tempo suficiente para terminar o treino e enfrentar o mal que nos assombrava.

— Como estão eles, Tristan? — perguntei ansiosa. Ele hesitou um pouco antes de responder:

— O Berchan está decidido e confiante no futuro. Quanto ao Edwin... Existem poucos homens como o teu irmão! Está mais forte e determinado do que alguma vez estive.

Tristan evitava deliberadamente os detalhes sobre as ações do Edwin e, por consequência, as suas próprias. Mas eu precisava de saber a verdade.

— Tenho ouvido histórias a vosso respeito — insisti. — Histórias fantásticas e contraditórias... Para os nobres, sois piratas, mercenários e renegados. Para o povo, sois heróis.

— E tu o que pensas, Cat? — interrompeu ele cautelosamente. — O que somos nós para ti?

Franzi o sobrolho, sem perceber onde pretendia chegar.

— Por que fazes essa pergunta?

— Porque a mulher que eu estive a observar não é a menina que deixei para trás — replicou amargamente. — Tu estás integrada neste mundo, Cat! Moves-te como uma princesa. Todos se dobram à tua passagem, rendem-se à tua conversa e ao teu sorriso. A tua madrastra foi uma boa professora! Tens o homem mais poderoso do império preso nos teus encantos e a um passo da tua cama...

A minha mão estalou no seu rosto, com tanta força que o eco espalhou-se pelo quarto. Por pouco não gritei, tal a minha revolta.

— Como és capaz de insinuar algo tão abominável? — rosnei ferida. — Fazes ideia do quanto tenho sofrido; de como é difícil viver aqui? Como me sinto um coelho indefeso dentro de um covil de lobos? Sabes o que é ser forçado a rir quando a tua alma chora; ouvir atrocidades acerca daqueles que amas, sem poder defendê-los? Dobreres-te à vontade dos que mais odeias...

— Perdoa-me, Cat — atalhou Tristan, estreitando-me nos braços, mais trêmulo do que eu. — Perdoa-me... Nunca pretendi duvidar de ti, mas fiquei cego pela raiva... Pelo ódio de te ver nos braços daquele homem! Sei bem o quanto tens sofrido e admiro a tua coragem...

Desta vez não pude segurar as lágrimas. Esmurrei o peito forte e libertei a angústia que me consumia.

Tristan não tentou demover-me do pranto. Confortou-me apenas, como se conhecesse intimamente a minha necessidade de desabafar. Murmurou-me palavras doces e embalou-me carinhosamente, até que o silêncio nos abraçou, e o tempo caiu sobre nós como gotas de chuva.

Não sei em que momento é que a raiva e a mágoa se desvaneceram e o prazer da sua proximidade se tornou mais forte do que tudo. Quando procurei o seu olhar, encontrei-o marejado de

lágrimas. Tristan não se perdoava pelo que dissera. Mesmo que eu afirmasse mil vezes que não havia o que desculpar, ele continuaria a macerar-se por ter desconfiado da minha lealdade.

Sem controlo da vontade, acariciei-lhe a face quente com as pontas dos dedos, surpreendendo-me com o seu sobressalto. Sabia que estava a brincar com o fogo, mas nem pensava em parar. A barba rija arranhava-me a pele; contudo, não era desagradável. Pelo contrário, provocava-me arrepios de calor. Deixei a mão deslizar pelo seu rosto, fixando o olhar nos lábios entreabertos, imaginando como seria bom sentir o seu toque e desejando-o.

— Cat...

O apelo de Tristan era um pequeno e vão protesto; um aviso de que a situação estava a fugir do seu domínio. Um aviso inútil, pois os seus olhos declaravam que já não existia força no mundo capaz de nos separar.

Quando os meus dedos se entrelaçaram nos cabelos negros, os lábios de Tristan desceram e o meu gemido de antecipação afundou-se na boca ávida. O beijo de Oliver fora uma experiência estranha e traumática, que me deixara insensível perante o seu entusiasmo. O beijo de Tristan foi indescritível. Os seus lábios começaram por mover-se com um carinho quase fraternal. A forma como estremecia, denunciava um tremendo esforço para controlar a vontade de me devorar. Temia assustar-me! Contudo, ao aperceber-se do meu arrebatamento, deixou-se possuir pelo ardor e apertou-me com mais força, explorando a minha boca, tal como Oliver fizera. Só que, desta vez, todos os meus sentidos estavam despertos e receptivos. Deliciei-me com o sabor da sua saliva e entreguei-me sem reservas. Sentime levantar e cair, com o corpo a arder e a mente a delirar.

A paixão era isto? Então, eu queria mais!

Tristan afastou-se ofegante, transtornado pela surpresa e pelo desejo. Depois de uma breve hesitação, afundou o rosto nos meus cabelos, murmurando enlevado:

— Cat... Minha doce, Cat! Tens ideia de como eu te quero bem? Sabes quantas vezes sonhei com este momento? Amo-te! Amo-te

tanto que sinto vontade de arrancar o coração do peito para te colocar nas mãos!

Sorri em resposta, sentindo-me tão feliz como já me esquecera que podia ser. Deslizei as mãos pelo seu peito, retrucando ousadamente:

— Eu não quero que arranques o coração, Tristan. Gosto dele exatamente onde está! Desde que me disseste que me querias para tua namorada que eu desejei crescer. Angustiava-me pensar que te encantarias por outra mulher e desistirias de esperar por mim.

Ele devolveu o sorriso, expressando todo o seu afeto no olhar doce.

— Nenhuma mulher poderia tocar no meu coração, porque eu entreguei-te há muitos anos. Não sei quando me apaixonei por ti... Só sei que sempre te adorei! Quando tomei a decisão de seguir o Edwin, a maior dor que senti foi ao deixar-te para trás. Mas que outra coisa podia fazer? Tu ainda eras uma menina, e eu não passava de um camponês. Só me restava sonhar... Sonhar que a amizade que me dedicavas se transformaria em algo mais. E lutar para que, quando chegasse o momento de decidires, eu tivesse posses para oferecer-te a vida que mereces...

Silenciei-o com os dedos, abanando a cabeça em negação.

— Tudo o que eu desejo é tornar a ser livre, Tristan!

— E serás, meu amor! Juro-te pela minha vida! — Inspirou com força, forçando-se a acalmar. — Só te peço que aguentes um pouco mais. Nós não temos poder para enfrentar os exércitos de Lorde Garrick e Goldheart nos seus redutos, mas, uma semana antes do casamento, quando viajares para a aldeia do Conde, estaremos à tua espera na floresta. Seremos rápidos, prometo-te. Antes que possas sentir medo, já estarás a navegar rumo à liberdade. O Berchan virá conosco para te transmitir o conhecimento. Um dia, a vossa casa e as vossas terras voltarão a pertencer-vos, e o nosso povo poderá regressar sem medo.

O plano de Tristan era arrojado, mas inteligente e aparentemente eficaz. Fiquei excitada com a ideia de navegar para longe, livre e em segurança, com os meus irmãos mais queridos e o homem que o meu coração já escolhera.

Tristan arriscara o pescoço para me ver, mas não planeava que as emoções tomassem conta dos nossos gestos e palavras. Agora, no conforto dos seus braços, consciente de que se aproximava o momento em que teríamos de nos separar, eu temia pela sua sorte. E se o apanhassem?

— Não te preocupes, Cat! — tranquilizou-me ele, docemente. — Eu sei cuidar de mim! Além disso, muitos dos soldados que te rodeiam não venderam, nem nunca venderão, a alma ao inimigo estrangeiro. Apenas se mantêm aqui por lealdade a Lorde Garrick e aos teus irmãos. Entre eles, estão bons amigos que velarão por ti na minha ausência.

Era tempo de partir. A noite já reinava havia muito e no jardim fizera-se finalmente silêncio. Esperei por um último beijo apaixonado, mas Tristan segurou-me no rosto com firmeza e beijou-me a testa, despedindo-se:

— Tem cuidado... Faz o que tiveres de fazer para sobreviver a esta provação. Em breve, estaremos juntos!

Eu mal piscara os olhos, e já ele se dirigia à varanda, pronto a deslizar pela parede da casa. Tristan não precisava do tronco de uma árvore para descer.

— Tristan — chamei, sentindo-me subitamente desamparada ao interiorizar que se passariam muitos e desesperantes meses até nos encontrarmos novamente.

Ele deteve-se e fitou-me com o sobrolho franzido, aguardando que concluísse. Engoli em seco e acrescentei a custo:

— Amo-te...

A sua expressão modificou-se. Em dois passos estava junto de mim e abraçava-me, com tanto ardor que me erguia os pés do chão. Os seus lábios devoraram os meus, sem vestígio do domínio que mantivera há pouco.

Correspondi com igual entusiasmo e quase protestei quando me soltou. Demorei algum tempo para recuperar e, quando regresssei à dura realidade, a cortina esvoaçava ao vento. Estava sozinha.

Não houve nenhum comentário acerca do intruso que invadira a propriedade na noite do meu aniversário, por isso o meu espírito sossegou. Chegou o dia de Aled partir, e tive esperança de que decidisse permanecer em casa. Praticamente não o víamos desde a festa. Parecia que, finalmente, encontrara o equilíbrio emocional junto da esposa.

Mas Aled partiu, e Quinn acompanhou-o. Era evidente o quanto Quinn ainda sofria devido à traição de Myrna. O amor transbordava-lhe do olhar sempre que a bruxa chegava perto. O olhar dela também se demorava nele mais do que o necessário. Comecei a refletir se não me haveria escapado algum pormenor dessa história.

Pressentia que Quinn e Myrna tinham voltado a encontrar-se e rezava para que a minha suspeita fosse infundada. A cada dia que passava, temia pela alma do meu irmão. Aquela mulher acabaria por desgraçá-lo! À parte dessa suspeita, tudo estava estranhamente calmo. O Conde de Goldheart regressara à fortaleza e levava consigo a maior parte dos seus homens. Era um alívio olhar em redor e ver rostos familiares e amistosos, em vez das carrancas dos servos de Oliver. Contudo, quando se vive com a sombra de uma feiticeira sobre a cabeça, a paz é algo que se saboreia em sobressalto. E Myrna não tardou a deitar as garras de fora.

Quinze dias após a festa de noivado, encontrávamo-nos no templo dos bordados quando senti o olhar da bruxa a queimar-me. O impacto do desconforto foi tão forte, que perdi o domínio da agulha e o aço pontiagudo enterrou-se profundamente na minha carne. Sem querer, soltei um gemido de dor e recolhi a mão, levando o dedo à boca. Melody largou o lençol que estava a bordar e aproximou-se para verificar o ferimento. A sua preocupação contrastava com o sorriso sarcástico de Myrna, que se apressou a exclamar num tom jocoso:

— Tens de ser mais cuidadosa, Catelyn! A não ser que queiras manchar o teu maravilhoso vestido com sangue!

O vestido que usaria no dia do meu casamento ficaria pronto assim que terminasse de bordar as virginais flores que já me

derretiam a paciência. Que desperdício, um vestido tão bonito para uma cerimônia tão infeliz!

Senti vontade de enfiá-lo dentro da bocarra da feiticeira, mas os meses intermináveis de duro domínio da vontade compensaram, e limitei-me a concordar:

— Tem razão, Senhora Myrna! Desculpe...

Melody fitou-me com a expressão assombrada e reprovadora que sempre fazia quando eu me dobrava à vontade da minha madrasta. Muito mudara, devia pensar. Certamente achava que eu perdera a personalidade, assim como Lorde Garrick e os meus irmãos. Apesar de me doer, não podia contar-lhe a verdade.

O sangue não parava de jorrar do meu dedo. O buraco que a agulha abria na carne parecia a toca de um coelho. Melody ofereceu-se para ir buscar o necessário para fazer-me um curativo. Fiquei sozinha com a bruxa e ela não perdeu tempo:

— Tenho-te observado atentamente desde o dia do teu noivado começou num tom que me arrepiou da cabeça aos pés. — Mudaste! Mudaste muito! Os teus olhos adquiriram um brilho diferente. Diria que... estás apaixonada!

Nem todo o controlo acumulado foi suficiente para esconder o meu sobressalto. Sentime corar violentamente. Ergui os olhos para encará-la e quase gritei de susto ao vê-la junto de mim.

— O Oliver é um homem muito envolvente — continuou Myrna, ousada e insinuante. — Saberá derreter o gelo que corre no sangue das mulheres da tua raça e transformá-lo em fogo. Já começou a fazê-lo, não foi? Eu sei o quanto ele te deseja...

Teria Goldheart instruído a sua protegida para arrancar-me a confirmação do meu afeto? Não! Oliver não era um homem inseguro; jamais se submeteria a tal humilhação. A hipótese mais consistente era terrível.

Myrna desconfiava de algo e tentava subtrair-me a verdade. Forcei-me a responder, procurando afastá-la do que quer que fosse que farejara:

— O Conde de Goldheart é um homem vivido, e eu sou apenas uma criança. Tenho muito que aprender, mas serei uma aluna interessada.

A sua gargalhada gelou-me, mas mantive-me impávida quando desdenhou:

— Sim! Eu sei que serás! Tu és uma fogueira prestes a transformar-se num incêndio! Se eu posso ler isso nos teus olhos, também qualquer homem pode... E acredita, tu tens um olhar que enlouquece os homens!

Desviei o rosto, simulando indignação para esconder o asco que a vil criatura me causava.

— Não deve falar assim, Senhora Myrna! O meu noivo é o único homem que desejo!

— Então — agarrou-me o pulso e acariciou a pulseira que Tristan me oferecera — está na altura de te livrares de certos presentes... comprometedores! Não concordas? O Oliver não gostará de saber que conservas uma recordação de um seu inimigo que te deseja como mulher.

Libertei-me da bruxa com um safanão. Quando encarei o seu olhar vitorioso, percebi que me excedera e lhe entregara a certeza que buscava. Todavia, não me renderia tão facilmente!

— A senhora está enganada a respeito das intenções desse rapaz. Nós fomos criados juntos, como irmãos. A pulseira é apenas um adorno que me agrada, sem nenhum outro significado!

— Então, dá-me! Evitarás problemas futuros com o teu noivo e deixar-me-ás muito satisfeita. Essa pulseira é linda! Ficará maravilhosa no meu braço.

Não sei aonde fui buscar força para enfrentá-la com firmeza e convicção:

— Eu posso dar-lhe a pulseira, mas, em troca, também pretendo um agrado. A pedra que a senhora traz ao pescoço é uma herança da minha família materna, e eu gostaria de reavê-la. Está interessada em trocar?

Myrna empalideceu. Acariciou a pedra cor de laranja enquanto retorquia asperamente:

— Este colar foi-me oferecida pela tua irmã. A Fiona ficaria muito magoada se eu te desse.

Mantive o esgar aguçado, concluindo friamente:

— Nesse caso, parece que não podemos negociar!

As faces da minha madrasta ficaram subitamente rubras, e o seu olhar incendiou-se. Até os seus cabelos pareciam soltar labaredas. Abriu a boca para argumentar, mas, nesse preciso instante, Melody regressou para aplicar-me o curativo.

Enquanto a minha cunhada se certificava de que a ferida não abriria quando eu voltasse a bordar, considerei o muito que arriscara ao enfrentar a bruxa. Eu não poderia ousar novamente! Myrna tinha de acreditar que a minha teimosia se devia a um capricho e não à profundidade dos sentimentos, ou todos os meus esforços e os sacrifícios dos meus irmãos seriam postos em causa.

Pouco depois, regressávamos à costura em silêncio, como se nada tivesse sucedido. Contudo, eu sabia que todas as ações da feiticeira tinham um propósito. Para que queria ela a pulseira estava para além do meu entendimento. Pretenderia privar-me do seu conforto? Seria capaz de obter informações, através dela, com as suas bruxarias? Desejaria fazer mal a Tristan? Por mais que insistisse, eu jamais lhe daria!

A partir desse dia, a nossa relação azedou. Myrna apercebera-se de que, afinal, eu não estava sob o seu domínio e qualquer protesto servia para expor-me aos olhos de Lorde Garrick. Porém, quando eu pensava que estava prestes a rebentar; que não aguentaria mais as provocações que começavam a envenenar o espírito do meu pai, aconteceu uma catástrofe que desviou a atenção de Lorde Garrick das coscuvilhices caseiras: os Nórdicos atacaram um dos nossos aliados.

CAPÍTULO 8

Desde que eu tinha memória que a ameaça nórdica só arranhava as nossas defesas. Se nas terras vizinhas as suas investidas haviam sido arrasadoras e abomináveis, nos domínios dos McGraw e seus aliados, todos se sentiam relativamente seguros. E mais confiantes agora, que o Conde de Goldheart se dispusera a defender a costa a partir da fortaleza, o que pressupunha a proteção da coroa num momento de aflição. Por isso, o alarme do assalto viking caiu sobre nós qual desmoronamento de um penhasco.

A propriedade atacada era a de Lorde Berry, um indivíduo muito independente que gostava de gerir o seu espaço e tinha opiniões sólidas sobre a influência negativa da coroa na nossa terra. Durante muito tempo considerara a possibilidade de manter-se neutro na disputa, mas a pressão de Lorde Garrick e as fronteiras com os Aliados não lhe haviam deixado alternativa. Ficar de fora da aliança significava lutar em todas as frentes, contra tudo e contra todos.

Invariavelmente, as notícias mantinham-se fechadas no salão, onde o meu pai se reunia com os seus homens. Porém, desta vez, o ataque fora tão brutal, que era impossível calar as vozes da revolta e do medo. O terror viera por mar. Quatro barcos, diziam, e centenas de guerreiros chefiados por um líder tão terrível, que quase ninguém se atrevia a proferir o seu nome.

Poucos tinham visto Gunnulf e vivido para descrevê-lo. Falava-se que era alto como uma torre, forte como um touro, com os cabelos da cor do fogo e os olhos da cor do mar nos dias de tempestade. O rosto grotesco estava tatuado com estranhos símbolos negros, que lhe conferiam um aspecto ainda mais assustador.

Além disso, garantiam que se transformava num urso feroz durante as batalhas, que comia carne humana, que colecionava os olhos dos seus inimigos, que o seu vozeirão podia matar um homem

apenas com um grito, que possuía poderes sobrenaturais e controlava os ventos e as marés a seu belo prazer...

Quer tais descrições fossem verdadeiras ou falsas, a realidade era crua e atroz. Gunnulf atacara o povoado de Berry e saqueara tudo o que havia de valor, sem encontrar grande resistência. Depois partira, deixando para trás uma pilha de cadáveres e uma aldeia em chamas.

Os Aliados reuniram-se de emergência. Ouvei rumores de que Lorde Berry conseguira escapar com vida, mas estava muito ferido. O meu pai partiu de imediato ao seu encontro.

Passaram-se dias de agonia. Por fim, Aled e Quinn regressaram, trazendo novas horripilantes. O que tínhamos ouvido era verdade. A Aldeia de Berry estava em cinzas, e poucos dos seus habitantes haviam escapado com vida. Perante este ataque sangrento, os chefes das aldeias que ainda relutavam em aliar-se a Lorde Garrick e ao Conde de Goldheart foram forçados a ceder. A coroa afigurava-se um mal menor diante da desmesurada bestialidade dos Nórdicos.

Com o meu pai ausente, a Senhora Myrna voltou a concentrar o seu interesse em Quinn. Acredito que o meu irmão resistiu enquanto o seu coração apaixonado lhe permitiu. Porém, a bruxa sedutora tinha grandes artimanhas e, na noite que antecedeu a partida dos meus irmãos para se reunirem ao pai, Quinn esgueirou-se para o quarto de Lorde Garrick e desfrutou do corpo ardente e insaciável da sua jovem madrasta.

Eu passei essa noite em claro, desafiando o fogo que lambia as paredes da lareira, separando as labaredas cruéis em fios de luz, em bolas de lume, em cinzas que, no instante seguinte, tornavam a ganhar vida.

Doía-me a alma. Doía-me saber que Edwin e Tristan se encontravam no mar, lutando finalmente ao lado dos Aliados, mas sob o comando de outro líder que não Lorde Garrick e o estandarte de outra terra que não a sua, podendo enfrentar a qualquer momento os selváticos bárbaros e perecer como tantos outros. Doía-me imaginar o horror do povo quando encarara a morte e a agonia dos sobreviventes. Além disso, Myrna estava mais poderosa do que nunca. Em breve atacaria com ferocidade, e eu não tinha condições

para ripostar. A família estava enfraquecida. Os laços que uniam os irmãos McGraw, que eu julgara eternos, haviam sido desfeitos. O que fazer?

Enfrentei o lume até que a minha mente se consumiu. Caí numa inconsciência dormente e dolorosa. Só via labaredas ao meu redor. Estava cercada e mergulhada num horror profundo. O cheiro era nauseabundo, pútrido, insuportável... Cheirava a carne queimada. Gritos de dor dilacerante feriam-me os ouvidos. Tentei mover-me, mas não consegui. Tentei gritar, mas não tinha voz. E, enquanto me esforçava por mexer as pernas, esmagadas sob o peso do corpo, vi um homem atravessar o braseiro, tão lentamente como se o próprio tempo lhe pertencesse, tão imune à agressão do fogo que dir-se-ia fazer parte dele. Estava vestido com roupas estranhas, ferro e peles de animais. Os seus cabelos, amarelos como o trigo maduro, agitavam-se em redor do rosto másculo. Os seus olhos, da cor do céu de Verão, quebraram o que restava da minha vontade. Fiquei inerte, sem ar, impotente perante a sua aproximação. Sabia que tinha de fugir, mas já parara de tentar. A dois passos do meu corpo prostrado, o homem ergueu a espada. A lâmina longa e brilhante absorveu as chamas. Não me movi; nem mesmo quando o seu rosto se desfigurou num esgar raivoso e a arma caiu sobre mim.

Despertei com o peito a arder e o corpo a tremer convulsivamente. Apesar de gelada, estava alagada em suor. Enquanto me forçava dolorosamente a erguer do chão, interroguei-me se tivera um pesadelo ou uma Visão. Não me restava muito tempo de sono, mas enfiei-me debaixo das cobertas e tapei a cabeça. Mesmo na segurança da cama quente e confortável, continuei a suar frio e a tremer de pavor.

Quem era aquele homem que trazia a morte no olhar? Não o conhecia, mas já o vira antes, na noite em que Fiona nascera. A imagem, que permanecera adormecida no meu espírito, despertara tão viva como se fosse real. Na primeira Visão, o desconhecido parecera-me um homem sensível e carinhoso. Desta vez, a Visão mostrara-me um bárbaro cruel, um demônio prestes a pôr termo à minha vida, um selvagem... um Viking! E logo agora que esse povo

atacara a Aldeia de Berry! Seria o meu sonho um presságio? Ou apenas o reflexo dos meus temores?

Aled e Quinn partiram, e Myrna voltou a transformar-se na dona de casa perfeita. Porém, o seu olhar estava carregado de intenções e avisava-me: *Não perdes pela demora, Catelyn McGraw. Irei esmagar-te! Irei destruir-te! Em breve... Muito em breve!*

Comecei a desejar ardentemente o dia em que Edwin e Tristan me arrancariam do pesadelo e conduziriam à liberdade. Mas logo o meu ardor arrefeceu e foi substituído pela incerteza e pelo temor. A Grande Ilha estava em guerra. Poderia Edwin abandonar uma batalha para acudir à irmã quando esta necessitasse? E que segurança encontraríamos nós nas águas infestadas de selvagens?

Lorde Garrick regressou, trazendo consigo uma legião de guerreiros frustrados. Haviam caçado os Nórdicos, por terra e por mar, em vão. Gunnulf desaparecera sem deixar rasto, como se fosse a sombra da morte, sempre presente mas invisível. Os barcos gigantescos e as centenas de bárbaros tinham-se desvanecido no ar, aumentando a crença na sua ascendência demoníaca. O medo alimentava a superstição e lutava ao lado dos Viking como um aliado poderoso.

Faltavam dois meses para o meu casamento, quando um sopro maligno desencadeou a tragédia. Eu encontrava-me no meu quarto, sentada diante de uma vasilha com água, tentando inutilmente mover a superfície brilhante, quando Melody me procurou. Fiquei satisfeita, pois era raro conseguir falar com a minha amiga longe do olhar opressor de Myrna. Porém, o seu rosto pálido e os gestos trêmulos depressa denunciaram que ela não me procurara para uma conversa amigável. Melody estava apavorada.

Demorou a confessar-me o que a assustava. Certificou-se primeiro de que estávamos sozinhas e que não coríamos o risco de ser interrompidas. Depois, pareceu perder a coragem. Chorou um pouco e acabou por murmurar entre soluços:

— Eu estou grávida, Cat...

O meu coração encheu-se de alegria por ela, por Aled, por mim... Porém, subitamente, lembrei-me da bruxa, e o meu semblante enevoou-se. Nesse instante, percebi que os receios de Melody eram os mesmos que os meus. E ela não tardou a confirmar-me:

— Sei o que pensas da Senhora Myrna... Eu acredito em ti, Cat. Sempre acreditei! Mas fui demasiado medrosa para me insurgir contra todos, quando devia ter ficado do teu lado. E paguei caro pela minha covardia! Perdi o meu filho e vi muitas mulheres perderem os delas, até sentir que iria enlouquecer. Mas o que mais podia fazer? Mesmo tu tiveste de te dobrar à evidência de que não é possível combatê-la!

Fechei os olhos e respirei fundo. Tinha medo de falar; de ouvir a minha própria voz aflorando esse assunto. Não desconfiava da lealdade de Melody, mas temia a extensão do poder de Myrna. Poderia ela, de alguma forma, saber que estava a ser vítima de uma conspiração?

— Tem de existir uma maneira — comecei hesitante. — O Berchan está a trabalhar duramente para descobri-la. Até lá, teremos de sujeitar-nos aos caprichos da bruxa.

Melody deixou cair os ombros, como se eu tivesse acabado de arrancar-lhe a réstia de força que a sustinha. Mal conteve um soluço quando murmurou:

— Quer dizer que terei de resignar-me impassível à certeza de que essa mulher irá matar o meu filho?

É claro que não! — apeteceu-me gritar. Mas fiquei calada, escutando o choro derrotado da minha cunhada. A minha mente dissecava todas as possibilidades sem encontrar uma solução. Era como esgravatar uma rocha sólida com as unhas.

— Mais alguém sabe disto? — perguntei, sentindo-me exausta.

— A Bretta — respondeu Melody a custo. — Ela acha que eu devo partir a coberto da noite e procurar a proteção dos druidas até o bebê nascer. Mas tenho medo! O Aled jamais compreenderia... Pensaria que eu estava a fugir dele! Se lhe dissesse que a Myrna é a causadora da nossa desgraça, seria capaz de se rir na minha cara. Está convicto de que a nossa antipatia e receio pela madrasta não passam de ciúmes e delírios. O Conde de Goldheart envenenou-lhe o

espírito, assim como ao resto do nosso povo. As velhas tradições estão moribundas, Cat! Não tarda, os sábios serão expulsos da região e quem restará para nos proteger da feiticeira? Os padres cristãos nada podem contra o seu poder!

A minha cunhada estava sem fôlego quando terminou o sofrido discurso. E eu estava sem resposta.

Tudo o que ela dissera era correto. Ao mesmo tempo que bania das nossas terras e do coração do povo todos os vestígios da velha fé, do antigo e protetor poder, Oliver introduzia nas nossas vidas uma feiticeira poderosa.

Myrna também fora brilhante na escolha do seu tutor. Quem desconfiaria da sua verdadeira identidade, quando o Conde era um fervoroso executor da sua raça?

Melody regressou ao aconchego dos braços de Aled, consciente de que nem o mais bravo dos guerreiros poderia protegê-la. Eu deambulei pelo quarto, sem encontrar descanso. Por fim, desisti de lutar comigo e desci ao jardim. Visitei o túmulo da minha mãe e demorei-me nas orações. Desejei que tudo fosse como era antes de Fiona nascer. Mas o tempo não voltava atrás. O que nos restava, à minha família e à minha terra?

Levei a mão ao pescoço e acariciei a pedra azul. Estava quente e transmitia-me um conforto doce e uma força inesperada. Pareceu-me ouvir a voz da minha avó cavalcando o vento: *"Não desesperes... Falta pouco... Muito pouco..."*

Arrastada pelo inesperado sopro de confiança, voltei para casa. Os meus pés descalços não arrancavam um sussurro ao chão de pedra e madeira. Era tarde quando dei por eles. Quinn e Myrna estavam abraçados ao coberto da escuridão, beijando-se e acariciando-se com um ardor que me fez corar. Não se encontravam ali há muito, pois as roupas ainda os cobriam, mas o vestido de Myrna já revelava os seus seios voluptuosos às mãos e aos lábios ávidos do meu irmão.

Eu não podia mover-me. Se avançasse, eles notariam a minha presença; se recuasse, também.

Interroguei-me sobre a força da loucura que corroía Quinn, que o levava a expor-se abertamente, arriscando-se a ser surpreendido

pelos criados e pelo próprio pai.

De repente, os olhos de Myrna brilharam como os de um gato e caíram sobre mim. O seu rosto odiosamente belo abriu-se num sorriso; a prova de que este percalço fora planeado. A bruxa desejava que eu os encontrasse... Queria forçar-me a enfrentar Quinn! Certamente enviou uma mensagem corporal ao meu irmão, pois ele ergueu-se de entre os seios alvos e virou-se devagar. Mesmo na penumbra, observei o seu rosto a mudar da cor do fogo para a cor da neve quando me encarou.

Não tive alento para reagir. Myrna ajeitou o vestido e virou-nos as costas, subindo as escadas sem proferir uma palavra, altiva e, eu sabia, vitoriosa. Quinn ficou-se onde estava. Eu imaginava o que se passava na sua cabeça, mas neste momento não conseguia sentir pena dele... Só raiva! Muita raiva! Raios! Não podia passar o resto da vida a desculpar as fraquezas de Quinn e Aled! O mal estava diante deles, assim como estava diante de nós. Se não o viam, era porque não desejavam vê-lo!

Acometida por uma energia frenética, passei por Quinn e corri pelas escadas em direção ao meu quarto.

Tentei trancar a porta, mas ele foi mais rápido e empurrou-a, entrando e fechando-a com um baque surdo e mórbido. Ficou diante de mim, pálido de morte, respirando com dificuldade. Eu sentia o peso do seu olhar esmagar-me. Quinn estava possuído por Myrna. Seria capaz de matar por ela... Matar-me-ia e ao seu próprio pai, sem hesitar, se a amante lhe pedisse. E, se o amuleto da minha avó me protegia dos ataques da bruxa, o mesmo não sucedia em relação ao meu irmão. Como podia defender-me de Quinn? Como conseguiria levantar a mão contra ele, se o amava tanto?

— Catelyn, vais esquecer o que viste! — Apontou-me um dedo, tão ameaçador como a sua voz. — Ouviste? Se contas uma palavra a alguém, eu...

Deteve-se, incapaz de concluir a ameaça. A decisão da disputa estava nas minhas mãos. Eu podia reverter a situação, agindo com inteligência, ou podia combater o ódio com ódio, deitando tudo a perder. Era isso que Myrna pretendia! Pois eu não iria tombar no abismo! Nem permitiria que o meu irmão tombasse! Se havia

alguém capaz de salvá-lo, esse alguém era eu. A pedra azul latejava com a força do meu coração, quando retorqui num tom firme e calmo:

— Há muito que eu sei o que vós andais a fazer e, se não o contei então, não o farei agora. O que ganharia com isso? A destruição do que resta da nossa família? Esse é o objetivo da tua amante, não o meu! Guarda as tuas ameaças para os teus inimigos. Eu não te quero mal, mano!

Depois de um momento de hesitação, Quinn abanou a cabeça completamente desnorteadado.

— Tu odeias a Myrna... Como podes entender? Como podes compreender o amor se nunca o sentiste, Cat?

— Estás enganado! Eu posso ser inexperiente, mas não sou tola! O amor é algo bonito e puro, que nos enche de felicidade e dá alento para viver. O que tu sentes pela Myrna é doentio, frustrante e angustiante. Como pode ser amor Chama-lhe cegueira, obsessão... Chama-lhe loucura, mas não lhe chames amor!

— Tu não sabes o que estás a dizer!

— Sei perfeitamente! — continuei, sem permitir que me interrompesse. — Essa mulher só está a servir-se da tua inocência...

— Mentira! — Ele quase gritou. — A Myrna ama-me!

— Sim? — ripostei. — Foi por te amar que se casou com o nosso pai?

— Ela não teve escolha! — A indignação de Quinn apossava-se da sua voz. — Não sei por que defendes a Melody e atacas a Myrna! A situação é igual...

— Igual? A Melody não se agarrou ao braço do Aled quando o Edwin enfrentou Lorde Garrick. A Melody não fez do seu casamento o acontecimento da Grande Ilha, nem saltitou de felicidade até ao altar. E muito menos atraçou o Aled pelas costas para satisfazer o seu desejo. A Melody está a aprender a amar o Aled. Não compares alguém que atravessou um martírio e trava uma luta diária para sobreviver, com alguém que se diverte a destruir os que a rodeiam.

— Isso não é verdade...

— Lorde Garrick não é tolo! Mais tarde ou mais cedo acabará por descobrir o que se passa e o que te restará, Quinn? Manchar as

mãos com o sangue do nosso pai?

— Se tiver de ser!

Desta vez, fui eu que fiquei muda. Quinn estava para além de qualquer argumentação. Aproximou-se e agarrou-me pelos ombros, sacudindo-me enquanto rosnava:

— A Myrna é minha! Muito antes de conhecê-la, tive uma Visão que me revelou como a mulher que mudaria a minha vida. Não permitirei que nada nem ninguém se intrometa entre nós, ouviste? Um dia, Lorde Garrick finará. Se não morrer na guerra, morrerá de velhice, e nós poderemos declarar o nosso amor ao mundo. Até lá, continuaremos a encontrar-nos. E tu vais ficar de boca fechada! Proíbo-te de voltares a falar deste assunto, Cat! Se o fizeres, não respondo por mim!

Empurrou-me com tanta violência que tombei sobre a cama. Enfrentei o seu semblante enraivecido, lutando a muito custo contra as lágrimas, e supliquei:

— Escuta a tua voz, Quinn! Pensa no significado das palavras que cospes com tamanha indiferença. Abre os olhos e vê para além do desejo que te domina. A Visão que tiveste foi um aviso e não uma premonição boa. Vê o que essa mulher está a fazer, a ti e a esta família!

— Queres que veja o quê? — desafiou ele jocosamente, com as mãos nos quadris. — Que a Myrna é uma bruxa? — Riu-se alto. — Não sejas ridícula, Cat! Guarda o teu despeito, o teu ciúme e a tua inveja! Alegra-te por estares prestes a fazer um casamento fabuloso e deixa-te de delírios, antes que seja o Conde de Goldheart a abrir os olhos e a perceber que está noivo de uma louca!

O meu irmão bateu com a porta ao sair. Eu fiquei sentada na cama, perdida no silêncio. As sombras da lareira bailavam na parede e depressa se transformaram numa elegante rapariga que dançava, rodopiava e ria, ria e girava, saltava e assumia uma forma longa e fina, como uma serpente gigante prestes a precipitar-se sobre mim.

A porta abriu-se de rompante, salvando-me do delírio. Sem hesitar, Stefan envolveu-me nos braços.

— O que aconteceu, irmãzinha? Que gritaria foi esta? Por que discutiste com o Quinn?

Eu não respondi, mas Stefan compreendeu tudo com um simples olhar. Escondi a cabeça no seu peito e desejei adormecer e acordar noutra sítio, noutra tempo, quando o lago era o nosso refúgio e o som da mais pura alegria vibrava pela floresta.

— Não vás, Stefan — supliquei. — Fica comigo esta noite!

O meu irmão assentiu e estreitou-me com mais força. Deslizou os lábios pela minha testa, depositando pequenos beijos na pele febril. Percebi que soluçava. A sua voz soou enrouquecida e abafada pelo choro:

— Perdoa-me, Cat! Perdoa-nos a todos, por não sermos capazes de te proteger e libertar deste pesadelo. Há momentos em que perco toda a esperança e só a tua determinação me dá força para continuar a lutar. A nossa vida deveria ter sido diferente. Os nossos pais deviam ter continuado juntos e felizes. O Aled seria o administrador do império de Lorde Garrick, e o Quinn um grande guerreiro, reconhecido como o maior herói de sempre. O Edwin teria sossegado o coração e criado uma dezena de filhos ao lado da Melody. O Berchan seria o mais poderoso de todos os druidas, e eu, o seu discípulo. A Fiona seria a donzela mais cobiçada da região e viriam reis de todo o mundo suplicar a sua mão. E tu... Tu, minha doce irmãzinha, serias tudo o que quisesses ser, porque, sem a menor sombra de dúvida, és a melhor de todos nós.

A manhã seguinte nasceu cinzenta; um augúrio de desgraça.

Lorde Garrick e os seus convidados reuniram-se no salão para discutir os pormenores da próxima batalha. Era prioritário que se preparassem para surpreender os Nórdicos quando estes atacassem. O desejo de esmagar Gunnulf declarava-se em todos os rostos.

A Senhora Myrna estava na sala de refeições a tomar o pequeno-almoço, com uma expressão angelical.

Sorriu quando entrei e cumprimentou-me com palavras mansas, como se a noite anterior não tivesse existido.

Ignorei-a e sentei-me no extremo oposto da mesa. Pouco depois, chegou Melody. A minha cunhada tencionou sentar-se perto de mim, mas Myrna chamou-a para o seu lado, e ela pareceu incapaz de resistir ao apelo. Assim que olhou para a fatia de bolo que a bruxa

lhe estendia, eu percebi que o seu segredo se perdera para o inimigo.

Melody começou a ficar branca e os vômitos sucederam-se, sacudindo-lhe o corpo frágil com espasmos. Horrorizada, observei os olhos de Myrna a esbugalharem-se de surpresa e encanto.

— Estás grávida, Melody!?! — exclamou deleitada. — Mas que boa notícia!

Sim, para ela devia ser uma excelente notícia! Depois dos sucessivos azares que haviam assombrado os partos na Aldeia do Lago, as mulheres em idade fértil tinham abandonado o povoado, fixando-se noutras aldeias. A voz do pavor erguia-se contra a jovem esposa do senhor da terra, e só Lorde Garrick é que não a escutava. Este êxodo deixara a bruxa que se alimentava de vidas sem recursos e, conseqüentemente, os seus poderes haviam enfraquecido. Só assim se explicava o fato de ainda não ter consumado as suas ameaças. Agora, este bebê dar-lhe-ia a possibilidade de arrasar com qualquer inimigo. A situação evoluiu depressa demais. Melody recuou instintivamente, mas Myrna não desistiu. Avançou, decidida a cravar as garras no ventre da jovem mãe.

— Deixa-me tocar na tua barriga, querida! — silvou. — Há muito que não sinto um bebê...

— Não!

O grito desesperado da minha cunhada dilacerou-me o coração. Corri em seu auxílio, enquanto ela se defendia debilmente do ataque feroz, acabando por cair da cadeira, derrubada pelo ímpeto assassino da predadora. A bruxa saltou-lhe para cima com um rugido ardoroso. Não desistiria enquanto não alcançasse o seu objetivo. Estava tão concentrada na sua vítima, que se esqueceu de mim.

Quando cheguei junto delas, Melody debatia-se desesperada, com os olhos cheios de lágrimas, e Myrna quase a pisoteava para tentar tocar-lhe no ventre. Sem hesitar, agarrei a bruxa pelos ombros e arranquei-a de cima da minha cunhada. Quando a tive diante de mim e encarei o seu rosto, estranhamente distorcido pela raiva e pela surpresa, não consegui conter o ódio que me engasgava há

muito. Puxei o punho atrás da cabeça e lanceio em frente, com quanta força tinha, desferindo-lhe um golpe certo e poderoso numa das faces.

Myrna guinchou... Não um grito normal de dor, mas o uivo de uma besta enraivecida. Caiu no chão com aparato, e o seu primeiro reflexo foi ripostar. Que viesse! Eu estava pronta para recebê-la com mais socos, pontapés e o que quer que fosse necessário!

Só quando a expressão da bruxa se alterou bruscamente é que eu percebi o que sucedia nas minhas costas. Duas mãos fortes seguraram-me pelos ombros, e o perfume inconfundível de Oliver inundou-me o nariz. O seu toque não foi rude, mas firme. Lorde Garrick correu até Myrna e envolveu-a nos braços. De imediato, ela enlaçou-o pelo pescoço, desatando num pranto convulsivo. Procurei Melody com o olhar, sentindo um medo descomunal a trepar pelas entranhas. Aled estava junto da esposa, e ela chorava de alívio.

Experimentei uma calma arrebatadora que me deixou dormente. Pelo menos, o meu sacrifício salvara uma vida.

— Enlouqueceste, Catelyn? — gritou o meu pai, enquanto ajudava a esposa a erguer-se. — Que louca selvagem abrigo sob o meu teto? Olha para o estrago que tu fizeste no rosto da Senhora Myrna! Nenhuma discussão justifica isto! O que é que te passou pela cabeça? Fala, rapariga!

Havia triunfo no olhar da bruxa. Tal como ela, eu sabia que os meus argumentos apenas piorariam a situação, por isso permaneci em silêncio.

O alarido atraía não só o meu pai e os seus convidados, mas também alguns criados da casa. Bretta estava entre eles, lívida, com as mãos trêmulas cobrindo os lábios e os olhos esbugalhados de horror, temendo pela minha sorte. E com razão!

— Não tens nada para dizer? — troou Lorde Garrick, enraivecido. — Espero que saibas que não ficarás impune!

Como num sonho, ouvi a voz de Melody, fraca de início, mas ganhando convicção à medida que falava:

— A culpa não foi da Cat! Ela só me defendeu! A Senhora Myrna estava a atacar-me!

Um silêncio sepulcral alagou a sala, enquanto os olhos de Myrna deixavam o meu rosto e fixavam-se em Melody, raiados de sangue, brilhantes de ira.

— O que está a dizer, Senhora Melody? — replicou Lorde Garrick num tom incrédulo e perigoso. — A minha esposa estava a atacá-la? E posso saber por que razão?

Fechei os olhos, sentindo-me afundar num poço escuro, com a água fétida fechando-se à minha volta.

Estava tudo perdido! Por que não ficara Melody calada? A sua tentativa de ajudar-me seria desastrosa para todos nós.

"Por favor" supliquei mentalmente. *"Não digas mais nada!"*

— Porque a Senhora Melody está grávida, e essa mulher quer roubar-lhe a vida do filho de dentro do ventre.

Escancarei os olhos com horror e pasmo, enquanto me virava para encarar Bretta, num apelo mudo ao seu silêncio. Ela continuou, ignorando o choque geral e o olhar pejado de ódio da patroa:

— Meu senhor... O senhor casou com uma feiticeira! A Menina Catelyn tem razão. A Senhora Myrna matou a sua esposa e dezenas de outros inocentes, roubando-lhes a vida no momento do nascimento. — O burburinho que agora se erguia sufocava-lhe a voz. — O meu senhor já se interrogou por que as suas terras estão desertas de crianças e as mulheres fogem aterradas quando a sua esposa se aproxima?

— As mulheres têm inveja da minha esposa! — trovejou Lorde Garrick, provocando um novo silêncio. — Odeiam a Senhora Myrna, porque é perfeita! — Estreitou o corpo da bruxa contra o seu. — Eu não tolerarei mais ataques à dona desta casa! Estou farto do comportamento desvairado da minha filha, que já contaminou a esposa do Aled! — Encarou o primogênito, ordenando: — Leva a tua mulher daqui para fora! Se a Senhora Melody acredita que não está segura na minha casa, o melhor é arranhares outro teto para abrigá-la. E tu, velha demente — voltou-se para Bretta — parte imediatamente desta terra. Se voltares a cruzar o meu caminho ou o da minha esposa, matar-te-ei sem piedade!

— Pai... — A voz de Stefan conseguia tremer mais do que ele próprio. — Suplico-lhe que reconsidere! A Bretta vive nesta casa

desde sempre. Ajudou a nossa mãe a nascer e cada um dos vossos filhos...

— Não contestes as minhas decisões, Stefan! — rugiu Lorde Garrick. — Quem ofende a minha esposa e põe em causa a sua honra, tem de pagar pela ousadia! Só não mato imediatamente essa velha caduca e petulante, por considerar aos serviços que prestou a esta família. Mas a minha clemência finará se se atrever a desobedecer-me! Ainda estás aqui? Desaparece da minha vista, mulher!

Com o coração a sangrar e a cabeça a latejar, vi Bretta abandonar a sala com a cabeça erguida. Percebi que, com ela, partia a esperança da própria Casa Grande. Mas a tempestade ainda mal começara...

— E tu, Catelyn, vai para o teu quarto! Ficarás lá até que eu decida em contrário!

Lorde Garrick saiu da sala amparando a dócil e ultrajada esposa, deixando para trás um desconforto esmagador. A pressão das mãos de Oliver encorajou-me a encará-lo. Ao contrário do que seria esperado, não havia reprovação no seu olhar.

— Eu vou ver o que posso fazer por ti, Catelyn, mas não prometo muito! Colocaste-te numa posição muito delicada! O teu pai não te perdoará facilmente a ofensa e a vergonha...

Soltei-me com um simples movimento do corpo, e o Conde não tentou deter-me. Pelo canto do olho, vi que Melody enfrentava uma nova dificuldade. Aled tomara conhecimento da gravidez da pior maneira imaginável. Mas eu já não podia ajudá-los. Melody e Aled deviam partir, e eu esperava que o meu irmão tivesse o bom-senso de levar a esposa para longe. Quanto a mim, só me restava aguardar a sentença do meu pai. No mínimo, Lorde Garrick iria condenar-me a passar o resto da vida fechada numa cela escura, a pão e água.

Refugiei-me no quarto e arrastei-me penosamente até à cama; cada passo, um sacrifício. Sentia que toda a esperança era vã. Já não vislumbrava uma saída desta calamidade.

A porta abriu-se de rompante, e eu voltei-me devagar, debilitada pelo nervosismo, esperando encontrar Stefan ou Quinn. Um soco

violento colheu-me de surpresa e arremessou-me pelo ar, desferido com tanta destreza e força que acreditei que fora um homem o autor da agressão. Porém, quando consegui recuperar do susto e abrir os olhos, encontrei o rosto de Myrna debruçado sobre o meu, desfigurado pelo rancor.

— Feiticeira? — rosnou. — Bruxa? Eu vou ensinar-te a não me desafiars, sua decrépita imbecil! Pensas que és uma rival à minha altura? Acreditas que os teus truques ridículos podem superar a mais poderosa das magias?

A voz fina penetrava-me na mente e dilacerava-me os sentidos. Fiquei pregada ao chão, com os ossos moles e a cabeça a estalar. Enquanto falava, Myrna divertia-se a dar-me pontapés. E eu recebia-os como se estivesse amarrada. Se fosse coiceada por um cavalo selvagem, as consequências não seriam maiores. Sentia o sabor do sangue na boca, o ventre em fogo e o peito prestes a rebentar. Por fim, a bruxa deu-se por satisfeita e afastou-se, mas eu estava tão ferida, que não tive alento para mover-me. Ouvi a voz musical como se viesse de muito longe:

— Julgas que essa pedra irá proteger-te de mim? Estás enganada! Existem muitas formas de atingir um objetivo... E tu estavas a pedir para sofrer, sua miserável! És tão ridícula, que me dás vontade de rir! Posso esmagar-te como se fosses um piolho! E é o que farei, acredita! Mas antes, tenho algo para te oferecer; algo para te recordares de mim na curta vida que te resta. Alegra-te! Depois disto, não terás de passar pelo suplício de casar com o Oliver. Ele fugirá assim que te olhar. Todos os homens fugirão! — O estrondo da sua gargalhada pôs a minha cabeça a girar. — Pobre Catelyn McGraw! Um rosto tão bonito completamente desfigurado! Que lamentável acidente...

Descobri finalmente o que a bruxa pretendia. Aquecera um ferro no fogo da lareira e empunhava-o com firmeza. Ia encostá-lo ao meu rosto, e eu estava impotente para detê-la. Via, ouvia, sentia, mas não podia falar e muito menos mover-me. De certeza fora vítima de um feitiço poderoso!

— O papá nem quererá saber o que aconteceu — continuou Myrna, aproximando-se devagar, gozando a sua vitória. — Eu

certificar-me-ei disso! E o imbecil do Aled será banido quando ousar enfrentá-lo. Mas antes, aquela criança será minha! Pobre Melody, as emoções fortes provocam abortos horríveis! Não sabias? Quanto ao teu querido Stefan, também ele sofrerá um acidente. Parece que as fatalidades são banais nesta família! Talvez a sua morte chegue pelas mãos do irmão gêmeo! Seria poético! O Quinn é o meu fantoche. Fará tudo o que eu mandar como um cão obediente... Quanto aos outros, não terei com que me preocupar. A coroa ocupar-se-á do druida, e os bárbaros, do filho rebelde... E, com esse bastardo arrogante que se atreveu a desprezar-me, morrerá também o teu dedicado amor. — Deteve-se, com o ferro incandescente apontado à minha testa. — E tu viverás para assistir a tudo isto, esmagada pela dor e deformada como um monstro...

O que se passou a seguir foi tão rápido, que mal consegui assimilar as informações que os meus olhos recebiam. Quinn surgiu do nada e lançou-se sobre a bruxa, derrubando-a. O ferro rolou para longe. Myrna ergueu-se com um salto e preparou-se para enfrentar o amante. Mas, surpreendentemente, o meu irmão parecia sóbrio e fora do seu domínio. O encantamento estava quebrado. Ou, talvez não...

— Sai daqui, Myrna! — berrou ele, dividido entre a ira e o desespero. — Sai daqui, antes que eu faça uma loucura, sua pérfida traiçoeira! Como foste capaz...?

Os seus braços protetores resgataram-me ao chão gelado. Temi que Myrna apelasse a algum truque para seduzi-lo, mas a bruxa recuou, subitamente enfraquecida. Talvez a energia que utilizara para me enfrentar a tivesse desviado de outros domínios, como o controlo da vontade de Quinn e a força que necessitava agora para mudar o rumo dos acontecimentos. Sem uma palavra, segurou nas saias e deixou o quarto.

O meu irmão sentou-se na cama comigo ao colo. O seu rosto era uma máscara de desgosto, e as lágrimas caíam-lhe dos olhos em bategas de agonia. Stefan chegou nesse instante e estacou surpreendido. Depois, avançou até nós, temendo o pior.

— Vi a Myrna sair daqui... O que foi que aquela desgraçada fez à nossa irmã?

Esbocei um gesto fraco, tentando sossegá-lo. Quinn respondeu num fôlego enrouquecido:

— Felizmente cheguei a tempo de impedi-la de magoar a Cat... — Continuou, explicando que me seguira assim que Lorde Garrick o dispensara e, ao irromper pelo quarto, surpreendera o discurso da bruxa. Ela estava tão cega pelo desejo de vingança, que nem se apercebera da sua presença. Quinn ouvira o suficiente para ser forçado a engolir o logro e a traição. Mas admitia que não tivera coragem para fazer justiça. O seu coração atraíçara-o. Amava aquela mulher... Amava-a com loucura! E descobrir que caíra na armadilha de um ser tão cruel e desprezível, fazia-o desejar a morte.

— Limpa as lágrimas, irmão — replicou Stefan. — A revelação do mal salvou a tua vida, não a perdeu! Não podes entregar-te ao desespero, agora que te libertaste. Tens de lutar ao nosso lado para arrasar com a ameaça que pende sobre nós.

— E o que posso eu fazer? — arfou Quinn angustiado. — Não conseguirei erguer a mão nem a voz contra Myrna! Apesar de saber quem ela realmente é, arrancarei o coração do peito antes de tocar-lhe num fio de cabelo. Imagino que a minha fraqueza faça parte do feitiço que me lançou... Ou talvez eu seja apenas um fantoche, como ela própria declarou!

— Pára de te martirizar, Quinn! Para já, é imperativo cuidar da Cat...

Apesar de debilitada, eu sentia-me feliz por ter recuperado Quinn. A descoberta da verdadeira personalidade de Myrna abriu-lhe os olhos, e as suas afirmações comprovavam essa mudança:

— A Cat não pode casar-se com o Conde de Goldheart! Foi esse homem quem plantou a semente da nossa desgraça, introduzindo a Myrna nas nossas vidas. Temos de opor-nos...

— Contrariar a vontade de Lorde Garrick não nos conduzirá a lugar nenhum! — objetou Stefan. — Ter uma filha casada com um parente do rei dará ao nosso pai o poder que almeja. E, neste momento, além da sua adorada esposa, o poder é tudo o que lhe importa. Depois do que aconteceu, terá pressa em tirar a Cat desta casa. Não arriscará outro confronto com a Myrna. Resta-nos esperar que o Conde desista do casamento.

Os meus irmãos cuidaram de mim com muito carinho. Stefan preparou um chá forte com as ervas curativas que eu cultivava em vasos. Assim que o bebi, sentime melhor. Conseguí suster-me em pé e clarear a mente. Todavia, falar era outra história! A minha língua estava solta, mas a garganta não emitia um som.

Gesticulei, explicando a minha aflição. Stefan tentou sossegar-me:

— Talvez a tua dificuldade seja consequência do susto que sofreste. Se não melhorares dentro de alguns dias, apelaremos a Berchan. Tenho a certeza de que ele saberá como proceder.

— E o que faremos agora? — questionou Quinn, impaciente e amargurado. — Não podemos cruzar os braços!

— Tu próprio admitiste que não há nada que possamos fazer contra a Myrna — respondeu Stefan. — Ela controla o nosso pai, o Goldheart e os restantes Aliados, os guerreiros e até os criados. Os que não estão enfeitiçados pela sua beleza, morrem de medo das suas habilidades. Temos de esperar pela resolução de Lorde Garrick sobre o destino da Cat e, só então, poderemos tomar uma decisão.

Interroguei-me por que razão Stefan lhe ocultara o plano de Edwin. Talvez ainda não acreditasse que o irmão estava livre da influência da feiticeira. Mas eu já não duvidava. A alma dilacerada de Quinn era visível no seu olhar. Ele teria preferido morrer, a descobrir que a mulher que amava, e em quem confiava cegamente, apenas o usava para atingir os seus propósitos funestos. De certa forma, a vida fora mais cruel com Quinn do que conosco.

Não tivemos de aguardar muito pela sentença de Lorde Garrick. Melody teria de regressar à casa de Lorde Cearnach e, como Aled se recusava a abandonar a esposa, viajaria com ela. Quanto a mim, o meu pai pregou-me um sermão sobre a fraqueza e o negrume do meu carácter. Um período longe de casa ajudar-me-ia a organizar as ideias. O Conde de Goldheart fora generoso em oferecer-me a sua hospitalidade. Assim, eu partiria com a próxima caravana. Stefan iria acompanhar-me e ficaria comigo até ao dia do casamento. Esse pormenor significava que o designado “período” era definitivo. Eu não voltaria à casa onde nascera, como Catelyn McGraw.

Mas as revelações não terminavam aí. Visto eu ir morar para a fortaleza, tornava-se absurdo esperar dois meses para a celebração

do casamento. Oliver solicitara que este se realizasse com a maior brevidade, garantindo que, dentro de um mês, todos os preparativos estariam ultimados. E Lorde Garrick anuíra.

Entrei em pânico. A antecipação do casamento era uma catástrofe! Edwin encontrava-se longe e com tudo preparado para agir na altura combinada. Quando chegasse, seria tarde demais. Só Berchan sabia como contatar o nosso irmão, mas Stefan não podia avisá-lo, já que estaria debaixo do olhar atento de Goldheart. Aled já tinha problemas suficientes, além de continuar convencido de que o meu casamento era uma oportunidade preciosa, principalmente depois dos meus ataques de loucura, que pareciam já ter contagiado a sua esposa. Posto isto, Stefan não teve outra opção senão colocar Quinn ao corrente do nosso plano.

O Sol brilhava no dia em que fui forçada a dizer adeus ao túmulo da minha mãe, à casa onde nasci, à minha terra e a todos os que amava e ficavam para trás. Os criados choravam copiosamente, e os soldados mal escondiam a indignação. Até os cachorros da herdade ganiam e tentavam saltar-me para o colo, como se compreendessem o meu tormento.

Na despedida, Lorde Garrick manteve uma pose solene e fria.

— Espero que não demores a admitir que erraste e a pedir perdão à Senhora Myrna. Ficarei muito desapontado se te encontrar tão obstinada como partes. O teu voto de silêncio não te favorecerá, Catelyn!

Mesmo que Lorde Garrick percebesse que eu não falava, porque não conseguia, e não por teimosia e irreverência, ter-se-ia importado? Já duvidava seriamente do seu amor por qualquer um dos filhos, à exceção talvez de Fiona, que crescia resplandecente debaixo da alçada da madrasta. Havia uma nova ordem na Casa Grande. A feiticeira assumira o domínio absoluto.

Nem me dignei a olhar para a causadora da nossa desventura. Agora que lhe declarara o meu ódio, nada mais havia a dizer. Myrna ganhara batalha após batalha, mas eu ainda não perdera a esperança de vencer a guerra. Quinn partira há dois dias, mal tomara conhecimento do plano de Edwin para me resgatar às garras

de Goldheart. Eu tinha fé que, neste preciso instante, Berchan já estivesse a tomar as providências necessárias. É claro que, na fortaleza de Oliver, a fuga seria mais difícil, mas não era impossível. Talvez esta tragédia tivesse vindo pelo melhor! Assim, estaria junto dos meus irmãos mais cedo do que o planejado e poderia treinar a sério para derrotar a ardilosa bruxa. Além disso, o bebê de Aled ficaria em segurança.

No último momento, tencionei despedir-me da minha irmã e inclinei-me para beijar-lhe a face. Fiona distorceu o rosto numa careta de repugnância e empurrou-me com brusquidão, guinchando na sua voz infantil:

— Deixa-me, sua maluca! Vai-te embora! És má!

Correu a esconder-se atrás da saia da madrastra. Stefan aproximou-se e rodeou-me com o braço, murmurando:

— Vamos, irmãzinha! Não temos mais nada que fazer aqui!

O olhar de Myrna trespassou-me, vitorioso perante a minha mortificação. Stefan aumentou a pressão no meu ombro, e forcei-me a segui-lo, ciente de que a partida da Casa Grande significava uma reviravolta total nas nossas vidas e o abandono definitivo de tudo o que, até então, eu conhecera e amara.

Sempre guardei e acarinhei a certeza de que a floresta era o meu lar. Enquanto percorria os caminhos sombrios e sinuosos, encobertos pelas copas oscilantes das árvores, escutava os murmúrios daquelas que me tinham visto nascer e crescer e interrogava-me se, algum dia, voltaria a trepar os troncos sólidos, a balouçar-me nos ramos, a nadar no rio ou a meditar na Pedra dos Sábios. Não guardava rancor à floresta por todo o mal que acontecera debaixo da sua alçada. A natureza não podia ser culpada pela maldade de Homens e Feiticeiros.

A caravana avançava devagar, porque Melody e eu não podíamos acompanhar o passo acelerado dos guerreiros. Além disso, o Conde de Goldheart fizera questão de trazer todos os meus haveres. Juntando as minhas malas às de Aled e Melody, que também tinham carregado tudo o que lhes pertencia, sem intenção de regressar à Casa Grande, tínhamos uma carruagem cheia de bagagem, que se movia com dificuldade pelo carreiro estreito.

Eu só estivera na Aldeia da Fortaleza uma vez, há muitos anos, quando a Enseada da Fortaleza ainda pertencia a Lorde Cearnach e Lorde Garrick nem sonhava em possuí-la, quanto mais em cedê-la a um estrangeiro. Era um lugar com um clima próprio, muito diferente do ar sempre úmido da floresta. Ali, os dias eram tórridos ou gelados, conforme as estações do ano, e tanto se podia olhar para o mar e ver o céu refletido qual espelho, como observar as ondas gigantescas fustigando o penhasco e varrendo a praia. No rigor do Inverno, os pequenos barcos não podiam sair para pescar. Então, os pescadores ficavam em terra, remendando as redes e preparando artes novas para a estação quente.

Tudo isto me foi explicado por Edwin, no dia em que nos aventuramos até à costa. Recordo-me de que estava tanto calor, que os cavalos suavam e resfolegavam para se arrefecerem. Nesse dia não vi pescadores.

Todos os barcos se encontravam no mar, e a aldeia parecia deserta. Depressa descobri que as mulheres se atarefavam em casa, fugindo ao calor da rua, e as crianças dormitavam. Edwin foi muito bem recebido, e eu andei de colo em colo. Apesar de estarmos nas terras dos McKie, todos respeitavam e amavam os McGraw.

Para aquela gente simples, Lorde Garrick era um deus, belo, corajoso, altivo e poderoso.

Edwin levou-me até à barreira rochosa, e eu vi a Aldeia dos Sábios pela primeira vez. Era um pequeno aglomerado de construções de madeira, visível do mar e daquele ponto do penhasco. Dissimulava-se de tal forma na vegetação da floresta, que, se não fosse a indicação do meu irmão, nunca o teria descoberto. Ele explicou-me ainda que no coração do penhasco existia um emaranhado de grutas e passagens. Esse labirinto atravessava a floresta e um homem podia esconder-se no seu interior durante anos, sem ser descoberto. Mas, para tal, era necessário saber os segredos que albergava. Um incauto curioso perderia facilmente a vida se se aventurasse demasiado. Depois dessa explicação, fiquei com a certeza de que o penhasco não lhe guardava segredos.

Os meus pensamentos foram quebrados pelo retorno do batedor que seguia na frente. As suas novas eram inquietantes. Encontrara

um homem morto no trilho. A mensagem foi entregue ao Conde de Goldheart, que franziu o sobrolho bruscamente. Impeliu o cavalo na direção de Aled e segredou-lhe algo. As faces do meu irmão perderam a cor e as suas mãos crispavam-se. Incitou o cavalo a avançar num galope desenfreado, sem esperar pela permissão de Oliver.

A caravana agitou-se nervosamente. Receosa, Melody chegou-se para mais perto de mim. Stefan aproximou-se de um dos soldados que ouvira a confidência do batedor, e observei, com o sangue a gelar, o seu sobressalto. O meu irmão não era hábil a disfarçar as emoções. Um olhar bastou para que eu soubesse que o inaceitável acontecera. Quando Stefan lançou o cavalo em perseguição de Aled e Oliver, eu incitei o meu a galopar no seu encalço, antes que alguém pudesse deter-me.

O meu coração batia descontrolado, e a respiração fazia-se aos borbotões. Enquanto percorria a distância que nos separava do cadáver, repetia para mim própria que não podia ser. Não podia sequer admitir tão abominável possibilidade...

Dobrei a curva e lá estavam Aled e Oliver debruçados sobre o corpo. Stefan acabara de desmontar e, apercebendo-se da minha chegada, recuou, tentando evitar que me aproximasse. Ignorei os seus apelos. Toda a minha atenção estava concentrada no homem que jazia no solo, vestido de verde e vermelho, as cores da guarda de Lorde Garrick. O cabelo comprido tapava-lhe o rosto, mas eu não precisava de vê-lo para reconhecer o nosso irmão Quinn.

— Toma! Bebe devagar...

Fitei Melody sem vê-la. Por muito boa que fosse a vontade da minha cunhada, eu não conseguia reagir, comer ou sequer beber. Atingira um desespero extremo. Perdera toda a esperança. Perdera toda a fé.

Stefan chegou nessa tarde e veio de imediato ao meu encontro. Abraçou-me com força e não houve necessidade de proferir uma palavra. A minha agonia era a sua agonia. Ambos partilhávamos um segredo, uma culpa que nenhum conforto no futuro das nossas vidas poderia compensar. Nós tínhamos enviado Quinn para a morte.

Algum tempo depois, Stefan conseguiu que eu bebesse um chá. Contou-me que o regresso à Casa Grande fora penoso e que o nosso pai pusera toda a guarda no encalço dos assassinos. Lorde Garrick acreditava que Quinn fora vítima de uma emboscada preparada por salteadores e interrogava-se dolorosamente sobre o que fazia o filho sozinho na floresta, desobedecendo às suas instruções. Nós sabíamos a resposta, mas duidávamos de que os mentores da atrocidade tivessem sido salteadores. A floresta estava fortemente guardada por soldados de Lorde Garrick e do Conde de Goldheart. Não cairia um alfinete no chão, sem que estes se apercebessem.

Quinn fora assassinado pelos guardas de um dos senhores da terra; por alguém que recebera instruções precisas para detê-lo. Alguém que sabia para onde o nosso irmão se dirigia e, talvez, com que propósito. Nenhum de nós podia conceber que Lorde Garrick tivesse mandado executar o próprio filho. Portanto, restavam dois suspeitos: o Conde de Goldheart e a Senhora Myrna. E falar nestes dois era falar de um só mal, pois eram vermes da mesma podridão.

Eu negara-me a abandonar Quinn, mas Goldheart insistira para que seguisse em frente com a caravana, acompanhada por Melody e pela escolta. Aled concordara, e eu tivera de obedecer. Talvez, no fundo, eles estivessem certos. Ser-me-ia impossível suportar a visão de Quinn baixando à terra; uma vida perdida no auge da juventude, ceifada pela foice da traição.

— A pedra violeta foi entregue ao nosso pai. Eu não podia discordar sem uma justificação. Tenho a certeza de que já está nas mãos de Myrna!

Não tive coragem de encarar o meu irmão. As suas palavras estavam carregadas de pesar e envolvidas por uma bruma densa. Por mais que a morte de Quinn me ferisse, sabia que nem podia imaginar a profundidade do sofrimento que dilacerava o peito de Stefan. Ele era o gêmeo de Quinn, o companheiro de todos os momentos, o cúmplice de todas as confidências. Apesar de possuírem personalidades distintas, sempre haviam sido partes de uma só peça.

Stefan manteve-se silencioso por algum tempo. Ambos sabíamos que as palavras tinham de ser proferidas, mas a dor era demasiado

intensa, e o medo enraizava-se nas nossas almas. Por fim, continuou trêmula e fracamente:

— Se a Myrna deu a ordem por vingança, o Goldheart pode estar inocente. É nisto que devemos acreditar, pois pensar que o nosso plano é do conhecimento do inimigo, será o mesmo que perder toda a esperança e abandonar-nos ao desespero. Recuso-me a fazê-lo! O Quinn teria morrido em vão. Vamos prosseguir, mantendo a decisão firme e o olhar erguido. Eu irei até à Aldeia dos Sábios e falarei com o Berchan. Depois do que aconteceu, a minha necessidade de procurá-lo não parecerá suspeita. Tu terás de aguentar-te, irmãzinha. Sem a tua força, estaremos condenados!

Onde se encontrava essa força de que todos falavam? Eu não a sentia! Até a expressão de Berchan, que eu acreditara pejada de magia e que tantas vezes me dera alento para avançar, deixara de fazer sentido. Já não éramos seis e jamais voltaríamos a ser um só. Quinn estava morto, e todos os irmãos, separados. A minha resistência extinguia-se com a vontade de lutar. Sentia-me desnorteada, suspensa sobre um abismo sem fundo e oscilando precariamente, aguardando a inevitável queda fatal. A esperança de recuperar a nossa felicidade expirara com Quinn. Por mais que nos debatêssemos contra o infortúnio, as sombras que encobriam o nosso sol nunca se dissipariam.

Antes de partir para a herdade de McKie, Aled fez questão de passar algum tempo comigo. Enquanto ouvia as suas recomendações sobre como comportar-me junto de Goldheart, pensava no quanto ele mudara. A disputa por Melody tornara-o duro e amargo. A sua sensatez transformara-se em arrogância, a calma em intolerância e o carinho em rancor. Sabendo que de nada me valeria argumentar, escutei em silêncio e condescendi a tudo com o coração a sangrar.

Melody despediu-se com a alma carregada de amargura. Há muito que eu me apercebera de que a sua relação com o pai era ainda pior do que a que eu mantinha com Lorde Garrick. Para Melody, fora um alívio libertar-se da sombra de Lorde Cearnach... mas, ei-la de volta, renegada pelo sogro e acompanhada por um marido frio e inconstante.

Stefan deixou a fortaleza acompanhado por uma pequena escolta e dirigiu-se à Aldeia dos Sábios, onde a floresta se fundia com o penhasco. O Conde de Goldheart não recebeu a sua decisão com agrado, mas, devido às circunstâncias, não teve como opor-se. Afinal, Stefan ia apenas visitar o irmão.

Eu fiquei sozinha, entregue aos caprichos de Oliver, sem nada para me sustentar além do fio com a pedra azul. A cada momento do dia e da noite, dava por mim a segurar o amuleto e a murmurar uma prece de proteção. Se Stefan estivesse enganado e o Conde fosse cúmplice da desgraça de Quinn, então, também ele corria perigo de morte.

CAPÍTULO 9

O Conde de Goldheart transformara parte da fria e inóspita fortaleza numa habitação luxuosa, quente e confortável. Durante os nossos passeios pelo jardim interior, deixou claro que o fizera a pensar exclusivamente em mim, para que eu me sentisse uma rainha no seu castelo.

Sempre que podia, eu sentava-me nas ameias do forte, olhando o mar interminável, procurando por sinais de barcos na linha do horizonte. Tudo isto era novo para mim e representava uma beleza que feria o olhar. O azul do céu confundia-se com o azul do mar, até se perder a noção de onde um começava e o outro terminava. As aves marinhas lançavam-se em voos picados, do topo do penhasco, mergulhavam na água e tornavam a subir até aos ninhos, transportando pequenos peixes nos bicos para alimentar os filhotes.

À tarde, quedava-me a observar os pescadores que regressavam da faina, as mulheres na praia esperando ansiosas pelos homens e as crianças correndo e brincando na areia. Contudo, essa rotina não me ajudava a esquecer que a guerra estava iminente. Por todo o lado, guardas vestidos com as cores da coroa vigiavam e aguardavam em silêncio por uma ameaça invisível.

Quando a noite descia, Oliver pedia-me que eu me sentasse junto dele, no grande salão. Às vezes falava sobre a sua terra, o rei, a corte, a família, mas quase sempre ficava em silêncio, apreciando o que dizia ser "o prazer da minha companhia". Em tempo algum foi inconveniente ou atrevido. O meu temor pelos seus avanços acabou por transformar-se numa tênue confiança. Apesar de tudo, Goldheart honrava a sua palavra.

Embora o meu corpo estivesse são, eu sentia a alma despedaçada. A voz regressava muito lentamente, e cada som representava um esforço que me deixava a garganta irritada e

dorida. O médico do Conde observou-me e aconselhou que não me esforçasse, pois poderia causar lesões irreversíveis na fala. Confiando cegamente na sua competência, Oliver não voltou a insistir para que eu falasse. Parecia sincero na vontade de ver-me totalmente restabelecida.

Os dias passavam-se numa lenta agonia, e houve momentos em que pensei enlouquecer ao recordar a perda de Quinn. Sabia que tinha de treinar a Arte com afinco para a batalha que se adivinhava, mas era-me quase impossível desfrutar de um instante de privacidade. Havia criados por toda a parte vigiando os meus passos; soldados deambulando, perscrutando os cantos com o olhar tenaz... e a presença discreta mas eficaz do Padre Sebastião, o mentor espiritual das tropas de Goldheart.

— Eu consigo fazer isto! — resmunguei entredentes, enquanto mergulhava o olhar na vasilha onde acabara de lavar o rosto. — Eu sei que consigo!

Respirar fundo... Acalmar-me... Respirar fundo, uma e outra vez. Tinha de esquecer tudo e concentrar-me na missão da qual dependiam as vidas dos que amava. Limpei a mente. Pequenas partículas... Pequenas gotas... Cada vez menores...

De súbito, a água começou a agitar-se, e um esguicho atingiu-me o rosto. Fiquei imóvel, atônita e incrédula. Depois, deixei escapar uma exclamação de contentamento. Eu conseguira!

Voltei a esforçar-me. No início não obtive resultados, mas, com disciplina, o efeito repetiu-se — uma perturbação e um repuxo, que subia cada vez mais alto, até todo o líquido ser sugado para fora da vasilha e ficar suspenso no ar. Eu mal continha a excitação. Como desejava que Stefan estivesse presente para partilhar da minha vitória! Após tanto tempo e empenho, eu domara a água! E agora, quando repetia a habilidade, parecia-me tão fácil!

A satisfação foi breve. Quando a água caiu na vasilha, soltei um longo suspiro e fechei os olhos. Esta era uma vitória amarga! Se eu tivesse sido mais célere na aprendizagem, certamente teria

adivinhado a desgraça que se abatera sobre Quinn, e o meu irmão estaria vivo.

Fui alertada pelo som borbulhante. A água agitava-se, mas sem a intervenção da minha vontade. Senti um arrepio gelado fluir-me pelo corpo, dos pés até à cabeça e de regresso aos pés. Na superfície transparente distinguia-se perfeitamente o reflexo de um rosto, como se eu estivesse a olhar-me num espelho... Só que esse rosto não era o meu!

Sem ar, absorvi a imagem de um céu limpo, do Sol brilhante e de um homem. Ele tinha as faces molhadas, como se tivesse acabado de lavá-las, e fitava-me com o mesmo assombro que eu lhe devolvia. O seu cabelo, louro e comprido, estava encharcado e pingava, assim como a barba curta e encrespada. Os seus olhos possuíam um azul único, que reconheci de imediato. Já não havia dúvida de que o desconhecido das minhas Visões era um Viking. Observei os seus lábios a apertarem-se, até formarem uma linha fina. Só quando a testa alta se franziu numa ruga profunda é que me apercebi de que, em algum lugar, neste preciso instante, aquele homem também me estava a ver... E não estava nada satisfeito! Uma mão poderosa socou a água, e a imagem desvaneceu-se.

Pisquei os olhos e recuei, fulminada pelo medo. Poderia questionar-me mil vezes sobre a identidade do estranho, mas não obteria resposta. E a razão destas manifestações era outro enigma indecifrável.

A porta do quarto abriu-se, e uma criada entrou para me ajudar a vestir. Eu tinha de descer para tomar o pequeno-almoço com Oliver. Acabara-se a privacidade, mas, de qualquer forma, mesmo que tencionasse prosseguir o treino, não poderia. A Visão do Viking perturbara irremediavelmente o meu equilíbrio.

A ansiedade que me devorava piorou com o regresso da escolta de Stefan. O meu irmão não os acompanhava. Mandou um recado a dizer que o ar do mar lhe causara distúrbios na saúde e que ficaria na aldeia até se restabelecer. Não devíamos esperá-lo antes do casamento. Se eu recebesse um pontapé na barriga, não me sentiria pior. Stefan jamais me abandonaria por sua livre vontade! O que

teria sucedido? Estaria realmente doente? Ou teriam os tentáculos de Myrna feito mais uma vítima?

Depois de tantos infortúnios, a última coisa que me apetecia era receber, por isso foi com desgosto que tomei conhecimento da chegada de uma prima afastada. Aparentemente, a jovem fizera uma paragem nas terras de Goldheart para descansar e pernoitar, mas o seu verdadeiro destino era a Floresta Sagrada e a casa de Lorde Garrick.

Belinda McGraw era filha de um dos incontáveis primos do meu pai. Eu nunca ouvira falar dela e não entendia como podia trazer o meu nome como referência, como se fôssemos grandes amigas. Todavia, proferir uma palavra significava um esforço tremendo, por isso, não me dei ao trabalho de argumentar. Devia haver um equívoco, e eu deslindá-lo-ia no momento próprio.

Quando pousei os olhos na minha prima, estaquei abismada. Era um pouco mais alta e robusta do que eu, mas poderiam confundir-nos facilmente no meio de uma multidão. Contudo, não foi a semelhança que me espantou e sim o entusiasmo com que avançou para me cumprimentar. De onde a conhecia eu? Por fim, vi que no pulso que Belinda quase enfiava dentro dos meus olhos, ao acariciar-me o rosto incessantemente, estava uma pulseira igual à que Tristan me oferecera. Se as nossas pulseiras eram únicas, então como...? Finalmente a evidência atingiu-me. Não me recordava desta prima, porque ela não existia. A rapariga diante de mim só podia ser uma mensageira enviada por Tristan. E eu quase deitara tudo a perder!

Alinhei no jogo de imediato, retribuindo o seu entusiasmo, e o Conde, que nos observava atentamente, deu-se por satisfeito. Pediu-me que acompanhasse a minha prima ao quarto preparado para acolhê-la, ao que obedeci com satisfação e alívio. Assim que ficamos sozinhas, os modos delicados e refinados de Belinda desapareceram. Sacudiu os pés, atirando os sapatos para longe, sem se coibir de praguejar:

— Pelas barbas dos demônios marinhos! Que tortura! Como é possível que as mulheres suportem esta porcária e ainda o odioso

espartilho e os vestidos que só atrapalham? Maldito dia em que nasci mulher!

Belinda sabia que eu já me apercebera da farsa e não tinha pejo em despir o disfarce. O meu queixo caiu quando ela arrancou a longa cabeleira negra e encaracolada. O seu cabelo verdadeiro era castanho-claro e tão curto como eu nunca vira numa rapariga — menor do que a ponta do meu dedo!

— Depois de tantas pieguices, temos direito a uma apresentação decente! — Estendeu-me a mão, com um sorriso enfeitando-lhe o rosto corado e bonito. — O meu nome é Pulga. E um prazer conhecer-te finalmente, Cat! Nem imaginas o quanto já ouvi falar de ti!

Eu tinha de engolir depressa as colheradas de espanto para não me engasgar. A custo repeti o seu nome, sem disfarçar a incredulidade. A rapariga soltou uma gargalhada com cheiro de maresia e explicou, num tom pejado de orgulho:

— Os meus amigos chamam-me assim, porque sou rápida e esquiva. Quando quero, consigo desaparecer depressa e ninguém me encontra. E, quando me arreliam, também pico e deixo marcas.

Parecia um rapaz. Aliás, se eu não tivesse assistido ao seu excelente desempenho de uma donzela delicada, jamais acreditaria que pudesse encarnar tal personagem. Esta rapariga conseguia ser mais rebelde e indomável do que eu alguma vez fora. Todavia, esses pormenores pouco importavam. Eu queria saber a razão por que viera e como podia trazer consigo a pulseira de Tristan. Segurei-lhe no pulso, apontando determinada, e ela riu-se da minha impaciência.

— Alegra-te, miúda! Não tarda estarás junto dos teus irmãos, a navegar rumo à liberdade...

Pasmei quando me contou que fazia parte da tripulação de Edwin e que fora enviada para libertar-me. Isso significava que Stefan fora bem sucedido. Então, por que não voltara para junto de mim? A custo, balbuciei o nome do meu irmão. A reação de Pulga foi imediata:

— O bonito? Abençoados pais que vos puseram no mundo! Eu, que pensava que o Edwin era divino, quase caí dos pés quando vi o

Stefan! E o druida também é muito giro! Um bocado sisudo para o meu gosto, mas...

A tagarelice de Pulga, apesar de lisonjeira, espezinhava ainda mais a minha paciência. Por que razão Edwin a enviara ao meu encontro? O que podia ela fazer, além de falar pelos cotovelos? Finalmente chegou aonde me interessava:

— O Tristan quase teve de amarrar o Stefan para impedi-lo de regressar! Ele ficou desesperado com a ideia de deixar-te. Acho que não está convicto do sucesso do nosso plano. Mas isso é porque não me conhece!

Quando Pulga explicou o dito plano, eu compreendi as dúvidas de Stefan e estremeci de pavor. Aquilo jamais resultaria! O Conde de Goldheart não era tolo!

Tamanha loucura era consequência da necessidade de atuar rapidamente. Edwin ainda estava longe e não regressaria antes da nova data do casamento. Mas Tristan mantivera-se por perto e recebera o recado de Stefan, agindo de imediato. Contudo, por mais que eu quisesse confiar no seu discernimento, achava-o demasiado ousado. Desejei ardentemente ter Stefan ao meu lado, mas, nesse ponto, tinha de admitir que Tristan estava correto. Os meus irmãos deviam manter-se afastados do forte, de modo a permitirem uma fuga rápida. Com Stefan presente, o plano de Tristan seria impraticável.

Era, no mínimo, interessante observar a facilidade com que Pulga, ou antes, Belinda, contornava a conversa do Conde. Pensei estar diante de uma versão leve e fresca da Menina Myrna, no seu melhor. O rosto bonito da rapariga estava sempre iluminado por um sorriso provocante e sensual, do qual Oliver não desviava o olhar, completamente esquecido da minha existência, enquanto a ouvia descrever as viagens que fizera, na companhia do pai. Está claro que aquela não era a vivência apropriada para uma donzela, e Belinda recusara-se a acompanhá-lo nesta última aventura, que os conduziria ao interior de terras selvagens e inexploradas. Por essa razão, viera pedir guarida a Lorde Garrick, o parente mais próximo. Desejava abandonar a vida nômade que sempre conhecera, casar e

constituir família. Pulga era tão convincente, que eu interroguei-me se, lá bem no fundo, não estaria a dizer a verdade.

Depois do jantar, o Conde desafiou-a para um jogo de tabuleiro. Seguindo as indicações de Pulga, mantive-me afastada e simulei uma indisposição como desculpa para recolher-me ao quarto. Eles ficaram, rindo e jogando, um bebendo mais do que o outro.

Deitei-me na cama, à espera, fustigada pela angústia e pela indignação. Como poderia Pulga ajudar-me se estivesse embriagada? Da maneira como soltava a língua, não me admiraria se denunciasse os nossos planos a Oliver e nos condenasse.

Era noite avançada quando parei de escutar as gargalhadas estridentes dos dois jogadores. Sustive a respiração. Queria confiar em Pulga, como Tristan aparentemente confiava, mas o meu coração já estava tão magoado e traído, que não me permitia semelhante entrega. Pouco depois, a porta do quarto abriu-se, e a rapariga esgueirou-se silenciosamente para junto de mim. Tresandava a bebida, e interroguei-me como ainda se sustinha de pé.

— Apressa-te, Cat! — apelou tão baixo que tive dificuldade em escutá-la. — Não temos muito tempo!

Belinda McGraw insistira na necessidade de partir cedo, pois desejava encontrar-se com os parentes antes que estes viajassem para a Enseada da Fortaleza, para assistirem ao casamento. O Conde não levantara objeção, convidando-a a regressar para a cerimônia. Assim, o Sol ainda não nascera quando abandonei o forte, rodeada pela escolta daquela estranha rapariga, deixando-a para trás à mercê de um destino imprevisível e aterrador.

Apesar de Pulga me ter assegurado de que os homens que me rodeavam eram de absoluta confiança, companheiros de Edwin e Tristan, eu sentia-me apavorada. Tentei manter uma postura firme, a cabeça erguida e a convicção que a situação exigia, rezando para que a capa que me protegia do frio também me ocultasse do reconhecimento de algum soldado mais atento.

Enquanto trocávamos de roupa, Pulga repetira as instruções que me dera nessa tarde. Eu sairia da fortaleza como Belinda McGraw, e a escolta conduzir-me-ia em segurança até à floresta. Lá, Tristan estaria à minha espera. E ela, questionei, o que lhe aconteceria? O

Conde de Goldheart não hesitaria em matá-la quando descobrisse o logro. Pulga sorria perante essa ameaça terrível. Pretendia ficar no quarto, a coberto da indisposição que eu simulara. Como eu não podia falar, não existia o risco de a reconhecer pela voz. Debaixo das cobertas, com o disfarce, nenhum criado nos distinguiria. Só o próprio Conde representava perigo. Mas eu não devia preocupar-me. Ela sabia desvencilhar-se muito bem.

A noite começava a desvanecer-se. Os cavaleiros seguiam disciplinadamente, adiante e atrás de mim. A fortaleza ficara por trás da primeira colina, e a floresta já parecia um alvo atingível. O meu coração saltou quando aquele que eu já percebera ser o chefe dos cavaleiros abrandou o passo da montada para ficar a par comigo. O elmo prateado escondia-lhe as feições, e eu sentia-me muito insegura e incapaz de encará-lo.

— A Menina McGraw está confortável? Deseja descansar um pouco?

Quase caí do cavalo. Aquela voz era-me tão familiar como o nascer do Sol. Apesar de não vislumbrar o rosto do cavaleiro, tive a certeza de que sorria, troçando da minha ingenuidade. Desta vez, enfrentei o seu olhar, receando estar enganada, ansiando por uma confirmação.

— Tristan?

— Quem esperavas que fosse, Cat? O rei dos Saxões? — Riu-se baixinho e o seu olhar negro cintilou. — Pensavas que eu te deixaria sozinha, entregue aos caprichos do destino? Estive sempre do teu lado... — A emoção sufocou-lhe a voz. Fez uma pausa para recuperar o controlo e depois estendeu-me a mão. — Sei que tens algo que me pertence e que me tem feito muita falta!

Com um sorriso tolo bailando nos lábios e o corpo a tremer, procurei, na bolsa que trazia a tiracolo, pela pulseira que Pulga me entregara. Estendi-lhe e, por um breve instante, os dedos de Tristan enlaçaram os meus.

— Já falta pouco, meu amor! — murmurou baixo, para que só eu escutasse. Depois, incitou o cavalo a avançar para a cabeça da coluna.

Eu continuei onde estava, com mil perguntas afogadas na garganta. Afinal, Tristan viera com Pulga! Não se dera a conhecer, certamente temendo uma reação mais efusiva da minha parte, que deitaria tudo a perder. Ao seu lado, eu conseguia sentir finalmente o doce odor da liberdade e acreditar que tudo ia correr bem.

A manhã esgotava-se quando avistamos os cavaleiros. A caravana saía ordeiramente da floresta: soldados vestidos com as cores de Lorde Garrick, o estandarte da casa — com o escudo brilhante, o carvalho majestoso e o lago protetor, bordados sobre o verde da mãe floresta e o vermelho do sangue dos seus filhos — orgulhosamente erguido diante daquele que eu sabia ser o meu pai, as carruagens transportando a Senhora Myrna, Fiona e as criadas, seguidas por mais guerreiros.

Senti o corpo gelar. Só os esperávamos dentro de dias! Por que tinham vindo tão cedo? Olhei para Tristan, dominada pelo medo. Ele continuou impassível como todos os outros, mas abrandou o passo até ficar ao meu lado.

— Não demonstres nervosismo e mantém a cabeça tapada — ordenou num tom firme e quase ríspido. — Estamos muito perto do acesso à Aldeia dos Sábios e podemos chegar lá em segurança, se Lorde Garrick não desconfiar. Tem calma, é tudo o que te peço!

Calma? Eu estava em pânico! O meu pai trazia consigo soldados suficientes para dizimar vinte vezes a força que me acompanhava. Além disso, nenhuma capa me protegeria da percepção da feiticeira!

Instintivamente, levei a mão ao amuleto, orando pelo auxílio da minha avó.

Continuamos com aparente normalidade. Dois batedores de Lorde Garrick desviaram-se da caravana e galoparam na nossa direção. Um dos nossos ficou para trás, para recebê-los. Mais tarde, Tristan explicou-me que previra o contratempo. O homem tinha instruções para explicar que acompanhavam uma senhora portadora de uma doença grave, e altamente contagiosa, que procurava a cura dos velhos Druidas. Por essa razão não se detinha para cumprimentar o senhor da terra.

Não olhei para trás. Concentrei-me em domar a respiração e as batidas frenéticas do coração. Pouco depois, o homem regressou, e

Tristan esboçou um sinal, indicando-me que tudo correria como planejado. Porém, o meu instinto berrava que a resolução do percalço fora demasiado simples.

É difícil descrever o que senti quando entrei na Aldeia dos Sábios pela primeira vez. Paz e euforia, alegria e nostalgia, segurança e temor, curiosidade e respeito por algo que me transcendia, eram sensações que se revolviam no meu corpo e espírito.

As casas dos druidas eram pequenos abrigos de madeira, feitos com ramos e pedaços de casca de árvore.

Apesar disso, tinham um aspecto extraordinariamente sólido. De dentro de uma delas fluía o canto delicado de uma harpa, resultante da mestria e do amor de muitos anos de devoção. Outra respondeu-lhe... e ainda outra. A música flutuava no ar, doce e harmoniosa; uma melodia tocada por vários instrumentos, em locais distintos, que se encontrava e enlaçava com perfeição e deleite, quais amantes apaixonados. No centro da aldeia, sobre um montículo de pedras dispostas em círculo, acendia-se uma fogueira para preparar a refeição comum. Grupos de homens e mulheres, vestidos de branco e cinzento, ocupavam-se com as tarefas usuais de qualquer outra comunidade. Porém, a sua atitude era diferente, como se todos os gestos fossem delicadamente embalados pelo som que refrescava a brisa.

Retive o fôlego ao ver os canteiros e os vasos de ervas curativas, bem cuidadas e viçosas, algumas delas desconhecidas aos meus olhos. Desejei aproximar-me para examiná-las melhor, mas um grupo de anciãos veio ao nosso encontro, e tive de concentrar-me nas homenagens.

Stefan saiu a correr de dentro de uma das casas e acolheu-me nos braços. Depois, rever Berchan, aninhar-me no seu abraço e sentir as batidas fortes do seu coração junto do rosto, fez-me jubilar. Foi como se um vento forte dissipasse todas as nuvens que ensombravam a minha existência; como chegar a casa depois de um longo período de ausência forçada. Já não duvidava do sucesso do nosso plano. No dia seguinte partiríamos juntos, rumo à liberdade.

Todavia, a minha felicidade revelou-se tão efêmera como o rasto de espuma que um navio deixa na água.

Ao cair da noite, um dos homens que Tristan deixara de vigia fez-nos chegar a seguinte mensagem: um grupo considerável de soldados de Goldheart e de McGraw deixara o forte e dirigia-se para a aldeia, liderados pelo próprio Conde.

Fôramos descobertos.

Eu sabia que aqueles que se aproximavam só desejavam um fraco pretexto para destruir a Aldeia dos Sábios e expulsar os que nela viviam. Não me custava imaginar Oliver, possuído pelo ódio, a trespassar os druidas com a lâmina da sua espada. Só nos restava fugir e permanecer escondidos nas grutas do penhasco até ao nascer do dia. Os sábios diriam que nunca nos tinham visto. Seria mais seguro para todos.

No meio da aflição, sofri um violento abalo quando Berchan anunciou que não nos seguiria. Só tencionava partir quando a sua instrução estivesse concluída. De outra forma, todos os anos de estudo teriam sido em vão. A decisão do meu irmão revoltou-me, pois sempre tomara como certa a sua tutela. Ele seria o meu professor e juntos enfrentaríamos Myrna. Berchan brincava com a sorte; brincava com a vida! Teimava em atingir a perfeição numa Arte que não nos pertencia. Nós não éramos deuses nem feiticeiros! Éramos apenas humanos com talentos especiais, forçados a desempenhar uma tarefa gigantesca. Se ele dizia que tudo dependia de mim, que eu era a mais forte, por que não vinha conosco para ensinar-me?

Mas os sobressaltos estavam longe de terminar. Stefan também se recusou a acompanhar-nos. O Conde sabia que ele estava na aldeia e, se não o encontrasse cuidando da saúde, teria a confirmação da nossa passagem por ali, o que colocaria os sábios em grande perigo.

Tristan não me deixou argumentar. Em menos de nada, já estava na garupa do seu cavalo, galopando rumo ao penhasco. Atrás de nós, os seus companheiros imitaram-nos e dispersaram-se, enquanto os sábios e os aprendizes se apressavam a dissimular os vestígios da nossa presença.

O tempo escapou-se como areia por entre os dedos, enquanto o vento me açoitava o rosto com tanta força que quase me impedia de respirar. Imaginei Oliver irrompendo pela Aldeia dos Sábios,

quebrando, destruindo, queimando e matando, no ardor da fúria. Não me sentia segura pelos que deixava para trás. Temia pelos meus irmãos e pelos druidas que nos tinham ajudado de coração aberto.

O braço de Tristan mantinha-me presa contra o seu corpo. Apesar de ele me assegurar de que tudo correria bem, eu percebia-o tenso. O mais dedicado dos meus amigos receava que eu não fosse suficientemente forte para enfrentar o que nos esperava. Forcei-me a concentrar-me no desafio que se erguia diante de nós. Não o decepcionaria!

Por fim, chegamos às rochas, e tornou-se impossível prosseguir a cavalo. Tristan ajudou-me a desmontar e mandou o animal embora. Este obedeceu-lhe como se falassem a mesma língua. Durante uma eternidade, escalamos e descemos, apalpando o caminho à pálida luz que mal conseguia romper as nuvens negras. Tive de livrar-me dos sapatos e segurar na saia que me causava um equilíbrio muito precário, avançando sempre com a ajuda de Tristan sobre o terreno lamacento e traiçoeiro que se desfazia debaixo dos pés, e as pedras aguçadas que rasgavam a carne quais adagas. O vento desalinhou-me os cabelos e atirou-os para o meu rosto, cegando-me por completo. Abaixo de nós, o mar estourava contra os rochedos, com tal violência que me ensurdecia. Uma queda seria fatal. Para piorar a situação, a Lua escondeu-se. Seguiu-se uma escuridão total, que não se desvaneceu. Acreditei que a nossa fuga chegara ao fim.

— Vem... — A mão de Tristan fechou-se na minha. — Já falta pouco. Palma a rocha com cuidado. Logo acima de nós existe uma gruta. Lá estaremos a salvo até o dia nascer.

Começou a chover; primeiro pequenas gotas de água, que logo se transformaram numa cascata, tombando sobre as nossas cabeças. Chegamos à gruta ensopados e exaustos, mas isso pouco importava. Por enquanto, estávamos em segurança. Nem um louco se atreveria a seguir-nos, debaixo de tamanho vendaval.

Tristan suspirou de alívio e estreitou-me nos braços. Estremeci involuntariamente quando me murmurou ao ouvido:

— Sei que estás com medo... Sei que não é fácil acreditar, mas prometo-te que não regressarás àquela maldita fortaleza. Juro-te

que não tornarás a enfrentar aquele canalha! Só terás de aguentar esta noite, meu amor. Amanhã iremos ao encontro do Edwin, e o teu pesadelo terminará.

As suas palavras confortaram-me. Eu continuava a tremer, mas não de medo e sim de frio. Agora que o esforço terminara, o corpo arrefecera debaixo das roupas encharcadas, e eu tiritava.

— Vem — incentivou Tristan. — Vou acender uma fogueira antes que morramos gelados. Esta gruta só é visível do mar, por isso não corremos riscos. — Guiou-me às cegas, como se conhecesse o lugar de olhos fechados. — Fica aqui. Eu volto já.

Ouvi-o mover-se na escuridão. O meu discernimento começava a funcionar, agora que o perigo se dissipara. Tristan já devia ter utilizado este esconderijo antes. Escutei as pancadas surdas da madeira no chão de pedra e logo uma chama tímida iluminava em redor. Havia muita umidade escorrendo pelas paredes, raízes de árvores pendendo do teto e incontáveis espécies de bolor, mas pareceu-me a mais acolhedora das salas. A minha teoria confirmou-se quando Tristan se aproximou com uma manta.

— Lamento não poder oferecer-te algum conforto, Cat. Nunca imaginei ter o azar de ser forçado a regressar aqui! — Entregou-me a coberta, forçando um sorriso que se distorceu de nervosismo. — É melhor tirares a roupa. Estende-a perto da fogueira para que seque.

Agarrei na manta, fitando-o interrogativamente enquanto me esforçava para falar:

— Tu...?

— Eu estou bem, não te preocupes. Despacha-te, antes que fiques doente!

Voltou-se, despiu a capa e a túnica, e sentou-se junto da fogueira, de costas para mim. Eu respirei fundo e comecei a despir-me devagar, sentindo o rosto enrubescer. E se ele espreitasse? Estava nervosa e encabulada, mas também excitada. As emoções do dia apossavam-se da minha vontade. Era fustigada por sensações que nunca experimentara antes. Ansiava pelo aconchego dos braços de Tristan e pela doçura da sua voz.

Sentei-me diante dele, e Tristan só teve coragem para mirar-me de relance. Eu questionava-me sobre o que lhe passaria pela cabeça.

Talvez o nosso beijo... Eu também não conseguia esquecer-lo! Talvez algo mais ousado... Imaginaria que me tomava nos braços, assim como eu fantasiava que o apertava contra o meu corpo?

Tristan inspirava-me confiança e segurança. Além disso, era muito atraente! Os cabelos negros caíam-lhe sobre os ombros nus, modelando os músculos firmes. As suas tatuagens ganhavam vida ao clarão da fogueira.

Era este o homem que arriscava cada sopro da sua existência para me salvar! Era este o homem que me declarava o seu amor, como se eu fosse a sua única salvação, da forma mais pura e arrebatada...

Corei violentamente, e ele também ficou desconcertado ao surpreender o meu olhar. Levantou-se e afastou-se, regressando com um pedaço de pão seco.

— Vamos comer o que restou, antes de irmos dormir. Precisamos de recuperar as forças.

Ficamos em silêncio, ouvindo o fogo estalar enquanto roíamos o pão duro sem nenhuma vontade. Havia tanta coisa que eu queria perguntar-lhe. Por fim, arranjei coragem para deslizar até ele, surpreendendo-o com a minha iniciativa. Gesticulei, indagando sobre o que deixáramos para trás. Pulga continuava no meu pensamento.

O meu estômago revirava-se só de imaginar o que podia ter acontecido. Via Oliver a derrubar a porta do meu quarto com um pontapé e a erguer a rapariga no ar, pelo pescoço, sacudindo-a como se fosse uma galinha e ameaçando que a mataria se não falasse. Tristan apressou-se a sossegar-me:

— Não temas pela Pulga. Tenho a certeza de que está bem. Aquela miúda é mais desenrascada do que eu! Por entre gestos e palavras doridas, interroguei-o sobre a estranha jovem que arriscara a vida para me salvar. Tristan contou-me que Pulga não revelava o verdadeiro nome a ninguém e que falava pouco acerca do seu passado. O que se sabia, era muito triste. Desde criança que ela vivia na rua e aprendera a sobreviver à sua custa. Quando Edwin começara a reunir homens, aparecera-lhe aquela criatura franzina e arrapazada, pretendendo um lugar na tripulação. Mais por troça do que por simpatia, ele concordara em levá-la consigo se superasse uma série de provas, aparentemente fora do alcance de qualquer

rapariga. No final, quando Pulga o forçara a engolir a ironia, ultrapassando os desafios com relativa facilidade, o meu irmão fora obrigado a manter a palavra. Agora, Pulga era um deles, e Edwin estava muito satisfeito com o seu desempenho.

— Acho que ela tem um fraco pelo Edwin — concluiu Tristan com um meio sorriso. — Já a vi realizar o impossível pelo teu irmão. Mas o Edwin continua ligado à Melody e não se apercebe de que pode ter a felicidade debaixo do nariz. Contudo, não posso censurá-lo por isso! O verdadeiro amor só nos bate à porta uma vez e é para toda a vida, quer se concretize ou não.

Disse as últimas palavras com os olhos fixos nos meus. Senti um arrepio quente a percorrer-me, o meu coração disparou e quase parei de respirar. Tristan desviou o olhar e tentou erguer-se. Instintivamente agarrei-lhe o braço, impedindo-o de se afastar. A manta escorregou com a brusquidão do gesto, revelando parte do meu ombro e do seio nu. Ele ficou paralisado pela visão, com o peito oscilando ao sabor da respiração descompassada.

— Cat... — protestou roucamente. — Não...

Não sei qual de nós tomou a iniciativa, mas, no instante seguinte, eu estava nos braços de Tristan, entregando os lábios aos beijos sôfregos, enquanto as suas mãos fortes me aflagavam por cima da coberta, descobrindo as formas do meu corpo de uma maneira ousada e quase desesperada. Nem sequer pensei em afastá-lo. Todos os meus sentidos vibravam de alegria. Eu queria mais. Queria ficar ainda mais próxima.

Perdi a inibição e enterrei os dedos nos seus ombros, apreciando o calor da pele macia. Deslizei as mãos pelo seu peito e costas, enquanto devorava os lábios doces que cobriam os meus, como uma criança lambuzando-se num pote de mel. Tristan sabia-me bem e provocava-me sensações deliciosas por todo o corpo.

— Não... Cat... — O seu protesto penetrou na névoa que cobria a minha razão, fraco e rouco, tão inseguro como vão. — Não!

Afastou-se aos tropeções e atirou-se para o chão, junto da parede da rocha, enrolando-se sobre si próprio como se padecesse de uma dor insuportável. Curiosamente, eu também sentia essa dor. O meu corpo suplicava por continuar junto do dele, ansioso por ceder às

suas carícias. Agora que Tristan se apartara, eu sofria de frio, desconforto, angústia e raiva, por não ter conseguido segurá-lo.

Sem pensar duas vezes, segui-o e abracei-o pelas costas, afastando-lhe o cabelo negro para beijar-lhe a pele macia do pescoço. Tristan ficou tenso e parou de respirar. As suas mãos tremiam quando esboçou um movimento fraco para evitar-me. O seu olhar estava luminoso, atormentado por um fogo que o tornava ainda mais belo.

— Não faças isso, Cat... Tu não percebes...

É claro que percebia! Tristan desejava-me. Eu sabia-o, porque também experimentava o ardor da paixão, tal e qual como ele próprio me descrevera há muitos anos, na pele, no coração, na respiração... Era algo forte e irracional, que me impedia de pensar em outra coisa que não a necessidade de tocar e ser tocada. Era óbvio que me tinham ensinado que uma mulher se devia manter casta até ao casamento; que apenas se devia entregar ao homem que a desposasse. Mas não íamos nós casar? Eu tinha a certeza! Não queria outro marido que não Tristan! Jamais outro homem me faria sentir assim!

Tapei-lhe os lábios com os dedos e abri a manta para convidá-lo a partilhar do meu calor. Tristan estremeceu, como se devastado por uma tempestade. A sua fragilidade provocou-me um sorriso. Para um homem, ele era terrivelmente tímido. Qualquer outro teria orgulho em exhibir a sua experiência e em afirmar que era o melhor de entre os machos, tal como o Conde de Goldheart fizera. Mas não o meu Tristan! Ele engoliu em seco e arquejou roucamente:

— Se eu voltar a tocar-te, Cat, não conseguirei controlar-me...

Silenciei-o com um beijo, e Tristan soltou um gemido. Deslizou para dentro da coberta e rendeu-se ao que ambos desejávamos. Logo, a sua pele tocava a minha, sem nenhuma barreira, sem nenhum pudor. Os seus lábios moviam-se pelo meu pescoço, até à orelha, murmurando palavras de amor que eu retribuía com carícias.

Era impossível dizer qual de nós tremia mais. O desejo era tão forte, e o prazer, tão doce...

— Eu não te quero magoar, meu amor — sussurrou. — Tens a certeza?

Ergui-me ao encontro dele e todas as hesitações se tornaram vãs. O corpo de Tristan entrou no meu qual ferro quente. Enterrei as unhas nas suas costas, arfando em busca de ar. Se pudesse teria gritado, mas não podia; e logo percebi que queria gritar, mas não de dor. Esta fora tão forte como breve. Agora, o meu corpo era percorrido por ondas de um prazer intenso e irracional. Isto era paixão? Não! Isto era loucura!

De súbito, ele clamou o meu nome e estremeceu como se estivesse a partir-se. Fiquei decepcionada quando parou e tombou sobre mim, ofegante e trêmulo. Eu sentia-me tonta, a arder por dentro e por fora.

Queria mais! Forcei-me a recuperar a razão. Sabia que haveria mais assim que nos encontrássemos em segurança. Então, não permitiria que Tristan parasse!

Permanecemos juntos, abraçados, trocando carícias e apreciando a calma doce que nos limpava a alma.

Aquele instante fora mágico... E fora só nosso!

— Amo-te, Cat! Amo-te desde sempre! Esperei tanto por este momento...

Coloquei a sua mão sobre o meu peito para que sentisse as batidas do coração. O meu sentimento era tão forte que não podia exprimi-lo por palavras. Tristan fora um amigo, um irmão e agora, além de tudo isso, era também o homem que eu desejava.

— Assim que aportarmos em segurança, iremos casar — continuou ele. — Não voltaremos a separar-nos. O Edwin não irá opor-se. Há muito que sabe o quanto eu te amo.

Permanecemos deitados no chão de pedra, enrolados à manta, o meu corpo aconchegado no dele.

Tristan falou sobre a casa que iria construir para nós e nos seus planos para o futuro. Queria criar cavalos. Queria ter muitos filhos... Por fim, reuniu coragem para perguntar-me se me magoara. Sorri e confortei-o.

Achava a sua insegurança deliciosa. Pasmei e emocionei-me quando confessou que também fora a sua primeira vez. Afinal, a insegurança de Tristan resultava da inexperiência. Amava-me tanto que, durante muitos anos, negara os seus impulsos de homem. E

não estava arrependido! A nossa união podia não ter sido como ele sonhara, num quarto perfumado, entre lençóis de linho; mas fora arrebatada, apaixonada, espontânea...

Teríamos muitas oportunidades de nos amarmos como ele idealizara. Contudo, a primeira vez ficaria para sempre na nossa memória como a mais especial de todas.

CAPÍTULO 10

Encontrei Fiona a brincar no jardim da nossa mãe. Segurei-a ao colo e contei-lhe uma história de amor.

Falei-lhe acerca da luta que a Senhora Edwina travara para proteger a sua bebê do grande mal que se abatera sobre a nossa família. A minha irmãzinha deixou o meu colo para colher flores e enfeitou a campa da mãe.

Depois, voltamos para casa de mãos dadas. Lorde Garrick esperava-nos de braços abertos e com beijos cheios de amor. Regressara de viagem e trazia um presente para Fiona: uma boneca de pano muito bonita, com longos cabelos pretos encaracolados e enormes olhos verdes.

— É linda! — gritou a menina, delirando de felicidade. — É parecida contigo, Cat! Vou dar-lhe o teu nome.

A noite caiu. Eu acabara de deitar-me quando ouvi Fiona gritar aflitiva e insistentemente. Corri em socorro da minha irmãzinha e encontrei-a no quarto, rodeada por um círculo de fogo. As chamas já se alastravam à cama e às cortinas, devorando tudo com as línguas impiedosas. Chamei por Fiona, mas ela continuou parada no centro do flagelo, berrando por mim, de costas voltadas. Tentei, em vão, penetrar por entre as labaredas. Então, muito devagar, a minha irmã voltou-se ao meu encontro e, enquanto o seu corpo girava, ia-se modificando, crescendo, ganhando as formas de uma mulher. Os seus cabelos louros assumiram a cor do fogo e um olhar castanho-avermelhado trespassou-me a alma, dilacerando-me por dentro. Quem estava ali era Myrna, e não Fiona. Na mão, segurava a boneca que tinha o meu nome. Os seus lábios rubros abriram-se num sorriso escarninho, enquanto vomitava na voz musical:

— É inútil esconderes-te, Catelyn! Não podes fugir de mim! Vais morrer, maldita!

Com um gesto rápido de profundo desprezo, arremessou a boneca para as chamas. De imediato, o fogo começou a consumir-me a carne. Gritei, trespassada por uma dor insuportável. E o choque brutal forçou-me a escancarar os olhos à realidade.

O grito morreu-me na garganta muda, enquanto os olhos se esbugalhavam de susto. Acabara de despertar de um pesadelo para tombar noutro muito pior, pois não havia como escapar do horror que me esperava.

— Assustada, querida? Estavas a sonhar comigo?

A lâmina fria da espada de Oliver, Conde de Goldheart, pressionava o meu pescoço. Rodei os olhos, procurando por Tristan. O seu corpo nu jazia muito perto, afundado numa poça de água tingida de sangue.

Estendi uma mão ao encontro do meu amor, sem me importar com a própria vida. O Conde empurrou-me com violência, forçando-me a cair desamparada.

— Muito bem! Que demonstração comovente de afeto! Não te preocupes, Catelyn! O teu amante está apenas desacordado. Por enquanto... Olha bem para ele, sua reles traidora, porque será a última vez que lhe pões a vista em cima!

A um gesto seu, os guardas que se encontravam na gruta desapareceram, arrastando o corpo de Tristan.

Eu recuei sob a pressão da lâmina, com o desespero a dominar-me os sentidos. Oliver ia matar Tristan! Ele ia...

— Dói, querida? — troçou abertamente do meu pavor, encostando o rosto ao meu. — Acredita que dói muito mais encontrar a noiva deitada com outro homem; ver na manta que lhe cobre a nudez o testemunho da sua virgindade perdida... — Os seus olhos metálicos brilharam perigosamente, e os dentes perfeitos rangeram de fúria. — Como te atreveste, fedelha? Imaginas como me foi difícil manter as mãos afastadas desse corpo provocante, aguardando, respeitando, lutando contra o desejo? — Deslizou a lâmina da espada pelo meu peito, até ao ventre. — Eu devia pôr-te a marca do meu gado, para que todos soubessem que me pertences. Mas

teremos tempo de nos divertirmos! — Recuou com brusquidão, ordenando secamente. — Veste-te! E é bom que sejas rápida, porque, enquanto espero por ti, estarei a brincar com o teu amante.

Enfiei-me no vestido o mais rápido que consegui, tremendo, tropeçando, caindo, dominada pela aflição.

A luz entrava pela abertura da gruta, revelando que o dia nascera havia muito. Por que nenhum de nós despertara? Como era possível que o meu sono leve e a percepção aguçada não tivessem denunciado a aproximação do perigo? Como pudera um homem experiente como Tristan deixar-se capturar tão ingenuamente? Estávamos tão confortáveis com a nossa felicidade, que esquecêramos o quanto a realidade era cruel. E esta não nos perdoara!

O céu estava cinzento, e o mar, agitado e escuro. As aves marinhas gritavam uma melodia estridente, solidárias com a minha dor. De Tristan, nem sinal. Goldheart arrastou-me até onde os cavalos nos esperavam, sem me dar hipótese de protestar ou interrogá-lo sobre o destino do homem que eu amava. Senti dentro do peito a agonizante certeza de que o perdera para sempre.

Fiz o caminho de regresso à fortaleza com o coração a escamar, pele a pele, mortalmente ferido. A minha horrenda desconfiança ganhava sustento à medida que avançávamos. Avistei vários cadáveres sobre as rochas e reconheci neles os guerreiros que me tinham acompanhado nesta derradeira aventura. Oliver caçara-os como animais e deixara-os a apodrecer, à mercê dos caranguejos e dos pássaros, que se refestelavam com o inesperado e macabro festim.

— Estás a contá-los? — Escarneceu o monstro, sem um vestígio de humanidade. — Quantos faltam? Dois? Três? Não faz mal! Esses irão relatar aos demais o que acontece com aqueles que se atrevem a desafiar o Conde Oliver de Goldheart.

Fui empurrada para uma cela do forte, escura, úmida e gelada, tão pequena que mal podia abrir os braços e suster-me de pé. Ali fiquei durante muito tempo, deitada no chão de pedra irregular e encharcado, sem comida nem água, no mais profundo silêncio. O dia passou sem que me apercebesse. Dentro da mente, revivi a noite

anterior até à exaustão. Vi o sorriso luminoso de Tristan, os seus olhos doces e profundos, brilhando de contentamento. Senti o calor do seu toque na minha pele, o deslizar suave do seu corpo sobre o meu. E ouvi a sua voz enumerando os sonhos, os planos para a nossa felicidade... Sonhos e planos que jamais se realizariam!

Não haveria casa na montanha, nem negócio de cavalos, nem dezenas de crianças felizes no nosso futuro. Toda a esperança perecera naquela gruta. Tristan morrera, e o meu coração finara com ele. Amaldiçoei o momento em que fechara os olhos e adormecera, permitindo que o pérfido destino usurpasse o meu bem mais precioso.

E, à medida que a noite avançava, percebi que o martírio que eu vivia estava longe de resumir-se à morte de Tristan. Primeiro que Goldheart chegasse até nós, passara pela Aldeia dos Sábios. A imaginação mostrava-me as casas destruídas e os cadáveres dos sábios empilhados... e, entre eles, Berchan e Stefan.

As dores da minha carne não se comparavam com as dores do espírito. Sabia-me à beira da loucura e não queria lutar pela lucidez. Diante de mim só existia sofrimento e solidão. Desejei com todas as forças que Oliver viesse falar-me e que, num ímpeto de raiva, pusesse termo à minha vida. Esperei com uma ansiedade obcecada. Esperei e esperei...

A manhã nasceu, e a luz tornou a espreitar pela estreita fresta da cela. Um homem veio ao meu encontro e pareceu surpreendido por não encontrar resistência. Segui-o sem um protesto, sentindo que o meu corpo não me pertencia. Tinha a alma seca, consumida pela dor. Não temia o que me esperava. Só desejava que fosse rápido.

Fui conduzida ao meu quarto, onde as jovens criadas me aguardavam. Deram-me banho e vestiram-me, tagarelando com o entusiasmo habitual, como se esta fosse uma manhã igual às outras. Quando terminaram de arranjar-me, um guarda apareceu, avisando que tinha ordens para levar-me à presença do Conde. Segui-o com uma pose altiva, preparada para enfrentar qualquer castigo terminal. Oliver privara-me da felicidade, mas não podia usurpar-me o orgulho.

A besta sanguinária esperava-me na sala de reuniões. Um tabuleiro repleto de iguarias fora deixado sobre a mesa. Havia leite, sumos de frutas, pão quente, bolo, geléia, mel e vários tipos de queijos. Convidou-me a sentar diante dele e a servir-me. Fiquei de pé, ignorando o convite, apesar de sentir-me fraca e tonta devido ao jejum. Não me sentaria à mesa com o algoz de Tristan e dos meus irmãos. Goldheart encolheu os ombros e começou a comer, observando-me em silêncio. Quando terminou, recostou-se na cadeira e falou devagar, saboreando as palavras:

— Apesar de tudo o que aconteceu, Catelyn, devo fazer-te justiça. Tu és uma mulher de vontade forte e digna da minha admiração. Foi lamentável, não saberes escolher os teus amigos! Realmente deplorável! Nós dois poderíamos ter feito grandes coisas...

Ergueu-se devagar e pairou à minha volta, como um grande corvo esfomeado cobiçando a carniça.

Subitamente, aproximou os lábios e murmurou-me ao ouvido:

— Lorde Garrick ainda não conhece toda a história. Só lhe contei os pormenores suaves: a fuga, a conspiração... Poupei-o ao desgosto de saber que a filha é uma rameira que se deita com vagabundos, com renegados, com traidores, com a escória desta terra maldita! Acariciou-me o cabelo delicadamente, afastando-o para descobrir o pescoço. — Acredita que pouco me importa a tua traição. Já fui atraído antes! As mulheres não passam de cadelas no cio, que desconhecem o significado da palavra lealdade. O que me magoa é ter acreditado que tu eras diferente! Parecias tão sincera, sem medo de me olhar nos olhos, sem medo de exprimir os teus pensamentos. Pensei que podia confiar em ti, Catelyn... E é isso que me enlouquece!

Afastou-se devagar, deu dois passos e voltou-se de repente, com o braço erguido e a mão aberta como uma lança na direção do meu rosto.

— Puta!

A bofetada atirou-me pelo ar. Caí desamparada, sentindo o sabor do sangue na boca e a mente invadida por pequenas luzes brilhantes que piscavam como estrelas. Dentro dos meus ouvidos

ecoavam gargalhadas, finas e melodiosas... as gargalhadas de Myrna.

Enquanto eu jazia no chão, lutando para manter a consciência, Goldheart aproximou-se, rosnando e espumando como um cão raivoso:

— Eu não quis acreditar, mas a feiticeira tinha razão. Tu nunca me amaste! Apenas cedeste à minha corte para ganhares tempo, até que o teu amante viesse resgatar-te. Não é verdade, Catelyn?

Fiquei gelada, por dentro e por fora. Oliver chamara feiticeira a Myrna... Então, ele sabia! Como era possível negar a velha fé e a existência de semelhantes criaturas, se se relacionava com uma? A não ser que...

— Vejo que o meu conhecimento da habilidade de Myrna te surpreendeu — replicou com um sorriso escarninho. — É claro que sempre soube! Por quem me tomas? Por um tolo? Só uma louca, imprudente e ingênua se atreveria a tentar enganar-me, como tu fizeste! A Myrna não é nenhuma dessas coisas. Nós temos um entendimento. Ela pretendia influência na sociedade; eu desejava controlar a força estranha e poderosa que a move. Estás a imaginar, Catelyn? Eu, Oliver, Conde de Goldheart, administrando tamanho poder? E essa força será herdada pelos meus filhos. Não existirá rei ou exército que se oponha ao poder do meu sangue. O mundo estará ao alcance das minhas mãos! E tu podias ter ficado do meu lado, como minha rainha... Como minha igual!

Fui sacudida por um frêmito de repulsa. Como era habitual, tudo se resumia à obsessão pelo poder!

Encontrei na ira alento para reagir e gesticulei devagar para que ele me compreendesse.

— Casar-me com a Myrna? — revidou de imediato. — Isso seria inviável para os meus planos, querida! Nunca te interrogaste por que razão a jovem e linda esposa de Lorde Garrick ainda não lhe deu os filhos que assegurariam a sua posição na família? A Myrna mantém o aspecto de uma bela ninfa, mas, na realidade, não passa de uma velha decadente, amaldiçoada pela sua raça. E, se não pode procriar, não serve os meus intentos! — Agarrou-me o braço e forçou-me a ficar de pé, presa no seu olhar. — Por isso nos unimos. A Myrna

queria vingar-se da tua família, e eu desejava que os meus filhos possuíssem as suas habilidades. — Os olhos cinzentos adquiriram o brilho enlouquecido que me causava arrepios. — E tê-las-ão, porque a futura mãe dos meus filhos é descendente da mesma raça maldita.

Finalmente se desvendava a enigmática motivação do Conde de Goldheart. E não podia ser mais odiosa.

— Magia... — contrapus a custo, com a garganta a rasgar-se. — Ensinar... Nunca!

Oliver podia violar-me e engravidar-me, mas jamais me forçaria a ensinar uma arte de destruição. Para minha surpresa, ele respondeu com uma gargalhada:

— Acreditas que deixarei os meus herdeiros ao teu cuidado? Que permitirei que lhes envenenes o espírito contra mim? Que terás liberdade para te moveres no meu mundo? És mesmo ingênua e estúpida, rapariga! Depois do que fizeste, o teu quarto será na torre do forte. Ficarás trancada, esperando que eu deseje usar o teu corpo. E, quando os nossos filhos nascerem, serão entregues àquela que domina a Arte e não a uma aprendiz inábil.

Estremeci aterrada. Esta era uma sentença pior do que a morte! Forcei a garganta mais uma vez:

— Tu... não... controlar... Myrna...

Oliver empurrou-me para longe, cuspiendo com desprezo:

— Não te preocupes comigo, querida! A Myrna está controlada. Sem mim, não é nada, tal como tu! A partir de hoje, saltarás quando eu te mandar, rebolarás quando eu te ordenar, comerás e beberás quando eu entender, dormirás quando eu quiser, respirarás se eu permitir! A tua vida pertence-me, Catelyn! Atreve-te a contrariar-me, e farei com que me supliques pela morte mil vezes antes de te matar!

Saiu e bateu com a porta. Porém, antes que eu pudesse respirar fundo, Myrna irrompeu pela sala. Fui fulminada pelo brilho das duas pedras que pendiam do seu colar: uma laranja e uma violeta. A bruxa percebeu o meu sobressalto e afagou-as, escarnecendo abertamente:

— São perfeitas, não é verdade? Nunca deveriam ter sido separadas! Mas eu encarregar-me-ei de juntá-las e, quando forem

todas minhas, nada nem ninguém poderá deter-me! — Diante de mim, estendeu a mão para tocar-me nos cabelos. — Não passas de uma tola, romântica e fraca, como a tua avó! Sei que não percebes a verdadeira razão desta guerra, mas eu também não perderei tempo a explicar-te. Já não representas uma ameaça, Catelyn! Em breve morrerás... E contigo extinguir-se-á a petulância e a esperança dos que ousaram desafiar-me!

Não fui capaz de reagir; nem mesmo quando Myrna rolou a pedra violeta entre os dedos.

— O Quinn era o mais fraco de todos vós. Invejava a destreza do Aled e a força do Edwin. Esforçava-se tanto para ser como eles, que se esqueceu de procurar o seu próprio rumo. Eu ofereci-lhe um objetivo... O Quinn poderia ter ficado ao meu lado, enquanto me aprouvesse, eliminando todos aqueles que se opusessem ao nosso amor. Mas até nisso falhou! E a culpa foi tua! Não sentes remorsos por teres enviado o teu irmão para a morte? Eu sei que sentes! Mas acredita que ainda agora só comecei! O Edwin vem a caminho... O grande herói! Porém, só chegará depois do casamento e, então, será tarde! — Gargalhou, sacudida por uma excitação que não conseguia ocultar. — Eu preparei uma surpresa para todos vós, principalmente para o querido Oliver! Ordinário insolente! Irei mostrar-lhe a fragilidade do seu poder!

Myrna estava verdadeiramente eufórica. Qualquer que fosse este novo plano que a sua mente diabólica idealizara, fazia os seus olhos brilharem como rubis. Era uma visão aterradora! Deleitada com a comoção que provocava, ela aproximou o rosto do meu e acariciou-me a face com as unhas afiadas, enquanto miava sedutoramente ao meu ouvido:

— Estás a pensar que irás revelar esta nossa conversa ao teu ultrajado noivo? Julgas que ele acreditará em ti? Houve um tempo em que talvez acreditasse! Sabes, todos os homens têm as suas fraquezas, até mesmo o poderoso Conde de Goldheart. Eu ainda não compreendi como, mas tu tocaste o seu coração. Até descobrir a tua traição, ele teria feito tudo o que lhe pedisses! E eu não podia permitir tal coisa, entendes? Acabarias por voltá-lo contra mim! Felizmente, a tua precipitação e burrice acabaram por ajudar-me.

Confiaste que não te reconheci na planície? Pensaste que não senti o teu cheiro? A tua fuga poupou-me uma mão carregada de trabalho. Em vez de ter de provar a Oliver que a sua noiva não passava de uma pérfida mentirosa, ansiosa por enfiar-se na cama do primeiro vagabundo que lhe aparecesse, pude conceder-lhe o desgosto de te surpreender no ato. Foi glorioso!

A porta abriu-se, e uma cabeça loura, repleta de caracóis, introduziu-se no interior.

— Mamã? Vem, mamã! O papá está à espera.

Fervi por dentro. Escutara o discurso vitorioso de Myrna sem pestanejar, mas ouvir Fiona chamar-lhe “mãe” era mais do que podia suportar. Esforcei-me para libertar-me da rigidez que me paralisava. Contudo, o corpo recusava-se a obedecer-me, tal como na noite em que a bruxa tentara marcar-me com o ferro da lareira.

Seria um feitiço ou apenas uma reação física, um medo irracional, o cansaço e a fraqueza? Myrna sorriu, desdenhando da minha aflição, enquanto respondia melosamente ao apelo da criança:

— Vou já, querida! Não queremos que o papá se aborreça! Empinou o nariz, em desafio. — Não vens dizer “olá” à tua irmã, Fiona?

Na minha impotência, vi o rosto infantil distorcer-se no já familiar esgar de repulsa.

— Ela não é minha irmã! — objetou Fiona, com absoluta convicção. — Eu não gosto dela!

Myrna gargalhou e desapareceu pela porta entreaberta, abanando as saias com uma vaidade orgulhosa.

Fiona ficou onde estava, fitando-me com um olhar atemorizador, antes de agitar os punhos cerrados e gritar:

— Vais morrer queimada!

Depois que ela saiu, os meus ossos transformaram-se em papas. Estatelei-me no chão, com a sua voz vibrando dentro da cabeça como um presságio funesto. Fiona falara com a convicção da verdade, porque, assim como eu, também ela já vira a minha morte.

Corria sem rumo. Corria pela vida, sabendo que não podia escapar à morte. Corria com toda a força do desespero. Corria, porque nada mais podia fazer.

Ao meu redor, os corpos tombavam com gemidos de dilacerante dor, trespassados pelo ferro das espadas, decepados pelo corte dos brutais machados de guerra. Chovia torrencialmente, mas a água que ensopava a terra jamais conseguiria lavar o sangue que se entranhava no solo. O ar estava empestado por um cheiro nauseabundo; uma mistura de suor e madeira queimada, a que se juntava a peste da carne carbonizada. O fumo erguia-se numa muralha de denso nevoeiro e impedia-me de ver um palmo diante do nariz. De entre o fragor, pareceu-me que alguém gritava o meu nome.

Um homem vestido com as cores de Goldheart surgiu no meu caminho. Estaquei com brusquidão e escorreguei na lama, caindo desamparada. Um pânico ancestral apoderou-se do meu ser. Enquanto lutava para respirar, escutei mais uma vez o meu nome. O apelo vinha de tão perto, que não suscitava dúvidas. Era Edwin...

Esbracejei aflita, tentando impedir que o soldado do Conde me agarrasse. Foi inútil! Os olhos peçados de ódio do desconhecido deixavam uma mensagem clara. Só não me matava, porque temia a ira do seu senhor.

Debati-me furiosamente, esforçando a garganta para emitir um som que revelasse a minha posição a Edwin.

Como poderia o meu irmão encontrar-me no meio desta batalha sangrenta?

Então, a força insuportável que o homem exercia nos meus braços abrandou bruscamente, com um estremecimento violento. O som seco e frio que me assobiara aos ouvidos só abalou a minha consciência quando uma golfada de sangue me banhou a pele, odiosamente quente e viscosa. O rosto enraivecido do meu captor desaparecera, assim como a cabeça de cima dos seus ombros. Não contive um vômito de repugnância, enquanto empurrava o tronco para longe de mim. Olhei em frente, sufocada pelo horror, rezando em agonia pela imagem de Edwin. Porém, a visão que me esperava era diferente.

O guerreiro que matara o soldado estava montado num garboso cavalo branco. Não usava as cores de Goldheart nem as de nenhum outro aliado da casa do meu pai. Trajava de forma grosseira, como os bárbaros que invadiam as nossas terras, mas a sua beleza e força eram estonteantes. Os seus cabelos dourados esvoaçavam-lhe sobre os ombros, e os seus olhos tinham o azul irreal dos meus sonhos. Era ele!

Gritou uma ordem numa língua incompreensível e estendeu-me a mão. O meu olhar quedou-se no pulso grosso, onde uma tatuagem de grande minuciosidade e beleza lhe enfeitava a carne. Era a representação de um animal semelhante a uma serpente marinha, mas sem o ser. O corpo longo enrolava-se sobre si próprio, e o focinho assustador encontrava-se com a cauda debaixo da representação do Sol, como se a gigantesca e poderosa besta fosse saltar subitamente e engolir a bola de fogo. Senti a minha vontade esvair-se, arrastada pelo aguaceiro que tombava sobre nós. O desejo de segurar aquela mão e deixar-me içar para junto dele era tão primário, que bloqueava qualquer réstia de razão...

Acordei alagada em suor, com o coração a tentar saltar por entre os dentes que batiam. Levantei-me da cama e forcei o corpo dorido a dirigir-se à janela. Precisava de certificar-me de que tudo o que vira não passara de um sonho.

Um sonho... Ou um presságio? Um sonho... Um pesadelo! Ou uma premonição?

Tinha de haver uma explicação para o mistério que me assombrava. E a chave era aquele desconhecido que tanto surgia a salvar-me a vida como a terminá-la. Estremeci horrorizada ao recordar a ferocidade da batalha revelada no pesadelo. Seria este o negro destino da minha terra e do meu povo?

"Onde estás avó? Preciso de ti! Preciso de respostas!"

"Em breve..."

Sobressaltada, olhei para todos os cantos procurando por Aranwen. Mas fora o vento que eu ouvira. A brisa gelada que invadia o quarto e me fazia tiritar também troçava da minha angústia e desencanto.

Nos últimos dias, suplicara muitas vezes pelas explicações da minha avó. Os discursos de Myrna e Oliver haviam deixado claro que as duas feiticeiras se conheciam e que algo suscitara o ódio e o desejo de vingança da bruxa de cabelos de fogo. Agora, Myrna andava atrás das pedras que guardavam o poder de Aranwen. E isso provava que não era tão poderosa como apregoava. Eu tinha de impedi-la de atingir o seu objetivo. Mas como fazê-lo sozinha? Os meus irmãos estavam mortos ou condenados... Myrna só se apiedava de Fiona, porque era a guardiã da sua alma, e a minha irmã seria sempre uma inimiga e nunca uma aliada.

Acaricieei a pedra azul, minha companheira e protetora desde o nascimento, sentindo uma estranha calma fluir pelo corpo. Porém, sabia que qualquer esperança era mera ilusão. Aos poucos recuperava a força, mas não conseguia falar e tinha a mente e o coração destroçados. Diante de mim, estendia-se a perspectiva de uma existência tortuosa, vivendo ao sabor dos caprichos de Goldheart, desejando a morte como única forma de libertação.

Somos seis, mas somos um só...

Fôramos ingênuos e presunçosos, ao sonhar que podíamos insurgir-nos contra uma feiticeira e um homem com o poder do Conde. E tínhamos sofrido as conseqüências da nossa inocência. Brevemente, seria a minha vez de pagar pelo orgulho de ser uma McGraw.

A manhã do meu casamento acordou fria, mas sem vestígios da chuva que caíra nos últimos dias. O ar estava impregnado com um forte cheiro a maresia. Da janela do meu quarto, olhei para o mar assustadoramente calmo e para a linha do horizonte que se confundia com o céu, ambos cinzento-avermelhados. Mesmo nos dias de grande tormenta, nunca os vira desta cor. Dir-se-ia que os Elementos estavam reprimidos e que, brevemente, se revoltariam e castigariam implacavelmente os mortais.

As criadas da Senhora Myrna pairavam ao meu redor, ajeitando-me o vestido, o cabelo, o rosto, as unhas... Dentro de mim, uma voz

revoltada clamava: *Por que não te manifestas, avó? Por que não fazes nada para impedir esta desgraça?*

A Senhora Myrna organizara um casamento digno de um rei. Todas as personalidades da Grande Ilha marcariam presença, assim como as mais altas figuras da corte. A cerimônia realizar-se-ia fora da fortaleza, junto da aldeia, com a praia e o mar como fundo. Além da beleza que o lugar oferecia, seria ótimo para a influência e para o prestígio do Conde partilhar este momento tão especial com o seu povo. O altar foi montado próximo do penhasco, onde poderíamos fazer os nossos votos de olhos postos no mar, e as grandes tendas, armadas à entrada da aldeia, para dar apoio aos convidados. Seria muito romântico, assegurava a minha madrastra.

Só havia duas coisas que podiam estragar a festa: a chuva e a chegada de Edwin McGraw. Quanto à primeira, a bruxa assegurava que não cairia uma gota do céu. E os espiões de Goldheart confirmaram-lhe que Edwin jamais chegaria a tempo de impedir o casamento. Mesmo assim, Oliver plantou um soldado em cada canto. Não gostava de correr riscos, e distanciar-se do forte implicava vulnerabilidade. Com tanta segurança e todos os pormenores cuidados até ao mínimo detalhe, eu não imaginava o que Myrna podia ter preparado contra o seu cúmplice.

Segundo Oliver fizera questão de salientar, Lorde Garrick só ficara na Enseada da Fortaleza para manter as aparências e por gratidão para com o aliado que, apesar de atraído, cumprira a sua palavra e levava adiante o casamento com uma mulher perversa e desonrada. Eu ainda não o vira, mas, mesmo que tivesse oportunidade de me justificar e suplicar pela sua ajuda, sabia que seria inútil. Tal como Edwin, aos olhos do meu pai, eu deixara de ser uma McGraw.

Aled e Melody haviam chegado na noite anterior e sido imediatamente informados do meu ato condenável. Melody manifestara vontade de ver-me, mas fora proibida. Eu devia permanecer sozinha até provar arrependimento. Quanto a Aled, eu não imaginava o que se passava na sua cabeça. Temia que ele e a sua família fossem as próximas vítimas da bruxa. Myrna jamais deixaria o primogênito do herdeiro dos McGraw escapar com vida.

Quando pensava nos meus irmãos mortos, no meu amor perdido e em todos os que tinham perecido para alimentar a ambição dos dois conspiradores, eu sentia-me à beira da loucura. Estava tão vulnerável como um animal atado, conduzido para a matança. Iria assistir impotente ao princípio do meu fim, plenamente consciente de que o tormento ainda mal começara.

E o momento tão temido chegou.

Ajudaram-me a subir para a carruagem e conduziram-me até ao local onde o noivo, as nossas famílias e os convidados me aguardavam. Os aldeões pasmavam, maravilhados com a magnitude e a beleza do acontecimento. Os nobres elogiavam a distinção do primo do rei. Por toda a parte se comentava a minha sorte.

O Conde de Goldheart era um homem bom e poderoso, e eu, a mais afortunada das mulheres.

Enquanto avançava aos solavancos, a exaltação da multidão começou a sacudir-me o espírito. Todos pensavam que eu era uma noiva feliz. E se descobrissem que a verdade era o oposto? Oliver estava seguro da minha submissão e da sua vitória. Mas eu não tinha de render-me à sua vontade! Afinal, já não tinha nada a perder!

Assim que os meus pés tocaram a terra, tomei a decisão final. Só teria de esperar até que todos os olhos estivessem postos em mim e não fosse possível silenciar-me. Cuspiria na cara do Conde, mal o padre me pedisse para confirmar os votos. Perante o meu desprezo, Oliver seria forçado a tomar uma posição. Se me matasse, seria o fim do meu martírio.

O Padre Sebastião falava, mas eu não o escutava. Nos últimos instantes de vida preferia recordar os magníficos dias da minha infância. Encontrei-me de novo junto dos meus irmãos, rindo e brincando no lago. Os rapazes formavam um círculo e atiravam-me ao ar. Eu pulava de colo em colo, até mergulhar na água. Evoquei o abraço da minha mãe e o calor dos seus beijos. Relembrei o carinho no olhar do meu pai, quando a guerra ainda não era um veneno letal na nossa terra. E chamei à memória o amor de Tristan. O meu coração sabia que, onde quer que ele estivesse, não gostaria de ver-me prostrada e derrotada. Os meus companheiros de batalha não

me veriam de cabeça baixa. Se estava condenada, morreria amaldiçoando os nossos inimigos!

Berchan e Stefan não se encontravam entre os convidados, o que era conclusivo quanto ao seu destino.

Não consegui evitar que a imagem dos seus corpos empilhados sobre os destroços da aldeia e os cadáveres dos sábios, depois do ataque feroz do monstro que sorria candidamente ao meu lado, me roubasse o fôlego. Em breve, estaríamos juntos e em paz.

Não muito longe, Melody chorava baixinho; sofria por mim, impotente para ajudar-me. Aled estava pálido e respirava com dificuldade, como que mergulhado num dilema profundo... Porém, era demasiado tarde para arrependimentos.

O Padre Sebastião aguardava por uma resposta. Eu nem ouvira a pergunta, mas sabia que chegara o momento. Os olhos de Oliver tinham o brilho da vitória, e os seus lábios, o trejeito escarninho que me ensandecia de raiva. Esse sorriso ia morrer! Tinham-me sufocado a voz, para que não pudesse gritar a minha revolta aos quatro ventos, mas jamais me domariam a vontade.

A multidão esperava a minha confirmação em silêncio. E eu cuspi na cara do meu noivo.

Enquanto a saliva escorria pela face do altivo Conde, ergueu-se um breve murmurinho ao nosso redor, que finou no instante seguinte. Todos sustiveram a respiração, demasiado assombrados para reagir.

Oliver de Goldheart ficou lívido. O seu olhar revelou que esperava muito da vida, mas nunca imaginara esta minha reação. Enquanto o burburinho carregado de pasmo subia de tom, o rosto do Conde desfigurou-se num esgar de ódio, a sua boca deixou escapar um urro irado e a mão abriu-se para me agredir. Enrolei-me sobre mim própria e esperei pelo impacto da bofetada.

— Não te atrevas a tocar-lhe!

Abri os olhos e vi que Aled segurava a mão do Conde, com uma postura ameaçadora. Oliver rangeu os dentes e rosnou em resposta:

— Se não me soltares imediatamente, McGraw, mandar-te-ei abater como um cão vadio!

— Porquê? — desafiou o meu irmão. — Não és homem suficiente para fazê-lo sozinho?

Goldheart berrou ferozmente e recuou um passo, desembainhando a espada. Aled imitou-o. Nesse instante, do meio da multidão levantou-se um clamor tempestuoso. Por toda a parte, homens bronzeados e tatuados deixavam cair as capas que os haviam confundido com os aldeões. Todavia, quem primeiro avançou não foi um homem e sim uma rapariga esbelta, de cabelo castanho muito curto. Eu ainda não recuperara da surpresa de rever Pulga quando uma mão se fechou sobre o meu braço. Encarei o meu captor com os olhos arregalados de temor, mas logo uma luz se acendeu no fundo do meu coração enegrecido, que me ressuscitou a alma. Quem me segurava era Edwin. O meu irmão viera em meu auxílio, tal como prometera.

A confusão rebentou. Os homens de Edwin enfrentaram sem receio a tropa organizada de Goldheart, enquanto a guarda dos senhores da guerra da Grande Ilha se entreolhava confusa, aguardando as ordens dos seus chefes. Os aldeões dispersaram-se, fugindo em pânico para longe da contenda. Edwin entregou-me aos cuidados de Pulga e mergulhou na batalha, abrindo à força um corredor seguro por onde eu podia escapar.

— Vamos — gritou a rapariga. — Não temos muito tempo!

Esgueiramo-nos por entre o brilho das lâminas e os gritos incendiados. Instintivamente, os meus olhos foram atraídos por um ponto vermelho-berrante que rasgava o verde-pálido da planície. A Senhora Myrna McGraw abandonava o cenário, galopando ferozmente rumo à floresta. Levava Fiona consigo, assim como alguns soldados de Lorde Garrick. E o meu pai, onde estava? No meio do conflito, empunhando a arma contra os seus próprios filhos?

— Vem, Cat! — berrou Pulga, puxando por mim. — Temos de sair daqui...

Então, o som de uma trompa de guerra rasgou o ar, sobrepondo-se à voz da guerreira. Ecoou pela planície, afundou-se nas brumas da floresta, embateu no penhasco e escorreu para o mar. Os meus olhos encontraram os de Pulga, e vi o horror refletir-se neles. Eu

sabia o que aquilo significava, embora nunca tivesse pensado enfrentar semelhante calamidade.

Os guerreiros detiveram-se e olharam incrédulos para o mar. Mas as ondas não eram as únicas condutoras da ameaça anunciada. Eles estavam por todo o lado! Palmavam a planície a pé, com tal velocidade que dir-se-iam montados em cavalos alados. Vestiam peles de animais e empunhavam armas poderosas e escudos sólidos. Os seus cabelos compridos esvoaçavam como bandeiras coloridas. Os seus corpos eram altos e largos como os troncos das árvores antigas. Espalhavam-se em círculo, encurralando os soldados da aliança contra o mar. Eu nunca vira nórdicos, mas reconheci-os de imediato e não tive dúvidas de que o guerreiro que corria diante deles, devorando o terreno com a força de um demônio, era o terrível Gunnulf.

— Cat!

O apelo de Pulga despertou-me. Esforcei-me por acompanhá-la, mas a saia comprida e pesada do vestido dificultava-me os movimentos. Ao meu lado, a guerreira de Edwin ergueu a arma, defendendo-se intrepidamente da investida de um dos homens do Conde.

— Protege-te, Cat!

O grito ficou suspenso no ar. Presa ao chão, vi a espada de Pulga trespassar o soldado. O sangue esguichou e manchou o branco imaculado do meu vestido. Olhei para baixo, sentindo o ar solidificar e todos os sons resumirem-se às batidas do meu coração. Quando voltei a respirar, Pulga desaparecera e, a poucos passos de distância, o Conde de Goldheart insurgia-se do calor da batalha, rasgando caminho com a destreza da sua espada. A mão de um homem foi brutalmente decepada e rebolou até aos meus pés. Gritei, sem emitir um som e desatei a correr às cegas.

Mas era impossível escapar ao horror. Estaquei, dominada pelo desespero, ao surpreender a onda de guerreiros bárbaros prestes a tombar sobre mim. O instinto forçou-me a saltar para o lado e a procurar abrigo nas sombras da parede de uma casa. Os Nórdicos passaram como uma praga de insetos gigantes. A tremer, vi a vaga de morte colidir contra os guerreiros da Grande Ilha, com um

estrondo ensurdecedor. Senti o estômago trepar até à garganta, enquanto a vista se turvava. A minha consciência ameaçava desmoronar-se, e eu ansiava pelo desconhecimento. À minha frente, os homens caíam quais folhas secas no Outono, o sangue jorrava como água de uma fonte e a poeira consumia o ar. A confusão instalara-se, e eu já não distinguia os amigos dos inimigos. Os gritos misturavam-se com o estridor do ferro. Havia casas em chamas e o fumo engolia o pó.

Livres do que eu acreditara ser o domínio de Myrna, os Elementos soltaram a sua fúria. O vento soprou em desvario e trouxe consigo uma chuva torrencial. O céu ficou da cor da terra, tingido de sangue, enquanto chicotes de fogo vergastavam as nuvens.

Uma dor forte retorceu-me as entranhas, e o vômito venceu. Contraí-me em espasmos de agonia, libertando o fel que me queimava viva. Por fim, tombei no chão, sem ânimo. Onde estavam os meus irmãos? Íamos morrer todos!

— Não!

Levantei o rosto, alertada pelo brado de aflição. Melody acabara de passar a correr, perseguida por um bárbaro. Não sei aonde fui buscar força. Ergui-me decidida e agarrei numa espada abandonada por algum infeliz. Apesar dos esforços de Quinn, eu nunca fora hábil no manejo das armas. Porém, hesitar era morrer.

Rodeei a casa no sentido inverso. Melody surgiu afogueada e desta vez viu-me. O sobressalto fê-la tropeçar e cair. O bárbaro nada mais viu além da presa indefesa. Quando a lâmina lhe trespassou o ventre, os seus olhos esbugalharam-se de assombro. Eram verdes como os meus. Soube, de imediato, que carregaria esse olhar na consciência para o resto da minha vida. O corpo fenomenal tombou aos meus pés com uma pancada seca.

— Cat!

Melody abraçou-me e desatou a chorar. Olhei em redor, sentindo o instinto de sobrevivência aguçar-se.

Os soldados de Goldheart, os Aliados e os homens de Edwin enfrentavam agora o mesmo inimigo, adiando a batalha inicial por uma questão de sobrevivência. Segurei na mão da minha cunhada e forcei-a a correr.

A chuva transformava o solo num lamaçal. Um relâmpago caiu muito próximo, e a luz cegou-me. Tapei os olhos, reprimindo um gemido de dor, enquanto cambaleava, esforçando-me por manter o equilíbrio. O vestido encharcado mal me permitia andar. Um cavalo passou por nós e quase me esmagou debaixo dos cascos.

Outros seguiram-no. Os animais tinham-se libertado e fugiam, desorientados e apavorados. Conseguir montar um era ilógico. Nós precisávamos de encontrar um abrigo onde nos pudéssemos esconder. Mas onde?

Por cima de nós, outro raio rasgou o céu. Destacando-se da multidão, um dos Vikings içou-se sobre um magnífico cavalo branco. Com o impulso, os seus cabelos espalharam-se pelo ar, rivalizando com as faíscas dos relâmpagos. Girou o grande machado de ferro e forçou o cavalo a rodar sobre si próprio, repelindo com eficácia aqueles que se atreviam a aproximar-se. Só então vi o seu rosto. Era ele! O homem que povoava os meus sonhos e que carregava a minha morte na ponta da espada, estava ali, em carne e osso!

Fiquei paralisada, revivendo o sonho da noite anterior e todos os outros, por entre o fumo e o fogo. Não tinham sido meros pesadelos, mas premonições...

— Venham! Depressa!

O apelo provinha de um dos companheiros de Tristan, que me escoltara na malograda fuga. Corremos ao seu lado até que um bárbaro nos barrou o caminho. O homem enfrentou-o e derrubou-o. Mas não nos foi permitido continuar. Diante de nós surgiu um cavalo branco, e, num simples piscar de olhos, o corpo do nosso defensor tombou.

Os gritos de Melody quase me ensurdeceram. Sem hesitar, agarrei na espada do morto e protegi o corpo da minha cunhada com o meu. Quando encarei o agressor, sabia quem iria encontrar.

Os olhos do guerreiro possuíam um azul intenso que dilacerava a alma. Fiquei paralisada só de encará-lo.

O machado que empunhava estava manchado de sangue em toda a extensão da lâmina. Ele mirou-me de cima a baixo, e eu imaginei como devia parecer-lhe insignificante: uma fedelha baixa e franzina, suada e suja, segurando uma espada tão pesada que mal conseguia

equilibrá-la; porém, atrevida o bastante para enfrentá-lo, na vã esperança de salvar a amiga e a própria vida. Surpreendentemente, os lábios do Nórdico entreabriram-se, e o seu semblante carregou-se diante da visão da próxima vítima. Enquanto tentava compreender a sua hesitação, ouvi o meu nome rasgar o ar, abafando a percepção de tudo o resto.

Pensei que estava a sonhar. Talvez tivesse recebido uma pancada na cabeça, e este fosse o meu delírio!

Não era possível que aquele apelo, feito pela voz tão querida que eu julgara jamais voltar a ouvir, fosse real!

Porém, do interior da ativa destruição, o chamamento repetiu-se. Melody também o escutou e gritou em resposta:

— Tristan!

E os meus olhos viram finalmente o que os ouvidos se recusavam a aceitar. Aparecendo do nada, Tristan colocou-se entre nós e o bárbaro, criando uma barreira com o seu corpo. Senti as pernas bambearem. O meu amor estava vivo!

— Para trás, Cat! — ordenou ele, mas eu não me mexi. Estava em choque, sem saber se devia rir ou chorar. Tinha medo de piscar os olhos e perdê-lo.

A pé, Tristan não era adversário para o colosso. O Viking poderia tê-lo decapitado com o magnífico machado, com a mesma facilidade com que eu afastaria o cabelo do rosto. Mas não o fez. Mirou-nos com um trejeito indecifrável e incitou o cavalo a afastar-se num galope rápido.

— Cat!

Fiquei suspensa nos braços de Tristan e mergulhei nos seus lábios. Foi um beijo rápido e desesperado, esfomeado e dorido. Ele tremia tanto como eu quando murmurou:

— O Goldheart deixou-me a definhar, mas o Edwin encontrou-me a tempo. Perdoa-me...

— Tristan! — O apelo agoniado de Melody despertou-nos para a realidade.

— Vamos — gritou ele, amparando-me na força da sua decisão. — O barco está à nossa espera.

— E o Aled? — Questionou Melody, aflita. — Onde está o Aled?

Tristan incitou-nos a avançar, sem lhe responder.

A minha cabeça latejava. As cores e os sons sucediam-se, tremidos e roucos. A cada passo vacilante, perdia a noção das formas, como se fosse desmaiar. Obriguei-me a clarear a mente. Não podia fraquejar agora que reencontrara o meu amor; tão próximo da liberdade!

O horror que nos rodeava atingira proporções infernais. O mundo ruía à nossa volta, e tornava-se impossível adivinhar o desfecho da batalha. Temi pelas nossas vidas quando um bárbaro bloqueou o caminho a Tristan. Porém, no último instante, um jovem alto e robusto veio em nosso auxílio e resolveu a disputa.

O meu alívio ao encontrar Aled só foi comparável ao de Melody. Mesmo no meio de tamanha desgraça, caíram nos braços um do outro. Estávamos finalmente juntos.

— Vamos! — gritou Edwin do meu lado. — Se os reforços dos Vikings desembarcarem, estaremos perdidos!

Não corremos dez passos sem sermos detidos. Os bárbaros atacavam como um enxame de vespas. Os nossos guerreiros dispuseram-se em círculo para nos protegerem, e a matança recomeçou. Horrorizada, tomei consciência de que os selvagens ganhavam vantagem. À custa de muito esforço e sangue, os nossos homens abriram caminho e pudemos retomar a fuga. Mas o pesadelo repetiu-se. Por entre a malha humana, fechava-se o cerco. E, desta vez, não haveria salvação. O próprio Gunnulf avançava de espada em punho.

O chefe viking era uma visão irreal, um verdadeiro gigante de força e poder. Compreendi por que o confundiam com um animal no campo de batalha. Gunnulf usava sobre os ombros a pele de uma fera que devia ter sido tão robusta e aterradora como ele... a pele de um urso!

— Ide! — ordenou Aled, com o rosto transtornado pelo cansaço e pelo desgosto. — Eu ficarei para segurá-lo...

— Não! — contrapôs Edwin no mesmo tom, berrando para se fazer ouvir sobre o fulgor do mar e da batalha. — Lutaremos lado a lado até ao fim! O Tristan pode levá-las para o barco...

— O Tristan mal se agüenta em pé, Edwin! — objetou Aled. — Por uma vez, faz o que eu te digo! Salva as nossas mulheres!

Os bárbaros estavam cada vez mais perto. O afamado líder vinha reclamar vitória. Diante de nós surgia o penhasco e, rasgando o cinzento tempestuoso do mar, três majestosos navios aproximavam-se destemidamente da praia, com a célebre vela nórdica, quadrada e colorida, ondulando orgulhosamente ao sabor do vento. Em cada proa erguia-se uma cabeça de dragão esculpida em madeira, altiva e ameaçadora, com a morte no olhar e a bocarra escancarada, sustendo o destino do meu povo nos dentes.

Melody caiu nos braços de Aled, carpindo o seu desespero. Eu teria feito o mesmo, se Tristan não me segurasse, impedindo-me de demonstrar a minha agonia. O meu irmão mais velho foi rápido na despedida. No instante em que retirou do pescoço o fio que sustinha o amuleto da nossa avó e o entregou à esposa, eu soube que não tornaria a vê-lo.

— Entrega-o ao nosso filho e fala-lhe de mim. Eu irei amar-te sempre!

— Aled, por favor... — vociferou Melody, num soluço agoniado.

— Não, Aled... — tornou Edwin, num veemente protesto. Aled empurrou Melody gentilmente para os braços do irmão e exclamou, rouco de emoção:

— Cuida dela!

— Tu tens de fugir — insistiu Edwin com convicção. — Eu ficarei!

— Não! Sem ti, o barco não zarpará!

— Pensa no teu filho! Pensa na tua mulher!

— Ela nunca foi minha, Edwin! — replicou Aled. — E esta é a única maneira de salvá-los! Perdoa-me irmão! Perdoem-me todos vós!

E desatou a correr ao encontro de Gunnulf; um bravo ao encontro da morte. Edwin ficou petrificado, segurando Melody nos braços. A minha cunhada estava enlouquecida de dor e bradava o nome do marido por entre as lágrimas. Eu estrebuchava, tentando libertar-me de Tristan. Isto não podia estar a acontecer! Não era verdade!

— Vamos, Edwin! — apelou Tristan. — Vamos, antes que o sacrifício do Aled seja vão!

Os bárbaros alcançaram-nos, e a desordem sucumbiu ao caos. Eu só podia entregar-me ao desgosto e renegar a vida ou erguer a cabeça e resistir até ao último fôlego. Tristan dava o seu melhor para proteger-me, mas estava cada vez mais fraco. Oliver espancara-o e deixara-o a morrer, sangrando, à mercê dos predadores. As marcas da tortura a que fora sujeito e a debilidade do seu corpo eram evidentes, mas não deixara de intervir para me salvar. E nada voltaria a separar-nos! Se ele tombasse, eu tombaria ao seu lado! Empunhei uma espada e defendi-me fracamente. Perdemos Edwin e Melody na confusão. Estávamos a ser empurrados de volta à aldeia, para longe do nosso objetivo, juntamente com os poucos soldados que ainda resistiam. De repente, Tristan soltou um gemido abafado, e o seu corpo deslizou pelo meu. O desespero assolou-me ao perceber a gravidade do seu ferimento. Acreditei que fora um bárbaro o causador da desgraça. Porém, aguardava-me a mais terrível das surpresas. Diante de mim, com uma expressão de ódio demente, estava o Conde de Goldheart.

Fui arrastada pelos cabelos, sem alento para opor resistência. Confirmei que Oliver era um excelente guerreiro, pois mantinha-me prisioneira com um dos seus braços, enquanto guerreava com o outro. Mas a situação depressa escapou ao seu controlo, e foi forçado a soltar-me para enfrentar os bárbaros, que eram em número superior. Assim que me senti livre, fugi às cegas por entre as nuvens de fumo que a chuva não conseguia dissipar. O ar estava irrespirável, empestado de morte. Os pulmões ardiam-me, mas continuei a correr, tanto quanto o amaldiçoado vestido permitia, evitando as espadas que se chocavam demasiado perto. Por entre a aflição, quase podia jurar que ouvira alguém gritar o meu nome.

Um soldado de Goldheart surgiu de dentro de uma coluna de fumo e lançou-se sobre mim qual lobo esfomeado. Eu estaquei, escorreguei na lama e caí desamparada. Enquanto tornava a escutar o meu nome e reconhecia a voz de Edwin, tive a arrepiante percepção de que tudo o que me estava a suceder era familiar. Tossi e cuspi a água lamacenta que me entrara para a boca, enquanto o soldado me puxava pelo braço e forçava a ficar de pé, berrando:

— Não sei para que o Conde te quer, sua cabra! Mas não escaparás...

Ao encarar o esgar furioso, senti o meu espírito gelar de horror.

"*Vais morrer...*", pensei.

Quando o esguicho de sangue me atingiu, eu já fechara os olhos para evitar a visão grotesca da cabeça decapitada. Um vômito sacudiu-me quando o corpo estropiado tombou, mas já não havia nada no meu estômago para enjoar. Um grito de comando, proferido numa voz forte e limpa, forçou-me a reagir. Montado no cavalo branco, o bárbaro dos meus sonhos estendia a mão, ordenando-me que o seguisse. Fixei o olhar no seu pulso, quase temendo confirmar o pormenor da tatuagem que tanto me impressionara. Lá estava, muito mais bela e terrível do que um sonho podia revelar. Sem vestígio de domínio sobre a consciência, vi a minha mão subir ao encontro da dele, como se nenhuma vontade pudesse impedir a nossa união.

No instante em que os nossos dedos se tocaram, o cavaleiro foi atacado por dois soldados de Goldheart.

Desprevenido, desviou-se dos golpes com destreza, mas não conseguiu agüentar-se sobre a montada. Caiu numa poça de lama, com um aparato que arrancou urros vitoriosos aos homens do Conde. Eu comecei a recuar, movendo as pernas com grande esforço. Por mais que a minha mente berrasse que o corpo tinha de fugir depressa, sentia-me presa ao solo por raízes profundas. Um terceiro guerreiro veio saborear a presa. Para mim, a condenação do bárbaro era inevitável. Porém, quando se ergueu segurando a espada na mão, a sua expressão não era a de um homem assustado com a perspectiva de enfrentar três guerreiros bem treinados. O Viking sorria...

O clamor incessante de Edwin libertou-me do encantamento. Ele regressara para me buscar e estava perto, forçando passagem por entre os bárbaros. Porém, antes que o meu irmão me visse, dois braços de ferro suspenderam-me no ar. Arfei em pânico, temendo ter caído finalmente nas garras de um selvagem. Porém, a minha sorte era bem pior!

O Conde de Goldheart arrastou-me para o interior de uma cavalaria. Os meus olhos esforçaram-se por distinguir o que me rodeava. As baias encontravam-se vazias, os arreios espalhados pelo chão e havia feno por toda a parte. Não consegui ver mais nada, pois Oliver empurrou-me com violência e saltou sobre mim, completamente ensandecido, lutando com o meu vestido e a roupa interior, tentando rasgá-los à força.

— Eu não morrerei sem te possuir, maldita! — rosnavo enlouquecido, espumando pela boca como um animal raivoso. — Tens de ser minha, Catelyn McGraw! Perdi tudo por tua causa...

Qualquer outro estaria à procura de um cavalo para fugir. Mas o obcecado conde nada mais desejava, além de submeter-me à sua vontade. Continuou a praguejar, enquanto eu me debatia mesmo sabendo que era inútil, decidida a enfrentá-lo até ao fim. Se o meu destino era morrer, pois morreria! Porém, esse aleivoso não me tocaria sem receber luta. Espernee e esmurrei, com os gritos presos na garganta. Recebi tantas bofetadas que os meus lábios ficaram desfeitos. Mas resisti! Resistiu o tempo suficiente para o inesperado acontecer.

Subitamente, Goldheart foi içado de cima de mim e demorou para acreditar no que os seus olhos revelavam. A luz difusa que penetrava pelas fendas da madeira iluminava o rosto de Tristan desfigurado pelo ódio que devotava ao inimigo. Contudo, a sua fraqueza declarava-se em cada fôlego. Cambaleava, mal se sustendo de pé, com as roupas encharcadas em sangue. O meu amor estava mortalmente ferido, mas não desistia... nunca desistia de me salvar! Não disse uma palavra, mas eu percebi a sua mensagem: *Foge, Cat! Foge!*

— O que é que eu tenho de fazer para que morras, maldito? — uivou o Conde. — Quantas vezes terei de te matar?

Em choque, vi Oliver agarrar na sua espada e arremeter contra Tristan. Sabia que o monstro seria rápido e brutal. O pouco que sobrara da minha consciência ordenava-me que fugisse, antes que o último esforço do meu homem se tornasse vão. Todavia, não pude mover-me. Estava fraca e dorida em cada osso, em cada pedaço de pele. Sentia os gritos presos na garganta e as lágrimas alagando-me

a cabeça, ameaçando arrasar-me a mente se não as libertasse. Mas não conseguia chorar. Não conseguia...

Goldheart não correu riscos. Enterrou a espada profundamente no peito de Tristan, trespassando-lhe o coração. O olhar do meu amor percorreu a distância que nos separava, e as lágrimas escorreram-lhe pelo rosto, antes de o seu corpo tombar sem vida sobre o colchão de feno.

O meu espírito quebrou-se, e a loucura extravasou. Enquanto Oliver festejava a vitória, os meus olhos voltaram-se para as ervas secas. Afinal, o meu destino estivera escrito desde o início! Se o conde demoníaco queria partilhar de alguma coisa comigo, partilharia a morte, dolorosa e horrenda, até ao último instante em que a carne se separaria dos ossos.

Um calor abrasador partiu do meu âmago, libertou-se da pele e atingiu o feno, que se incendiou de imediato. Ignorando os urros de Goldheart, ergui a mão e espalhei a erva pelo ar, para que as chamas se propagassem rapidamente por toda a cavalaria.

— O que estás tu a fazer? — bradava Oliver. — Sua bruxa! — Saltou sobre mim e derrubou-me com uma bofetada. — Queres morrer? Pois morrerás latindo de prazer, cadela maldita! Eu vou mostrar-te o que é um verdadeiro homem!

Recomeçou a luta para arrancar-me a roupa, mas o vestido ensopado tornava-se impossível de manusear com toda a minha resistência. Ao nosso redor, as chamas devoravam o que lhes era aprazível. Contudo, não era só o meu mundo que finava. Do exterior troavam clamores de agonia. Os bárbaros atacavam o coração indefeso da aldeia. Não havia salvação para o meu povo.

Subitamente, a louca sensação de alívio repetiu-se. O Conde de Goldheart fora arrancado de cima de mim! Mas, se Tristan estava morto...

A custo, apoiei-me sobre um braço. A cavalaria era a imagem do inferno. Tudo parecia debaixo das línguas gulosas e vorazes das chamas. E, tal como no meu pesadelo, o guerreiro nórdico avançava, sulcando as labaredas como se fizesse parte delas. Aguardei de olhos bem abertos, sabendo que chegara o momento de unir-me aos meus antepassados e confessar-lhes o meu fracasso. Por trás de

mim, Oliver gritou quando o guerreiro de fogo levantou a arma e a lâmina longa assimilou as chamas. Subjugada pelo delírio, pensei que esta era a mais bela das visões. Então, o rosto desafiador do Viking decompôs-se num esgar de ódio, e a espada agitou-se sobre a minha cabeça. Instintivamente, fechei os olhos e sustive a respiração, aguardando o fim.

O eco das espadas que gladiavam arrancou-me da inércia. O bárbaro combatia com Goldheart, e os seus gritos misturavam-se com o estralejar da madeira. Afinal, o destino concedera-me uma última oportunidade de salvar a honra. E eu não a desperdiçaria esperando pelo resultado da contenda, quando o vencedor viria reclamar o seu prêmio: a minha vida.

Decidida, arrastei-me até Tristan e surpreendi-me ao constatar que o seu semblante estava sereno. Talvez tivesse finalmente encontrado a paz que lhe fora negada nos últimos anos! Eu imaginava como ele sofrera quando se vira forçado a matar. Tudo o que Tristan sempre desejara fora uma casa num monte verde, muitos cavalos e filhos... os nossos filhos! O seu amor viveria para sempre na minha alma, pois eu fora a mais amada das mulheres.

Sem hesitar, apossei-me do punhal que ele trazia na dobra da bota, tal como os meus irmãos. Já que a vida nos separara, pelo menos morreríamos juntos, e as chamas uniriam os nossos corpos. Beijei-lhe levemente os lábios e segurei o punhal com as duas mãos, apontando a lâmina ao meu coração. Fixei o olhar no rosto amado... Um último fôlego e estaria pronta.

No preciso instante em que reunira a coragem para finir o meu tormento, o Nórdico lançou-se sobre mim, clamando estridentemente. Arrancou-me o punhal das mãos e arremessou-o para longe. Sem saber como, eu estava de pé, prisioneira das mãos fortes. Ele agarrou-me pelos ombros e sacudiu-me. O seu olhar cortou-me a respiração. Disse algo que não compreendi, mas fê-lo com tal intensidade, que deixou cada uma das suas palavras marcadas no meu espírito.

À nossa volta, a estrutura cedia e, em breve, o telhado ardente ruiria sobre nós. Sem perder tempo, o Viking lançou-me sobre um ombro. Fui transportada numa corrida vertiginosa, qual saca de

farinha, com o sabor do sangue na boca, o vômito na garganta e o corpo a desfalecer.

A última coisa que recordo é o rugido do fogo; os braços das chamas reclamando as nossas vidas, enquanto o novo senhor do meu destino as atravessava com um salto impossível.

Depois veio a noite... Escura. Densa. Infindável...

CAPÍTULO 11

— Cat...

— Cat...

Eram as vozes dos meus irmãos que me chamavam. Abri os olhos e encontrei os seus rostos sorridentes e as suas mãos estendidas.

— Cat...

Aled, Edwin, Berchan, Stefan e Quinn, juntos, partilhando a mesma alegria e convicção.

— Salta, Cat!

— Vem!

— Junta-te a nós...

Estiquei-me para tocá-los, mas desvaneceram-se como névoa. Dedos suaves e quentes entrelaçaram-se nos meus, e o rosto doce da minha mãe aproximou-se para beijar-me.

— Minha querida, Catelyn... Não resistas ao inevitável! Deixa o corpo descansar... Vem! Eu posso acabar com a tua dor...

Fechei os olhos e respirei fundo, permitindo que o meu espírito flutuasse. A dor acalmava, devagarinho... até quase não existir...

— Catelyn!

Este apelo nada tinha de carinhoso. Era imperativo e brusco, violento como uma bofetada. Confusa, encontrei o rosto da minha avó distorcido por uma expressão mista de decepção, raiva e aflição.

— Como te atreves a falhar-me, criança? Como te atreves a desistir?

Todo o meu corpo estremeceu, e a dor regressou. A custo consegui responder:

— Eles estão a chamar-me... Preciso de ir...

— Não prestes atenção às vozes, Catelyn! Nem todas são verdadeiras, e muitas têm a única finalidade de te enganar e atrair para o abismo! Tu tens uma missão a cumprir...

— Que missão? — Desta vez, a minha voz soou irada. — Todos aqueles que amo estão mortos! Eu falhei! Só me resta segui-los...

— Nem todos os que amas estão mortos.

— Mente! Mente como sempre me mentiu!

— Quando foi que eu te menti, neta?

— A avó disse que me ajudaria quando o momento chegasse... — As minhas palavras tropeçavam no ardor da fúria. — Prometeu que estaria do meu lado! E deixou-os morrer...

— É verdade que nem todos podem ser salvos! — O semblante de Aranwen entristeceu. — Não me é permitido mudar o destino. Essa é a tua tarefa! Se renunciasses a ela, o mundo que conheces perecerá. A noite triunfará sobre o dia; a dor, sobre o contentamento; a morte, sobre a vida. Nada restará senão as cinzas das recordações, na memória dos que sobreviverem para enfrentar a escravidão. Irás abandonar o teu povo, Catelyn?

— Não o abandonou a avó primeiro? — acusei. — Não está esta guerra perdida? O que posso fazer sozinha?

— Deves acreditar na tua força, no teu poder! A magia vive dentro de ti e só tu poderás alcançá-la!

— Como? — Apelei desesperada. — Mostre-me como!

— Eu não posso... — Lentamente, a sua imagem começava a esfumar-se. — Mas brevemente encontrarás alguém que pode...

— Espere! — Estendi a mão, aflita. — Não me deixe!

— Sobe a montanha, neta... — A sua voz era um suspiro no vazio. — Sobe a montanha...

— Avó!

Aranwen partira. Eu estava, de novo, sozinha.

O burburinho aumentou até me ferir por dentro. Já não era um sussurro e sim um clamor estridente e poderoso. Tentei mover-me e surpreendi-me apertada, como se estivesse presa dentro de uma caixa. Cada um dos meus ossos bradava por clemência. O fogo consumia-me as entranhas enquanto o gelo me rasgava a pele.

Cheirava a maresia. Abri os olhos a custo e deparei com uma bruma turva, salpicada de estrelas. Cheirava a suor. Os gritos continuavam. Uma voz forte incitava e as outras respondiam-lhe. Cheirava a sangue e a imundície.

Recuperei a percepção lentamente. Enquanto os meus olhos se habituavam à obscuridade, o meu coração batia com tanta força que me magoava o peito. Encontrei-me dentro de um barco, entalada num espaço exíguo entre caixotes de madeira, encharcada até à alma. A água entrava por todos os lados e tudo estremecia, como se o mundo fosse desabar. E lá estavam eles, os homens do Norte, os bárbaros, os selvagens, tal como o meu pai os descrevia: altos como torres e fortes como touros. Não passavam de sombras sob a luz das estrelas — as sombras da morte.

Os Vikings levantaram-se de repente, e o barco oscilou tão violentamente que pensei que as ondas fossem engoli-lo. Dei graças por não poder gritar ou não me teria contido. A voz de comando continuou a clamar, a incitar. Eu reconheci nela a voz do homem que me perseguia em sonhos, que matara Oliver e me resgatara das chamas, livrando-me da morte certa para enfrentar um destino mais cruel. As estrelas foram cobertas por uma sombra de cores que brilhavam mesmo na cegueira da noite. E a escuridão tornou a envolver-me no seu abraço gélido.

A maresia embriagava-me os sentidos. O vento soprava-me no rosto com a mesma força de há muitos anos, enquanto eu pairava sobre as ondas, deleitando-me com a leveza do meu ser. Vi uma luz à distância e tentei alcançá-la. Estava a chegar quando um remoinho feroz me interceptou. Perdi o domínio do corpo e tombei a pique no vazio. Já não havia mar para me receber; apenas o imenso nada onde eu caía... e uma voz... uma voz há muito esquecida que ressuscitava para assombrar-me: *"Quando a luz se apagar... é chegado o reino das trevas..."*

A neblina da inconsciência devolveu-me o meu próprio grito. A dor regressou com uma intensidade insuportável, e o murmúrio continuou, desenrolando a ladainha sem sentido:

"A laranja será corrompida, para sempre perdida..."

Do nada que me absorvia, surgia a figura frágil e sorridente de Fiona, enlaçando o pescoço de Myrna com um arrebatamento apaixonado. Perdias na tontura do rodopio e fui envolvida pela floresta densa. Ao meu lado cavalgava um guerreiro que envergava as cores dos McGraw. O meu coração parou ao reconhecer Quinn.

Berrei um aviso com todo o vigor da minha alma, mas de nada lhe valeu. Três homens irromperam das sombras e, num piscar de olhos, o rosto do meu irmão contorcia-se num suplício agoniado, enquanto o corpo possante ruía pesadamente no colchão de folhas mortas.

"A violeta tombará, decepada pela traição..."

Eu continuava a cair, a remoinhar dentro do pesadelo que era a minha própria vida. A batalha vivida intensamente em cada gota de suor e sangue repetia-se para meu tormento. Sem ânimo para reagir, vi Aled interceptar Gunnulf e as suas espadas chocarem, ferro contra ferro, projetando faíscas de ardor e ódio. O meu irmão resistira bravamente... Mas a ferocidade do chefe viking era inigualável.

"A verde penderá sem glória, sob a lâmina gelada..."

No auge do meu delírio escaldante, as palavras assumiam um significado atroz. A ladainha era uma maldição lançada sobre os portadores da magia de Aranwen! Sete cores para sete pedras. Sete destinos corrompidos, sete vidas condenadas. E, na noite em que Fiona nascera, por algum capricho da sorte, eu apossara-me da sabedoria para contrariá-la. Porém, não fruía do engenho para decifrá-la, e o tempo encarregara-se de diluí-la no meu esquecimento. Só após ter perdido três irmãos; só depois do meu mundo destruído, eu divisava finalmente para além da bruma da percepção e me libertava da cegueira do sortilégio que me condenava a falhar por fraqueza e inaptidão. Mas agora era tarde demais!

Ao olhar dentro dos meus olhos, vi o rosto de Edwin. A vermelha sucumbiria, vítima da própria condição. Talvez a morte já tivesse encontrado o guerreiro... Esperei pela odiosa revelação, mas a bruma envolvera-me, e a voz tenebrosa silenciara. Perante a verdade incorruptível, eu caía desamparada dentro de mim mesma e enfrentava o mais feroz dos medos: a solidão, o vazio, o nada que me devorava... O nada que jamais me libertaria.

Os berros finaram quando a minha cabeça ameaçava explodir. Ou talvez tivessem parado antes? Eu não tinha certeza de coisa nenhuma! A luz vencera a escuridão, e a escuridão devorara a luz, uma e outra vez. Seria o passar dos dias ou uma conseqüência do

meu delírio? A dor física perdera a importância. Já não sentia o corpo.

O amanhecer chegava tão lento como o regresso dos sentidos. Comecei a raciocinar à custa de um esforço extremo. Era óbvio que estava a arder em febre.

O movimento enfurecido, que de início me despertara, havia cessado. Os homens já não remavam. Era uma gigantesca vela garrida que impulsionava o barco. Fechei os olhos quando uma sombra se aproximou. Senti uma mão fresca sobre a fronte e escutei um desenrolar de apelos incompreensíveis. O homem que me assistia não era o mesmo que me salvara. Esse chegou depois. Reconheci-o quando respondeu ao primeiro, mas não me atrevi a mover. Nem queria imaginar o que me fariam, se descobrissem que eu recuperara a consciência.

Não sei quanto tempo permaneci imóvel. Percebia o Sol cada vez mais alto e ouvia os guerreiros gralhando incessantemente. Muitas vezes, apenas um falava e só era interrompido por exclamações ou gargalhadas, mas, de quando em quando, generalizava-se a confusão. Talvez contassem histórias para passar o tempo, como os jovens da minha terra. Ou talvez discutissem o êxito da batalha que vitimara o meu povo e a partilha do valioso saque.

A dormência imposta pela febre fustigava-me com pensamentos soltos. Mais do que com a precariedade da minha situação, eu era afrontada com a descoberta da maldição que pendia sobre os McGraw. Agora, depois de tudo perdido, atormentava-me a questionar o que poderia ter feito para evitar a desgraça. Como pudera esquecer-me de algo tão grave? Eu era a principal responsável pela ruína da minha família! Mesmo que ainda existisse alguma esperança de salvar os meus irmãos, eu estava condenada à impotência, à inércia da impossibilidade de qualquer intervenção, pois distanciava-me cada vez mais da vida que conhecera e amara.

O guerreiro responsável por mim tornou muitas vezes. Tocava-me na testa e umedecia-me os lábios com água doce, o que era um alívio, pois eu tinha uma fogueira a arder no peito e a garganta tão seca como se tivesse engolido um punhado de areia.

O outro Viking não estava longe. Eu já distinguia a sua voz de entre as demais. Interroguei-me muitas vezes acerca do significado da sua existência e da finalidade do nosso encontro. As razões por que me poupava e depois me salvara estavam para além da minha compreensão. O reconhecimento do seu rosto tornava-o diferente dos companheiros, mas não menos perigoso e assustador. Talvez eu fosse a última sobrevivente do massacre e carregasse a responsabilidade de vingar o meu povo e a minha família! Essa era a única justificação para a forma como a sorte manipulava a vontade do selvagem que me fizera prisioneira.

O homem que cuidava de mim regressou. Segurou-me na cabeça, que eu forcei a pender inerte, e tocou-me nos lábios com algo sólido e fresco. O outro estava com ele. Então, uma voz fez-se ouvir, sussurrada, mas tão clara como o dia que se abria diante de nós:

— Vais continuar a fingir que estás desmaiada? Ou preferes beber um trago de água fresca e esticar os ossos? Ninguém te fará mal, rapariga! Bebe!

Aterrada, eu não pude evitar que a minha respiração acelerasse. O bárbaro falara com um sotaque acentuado, mas fizera-o na minha língua! E o que é que isso tinha de estranho? Não falava eu própria vários idiomas? Habituara-me a pensar nestes homens como bestas ignorantes ou animais primitivos, que a simples suposição da sua inteligência parecia-me ridícula.

Não me movi, e ele insistiu:

— Estás a arder em febre. Se não beberes água, em breve morrerás. Talvez seja esse o teu desejo! Eu posso facilitar-te as coisas...

Eu teria gritado se pudesse. O meu corpo foi arrancado com brusquidão do espaço exíguo onde permanecera entalado, e todos os meus ossos estalaram. Abri os olhos instintivamente e gelei com a vertigem.

Por baixo de mim, as ondas lambiam a madeira do barco, ansiosas por saborearem a presa. O homem sustinha-me no ar, pendurada sobre a sua cabeça, e ia lançar-me para a água. Esbracejei fracamente, apercebendo-me da minha debilidade. Como podia suplicar-lhe pela minha vida, se não conseguia falar? Mas um gesto

foi suficiente para que ele depositasse o meu corpo inerte nos braços do companheiro.

Os olhos do gigante de cabelos dourados brilharam, e os seus lábios entremostraram um sorriso trocista.

Os restantes explodiram em gargalhadas e numa graelada de exclamações incompreensíveis. Um gesto com a cabeça, acompanhado por um olhar acutilador, foi quanto bastou para impor o silêncio. O guerreiro das minhas visões ordenou algo ao companheiro, ao que este obedeceu prontamente:

— O meu nome é Krum e este é o Throst, o nosso capitão. O Throst dá a sua palavra que ninguém te fará mal. Agora, beberás a água?

O que sabia eu acerca do valor da palavra de um Viking? O que sabia eu acerca do valor da palavra de Throst? Nesse instante tive de escolher entre beber a água fresca ou afogar-me no mar gelado. Não foi uma decisão difícil!

Throst entregou-me a Krum e afastou-se, retomando o seu lugar ao leme. Krum colocou-me nas mãos um corno de animal cheio de água. Bebi com tanta sofreguidão, que me engasguei, despertando novamente as atenções. Porém, desta vez, ninguém se atreveu a zombar.

Eu tremia dentro do vestido encharcado e rasgado, tingido de sangue e lama. Krum gritou algo para Throst e obteve uma resposta imediata. Um dos homens que envergavam peles de lobo sobre as túnicas, levantou-se e abriu o caixote de madeira onde estava sentado, retirando do interior uma coberta de lã miraculosamente seca.

Entregou-a a Krum com uma espécie de gracejo, ao qual este retribuiu com um sorriso e uma palmada amigável.

— Terás de despir o vestido. Ensopada como estás, de nada te valerá cobrires-te.

Não permiti que a fraqueza ocultasse a minha indignação. Pensaria realmente que eu iria desnudar-me diante de dezenas de homens? Bem que podia lançar-me ao mar! Neguei energicamente com a cabeça, e Krum encolheu os ombros, replicando num tom monótono:

— Tu é que sabes, rapariga! Será como queres!

Enrolou-me a manta em volta do corpo como se cuidasse de uma criança.

— Como te chamas?

A pergunta apanhou-me desprevenida, e o seu interesse levantou outra questão: saberiam os Vikings que tinham capturado a filha de Lorde Garrick McGraw? A intenção de pedir um resgate explicaria o meu rapto. O que me fariam quando descobrissem que o meu pai pouco se importava com a minha sorte?

— Não tens nome?

A minha sobrevivência dependia da velocidade do meu raciocínio. Se a minha identidade fosse conhecida, matar-me-iam logo que percebessem que não haveria negócio. Porém, se conseguisse despistá-los da verdade, talvez se esquecessem de mim e me permitissem viver o suficiente para encontrar Gunnulf. O assassino não estava a bordo, como eu começara por temer. Mas havia mais barcos, e eu acabaria por descobri-lo. E, quando o tivesse diante de mim, cortar-lhe-ia a garganta, vingaria Aled e todas as vítimas do insaciável ferro do chefe bárbaro. Para já, devia inventar um nome. Talvez Melody! A esperança de que o filho de Aled tivesse sobrevivido, ajudar-me-ia a suportar os horrores que me aguardavam. Esforcei a garganta, mas não se ouviu um som. Arfei aflita. Teria a feiticeira destruído o pouco que restava da minha voz? Ao observar a minha angústia, Krum avançou com uma explicação:

— O frio deve ter tomado a tua garganta. Não desespere. Recuperarás a voz assim que ficares boa. Até lá, acho que o nome com que o Throst te apelidou é adequado: Pequena! Serve-te na perfeição!

Senti as faces corarem e uma raiva súbita aquecer-me o sangue. Pequena? O Viking apelidara-me de "Pequena"? Quem pensava ele que era, para humilhar-me desta maneira? Não passava de um gigante ignorante, de um selvagem, de um bruto ordinário...

Krum retornou a sua posição no navio, e eu recuei para a proa, de onde desfrutava de uma vista privilegiada sobre o inimigo. Contei-os. Eram trinta e nove, mais do que imaginara. O barco tinha quinze pares de remos e cada homem ocupava uma posição junto deles,

sobre caixas de madeira que já sabia conterem os seus haveres. Os outros dividiam-se como podiam pelo restante espaço. A maior parte atarefava-se a devolver ao mar a água que entrava a bordo.

Pelo que observara da batalha, os soldados da Aliança e os guerreiros de Edwin haviam dizimado dezenas de Nórdicos. Apesar de este barco não transportar mortos, alguns dos homens apresentavam ferimentos graves. Depressa percebi que Krum era o curandeiro. Os meus olhos febris observaram-no a executar curativos complicados com uma perícia invejável. Também me surpreendi ao constatar a existência de ervas curativas a bordo, que o Viking misturava nas porções corretas e aplicava com precisão. Quando terminou, tive de admitir que eu pouco mais poderia ter feito com os poucos recursos que possuía.

Não era fácil manter-me desperta. Sentia-me fraca e exausta. Forçava-me a concentrar a atenção nos movimentos dos homens para me impedir de adormecer e ficar à mercê da execrável ladainha. Que monstro lançaria uma maldição sobre sete jovens, com o claro intento de destruir toda uma família? Não me foi difícil encontrar a resposta. Myrna não pudera aniquilar-nos com as próprias mãos, então manipulara o destino para obter a sua vingança. Eu tinha de regressar à minha terra... Tinha de deter a feiticeira! Mas como? Só conseguiria escapar aos Vikings se me crescessem asas!

O dia estava limpo, e eu vislumbrava os barcos que nos seguiam, rasgando o azul do céu e do mar.

Podiam ser cinco, seis ou mais. Não tinha a certeza, pois tanto surgiam como desapareciam, conforme a oscilação do navio. Mas eram todos semelhantes a este, baixos, compridos e velozes, com um único mastro e uma grande vela quadrada.

Os guerreiros haviam-se esquecido da minha presença, enquanto cortavam com as facas afiadas pequenos pedaços de carne e peixe de aspecto duvidoso, para depois devorá-los com satisfação. Eram homens altos e encorpados, com ombros largos, peitos vigorosos, braços e pernas compridos e mãos capazes de derrubar uma árvore com um bofetão. Uns tinham cabelo curto e outros comprido, com

cores que iam do escuro ao vermelho e ao amarelo, que predominava. Todos eles usavam barba; umas mais curtas e aparadas, como as de Throst e Krum; outras, longos e espessos mantos de pêlo, por vezes entrançados como os cabelos.

A maior parte possuía olhos claros e vivos. As suas roupas eram feitas de lã e peles de animais. Além de Throst e Krum, quatro guerreiros pareciam gozar de tratamento especial. Distinguiam-se pelas peles de lobo que lhes cobriam os ombros.

— Sentes-te melhor? Deves estar cheia de fome! Toma...

Eu estava tão absorvida na contemplação, que nem vira Krum aproximar-se. Fitei o pedaço de peixe cru que me estendia e sentime enjoada, apesar de nada guardar no estômago. Neguei com a cabeça, e a sua repreensão não se fez esperar:

— Tens de te alimentar! Nós só pararemos ao cair da noite. Até lá, mirrarás de fraqueza.

Por que não se ia embora? Por que continuava a esforçar-se para ser simpático? Não percebia que eu jamais confiaria na sua boa vontade? Podia dizer o que quisesse com o seu sotaque forte! Dele, eu só esperava o pior! Os seus olhos podiam ser ternos, os seus gestos cuidadosos, mas eu nunca esqueceria que as suas mãos estavam manchadas com o sangue do meu povo; talvez com o sangue da minha família! Além disso, já provara do que era capaz, quando me suspendera fora da borda só para me quebrar a teimosia.

— Imagino que os nossos modos rudes te deixem melindrada — continuou com a calma habitual, mas subitamente ríspido. — Deves estar habituada a jovens príncipes de armadura polida, curvando-se diante dos teus pés. Sinto muito, Pequena, mas isso acabou! Para onde vamos, a vida é dura e todos trabalhamos, desde o mais rico ao escravo. O peixe fica aqui. Espero que decidas depressa se queres viver ou morrer. A comida é pouca, e cada pedaço que te damos sai da barriga de um de nós.

Voltou-me as costas e foi ao encontro de Throst, que presenciara a minha recusa em silêncio. Desviei o olhar e fixei-o no mar cada vez mais bravio. O que raio lhes importava se eu comia, bebia ou morria? Aos poucos, a revolta instalava-se no meu espírito. Recordei

a Visão da minha avó e sentime desamparada. Quem falava a verdade? As vozes dos meus queridos mortos, chamando-me para junto deles, ou Aranwen, que garantira que ainda valia a pena lutar? Estaria a ser egoísta, consumindo-me de dor e esquecendo o meu povo?

Afinal, quantas mulheres já haviam padecido do desgosto que me vergastava? Quantas já tinham sido despojadas de tudo o que amavam e arrastadas para um destino incerto?

Instintivamente, levei a mão ao peito em busca do conforto do amuleto da minha avó. Toquei na pele e agarrei o vazio. O meu coração engasgou-se ao descobrir que a pedra sumira.

Procurei e tornei a procurar. O fio não estava no meu pescoço. Não escorregara para dentro do vestido. Não caíra no fundo do barco, onde eu despertara. Desaparecera simplesmente. Tê-lo-ia perdido durante a batalha ou enquanto lutava com Oliver?

Levantei o rosto e encontrei o olhar de Throst cravado em mim. A sua expressão vazia parecia alheada da confusão e da angústia que me consumiam. Contudo, por algum motivo inexplicável, outra questão surgiu na minha mente. E se a pedra fora roubada?

O que fazer? Não podia atravessar um barco cheio de selvagens e confrontar o seu chefe! Em sobressalto, procurei pela pulseira que Tristan me oferecera e experimentei um alívio descomunal ao encontrá-la no pulso. O mesmo já não sucedia com o rico anel de noivado que o Conde de Goldheart me enfiara no dedo, mas essa jóia não me deixaria saudades.

O tempo foi passando, e o dia começou a esmorecer. Reparei que os Nórdicos nunca se afastavam demasiado da costa. Os outros barcos seguiam o de Throst como se este indicasse o caminho. O guerreiro-lobo, que gracejara com Krum a meu respeito, estava sempre perto do capitão, substituindo-o no controlo do leme quando necessário. Prestando atenção aos apelos, descobri que se chamava Sven. Os seus cabelos eram castanhos, assim como a longa barba entrançada, e os seus olhos eram azuis. Se cortasse o excesso de pêlo, tomasse banho e vestisse uma roupa civilizada, seria um belo homem.

A fome apertava tanto que o peixe cru deixado por Krum já me parecia uma iguaria. Mas eu era demasiado orgulhosa para ceder. Por uma única vez, o curandeiro esboçou a intenção de se aproximar, mas Throst impediu-o. Enquanto a minha sorte navegava ao sabor do vento, distraí-me a observá-los. Krum tinha cabelos castanhos e olhos verdes, da cor das folhas da minha floresta. Talvez por se ter aproximado tanto, suscitava-me uma estranha e indesejada simpatia. Por vezes, surpreendia-o em expressões que me faziam recordar Aled. A febre já baixara, mas ainda me provocava delírios!

Agora que o mistério que envolvia Throst fora desvendado, eu mal conseguia encará-lo. Tudo nele era intenso: a fala, os gestos, mas principalmente o olhar que parecia rasgar-me a alma, ver através de mim e decifrar todos os meus segredos, deixando-me embaraçada e desconfortável. Eu não queria saber das manhas do destino! Quanto mais depressa o capitão viking desaparecesse da minha vida, melhor!

Não sei quanto tempo dormi. Acordei com a gritaria dos guerreiros e percebi que haviam regressado aos remos. Pouco depois, sucedeu algo espantoso. O fundo do barco arranhou a terra e pensei que tínhamos batido numa rocha e que iríamos afundar-nos. Mal acreditei quando vislumbrei copas de árvores ondulando ao vento, debaixo da luz das estrelas.

Os homens saltaram para o mar; uns carregavam archotes para iluminar o caminho; outros, com água pela cintura, arrastavam o barco para a praia.

Enquanto a confusão se instalava, ocorreu-me uma idéia brilhante. Com os bárbaros atarefados e distraídos, eu não teria dificuldade de fugir para a floresta. Uma vez que estivesse debaixo do manto protetor das árvores, ninguém me encontraria. Os selvagens não perderiam tempo a procurar-me e, assim que partissem, eu correria a buscar ajuda. Nenhum dos aliados do meu pai me recusaria abrigo e proteção. Neste momento, a fuga e a sobrevivência eram muito mais importantes do que uma vingança que dificilmente se concretizaria.

Um homem aproximou-se, e eu não precisei da luz dos archotes para reconhecê-lo. Enquanto hesitava entre oferecer resistência e caminhar sozinha, já Throst me agarrava e carregava sem dificuldade. O meu nariz foi invadido pelo cheiro intenso do seu corpo e descobri que não era desagradável. Um leve torpor tomou conta de mim e tive de forçar as mãos a manterem-se prostradas para não buscar o apoio do seu peito. Surpreendi-me ao pensar que os braços do bárbaro tinham a mesma firmeza aconchegante dos braços de Aled e Edwin.

Na praia, o Viking permitiu que os meus pés tocassem a areia, mas manteve-me prisioneira do seu abraço. Não fora por capricho que me alcunhara de Pequena. A minha cabeça mal lhe chegava ao peito.

Comecei a tremer tanto, que percebi que, no momento em que ele me soltasse, eu cairia pesadamente no chão.

O meu coração batia no fundo do estômago e de encontro à garganta. Mal podia respirar e sentia-me tonta, terrivelmente desequilibrada. Pensei que devia afastá-lo, mas não tinha força para fazê-lo. Era uma traça fascinada pela luz intensa do olhar azul, que nem a noite conseguia ensombrar.

Até nós, chegou um apelo forte. Os braços do capitão afastaram-me relutantemente e só depois respondeu a Sven. Tornou a exigir a minha atenção, apontando para a areia enquanto desferia um turbilhão de palavras num tom imperativo. Assim que se assegurou de que eu compreendera a sua ordem para que me mantivesse quieta, misturou-se com a multidão.

Mais barcos encalhavam na praia. Ao meu redor, os homens atarefavam-se como formigas. Já haviam reunido lenha suficiente para acenderem várias fogueiras. Um grupo embrenhou-se na floresta e voltou com uma barrica cheia de água fresca. Outros imitaram-nos e regressaram com peças de caça. Krum não descansava um instante, sempre atento às necessidades dos feridos. Eu já ouvira os meus irmãos descreverem um acampamento, mas nunca vira nenhum. Estava abismada com a velocidade e a eficiência com que os Nórdicos se organizavam. Todos sabiam o que deviam fazer e faziam-no bem e depressa.

O aroma delicioso da carne cozinhada espalhou-se pelo ar. O meu estômago começou a retorcer-se, a pulsar, a doer... Há quanto tempo não comia? Embora o jejum não me assustasse, as privações a que fora sujeita haviam deixado moça. Desejei estar no calor da cozinha da Casa Grande, junto dos meus irmãos, enquanto a refilona e sorridente Bretta nos servia o jantar. Esses tempos não mais voltariam...

— Toma! — Era de novo Krum. — Fiz um caldo que irá baixar-te a febre e restituir-te as forças.

Custava-me a acreditar que um bárbaro pudesse dominar os segredos das ervas, mas assim parecia.

Forcei-me a conter o sorriso de reconhecimento que nascia nos meus lábios. Eu devia estar a estudar qual o momento certo para fugir e não a confraternizar amistosamente com selvagens! Aliás, tinha a certeza de que bastaria um gesto do seu líder para que o afável Krum se transformasse numa besta sanguinária e me cortasse a garganta.

Neguei com convicção e afastei a malga. Ele insistiu. Eu tornei a negar. Então, uma voz inconfundível ecoou sobre as nossas cabeças. Krum fitou Throst e suspirou resignado. Respondeu-lhe, depois de uma leve hesitação, mas uma ordem direta fê-lo afastar-se sem olhar para trás. E eu fiquei sozinha com o gigante louro.

Throst carregava uma trouxa, que pousou antes de sentar-se ao meu lado. Certamente Krum já o avisara de que eu não podia falar, pois começou de imediato a desenhar com o dedo na areia fina, iluminado pela luz bruxuleante da fogueira. Verifiquei que esboçava um mapa e explicava que ainda nos encontrávamos longe do destino. Se esse esforço tinha por finalidade convencer-me a comer, era uma perda de tempo! Desviei-me obstinadamente assim que me estendeu a malga. Enfrentamo-nos com o olhar, e eu percebi que ele estava zangado. Pior para ele! O capitão fez um movimento brusco na direção dos meus lábios, como se pretendesse forçar-me a beber o caldo. Não estive com contemplações e derrubei a mistela com um supetão. Isto devia chegar para que me deixasse em paz!

Pareceu resultar. Throst ergueu-se de um salto e gritou uma ordem para um homem que se encontrava próximo. De seguida,

agarrou na trouxa e meteu-a debaixo do braço. Porém, quando eu já pensava que me livrara dele, saltou sobre mim e lançou-me por cima do seu ombro, como um simples fardo. Esperneei o mais que consegui e soquei-o nas costas com toda a força. Tudo em vão. Não o incomodei mais do que uma mosca importunaria uma ovelha.

O bárbaro carregou-me para o interior da floresta, e as luzes das fogueiras enfraqueceram. As minhas forças abandonaram-me, e senti a cabeça a rodopiar. Iria violar-me? Iria matar-me? Caí quando me pousou no chão. Sem o menor vestígio da cortesia que usara até então, Throst arrancou-me a manta que me protegia do frio e atirou-me a trouxa para cima. Vi que se tratava de roupa; trajes de homem: calças e uma túnica de lã.

Decerto pretendia que eu as vestisse.

Seria agradável livrar-me do vestido imundo, mas eu estava decidida a não colaborar com o inimigo. Se ele pensava que iria dobrar-me à sua vontade, estava muito enganado! Pedi-lhe por sinais que se voltasse e, surpreendentemente, Throst condescendeu. Ergui-me e testei a força das pernas. Bastaria uma corrida...

Enchi o peito de ar e lancei-me em frente. Ainda não dera dois passos e já estava presa nos braços do Viking. Encontrei a sua expressão dura e percebi que fora longe demais. Ele enfiou as mãos pelo decote do meu vestido e, com um único impulso, rasgou o tecido em todo o comprimento do corpo. A saia, muito maltratada pelos esforços de Oliver, também não lhe opôs resistência. No instante seguinte, eu estava em roupa interior, caída no chão, à mercê dos olhos ávidos de Throst.

Qualquer mulher na minha situação teria gritado, chorado, implorado... Eu não podia fazer nenhuma dessas coisas e, mesmo que pudesse, não as faria. Sustive o seu olhar e enfrentei-o com altivez. Fora para me violar que me salvara das garras do Conde de Goldheart? Pois que viesse! Enquanto houvesse um sopro de vida em mim, nenhum homem abusaria do meu corpo!

Os olhos de Throst percorreram-me. A sua respiração, já alterada pela fúria, tornou-se ainda mais pesada. Enquanto se mantinha imóvel, esmagando-me com a percepção do seu tamanho colossal, surpreendi-me a recordar o que sentira, há pouco, nos seus braços.

Agora, o capitão era apenas um assassino igual aos outros. A sensação de conforto desaparecera, a magia fora desfeita e só restara medo e asco.

Então, Throst fez algo surpreendente. Apanhou a roupa e entregou-me, recuando depois até à sombra das árvores, de onde podia ver o acampamento e acautelar uma nova tentativa de fuga. Eu permaneci imóvel, segurando a túnica macia entre os dedos. Na minha cabeça, a confusão estalava como bolhas de ar. Por que recuara ele? Eu vira o desejo no seu olhar! Naquele momento de hesitação, o instinto animal quase vencera.

Senti a ira envenenar-me o sangue. Pretenderia que eu acreditasse que ele era um cavalheiro? Nunca na vida!

Raios! Por que não conseguia odiar este bárbaro?

Vesti-me contrariada, sabendo que, se não o fizesse, Throst voltaria para fazê-lo por mim. Tive de dobrar as pernas das calças e usar a túnica como vestido. Assim que terminei, o capitão estava do meu lado.

Antes que me segurasse ao colo, empurrei-o e caminhei aos tropeções de regresso ao acampamento. A primeira coisa que vi foi o rosto preocupado de Krum abrir-se num sorriso. Uma malga cheia de caldo substituíra a primeira. Throst agarrou-me o braço e forçou-me a sentar. Desta vez apontou simplesmente para a malga, com uma expressão que não dava azo a discussões. Como reagiria ele se eu lhe atirasse o caldo para a cara? Atrever-me-ia a tanto?

Com a malga nas mãos, enfrentei o olhar azul, e a minha resolução finou. Eu não podia vencer a sua vontade. Não era à toa que os companheiros lhe obedeciam cegamente. Percebi-lhe uma determinação inamovível. Throst estava habituado a obter o que desejava. Usar a força não era a melhor forma de enfrentá-lo. Só faria com que se zangasse e apertasse a vigilância. Eu tinha de utilizar a cabeça e distraí-lo da minha pessoa, ou jamais conseguiria escapar-lhe.

Bebi a mistela. Ao contrário do que esperava, não era desagradável. Reconheci o sabor de ervas que eu própria utilizava. Krum continuava a surpreender-me. Instantes depois, já me sentia melhor. Assim que terminei, Throst misturou-se com a multidão e

fez-se substituir por um guerreiro de aspecto pouco amistoso. Comecei a desejar não ter desprezado a companhia de Krum. Afinal, falava a minha língua e poderia explicar-me o que se passava.

Estavam cinco barcos na praia, e o número de homens era incontável. Não vi prisioneiros.

Aparentemente, eu era a única a usufruir dessa honra! Os feridos foram acomodados em abrigos feitos com peles de animais. Em redor das fogueiras, os guerreiros reuniam-se a comer, a beber e a conversar. Eu testemunhara os atos de que se gabavam. Pelos gestos, percebi que falavam da luta inglória dos resistentes, da pilhagem, da destruição maciça de uma aldeia.

Os companheiros de Throst não faziam alarido. O assunto que debatiam parecia sério. Era um grupo estranho, composto pelo líder, um curandeiro e quatro homens cobertos com peles de lobo: Sven, Durin, Sigmund e Ormarr, sem dúvida guerreiros especiais, talvez a guarda pessoal do capitão. Enquanto falavam, iam cuidando das armas. Sobressaltei-me ao verificar que a minha análise não lhes passara despercebida. Senti o rosto aquecer quando os olhares se cravaram em mim e as gargalhadas soaram em unísono. Certamente Throst lhes descrevera o nosso confronto — o meu corpo frágil prostrado no chão, os meus seios mal cobertos pelo corpete, ondulando ao sabor da respiração acelerada... E mais coisas que provavelmente inventara.

Não muito longe, iniciaram-se duelos amigáveis que não duraram muito. O cansaço era declarado. Os homens enrolaram-se às mantas para dormir, e eu imitei-os, ciente do olhar intenso do guerreiro que me vigiava.

Estava plenamente consciente do perigo de ser a única mulher no acampamento.

Mal tinha fechado os olhos quando senti movimento ao meu lado. O guarda sinistro partira, e Throst tomara o seu lugar. Deitara-se tão perto que eu poderia tocá-lo se estendesse um braço. Fingi estar adormecida.

Apesar de o meu coração galopar, forcei-me a manter-me quieta e ponderei as hipóteses de fuga. Estava habituada a dormir pouco e certamente acordaria a meio da noite. Nessa altura, esgueirar-me-ia

para a floresta e desapareceria sem que ninguém notasse. Fugir agora era irrealista. Por que raio o capitão viking não me esquecia?

Fui assaltada pelas recordações, embora me esforçasse arduamente por evitá-las. Se a sorte não nos tivesse abandonado; se a hedionda bruxa não nos tivesse amaldiçoado, eu estaria no aconchego quente dos braços de Tristan, rodeada pelos meus irmãos. Talvez se chorasse, a dor se tornasse suportável. Contudo, apesar da grande necessidade que sentia, não conseguia libertar as lágrimas. Este tormento iria acompanhar-me até ao último suspiro.

Levei a mão ao peito, onde o amuleto da minha avó morara desde o dia em que eu nascera. Onde poderia estar? Na sacola que o capitão carregava presa no cinto? Parecia-me pouco credível. Certamente um Viking sabia distinguir uma jóia de uma pedra sem valor! Não, não podia ter sido ele! E isso significava que o amuleto mágico se perdera para sempre.

Espreitei o inimigo por entre as pestanas semicerradas. Aparentemente, Throst adormecera. A sua respiração estava pesada, e o corpo, descontraído. A sua mão enorme descansava a um palmo do meu nariz, com a tatuagem exposta. Percebi finalmente porque a serpente marinha me parecera tão diferente de todas aquelas que eu já vira. Era original, porque tinha asas e as suas quatro patas tornavam-na um animal único, nem da terra, nem do céu, nem do mar, mas soberana dos três reinos: um dragão — a mais poderosa das criaturas.

Adormeci sem querer, por força do cansaço e da satisfação provocada pelo caldo de ervas e pelo calor da manta de lã. Mas, tal como previra, acordei cedo, rodeada pela escuridão e pelo silêncio. Só três fogueiras ainda ardiam, dispersas pelo acampamento. Os guardas de vigia também deviam ter cedido à exaustão, pois não os via de pé.

Comecei a erguer-me devagar. Mal me sentei, uma mão fechou-se sobre o meu pulso. Se eu pudesse gritar, teria acordado todo o acampamento. O aperto de Throst era quase doloroso. Deslizou para o meu lado e fitou-me interrogativamente. Com o coração aos saltos, eu gesticulei para explicar-lhe que precisava de atender às

necessidades do corpo. O capitão hesitou. Questionei-me sobre como agir se ele insistisse em seguir-me.

Mas não. A mão de ferro libertou-me, e eu levantei-me e comecei a andar, o mais segura que consegui, para o interior da floresta. Sabia que Throst se mantinha sentado, com o olhar aguçado cravado em mim, mas não tive coragem de mirá-lo uma última vez.

Acabei por aliviar-me o melhor que pude, pois não sabia quando voltaria a ter oportunidade de fazê-lo.

Quando terminei, continuava sozinha. Com um pouco de sorte, Throst teria adormecido.

Era imperioso decidir o que fazer. Não dissera a minha avó que a magia vivia em mim? Que tudo o que eu precisava era de confiar na minha força? Então, eu devia regressar a casa, enfrentar o meu destino e contrariar a maldição. Tinha de derrotar a feiticeira, ou todo o mundo ficaria coberto pelas trevas e as mortes dos meus irmãos e de Tristan teriam sido vãs.

Convicta de que tomara a decisão certa, desatei a correr para o interior do bosque. Graças ao caldo de Krum sentia-me como nova, preparada para enfrentar quaisquer obstáculos.

Ninguém sabia como desbravar caminho numa floresta melhor do que os McGraw. Ouvei o cântico do ribeiro, de onde os homens haviam recolhido a água, e afastei-me sem hesitação. Esse seria o primeiro lugar onde iriam procurar-me. Como era pequena e leve, não deixava muitos rastros que pudessem seguir. Só tinha de controlar a respiração e continuar a avançar.

Fiz uma pausa quando os pulmões e o coração já ameaçavam rebentar. Estava a recuperar o fôlego quando escutei vozes no meu encalço, não muito longe. Throst não desistira de mim.

Recomecei a correr. Tinha de afastar-me o suficiente para executar o meu plano. Escolheria uma árvore alta e treparia até ficar longe do alcance da vista dos guerreiros mais atentos. Não era difícil. Já o fizera algumas vezes. Depois, só me restaria esperar. Imaginava o quanto os Vikings desejavam regressar a casa. Por mais teimoso que Throst fosse, não poderia perder muito tempo comigo. Se o fizesse, teria centenas de homens impacientes a pressioná-lo. Não havia como falhar...

Pânico? Euforia? Excesso de confiança? Desespero? Jamais poderei explicar por que razão não vi o que se encontrava um palmo à frente do meu nariz. De repente, os pés da perita em florestas falharam o chão. A luz encandeou-me e, enquanto caía e rebojava pelo barranco, percebi que saía inesperadamente do bosque. A areia entrou-me para a boca e cegou-me. Esforcei-me por travar a queda. Se não voltasse rapidamente para a segurança das árvores, estaria metida em sarilhos.

Assim que recuperei a visão, gelei de horror. Diante de mim, estendia-se uma praia tão grande como a que deixara para trás. A hipótese de ter andado às voltas e regressado ao ponto de partida nem sequer se punha, pois havia apenas um barco encalhado na areia e os homens que desmontavam o acampamento não eram mais do que três dezenas. Alguns gritaram e apontaram na minha direção, mas não esperei para confirmar se me seguiam. Subi a duna, tão depressa quanto consegui, sabendo-me presa entre dois fogos. Desconhecia o que Throst planeava para mim, mas não me custava adivinhar o que estes homens me fariam se me apanhassem.

Num piscar de olhos, as minhas prioridades inverteram-se. Tinha de ir ao encontro do capitão. Se a sua fúria o instigasse a matar-me, pelo menos seria rápido.

Porém, eu não estava a lidar com rapazes púberes com pretensões a soldados e sim com predadores habituados a perseguir, capturar e matar. Mal começara a correr, e já o meu corpo era arrebatado ao chão.

Suspensa nos braços de um homem, senti as mãos rudes percorrerem-me o corpo, e uma sonora gargalhada não se fez esperar. O selvagem confirmara que eu era uma mulher e louvava a sua sorte diante dos companheiros.

Eu só podia supor as grosserias que os seus lábios proferiam. A presa chegava para todos.

Fui arremessada contra o solo. A minha cabeça bateu com tanta força, que o dia escureceu e as copas das árvores encheram-se de estrelas.

Respirando medo, dor e angústia, eu vi que o homem desamarrava o cinto e deixava cair as calças. Outro começou a lutar com a minha roupa. Esbocei um gesto de resistência que só provocou mais gargalhadas.

Subitamente, as risadas foram talhadas por um grito de raiva, que estrondeou como um trovão. Fechei os olhos e suspirei de alívio. Throst chegara.

Eu não precisava de conhecer a língua para saber que Throst lhes ordenara que me soltassem. O selvagem que estava sobre mim recuou de imediato. Eu consegui apoiar-me nos braços e rastejar um pouco, mas não fui longe. O guerreiro que baixara as calças já as vestira, e só teve de estender a mão para agarrar-me os cabelos. Os meus lábios escancararam-se num gemido silencioso de dor. Entretanto, Krum e os quatro guerreiros-lobo reuniram-se ao capitão. Senti um aperto no peito ao ver a palidez do rosto sempre corado do curandeiro. Desta vez, a resolução do problema não seria fácil.

O meu agressor respondeu a Throst no mesmo tom. Fisicamente, nada ficava a dever-lhe, mas o seu aspecto era repelente, e o odor que exalava pestilento, como se o corpo nunca tivesse conhecido água. Eu imaginava os seus argumentos — quem encontrava um tesouro tornava-se seu dono. O homem reclamava a minha posse e ameaçava o rival com a força dos guerreiros que se aglomeravam por trás de si.

Olhei para o capitão, tentando, de alguma forma, fazê-lo entender que eu lhe suplicava que não desistisse de me salvar. Ormarr segurou o braço do chefe e pigarreou algo que me soou a: "*Deixa-a ir! Não vale o trabalho que dá!*" Acreditei que fossem desistir. O próprio Krum desviou o rosto, como se estivesse desolado mas nada mais houvesse a fazer. No meu desespero, dei por mim a estender a mão a Throst.

Então, o gigante de cabelos dourados avançou e iniciou o que percebi ser um ritual, longe de imaginar a sua importância e gravidade. As palavras que proferiu soaram ásperas e decididas. Ergueu-se um burburinho em redor do Viking desafiado. Sven

chamou por Throst, mas este deteve-o com um gesto brusco. O guerreiro-lobo recuou. A vontade do líder era incontestável.

Por cima dos meus cabelos, que ameaçavam quebrar-se pela raiz, o homem gargalhou e a sua exclamação soou incrédula. Não acreditava que Throst assumisse uma posição de força por causa de uma coisa tão insignificante. Mas a resposta do capitão foi ainda mais dura, e, desta vez, o outro já não teve vontade de rir.

Soltou-me com um safanão brusco e revidou no mesmo tom. Ambos desembainharam as espadas e seguiu-se uma saraivada de provocações e insultos. Por fim, o metal rasgou o ar.

Eu tremia horrorizada, consciente de que seria entregue ao vencedor do confronto. Pensei estupidamente que não queria que Throst morresse por minha causa. O que eu sentia por ele era tão intenso como contraditório. O Viking salvara-me a vida e, dentro dos seus padrões, tratara-me com cuidado e respeito.

Todavia, a situação não era bonita. Depressa percebi porque Krum e os outros se haviam mostrado tão apreensivos. O rival do capitão era um guerreiro de soberba habilidade. Os momentos em que Throst parecia fraquejar sob a força da sua espada eram cada vez mais freqüentes. Ao contrário do que seria de esperar num duelo, não havia exclamações de entusiasmo ou apostas sobre a identidade do vencedor. A assistência estava mortificada; ambos os lados cientes de que a perda seria irreparável.

De súbito, Throst desequilibrou-se, e o ferro do adversário levou a melhor, ferindo-o no ombro direito.

A espada do capitão caiu no manto de folhas mortas, enquanto uma mancha vermelha lhe tingia a túnica. Aflita, levei as mãos à boca e pensei que o meu coração se partia. O odioso guerreiro voltou a atacar, confiante na vitória. Com uma velocidade que julguei humanamente impossível, Throst desviou-se e recuperou a espada coberta de folhagem castanha. Escapou de outro golpe, enquanto mudava a arma para a mão esquerda e, com um movimento rápido de exímia perícia, trespassou o tronco do rival.

De onde estava, eu vi o olhar de ambos e percebi que este duelo fora um erro grotesco. Não existia ódio entre eles, e era até possível que fossem amigos. O capitão puxou pela espada, e o outro tombou,

agonizante. Os companheiros do derrotado agitaram-se, e temi o pior. Contudo, quanto Throst falou, eles apressaram-se a recolher o corpo e a regressar à praia.

Tentei levantar-me, mas o esforço da fuga e as emoções extremas haviam arrasado comigo. Uma nova tentativa foi interrompida por duas mãos decididas, que me ergueram sem dificuldade. Apesar de ferido, o capitão não perdera a força descomunal. Desta vez, não contive o impulso de aninhar-me nos seus braços.

Escondi o rosto no seu peito e inspirei o seu cheiro com um alívio inconfessável. Era a segunda vez que ele se arriscava para me salvar! Porquê?

Se durante a travessia da floresta o tempo me parecera suspenso, o regresso à praia foi um sopro de vento. Só quando ouvi o fragor do mar e a luz fulgente nos envolveu, é que eu reuni coragem para encarar o capitão. O que encontrei deixou-me confusa e receosa. O seu olhar revelava o oposto do que o conforto dos seus braços me transmitia. Throst estava furioso.

Largou-me na areia e pretendeu afastar-se. Detive-o com a firmeza possível, explicando que queria cuidar do seu ferimento. O mínimo que eu podia fazer era ajudá-lo! A brusquidão da sua recusa deixou-me a tremer. O seu rosto estava vermelho, os olhos azuis tinham escurecido e no interior relampejavam clarões de tormenta. Throst devia ter planos muito importantes para mim, pois, de contrário, ter-me-ia torcido o pescoço.

Uma mão tocou-me nas costas, incitando-me a andar. Tive esperança de que fosse Krum, mas era Sven.

Throst desceu à beira mar e começou a distribuir instruções aos capitães dos outros barcos, que já se preparavam para partir. Krum andava de roda dele, como um grande cão de guarda, tentando observar-lhe o ombro mas sem nenhum resultado.

Pouco depois, o grande navio de guerra fez-se ao mar. Eu encolhi-me no canto da proa que já me era familiar e que, por ora, ainda estava seco. Mantive os olhos no céu, evitando fixar a praia, pois teria de enfrentar a expressão reprovadora do gigante louro, que segurava no leme enquanto os seus homens remavam. Como podia ele compreender o que me ia na alma? Como podia eu explicar-lhe

que tinha de me deixar regressar a casa? Agora era tarde para qualquer entendimento! Se Throst possuía alguma consideração por mim, perdera-a na floresta.

O dia não foi diferente do anterior, à exceção do distanciamento de Krum, cuja companhia eu julgava perdida. Ao cair da tarde, Throst permitiu finalmente que o amigo lhe tratasse da ferida. Depois, Krum veio dar-me água, uma perna de coelho que sobrara da noite anterior e uma manta para cobrir-me. O ar arrefecera abruptamente, e eu não conseguia impedir o queixo de tremer. Contudo, dir-se-ia ser a única a sofrer com a mudança brusca de temperatura.

— Acabarás por habituar-te — explicou o curandeiro. — Na minha terra, os dias são muito mais frios...

Por que deixara a frase a meio? Tive de pensar para compreender a razão por que ele sorria. Eu estava a fazer uma triste figura, agarrando-me aos ossos do coelho como um cão esfomeado, lambendo os dedos, esganada de fome. Senti as faces enrubescerem. Ao sorriso de Krum juntaram-se as exclamações espirituosas da tripulação. Só Throst não achara piada. Continuava com uma expressão cortante que se agravava quando me encarava. Muito a custo, reuni coragem para interrogar Krum acerca do ferimento do capitão.

— O Throst irá sobreviver — gracejou. — Foi um corte simples e limpo, que sarará rapidamente. Mas se te interessa saber, ele está furioso contigo. Por que fugiste, Pequena? Algum de nós te maltratou?

Neguei com a cabeça e apontei para o mar sem fim, na direção onde pensava que ficava a Grande Ilha, esperando que ele compreendesse que eu tinha de regressar a casa.

— Sinto muito — respondeu prontamente —, mas isso não é possível! É melhor que te habitues à idéia e não piores a tua situação. Se tentares fugir outra vez, serás castigada.

Krum só confirmava o que eu já desconfiara. E não tive de esforçar-me para que me explicasse a consternação que a morte do guerreiro provocara.

— O nosso povo tem costumes que eu não espero que entendas de imediato. A honra é mais importante para um homem do que a água para a boca. Pode ser duro para uma rapariga da tua condição aceitar isso... mas tu agora pertences ao Throst. Se ele tivesse permitido que os homens te levassem, deixaria a idéia de que, em qualquer altura, qualquer um poderia atacar impunemente a sua propriedade. Seria um sinal de fraqueza! Então, fez o que tinha de ser feito, apesar de contrariado. O homem que tombou era um bom chefe. Deveria ter morrido num campo de batalha e não numa rixa ridícula.

Eu pertencia ao Throst... Era freqüente os Vikings raptarem mulheres e crianças e levarem-nas para as terras geladas do Norte. Para quê, ninguém sabia ao certo, mas teciam-se histórias de horror, que iam desde os sacrifícios aos seus deuses sanguinários, até ao consumo de carne humana. Como fora ingênua e estúpida, ao acreditar que ele era diferente dos animais selvagens das narrativas de pesadelo! Não o vira a matar e a pilhar como todos os outros? Não vira o seu machado descomunal a separar membros dos corpos e a decepar cabeças? Não vira as suas armas a pingar sangue? Agora, eu era uma escrava dessa besta ignorante... Tão importante como qualquer outra "coisa"; um "produto" do saque de uma aldeia destrozada.

CAPÍTULO 12

Os Vikings utilizavam os pontos de referência da linha recortada da costa para se orientarem durante o dia. À noite, quando a terra desaparecia encoberta pela escuridão, as estrelas indicavam-lhes o caminho. Em velocidade, eram insuperáveis. Eu nunca imaginara que existissem semelhantes barcos, tão rápidos e eficientes; os únicos que podiam transportar um tão grande número de guerreiros, encalhar numa praia e seguir viagem com a maré, navegar em pequenos cursos de água, ou mesmo ser transportados em terra pelos seus tripulantes.

A instabilidade era a única fraqueza dos poderosos *Draakar*, mas, com um homem experiente como Throst no comando, ninguém parecia recear o que quer que fosse, nem mesmo uma tempestade.

Por Krum, fiquei a saber tudo isto e muito mais. A praia onde tínhamos aportado pertencia a uma das muitas ilhas de um grande arquipélago desabitado, apenas utilizado pelos Nórdicos. Os povos da região consideravam o lugar amaldiçoado e não se atreviam a desafiar os rochedos aguçados, capazes de afundar qualquer navio incauto. Mas isso não assustava os Vikings. Conheciam o caminho seguro por entre as rochas e sabiam que a única maldição existente nas ilhas eram eles próprios. Calculei que fora nesse arquipélago que Gunnulf se ocultara quando a frota dos Aliados partira no seu encalço, depois do ataque a Lorde Berry.

De acordo com a minha preciosa e única fonte de informação, em breve embarcaríamos num navio de transporte. O *Knarr*, como articulava na sua pronúncia arrastada, era maior e mais confortável do que o *Drakkar* e servia não só para transportar mercadorias, mas também animais e pessoas. Concluí que os cavalos e o gado da Aldeia da Fortaleza seguiam nesses barcos para o Norte. Perguntei se existiam prisioneiros, e Krum confirmou.

Renasceu em mim a esperança de encontrar algum dos meus irmãos entre os desafortunados.

Agora, que eu pouco mais podia fazer além de refletir, não me parecia credível que Goldheart tivesse assaltado a Aldeia dos Sábios. Apesar do medo que a nova religião gerava, o meu povo continuava a amar e a respeitar os homens sagrados. Se algum mal se tivesse abatido sobre a aldeia, ter-se-ia levantado um clamor de revolta que me chegaria aos ouvidos. E o fato de Oliver reconhecer a habilidade de Myrna, também me forçava a encarar o seu pensamento de outra forma. Ele não se atreveria a atacar os druidas, pois temia o poder antigo.

Posto isto, faltava-me descobrir o paradeiro de Berchan e de Stefan. Se nada de ruim lhes sucedera, por que não haviam lutado ao lado de Edwin na Enseada da Fortaleza? Teria a maldição da feiticeira imposto a sua ruína? Se, por vezes, eu era acometida por uma confiança doce, que me ajudava a acreditar na sobrevivência dos meus irmãos, noutras, mergulhava num abismo negro, sem esperança, que me martirizava até ao desespero. Talvez nunca descobrisse a verdade.

Krum contou-me que, normalmente, seguiriam no *Drakkar* até casa. Porém, Throst decidira alterar os planos para poupar-me à violência da viagem. O seu cuidado, depois de tudo o que acontecera, suscitou o meu assombro. Apesar da incerteza e do medo, a perspectiva de viajar num barco maior e mais confortável deixou-me aliviada. Eu estava cansada de passar os dias entalada entre duas tábuas, encharcada até aos ossos e sem a menor privacidade. Já que o capitão se preocupava com o meu bem-estar, talvez me cedesse um quarto, para que eu não tivesse de viver debaixo dos olhares curiosos de dezenas de homens. Sentia-me imunda e desconfortável. Estupidamente, sonhei com uma tina de água quente, um pedaço de sabão e roupas lavadas.

O motivo por que eu desfrutava de um tratamento diferente dos restantes prisioneiros avivava a questão do protecionismo de Throst. O capitão não quisera perder-me de vista. Mas porquê? Se a minha identidade fora a causa do rapto, ele deveria estar a exigir um resgate aos Aliados e não a tomar-me para sua escrava! Por outro lado, se desejava uma criada, deveria ter escolhido uma rapariga robusta e não alguém como eu! Pensar que o Viking reconhecera o

meu rosto, tal como eu reconhecera o dele, e que não pudera ficar indiferente ante esse enigma, era inaceitável. Tolerar tal explicação seria admitir uma inevitabilidade que ultrapassava os limites da razão; era só o que me faltava para enlouquecer! Mas, se tudo isto era improvável ou falso, para que raio me queria Throst?

O que sabia eu acerca do capitão? Throst era um chefe... Isso era indiscutível! E tinha de ser um homem de poder e riqueza, pois o *Drakkar* onde navegávamos era seu, assim como o *Knarr* para onde nos íamos mudar.

O proprietário de dois barcos não era um homem do povo! Seria um líder como Gunnulf, apenas menos afamado aos olhos da minha gente? Não me atrevia a interrogar Krum a este respeito.

Tudo o que aprendera acerca dos Vikings era posto em causa a cada instante, a cada gesto. A noção de uma sociedade desorganizada, onde não existiam soberanos e a lei era imposta pelas freqüentes quezílias, parecia-me incoerente. Do que já observara, o que não lhes faltava era organização e um respeito profundo pelas hierarquias dentro dos grupos. E a percepção da inteligência e eficiência de um inimigo tão aguerrido era deveras inquietante.

Eu nunca vira um cenário de tamanha grandeza. Habituada à pequenez e quietude das aldeias da Grande Ilha, deslumbrei-me com a vastidão de casas que se estendia diante de mim. Mesmo do interior do barco, com a luz a morrer, eu abria e fechava a boca perante o movimento, a imensidão de cores e a diversidade de formas.

Estávamos a atracar num porto de comércio que certamente era neutro ou amigo dos Vikings. Viam-se muitos navios iguais ao *Drakkar* onde eu viajava, mas outros, bem diferentes, provavam que não era só esse povo que aportava e comercializava nestas águas.

— Prepara-te — avisou Krum. — Vamos descer.

O meu coração sobressaltou-se quando o capitão se aproximou. Nos últimos dias, erguera-se entre nós uma barreira silenciosa e gelada que aniquilara todas as minhas esperanças de apelar à sua compreensão e bondade, para que me permitisse retornar para junto dos meus. Apesar de me ter sido revelado em sonhos, Throst

não passava de um Viking; e isso tornava-o tão terrível como Gunnulf.

Achei melhor não protestar quando ele me pegou ao colo para me ajudar a sair do navio. Furioso como estava, seria capaz de me atirar ao mar! Eu não tive coragem de encará-lo e percebi que os seus braços não possuíam a delicadeza de outrora. Entregou-me a Sven, que aguardava no ancoradouro, com a mesma indiferença com que descarregaria um fardo de trigo.

Mal os meus pés pisaram a madeira do ancoradouro, sentime melhor. Espreguicei-me sem cerimônias, inspirando o ar com força. Pela primeira vez, em muito tempo, agradei por estar viva. Teria de suportar a dor e a mágoa cravadas no meu peito, como um punhal afiado, até ao fim dos meus dias, mas já não desejava morrer.

A minha curiosidade insaciável devorava a visão de cada rosto que passava, das carroças carregadas de mercadorias, dos barcos majestosos e das casas incontáveis, sobrepostas como cogumelos.

Dei um salto quando um laço me apertou o pescoço. Engasguei-me e agarrei o cinto de pele com as mãos, aflita e confusa por verificar que era Throst quem o segurava. O capitão fazia questão de mostrar ao mundo que era o meu proprietário, por isso ia forçar-me a atravessar o porto amarrada como um cavalo. Quis assegurar-lhe de que aquilo não seria necessário, mas desisti ao deparar-me com a sua ironia. Throst não me prendera por temer que eu fugisse. Fazia-o para me envergonhar, para me castigar, para me provar que era ele quem mandava. Cerrei os dentes e os punhos. Resistir só pioraria a minha situação. Por enquanto, eu teria de alinhar nesta farsa ridícula. Mas a besta pagaria caro por tamanha humilhação!

O percurso entre o *Drakkar* e o *Knarr* pareceu-me infundável. As mulheres, ricamente vestidas e com penteados espalhafatosos, apontavam-me o dedo e riam-se às gargalhadas. Os homens dirigiam-me palavras de escárnio, muitas delas em línguas que eu compreendia. Ninguém esboçou um gesto de simpatia, um olhar de conforto ou piedade. Ao meu redor, todos lutavam por algo e apenas os melhores prevaleceriam. Os demais afogavam-se em frustração e contentavam-se em insultar os mais fracos e desfavorecidos, sem compaixão ou remorso.

Os cinco guerreiros que sempre acompanhavam o capitão subiram para o *Knarr*, reunindo-se à tripulação que os aguardava. Um homem baixo e gordo, de tez escura, dirigiu-se a Throst e cumprimentou-o com entusiasmo. A sua cabeça estava coberta por uma trouxa colorida que descobri chamar-se turbante, as suas vestes eram mais ricas do que as dos restantes homens e do cinto pendia-lhe uma espada como eu nunca vira outra igual, larga e curva, com o punho cravejado de jóias de valor incalculável.

Eles conversaram durante bastante tempo, e, nem por um instante, o desconhecido tirou os olhos de mim. Por fim, aproximou-se subtilmente, e, quando dei por ele, já punha as mãos nos meus cabelos e examinava-me como se eu fosse um animal raro. Reagi por instinto, empurrando-o e assumindo uma posição defensiva. Os dois homens gargalharam, deixando-me ainda mais furiosa. O olhar com que fulminei Throst não escondia a minha mágoa.

Estupefata, vi o gordo retirar uma bolsa da sacola que lhe pendia a tiracolo e abri-la diante do meu captor. Estava cheia de moedas de prata. A ira subiu por mim e explodiu-me no rosto. O que pretendia aquele porco bastardo? Comprar-me? Os meus olhos chispavam de raiva, enquanto esperava que Throst rejeitasse duramente. Fiquei chocada ao defrontar a sua indecisão, como se ponderasse o negócio. Claro está que não entendi a resposta que deu, mas o outro não hesitou em estender-lhe mais uma bolsa igual à primeira.

O alarido da negociação atraiu as atenções dos homens que nos rodeavam. Apercebi-me de diferentes opiniões, mas a maioria aconselhava Throst a vender-me, opinando que era um ótimo negócio. Krum observava divertido, sem esconder o riso. Sentime ultrajada e atraçoada, ardendo com vontade de esbofeteá-lo. Como pudera confiar na proteção daqueles monstros? Eu não passava de uma "coisa" e estava a ser negociada como tal!

A oferta ia em três bolsas de prata; uma verdadeira fortuna! De certeza o capitão ia aproveitar para livrar-se da minha presença incômoda. Uma gargalhada pôs fim à questão, e eu senti uma pontada no peito quando vi o comprador avançar. Sem pensar no que fazia, recuei instintivamente para perto de Throst e procurei-lhe a mão, apertando-a com força, qual criança procurando a proteção

do pai. O homem escuro aproximou o rosto do meu e, para minha surpresa, falou na língua da Grande Ilha:

— Não te preocupes, rapariga! Não irás mudar de dono. Deves ser realmente muito especial! Acabei de oferecer o resgate de um rei ao nosso amigo, e ele recusou-o. Compensa-o bem. Homens como o Throst contam-se pelos dedos de uma mão.

Fervi ao escutar o riso do capitão. Se ele nunca planeara vender-me por que me submetera a tamanha tortura? Tentei libertar a mão da dele, mas os seus dedos apertaram-me. Antes que tivesse tempo para espinotear, Throst segurou-me ao colo. Eu tremia. Tremia tanto que teria caído, prostrada pelo meu próprio peso, se ele me tivesse forçado a andar. Com os nervos em farrapos, desisti de lutar e aninhei-me nos seus braços. Nem percebi para onde íamos. A noite caía, e os meus olhos receberam a escuridão absoluta.

Throst pousou-me com delicadeza e acendeu uma lanterna. O cheiro forte do óleo queimado despertou-me os sentidos. Nós estávamos no porão do grande barco e diante de mim empilhavam-se dezenas de caixas, arcas e sacas. Era impossível que tudo isto tivesse vindo da Aldeia da Fortaleza. Os Nórdicos andavam ocupados havia meses. Se procurasse bem, talvez conseguisse encontrar os pertences de Lorde Berry.

O capitão apelou com a palavra que eu já me habituara a identificar como o meu nome: Pequena. Na sua língua e na sua voz, era estranhamente bonito. Voltei-me para encará-lo, como um cachorro obediente. Ele deixou claro, por gestos, que eu devia permanecer quieta. Só depois de obter a minha confirmação se decidiu a libertar-me do horrível cinto que me estrangulava. Fê-lo metodicamente, como se estivesse a soltar um animal, e desapareceu sem mais reparos.

O porão era escuro, úmido e irrespirável. Era este o navio luxuoso onde eu sonhara ter um quarto só para mim? Temi que Throst me fechasse ali durante o resto da viagem. Avancei com cautela até aos caixotes e procurei um sítio confortável onde instalar-me. Não estava em condições de desobedecer às ordens que recebera. Aliás, qualquer curiosidade que pudesse mover-me fora definitivamente

adiada. O cansaço imperava por todo o meu corpo e não tardei a adormecer, embalada pela canção meiga que o mar me dedicava.

Abri os olhos devagar, desperta pelo barulho. Vi quatro guerreiros no porão e ter-me-ia assustado se não reparasse que um deles era Krum. Mal podia acreditar que haviam trazido uma tina de madeira cheia de água quente. Ao lado desta estava uma arca aberta, com tecidos de belos padrões caindo do interior. Krum mandou os homens sair e estendeu-me a mão para ajudar-me a descer dos caixotes.

— Vem, Pequena! Este é um luxo sem preço. Aproveita enquanto está quente. Eu estarei lá fora, certificando-me de que ninguém te incomodará. Escolhe um vestido desta arca e veste-o. Mas lembra-te de que vamos ao encontro do gelo e não para um baile na corte!

Fiquei sozinha e muito pouco convencida. Não ia tomar banho num navio cheio de homens! E se decidissem irromper por ali dentro? Mas o vapor que saía da água chamava docemente: "*Vem, Catelyn... Vem...*"

Quem preparara o banho, aromatizara-o com pétalas de flores e um óleo que cheirava divinamente. Há quanto tempo eu não me lavava? Desde a manhã do meu casamento, se não contasse com as enxaguadelas na água gelada do mar, e isso fora há uma eternidade. A partir desse dia, cada batida de coração recordava-me tudo o que perdera. A proteção de alguém que só podia ser meu inimigo não era um consolo e sim uma inquietação.

Throst salvara-me por algum motivo que eu ainda não compreendera. No momento em que decidisse cobrar a dívida, certamente amaldiçoá-lo-ia por não me ter concedido o conforto da morte.

"Vem, Catelyn... Vem..."

Deliciei-me no prazer morno. A sujidade saiu facilmente, e as escoriações também começavam a desaparecer. As feridas do espírito é que jamais sarariam. Fui novamente desassossegada por perguntas sem resposta. Teria o meu pai perecido na batalha? Desde que o caos se instalara, eu não tornara a vê-lo. Se estivesse vivo, seguiria os Vikings até às Terras do Norte para resgatar a filha

que tanto o desiludira? E o que fariam os Aliados, depois de tão selvática afronta ao seu poderio?

A lembrança da noite de amor que vivera com Tristan trouxe-me um aperto ao peito e um suspiro aos lábios. Aquele calor doce, aquela recordação de felicidade, teriam de chegar para me ajudar a viver o tempo incerto que me restava. Enquanto as minhas mãos deslizavam pelo ventre plano, acudiu-me a idéia de que talvez estivesse grávida! O pensamento era assustador, mas deveras agradável. Poderia dar vida a Tristan através do nosso filho?

Melancólica, levei a mão ao peito à procura da pedra da minha avó. Sofri novo sobressalto ao lembrarme de que a perdera. Não sabia como interrogar Throst acerca disso, mas teria de fazê-lo rapidamente.

Escolhi um vestido simples, quente e confortável. Não queria, de forma nenhuma, atrair as atenções masculinas. O cabelo levaria algum tempo a secar, por isso decidi subir ao encontro de Krum.

A noite gélida era uma bênção depois do porão empestado de mofo. Fechei os olhos e inspirei com força, sentindo a vida fluir por mim. O ar estava impregnado de energia. O arrepio chegou instintivamente com a percepção. A energia que eu sentia não era natural. Havia magia por perto! Magia forte e poderosa... A mais poderosa que eu jamais sentira! E não era boa! Nenhuma magia boa me causaria esta súbita apreensão.

Quando fitei Krum, percebi que estivera demasiado tempo alheia à realidade e que despertara a sua curiosidade. Caminhei até ele, ignorando o olhar de admiração. Nunca me habituaria a que os homens me mirassem como miravam Myrna ou Melody. Eu não era igual a elas! Era pequena e desengraçada... O Conde de Goldheart só me quisera para fruir do meu talento. Tristan amara-me, porque me conhecia desde bebê.

Contudo, estes homens estavam tão desesperados por companhia feminina, que qualquer uma serviria!

— O tempo está propício à navegação — comentou Krum, forçando-se a desviar os olhos da propriedade do seu capitão. — Se se mantiver assim, em breve estaremos em casa. Estou tão ansioso, que mal consigo pensar noutra coisa!

Era-me muito difícil imaginar a vida dos Vikings fora do mar. Mas não era mais do que natural! Muitos seriam casados, teriam filhos... Surpreendi-me a questionar Krum acerca de Throst. Como era a sua casa, a sua família...? Não consegui fazer-me entender. Ele pensou que eu o interrogava sobre o paradeiro do capitão.

— O Throst foi a terra com os homens — respondeu. — Há muito tempo que não desfrutamos dos prazeres de um porto seguro... comida, bebida, água quente e... — hesitou, detendo a língua a tempo — e um pouco de diversão!

Eu imaginava o tipo de diversão de que os homens desfrutavam. Podia ver as luzes das tabernas do porto, ouvia a música, as gargalhadas... e via alguns homens agarrados a mulheres de pouco respeito, das quais só ouvira falar recentemente. Que um homem mantivesse uma amante, eu não aceitava, mas entendia. Mas, que as mulheres recebessem dinheiro para os servir na cama, era algo tão grotesco que eu nem podia conceber.

Como é que elas toleravam as mãos peçonhentas de bêbados e assassinos sobre os seus corpos?

E tu? — perguntei por gestos.

Krum sorriu, encolhendo os ombros.

— Eu irei quando os outros regressarem. Só quero tomar banho e comer uma refeição decente. — Hesitou antes de continuar. — A única mulher que desejo está à minha espera, com o nosso filho nos braços. Ainda não o conheço. Ela estava grávida quando parti... Encarou a escuridão do mar com uma expressão saudosa. — A minha esposa chama-se Signy e tem mais ou menos a tua idade. Casamos no princípio do Inverno, vai fazer um ano. Partiu-me o coração deixá-la, mas... não tive alternativa! O meu pai já faleceu, e o meu irmão é o senhor da herdade. Eu tenho de ganhar o suficiente para estabelecer a minha própria quinta e criar o meu filho. Dentro de dois ou três anos, poderei abandonar as campanhas e dedicar-me à terra.

Fiquei quieta, calada, suspensa nas suas palavras, emocionada como pensava que jamais voltaria a ficar.

Este homem tinha coração! Talvez por isso me sentisse tão bem junto dele! Krum era inteligente e não apenas um guerreiro

obcecado pela cobiça. Como aprendera a minha língua, é que eu ainda não sabia. Esforcei-me para que me entendesse e, desta vez, fui bem sucedida.

— A minha mãe nasceu na tua terra. Os seus cabelos já estão da cor da neve, mas um dia foram negros, encaracolados e cheios de vida como os teus. Sempre que olho para ti, tenho a ilusão que estou a vê-la com quinze anos... linda e encantadora! — Sorriu perante o meu embaraço. — O meu pai apaixonou-se por ela no primeiro momento em que a viu e não descansou enquanto não a fez sua. Porém, como já era casado, não pôde dar-lhe os privilégios do casamento. Mas a minha mãe não se importou. Ela e a mulher do meu pai foram grandes amigas, e eu nunca fui considerado inferior aos meus irmãos. Quando o meu pai morreu, ambas tiveram o conforto da amizade que as unia. A mulher do meu pai também já faleceu, e, agora, é a minha mãe que governa a casa. Além da língua do vosso povo, também me ensinou a aplicação das ervas para curar as maleitas do corpo e do espírito. Será uma pena se essa arte se perder! Infelizmente, a minha irmã não quer aprendê-la. A irmã do Throst é a única...

Calou-se subitamente ao dar-se conta do quanto me revelava acerca da sua privacidade. Ou assim pensei no momento. Ficavam explicadas a sensibilidade e a bondade que o distinguiam. A sua mãe fizera um excelente trabalho ao transmitir-lhe a excelência do nosso povo.

Um apelo vindo de trás de mim fez-me saltar e revelou a verdadeira razão por que Krum se calara.

Throst estava de regresso. Eu fiquei suspensa na visão da figura estupenda recortada contra as luzes do porto, como se envolta por uma aura de magia. Ele tomara banho e vestira roupa lavada. A capa que lhe cobria os ombros esvoaçava ao vento, rivalizando com os seus cabelos longos e ondulados. Quando chegou mais perto, reparei que tinha aparado minuciosamente a barba. O que diriam as assanhadas que se babavam pelo Conde de Goldheart, se vissem um homem tão belo e perfeito? Senti o coração acelerar e baixei os olhos, horrorizada pelos meus próprios pensamentos.

Os guerreiros trocaram algumas palavras, e Krum acenou-me em jeito de despedida.

— O banho espera-me — gracejou. — Deixo-te em boa companhia! Ouvi os passos afastarem-se, mas não tive coragem de erguer o olhar. Não vira mais ninguém no barco enquanto conversara com Krum e sentia-me consternada por estar sozinha com o capitão. Para piorar, comecei a tremer descontroladamente, como se o vento soprasse apenas para mim. Com um pouco de sorte, ele não repararia...

Enganei-me desastrosamente. Mal tirei, Throst despiu a sua capa e cobriu-me com ela. Enquanto o calor e o cheiro doce do seu corpo se entranhavam em mim, fui forçada a reagir ao apelo da sua voz.

Percebi, no momento em que o encarei, que ele não desviara os olhos da minha figura. O seu olhar interrogava se o que me fustigava era raiva ou medo... e havia uma luz que perguntava muitas coisas para as quais eu não tinha resposta.

As mãos do capitão permaneceram sobre os meus ombros. Eu continuei a tremer como um pássaro à mercê do caçador. Então, Throst fez a última coisa que eu esperava. Deslizou as suas mãos pelos meus braços e agarrou as minhas. Depois, tão devagar que me fez perder o fôlego, levou-as aos seus lábios e beijou-as carinhosamente.

As minhas pernas bambolearam. Que espécie de homem era este, que tanto me subjugava com um cinto como me beijava respeitosamente? Enquanto o meu olhar refletia o assombro, Throst soltou-me uma mão e gesticulou devagar, algo que compreendi de imediato: "*Quem me dera que pudesses falar!*" Forcei a garganta para responder-lhe, mas não saiu nem um som.

— Chhh! — O seu tom era baixo e quente.

Tocou-me nos lábios, pedindo que não me esforçasse, e entrelaçou os dedos nos meus. Deu um passo em frente e esperou que eu o seguisse. Ao meu olhar interrogativo, explicou que era melhor descermos por causa do frio. O que podia eu fazer, senão obedecer-lhe?

A luz bruxuleante da lanterna ainda iluminava o porão. A tina de água quente continuava a libertar fumo e perfumava o ar com um

vapor muito agradável que abafava o cheiro a mofo. Throst abriu uma das arcas e retirou de lá de dentro uma manta de lã. Estendeu-a no pequeno espaço livre e convidou-me a sentar junto dele.

Apesar do calor da sua capa, eu não parava de tremer. Aquiesci, sem força para protestar, saltando alarmada sempre que ele se movia.

Vi que buscava dentro da sua bolsa e não escondi o espanto quanto me estendeu um pedaço de bolo, embrulhado num pano impecavelmente limpo. Depois, entregou-me o cantil onde guardava a água. Eu aceitei agradecida, subitamente esfomeada. O bolo era delicioso, mas a bebida não era água e sim algo forte que sabia a mel. Ele insistiu que a bebesse, apontando para a garganta. Aparentemente, estava ansioso por que eu recuperasse a voz. Pensaria que eu possuía algum segredo de guerra que o favoreceria?

A hipótese de não voltar a falar entristecia-me, mas restavam-me poucas dúvidas de que assim seria.

Recordei quantas vezes detestara Melody por me obrigar a cantar e a dançar. Naquele tempo, não soubera dar o devido valor à felicidade. Tivera de perder tudo para perceber...

Os meus pensamentos refletiam-se nos olhos. Tentei desviá-los, mas Throst não permitiu, segurando-me levemente no queixo. O meu coração desatou num galope desvairado, ao encontrar o brilho do seu olhar. O capitão era, sem dúvida, o homem mais belo que eu já vira na vida. Eu tinha de esforçar-me por recordar que ele era um selvagem, tão responsável como os outros pela minha desgraça. Perdi o fôlego ao constatar que a sua atenção ficava presa nos meus lábios. Estaria a pensar...? Não! Eu tinha de impedi-lo de avançar, fosse de que maneira fosse! Então, lembrei-me do amuleto da minha avó.

Gesticulei fervorosamente e, com as mãos sobre o peito, desenhei a pedra com os dedos. Esperei que Throst me ignorasse ou que negasse o conhecimento, mas, em vez disso, ele levou as mãos ao pescoço e retirou de dentro da sua túnica o fio que a minha mãe tecera, de onde pendia o amuleto azul. Indignada, estendi a mão para recuperá-lo. Throst recuou, sorrindo. Eu investi, repleta de frustração, e ele tornou a desviar-se, divertido com a brincadeira de

“gato e rato”. Senti o sangue a ferver. Por que me roubara? Para ele, a pedra não tinha nenhum valor! Tentei explicar-lhe a importância de reavê-la, sem resultados. O capitão continuava a sorrir, abanando o cordão diante dos meus olhos, no claro intuito de provocar-me.

Perdi as estribeiras e lancei-me sobre ele, empenhando-me na inglória tentativa de recuperar o amuleto.

Throst gargalhou e deixou-me batalhar e espernear, sová-lo e arranhá-lo, troçando dos meus esforços vãos. Eu tinha consciência da minha figura ridícula. Mesmo que conseguisse arrancar-lhe a pedra, ele acabaria por reclamá-la para si. Porém, a ira cegava-me e forçava-me a lutar com redobrada convicção.

De repente, o capitão gemeu de dor; uma exclamação instintiva de um homem apanhado desprevenido.

As minhas unhas haviam-se enterrado profundamente na sua ferida. Eu recuei assustada, enquanto ele me voltava as costas, zangado por ter revelado a sua fraqueza.

A confusão apossou-se do meu discernimento, e a raiva desapareceu como por encanto. Aproximei-me preocupada, mas Throst evitou-me, tentando esconder o rubor das faces. Eu insisti e, quando obtive a sua atenção, expliquei-lhe que sabia como ajudá-lo. Mais do que tudo, ele pareceu ficar curioso. Mesmo relutante, permitiu que o examinasse. Verifiquei que, apesar do bom trabalho de Krum, o corte infectara. Se o deixasse assim, a febre prostrá-lo-ia pela manhã. Gesticulei, pedindo-lhe o que necessitava para fazer um novo curativo.

Ele hesitou, ainda surpreendido. Depois desapareceu, para regressar passado pouco tempo com o que eu lhe solicitara.

Deitei mãos à obra e, depois de tudo preparado, debrucei-me sobre ele para auxiliá-lo a despir a túnica.

Fi-lo instintivamente, com a inocência e o profissionalismo de uma curandeira. Porém, o meu gesto surpreendeu-o tanto, que se retraiu, deixando-me desconcertada e corada até à alma. Durante esse instante de extremo embaraço, questionei-me acerca do que lhe passaria pela cabeça. Eu própria pensava que só podia estar louca, dispondo-me a cuidar de um bárbaro ao invés de vingar-me, mas, quando Throst se decidiu a colaborar, o meu rancor desvaneceu-se.

O capitão possuía um corpo perfeito, digno do mais nobre dos guerreiros. Os seus ombros eram largos e tinha os músculos bem desenhados. Uma fina camada de pêlos louros cobria-lhe o peito e descia-lhe pelo ventre, até desaparecer dentro das calças. Em contraste com a maioria dos seus companheiros, ele não tatuara o tronco. Os únicos desenhos visíveis na sua pele eram os dos pulsos, que eu já conhecia de cor. Além do meu amuleto, Throst trazia outro fio suspenso ao pescoço, com um pendente de metal em forma de machado. Fiquei curiosa acerca do seu significado e imaginei que fosse um talismã da sua raça, destinado a protegê-lo dos incontáveis perigos que enfrentava. Contudo, mesmo que pudesse perguntar-lhe se isso era verdade, não compreenderia a resposta.

O meu rosto picava com a força do rubor. Obriguei-me a concentrar no curativo, apesar de as mãos me tremerem e não conseguir dominar a respiração. Este homem transtornava-me; perturbava-me como nenhum outro! Era ridículo comparar o que sentia perto dele com o sentira ao lado de Tristan, porque Tristan fora como um irmão. Entre nós, tudo acontecera naturalmente, sem constrangimentos. Com Throst era diferente. Por mais que tentasse negá-lo, eu estava encantada por um homem a quem devia odiar e não sabia lidar com esse sentimento. Maldisse o momento em que permitira tão grande aproximação. Tinha de afastar-me antes que...

Sobressaltei-me quando os dedos do capitão tocaram nos meus cabelos, desenhando os contornos dos cachos ainda molhados com carícias. Se eu não fugisse já...

O rosto de Throst tocou o meu. Pulei como se me tivesse queimado e tentei afastar-me, mas ele prendeu-me pela cintura e atraiu-me para mais perto. Arrisquei-me a encará-lo, decidida a protestar, mas estaquei paralisada debaixo do olhar profundo, que o brilho da pedra azul não conseguia ensombrar. A sua expressão estava séria, sem o menor vestígio de troça ou arrogância. Segurou-me nas mãos e colocou-as sobre o seu peito.

Os nossos corações batiam ao mesmo ritmo, a sua pele estava quente e os pêlos acetinados envolveram os meus dedos.

Sentime tonta, à beira de um desmaio, sem alento para respirar. Arrepiei-me da cabeça aos pés quando a sua face deslizou pela

minha, acariciando-me com a barba suave. Throst deteve-se junto da minha orelha e murmurou algo na sua língua, longe da minha compreensão. Eu fui forçada a cerrar os olhos, sacudida por um estremecimento violento, perante a rouquidão da sua voz. O meu corpo ardia como se estivesse cheia de febre.

Os lábios masculinos desceram pelo meu pescoço, enquanto as suas mãos subiam para me abraçar, com muito cuidado e carinho, quase temendo assustar-me ou magoar-me.

Quando Throst se afastou, fui trespassada por uma angústia enfurecida. Estava a voar e não queria regressar à terra. Estava a sonhar e não queria despertar. Abri os olhos e encontrei o seu rosto a um palmo do meu. Parecia que também ele travava uma violenta batalha interior. Todavia, quando se deparou com a minha ansiedade arrebatada, esqueceu-se do que quer que fosse que ainda o segurava. Os seus lábios tocaram nos meus com uma leveza celestial. Afastaram-se e regressaram, tantas vezes que se tornou impossível contá-las. As nossas respirações competiam e cada contato era mais demorado, mais profundo e quente. A língua morna pediu permissão para se instalar em mim... E a razão desvaneceu-se.

Afundi-me nos braços de Throst com um suspiro de rendição e os nossos lábios uniram-se finalmente, com uma sofreguidão devastadora. Nada do que eu provara na vida se comparava ao seu sabor. O prazer era tão violento, que me forçava a ignorar quem éramos e onde estávamos. Perdi a inibição e acariciei a sua pele com a satisfação latente nas pontas dos dedos. Ele sorvia cada gota da minha saliva e eu correspondia com igual avidez.

Não opus resistência quando me deitou na manta e começou a desapertar os cordões do vestido. Eu queria sentir o seu calor. Queria sentir a força do seu corpo sobre o meu. Queria...

Não sei explicar o que aconteceu. Talvez a energia libertada pelo amuleto da minha avó me resgatasse à loucura e chamasse à razão. Eu estava a entregar-me a Throst sem hesitações! Estava a oferecer-me a um homem que não conhecia, do qual nada sabia, a não ser que era um bárbaro, um assassino e um ladrão! Das mãos que me

acariciavam ainda pingava o sangue do meu povo... o sangue da minha família!

Reuni vontade para quebrar o beijo e empurrei-o. Throst não desistiu. A força do seu desejo estava descontrolada. Tentou recapturar os meus lábios, e a pressão das suas mãos tornou-se rude e exigente. Só se deteve quando eu comecei a espernear. Fixou-me incrédulo e percebi a sua confusão ao deparar-se com a minha súplica.

Eu conhecia o suficiente acerca do corpo de um homem para saber que estava a impor-lhe uma dolorosa privação. Eu também a sentia, mas não podia prosseguir. Porém, Throst não conseguia ou não queria entender e agarrou-me as mãos, sacudindo-me. O seu semblante escureceu, e os seus olhos brilharam perigosamente.

Tentou beijar-me, mas eu desviei o rosto e tornei a debater-me. Por fim, enfrentei-o e ouvi a minha voz berrando dentro da mente, com tal clareza, que me pareceu ecoar por todos os cantos do porão: *"Se quiseres possuir-me, terás de usar a força! Terás de fazer o que impediste os outros canalhas de fazer! E não serás melhor do que eles!"*

Como se me tivesse escutado, Throst libertou-me, rugindo de raiva e insatisfação. Quedou-se sentado, com a cabeça enterrada nas mãos, e quando agarrou a túnica, reparei que tremia. Senti uma vontade quase incontrolável de tocar-lhe, de voltar a acariciá-lo, de mergulhar nas sensações extremas que me faziam delirar.

Contudo, se eu cedesse novamente, perderia todo o respeito por mim própria e odiar-me-ia até à morte.

O capitão enfiou a túnica pela cabeça e desapareceu, levando consigo o amuleto da minha avó. Eu sentei-me e abracei os joelhos, movimentando-me para trás e para diante, de olhos fechados. As emoções misturavam-se no meu corpo e mente, massacrando-me até ao desespero. A minha cabeça latejava e sentia as lágrimas na garganta, impedindo-me de respirar. Pedi perdão a Tristan, enquanto acariciava a pulseira de madeira. Como pudera esquecer um amor tão puro por causa de... Por causa do quê? O que fora aquilo?

Loucura? Sim, porque o que acabara de suceder só podia ser justificado com a adulteração da razão! Como pudera eu

corresponder com tamanho arrebatamento aos avanços de um Viking?

Definhei de vergonha e medo ao perceber as conseqüências do interesse revelado por Throst. Eu não passava de uma escrava, forçada a cumprir a vontade do seu dono e senhor. O seu respeito pela minha recusa era assombroso e contrariava a própria Natureza da sua raça. Todavia, eu não guardava ilusões! O capitão voltaria a atacar, e eu não teria como escapar-lhe. Se queria preservar a vida, devia submeter-me, assumir uma atitude passiva e rezar para que se desinteressasse depressa do meu corpo. Tal resposta ao seu ardor não podia repetir-se, pois representava uma aberração à minha educação e uma traição contra todos os que amava.

"Onde estás Berchan? Preciso tanto de ti! Stefan..." O que eu não daria pelo seu abraço? E pelo sorriso de Edwin, pelas brincadeiras de Quinn e os conselhos prudentes de Aled? Eu queria os meus irmãos! Desejava desesperadamente que tudo voltasse a ser como era, antes de a bruxa devassar a nossa existência! Como pudera esquecer-me da única razão para a qual vivia?

Pelo menos descobrira onde estava a pedra de Aranwen. Agora, só teria de esperar que Throst se distraísse para recuperá-la... Esta resolução afundou-se na lama da impossibilidade, ao interrogar-me sobre como fazê-lo. Eu aprendera à minha custa que o capitão dormia com um olho fechado e outro aberto. Também sabia que uma aproximação subtil não resultaria. Eu estava de mãos e pés atados... Eu estava a ficar doida!

A chama apareceu diante dos meus olhos, flutuando, crescendo e alimentando-se do ar, até transformar-se numa bola gigante. Eu não me lembrava de tê-la chamado. A magia que vivia em mim começava a agir por sua própria vontade.

"Eu posso afundar este navio! Posso matar estes selvagens! Ficarei livre para..."

Afoguei a bola de fogo na tina e deitei a cabeça nos joelhos, devorada pelo desespero. A mente mandava-me avançar sem piedade e fazer tudo o que fosse necessário para atingir os meus objetivos. O coração reclamava que eu não podia magoar ninguém

com tamanho desprendimento. Matar Krum, cuja mulher o esperava com um filho nos braços, ou matar Throst que já me salvara por duas vezes, eram hipóteses dolorosas. Se, por um lado, era massacrada pela recordação da batalha da Enseada da Fortaleza e da crueldade destes homens, por outro, não me esquecia de que cada um deles tinha uma vida, uma casa e uma família. Por mais que tentasse, eu não conseguia encará-los com a frieza que outrora sentira sempre que ouvia falar do povo viking. Os dias de convívio haviam-me ensinado uma nova realidade impossível de ignorar. O ódio não se combatia com ódio! Jamais me tornaria igual a Myrna! Jamais!

CAPÍTULO 13

Acordei com o balanço do navio e os gritos dos homens, com o rugido da trovoada e os gemidos dolorosos do casco, encharcada até aos ossos pela água que escorria do convés. Emaranhada no caos, interroguei-me por que não despertara antes, mal a agitação começara. Eu devia estar realmente exausta!

Teríamos partido há muito? Como se justificava que estivéssemos a enfrentar uma tempestade, se o próprio Krum confirmara que existiam boas condições para navegar?

Subi precariamente, com as tábuas a fugirem-me debaixo dos pés, e deparei com um cenário horrendo de luta acerada pela sobrevivência. Cada homem dava o seu melhor para impedir que o barco se afundasse. As ondas varriam o convés, e a chuva fustigava-o com violência. Os relâmpagos mergulhavam no mar e iluminavam os rostos cansados e esforçados da tripulação. Os trovões estouravam dentro da minha cabeça, com tanta força que me bloqueavam a audição. Distingui Throst e Sven, segurando o leme com grande dificuldade. Depois, a onda apanhou-me pelas costas e derrubou-me.

O meu corpo foi varrido pelo convés como uma folha. Fiquei coberta pela água gelada, cega, sufocada e engasgada pelo gelo salgado. Embati contra várias superfícies e pensei que ia tombar no vazio e ser sugada pelo mar indomável. Porém, a sensação de desamparo e queda foi substituída pela percepção do abrigo de um corpo forte. Não via a identidade do meu salvador, pois o cabelo cobria-me o rosto, mas sabia que era ele. Era sempre ele! Apertei os braços em redor do pescoço de Throst e recebi com alívio a segurança relativa do porão. Assim que ele me pousou no chão, o meu estômago cedeu ao enjôo. A água salgada queimava-me por

dentro e pensei que ia morrer de agonia. Escutei outra voz, e os braços de Throst foram substituídos pelo apoio de Krum.

— Por que saíste daqui, Pequena? Por pouco não foste arrastada pela borda fora!

Não foi fácil acalmar os vômitos e a tosse. Como explicar-lhe que eu não imaginara a gravidade da situação? Ao largar o leme para me salvar, Throst arriscara as vidas de todos nós.

— Eu tenho de subir, Pequena. Promete-me que não sairás daqui! Prometi. A única maneira de ajudá-los era não atrapalhá-los ainda mais. Desejei possuir o poder dos antigos feiticeiros. Berchan contava que eles podiam criar tempestades com a força da mente, provocando descargas de energia no ar, deslocando as nuvens, movendo as águas turbulentas do mar. E assim como as criavam, também conseguiam controlá-las e apaziguá-las. Afastavam os ventos, empurravam as nuvens, absorviam a energia dos relâmpagos nos seus corpos...

Arrepiei-me desde as raízes dos cabelos até às unhas dos pés, quando as palavras do livro de feitiçaria de Berchan me inundaram a mente. A sabedoria que eu ambicionava estava na minha posse! Eu sabia o que fazer, como fazê-lo... Atrever-me-ia a tentar? Teria força suficiente para executar algo tão prodigioso?

"A azul falhará, por fraqueza e inaptidão..."

Tão rapidamente como me assolou, a excitação finou. Eu não passava de uma fraca e incompetente aprendiz de Sábio. Ousar desafiar os Elementos estava muito para além do alcance das minhas habilidades. Se ao menos tivesse o amuleto da minha avó...

"A magia vive dentro de ti... Dentro de ti..."

De repente, o mundo revirou e o meu corpo ficou submerso. Não me importei, porque não precisava de respirar. O barco ia afundar-se, e todas as vidas que protegia seriam engolidas pelo abismo. Era essa a vontade dos Elementos. O *Knarr* desafiara a fúria do gigante de sal, e este reclamava vítimas para saciar a fome. O meu tormento finava no meio da escuridão impenetrável.

— Não!

Do nada ecoou a voz zangada da feiticeira Aranwen: *"Irás abandonar o teu povo, Catelyn?"*

— Não! Não!

A voz profunda e grave de Berchan:

"Tu és a luz que brilha dentro de cada um de nós. Se te apagares, estaremos perdidos."

— Mano...

"Na vida e na morte... Somo seis, mas somos um só!"

Um clarão tímido iluminou o porão e dois rostos que identifiquei de imediato. Eu estava sentada sobre uma manta de tons vermelhos, castanhos e verdes, bem próxima de Throst. Sobre nós, a lanterna abrilhantava a pele rosada do guerreiro. Os seus olhos azuis encontravam-se presos às minhas faces incandescentes, e eu apertava um pano em redor do seu ferimento, com as mãos a tremer. Tentei fugir quando o rosto dele tocou no meu, mas era tarde. Throst abraçou-me e capturou-me o olhar. As minhas mãos pousaram no seu peito e deleitaram-se com as batidas do seu coração. Os lábios quentes do capitão roçaram no lóbulo da minha orelha, libertando a voz rouca e arrebatada:

"É por ti que ele bate, mulher! Tu és a minha loucura... E eu quero enlouquecer!"

Mergulhei numa vertigem onde não existia princípio nem fim. Respirei fundo e estendi as mãos. A minha avó agarrou-as. Olhei dentro dos olhos de Aranwen e percebi que eram os meus próprios olhos.

"Chegou o momento de mostrares o que aprendeste, Catelyn!"

"Eu não aprendi o suficiente! Não serei capaz..."

"Se falhares, este será o teu fim e o fim dos que partilham o teu destino. Irás entregar a vitória aos teus inimigos? Desistirás sem lutar?"

— Não!

Gritei tão alto, que o trovão recuou. De pé, na proa do *Knarr*, abri os braços e enchi o peito de ar. O céu abriu-se, e um raio desceu até mim. Enquanto a energia fluía através da minha essência, senti a cólera do vento, a fúria do mar, o tormento das nuvens... Fechei as mãos por cima da cabeça e apertei a pedra azul brilhante.

Quando o interior do meu corpo se transformou em fogo líquido, devolvi a energia ao céu. O relâmpago ardente cortou o ar e rasgou

as nuvens. Nas minhas mãos, a pedra de Aranwen tinha as sete cores do arco-íris.

Movi os lábios num último encantamento, proferindo palavras sem sentido para o comum mortal. Estava feito!

As nuvens afastaram-se, e os primeiros raios de Sol pairaram sobre o mar. O vento sacudiu os meus cabelos e a saia rodada do vestido quando fugiu para longe. As ondas acalmaram-se e cingiram carinhosamente o minúsculo navio que o seu regaço albergava. Ao meu lado, Aranwen sorria. Apertou-me as mãos e não disfarçou o orgulho:

"Só tens de confiar na tua força para vencer! Deixa-te guiar pelo coração..."

O porão continuava mergulhado na mais profunda escuridão, apesar de o Sol brilhar no firmamento. Lá em baixo, envolvida pela água gelada, estava eu, Catelyn McGraw, assimilando dolorosamente que é necessário perder para aprender, chorar para rir, odiar para amar, confiar para avançar e lutar... para vencer.

Quando despertei, demorei a perceber onde me encontrava e a recordar o que acontecera. Alguém retirara a água do porão e estendera mantas sobre os caixotes, onde eu dormira com algum conforto. A luz do dia trespassava a madeira, levantando dúvidas acerca da ocorrência de uma tempestade. Teria eu sonhado? A única maneira de saber era enfrentar os meus raptos. Escorreguei para o chão e testei a força das pernas.

Estava tonta, mas consegui agüentar-me.

No convés, vivia-se um alvoroço ordenado. Todos se atarefavam e era difícil dar um passo sem esbarrar em alguém. Havia reparações por toda a parte, e a própria vela era grosseiramente remendada. Alguns homens pescavam, o que significava que as provi-sões se tinham perdido. Era óbvio que a tormenta ocorrera, mas a natureza escondera demasiado bem a sua fúria. Até perder de vista, o céu estava limpo e o mar agitava-se mansamente.

O capitão apareceu do nada e arrastou-me por um braço de volta ao porão. Os meus pés mal tocavam o chão e teria protestado de dor se pudesse fazê-lo. Quando nos enfrentamos, libertei o braço e

esfreguei-o com uma expressão dorida, enquanto o fulminava com o olhar. Por que me tratava com tamanha ferocidade?

Krum chegou atrás de nós. Não hesitou em dirigir-se a Throst com um palavreado que não ocultava a reprovação pelo modo como o amigo agira. Sem deixar-se comover, o capitão deu-lhe uma ordem ríspida, que denunciou a sua raiva. Krum suspirou e falou-me, num tom baixo e ponderado:

— O Throst quer saber se tu tiveste alguma coisa a ver com a tempestade desta noite.

Pisquei os olhos abismada. Por que me perguntavam aquilo? Esbracejei aflita, tentando convencê-los de que não compreendia o que se passava. Throst ripostou algo que me soou muito mal e voltou-nos as costas, pisando o chão com a impaciência de uma fera amarrada. Sentime transparente quando Krum fixou o olhar verde em mim.

— Não ganharás nada em mentir, Pequena! O que se passou esta noite colidiu com as regras da razão. Nós sabemos que a tempestade que fustigou o barco não teve causas naturais. Foi fruto de uma magia poderosa que quase nos matou a todos.

Como podiam eles saber tanto? Além de curandeiro, seria Krum um vidente como Berchan?

Recordando o que eu já vira e a forma como ele me influenciava, essa hipótese era consistente... e preocupante.

Enquanto divagava, os acontecimentos da noite anterior tombaram sobre mim qual pedregulho num charco.

Teria sido a força maligna que eu pressentira no porto que desencadeara a tormenta? Tão grande poder pertencia a “alguém” que dominava muito bem a Arte Superior. As razões por que esse “alguém” quisera afundar o *Knarr* e matar os seus marinheiros, iam além da minha compreensão. E partilhar as minhas suspeitas com os dois guerreiros que me cercavam seria uma insensatez descomunal. Quem me garantia que não me acusariam de ser a causadora da desgraça e não me cortariam a garganta sem sequer me escutarem? Ganhar tempo era a única solução. Gesticulei atabalhoadamente, replicando que continuava sem entender. O capitão resmungou qualquer coisa, à qual Krum reagiu de imediato:

— Depois da tempestade, o Throst veio assegurar-se de que estavas bem e encontrou-te a boiar, sem sentidos. Foi uma sorte não te afogares!

E depois? O que tinha o meu desmaio a ver com o temporal ou com a prática de magia? Em resposta, Krum abriu a mão e revelou a pedra da minha avó.

— O Throst encontrou isto entre os teus dedos. Como foi que lhe tiraste o colar do pescoço sem que ele se apercebesse? Qual é o significado desta pedra?

Empalideci, trespassada pela clara percepção de estar de pé na proa do *Knarr*, apertando o amuleto com toda a força. Não sabia como o recuperara e, naquele momento, esse pormenor era de somenos importância. O meu sobressalto resultava das lembranças soltas que me invadiam. Eu travara a tempestade! Eu usara os conhecimentos do livro de Berchan como uma verdadeira feiticeira! O uso da magia implicava recursos físicos e um controlo firme que eu estava longe de possuir. Por isso desmaiara! Por isso tinha tantos lapsos de memória!

Como fora possível...?

O capitão destruiu a distância que nos separava e segurou-me pelos ombros, sacudindo-me com brusquidão e exigindo uma resposta. Talvez devido à proximidade do seu corpo, ocorreu-me uma explicação verossímil: ele salvara-me de morrer afogada e, enquanto estivera nos seus braços, eu aproveitara para tirar-lhe a pedra. Justifiquei-me com tanta convicção, que fiquei certa que ambos haviam acreditado. Throst soltou-me e arrancou a pedra da mão de Krum, levando-a consigo de regresso ao convés. Quando eu pensava que podia respirar livremente, o curandeiro tornou a prender o meu olhar, declarando:

— O Throst só vê o que quer... mas eu vejo mais longe! Nem só forças más andaram à solta esta noite. Durante a tempestade, um relâmpago atingiu a proa do navio e manteve-se suspenso como a chama de uma lanterna, brilhando com uma forte luz azul que se desdobrou em muitas cores. Depois, regressou ao céu qual seta disparada por um arqueiro exímio. Nunca, nenhum de nós observara algo assim. O céu abriu-se, como se duas mãos gigantes o

rasgassem, o vento desapareceu e o mar serenou. Os homens clamam que o prodígio foi obra de Thor, o nosso deus da tormenta, mas eu desconfio de que não foi! Contudo, não irei julgar-te ou pressionar-te. Apenas te questionei, porque o Throst mo ordenou, mas não precisava de fazê-lo. Sei que tu não és má! Entendo que te seja impossível confiar em nós, mas o tempo mostrar-te-á que não somos melhores nem piores do que aqueles que conheces e amas... No fundo, até não somos assim tão diferentes!

Krum partiu, e eu fiquei onde estava, tremendo e arquejando, sem alento para reagir. Tudo isto era demasiado para mim! Eu só sabia levitar objetos, provocar fogos e agitar a superfície da água! No entanto, perante uma ameaça destruidora, vencera miraculosamente um poder muito superior ao meu. No fim da batalha, o meu corpo cedera à exaustão e, quando Throst me encontrara, tirara conclusões erradas. Acreditar que me encontrava entre selvagens só atrapalhava o meu discernimento. A Arte também vivia entre os Vikings, e as histórias que se contavam a respeito de Gunnulf e dos seus horrendos atos de magia negra provavam-no. O instinto avisava-me que Krum era mais do que um simples curandeiro, mas também me garantia que não era mau... E se estivesse enganada? As conseqüências de confiar na pessoa errada seriam fatais! Já estava demasiado exposta perante Krum para me arriscar a dar-lhe as confirmações que buscava. A afinidade que nos unia era pura ilusão, provocada pela minha fraqueza e carência de afetos. Krum podia falar a minha língua e ser filho de uma mulher do meu povo, mas não deixava de ser um bárbaro, de regresso a casa depois de uma campanha sangrenta. Não! Eu não podia confiar! Nem em Krum, nem em Throst, nem em nenhum outro Viking!

Passar o dia sem nada para fazer era um tormento. Apesar de chamar a mim todo o tipo de cogitações, acabava sempre a pensar em Throst, na razão por que o seu rosto me fora revelado há tanto tempo, na desconfiança cada vez mais fundamentada de que também ele já me conhecia, o que significava que possuía uma percepção muito maior do que eu me atrevia a imaginar. Por que motivo os nossos destinos se haviam cruzado? Por que é que um

Viking, responsável pela matança do meu povo, já pusera a sua própria vida em risco para me proteger? E por que é que eu não conseguia desprezá-lo por tudo o que destruía; odiá-lo pelo sangue que derramara? A noite anterior era um punhal cravado no meu orgulho. O capitão devia achar-se irresistível, já que a escrava moralmente obrigada a conspirar contra a sua vida, mal pudera esperar para desfrutar da sua luxúria. Raios! O que é que se passava comigo? Perdera a memória? Perdera o juízo? Perdera o rumo? Eu era Catelyn McGraw, órfã de uma terra destruída, amaldiçoada pela sorte, vivendo para a vingança contra os Vikings... e contra Myrna!

A hipótese de existir um pacto entre a pérfida feiticeira e os meus raptos não era disparatada. Ela profetizara uma surpresa que esmagaria os seus inimigos. O ataque dos Nórdicos à Enseada da Fortaleza realizara os seus desejos: dera o golpe fatal na minha família, livrara a bruxa do domínio de Goldheart e enfraquecera os Aliados. Além disso, o arrojo com que os bárbaros haviam atacado, por terra e por mar, presumia um conhecimento da nossa vulnerabilidade. Porém, apesar de tudo sugerir que isto era mais do que provável, o meu coração recusava-se a admiti-lo. E a grande responsável pelas minhas dúvidas era Aranwen.

A minha avó insinuara que o destino me aguardava nas Terras do Norte. Como Myrna não se arriscaria a enviar-me ao encontro de um aliado, o meu rapto afigurava-se um percalço nos seus planos. Mas esta viagem também não podia ter sido idealizada pela minha avó, já que era consequência da desgraça do nosso povo e da nossa família.

O mistério adensava-se a cada oscilação do *Knarr*.

Decidi quebrar a reclusão antes que enlouquecesse. Afinal, não fora proibida de sair e já estava cansada de agir como uma prisioneira. Revelei-me à luz, prevendo que Throst teria um ataque de fúria e me empurraria de novo para o porão. Porém, ele ignorou-me simplesmente.

A tempestade arrastara-nos para alto mar, e o capitão esforçava-se por recuperar o rumo, guiando-se pela posição do Sol. Ninguém contestava as suas ordens. A fidelidade que os guerreiros lhe

devotavam era digna de admiração. Baseava-se na confiança e na amizade; não no medo, como sucedia com o Conde de Goldheart e, mais recentemente, com o meu pai.

Apesar de a minha mente me ordenar que não levantasse um dedo para auxiliar o inimigo, eu não conseguia ficar indiferente ao cansaço dos que me rodeavam. Alegando a mim mesma para me tranqüilizar a consciência que só o fazia para garantir a minha própria sobrevivência, ofereci-me para ajudar em tarefas simples. Ao contrário do que esperava, a iniciativa foi recebida com agrado.

No final da tarde, avistamos finalmente terra. O acontecimento foi celebrado com euforia. Apesar de estarmos longe de um porto, encontrávamo-nos na rota certa.

O capitão mandou baixar a âncora, para que os companheiros desfrutassem de um merecido descanso. Os homens dispuseram algumas pedras sobre as tábuas do convés e colocaram sobre elas um enorme caldeirão de metal, dentro do qual deitaram toros de madeira. Tentaram pegar fogo à lenha, mas estava demasiado encharcada. Não resisti a dar-lhes uma mãozinha, certificando-me de que passava despercebida. Instantes depois, sentime recompensada quando utilizaram a fogueira para assar os peixes que haviam pescado.

Surpreendi-me com o convite para juntar-me à elite. Comi e bebi com prazer, até pensar que ia rebentar. O meu súbito apetite divertiu-os, e cada um insistiu para que comesse um pouco mais. Tantas atenções constrangeram-me, mas acabei por descontrair-me como nunca pensara ser capaz. Prestando atenção às conversas que fluíam em redor, surpreendi-me ao decifrar algumas palavras. Talvez a língua viking não fosse difícil de aprender! Se ficasse algum tempo entre os Nórdicos, teria todo o interesse em fazê-lo. Não sabia se, no futuro, encontraria alguém tão solícito como Krum para me orientar.

Ouvi falar de Gunnulf e apercebi-me de opiniões contraditórias. Nem todos concordavam com as ações do líder. Sven era um fervoroso dissidente, mas Throst apressava-se a esfriar os ânimos. Steinarr era outro nome repetido com freqüência, o que me levava a

questionar a importância desse homem. Contudo, não possuía dados suficientes para tirar conclusões.

Krum surpreendeu-me ao solicitar a minha ajuda para cuidar dos feridos. Justificou-se dizendo que ficara impressionado com o curativo que eu fizera a Throst, mas eu sabia que o pedido era, acima de tudo, uma artimanha para testar a minha habilidade. Mesmo assim, decidi aceitar. Afinal, não havia nada de errado no desempenho de uma curandeira. Talvez Krum caísse na própria armadilha e denunciasse a sua destreza.

Apesar de o trabalho ser sempre uma satisfação, sentime apreensiva ao verificar que tinha a curiosidade da tripulação depositada em mim. Percebendo o meu desconforto, Krum apressou-se a explicar-me que, entre o seu povo, o nosso ofício era merecedor de grande respeito. Seria preferível que os homens me encarassem como uma curandeira e não como uma mulher. Não que eu tivesse de preocupar-me com o entusiasmo masculino, continuara. Era público que o capitão cortaria a garganta de quem se atrevesse a encostar-me um dedo.

O lume aceso foi útil para a confecção de chás que os homens beberam com satisfação. Graças ao efeito das ervas, as suas forças seriam restabelecidas e as feridas sarariam mais depressa. Eles conversavam entre si e com Krum, agradecendo-me polidamente com gestos de reverência. Dei por mim a sorrir em resposta e a recriminar-me por esquecer que estava a servir o inimigo. Talvez o tempo compensasse o sacrifício do meu orgulho! Este não era o momento certo para me revoltar. O meu pai sempre dizia que se deviam manter os amigos próximo e os adversários ainda mais próximo. Em breve, descobriria se Lorde Garrick tinha razão.

Fiquei perplexa quando Krum me comunicou que o capitão solicitava os meus serviços. Pensei em recusar-me, mas calculei que, se o fizesse, seria recambiada para o porão. Aproximei-me contrariada. Throst já despira a túnica, nada incomodado pelo vento gélido. Falava com Sven e continuou como se eu não existisse. Mesmo dominada pelo nervosismo, esforcei-me por fazer um bom trabalho. Este homem punha-me doente! Detestava perder o controlo diante dele, tanto como me irritava por ver a pedra da

minha avó suspensa ao lado daquele machado ridículo. Forcei-me a terminar, tremendo estupidamente, rubra de vergonha e raiva. Afastei-me sem ouvir uma palavra de apreço pelo meu empenho e, enquanto cuidava de outro guerreiro, remói a frustração de ser ignorada pelo gigante louro e censurei-me por isso.

A noite fechara-se, mas o barco continuava iluminado pela fogueira que ardia dentro do caldeirão. Quando Krum dispensou os meus serviços, percebi que me sentia muito cansada. Porém, não queria recolher-me. Apreciava observar o rebuliço daqueles homens que nunca paravam. Agora dedicavam-se a afiar as poderosas armas e a remendar as roupas. Throst não foi exceção e concentrou-se na lâmina do seu temível machado. Krum surpreendeu-me ao retirar uma pequena flauta da sacola, que levou aos lábios com o cuidado de um amante. Logo, um som doce pairava sobre nós e envolvia a bruma.

O meu coração apertou-se. A melancólica melodia trazia-me à lembrança os serões quentes da Casa Grande. Provavelmente, Krum também sentia saudades de casa e pensava na esposa e no filho. Descobrir que os Vikings dominavam algo tão delicado e profundo como a música foi uma revelação estranha. Interroguei-me se o curandeiro não teria razão quando afirmava que os nossos povos não eram muito diferentes.

Krum chamou por Throst, mas o amigo negou o pedido. De imediato, ouviram-se solicitações por todo o convés, e o capitão foi persuadido a condescender. Também ele trazia uma flauta consigo. As surpresas nunca mais acabavam! Throst era quase tão habilidoso como Krum. Satisfazendo os companheiros, tocaram uma música alegre que pôs a tripulação a bater com os pés e a acompanhar com palmas. Dois jovens ariscos vieram dançar para junto de mim. Aplaudi-os com gosto, depois de premiá-los com as minhas gargalhadas silenciosas mas sinceras.

A festa continuou, e eu acabei por ceder ao cansaço. Acordei quando Throst me pegou ao colo. Tentei esbracejar um protesto, mas não tive força. Desprovida de vontade, aninhei-me nos seus braços e adormeci profundamente.

Sonhei com Stefan. Estávamos deitados na margem do ribeiro, exaustos de tanto nadar. Eu descansava a cabeça no seu peito e abraçava-o pela cintura. Ele acariciava-me os cabelos e beijava-me a testa. Eu sentia-me protegida. Sentia-me em paz...

Acordei com os primeiros raios de Sol brincando com o meu nariz e percebi que o *Knarr* já navegava. Todavia, não foi esse pormenor que me sobressaltou. Eu não me encontrava sozinha! Throst estava deitado ao meu lado! Ou melhor, Throst estava deitado debaixo de mim; a minha cabeça repousava no seu peito, o meu braço envolvia-lhe a cintura e as nossas pernas entrelaçavam-se.

O meu alvoroço despertou-o, e o olhar azul tirou-me o fôlego. O capitão não se moveu, como se esperasse que eu tomasse a iniciativa. Ficar ou fugir? Nunca me sentira tão confusa! Se, por um lado, sabia que devia afastar-me, por outro, rendia-me à emoção da proximidade quente e doce. E, depois de tanta hesitação, era tarde para recuar. Aguardei inerte, sem saber por que coisa, e foi ele quem se levantou e partiu, deixando-me trêmula, angustiada e com o orgulho desfeito.

Era fácil avistar esses animais perto da costa. Tal visão, era um sinal de que estávamos a aproximar-nos.

Estremeci, apreensiva com a alusão ao fim da viagem. O que me aconteceria então? O abrigo dos braços de Throst era um conforto para o corpo e um tormento para a mente. Quais seriam os seus planos para mim?

O *Knarr* atracou num porto muito menor do que aquele onde tínhamos parado para trocar de barco. Um homem muito alto e gordo veio receber-nos. Possuía uma grande barba loura, que começava a ficar grisalha, separada em duas tranças que lhe passavam o peito. Também usava o cabelo entrançado. A sua riqueza era evidente, pois as roupas que vestia não eram simples e práticas como as dos guerreiros. A capa que o cobria estava presa por um broche de prata maior do que a palma da minha mão e a sua túnica tinha aplicações de metais nobres, com desenhos e bordados belíssimos.

As conversas que os homens mantinham eram animadas, mas incompreensíveis, por isso, preferi prestar atenção ao que me rodeava. No porto só se encontrava outro barco de mercadorias, e os dedos de uma mão sobravam para contar os navios de guerra. Em contrapartida, as águas estavam infestadas por pequenos barcos de dois remos, o que indicava que esta era uma aldeia de pescadores. As casas eram semelhantes às da Grande Ilha, pequenas e retangulares, feitas de madeira e com telhados de colmo muito inclinados. Saía fumo da maior parte das chaminés. O ar era gelado, e a escuridão da noite, contrariada por archotes. À medida que avançávamos, os guerreiros foram já se recolhendo, agradecendo a hospitalidade dos amigos. Os habitantes da aldeia eram tão robustos como os guerreiros que me acompanhavam. Fiquei boquiaberta diante das mulheres, quase tão altas como os homens e igualmente encorpadas. Possuíam ombros largos, peitos volumosos como eu nunca vira, ancas avantajadas e longos cabelos de cores claras e brilhantes. Os seus vestidos eram simples e garridos, feitos de lã e sem grandes feitiços, direitos ou pregueados, caindo pelo corpo até aos pés, os mais ricos enfeitados com aventais bordados. Também usavam botas de pele, capas e gorros, tal como os homens. Não vi crianças. Deviam estar recolhidas, pois já era muito tarde.

Paramos diante de uma casa central, maior do que as restantes. Pertencia ao chefe da aldeia, o homem que nos guiava. Assim que entramos, fomos rodeados por uma multidão de jovens escravas, que se apressaram a atender aos desejos dos guerreiros cansados. Levaram-me com elas, tagarelando sem parar e esperando resposta. Não foi fácil explicar-lhes que não podia falar. Depressa perderam o interesse, e eu sentime grata por isso. Estava nervosa e assustada. Os meus olhos deambulavam em busca de Throst ou de Krum.

Toda a extensão da casa era composta por uma única sala. Entre os pilares que sustentavam o telhado pendiam cortinas que, uma vez fechadas, dividiam o espaço originando zonas privadas. Não existiam camas. Calculei que se deitassem sobre as arcas de madeira onde guardavam os haveres. Vi uma mesa grande e bancos compridos e grosseiros, mas nem uma única cadeira. Uma fogueira

central era usada não só para cozinhar, mas também para aquecimento e iluminação. O caldeirão de metal suspenso sobre o fogo libertava um cheiro intenso e agradável a guisado.

O anfitrião, Throst e os seus cinco companheiros habituais sentaram-se em redor da mesa. O capitão parecia esquecido da minha existência. À sua volta pairavam duas raparigas altas e muito louras, desfazendo-se em sorrisos melosos, piscando os olhos sedutoramente e bamboleando as ancas generosas, tal como Myrna fazia quando caçava.

Foi Krum quem me chamou, e depressa percebi que era eu o assunto da conversa. Throst disse algo que provocou uma gargalhada geral. Não consegui evitar que o dono da casa me agarrasse, mas, quando decidiu inspecionar-me os cabelos, não estive com rodeios e ferrei-lhe os dentes com toda a força. O homem gritou, e os convidados desataram a rir, à exceção do capitão. Nada incomodado com as marcas na carne, o anfitrião bateu-lhe nas costas, como se o felicitasse. Throst continuou a dardejar-me com o olhar, enquanto Krum me empurrava para perto das outras raparigas, replicando:

— Esse mau feitio acabará por meter-te em sarilhos! Fica quieta e não saias daí!

Fitei-o magoada. O que esperava de mim? Que eu deixasse aquele homem horroroso passar-me a mão pelo pêlo como se eu fosse um cavalo ou uma ovelha? Se os meus irmãos estivessem por perto tê-lo-iam cortado às postas... Detive o pensamento, magoada pela dura percepção do meu desamparo. Eu era tudo o que me restava.

Enquanto as raparigas serviam o jantar aos senhores, o meu estômago revolvía-se com fome. Apesar disso, cumpri a ordem e mantive-me quieta. Com um pouco de sorte, em breve estariam todos a cair de bêbados ou a dormir, e eu poderia rapar o tacho à minha vontade.

De onde estava, via Throst comendo com satisfação, dispensando atenções às escravas que, depois de o servirem, voltavam para junto das amigas, sussurrando e suspirando, levando as mãos ao peito, revirando os olhos com expressões sonhadoras e sorrisos enlevados. Mesmo entre o seu povo, a beleza e o encanto do capitão

distinguiam-se. Comprovei também que Krum fora sincero quando dissera que a única mulher que desejava era a esposa. Ao contrário dos companheiros, nunca se revelou atrevido ou disponível.

O tempo foi passando, e o meu estômago, resmungando. A iniciativa de alimentar-me partiu de Throst. Instruiu uma das raparigas para que me servisse, ao que ela obedeceu com evidente desagrado. Desafiou-me com o olhar, pousou a malga aos meus pés e virou-me o traseiro. Se pensava que o seu despeito me incomodava, estava muito enganada! Eu queria era comer!

A comida tinha um sabor forte, demasiado salgado para o meu paladar. Mas, com a fome que me atormentava, teria devorado de bom grado um pedaço rançoso de peixe cru.

A noite adivinhava-se longa. A comida nunca faltava na mesa, e a bebida escorria pelas gargantas como o meu ribeiro no Inverno. Apesar disso, aqueles homens pareciam nunca ficar embriagados. As gargalhadas ecoavam pelos quatro cantos da casa, acompanhando as histórias sem fim. Krum tocou a sua flauta, e os homens agarraram-se às escravas e dançaram. Throst manteve-se sentado com uma rapariga sobre cada perna, desfrutando das suas carícias.

Comecei a sentir-me desconfortável, doente de raiva e sem argumentos para justificá-la. O meu estômago revirou-se quando a grande loura, que me tratara, com despeito, beijou os lábios do capitão. Recriminei-me impiedosamente. O que me importava se aquela oferecida devorava aquele imbecil? O que me importava...?

Quando dei por mim, já as chamas da fogueira se erguiam até ao teto, engolindo o caldeirão e provocando um clarão tão violento que despertou as atenções. As escravas gritaram e fugiram para o lado oposto da casa, enquanto os guerreiros corriam a buscar água. Eu forcei-me a acalmar e amansei as labaredas. Instantes depois, o incidente era esquecido por todos, à exceção de Throst e Krum. Mantive o olhar no chão, repreendendo-me pela falha imperdoável. Eu vira bem as reações de ambos: Throst ficara furioso, e Krum sorria. Se eles precisavam de uma confirmação das minhas habilidades, eu oferecera-a numa bandeja.

Por fim, a maior parte dos homens já mal se sustinha de pé. A fogosa escrava tentou regressar para o colo do capitão, mas foi

dispensada.

Sem parecer incomodada com a mudança de planos, arrastou uma tina até um dos cubículos privados, encheu-a com água quente e perfumou-a. Pelos vistos, o grande senhor planeava banhar-se! E certamente não o faria sozinho, pois a risota entre as raparigas não cessava.

À luz tremeluzente da fogueira, Throst deixou os amigos entregues aos prazeres mundanos e dirigiu-se ao compartimento que lhe fora destinado. As duas raparigas que haviam pairado à sua volta, durante toda a noite, mais pareciam predadoras esfomeadas. Sem nenhum pudor, o capitão permitiu que o despissem e ficou nu diante de todos.

Pensei sufocar, estrangulada por garras gigantes e invisíveis. O meu coração ameaçava saltar pela boca, e toda eu tremia. Não sabia o que mais me incomodava, se a visão do corpo masculino, se a forma como as escravas o devoravam com as mãos e a boca, desafiando a imaginação mais ousada. Quando Throst entrou na tina, as duas libertinas apressaram-se a esfregar-lhe a pele, guinchando de satisfação por entre beijos e toques incendiados. Eu não tinha alento para desviar o olhar. Recordava o quanto penara ao surpreender Myrna com Quinn e depois com Lorde Garrick. Throst não me pertencia, mas eu sentia-me insanamente irada, com vontade de ferver a água e cozê-lo dentro dela, como se o seu prazer significasse uma traição.

De súbito, no auge de um beijo ardente, o capitão encarou-me. Continuou a beijar a escrava com os olhos presos nos meus, enquanto a outra lhe acariciava o peito, mergulhando uma mão dentro de água e soltando risadas histéricas. Ao afastar-se, o sorriso de Throst revelou-se provocante e vitorioso, enquanto a sua voz pisoteava os meus miolos: *"Eu estou a dar-lhes o que tu rejeitaste. Elas estão a gostar, e tu estás mordida de inveja, roxa de ciúme, agoniada de arrependimento, louca de raiva..."*

Tentei silenciar o eco dentro da minha cabeça, mas os berros continuaram. Já não era a voz de Throst. Era a minha própria voz! E clamava: *"Tu gostavas de estar no lugar delas! E por isso que estás*

furiosa! Tu queres a atenção dele só para ti! Tu desejas os seus beijos, as suas carícias...”

Quebrei com o nervosismo. Sem me importar de denunciar a perturbação, decidi afastar-me para bem longe. Qualquer refúgio serviria, desde que me poupasse àquela perversão. Nem quis acreditar quando ouvi o capitão chamar-me. Desejava o quê? Que lhe lavasse os pés? Eu não recuara dois passos, e já as raparigas me agarravam e arrastavam até ele, esperneando e estrebuchando como um potro bravo.

Quando Throst me prendeu o pulso, soltei a fúria e arremessei a mão livre contra a sua face. A bofetada ecoou tão alto que a algazarra por trás de nós cessou. O capitão ficou lívido, mal acreditando no meu atrevimento, e o seu olhar tornou-se escuro como a noite. Reiniciei a luta inglória para me libertar, enquanto ele gritava ordens num tom furibundo. As escravas nem se atreveram a hesitar. Da mesa chegou um estardalhaço de gargalhadas. Percebi que a cortina se fechava e entrei em pânico. Throst ia terminar o que deixara incompleto. Ia violar-me! E mesmo que eu pudesse clamar por socorro, quem viria em meu auxílio?

O gigante viking puxou-me para junto dele. Senti a madeira da tina pressionar-me o peito e soube que estava prisioneira da vontade do capitão. Uma escrava tinha o dever de servir o seu senhor. Throst não era melhor do que Oliver! O que esperara eu de um bárbaro assassino? Proteção? Respeito? Compreensão?

Enfrentamo-nos com o olhar. Os meus pulsos doíam, esmagados pelos dedos de ferro, mas eu ainda não estava derrotada!

O súbito aquecimento da água começou a incomodá-lo, e a confusão substituiu o seu ar de desafio. Ao vê-lo esboçar um movimento de desconforto, o meu olhar brilhou vitorioso. E foi esse olhar que me perdeu! Em menos de nada, fui içada por cima da tina e caí dentro de água.

Estava quente. Demasiado quente! Enquanto lutava por respirar, fui forçada a desfazer o truque. Throst arrancou-me da prisão molhada, rindo-se abertamente da minha miséria. Tentei agredi-lo, mas desta vez não tive hipótese. Com uma mão apenas, ele prendeu-me os dois pulsos e, com a outra, imobilizou-me o rosto. A

sua boca capturou a minha, enquanto me puxava para cima do seu corpo. Num abrir e fechar de olhos, o meu mundo estava desfeito.

Eu sentia toda a extensão do corpo nu e excitado do capitão viking por baixo do meu, enquanto os meus sentidos se embriagavam com o seu hálito impregnado de bebida. Queria afastá-lo, mas não tinha força. Toda a frustração e raiva sufocadas durante a noite rebentavam no meu peito. Quando tornei a mim, já correspondia ferozmente aos seus beijos, com as mãos libertas enterradas nos cabelos dourados e na carne rija dos seus ombros poderosos. Percebi que ele me segurava ao colo e transportava para fora da tina. Pouco importava, desde que não parasse de me beijar!

Há muito que Throst deixara de impor-me a sua vontade. As minhas mãos percorriam-no livremente e deliciavam-se com as formas do seu corpo. Os nossos lábios não se separavam, sorvendo e mordiscando.

Cada instante nos seus braços representava a descoberta de novas carícias, de uma sensação mais maravilhosa e devastadora do que a anterior. Perdi a razão e nem notei que me desapertara o vestido, até que o tecido tombou no chão com uma pancada molhada. Tentei cobrir-me, mas Throst impediu-me. Afastou-me apenas o suficiente para mirar-me de alto a baixo. Quedamo-nos nus, um diante do outro, e o seu rosto corado e sorridente não escondia o quanto apreciava a visão. Com uma exclamação baixa e rouca, ergueu-me nos braços e depositou-me sobre a arca forrada com lã de ovelha.

Eu tremia sem controlo e sentia as faces a arder. Throst cobriu-nos com uma manta e deitou-se sobre mim com cuidado, para não me esmagar com o seu peso. Depois de beijar-me até perdermos o fôlego, desceu os lábios até ao meu peito e explorou cada pedaço da carne, acariciando com as mãos, os lábios, os dentes e a língua... O meu corpo recusava-se a obedecer às ordens angustiadas da mente. Eu não conseguia parar! Cada carícia trocada era um doce tormento que eu desejava que jamais terminasse. O capitão era um homem experiente e sabia como agradar uma mulher; como provocar delírio a cada toque, a cada beijo...

Entreguei-me sem reservas. Recebi Throst no meu corpo e arqueei-me ao seu encontro, arfando de felicidade. Jamais sonhara que pudessem existir semelhantes sensações. Cada movimento era uma escalada para um contentamento sem fim. Depressa ultrapassei o muito que experimentara da primeira vez. E Throst não parava!

Dentro do meu ventre formava-se uma bola de fogo que crescia até me enlouquecer. Eu estava prestes a desmaiar... Eu ia morrer! Desnorteada, procurei o olhar azul e percebi que ambos enfrentávamos o mesmo doce tormento. O sorriso de Throst foi a última coisa que vi, antes de perder o discernimento. As estrelas explodiram dentro de mim. Desejei poder gritar, mas sentime feliz por receber os seus gemidos dentro da minha boca, por cravar as unhas nas suas costas e aprisioná-lo no aperto desesperado das minhas pernas. Os nossos corpos fundiram-se numa dança louca e violenta. O prazer era tão intenso que me quebrava pelo meio... e durava... e repetia-se... e repetia-se... até consumir a última gota da minha consciência.

Acordei com a luz penetrando pelas frestas da madeira. Espreguicei-me languidamente, apreciando a doce dormência, e procurei pelo aconchego dos braços que me tinham envolvido durante toda a noite. Não os encontrei. Throst desaparecera.

A cortina continuava fechada, e aos meus pés estava um vestido dobrado, semelhante aos que as raparigas da casa usavam. Comecei a tremer, agoniada e aterrada. Ter-me-ia Throst abandonado? Não passaria eu de um presente para o chefe da aldeia que nos abrigara?

Com o coração aos pulos, enfiei o vestido pela cabeça, atirei a capa sobre os ombros, calcei as botas de pele e atravessei a casa, sem me importar com os olhares desdenhosos das escravas que já labutavam. Abri a porta de rompante, disposta a correr até ao porto e confirmar a minha desgraça. Na cegueira da angústia, acabei por chocar com Krum. Estava tão aflita que permiti-me abraçá-lo com força, temendo que não fosse real. O curandeiro percebeu o meu sobressalto e replicou carinhosamente:

— Não pensaste que te iríamos deixar para trás, pois não?

Confirmei com a cabeça. Fora exatamente isso que eu pensara!

— Sua tola! — ripostou ele. — Por quem nos tomas? Por selvagens sem coração? Vem... O Throst pediu-me para te acompanhar ao barco.

A simples alusão ao nome do capitão fez o meu sangue ferver. Estremeci ao interiorizar que nada sabia acerca dele. Devia ter a idade de Berchan... E se tivesse mulher e filhos à espera, como Krum? Corei violentamente ao recordar a noite anterior. O que começara por ser um duelo de vontades, terminara com uma demonstração de paixão avassaladora. Eu compreendia finalmente os sentimentos irracionais que moviam os amantes. Bastava Throst encostar-me um dedo para que eu esquecesse que ele era um carrasco; que eu desonrava a memória da minha família apenas por partilhar do seu sorriso. Eu fora impotente para combater o ardor de Throst, para lutar contra o fascínio que me devastava quando ele estava presente... E contra a percepção irracional de que a nossa união fora prevista por aqueles que governavam o nosso destino, muito antes de nos encontrarmos.

A emoção e o entusiasmo eram grandes entre os homens. Afinal, iriam dormir em casa nessa noite, nos braços doces e perfumados das suas mulheres e amantes, após longos meses de ausência. Surpreendentemente, nenhum deles me mirou de forma diferente, como eu temia.

Não consegui evitar um sorriso estúpido quando encarei Throst. A brisa gelada da manhã passou por mim e desejei correr para os seus braços, em busca de calor e abrigo. Essa mesma brisa pegou nos seus cabelos e fê-los ondular numa chuva de ouro. O seu olhar azul trespassou-me como uma lâmina gelada e revelou-me que tudo estava errado.

O capitão ignorou-me. Gritou uma ordem para Krum e voltou-nos as costas, misturando-se com os companheiros. Eu fui conduzida ao porão, mastigando uma confusão e uma dor demasiado fortes para exteriorizar. Krum afirmou que regressaria em breve e traria comida. Agora, a prioridade era seguir viagem.

Quedei-me na penumbra, ardendo por dentro e gelando por fora; a mente clamando o quanto fora louca por entregar-me a um

selvagem. Eu rejeitara o capitão, e ele divertira-se a provar que podia domar-me, usando-me para aplacar a febre do seu corpo. Contudo, ao mesmo tempo, o meu coração bradava que não era possível alguém enganar tão friamente. Eu vira o brilho dos olhos azuis, sentira o carinho do seu abraço, o ardor dos seus beijos... Throst poderia ter satisfeito o desejo e dispensado a amante. Mas não o fizera! Preocupara-se com o meu conforto, fora carinhoso e, no final, estreitara-me e embalara-me com palavras doces, que eu ansiara por compreender. Não! Throst não me desprezara! Ele viria assim que pudesse e sossegaria o meu coração. Ele viria!

Krum regressou muito depois. Deu-me comida e água e fugiu do meu olhar atormentado. Não disse uma palavra.

Passei o dia sozinha, consumindo-me em desespero. Perdera eu o juízo? Se os meus irmãos estivessem vivos, morreriam de vergonha! Eu destruíra a minha dignidade, arruinara a minha honra... Aranwen devia estar furiosa! Eu falhava os objetivos que me haviam sido propostos e ainda desgraçava os que dependiam de mim. A cada batida de coração perguntava-me como pudera trair tão cobardemente a memória de Tristan. E agora, qual seria a minha sorte?

Anoitecia quando Krum me chamou para subir ao convés. Não reparou que os caixotes haviam mudado de posição, nem que a água salgada estava colada ao teto do porão. Eram truques simples, que a prática tornava cada vez mais fáceis, e que serviam para manter a minha mente ocupada e disciplinada.

Throst segurava no leme e os homens recolhiam a vela. Brevemente iriam pegar nos remos e preparar a aproximação ao porto. Sustive a respiração ao ver a paisagem que se estendia diante de mim. A reclusão fizera-me perder um espetáculo de indescritível beleza. Apesar da penumbra, era possível vislumbrar as montanhas rochosas que se erguiam em terra, com os cumes cobertos de neve. Lá longe, uma imensidão de penhascos de gelo aguardavam silenciosos. Até a cor do céu e do mar eram diferentes. O vento soprava forte, por isso calculei que tivéssemos percorrido uma grande distância. Seria esta a terra dos Vikings? Sempre a imaginara muito distante... E afinal, já estávamos a chegar!

Krum esperou que eu recuperasse do assombro para murmurar:

— A Terra Antiga é linda, não é? Custa a acreditar que tanta beleza esconda uma vida tão dura e cheia de sacrifícios. Aqui, o Sol não aquece, e a sua luz é pálida, mesmo durante o Verão. O nevoeiro é sempre tão cerrado, que nos venda os olhos. A chuva e a neve também não nos dão descanso. Mas o que mais estranharás será a pouca diferença entre os dias e as noites. Nós vivemos meses de luz e meses de escuridão, dias intermináveis sem que o Sol se ponha e noites intermináveis sem que o Sol nasça...

Como era possível que o Sol se comportasse tão levemente? Eu já ouvira falar desse fenómeno, sem que conseguisse imaginá-lo. Essa era uma das razões por que o mundo civilizado acreditava que a morada dos Vikings estava amaldiçoada. Talvez por isso os seus habitantes fossem homens cruéis, desprovidos de alma e coração!

— Daqui a pouco abraçarei o meu filho — continuou. — Entregarei o seu destino a Thor e dar-lhe-ei o nome dos meus antepassados. Esta noite dormirei nos braços da minha mulher...

Eu tentei que as suas palavras não me comovessem. Aprendera dolorosamente o quanto custava confiar num selvagem.

O capitão mantinha o olhar preso em nós. Eu não precisava de vê-lo para sentir a pressão na minha pele. Desejei cravar-lhe as unhas no rosto e desfigurá-lo. Eu não fora mais do que uma carcaça que Throst devorara para saciar a fome, livrando-se dos despojos da sua conquista sem nenhuma contemplação ou remorso. Jurei que, se mais alguma vez o grande senhor me encostasse um dedo, proporcionar-lhe-ia tormentos que ele jamais esqueceria.

— Compreendo a tua apreensão, mas não te preocupes. O Throst não permitirá que sofras nenhum tipo de provação ou necessidade. E eu prometo-te que, no que depender de mim, serás muito bem tratada na minha casa, na Herdade de Grim.

Fitei Krum incrédula. Eu ia viver com ele? Mas com que justificação, se era escrava de Throst? Então, percebendo a minha perplexidade, o curandeiro revelou o inimaginável:

— O Throst está noivo da minha irmã mais nova. Foi para lhe fazeres companhia que te trouxe para junto de nós.

Halldora, a meia-irmã de Krum, filha de Halla e de Arngrim, era, segundo as próprias palavras do curandeiro, uma menina tão bonita como caprichosa, talvez por ser a mais jovem e a única mulher numa vasta descendência de filhos homens. Vivia num mundo só seu, repleto do melhor que a vida tinha para lhe oferecer e mimada por todos os que a rodeavam.

— A Halldora gostará de aprender contigo acerca de música, dança, costura... Por isso, não trabalharás na casa como os outros escravos. Tal como eu, o Throst ambiciona estabelecer-se próximo da Grande Ilha e quer que a esposa conheça a cultura do teu povo. Quando se casar, no Outono do próximo ano, irás acompanhá-los e cuidarás dos seus filhos. Não ficarás desamparada.

Eu estava demasiado horrorizada para reagir. Krum falava como se eu devesse agradecer a honra concedida. Mal conseguia digerir as informações que me eram lançadas à cara, a sangue-frio. Throst ia casar-se com a irmã de Krum! E eu não passava de um presente para a noiva... como um cão! Além disso, ele esperava que eu ensinasse à sua prometida tudo o que eu própria nunca quisera aprender. Quem pensava o capitão que raptara? Uma dama da corte? Uma princesa? Eu não passava de uma rapariga arrapazada, que nem uma feiticeira tivera o poder de amansar, e Throst pretendia que eu ensinasse a namorada a bordar? Mas isso não era o pior! Como podia entregar-me à mulher com quem se ia casar, depois de dormir comigo? Não receava que eu denunciasses à virginal noiva, o porco desgraçado e sem coração que ele era?

Krum garantia que Signy e Anna, a sua mãe, iam adorar-me:

— A minha mãe, é uma excelente professora. Tu depressa aprenderás a língua e os costumes do povo viking. Talvez também te possa ajudar a tratar o teu problema de voz, pois possui grandes habilidades curativas. Muito do que eu e a Ingrid sabemos foi a minha mãe que nos ensinou.

Ingrid? Quem é a Ingrid?

— A Ingrid é a irmã do Throst — respondeu ele ao meu gesto quase inconsciente. — É a melhor curandeira que eu conheço. Vais gostar dela! Imagino que vós tendes muitas experiências para partilhar. Na minha opinião, o Throst deveria pôr-te a ajudá-la e não

entregar-te à Halldora. A Ingrid está sobrecarregada com o trabalho da quinta, a banca no mercado, a casa, o bebê... Além disso, a curandeira da aldeia faleceu na Primavera, deixando os aldeões aos seus cuidados. Nem imagino como a Ingrid conseguiu dar conta de tudo, durante o Verão!

Senti a cabeça latejar. Isto era um pesadelo! Se beliscasse um braço, iria acordar... Mantive os olhos postos no mar. O que faltava acontecer-me?

Krum continuou a falar, enquanto os homens remavam e o porto se aproximava. Contou-me que Grim, o seu bisavô, fora o senhor de toda aquela região. Tivera um único filho, Eric, que lhe seguira as pegadas. Após a sua morte, as propriedades haviam sido herdadas por Arngrim, o seu primogênito e pai de Krum.

— Quando o meu pai faleceu, a herdade passou para o domínio do filho mais velho. Mas o Gunnulf não tem apego à terra. As campanhas são a sua única paixão. A minha mãe teve de assumir a administração das propriedades, para que estas não se perdessem para algum oportunista. O tempo que lhe sobra mal chega para respirar...

O sangue fugiu-me do rosto. Teria percebido mal? Gunnulf era um dos meios-irmãos de Krum? Afinal, talvez todo o sofrimento e vergonha por que passara tivessem um propósito! Eu ia viver na casa de Gunnulf! O demônio viking estaria ao alcance da minha vingança!

CAPÍTULO 14

Não foi preciso entrarmos na casa para ouvirmos os clamores. Uma mulher em pranto saiu ao nosso encontro e prostrou-se aos pés de Krum. Eu vi as cores morrerem no rosto do curandeiro, antes de ele se precipitar para o interior, seguido pelos companheiros.

A casa de Gunnulf era de construção idêntica àquela onde passáramos a noite, porém mais confortável e rica em tapeçarias e bordados, objetos de cerâmica, estátuas de madeira e bronze. Foi o que apreendi por entre o caos que reinava. Muitas mulheres corriam qual rebanho tresmalhado. Num compartimento isolado por uma cortina encontrava-se uma jovem em grande sofrimento. Krum tentou entrar, desatinado de aflição, mas as mulheres não permitiram. Throst e os outros seguraram-no, esforçando-se por acalmá-lo.

Fiquei esquecida junto da porta. Do lado oposto, surgiu uma rapariga que se pendurou no pescoço de Throst, soltando um guincho de entusiasmo. O seu cabelo avermelhado voou com o impulso e cobriu-os como um manto. Ela podia ser mais nova do que eu, mas era muito mais alta e encorpada. O carinho com que o capitão a recebeu deixou-me arrasada. Só podia tratar-se de Halldora. Desviei o olhar, engolindo o rancor. Neste instante, a vida amorosa de Throst era de somenos importância.

O filho de Krum já deveria ter nascido há algum tempo. O que teria corrido mal? Aproveitei a confusão e aproximei-me da entrada do quarto. Uma mulher de cabelos grisalhos, compridos e encaracolados, dava ordens a outras duas. Uma delas era de meia-idade e grande como um urso; a outra era jovem, pouco mais velha do que eu. Os resultados estavam longe de ser satisfatórios. As forças da esposa de Krum esgotavam-se, e a vida pendia-lhe por um fio, sem que ninguém conseguisse minorar-lhe o sofrimento.

Enquanto eu espreitava, as parteiras decidiam se deviam cortar a carne da jovem para arrancar-lhe a criança. Esse era o último recurso quando toda a esperança se perdia. Recordei a única vez que assistira a uma calamidade semelhante. Lavada, em lágrimas, ouvira a minha mãe explicar que era melhor salvar uma vida do que perder duas. Eu não compreendia o que estas mulheres diziam, mas podia adivinhar-lhes cada palavra. A esposa de Krum não sobreviveria, mas o bebê teria uma hipótese.

Vi a corajosa rapariga, esboçar um débil assentimento, disposta a sacrificar a vida para salvar o filho, e não fui capaz de continuar quieta. Dei um passo adiante, e as curandeiras encararam-me surpreendidas. A mulher mais velha abriu a boca para protestar, mas ficou-se a mirar-me com uma expressão de indecifrável assombro. A mais jovem lançou-me um olhar curioso e não se manifestou. Era muito bela, com cabelos amarelos como o trigo maduro e olhos da cor do meu amuleto. Engoli em seco, perante a semelhança inconfundível. Esta era a irmã de Throst, e a senhora só podia ser a mãe de Krum...

Sem aviso, a urso caiu-me em cima, berrando mais alto do que a moribunda, e derrubou-me com um simples safanão. Não compreendi o seu palavreado, mas era evidente que pretendia expulsar-me do quarto. Encontrei o olhar de Anna, tão verde como o meu, e gesticulei desastrosamente, com as mãos a tremer de nervosismo: *Eu posso ajudar... Deixe-me tentar!*

Pensei que seria expulsa a pontapé, mas o inesperado aconteceu. A mãe de Krum fez sinal para que me aproximasse e dispensou a urso. De imediato, Ingrior cedeu o seu lugar. Eu respirei fundo e deitei todas as hesitações e receios para trás das costas. Mergulhei as mãos na vasilha de água fervida e ajoelhei-me entre as pernas da jovem.

Ergueu-se um burburinho ensurdecador de entre as mulheres mais próximas, provavelmente familiares de Signy. Mostravam-se indignadas, sem compreenderem como é que a dona da casa permitia que uma estranha invadisse a privacidade da família num momento tão crítico. Anna disse algo que as silenciou e encorajou-me a prosseguir.

Eu sabia a responsabilidade que pesava sobre a minha cabeça. Só um milagre salvaria a mãe e o filho, e, se a esposa de Krum morresse, todos me culpariam pela sua morte. Forcei-me a esquecer o medo. Eu nunca perdera uma vida num parto, e esta não seria a primeira!

A minha mãe ensinara-me bem. O momento do nascimento era crucial, pois aí recebíamos as graças divinas que nos guiariam através da vida. Bastava de morte e sofrimento! Esta criança tinha de viver! E eu devia a vida de Signy a Krum, pela generosidade e pelos cuidados que o curandeiro me dedicara durante a atribulada viagem.

Anna ajudou-me, acompanhando os meus gestos com a experiência de quem já trouxera muitas almas ao mundo. Ingrid fez algo ainda mais fabuloso. Colocou uma mão sobre o ventre de Signy e a outra no meu ombro, unindo-nos numa corrente de energia. De imediato o meu cansaço dissipou-se, e fui invadida por uma sensação morna de restabelecimento e conforto. Só Berchan me fazia sentir assim!

Enquanto eu punha em prática uma sabedoria milenar, os desenhos que enfeitavam os pulsos de Ingrid, iguais aos do irmão, ganhavam vida diante dos meus olhos. O majestoso dragão despertava, abria as asas e estendia-as ao vento como duas grandes velas, lançando-se ao encontro do Sol para banhar-se na sua luz.

Não foi uma tarefa fácil. Signy estava exausta e muito assustada. Eu rezava para que as minhas mãos não perdessem a firmeza. O suor escorria-me pela testa e ardia-me nos olhos, enquanto o sangue da jovem me tingia a pele e a roupa. Torcer um pouco... Puxar com cuidado... Um último esforço... e o choro agudo e fresco do recém-nascido abençoou a casa.

Tal como Krum predissera, era um rapaz perfeito e forte. De imediato, Anna segurou no neto e prestou-lhe os devidos cuidados. Agora, eu precisava de agulha, linha e ervas. Ingrid deslizou para o meu lado, atenta aos meus gestos apressados e respondendo de imediato às solicitações.

No instante em que sentira que a sua missão fora cumprida, Signy perdera os sentidos. Deixei a agulha e a linha ao cuidado da irmã de

Throst, aliviada com a sua perícia, e dediquei-me à mistura das ervas. Eu tinha de acreditar! Se acreditasse, venceria!

Enquanto preparava o chá que daria a Signy a força necessária para lutar pela vida, senti o peso do silêncio que me rodeava. Todas as atenções estavam presas à minha figura cansada, desgrenhada e suja. Ignorei-os. Só tinha uma prioridade na mente. Krum dormiria em breve nos braços da sua amada. Signy não ia morrer! Não ia! Não era eu Catelyn McGraw, neta da feiticeira Aranwen da Grande Ilha e irmã do sábio Berchan McGraw?

— O meu filho contou-me que tu és filha da Grande Ilha...

Pousei o olhar exausto na mãe de Krum, e o meu peito encheu-se de calor. Esforcei-me por combater essa sensação de aconchego e simpatia. Eu não podia confiar nesta gente! Apesar de Anna ter nascido na minha terra, trocara-a por um solo selvagem, unira-se a um bárbaro e tivera filhos dele. Esta era a casa de Gunnulf, o monstro que matara Aled. E era também a casa da mulher que ia casar-se com Throst e a quem eu devia servidão.

Os olhos de Anna eram verdes e brilhantes como as folhas frescas das árvores da Floresta Sagrada. Num louco devaneio pensei que, se a minha mãe tivesse vivido o suficiente para envelhecer, seria tão bonita como ela. Sentime subitamente desconfortável e desviei o rosto. Esta mulher parecia ver através de mim!

— Sei que a tua jornada não foi fácil — continuou. — Percebo em ti uma dor muito forte. Todavia, o teu ressentimento não foi suficiente para te impedir de praticares o bem. E esta casa não esquecerá o que fizeste.

Krum foi ainda mais emotivo. Ajoelhou-se aos meus pés e colocou a sua espada diante deles.

— Tens a minha eterna gratidão, Pequena. Dou-me a minha palavra de honra que, em qualquer lugar, em qualquer momento, sempre que precisares, eu estarei ao teu lado.

Eu teria chorado se conseguisse. O meu esforço foi recompensado quando Krum me deixou embalar o seu filho. Eric era um bebê maravilhoso e tinha os olhos do pai; os olhos dos filhos da Grande Ilha. Todavia, eu pressentia que a sua história estaria sempre ligada à do povo viking.

As escravas da casa prepararam-me um banho, deram-me roupa lavada e serviram-me uma refeição quente. Por algum tempo, esqueci que também eu era uma escrava nesta terra hostil. Mas não por muito! Halldora assegurou-se disso.

Mal a oportunidade surgiu, a noiva de Throst caiu sobre mim como uma ave de rapina voraz. Passou as mãos pelos meus cabelos, cacarejando descaradamente, desdenhando da minha altura, da minha figura... e imaginei do que mais. Eu estava tão cansada, que nem tinha alento para protestar. Observei boquiaberta quando Ingrior a afastou. As duas trocaram palavras azedas, e Halldora virou-lhe as costas, dirigindo-se para junto dos homens e para os braços do noivo.

Sem cerimônias, a irmã de Throst deu-me a mão e conduziu-me ao fundo da casa, onde me tinham preparado uma cama. Deitei-me, agradecendo com um gesto débil, emocionada pelo seu cuidado.

Pasmei quando ela me segurou no rosto e despediu-se com um beijo na face, antes de fechar a cortina para conceder-me privacidade.

Ingrior era especial! A energia que brotava do seu espírito impressionava-me. Sem a sua ajuda, eu não teria conseguido salvar Signy e o bebê. Já Halldora era o oposto. O pouco tempo que estivéramos juntas provara que o nosso convívio seria impossível. Confirmava-se que as mulheres de cabelo vermelho eram a minha maldição. Myrna estava longe, mas fazia-se representar divinamente por esta fedelha embirante. Fora essa a mulher que Throst escolhera para se casar? Pois, estavam perfeitos um para o outro!

O sono vencia a última batalha quando o meu corpo se manifestou. Eu conhecia bem aquelas dores, seguidas de uma sensação de desconforto úmido. As minhas regras tinham aparecido. A esperança de salvar um pedaço do meu amor acabara de morrer. Tristan não viveria através do nosso filho, como eu sonhara. Porém, depois de tudo o que acontecera e diante das dificuldades que se adivinhavam, seria loucura desejar uma criança. Mas, alegar que o destino decidira pelo melhor também não me confortava. Eu estava

condenada ao negrume da solidão e do ódio, perdida uma terra hostil e prisioneira na casa do meu maior inimigo.

Halldora era insuportável, mimada, caprichosa, mesquinha, má... Tratava as escravas da casa como se fossem lixo, e eu não era exceção. A sua atitude só mudava quando Throst estava presente. Diante dele, derretia-se em sedução. Observá-los, causava-me náuseas. Doía-me ver o quanto Throst a estimava, mas, logo de seguida, a raiva vencia, e eu só desejava que eles se afogassem no seu próprio veneno. O tempo também evidenciou a adoração de Halldora por Throst e a antipatia que a jovem viking me devotava. Eu jamais conseguiria ensinar-lhe o que quer que fosse. Mesmo que me dispusesse a fazê-lo, a "princesinha" não se rebaixaria a receber lições de uma criada.

Throst raramente parava em casa. Passava o tempo com Krum na quinta, na aldeia, no mercado ou no porto. Longe dele, a sua prendada noiva não precisava de fingir que me tolerava. O desprezo que Halldora sentia era recíproco. Eu preferia seguir a mãe de Krum e atender às suas solicitações, a respirar o mesmo ar que a intragável fedelha.

Anna era uma lutadora. O respeito que impunha a homens e mulheres era exemplar e ninguém contestava a sua autoridade. Só existia uma pessoa a quem devia obediência: Gunnulf, seu enteado e atual dono da interminável propriedade.

A compreensão da intricada rede familiar dos meus captores revelou-se mais simples do que eu supusera. Eric, filho de Grim, o senhor da Terra Antiga, deixara apenas dois herdeiros ao falecer: Arngrirn e Thorgrim. Como seu primogênito, Arngrim herdara a maior parte dos bens e tornara-se, durante muitos e prósperos anos, o homem mais poderoso da região. Imaginei que seria o equivalente ao meu pai, o que contrariava a teoria dos Aliados sobre a desordem social dos Vikings. A Thorgrim coubera um pequeno pedaço de terra que por sua vez, fora herdado por Throst, o seu primeiro filho.

Gunnulf era o primogênito de Arngrim e o seu maior herdeiro. Aos irmãos estavam destinadas porções menores de terreno e sortes distintas. Halldora iria viver com o marido, após o casamento. Krum desejava fixar-se noutras paragens e já manifestara a vontade de

vender a sua parte da herança. Arnorr, o irmão mais novo de Gunnulf e seu companheiro inseparável, só se preocuparia com a terra quando decidisse constituir família. Entretanto, a Herdade de Grim era administrada por Anna e providenciava o sustento de muitos homens livres.

A organização dos afetos na casa de Arngrim começou por causar-me grande assombro, até familiarizar-me com a cultura do povo viking. Os homens não tinham necessidade de esconder as amantes e os bastardos da família legítima. A um Viking era permitido ter várias mulheres, apesar de só poderem contrair matrimônio com uma delas. Geralmente, casavam-se com aquela que a família escolhia e que, muitas vezes, lhes fora prometida no nascimento. Depois, quando se enamoravam de outra jovem, livre, criada ou escrava, tomavam-na para companheira e concediam-lhe a proteção do lar. Os filhos bastardos, desde que reconhecidos pelo pai, tinham os mesmos direitos que os legítimos, à exceção da herança, que era menor.

Arngrim tivera seis filhos com Halla e dois com Anna. Três dos filhos de Halla haviam falecido: um fora engolido pelo mar quando ainda era pequeno e dois, mais recentemente, tinham tombado nas batalhas de conquista. Anna também sofrera a mesma infelicidade de Halla. Trygve, o seu filho mais jovem, fora brutalmente assassinado pelos Vândalos, um povo vizinho dos Vikings, com cultura e tradições muito semelhantes, mas seus inimigos mortais.

Tal como Krum me dissera, o nascimento do pequeno Eric estava previsto havia uma lua, mas a gravidez de Signy prolongara-se quase tragicamente. Ingrior viera para assistir ao parto, mas, com a chegada do irmão e do primo, acabara por ficar mais uns dias, auxiliando-me a cuidar da esposa de Krum. Conversávamos muito, com a ajuda de Anna, trocando experiências na arte de curar, até que o nosso entendimento por gestos tornou desnecessária qualquer tradução.

Ingrior vivia com Throst, com Bjorn, o irmão mais novo, e com Trygve, o seu bebê. A coincidência de nomes levou-me a deduzir que ela fora casada com o filho de Anna. O amor de ambos adivinhava-se tão intenso como breve. Ingrior estava grávida

quando a tragédia ocorrera. Lamentei a sua perda, mas não me atrevi a pedir-lhe pormenores. O assunto era evitado por toda a família, já que as feridas ainda sangravam.

Cada dia que passava, eu sentia-me mais próxima da irmã de Throst. Ingrior era toda alma e coração e a sua bondade transparecia-lhe no olhar e em cada gesto. Tinha o dom de ensinar e foi pela sua mão que dei os primeiros passos na aprendizagem da língua Viking. Existia entre nós uma empatia singular, uma compreensão silenciosa, uma harmonia que eu só experimentara ao lado dos meus irmãos. Mas havia algo mais! Se eu reconhecia em Krum algum conhecimento da Arte Superior, em Ingrior essa habilidade estalava na pele, o que me levava a acreditar que também ela possuía sangue feiticeiro. Sempre que estávamos juntas, as palavras da minha avó sacudiam-me o espírito. Seria em Ingrior que eu iria encontrar o auxílio que buscava? Contudo, apesar de o meu coração estar rendido, eu tinha de conhecê-la melhor antes de arriscar-me a abordá-la. Afinal, o instinto também me instigara a confiar em Throst... e as conseqüências haviam sido desastrosas!

Gunnulf ainda não regressara. Pelo que eu entendi, o chefe viking fizera algumas paragens para dividir o lucro da estação com os seus aliados de campanha. Para mim, a sua delonga era um alívio! Eu precisava de tempo para me habituar a esta gente, à sua cultura estranha e, principalmente, ao frio brutal que me congelava os ossos, a razão e a vontade. E só estávamos no princípio do Outono!

Ingrior ficou desgostada quando Throst prometeu a Halldora que esperaria por Gunnulf, provavelmente porque deixara o filho entregue aos cuidados das criadas da sua casa. Ainda assim, ela condescendeu em ficar com o irmão, para minha satisfação. A sua companhia ajudava-me a subsistir e a restaurar o equilíbrio.

Signy estava a recuperar bem e já tinha força para amamentar o bebê. Krum era um pai babão, inchado de orgulho e contentamento. Sempre que o via com Eric, eu recordava-me de Aled. Como o meu irmão teria sido feliz, se pudesse acalentar o filho! O meu sorriso

enternecido finava no instante em que me lembrava de Gunnulf avançando com a espada erguida.

Na solidão das noites intermináveis, eu planeava exaustivamente a melhor maneira de matar o odioso chefe viking. Contudo, sem querer, o meu coração apertava-se ao imaginar o que Anna, Krurn e Ingrior iriam pensar... Mas logo a revolta se acendia. O que me importava isso? Eu não pedira para ficar órfã, ser raptada e arrastada para esta terra selvagem! Não pedira para ser violada por uma besta e entregue à sua detestável noiva! Porém, quando a mágoa se dissolvia no desalento, a voz perdida no meu espírito recomeçava a tortura: "*Tu entregaste-te ao Throst de livre vontade... E gostaste...*"

Estúpida! Mil vezes estúpida!

Berchan e Stefan sentir-se-iam orgulhosos da facilidade com que eu decifrava a língua nórdica, sem desgaste e com crescente satisfação. Decidi-me a não demonstrar que já compreendia as conversas mais elementares. Se todos falassem livremente diante de mim, eu poderia usar as informações daí extraídas para meu próprio proveito.

Ingrior recebeu o anúncio da chegada de Gunnulf com um sobressalto que não me passou despercebido. De imediato, procurou o irmão e exigiu que partissem. Throst respondeu-lhe que não deixaria a herdade sem falar com o primo e que esperava que ela o acompanhasse. Apesar de contrariada, Ingrior acabou por resignar-se. Para mim, o aparecimento do verme significava o fim da adaptação e o início da vingança. Só teria de aguardar o momento certo para esmagá-lo. Depois de muito pensar, decidira não agir precipitadamente, correndo o risco de ser descoberta. Não podia morrer na Terra Antiga, sabendo que Myrna se banqueteara com a minha desgraça.

Nessa noite, Halldora fez questão de mostrar ao noivo a sua habilidade no toque da harpa. Ao ouvi-la arranhar o instrumento, eu recordei as melodias perfeitas executadas por Melody nos serões da Casa Grande, para deleite da minha família.

Sentia saudades de casa... Sentia uma agonizante sensação de abandono e uma infundável tristeza, que se agravavam quando Throst estava presente. Ele não voltara a aproximar-se, embora eu o surpreendesse muitas vezes a observar-me. Porém, mesmo que tencionasse esboçar um gesto na minha direção, não conseguiria fazê-lo. A noiva só lhe permitia que respirasse o seu ar.

Porque eu comia com as escravas, que depois se embrenhavam em tarefas das quais eu estava dispensada, não me foi difícil lançar a capa por cima dos ombros e sair despercebida. Fui de imediato envolvida pela umidade gelada do nevoeiro imenso que se formava sobre o mar e cobria a terra. A floresta chamava-me. Podia entrar nela e desaparecer...

Quando vi Ingrior, era demasiado tarde para evitá-la. Ela encostou-se à cerca, ao meu lado, e suspirou profundamente, antes de murmurar num tom dorido:

— Tu és um pássaro magnífico encarcerado numa gaiola, sem espaço para estender as asas... Não pertences a esta terra! O Throst cometeu um grande erro... As suas intenções foram boas, como sempre! O meu irmão vive para fazer o bem, para cumprir o que esperam dele... justiça e honra! — Sorriu ironicamente. — E a própria felicidade escapa-se-lhe por entre os dedos!

O que significava isto? Forcei-me a não denunciar a minha vantagem. Porém, quando ela me estreitou num abraço puro e sincero, foi-me impossível esconder a emoção.

— Desejava que viesses para a nossa casa — continuou, como se soubesse instintivamente que eu a compreendia. — A Halldora só está à espera de que o Throst volte as costas para fazer-te mal. Ela não pode evitá-lo! Está-lhe no sangue! E o Gunnulf... Eu nem quero pensar! Se, ao menos, o Throst me desse ouvidos...

As suas palavras ficaram suspensas na bruma. Por fim, com um suspiro esmorecido, tentou convencer-me a entrar, mas eu recusei. Preferia sentir o gelo a cortar-me a pele do que a música de Halldora a rebentar-me os ouvidos. Ingrior respeitou a minha vontade e deixou-me só.

Alheada da realidade, caminhei junto da cerca, deixando a casa para trás. Nesta terra, os ruídos noturnos soavam tenebrosos e

sinistros. O vento era o uivo de uma miríade de almas penadas. Havia lobos por perto. Eu sentia-os deambulando em redor da vedação. Dor, fome e frio... raiva... muita raiva... Pele, músculos, ossos... A escuridão... O medo... Fome, frio e dor...

Duas estrelas romperam as trevas. Ele estava diante de mim, mirando-me com o seu olhar sem idade, belo e letal. Enfrentei-o sem receio e estendi a mão para tocar no focinho gelado.

"A noite espera por nós, Irmãzinha... Vem!"

Seria tão bom esquecer tudo e vencer a noite ao seu lado. Seria tão fácil perder-me da memória dos homens...

— Pequena!

O apelo de Throst despertou-me. Pisquei os olhos, ofegante. O grande lobo cinzento desaparecera.

— Pequena! Volta aqui!

Eu não queria vê-lo. Doía-me demais estar perto dele; pensar como fora tola ao entregar-lhe a minha confiança, contra tudo e contra mim própria. Tamanha estupidez era digna de desprezo!

— Pequena!

Saltei a cerca e embrenhei-me no bosque. O nevoeiro envolveu-me nos seus dedos molhados. Parei de sentir frio. A minha mente fundia-se com a noite e mostrava-me claramente o que me rodeava. A voz de Throst desvaneceu-se e só restaram as batidas do coração selvagem da terra. Ingrior estava enganada. Onde quer que existisse uma floresta, eu estaria em casa!

Os troncos largos das árvores altas denunciavam a idade de muitas gerações de homens. Os animais rodeavam-me, aceitando-me como um elo da grande família. Seguiam-me curiosos. Saltitavam à minha frente como se me guiassem a um lugar especial. Adiante, sempre em frente...

E, no cerne da floresta, o nevoeiro transformou-se em anéis brilhantes, de todas as cores, que brincavam em redor das minhas mãos, do rosto, da cintura, das pernas... O ar ganhava vida, e a sua força magnífica erguia-me do solo e fazia-me flutuar. Fui envolvida por uma dormência doce. Tinha os olhos pesados e o corpo lânguido e aconchegado. O líder dos lobos cinzentos aproximou-se e rasgou um sorriso afetuoso.

"Vieste, Irmãzinha... Não temas! Nós tomaremos conta de ti!"

Mais lobos chegaram. Formaram um círculo, e eu deitei-me no centro, como se assim tivesse feito durante toda a minha vida. Entre os corpos quentes e macios, sentime um bebê protegido dentro do regaço da mãe. O grande lobo deitou a cabeça no meu peito, fixou em mim os enormes olhos de luz e declarou:

"Este é o lugar onde o bem e o mal se anulam; onde a vida e a morte se confundem; onde não existe princípio nem fim... Este é o lugar onde os espíritos saram..."

Estaria adormecida? Ou apenas prisioneira do mais profundo dos encantos? Já não sentia tristeza, desilusão ou dor. Embalada pela calma restauradora, permiti-me esquecer tudo e mergulhar numa paz doce, que se entranhava na pele e espalhava pelo sangue. O meu espírito estava prestes a atingir a luz morna que me atraía irresistivelmente, quando um apelo rasgou a inconsciência e destroçou o equilíbrio, empurrando-me para o caos:

— Pequena! Onde estás? Por favor... Volta! Pequena...

No meu delírio movediço, vi Throst trespassar a fronteira proibida. O cavalo da Herdade de Grim protestou e tentou recuar, mas o cavaleiro forçou-o a avançar.

— Pequena...

Eu sabia o quanto ele era obstinado. Só descansaria quando me encontrasse. Ignorava os avisos da floresta, não porque não os escutasse, mas porque não os temia. Throst desafiava a morte e a morte caminhava lenta e silenciosamente ao seu encontro.

Os lobos moviam-se devagar, invisíveis na penumbra. O nevoeiro não levantara, e o ar da manhã gelava o sangue. As mãos do Viking estavam roxas, e as suas pernas, dormentes. Mas ele continuava...

Acordei sobressaltada. Estava sozinha, mas sabia que a experiência que vivera fora muito mais do que um sonho. Uma morte terrível aguardava por Throst, ao coberto da névoa. Abanei a cabeça, estrangulada pela emoção, com o coração clamando: *"Não! Ele não!"*

Enquanto corria por entre as árvores, vi com os olhos da mente a matilha cercar o gigante louro. Eu tinha de chegar a tempo de

impedi-los!

Os lobos deram-se a conhecer, surgindo do nada, em todas as frentes. O rosto de Throst crispou-se, e, instintivamente, ele desembainhou a espada. Os lobos não recuaram. Em pânico, o cavalo pisoteou a terra. Throst tentou controlar a montada; encontrar uma saída... Mas já não havia fuga possível.

Ao mesmo tempo, os lobos rosnaram, exibindo os dentes aguçados, salivando de antecipação. O frenesi das feras era suficiente para gelar a ousadia do mais bravo dos heróis. O cavalo da Herdade de Grim ergueu-se nas patas traseiras, possuído por um medo instintivo e ancestral, espinoteou e relinchou. Dormente e exausto, Throst foi incapaz de segurar-se. Projetado pelo ar, caiu no centro da matilha que fechava o cerco e ficou estendido, inconsciente, aguardando a morte, enquanto a sua montada fugia num galope desnordeado.

Eu cheguei de rompante e abri caminho até ao guerreiro viking. Ajoelhei-me ao lado do seu corpo gelado e protegi-o com o meu. Os lobos cinzentos estacaram e o grande líder ordenou, desgostoso e zangado:

"Afasta-te, Catelyn! Este homem quebrou as regras. Terá de morrer para que o equilíbrio seja repostado e um novo caminho traçado."

Enfrentei-o com o olhar chispando de raiva e ressentimento:

"E que regras são essas? De que caminho falais? Que mal vos fez este homem?"

A sua resposta foi imediata:

"Apenas os eleitos podem pisar o solo sagrado. O guerreiro perdeu esse direito quando mergulhou na bruma e traiu o seu destino, manchando as mãos com o sangue que estava obrigado a proteger. A morte será um conforto para a sua alma atormentada."

Eu tremia ao sentir o coração de Throst pulsando fracamente por baixo dos meus dedos. Era óbvio que ele estava a ser julgado por muito mais do que a simples transgressão do solo sagrado. Apesar de desconhecer os motivos dos lobos, dei por mim a revidar com a mais pura das convicções:

"Eu não permitirei que o magoem!"

E, de novo, o grande lobo não hesitou:

"Este homem feriu a tua alma, destroçou o teu coração, profanou o teu corpo e mantém-te prisioneira da sua vontade. Não o odeias por isso? Não desejas a sua morte? Não encontrarás no seu sangue o conforto da vingança? Pensa no que o teu povo sofreu às suas mãos. Quantas vidas o seu aço extinguiu? Homens... Mulheres... Crianças... Não sentes o ódio fluir por ti?"

Na minha mente, Throst surgia montado num belo cavalo branco, agitando o seu terrível machado sobre a cabeça, desferindo golpes fatais naqueles que cruzavam o seu caminho. Que diferença existia entre ele e Gunnulf? A diferença residia na dor que trespassava o olhar azul e que eu já testemunhara na ilha. Throst era um guerreiro, mas não jubilava diante do sangue que cobria as suas armas. E a simples percepção desse fato distinguia-o dos demais. Eu só poderia julgá-lo quando todos os mistérios que envolviam o nosso encontro caíssem por terra.

"Ordena a sua morte, Irmãzinha!"

À insistência do lobo, retorqui exasperada:

"Se eu não estou a julgá-lo pela desventura do meu povo, com que direito o fazeis vós?"

Depois de um breve silêncio, o lobo rugiu num tom arrepiante e raivoso de ressentimento:

"Porque ele é um de nós... O filho de Thorgrim traiu o seu sangue quando voltou as costas à missão para a qual nasceu. A sua vida será um preço menor a pagar por tamanha leviandade!"

Recordei tudo o que vivera junto de Throst, num pulsar do coração. Impelida pelo instinto, deslizei sobre o seu corpo inconsciente, cobrindo-o com o meu.

"Se vós quiserdes matá-lo, tereis de matar-me primeiro!"

Desenhei um anel de energia protetora à nossa volta que se expandiu até tocar nas patas dos lobos, forçando-os a recuar. Imune à minha manifestação, o líder trespassou-me com a luz do seu olhar.

"É esta a tua escolha, Catelyn da Floresta Sagrada da Grande Ilha?"

A forma como disse o meu nome perturbou-me tanto, que eu nem tive força para responder-lhe. Engoli em seco, confirmando com a

cabeça. Para minha surpresa, o focinho selvagem serenou, e o olhar da criatura tornou-se quase humano.

"As garras da Lua estão prestes a dilacerar o Sol. Temo que seja tarde para recuperar o muito que se perdeu... Contudo, se o teu coração continua a lutar pelo que deveria ter sido, talvez ainda haja esperança de salvar o pouco que resta! Mas a responsabilidade desta decisão será inteiramente tua, Irmãzinha! Se o filho de Thorgrim não responder ao chamamento do sangue, nós voltaremos para cobrar a sua traição! E tu responderás pela escolha que acabaste de fazer..."

Num piscar de olhos os lobos haviam desaparecido, como se nunca tivessem existido. Eu permaneci inerte, dividida entre o alívio e o temor. Crescera a ouvir as histórias de Berchan acerca dos Lobos Cinzentos, os guardiões das almas atormentadas, mas jamais pensara encontrá-los, quanto mais cometer a imprudência de enfrentá-los. Como pudera eu comprometer-me perante as criaturas sagradas, defendendo um Viking com tamanha convicção? Por que sujeitara a minha palavra... a minha vida, aos caprichos do seu futuro, sem conhecer o seu passado; a razão que motivara este confronto? Quem era este homem? Que força excepcional nos unia contra toda a lógica?

A claridade rompia finalmente o nevoeiro e rasgava as sombras. Junto de mim, Throst gelava a uma velocidade assustadora, como se uma entidade maléfica lhe tivesse sugado a essência da vida. Reparei que a umidade formava cristais no seu cabelo e na barba dourada. Eu sabia que tinha de despertá-lo rapidamente, mas todos os meus esforços se revelaram infrutíferos. O que mais podia fazer? Jamais conseguiria transportá-lo até casa, mesmo recorrendo à magia. Acabei por despir a minha capa e cobri-o com ela, na tentativa de mantê-lo vivo enquanto buscava ajuda.

— Não te preocupes. O Throst ficará bem.

Ergui o rosto, sobressaltada, e o meu coração falhou uma batida ao ver Anna, contemplando-me com o seu olhar verde-floresta. O cavalo que abandonara Throst estava ao seu lado, ainda um pouco inquieto. Perdi o fôlego, esmagada por outra avalanche de interrogações. Se o fato de nos ter encontrado já era assombroso, o

que dizer da sua postura? Eu não estava diante da senhora da propriedade de Grim, mas perante uma entidade muito mais poderosa. Anna pisava solo sagrado sem sofrer quaisquer conseqüências pela transgressão.

Continuei a fixá-la, demasiado confusa para esboçar um gesto, mantendo a cabeça de Throst apertada contra o meu peito. Anna aproximou-se um pouco mais, e tive a ilusão de que pairava sobre uma nuvem, tal era a leveza dos seus passos.

— Então, é verdade! — exclamou num tom grave. — A neta de Aranwen está aqui, diante de mim! Que caprichoso é o destino que revolve as nossas vidas, ao fim de tantos anos!

Sentime gelar por dentro. Ela conhecia a minha identidade. Anna conhecia a minha avó!

— Quando as tuas mãos tocaram em Signy, pensei que tal poder só podia pertencer à neta de Aranwen. — Deteve-se a um passo de mim. — Mas não consegui acreditar... Agora, interrogo-me como pude duvidar! Tu és exatamente igual à tua avó, como duas gotas de água que se fundem numa só. Não tens por que temer, Catelyn! Eu não te farei mal. Sabes quem eu sou?

Neguei com a cabeça, sentindo um aperto no peito quando ela se ajoelhou e me acariciou a face com a mão pequena e delicada.

— Isso não me surpreende, já que os Homens da Grande Ilha devotaram tudo o que é sagrado ao esquecimento. A tua presença aqui só pode significar que os planos daqueles que governam o destino do mundo falharam. Não posso dizer que lamente por eles... Mas lamento pelo sofrimento daquela que foi a minha terra, pelo povo e por ti, pela responsabilidade que pende sobre os teus ombros. Sei quê não tiveste escolha.

Agora eu estava aflita! Como podia ela saber tanto? Diante da estranha que tinha os meus olhos, eu descobri a resposta para a pergunta que me torturava a mente. A mãe de Krum era uma filha da Grande Ilha, e as suas mãos guardavam os segredos da Arte Superior. Anna era uma feiticeira! Uma das irmãs de Aranwen... Anna era minha tia!

Com a ajuda de Anna, não foi difícil deitar Throst em cima do cavalo. Regressamos a casa num passo lento, porque o estado do

capitão assim o exigia e porque tia e sobrinha tinham muito para esclarecer.

O verdadeiro nome de Anna, Mairwen, fora esquecido com o passar do tempo. Tal como a minha avó, também ela tivera de fazer uma escolha dolorosa, quando confrontada com a lei do seu povo e o amor humano. A paixão vencera. O seu homem, apesar de não poder desposá-la, amara-a intensamente até ao último suspiro. Essa era a sua recompensa... e o seu castigo.

— Eu sofro a cada instante, atormentada pela memória do amor que não voltará. Mas é também essa recordação que me mantém viva, alimenta e faz sorrir ao nascer de cada novo dia. Troquei uma vida longa e cheia de glória, pela curta e atormentada existência humana. Mas fui imensamente feliz... E continuarei a ser, com a dádiva do afeto do meu filho e dos meus netos.

O castigo imposto pelos feiticeiros privara-a do seu poder. A minha tia não era mais forte do que uma aprendiz druida. Se eu não tivesse chegado à Casa de Grim a tempo de salvar Signy, Mairwen teria sido forçada a assistir impotente à morte da nora. Contudo, o seu reconhecimento não tinha a extensão que eu esperava. Antes que pudesse regozijar-me pelo seu apoio, já ela refutava:

— Lamento desapontar-te, mas não foi da minha ajuda que Aranwen te falou. Nada tenho para ensinar-te que tu própria já não domines. — Conteve a minha decepção com um gesto firme. — Certamente sabes que a força não é igual em todos nós. E eu nunca fui muito hábil, devo confessar. Tudo o que posso fazer é proteger-te enquanto buscas o teu rumo. Devo-te isso pelo muito que já fizeste pela minha família. Todavia, não seria sincera se não te dissesse que penso que a tua vinda para a Terra Antiga foi um grande erro!

Sentime sufocar perante a crueza das suas palavras. Mal tive tempo para recuperar do choque, e já ela prosseguia:

— Enquanto estiveres comigo, existem regras que terás de respeitar. Tal como na Grande Ilha, aqui vivem-se tempos de turbulência, decisivos para este povo que agora é o meu. Por essa razão, a nossa identidade deve permanecer intocada. Se me desobedeceres colocarás em perigo a tua missão e provocarás a morte de muitos inocentes. Fui clara?

Claríssima! Depois desta conversa, Mairwen continuaria a ser Anna, a senhora da Terra Antiga, e eu a escrava de Throst. Era evidente que a minha presença a desgostava, mas a gratidão forçara-a a estender-me a mão. Quanto a mim, só podia vergar-me às suas condições, até encontrar a ajuda que a minha avó prometera. Sentia-me dividida entre o apelo do sangue e o ressentimento pela sua frieza. Mas as decepções ainda não haviam terminado:

— Presta atenção a tudo o que se refere aos meus enteados. Mantém-te afastada do Throst ou terás sérios problemas com a Halldora. — Ergueu a mão para impedir o meu protesto. — Não te dêes ao trabalho de negar o que existe entre vós. Não o encontrei no teu braços?

Depois de tudo o que já fora dito, qualquer tentativa de justificação parecia-me ridícula, por isso deixei-a continuar, ciente de que o pior ainda estava para vir:

— E, acima de tudo, mantém-te longe do Gunnulf e nada faças para contrariá-lo! Tu és uma coelha na toca do lobo... Esperemos que ninguém descubra de quem és filha, ou a minha proteção de pouco te valerá! — O brilho enfurecido do meu olhar fê-la acrescentar: — Eu compreendo o teu rancor, Catelyn. Porém, aviso-te de que qualquer vingança que planeies irá voltar-se contra ti. O Gunnulf é um homem poderoso, destinado a grandes feitos. O futuro do povo viking depende da sua força. Além disso, goza da proteção de Sigarr, um mestre da Arte Obscura muito mais forte do que a feiticeira que enfrentas. Ele saberá quem tu és, assim que colocar os olhos em ti. O que fará, eu não posso prever.

Eu ainda não conhecia a ameaça e já gelava de medo só de ouvir o seu nome. O meu instinto berrava mais alto do que as advertências da minha tia. Se eu não podia esconder a minha identidade desse feiticeiro, então era uma coelha morta! De certeza Sigarr iria denunciar-me a Gunnulf! Apesar de tudo, Mairwen sossegou-me. Acreditava que o bruxo não ergueria a voz contra mim. Perante a minha incredulidade aterrada, ela explicou-me que o fato de eu ser escrava de Throst desencorajaria a agressividade. Não fiquei convencida, mas compreendi o porquê do seu desagrado pelo

meu aparecimento e a exigência de ocultar a nossa identidade. Eu própria tinha a sensação de que caíra dentro de um vespeiro. Também entendi a importância do pouco que ela podia fazer por mim. A educação e a proteção tornavam-se indispensáveis para a minha sobrevivência e acarretavam um grande risco e um fardo pesado para quem desejava que a sua velhice humana decorresse sem sobressaltos.

Estávamos prestes a chegar a casa quando fiz menção de recuperar a pedra da minha avó. Mairwen deteve-me:

— O Throst voltará a reclamá-la e enfrentarás a sua ira. Não te preocupes, Catelyn. Essa pedra está ligada a ti e, no momento certo, regressará às tuas mãos. — Tocou-me levemente na garganta, franzindo o sobrolho. — Agora, o importante é restaurarmos a tua voz. Mais algum tempo e não haveria cura para esse mal. Contudo, aviso-te de que será muito doloroso!

Eu não tinha medo. Depois de tudo o que já enfrentara, pouco podia assustar-me. Com as recordações, surgiram as perguntas para as quais Mairwen certamente possuía as respostas. Quem era Myrna? Por que perpetuava uma vingança tão vil? Por que nos odiava? Contudo, a minha tia tornou a surpreender-me:

— Um dia saberás a verdade, mas não por mim. Esse assunto é demasiado delicado e doloroso para que eu me atreva a aflorá-lo. Aceita e respeita a minha decisão, porque ela é indiscutível!

Mal controlei a indignação perante esta recusa. A minha insistência foi suficiente para que Mairwen desse por encerrada a conversa. A sua palidez revelava temor... Talvez receasse a vingança de Myrna, quando a bruxa descobrisse que ela me ajudara. Mas não devíamos unir-nos contra esta ameaça terrível? Eu não tinha tempo para decifrar enigmas! Enquanto brincava às escravas na terra dos Vikings, Myrna destruía a Grande Ilha e esmagava a minha família com a sua maldição. Contudo, eu não podia revoltar-me contra Mairwen. Talvez, assim que ganhasse a sua confiança, eu conseguisse convencê-la a contar-me a malfadada história que justificava tamanha destruição.

Depois de tantos sobressaltos e revelações, eu não tinha força para enfrentar o ódio de Halldora. Angustiada e triste, quedei-me sem reação enquanto ela vomitava o seu veneno:

— A escrava tem de ser castigada! E a punição deverá ser severa para que não torne a fugir!

— Não achas que uma noite passada ao relento foi castigo suficiente? — retorquiu a minha tia, cumprindo a sua palavra. — Certamente a Pequena já percebeu que não pode afastar-se...

— E o Throst? — insistiu Halldora, com a voz tinindo de raiva. — O Throst quase morreu por causa dessa ranhosa!

— Não exageres! — Estremeci ao ouvir a voz ainda combalida do capitão soar por trás de mim. — Eu só caí do cavalo! Além disso, se a Pequena não me tivesse encontrado, eu teria servido de pasto para os lobos!

— Vós estais cegos? — berrou a jovem, descontrolada pela ira. — Não vedes o incômodo que esta criatura causou? Quantos homens se arriscaram na floresta, por sua causa? Que exemplo daremos aos outros escravos se não a castigarmos?

— Procurar a Pequena foi o mínimo que pudemos fazer — objetou Krum, suscitando a minha gratidão. — Esqueceste o muito que ela já fez pela nossa família?

— A Pequena não é uma cativa aqui! — resmungou Throst impaciente. — Não tem por que fugir! E fugiria para onde? Tenho a certeza de que apenas pretendia dar um passeio...

— Um passeio? — desdenhou Halldora. — Um passeio numa noite gelada de nevoeiro, para lá da cerca de proteção! Ouçam o que eu vos digo! Esta rapariga é estranha! Estou certa de que atraí os maus espíritos...

— Se é isso que pensas, eu vou levá-la para a minha casa. — Desta vez, a voz de Throst ribombou como um trovão. — Julguei que a sua companhia te agradasse. Jamais imaginei que a Pequena te suscitasse tamanha antipatia!

Senti o coração tropeçar. O meu destino estava a ser decidido diante dos meus olhos, mas fora do alcance das minhas mãos. Anna ordenou-me subtilmente que me mantivesse quieta e tornou a falar, dirigindo-se ao capitão:

— A Halldora está perturbada, porque se assustou quando te viu desacordado. Depois de se acalmar, vai reconsiderar e desejará manter a Pequena. Além disso, o que faria a rapariga na tua casa durante o Inverno?

A insinuação da minha tia tinha o intuito de espicaçar o ciúme de Halldora para que ela mudasse de atitude e convencesse Throst a deixar-me ficar. Ingrior foi a primeira a reagir, replicando com entusiasmo:

— Pois eu acho muito boa idéia! A ajuda da Pequena ser-me-á de grande valia...

— Não! — cortou Halldora, engolindo a ira e o orgulho. — A escrava deve ficar aqui para cuidar da minha educação, como o Throst deseja. — Aproximou-se do noivo e abraçou-o melosamente. — Perdoa a minha ingratidão, querido! Sei que só queres o melhor para mim. Mas fiquei tão preocupada quando partistes! E ver-te chegar naquele estado... Nem sei o que pensei!

A vitória que brilhava no olhar de Anna era fel na minha boca. Os noivos celebraram o fim da desavença com um beijo apaixonado. Este povo não tinha o menor pejo em demonstrar o afeto, em qualquer parte e diante de quem quer que fosse. Ingrior não disfarçava a decepção. Pensei que, noutras circunstâncias, poderíamos ter sido boas amigas. Krum estava satisfeito com o resultado da discussão. E eu percebia finalmente a nossa empatia. Nós partilhávamos o mesmo sangue.

— Então, está decidido! — arrematou ele. — A Pequena ficará conosco por mais um tempo...

— Por mim, pode ficar aqui definitivamente — ronronou Halldora, num tom velado e perigoso. — Depois do meu casamento, não voltarei a necessitar dos seus serviços.

Esperei que Throst me defendesse, que declarasse que eu era sua escrava e não escrava de Halldora. Porém, ele nada disse. Engoli em seco e forcei-me a concentrar no que realmente me importava. Provavelmente, no próximo Outono, quando Throst se casasse, eu já nem estaria na Terra Antiga! Não podia dar-me ao luxo de planear o amanhã da minha vida.

Nessa noite, Anna cumpriu o prometido e preparou-me um chá com uma mistura de ervas que eu desconhecia. Esperou que Throst e Krum fossem verificar se as cercas estavam fechadas e disse na nossa língua:

— Assim que engolires o primeiro gole, enfrentarás um grande sofrimento, como se tivesses a garganta cravejada de espinhos e tos arrancassem um a um, lenta e dolorosamente; como se a tua carne fosse separada dos ossos e uma fogueira ardesse no teu ventre. Sinto muito, mas é a única maneira de contrariar o feitiço.

Aquilo tinha de ser feito e pronto! Bebi de um só fôlego, tão rápido que nem senti o que Mairwen predissera. O sabor era horrível, amargo como fel. Então, a dor atingiu-me qual machadada na garganta. Eu presumira um tormento, mas nada assim, tão insuportável. Encarei a minha tia, sufocada e com os olhos esbugalhados de aflição. Tentando não atrair as atenções das escravas, ela murmurou:

— A dor passará à medida que fores sarando. Vai à rua e respira o ar frio. Sentir-te-ás mais aliviada.

Obedeci, esforçando-me para que ninguém percebesse a agonia que me consumia viva. Já não era só a garganta! As entranhas também me ardiam violentamente. Tive de agarrar-me à cerca com toda a vontade para não tombar no chão. O intolerável piorava a cada instante.

"Maldita feiticeira! Não conseguirás dobrar-me, Myrna! Não conseguirás vencer-me! Eu viverei para o dia em que estivermos frente a frente! Eu viverei para o dia em que te matarei! Não falharei! Não falharei!"

Passado muito tempo, o ar gelado amenizou-me a dor. Ouvei Krum e Throst regressarem da ronda e soltei uma prece para que não me vissem. Depois da noite anterior, o capitão seria capaz de arrastar-me para dentro de casa, presa por uma orelha. Não tive sorte. Num abrir e fechar de olhos, Throst estava ao meu lado. Encostou-se à cerca e fixou o olhar no vazio negro, indagando:

— Não estás a planear outra fuga, pois não?

Ia negar, mas contive-me a tempo. Era suposto não entender o que ele dizia. O capitão continuou num sussurro lento, como se

temesse que mais alguém o escutasse:

— Ontem fiquei desesperado quando percebi que tinhas desaparecido. Enquanto percorria a floresta, por entre a escuridão e a névoa só te imaginava caída num buraco, ferida ou magoada, à mercê dos animais selvagens, sem conseguires gritar por ajuda... Essa idéia quase me enlouqueceu!

Era a primeira vez que Throst me procurava, depois da noite em que a vergonha descera sobre mim. Para que servia esta sua conversa mansa? O que esperava ganhar com este monte de mentiras? Como se me lesse o pensamento, ele prosseguiu num tom irônico e amargo:

— Se me compreendesses, pensarias que sou louco! Sei que me odeias. Não entendes... Eu não tive escolha! Junto de ti, perco a razão, esqueço tudo... Mas a realidade não perdoa! As famílias devem permanecer unidas... E a Halldora não tem culpa! Não tem culpa de que eu...

As palavras perderam-se por entre a respiração acelerada. Senti a força do seu olhar, mas não tive coragem para encará-lo. Saltei quando a sua mão cobriu a minha. Libertei-me com brusquidão e enfrentei-o com um esgar fulminante. Eu já tinha muito com que me preocupar sem que ele voltasse a torturar-me com a sua atenção!

Com os olhos cravados nos meus, Throst insistiu num tom rouco e ofegante:

— Eu não estive sempre inconsciente... Sei que foram Lobos Cinzentos que assustaram o cavalo. Eu vi-os, como há muitos anos... E tu avançaste por entre eles incólume... e protegeste-me. — Um longo suspiro denunciou a confusão que o afligia. — Eu não sonhei! Não delirei! Que poderes escondem esses olhos verdes, capazes de enfeitiçar as feras mais temíveis?

— Throst! Amor... onde estás?

A voz de Halldora ecoou na noite. Agradei pelo esconderijo da penumbra. Enfrentar a fúria da fogosa noiva de Throst era só o que me faltava! Ele respondeu ao apelo, mas não se moveu. Por fim sussurrou, intensa e determinadamente:

— Um dia, iremos entender-nos e haverá muito para explicar! — Tornou a capturar-me a mão, com uma segurança que não admitia

protestos. — Mas, até lá, espero que compreendas que te sou grato por me teres salvo a vida.

Arrepiei-me com o toque do seus lábios na minha mão. Que loucura era esta? Incapaz de enfrentar as emoções contraditórias que batalhavam dentro do meu peito, fechei os olhos e recuei. Quando os abri, Throst desaparecera. As minhas pernas estavam moles e tive de apoiar-me na cerca para manter o equilíbrio. Sentia a cabeça a rodopiar. Havia demasiadas coincidências nesta história. E quanto mais eu descobria, mais confusa ficava.

Throst salvara a minha vida. Eu salvara a vida de Throst. Nenhum de nós entendia porquê. Nenhum de nós desejava aproximar-se, mas o destino contrariava todos os nossos esforços. O capitão viking descobrira que a rapariga que raptara era diferente. Eu descobrira que existia muito mais nele, para além do guerreiro e do homem. Se a revelação da sua ligação aos Lobos Cinzentos não fosse suficientemente assombrosa, o líder da alcatéia ainda associara a nossa sorte. A defesa acalorada que eu empreendera e que não conseguia justificar devolvera-lhes uma esperança para além do meu entendimento. A única certeza que retirara do incidente fora o tremendo peso que lançara sobre os meus próprios ombros. Se Throst não cumprisse a enigmática missão, as criaturas sagradas responsabilizar-me-iam pela sua falha.

Às questões que sempre me acompanhavam, juntavam-se outras igualmente espinhosas. Prostrava-me pensar que as respostas estavam fora do meu alcance, pois a única que podia elucidar-me recusava-se a fazê-lo. A euforia que sentira ao descobrir que Mairwen era minha tia não tardara a finir. Encontrar a irmã da minha avó na terra dos meus raptores e na casa do assassino de Aled era algo que jamais imaginaria. Contudo, tal prodígio provava que a minha viagem até esta terra selvagem não fora um mero acaso.

Depois da nossa conversa, eu matutara na necessidade de falar à minha tia acerca da maldição das pedras mágicas. Todavia, cada vez que pensava em fazê-lo, a voz sumia-se da minha mente. De qualquer forma, seria inútil. Mairwen enterrara o seu passado na

Grande Ilha e pouco se importava com a sorte da nossa família. Agora, ela era Anna do povo viking, e só a manutenção da posição que conquistara entre esta gente lhe interessava. O seu apoio cessaria no instante em as suas regras indiscutíveis fossem quebradas.

CAPÍTULO 15

Se a sociedade viking se assemelhava, em alguns aspectos, à minha cultura de berço, noutros, era tão distinta, que eu sentia dificuldade em conceber os próprios conceitos.

Depressa descobri que os excêntricos afetos de Arngrim não eram uma exceção e sim a regra nas famílias de maiores posses. Porém, se existiam casos como o de Halla e Anna, em que a esposa legítima aceitava a presença da amante do marido, noutros o ódio sobrepunha-se à razão. As discussões entre rivais podiam ser violentas e acabar num banho de sangue.

O modo como Throst agira com as escravas e comigo, na casa do seu amigo, apesar do compromisso com Halldora, era trivial. Um bom anfitrião punha sempre as suas escravas à disposição dos convidados. E um homem deitar-se com uma mulher socialmente inferior não significava um desrespeito para com a sua noiva ou esposa.

As raparigas que não estavam presas às amarras dos casamentos por conveniência, podiam escolher os seus maridos. A união dos corpos, mesmo nas mulheres, era encarada com naturalidade. Por isso, se uma donzela se apressasse a descobrir os segredos do amor, ninguém a condenaria, se bem que a castidade fosse encorajada e desejável. Existia sempre o perigo de o rapaz arisco se recusar ao casamento, depois de obtido o doce troféu. É claro que, provavelmente, não se vangloriaria do fato, já que teria toda a família da jovem desonrada no seu encalço, ansiosa por cravar-lhe o aço na carne. A gravidez era evitada, como na minha terra, através de uma mistura de ervas e raízes, mas não se falava desse assunto mais do que o necessário.

A dissolução do casamento, à qual chamavam "divórcio", foi um conceito novo. Quando me esclareceram que, se um Viking

desgostasse da pessoa com quem se casara ou tivesse alguma razão válida contra ela, podia separar-se e voltar a casar com outra, eu mal consegui segurar o queixo. A facilidade com que tal era feito ainda me deixou mais perplexa. Bastava que o homem ou a mulher descontente declarasse essa vontade e justificasse as suas queixas perante três testemunhas. Claro está que, na prática, isto não era assim tão linear. Por que iria um homem divorciar-se, se podia ter quantas mulheres desejasse? E o inverso era complicado, porque uma mulher que deixasse o marido voltaria a tornar-se um fardo para a sua família, a não ser que já tivesse um homem solteiro em vista. Mas os homens solteiros não abundavam na Terra Antiga, e sair de uma posição social privilegiada para se tornar uma segunda ou terceira mulher numa casa estranha não era uma opção inteligente. Além disso, ainda havia a questão dos filhos... Mesmo assim, o conhecimento desta possibilidade provou-me que as mulheres vikings possuíam direitos à luz da lei, pessoais e sociais, que na Grande Ilha seriam inimagináveis.

Tudo isto explicava por que ninguém questionara o relacionamento de Throst com a sua escrava. Halldora também não podia fazê-lo, por isso esforçava-se para provar-lhe que eu não prestava e tentava convencê-lo a vender-me. O seu receio era legítimo. Mesmo depois de casado, Throst podia manter-me como amante e até ter filhos comigo. Fiquei indignada quando Anna opinou que era essa a sua intenção. E prosseguiu, avisando-me de que Halldora jamais admitiria dividir o seu homem. Por mais que eu argumentasse que a sua suspeita era infundada, a minha tia não se demoveu. Acreditava que Throst representava uma ameaça ao desempenho da minha missão... e que eu representava uma ameaça ao seu equilíbrio familiar.

Gunnulf chegou finalmente; um homem enorme, tão alto e musculado que metia medo. Os seus cabelos e a barba encrespada tinham reflexos de fogo, e os seus olhos eram de um verde estranho, da cor indefinida do mar tempestuoso. Nas faces e na testa tatuara símbolos negros, que o tornavam ainda mais

ameaçador. Apesar de tudo, as mulheres da sua raça achavam-no muito atraente. Eu espantei-me com a sua semelhança com Halldora, e Anna confiou-me que o enteado era igual ao falecido pai.

Arnorr também herdara as feições de Arngrim, mas o seu temperamento era suave e subtil. Parecia a sombra de Gunnulf, sempre atendendo aos desígnios do irmão sem possuir vida própria. Vi nele um baú fechado, cheio de segredos. O seu olhar recordava-me o de Oliver e causava-me arrepios.

Mas a verdadeira definição da palavra sinistro estava personificada em Sigarr. Mal pousei o olhar no feiticeiro a quem Gunnulf confiava a vida, fiquei petrificada. Apesar das recomendações de Anna, não pude desviar a atenção do homem alto e magro, de olhos azuis vivos e cabelos louros, lisos e compridos, que lhe passavam a cintura. E ele correspondeu à minha curiosidade. Eu sentia a força da sua mente trespassar-me, mas, ao contrário do que seria lógico e previsível, o rosto de Sigarr abriu-se num sorriso irônico, de puro deleite, como se tivesse acabado de descobrir uma ovelha premiada no seu rebanho. O meu instinto deveria estar a vibrar em alarme. Porém, estranhamente, sosseguei, com a clara impressão de que não precisava de temê-lo.

Tal como Throst, também Gunnulf se fazia rodear por uma guarda pessoal de guerreiros-lobo. Contudo, apenas um deles era jovem como os amigos do capitão; os outros eram homens maduros, com o aspecto tenebroso salientado por cicatrizes horrendas que eles ostentavam com vaidade.

Ingrior limitou-se a cumprimentar friamente os recém-chegados e afastou-se. Reparei que os olhos de Gunnulf não a abandonavam por um instante, mas não consegui deslindar o que se escondia por trás deles. Nasceu em mim a convicção de que sucedera algo entre ambos, no passado, que suscitava a antipatia e o receio da rapariga.

Halldora mal cabia em si de contentamento pela chegada do irmão mais velho. Foi ela a primeira pessoa a despertar a atenção de Gunnulf sobre mim. O monstro franziu o sobrolho, mas não tardou a soltar uma gargalhada de desprezo, certamente interrogando como era possível que a irmã se sentisse incomodada ou ameaçada por uma mulher como eu.

Os guerreiros trocaram impressões acerca do sucesso da campanha de Verão. Fora uma estação afortunada, onde não só tinham acumulado riquezas inestimáveis como também haviam eliminado adversários de peso. Mais do que uma vez, ouvi falar no Conde de Goldheart. Não fiquei surpreendida quando felicitaram Throst pela sua morte. O valor de um guerreiro também se media pela quantidade de inimigos que abatia. Porém, quando o nome de Garrick McGraw se destacou dos demais, fiz-me branca como leite e pensei que ia desmaiar. Fechei os olhos e respirei fundo. Eu tinha de resistir até ao fim. Por mais que isso me doesse, eu tinha de saber...

Gunnulf extravasava um grande ódio e muita, muita frustração. Tivera Lorde Garrick ao alcance da sua espada... Por entre berros e murros que faziam saltar tudo o que se encontrava em cima da mesa, percebi que o líder viking medira forças com o líder dos Aliados da Grande Ilha e o ferira. Porém, a guarda pessoal de McGraw interviria e defendera-o. No último instante, o meu pai escapara ao ferro da besta e desaparecera.

Eu não consegui descobrir a extensão da gravidade dos ferimentos de Lorde Garrick. Estava tonta e sem força nas pernas. Anna compreendeu o meu sofrimento, levou-me para o lado oposto da casa e começou a ensinar-me como trabalhar a lã para posteriormente a tecer nos grandes teares. A minha tia não sabia que, além dos nomes, eu entendera o conteúdo da conversa. Como podia concentrar-me em fiar, quando a sorte da minha família era o assunto discutido à mesa dos bárbaros?

Também não obtive nenhuma pista que me elucidasse acerca do paradeiro dos meus irmãos. Pensei ouvir Gunnulf falar de Aled, mas fiquei sem a certeza de o ter compreendido bem. Para o chefe viking, só o célebre Garrick McGraw importava. Todas as outras vítimas do seu aço não passavam de carne inimiga.

A noite foi avançando lentamente, qual agonia mortal. Os homens continuaram a conversar, a rir, a festejar, a beber e a comer, depois de as senhoras se recolherem. Apesar de eu usufruir de um tratamento superior ao das escravas, que dormiam no chão por entre mantas, também dormia junto delas, sobre um caixote de madeira, sem uma cortina para garantir a privacidade. As escravas

continuariam acordadas, a servir os homens de quantas maneiras eles desejassem, mas eu tinha permissão para descansar. Senti vontade de suplicar à minha tia que me deixasse dormir aos pés dela, mas, ao fazê-lo, atrairia sobre mim a atenção do inimigo, e isso era a última coisa que eu pretendia.

Apesar de tremer tanto que mal conseguia dar um passo, forcei-me a atravessar a casa para procurar o abrigo das cobertas. Ao passar pela mesa, ouvi um apelo que me gelou:

— Pequena! É assim que te chamam? Vem cá!

Fiquei onde estava, olhando para Throst e Krum numa súplica silenciosa de socorro.

— Ela não te entende, Gunnulf — começou Throst. — E não esperes que fale. É muda.

A gargalhada do monstro transformou-me em geleira. Com apenas dois passos, agarrou-me o pulso e arrastou-me sem contemplações até à mesa, enquanto escarnecia:

— Muito se falou a respeito da mulher que escolheste trazer para casa... E, afinal, olhem para isto! Tem um corpo de criança; mais parece um cão esfomeado! E, ainda por cima é muda? — Hesitou antes de ironizar. — Se bem que isso pode ser uma vantagem! Quantas vezes vós já desejastes arrancar a língua a uma mulher?

Todos riram, sem exceção, e isso magoou-me mais do que o aperto que me esmagava o pulso.

— Solta-a, Gunnulf — apelou Krum finalmente. — Estás a aleijá-la!

Além de ignorá-lo, a besta ainda aumentou a pressão dos dedos. Torci-me de dor. Pelo menos, ele não teria o prazer de me ouvir gritar.

— O que pensas fazer com ela, Throst?

Reconheci o perigo na voz de Gunnulf, no momento em que comecei a ver estrelas. A resposta de Throst pareceu-me um murmúrio longínquo:

— Eu trouxe a Pequena para a tua casa para que ensine à Halldora os costumes da sua gente. Depois do casamento, decidirei se ela virá viver conosco ou se ficará com a minha irmã.

— Não estás a pensar torná-la tua amante, pois não? — A pergunta de Gunnulf soava como uma ameaça. — A minha irmã

ficaria muito contrariada! E sabes como a felicidade da Halldora é importante para mim... primo!

— Já te confiei os meus planos.

— Dá-me a tua palavra!

Foi uma pausa quase imperceptível, como um bater de coração, mas eu senti nas minhas entranhas que o sangue de Throst fervia.

— Tens a minha palavra.

Gunnulf libertou-me com um safanão, e eu caí, prostrada pela dor. Ouvi-o replicar, enquanto retomava o seu lugar à mesa:

— Eu sei que tu és um homem de palavra, Throst, e que não te esquecerás do compromisso que acabaste de assumir. Agora, falemos de assuntos mais importantes...

O tempo pareceu deter-se enquanto eu agonizava, caída no chão, magoada no braço, ferida no orgulho e paralisada pelos nervos que me mastigavam a consciência. Desejei morrer. Só a morte poria um fim a este martírio.

Quando duas mãos macias e quentes me envolveram, acreditei que estava a sonhar. Os meus olhos revelaram-me Ingrid e uma paz doce não tardou a invadir-me. Devagar, consegui caminhar até à cama. Ingrid sentia o meu sofrimento e esforçava-se para amenizá-lo com o seu talento, enchendo-me de energia curativa. Por que o fazia, talvez nem ela soubesse. O fato é que deixara a segurança e o conforto da sua cama para acudir a uma escrava estrangeira que fora humilhada pelo senhor da terra.

Deitada, meio moribunda, reparei que Gunnulf não desviava o olhar da sua graciosa figura, enquanto a irmã de Throst atravessava a casa, de regresso à cama. E, de repente, exclamou:

— Vejo que o tempo não endureceu o teu coração, querida prima!

Todas as vozes feneceram, como se da reação de Ingrid dependesse o nascer de um novo dia. Ela continuou a afastar-se num passo rápido, com um esgar de declarado desprezo distorcendo-lhe as faces perfeitas, sem sequer se dignar a olhá-lo. E foi Throst quem tomou a iniciativa de prosseguir com a conversa, rasgando o silêncio que solidificava o ar.

Apesar de o meu pulso não estar partido, não poderia mexê-lo durante dias. O meu ódio por Gunnulf atingiu proporções imensuráveis. As revelações que eu escutara em nada amenizavam a minha agonia. Pelo contrário, deixavam-me prisioneira da incerteza e com a terrível convicção de que, se Gunnulf desconfiasse de que albergava a filha de Garrick McGraw sob o seu teto, me mataria de imediato. Por isto, concluí que Throst desconhecia a minha identidade. Ele já provara que não me queria mal e, se soubesse que eu era uma McGraw, não me deixaria à mercê do primo.

O meu segredo estava nas mãos de Sigarr. Se o feiticeiro decidisse denunciar-me ao seu protegido, poderia a minha tia valer-me? Era óbvio que não! Desejei partir com Throst e Ingrior, mas até isso já se tornara impossível. Halldora espalhara bem o seu veneno. Throst não voltaria a aproximar-se de mim. A palavra de um Viking era sagrada e a sua quebra podia ser punida com a morte.

Throst regressou à sua casa, levando consigo a pedra de Aranwen e deixando-me afogada numa sensação de angústia e abandono. Ingrior despediu-se de mim com pesar. Depois de certificar-se que estávamos sós, gesticulou enquanto falava para que não restassem dúvidas:

— Tem cuidado com o Gunnulf! Mantém-te longe dele... E nunca, nunca o contraries!

O seu beijo carinhoso fez-me sentir ainda mais desamparada e triste.

O meu receio de ficar sozinha com Gunnulf não se justificou, pois ele partiu no mesmo dia que os filhos de Thorgrim, a fim de visitar a sua extensa propriedade. Após tantos meses de ausência, queria assegurar-se de que as suas quintas estavam a ser bem administradas.

Halldora manteve a decisão de fazer-me a vida negra. Era a única pessoa na casa que não trabalhava. Passava os dias a dar ordens ridículas às escravas, a experimentar os vestidos que Gunnulf e Throst lhe tinham oferecido, a exhibir-se em frente do espelho, a encher a cara com cremes e tintas e a experimentar penteados. Eu

reconheci algumas das roupas e só contive a ira a custo. Quase gargalhei de despeito quando surpreendi Halldora a tentar enfiar-se à força dentro de um dos vestidos de Melody. A avantajada viking teria de nascer de novo, para sonhar ter a figura elegante da minha cunhada! Por fim, acabou por escolher alguns trajes e ordenou a uma escrava que os desmanchasse e ajustasse ao seu corpo.

Mairwen cumpriu a promessa e resgatou-me das garras da enteada. Sozinhas nos campos, no estábulo ou no celeiro, executando as tarefas diárias, ela concedeu-me liberdade para praticar a Arte, ajudou-me a aperfeiçoar a técnica e ensinou-me pequenos truques, cuja importância viria a revelar-se inestimável para suprir as falhas do meu verdadeiro treino.

A minha primeira lição foi especial, pois forçou-me a enfrentar um dos meus maiores temores. Mairwen estendeu a mão com a palma virada para cima, murmurou um pequeno encanto e ordenou-me que o repetisse. Eu começara o tratamento da garganta, há poucos dias e estava longe de conseguir falar. A minha tia explicou-me que a magia não precisava de ouvir a nossa voz. Eu só tinha de esboçar os movimentos dos lábios para que as palavras se enraizassem em mim. E, com a prática, acabaria por fazê-lo apenas com a ajuda da mente.

Obedeci e observei uma pequena chama nascer do nada, dentro da minha mão. A primeira reação foi de temor. Eu sabia lidar com o fogo, mas nunca me atrevera a tocar-lhe. Depois de tantos pesadelos que profetizavam que morreria queimada, era-me impensável imaginar uma chama em contato com a pele, sem me magoar. No entanto, ali estava! Mairwen explicou-me que o lume mágico só era quente quando nós o desejavamos. A nascente de fogo escorreu-me por entre os dedos; um ribeiro de vermelho-vivo que eu podia arrefecer ou aquecer, conforme a minha vontade.

Berchan ensinara-me pequenos truques para ajudar o próximo, restabelecer a força e curar maleitas. Com Mairwen, aprendi a provocar incômodos e a criar ilusões. Isso era mais difícil, mas muito divertido. Quantas vezes tive a tentação de usar os novos ensinamentos em Halldora! Imaginava o que a irritante fedelha faria, se se olhasse no espelho e visse os seus belos cabelos coloridos de

verde, azul ou o vermelho garrido usado para tingir a lã. Todavia, consegui vencer a tentação de revidar, testando o meu controle sempre que ela me inferiorizava. Depois de conviver com Myrna, ignorar a vaidosa noiva de Throst era uma brincadeira!

Na Terra Antiga, as raparigas casavam-se a partir dos doze anos. Throst fazia questão de aguardar até que a noiva completasse os quinze, no próximo Verão. Mas Halldora estava impaciente. Fora prometida ao primo no berço e crescera na expectativa de possuí-lo como homem. Eu compreendia a sua ansiedade, pois cedera ao encanto de Throst poucos dias depois de conhecê-lo. E essa recordação ainda fazia o meu sangue ferver, embora amargasse como fel, pois era o testemunho da minha fraqueza, da minha traição, uma grande mácula na minha alma. Felizmente, não voltaria a acontecer. Gunnulf assegurara-se disso.

Gunnulf... Mesmo ausente, esse homem era como um deus, sempre presente no pensamento de todos, influenciando cada gesto. Ninguém escondia a admiração pelo poderoso líder. Ao aperceber-se da confusão que o culto desse bárbaro cruel me provocava, Anna contou-me uma história que esclareceu o fascínio do povo: Na sociedade viking, os jovens do sexo masculino tinham de sujeitar-se a duras provas de força e coragem para merecerem o respeito dos adultos. Essas provas consistiam em lutas com os mais velhos, na resolução de enigmas, em provas de natação e caçadas na floresta. Mas os candidatos a guerreiro tinham de fazer ainda mais.

Esses rapazes temerários eram abandonados em parte incerta da floresta, sem mantimentos, apenas com uma arma na mão. Era-lhes imposto que encontrassem o caminho de volta, antes de os mais velhos partirem no seu encalço e os resgatarem, por vezes mortos pelas feras ou gelados pelo frio. Aqueles que saíam vitoriosos da floresta eram louvados pelo povo. Mas, de entre estes, era a própria natureza quem decidia quais os mais capazes, os mais corajosos, os melhores entre os melhores.

Os Vikings acreditavam na partilha da alma entre o guerreiro e o animal selvagem. Segundo eles, a fera escolhia o seu homem e não

o contrário. Ao abrigo da escuridão pura e implacável da floresta o guerreiro travava uma batalha, de igual para igual, com um espírito poderoso, que quase sempre assumia a forma de um lobo. Se o lobo vencesse, reclamava a alma do homem. Se o homem vencesse seria considerado excepcional entre os seus.

Poucos guerreiros tinham a honra de enfrentar e vencer este desafio. Em batalha, eles eram os primeiros a avançar, os mais intrépidos e os mais temidos. Assim nascera a crença de que os guerreiros vikings se transformavam em animais, alimentada pelo medo que a visão das peles que usavam como troféu suscitava nos seus inimigos. Eu já conhecera alguns desses guerreiros, companheiros de Throst e de Gunnulf.

A história de Gunnulf poderia ter sido igual à dos guerreiros-lobo... Mas fora diferente! O desafio que a natureza lhe impusera fora excepcional. Na sua transição para a idade adulta, a fera manifestara-se-lhe de uma forma singular. Gunnulf não enfrentara um lobo. Enfrentara um urso... e vencera-o! Era a pele desse fabuloso animal que o acompanhava nas batalhas e consolidava a convicção da sua transformação de homem em besta. Ficava explicado por que razão Gunnulf era adorado pelo seu povo e temido pelos seus rivais e inimigos.

Depois da noite em que o chefe viking quase me partira o braço, eu refletira nas minhas hipóteses de sobrevivência e concluía que o pânico não era um bom conselheiro. Mesmo que Gunnulf descobrisse a minha identidade, certamente desejaria usar-me em seu benefício. Matar-me não lhe traria nenhum proveito. Pelo contrário, colocá-lo-ia numa posição delicada perante o primo, já que Throst era o meu senhor. Tomar conhecimento da força da sua essência não diminuiu a minha resolução de enfrentá-lo. Agora, a minha vantagem aumentara, porque sabia que Gunnulf não era um homem vulgar. Aled não conseguira subjugar o colosso, porque não estava preparado para enfrentar a fera na sua alma. Mas, quando o momento chegasse, eu olharia o urso nos olhos... E venceria!

Fiquei satisfeita quando Krum voltou para casa. Signy sarara bem, mas estava saudosa do marido. Halldora era insuportável para com a cunhada, e esta pouco ou nada fazia para se defender. Signy era uma menina simples e sossegada, sem o espírito e a vivacidade da tirana. Eu gostava de ajudar a jovem mamã a cuidar do seu bebê, mas, sempre que me aproximava deles, Halldora lembrava-se de solicitar-me uma mesquinhez.

Não fiquei contente com o regresso de Gunnulf e de Arnorr e, menos ainda com a sombra de Sigarr, que carregou o ar e tornou-o irrespirável.

Nessa noite, os senhores da casa e os seus convidados sentaram-se à mesa e fizeram um pandemônio ensurdecidor. Eu estava sozinha no cubículo das escravas, enquanto elas serviam os homens. Fechara a cortina que Anna me autorizara a colocar e não podia vê-los, mas ouvia-os com clareza. A privacidade era um conforto que os Vikings desconheciam. Se bem que os quartos de Anna e Halldora ficassem do lado oposto da casa, era-lhes impossível não escutar tamanha algazarra. Gunnulf podia, pelo menos, coibir-se de falar tão rudemente, empregando termos que eu nem me atrevia a adivinhar o significado, sabendo que a madrastra e a irmã dormiam tão perto.

Ao escutar o meu apelido, pensei que cedera ao cansaço e caíra num pesadelo. Porém, a ameaça adivinhava-se real. Sigarr parecia muito interessado na minha sorte. Krum recordou-lhes que eu pertencia a Throst e que ele não estava presente para se pronunciar. Gunnulf concordou:

— ... não quero que o meu primo me acuse de molestar a sua propriedade.

Ouvir isto foi um tremendo alívio... que durou muito pouco!

— Vais permitir que uma escrava desfrute da tua casa, sem que experimente a tua cama? — perguntou Freysteinn, o jovem guerreiro-lobo, espevitado e maldoso, que fazia parte da guarda pessoal do chefe viking. — O que falarão as más-línguas acerca do poderoso Gunnulf? Isto destruirá a tua reputação!

A gargalhada do líder despedaçou-me os nervos. A sua voz ecoou, carregada de despeito:

— Eu não gosto de crianças, meu amigo! Deixo esses prazeres estranhos para o nosso Sigarr. O que faria eu com uma coisa tão pequena? Quando entrasse nela, partir-se-ia pelo meio!

Os reparos sobre a minha pessoa, nessa linguagem suja e crua, continuaram até me gelarem de horror e nojo. Ouvei uma das escravas a rir e os grandes senhores a imitá-la, quando Gunnulf terminou:

— Para que quereria eu uma amostra de pele e osso, quando posso encher as mãos com mulheres a sério?

Imaginei a escrava sentada no colo de Gunnulf, com as mãos do asqueroso assassino a percorrerem-lhe o corpo, e fiquei enjoada.

— Dizem que as mulheres da sua terra são muito quentes e fogosas! — insistiu Freysteinn, decidido a arruinar-me. — Talvez te enganes ao pensar que a escrava não presta! O Throst apreciou-a tanto que a trouxe consigo!

Agora eu ia morrer de vergonha!

— Imagino que sim! — replicou jocosamente o líder. — Deve ser tão bom como cobrir um cadáver!

Seguiu-se uma nova descarga de reparos impróprios para repetir. A voz de Arnorr soou fraca e esbatida por entre as demais:

— Eu gosto dela! A Pequena agrada-me muito...

— Então vai servir-te, homem! — gritou Gunnulf impaciente. — Queremos ver se consegues fazer a muda gritar!

Pânico. Revolta. Asco.

Tudo aconteceu demasiado rápido. A cortina escancarou-se, e eu fiquei exposta aos olhos da multidão que rodeava a mesa. Arnorr estava tão embriagado, que mal se sustinha em pé. Atirou-se para cima de mim e magoou-me com o peso do seu corpo possante. As suas mãos enormes cobriram-me de imediato os seios, esmagando-os entre os dedos, enquanto a sua boca, com um hálito de fazer inveja a um bode, se impunha à minha, roubando-me o ar e provocando-me vômitos. Estrebuchei um pouco, apenas para concluir que estava à mercê do selvagem.

"Pensa, Catelyn! Tu podes lidar com isto!"

Forcei-me a rasgar a névoa que o pavor lançava sobre a minha mente. Jamais venceria Arnorr pela força. A bebida não lhe cortara a

excitação, e ele iria violentar-me se eu não o impedisse. Restava-me duas opções: tirar-lhe o entusiasmo, de modo que lhe fosse impossível concretizar o ato, ou, simplesmente, adormecê-lo. Qual delas seria mais rápida? O que me causaria menos dor?

Um olhar, e Arnorr ficou paralisado. Os meus lábios fecharam-se. O feitiço fora lançado. Lentamente, as mãos rudes do Viking perderam o vigor, enquanto os seus olhos cediam ao cansaço. Escorregou de cima de mim e estatelou-se no chão, profundamente adormecido.

— Ora, ora! — exclamou Freysteinn, sem esconder o despeito. — Parece-me que é preciso o empenho de um verdadeiro homem para satisfazer o instinto da estrangeira!

Quando é que este pesadelo chegaria ao fim? Incentivado pelas gargalhadas dos amigos, o bárbaro avançou, libertando-se da túnica pelo caminho e desapertando o cinto de pele. A minha mente estrebuchava em busca de uma solução. Um homem cair inconsciente aos meus pés podia ser um percalço do destino. Dois, era demasiada coincidência. Além disso, da maneira como os ânimos se incendiavam, depressa outro Viking viria provar que tinha melhor desempenho que os anteriores.

Senti a parede de madeira esmagada contra as costas. Eu não tinha para onde fugir. Aterrada, fechei os olhos para não ver a besta que se aproximava, com o ardor de um boi excitado. Nesse instante, Krum levantou-se, corado de indignação, e enfrentou Gunnulf num tom enraivecido:

— Já não basta, irmão? O que pensará o nosso primo deste ataque grosseiro à sua propriedade?

Quando eu já perdera todas as esperanças, a voz de Gunnulf ribombou como um trovão:

— Espera, Freysteinn!

O selvagem deteve-se a dois passos de mim, fulminando Krum com o olhar e aguardando pelo consentimento do líder. Sem parar de comer a perna assada do veado que lhes servia de repasto, Gunnulf dirigiu-se ao irmão com a irritação abrasando-lhe a voz:

— Estás a intervir em nome do Throst ou em teu nome?

O olhar de Krum encontrou o meu. O que ele estava a fazer exigia muita coragem.

— Esta rapariga salvou o meu filho e a minha mulher — respondeu com firmeza. — Eu não admitirei que lhe toquem num fio de cabelo.

Enquanto falava, a sua mão pousou no punho da espada. Freysteinn imitou-o. Eu pensava que havia atingido um limite de horror, mas enganara-me. Ver Krum sacrificar-se por minha causa acrescentava mais angústia ao meu desespero. Então, Gunnulf surpreendeu-me. Pousou a carne e fez sinal a Freysteinn para que recuasse, exclamando no seu vozeirão de comando:

— Esta é uma noite de festa! Não se derramará sangue na minha casa. Vamos comer e beber, e, se algum homem desejar uma mulher, poderá escolhê-la de entre as minhas escravas. Essa criatura não me pertence e está sob a proteção da minha família. Debaixo do meu teto, ninguém lhe encostará um dedo.

A vontade de Gunnulf era lei. Freysteinn mirou-me de esquelha e resmungou irado. Porém, acabou por acatar e regressou à mesa, onde o líder recomeçara a comer e dera o assunto por encerrado.

O meu corpo estava tão tenso que se recusava a obedecer às ordens da mente. A muito custo, deslizei para debaixo da manta e tapei a cabeça, tremendo sem parar. Mais tarde, ouvi que arrastavam o corpo de Arnorr e fechavam a cortina. Não me atrevi a espreitar, mas o meu coração disse-me que fora Krum. A minha boa estrela voltara a proteger-me. Eu começava a acreditar que, apesar de caprichosa, existia uma força divina que velava por mim.

Krum procurou-me no dia seguinte e foi explícito. O que acontecera voltaria a repetir-se, e talvez ele não estivesse por perto para proteger-me. Aconselhou-me a nunca me afastar de Anna. Gunnulf tinha uma grande estima pela madrasta e não se atreveria a desgostá-la. No exterior da casa, eu também não devia andar sozinha. A ordem do líder fora clara. Ninguém me molestaria debaixo do seu teto. Fora da quinta, eu estava por minha conta.

Quanto a Arnorr, não necessitava de me preocupar. Ele era um homem com coração e, se eu lhe despertara o afeto, não me trataria mal. O seu entusiasmo devera-se à bebida, e Krum já se assegurara de que não se repetiria. Todavia, no que respeitava a Freysteinn, tudo mudava. Era imperioso que me mantivesse longe dele... a qualquer custo!

Freysteinn era um homem poderoso e um guerreiro letal. Percebi que, se a briga se tivesse concretizado, provavelmente eu não estaria a falar com Krum. Por essa razão, Gunnulf interferira. Mas, depois desta afronta, o capricho do jovem guerreiro-lobo iria transformar-se em obsessão, e eu não podia ignorar a sua ameaça.

— Há muito que o Freysteinn e o Throst não se suportam e o confronto só ainda não ocorreu, porque o Gunnulf está constantemente a evitá-lo. O Freysteinn inveja e odeia o Throst, por cobiça da Halldora e rancor pela posição que o meu primo ocupa na liderança da frota e dos homens. Tu és apenas mais um pretexto para a provocação.

Agradei pela proteção e pelo aviso de Krum, comovida com o seu cuidado. Eu compreendia perfeitamente a precariedade da minha situação. Mas como podia defender-me, se não passava de uma escrava? O uso declarado das minhas habilidades condenar-me-ia à morte. Ainda me interrogava por que Sigarr não avançara para acusar-me, quando eu usara a magia contra Arnorr. Para meu total assombro, o feiticeiro não se revelava interessado na minha desgraça. Parecia... curioso e até divertido com a minha presença na casa de Gunnulf.

Esse era apenas outro enigma a juntar aos demais. Cada dia, um novo sobressalto destruía o parco equilíbrio que, tão dolorosamente, eu me esforçava para atingir. A minha existência transformara-se numa dança alvoroçada sobre a ponta de um punhal e, mais dia menos dia, eu acabaria por escorregar e cair.

As Assembléias eram reuniões de homens livres, onde os crimes, contendas e agravos eram submetidos à consideração e ao julgamento dos senhores da terra. Na Aldeia de Grim, era Gunnulf

quem as presidia. Em redor do líder juntavam-se os seus homens de confiança, para emitirem opinião. O povo podia assistir, mas só os interessados intervinham. O lesado apresentava a queixa, o acusado defendia-se, a assembléia decidia e o presidente tinha a palavra final. Parecia simples e justo, se fosse verdadeiramente isento.

Eu pouco sabia acerca das leis dos Vikings, mas assisti com interesse às questões apresentadas: uma dívida de jogo que não fora paga, porque o derrotado acusava o vencedor de fazer batota; uma camponesa que se esquecera de fechar a porta de casa e vira a galinha que preparara para o jantar a fugir nos dentes do cão do vizinho; uma manta roubada de um estendal, que fora encontrada à venda no mercado; uma troca de palavras, regada com cerveja, que punha em causa a honra de dois rivais... E outros tantos casos; uns bem divertidos, que arrancavam gargalhadas da assistência; outros bastante graves, que podiam colocar em risco a vida de um homem.

No geral, achei que Gunnulf fora justo nas resoluções e compreensivo nas penas que aplicara. Fiquei tão envolvida no desenrolar dos acontecimentos, que nem me apercebi de que exteriorizava demasiado as emoções. O meu entusiasmo traiu-me perante Mairwen, que não tardou a confrontar-me com a descoberta do meu claro entendimento da sua língua adotiva. A minha tia não teve dúvidas quanto à razão por que eu lho ocultara. A minha desconfiança forçou-a a uma limpeza da honra nórdica, que resultou em declarações surpreendentes, que mais uma vez provaram a perversidade e ironia do destino:

— Eu compreendo a tua revolta, Catelyn, mas, pelo menos até à próxima Primavera, terás de viver aqui, quer gostes ou não! Desconfiança, ressentimento e rancor só te trarão dissabores. Odeias os Vikings, porque atacaram o mundo onde te sentias protegida. Pois as mulheres desta terra sentem o mesmo agravo pelos homens da Grande Ilha!

“Arngrim, o meu senhor, era um comerciante, um homem inteligente que aumentou o legado do seu pai à custa de muito trabalho e esforço. Um dia, os Aliados da Grande Ilha não esperaram para perguntar-lhe se a frota que liderava era de guerra ou de comércio. Dezenas de homens indefesos foram assassinados.

Thorgrim morreu nessa sangrenta e estúpida batalha, ainda antes de o Bjorn nascer. Os poucos homens que regressaram à Terra Antiga trouxeram a morte no coração, e os anos que se seguiram desencadearam o conflito que tão bem conheces.

“O ódio não nos conduz a um porto seguro. Se dois desconhecidos ao invés de empunharem as espadas, parassem para conversar, talvez descobrissem que podiam ser amigos. Mas quando a razão sobrevêm, a terra já está manchada de sangue. Eu não pretendo justificar as ações dos homens da minha casa e desta terra. Só quero que tu entendas que um Homem é sempre um Homem, onde quer que nasça e cresça. No fundo, somos todos movidos por uma fome insaciável de poder, de conquista e vingança. Não é isso que também te move? Devotas o teu tempo a alimentar o ódio por aquela que destruiu o que tu tanto amavas. Essa determinação forçar-te-á a combatê-la, sem olhares a meios ou conseqüências. Se tu não conseguires reconquistar o que acreditas ser teu por direito, irás morrer tentando.

Eu escutei o discurso de Mairwen com o coração apertado. Conhecia bem os pormenores da batalha em questão, pois crescera a ouvir a descrição inflamada da luta com os poderosos e sanguinários Vikings, que resultara numa vitória esmagadora das forças aliadas. Só agora compreendia por que o triunfo fora tão fácil e igualmente o porquê de a minha mãe e de Berchan não tolerarem o relato. Os gigantes do Norte haviam sido massacrados só porque pertenciam ao mesmo povo que atacava esporadicamente as nossas fronteiras. Nesse dia, Lorde Garrick instigara um ódio profundo, que levava esta gente às nossas costas, em busca, não somente de riqueza, mas também de vingança. A recordação de Gunnulf, avançando para Aled de espada em punho, estava sempre presente na minha mente... Mas ficavam explicados o rancor e a determinação no seu olhar.

O Inverno chegara com uma força brutal. Chovia e nevava, de dia e de noite. Os dias eram cada vez mais curtos e escuros. O frio cortava os ossos e avermelhava-me o rosto. Anna deu-me um óleo

pestilento para aplicar na pele e prestou pouco caso ao meu desconforto. Segundo ela, seria uma questão de tempo até que eu me acostumasse. Mas eu tinha a certeza de que jamais me habituaria a um clima tão rigoroso.

O ribeiro que alimentava a casa gelara. O trabalho nos campos terminara e todos os alimentos haviam sido armazenados e conservados para a estação que se adivinhava dura. Os animais com idade e peso foram abatidos, as peles retiradas e a carne salgada. Agora, a prioridade era a produção de roupas, mantas e velas para os barcos.

Mas o império de Gunnulf ia muito além da quinta onde eu vivia. Apesar de a Herdade de Grim ser a maior, com mais instalações e trabalhadores, o guerreiro era proprietário de mais sete quintas, administradas por homens livres, na sua maioria amigos e companheiros de armas, que pagavam com o seu trabalho e parte dos lucros. Poucos homens na Terra Antiga possuíam a sua própria propriedade. Throst e Freysteinn eram exceções. Gunnulf também herdara grande parte da frota de pesca e de guerra e as casas da aldeia. Era, de longe, muito mais rico do que o meu pai e tornava-se impressionante quando se percebia que não estava satisfeito. Como quase tudo o que o rodeava era seu, ele estava determinado a invadir outros reinos para conquistar novas terras.

A Aldeia de Grim, plantada à beira-mar, era essencialmente composta por casas de pescadores, os quais, na estação gelada, pouco mais podiam fazer do que remendar as redes e consertar os barcos. Nesses pequenos abrigos viviam as várias gerações da família, dos avós aos netos. Havia também na aldeia algumas casas de artesãos, uma grande ferraria, onde se trabalhava sem cessar, pois era necessário restaurar as armas dos guerreiros e fabricar outras novas, uma casa onde as peles dos animais recebiam um tratamento especial, outra onde se fabricava utensílios de madeira para uso doméstico e outra onde se moldava e cozia o barro. No enorme estaleiro junto do porto, muitos homens trabalhavam na construção e reparação dos majestosos navios. Uma coisa era certa: eu nunca vira um Nórdico de braços cruzados, aborrecido por não ter o que fazer.

Os Vikings eram um povo muito crente e devoto aos seus deuses, os quais estavam presentes, não só nas conversas do dia-a-dia, mas também fisicamente, em locais de culto que me causavam arrepios. As divindades eram tantas, que eu pensei que nunca conseguiria conhecê-las todas. Sobre cada uma contavam-se histórias fantásticas, umas bonitas e outras abomináveis. E, na prática, essas narrativas e a vontade dos deuses influenciavam cada gesto do povo. Dos muitos deuses destacavam-se quatro, cujos nomes eram repetidos sem cessar:

Odin, o pai dos deuses e o seu governante, era, sem dúvida, o mais respeitado. As suas histórias intrigavam-me, principalmente uma que relatava como se pregara com uma lança a uma árvore durante nove dias e noites, para adquirir o Conhecimento e desvendar os mistérios das Runas, a fim de transmiti-lo ao povo. As Runas eram os caracteres do alfabeto viking — um conjunto de traços verticais e horizontais, que os Nórdicos acreditavam possuir poderes mágicos. Mas Odin não era apenas o deus do saber e da poesia. Era também o deus da guerra. Os guerreiros adoravam-no, e era para o seu lado que sonhavam ir quando encontrassem a morte, combatendo ferozmente com o machado e a espada na mão. Eu divertia-me ao ouvi-los falar com luxúria das Valquírias, as guerreiras voluptuosas que os viriam buscar no último sopro de vida, para conduzi-los ao rei dos deuses que os aguardava no seu castelo, em Valhalla.

Thor era o deus trovão, que cavalgava os céus numa carruagem puxada por duas cabras gigantes; o defensor dos deuses e do povo; o detentor da força de vontade, cujo símbolo era o grande martelo *Mjollnir*, que nunca falhava um alvo e regressava sempre à mão do seu senhor. Era a divindade mais querida do povo e, devido ao seu poder para controlar o mar e as tempestades, era também o guardião dos viajantes e dos aventureiros. Como um deus protetor, cumpridor e leal, Thor tornou-se simpático aos meus olhos.

Frey era o caprichoso deus da fertilidade. Tinha de estar satisfeito para que as colheitas fossem boas, os animais crescessem saudáveis, o peixe abundasse no mar e as famílias recebessem a bênção de uma descendência numerosa. Era um deus estranho, que

se zangava na presença de armas. Eu acreditava que os Vikings deviam ter grande dificuldade em agradar-lhe.

Todavia, de todas as divindades e por razões evidentes, a minha favorita era Freya, deusa da concepção, do amor e da magia. Fisicamente, imaginava-a parecida com Ingrid, alta e linda, com longos cabelos louros e olhos azuis, seduzindo os guerreiros para garantir os seus favores.

Os templos vikings encontravam-se espalhados pela Terra Antiga. Tal como as habitações, eram casas sombrias e amplas, com uma fogueira central. No altar, uma grande figura de madeira com a representação do respectivo deus impunha um respeito silencioso e temeroso. As pessoas procuravam-nos com frequência, em busca de conselhos e proteção. Eu tinha de admitir que, apesar de a religião me ser estranha, a magia era muito forte nesses locais e a energia fluía pelo ar de forma inebriante.

O mercado da Aldeia de Grim era um acontecimento sempre barulhento e excitante, onde as pessoas aproveitavam para trocar os excedentes por um ou outro utensílio há muito cobiçado, uma peça de roupa mais rica, um acessório especial de fabrico caseiro ou os produtos do espólio da última campanha. Nesse dia, muitos comerciantes vinham de longe, em trenós puxados por cães robustos, carregados com tecidos deslumbrantes, peles de animais e presas de morça.

Anna costumava ir ao mercado com os criados, pois Signy não queria deixar o bebê por tanto tempo, e Halldora fazia questão de proclamar que aquele era um lugar pouco digno para uma mulher da sua classe. Apesar de ainda temer as multidões, eu fiquei entusiasmada quando a minha tia me convidou a acompanhá-la. Assim que aceitei, Halldora foi possuída por uma vontade avassaladora de juntar-se a nós e teimou tanto para que a cunhada também viesse, que acabou por vencê-la pelo cansaço.

A excursão começou por ser divertida. Eu nunca vira tanta gente no mesmo sítio. Em algumas ruas era impossível avançar sem ser a passo. Anna explicou que assim era, porque, neste dia, os trabalhadores das quintas faziam uma pausa nas suas tarefas e

vinham fazer compras, visitar os amigos, ou simplesmente beber uma caneca de cerveja.

Enquanto Halldora se concentrava na satisfação da sua vaidade insaciável, eu mantinha-me atenta aos pormenores que alimentavam a minha curiosidade cultural. No ar pairava o cheiro forte da madeira queimada em casa, misturado com o odor da comida da primeira refeição do dia. Havia muitas crianças na rua, chocando contra os adultos nas suas incansáveis correrias, fazendo traquinices e até tentando roubar um queijo ou um bolo de um comerciante mais distraído. Em quase todas as portas repetia-se o mesmo: as raparigas ajudavam as mães, enquanto os rapazes exibiam ferozmente as suas habilidades na arte da guerra, diante dos amigos do pai. Os mais pequenitos usavam espadas de madeira, e os jovens, as armas verdadeiras, protegidas pelas bainhas. Pensei que seria impossível inculcar o significado da palavra "paz" no espírito desta gente. Eles já nasciam com o machado ao peito e a espada na mão.

Um dos gaiatos atirou a bola de pele com que brincava contra uma banca de pequenos utensílios de madeira e osso, derrubando-a com um aparato estrondoso. A dona, uma mulher grande como uma vaca, gritou tão alto, que mais parecia que lhe arrancavam as entranhas. Num piscar de olhos, agarrara o rapaz e sacudia-o por uma orelha. Da multidão que assistia divertida, surgiu outra mulher tão alta, gorda e corada com a primeira que, sem hesitação, lhe lançou as mãos ao pescoço. Engalfinharam-se como galos rivais, socando e sovando, puxando os cabelos e distribuindo pontapés e insultos. Foram necessários dois homens possantes para separá-las.

No meio da confusão, eu reparei que Halldora se apropriara de um bonito pente de osso e o enfiara disfarçadamente no bolso do bibe que lhe ornamentava o vestido. Fiquei tão indignada, que pensei denunciá-la a Anna. Halldora era irmã do homem mais rico da região. Não tinha a menor necessidade de roubar! Ela surpreendeu o meu olhar e percebeu que eu conhecia o seu segredo. Ameaçou-me de imediato passando a mão sobre o pescoço num gesto rápido e significativo. Voltei-lhe as costas, rangendo os dentes para conter a raiva.

Tornara-se impossível avançarmos sem que antes desobstruíssem a passagem. Enquanto aguardávamos, eu cedi à incontrolável tentação de utilizar a força da mente para fazer com que o pente roubado deslizasse para fora do bolso de Halldora. A ladra não se deu conta, e o pente foi recuperado pela comerciante, deixando-me com um sorriso a bailar nos lábios.

Enquanto as minhas companheiras inspecionavam os padrões e as cores das mantas de lã e linho, eu reparei que não muito longe, num espaço aberto, se realizava um torneio de arco. Os participantes estavam muito entusiasmados e divertidos. O meu coração saltou ao reconhecer Throst entre eles. Instintivamente, escondi-me atrás de Signy. A jovem aproveitou para mostrar-me uma pequena manta que ficaria muito bem sobre Eric. Eu tentei sorrir e prestar-lhe atenção, mas os meus olhos desobedeciam-me e fugiam na direção do torneio.

Chegara a vez de Throst atirar. Em cheio no centro do alvo! Ele mudou de campo, mas a sua pontaria não piorou. A história repetiu-se até ao limite dos cinco alvos, colocados em posições diferentes. A sua eficácia foi premiada com palmadas nas costas e um corno cheio de cerveja fresca. Eu pedi por tudo para que ele não nos visse ou uma das mulheres o distinguisse por entre a multidão. Felizmente avançamos e mudamos de rua.

Eu não via Throst desde o dia em que ele partira da casa de Gunnulf, há mais de um mês. Já me esquecera de como o capitão era bonito, forte e o quanto me perturbava. Revê-lo fez-me mal. Trouxe-me à lembrança o calor dos seus braços, o ardor dos seus beijos e a força do seu corpo dentro do meu — coisas que eu tentava desesperadamente esquecer. Acaricieei a pulseira que Tristan me oferecera e engoli em seco. Mesmo que pedisse perdão à memória do meu amor pelo resto da minha vida, não seria suficiente.

Fiquei abismada ao ouvir a voz de Ingridor chamando por Anna. E o meu assombro aumentou ao verificar que ela tinha uma banca onde vendia enfeites de madeira, cobre, osso e âmbar, de uma qualidade extraordinária: broches, pulseiras, anéis, colares... e ganchos de cabelo belíssimos, em tudo semelhantes ao que Edwin me oferecera.

Estava tão encantada, que não resisti a segurar num deles. De imediato, Halldora bateu-me na mão. Fitei-a, indignada e magoada. Eu só estava a ver! Não era uma ladra como ela! Ingrior veio de imediato em meu auxílio:

— Não há necessidade disso, Halldora! Gostas, Pequena? Toma, ofereço-te. Sim, é para ti! Aceita!

Eu encontrei os seus olhos azuis e mal consegui esconder a emoção. O sorriso da irmã de Throst era tão franco, que não deixava dúvidas quanto à grandeza do seu coração. Retribuí-lhe o sorriso e devolvi-lhe o gancho, apesar de agradecida. Este não me serviria para nada, nesta terra selvagem.

— Se ela não o quer, eu fico com ele!

Halldora arrancou-me o gancho da mão e colocou-o nos seus cabelos, deixando-nos estupefatos. Os lábios de Ingrior estreitaram-se, mas não contrariou a futura esposa do irmão. Em vez disso, voltou-se para Signy e disfarçou a irritação:

— Já compraram muita coisa?

— Uma manta para o meu bebê. Queres vê-la?

Instantes depois, Anna fazia a pergunta inevitável:

— Onde estão os teus irmãos? Não vieram contigo?

— Vieram, sim — respondeu Ingrior. — O Bjorn pediu ao Throst para participar no torneio dos arqueiros. Sabe como são as crianças...

— Eu vou até lá — cortou Halldora, corando de exaltação. — Estou a morrer de saudades do meu amor! Signy, vem comigo!

Contrariada, Signy foi forçada a acompanhá-la. Uma mulher que passava solicitou a atenção de Anna, e duas clientes envolveram-se numa conversa animada com Ingrior. Eu fiquei absorta nos meus pensamentos, recordando a noite em que Tristan me entregara o gancho de Edwin e a sua pulseira. Então, sempre era verdade que o meu irmão mantinha contatos com os Nórdicos! Talvez estivesse a tentar emendar o destino, quando Gunnulf lançara o caos ao atacar Lorde Berry!

— Mas que surpresa! Como tens passado, Pequena?

Gelei. Throst estava ao meu lado! Eu só tinha de voltar o rosto para encará-lo. Detestei-me por sentir as faces arderem. Talvez, se o

ignorasse, ele me deixasse em paz! Eu não estava de todo preparada para ser assimilada pelo entusiasmo de um Throst em ponto pequeno.

— Então, tu é que és a Pequena? Olá! O meu nome é Bjorn.

Fixei-o de queixo caído. As semelhanças eram surpreendentes! Se eu encontrasse este rapaz no meio de uma multidão, não teria dificuldade em reconhecê-lo como irmão de Throst e Ingrid. Que idade teria? Doze? Treze? Já era detentor de um físico invejável!

— Já te expliquei que a Pequena não pode falar e não percebe a nossa língua — replicou Throst num tom que pretendia severo, mas que soou divertido perante o entusiasmo do irmão.

— Não percebe? — repetiu Bjorn, sinceramente desapontado. Que pena! Eu queria que ela me contasse sobre a sua terra...

— Não tenhas pressa! — interrompeu o mais velho. — Terás tempo de sobra para conhecer a terra da Pequena. Pede ao Thor que, quando o momento chegar, só tenhas de prestar atenção à sua grande beleza.

O meu sobressalto devia ser evidente, pois Ingrid rodeou-me protetoramente com o braço e exclamou num tom amargo:

— Foi uma maldade trazê-la para aqui, Throst! Olha como está magra e assustada! Eu tenho a certeza de que a Halldora está a fazer-lhe a vida negra!

O olhar do irmão estreitou-se, e a sua voz soou fria:

— Quantas vezes terei de explicar-te, Ingrid? Se eu a deixasse para trás, os outros acabariam por matá-la!

O esgar que Ingrid lhe devolveu fez os meus sentidos tinirem alarmados. Era óbvio que esta justificação não a satisfazia. Suspirou e tomou o meu rosto entre as suas mãos, murmurando:

— Ela é tão bonita! Os seus traços são perfeitos, tão delicados...

— Ela é mais do que bonita! — corrigiu Bjorn, entusiasmado. — É linda!

O rapaz tentou tocar-me nos cabelos, mas a irmã sacudiu-o com uma palmada. Ele voltou-se para o mais velho em busca de apoio:

— Não concordas, Throst? — O irmão não conteve o riso.

— Sim... suponho que sim! Para quem gosta de peixe miúdo, não está mal!

Senti vontade de esmurrá-lo, de dar-lhe um pontapé entre as pernas, de furar-lhe os olhos, de... Peixe miúdo? Quando se servira de mim, o brutamontes não reclamara do meu tamanho nem da minha magreza! Enquanto me forçava a engolir a afronta, Bjorn afirmava:

— Eu gosto dela! Por que não ma deste, em vez de a ofereceres à emproada da Halldora?

Ingrior sacudiu-o, fingindo-se zangada apesar de estar morta de riso.

— Estou cansada de avisar-te de que não deves chamar nomes à Halldora! Para que querias tu a Pequena, afinal?

A resposta dele foi imediata:

— Para que quer um homem uma mulher? — Throst não conteve uma gargalhada.

— Olhem para isto! A formiguinha já tem catarro!

Ingrior deu outra palmada no braço de Bjorn, ripostando severamente:

— Deixa-te de parvoíces! Ainda és um bebê!

— Não sou, não! — contrapôs o ultrajado rapaz, enchendo o peito. — Eu sou um homem!

— Basta! — Desta vez Ingrior parecia mesmo zangada. — Com toda esta algazarra, a Pequena vai pensar que nós estamos a troçar dela. Pobrezinha! Eu queria tanto poder ajudá-la!

— Traga-a para junto de nós, Throst! — suplicou Bjorn. — Por favor...

— O que se passa aqui? — indagou Anna, aproximando-se com um largo sorriso. — Olá, Bjorn! Cresceste muito desde a última vez que eu te vi! Já estás um homem!

— Vêem!?! — exclamou ele triunfante, corando de satisfação. — Eu não vos disse?

Quando eu pensava que eles se tinham esquecido de mim, o pequeno insolente deu mais um ar da sua graça:

— Eu estava a dizer ao Throst que não gostei que ele tivesse oferecido a Pequena à Halldora. Eu quero casar-me com ela!

As suas palavras estavam carregadas de convicção. Ninguém foi capaz de argumentar. A voz estridente de Halldora quebrou o nosso

pasmo. Olhei para o lado e vi a insuportável criatura saltar para o pescoço de Throst e procurar-lhe os lábios.

— Por onde tens andado, meu amor, que não apareceste para visitar-me? — ronronou por entre beijos desprovidos de pudor. — Queres enlouquecer-me de saudades?

Throst afastou-a docemente, tentando quebrar-lhe o entusiasmo.

— Halldora... Toda a Terra Antiga está a olhar para nós!

— E depois? — objetou ela, zangada... — Não vamos casar? Ou tu já não gostas de mim?

O seu beicinho foi suficiente para que o noivo voltasse a abraçá-la. Eu estremeci sem querer e fui forçada a desviar o rosto para não explodir de raiva. Anna avisou que nós devíamos regressar, e Ingrid despediu-se pesarosamente. Bjorn piorou o meu embaraço ao segurar na minha mão e levá-la aos seus lábios. Halldora não lhe perdoou.

— Throst, o teu irmão está a beijar a escrava! Como podes permitir tal coisa?

O noivo franziu o sobrolho, mas, em vez de lhe responder, voltou-se para Anna e apelou:

— Venham! Eu acompanho-as a casa.

Assim que chegamos a casa, eu fui ajudar Anna a organizar a refeição, e Signy correu para o filho, que choramingava esfomeado ao colo de uma escrava. Halldora ficou no exterior, a despedir-se do noivo. Devia estar furiosa, pois Throst viera todo o caminho a conversar com Anna sobre a herdade e a preparação para o Inverno rigoroso; coisas insignificantes para a sua ferosa noiva, que fazia questão de declarar que não tinha necessidade de aprender o trabalho doméstico, já que estaria sempre rodeada de escravos que a serviriam. E não precisava de aprender a dar ordens! Nessa arte, já era especialista! No entanto, o que mais a irritara, fora o cuidado de Throst para comigo. Até o meu coração saltara quando ele perguntara se Anna sabia por que eu emagrecera tanto. Estaria doente ou a necessitar de algum cuidado? Ele providenciaria tudo o que fosse necessário!

A minha tia não podia confiar-lhe a verdadeira razão da minha fraqueza, nem falar-lhe do meu sofrimento e agonia. Desde que

iniciara o tratamento, eu praticamente não conseguia comer e já só tinha pele sobre os ossos. Bebia leite e hidromel para manter as forças e nada mais. Mas sentia os resultados positivos. Aos poucos, a minha garganta sarava. Além disso, o aspecto físico não me incomodava. Eu não tinha ninguém a quem agradar e não me sentia fraca. O meu espírito estava forte, e toda a energia, canalizada para o cumprimento da missão que abraçara. Treinava de dia e de noite e realizava proezas que sempre considerara fora do meu alcance.

Halldora entrou desembestada. A despedida não fora amistosa.

— O Throst declinou o meu convite para almoçar! — respondeu frustrada ao olhar interrogativo da madrasta. — Pensei que podíamos passear à tarde...

— O Throst tem muito trabalho à sua espera na quinta — atalhou Anna. — Além disso, ainda tem de ajudar a irmã...

— A Ingrior é a mulher mais estúpida que existe! — O ressentimento de Halldora estalava-lhe na voz. — Imaginem! Preferir misturar-se com as feirantes, a ser a senhora da Terra Antiga...

— Chega, Halldora! — O corte da madrasta foi quase violento. — Sabes bem que o Gunnulf não admite esse assunto nesta casa!

O silêncio tombou sobre nós como uma mortalha. A minha mente fervilhava em busca de uma solução para o mistério que circundava a questão que Halldora se atrevera a aflorar. Como justificar a agitação de Gunnulf e Ingrior quando partilhavam o mesmo espaço, o ardor masculino e a repulsa da jovem? A insinuação de Halldora era clara: Gunnulf cortejara a prima e fora rejeitado! Ingrior preferira manter-se fiel a um amor perdido do que aceitar toda a riqueza que ele tinha para lhe oferecer. Eu imaginava os danos que isso causara no orgulho do chefe viking.

— O meu pente...

O berro estridente de Halldora arrancou-me do devaneio. O meu coração sofreu um sobressalto, porque, ao contrário das restantes mulheres, eu sabia do que ela falava.

— Levaste o teu pente para o mercado? — perguntou Signy, incrédula.

— Não! — A outra revirava o bolso do bibe, procurando por um buraco na costura por onde o pente pudesse ter caído. — Foi... Foi o

Throst mo deu!

— Quando foi que o Throst te deu um pente? Eu não vi...

— Estás a duvidar de mim? — A voz de Halldora trovejou num timbre idêntico ao de Gunnulf, e Signy encolheu-se. — O Throst ofereceu-me um lindo pente de osso e eu guardei-o no bibe. O bolso não está roto... Roubaram-mo de certeza!

O meu coração ameaçou rebentar-me o peito. Sentime pequena e indefesa quando vi a possante Viking arremeter para mim com a ferocidade de um touro bravo.

— E eu sei quem foi! Vede como ela está vermelha! Devolve-me o pente, sua ladra invejosa!

Noutros tempos, Catelyn McGraw teria investido contra a ignóbil criatura, sem se importar com o seu tamanho, e ter-lhe-ia furado os olhos. Mas eu não estava em condições de enfrentar Halldora, e o tempo ensinara-me que a impetuosidade só me trazia dissabores. Fiquei onde estava. Eu era culpada, sim, mas de ter devolvido o pente à sua legítima dona!

Anna impediu a enteada de agredir-me e enfrentou-a com um ar severo.

— Tu estás a fazer uma acusação muito grave! Tens a certeza do que dizes?

— Está claro que tenho! Só pode ter sido a escrava! Ela foi a única que viu o pente!

Anna encarou-me e não precisou de questionar-me.

— A Pequena não te tirou coisa nenhuma, Halldora.

— Eu quero provas! Vou revistar as suas coisas...

— Ela ainda não saiu do meu lado.

— É verdade! — confirmou Signy. — A Pequena não pode ter escondido o teu pente.

— Então, tem-no com ela! Deve estar na sua roupa.

— Acalma-te, Halldora! — ordenou Anna, irritada. — A Pequena não é uma ladra!

— Pois que se dispa e prove!

A voz da irmã de Gunnulf estava tão incendiada quanto o seu rosto e o seu olhar. Como podia uma jovem tão afortunada ser tão detestável, execrável, repugnante, malvada...?

— Faz o que a Halldora te pede, Pequena — mandou Anna mansamente. — Tira a roupa.

Fitei-a, surpreendida e magoada. Se não duvidava da minha sinceridade, por que me submetia a tamanha humilhação?

— Estais a ver? Não obedece, porque não pode! É uma ladra!

O meu sangue ferveu e só me segurei a custo. Enfrentei o olhar triunfante da tirana e comecei a despir-me, até ficar completamente nua, exposta ao frio e à vergonha. Sem se importar por estarmos em público, Anna cobriu-me com uma manta quente e macia, apertou-me nos seus braços e acariciou-me os cabelos. Eu tinha os olhos cheios de lágrimas que não caíam e doía-me a cabeça. Aos meus pés, Halldora revolia ferozmente as simples roupas domésticas, procurando algo que não podia encontrar. Por fim, foi forçada a admitir a derrota.

— Acho que deves um pedido de desculpa à Pequena! — declarou Anna friamente. — O que tu fizeste foi muito cruel!

Halldora esquartejou-nos com o seu olhar, empinou o nariz e cuspiu o ódio nas palavras:

— Eu, pedir desculpa a uma escrava? Eu sou irmã de Gunnulf, filha de Arngrim, neta de Eric, bisneta de Grim, senhor da Terra Antiga, e noiva de Throst, filho de Thorgrim! Estou ligada a todos os líderes desta terra. Jamais me rebaixarei perante essa... “estrangeira”! — Era evidente que o insulto também se destinava a atingir a madrastra. — Além disso, não estou convencida! Essa ranhosa deve ter deixado cair o pente pelo caminho, para ir buscá-lo mais tarde.

Anna estremeceu. Eu nunca a sentira tão irada. Contudo, a sua voz soou gélida:

— Talvez desejes fazer o caminho de volta à aldeia para procurares o pente, Halldora! Assim, poderás comprar um, para provares que tens razão.

Se o olhar da enteada matasse, Anna teria caído fulminada.

— O que é que estás a insinuar?

— Eu não estou a insinuar nada, querida! — A minha tia tinha todas as almas da casa suspensas nas suas palavras. — Mas, assim

que estiver com o Throst, não deixarei de manifestar-lhe o meu pesar por tu teres perdido o seu presente debaixo do meu nariz.

Halldora fez-se subitamente pálida. Parecia que só agora compreendia que construía a sua mentira em cima de um monte de palha, num dia de vento forte. Bastava uma palavra de Throst sobre o pente que nunca lhe oferecera, para que fosse desmascarada. Com um rugido enraivecido, rodou nos calcanhares e saiu, batendo com a porta.

Ninguém voltou a falar do pente. Penso mesmo que Anna nunca esclareceu esse assunto com Throst. Todos tinham questões mais importantes às quais atender do que os caprichos de Halldora. Mas havia duas pessoas que não podiam esquecer o incidente. Uma era a própria Halldora, que, a partir desse dia, não mais se aproximou de mim. A outra... A outra era eu!

Eu sentia uma sensação de desconforto sempre que Halldora estava presente. Sabia que ela acirrava Gunnulf contra mim. Via o olhar feroz do gigante estudando os meus gestos, como se só esperasse por um pequeno deslize para cortar-me a garganta. Outro homem que me causava arrepios era Freysteinn. O bárbaro não se esquecera da afronta que sofrera. Sempre que freqüentava a casa do chefe, eu fugia para junto de Anna. Agora tornara-se mais fácil, porque, depois da história do pente, que me desvinculara da tutela de Halldora, a minha tia autorizara-me a dormir junto dela. Eu repousava no chão, entre mantas de pele e lã, mas não me importava. Seria preferível dormir ao relento, a continuar vulnerável junto das escravas.

Não tornei a ver Sigarr. A sua propriedade ficava longe do rebuliço das aldeias, no interior da floresta. Eu horrorizava-me com as histórias contadas sobre o feiticeiro, quando os homens se reuniam à mesa de Gunnulf. Os seus feitos em batalha eram dignos de ser eternizados em poemas negros. Ele não tinha vocação para guerreiro, apesar de saber utilizar a espada quando necessário, pois o vigor da juventude ainda lho permitia. O seu trabalho era diferente! Curava os feridos e os doentes com uma eficácia inigualável. Quanto aos inimigos, já lhe conheciam a fama. Os guerreiros juravam que o bruxo era capaz de paralisar um homem,

quebrar-lhe e roubar-lhe a vontade, só com um olhar. Quando a mente do adversário era demasiado forte para que pudesse usurpar-lhe as informações que desejava, ele sangrava-o e banhava-se com o sangue. Se isso não lhe trouxesse a Visão, esventrava a vítima e lia-lhe nas entranhas os planos ocultos.

Gunnulf gostava especialmente de recordar uma vez em que, diante da perspectiva de uma derrota iminente, eles haviam capturado um inimigo, no qual Sigarr usara as suas habilidades. Depois, cozinhara os órgãos do infeliz e dera-os a comer aos guerreiros, antes de estes partirem para a batalha. Se os homens sabiam do que se alimentavam, nunca foi mencionado. O fato enaltecido era a inércia encontrada ao enfrentarem uma força muito maior e mais poderosa. A derrota inevitável transformara-se numa vitória avassaladora.

Sigarr era altamente considerado e ninguém se atrevia a contestar os seus modos estranhos. Na sua casa não morava uma única mulher. Rodeava-se de rapazes novos — escravos e filhos de aldeões de classe inferior, oferecidos como pagamento por qualquer tarefa realizada. Não os tratava mal. Demorei algum tempo a compreender o que lhes fazia e, quando finalmente percebi, senti vontade de vomitar. Porém, nunca um dos rapazes se queixara do seu senhor e toda a Terra Antiga parecia tolerar a aberração.

Não mais deixei de pensar nas revelações de Anna sobre a batalha que opusera os Vikings aos Aliados da Grande Ilha, como se nesse acidente grosseiro da história residisse a solução para todos os enigmas que me atormentavam. Até que ponto eram os Homens donos da sua sorte? Poderia a morte de Aled ter sido evitada? Ou teria Lorde Garrick condenado o seu primogênito, quando atacara a frota de Arngrim? Mas, se a sede de vingança de Gunnulf não o tivesse levado à Enseada da Fortaleza, não estaria Aled destinado a morrer na lâmina do guerreiro-urso, num outro dia, condenado pela maldição que pendia sobre nós? Estariam os Vikings a ser manipulados pelo sortilégio de Myrna? Ou existiria uma vontade ainda mais forte que já ditara a minha viagem às Terras do Norte, antes de a bruxa aparecer?

Quanto mais descobria, mais me convencia de que o que estava a acontecer não podia ser uma simples coincidência. A maldição fora lançada muito depois da morte de Thorgrim, portanto o meu destino e o de Throst estavam ligados antes de o seu rosto me ser revelado.

Por que salvara ele a filha do carrasco do seu pai, quando toda a lógica o impeliria a matar-me? Como podia eu justificar o meu encontro com Mairwen sem ficar louca? E as misteriosas declarações do líder dos Lobos Cinzentos? Onde estava a ajuda que a minha avó me prometera?

Nada fazia sentido... E as perguntas amontoavam-se na minha mente, sem resposta.

A pequena coruja branca chegou quando as sombras se instalaram na região. Dias intermináveis de bruma seguiam-se a noites geladas de intensa queda de neve e a outros dias de cegueira. O pássaro acomodou-se sobre uma das vigas de madeira que sustentavam o telhado de colmo e ali ficou, observando a vida da família do senhor da Terra Antiga, com os seus enormes olhos amarelos e brilhantes.

Certa noite, Gunnulf recebeu os seus homens de confiança. Throst estava inevitavelmente presente. Eu mantive-me afastada, sem largar Anna por um instante. Além das escravas, só Halldora se pavoneava em redor da grande mesa, atijando o desejo do noivo e a cobiça e a raiva de Freysteinn. Ela sabia que o jovem guerreiro-lobo a desejava e o quanto odiava Throst por sua causa, mas o fato parecia diverti-la. Todos os seus movimentos e palavras eram intencionais, para piorar a situação. Despertar o ciúme de Throst revelava-se uma das suas obsessões.

A festa estava animada quando a coruja branca fez algo inesperado. Desceu a pique do seu poleiro e sobrevoou a mesa, soltando pios estridentes. Halldora assustou-se e desatou num berreiro histérico, que só cessou quando Gunnulf perdeu a paciência e a mandou calar.

— Mas, mano — argumentou ela, alvoroçada —, o pássaro tentou atacar-nos! É perigoso! Temos um bebê na casa... — Não digas

asneiras! — cortou Gunnulf, impaciente. — Há semanas que o pássaro está ali. Deve ter avistado um rato e tentou a sua sorte.

Entretanto, a coruja regressara à viga e entretinha-se a limpar as penas, como se desdenhasse da comoção que provocara. Eu senti dó do pequeno animal. Ele condenara-se ao despertar o ódio caprichoso de Halldora.

— Mata-o, Gunnulf! — suplicou ela, sem a menor intenção de desistir. — É melhor!

— Não me aborreças, rapariga! — ripostou o irmão, num tom que não admitia contestação. — O pássaro é bom para caçar os ratos!

Pensei que o assunto estivesse encerrado, mas subestimei a crueldade da jovem. Halldora correu a buscar um arco e flechas e dirigiu-se ao noivo, premiando-o com o seu olhar sedutor e miando na voz que o derretia:

— Por favor, Throst! Eu tenho medo daquele bicho nojento! Mata-o para mim!

Eu teria gritado se pudesse. Dei um passo em frente, mas Anna puxou-me para si com um estirão violento que me imobilizou. Mesmo assim, atraí a atenção de Throst e supliquei-lhe com o olhar. Halldora sorriu maldosamente, atenta à minha reação, e murmurou-lhe algo ao ouvido. O noivo ergueu-se e segurou no arco, colocou a flecha e esticou a corda. Eu já o vira atirar e sabia que ele não falharia. Como era capaz de semelhante covardia, só para atender a um capricho daquela miserável? Até Gunnulf se apiedara da pobre criatura! Olhei para a coruja num apelo desesperado: "*Foge! Por favor, foge!*"

A flecha assobiou. Eu virei o rosto, sem coragem para enfrentar a visão do pequeno animal trespassado pelo meio, pingando sangue para o chão, enquanto as minúsculas penas brancas, tingidas de vermelho, pairavam sobre o ar quente da fogueira.

— Falhaste de propósito!

A acusação irada de Halldora forçou-me a abrir os olhos. E mal pude acreditar no que via. A flecha acertara a um palmo do pássaro, mas este não se movera. Continuava a limpar a plumagem, impávida e serenamente, como se nada se tivesse passado.

— Olhai! — gargalhou Arnorr. — O atrevido não tem amor à vida!
— Enquanto a noiva o fustigava com a sua indignação, Throst fitou-me e percebi-lhe um tímido sorriso. Por fim, encarou a tirana e justificou-se:

— Desculpa, querida! Parece que a destreza me falhou!

As gargalhadas rodearam a mesa. Todos sabiam que, se quisesse, Throst seria capaz de acertar no pássaro, mesmo com os olhos vendados. Defraudada, Halldora cuspiu o veneno que lhe fervilhava no sangue:

— Acho que não é apenas no arco que a tua destreza anda a falhar! — Silêncio total. Até as escravas calaram a sua alegre algazarra.

O rosto de Throst endureceu e ficou rubro. Os seus olhos adquiriram uma cor que eu conhecia bem. Vira-a no dia em que ele enfrentara o guerreiro na ilha, para me salvar. Do pasmo geral, Freysteinn ergueu-se e agarrou no arco.

— Eu mato a coruja para ti, Halldora!

Ainda as suas palavras ecoavam no ar e já o pequeno animal voara pela chaminé, como se soubesse que Freysteinn não possuía a mesma generosidade de Throst.

— Parem de falar de pássaros! — rugiu Gunnulf. — Sai daqui, Halldora! Estás a incomodar-nos! Sentem-se homens! Sentem-se!

Freysteinn e Throst mediam forças com o olhar. Halldora virou-lhes as costas, com um sorriso maldoso bailando nos lábios. Aquela birra nada tivera a ver com a coruja. O seu único objetivo fora inflamar a relação dos dois rivais. E conseguiu-o!

Acordei antes das escravas, com a garganta colada devido à sede. Saltei da cama e espevitei o lume que morria na fogueira. Em breve, todos acordariam e pediriam água quente. Eu tinha de recolher neve para encher o grande caldeirão de ferro. Agarrei na tina de madeira e saí para a rua, movendo-me com dificuldade. Estava a perder a força! Devia esforçar-me por comer, apesar de as dores serem atroztes sempre que me atrevia, ou não viveria até enfrentar Myrna.

Principiara a recolher a neve quando fui alertada por um movimento. Voltei-me assustada, temendo encontrar Freysteinn. O

meu coração falhou uma batida ao ver Throst, que se ajoelhava ao meu lado e começava a ajudar-me.

— Como esperas carregar com a tina cheia, se mal podes com ela vazia, pequena tonta? — ralhou numa voz doce que me arrepiou da cabeça aos pés. — Olha para ti! Estás a tremer! Pára já com isso e vai para dentro. Eu farei o resto...

Não perceberia ele que eu só tremia porque a sua presença me perturbava? Continuei obstinada, negando-me a obedecer-lhe.

— Pára!

Fui forçada a enfrentá-lo quando as suas mãos agarraram as minhas. Começou a esfregá-las energicamente, resmungando de mansinho:

— Estás gelada, sua teimosa! Eu não te trouxe para aqui para trabalhares! Por que insistes? E não comes nada! Vais acabar doente. Eu já mal te reconheço! Onde está a menina cheia de garra que me deu tantas dores de cabeça?

Fiquei presa ao seu olhar brilhante, tão lindo como o céu de Verão da terra que me viu nascer. Através dele, a luz da sua alma chamejava como um sol. Throst era um h-mem bom... Um dos melhores! Não conseguiria odiá-lo, mesmo que me esforçasse. E se me esforçara!

Throst parou de esfregar-me as mãos quando as sentiu quentes, mas não me largou. Os seus dedos moveram-se sobre a minha pele numa carícia. Eu corei, diante da mensagem declarada no seu rosto. Tinha de afastar-me. E rápido!

Curiosamente, foi ele quem se desviou, suspirando longamente enquanto murmurava:

— Sei que tu pensas que eu sou um monstro sem coração! Deves odiar-me...

Os nossos dedos enlaçaram-se, num gesto inconsciente que me surpreendeu. Neguei com a cabeça, enquanto os meus olhos replicavam: *"Não, eu não acho que tu és um monstro. E não te odeio! Não te odeio..."* E diziam mais; tanto mais que ele denunciou o pasmo, antes de retrucar:

— Tu percebeste tudo o que eu disse, não é verdade? Tu já entendes a minha língua?

Fui incapaz de mentir-lhe, nesse momento em que tudo era intenso, quente, doce e perfeito. Confirmei e recebi um sorriso de satisfação. Antes que pudesse reagir, já Throst me afagava, o pescoço.

— E falar? Podes falar?

A sua ânsia declarava a inocência da carícia. Neguei com a cabeça, perturbada pelo contato. O seu rosto entristeceu, e a sua mão regressou às minhas.

— É pena! Gostava que pudéssemos conversar! Desejo saber o teu nome... tanto, que te ouço a murmurá-lo nos meus sonhos. Mas, quando acordo, não consigo recordar-me...

Eu estava tão transtornada, que, quando dei por mim, já deslizava os dedos pela barba curta e suave que lhe enfeitava o rosto. Throst fechou os olhos e pressionou a face contra a palma da minha mão. Os seus lábios murmuraram uma prece a Thor e, quando me encarou, já não havia inocência na sua expressão. A sua mão regressou ao meu pescoço, atraindo-me para mais perto. Eu queria fugir... Não! Eu não queria fugir!

Esperei pelo contato quente dos seus lábios, com o coração a martelar o peito. Então, por cima de nós, um pio estridente agitou o ar fresco da manhã. Reagimos ao mesmo tempo, recuando com igual pressa. Eu corri aos tropeções para casa, enterrando as botas na neve. A coruja acompanhou-me, voando baixo sobre a minha cabeça. No momento em que ia empurrar a porta, Gunnulf surgiu à minha frente, com o semblante enraivecido com que sempre despertava. Passei por ele, forçando-me a manter a postura. Gunnulf não podia saber... Nunca!

A pequena coruja desceu pela chaminé e pousou no seu poleiro. Acenei-lhe um agradecimento. Se não fosse a sua intervenção, Throst ter-me-ia beijado, e eu corresponderia com todo o ardor. Gunnulf iria surpreender-nos e acusaria o primo de quebrar a palavra dada. Já conhecia o suficiente acerca desta cultura bárbara, para saber que disto resultaria um combate até à morte. E eu não tinha ilusões! Throst era um excelente guerreiro, mas não podia vencer Gunnulf. Nenhum homem podia! Ele era o guerreiro-urso.

CAPÍTULO 16

Centenas de pessoas chegavam, vindas de todas as direções. Anna estava tão atarefada, que mal conseguia explicar-me o que se passava! Ia haver uma grande festa para festejar o fim do Inverno; um ritual sagrado, como os que existiam na Grande Ilha. As pessoas comeriam e beberiam até não poderem mais, trocariam prendas com os amigos, sacrificariam animais aos deuses e, no final, fariam uma romaria até à praia, onde os barcos que partiriam na campanha do próximo Verão seriam abençoados.

Todos trabalhavam na preparação das iguarias, na organização dos eventos e na montagem dos abrigos que acolheriam os visitantes. Halldora recebia quem chegava e distribuía atenções pelos jovens guerreiros, que se babavam diante da solteira mais cobiçada da região. Throst não sabia que a noiva namoricava abertamente com outros homens, pois partira com Krum e Arnorr, a fim de prepararem a frota para o grande encerramento.

Bjorn visitara a casa de Gunnulf, mas por tão pouco tempo, que eu não chegara a vê-lo. Ingrior explicou-me que o irmão estava ao cuidado de uma "família adotiva" e que era junto desta que iria passar estes dias. Eu já sabia o que isso significava. Mal as crianças vikings aprendiam a falar e a andar, os adultos atribuíam-lhes tarefas simples, como tomar conta dos gansos e das galinhas. Cedo, os rapazes eram iniciados na arte da guerra, pelos pais e irmãos. Mais tarde, saíam de casa e iam viver com outra família, parentes ou não, para aprenderem a desvencilhar-se sozinhos e treinarem novas técnicas de combate. A família que acolhera Bjorn tratava-o como um verdadeiro filho, e Ingrior estava muito satisfeita com a evolução do irmão.

A expectativa de conhecer o filho de Ingrior, que se revelara meu primo, foi gorada. Fiquei intrigada ao verificar que, apesar de ser

uma mãe dedicada, ela preferira deixar o menino ao cuidado das criadas da sua casa, do que trazê-lo para junto da avó e dos tios. E Anna também não reclamava da ausência do neto! Isto só podia estar relacionado com o mistério que envolvia Gunnulf e Ingrior! Porém, eu tinha de sufocar a curiosidade, porque não me atrevia a questionar ninguém acerca das minhas suspeitas.

Durante dias vivi dentro de um sonho e, pela primeira vez, não me senti perdida nesta terra estranha. Envolvida pela simpatia do povo viking, observei e escutei, aproveitando para conhecê-los melhor. À noite, havia festa em todas as casas, com os familiares e amigos. A herdade de Gunnulf estava cheia, e os guerreiros, as suas esposas e filhos misturavam-se com grande alegria. Montavam-se tendas em redor da casa e contavam-se histórias de grandes feitos de homens, deuses, criaturas malditas e encantadas, elfos, gigantes e dragões.

O relato mais apreciado era o de uma experiência vivida na última campanha. A assistência arregalou os olhos ao escutar um guerreiro narrar a tempestade maldita que se abatera sobre o barco onde viajava de regresso a casa. Quando ele e os seus companheiros já temiam encontrar a morte nas águas geladas ou no estômago de um monstro marinho, eis que o próprio Thor viera em auxílio do seu povo, manifestando-se na proa do navio sob a forma de um grande relâmpago azul, que ficara suspenso no ar como que prisioneiro de uma mão gigante. O homem coloriu a história, tornando-a quase irreconhecível. Um *Skald*, um jovem talentoso que seria chamado bardo na minha terra, compôs uma canção para perpetuar a aventura.

Escutei extasiada, como se não tivesse vivido a situação na carne. Arrepiei-me quando o guerreiro descreveu como Thor lhes salvara as vidas, limpando o céu e o mar de quaisquer vestígios de tormenta. Eu ainda não percebera que força me movera naquela noite. Mas, com ajuda divina ou sem ela, o fato é que me transcendera. Felizmente, a força maléfica que quase nos perdera não voltara a manifestar-se. Talvez o sortilégio não fosse destinado ao barco e este só tivesse sido apanhado por infortúnio! Quem poderia desejar a morte destes guerreiros, se eram estimados e idolatrados por todos os companheiros?

As noites terminavam invariavelmente com corpos empilhados pelo chão da casa, dormindo a sono solto, ao sabor de grandes bebedeiras.

O ressonar dos homens era tão forte que, por vezes, interrogava-me como é que a estrutura de madeira resistia. Até a pequena coruja desaparecera, afugentada pela confusão. Eu imaginava que ela se tivesse refugiado no celeiro e tê-la-ia seguido com agrado, para desfrutar de um sono tranqüilo, se não temesse que Freysteinn ou algum dos outros me molestasse. Felizmente, o cansaço acabava sempre por vencer e eu adormecia na segurança da presença de Anna.

De dia, assistia aos jogos presididos por Gunnulf. Throst e os companheiros já haviam regressado e participavam entusiasticamente nos 9 torneios. Pude observar a destreza dos homens com a espada, no lançamento do dardo, com o arco e na luta corpo a corpo. A habilidade dos guerreiros-lobo era indiscutível e apenas superada pelos dois senhores da terra. Durante uma breve pausa, Krum contou-me que nem todos se encontravam ali para se divertir. Muitos queriam revelar-se aos olhos do líder e conquistar a honra de conduzir os seus barcos durante a campanha do próximo Verão.

O ponto alto da luta corpo a corpo deu-se quando Gunnulf desafiou Throst. A palavra passou de boca em boca, e as pessoas correram para assistir. Os meus ouvidos apanhavam pedaços de informação, e os olhos não perdiam pitada. Throst crescera na casa do tio, e o seu tutor fora o próprio Gunnulf. Por conseqüência, Throst nunca conseguira vencer o primo.

Fiquei a observar, com a respiração suspensa, enquanto os dois se batiam. Os seus corpos jovens, fortes e perfeitos, arrancavam suspiros às raparigas em idade casadoira. Pelo menos, isto era igual em qualquer cultura! Entre socos, pontapés e encontrões, tudo era permitido, exceto o uso de armas. O chão pisoteado transformou-se num lamaçal. As peles brancas depressa ficaram castanhas, rasgadas aqui e além pelo vermelho-vivo de um corte que sangrava. Os olhos dos adversários brilhavam. Os seus golpes eram violentos e

impiedosos. Como podia o povo sugerir que esta era uma luta amistosa, uma simples brincadeira?

Pasmei ao ver o guerreiro-urso erguer o corpo de Throst acima da cabeça, como se este não tivesse peso. Depois, arremessou-o para o chão e sentou-se em cima das suas costas, recebendo os aplausos da assistência. Isso poderia ser uma grande humilhação, se no final Gunnulf não estendesse a mão ao primo e o presentearse com um abraço apertado.

— Estás cada ano melhor, Throst! — elogiou bem alto para que todos ouvissem. — No futuro, terei de ter cuidado contigo!

Nestas circunstâncias, as palavras do líder representavam o maior dos elogios. Os primos abandonaram o recinto de combate e foram felicitados pelos amigos e presenteados com chifres cheios de cerveja fresca.

Eu permaneci afastada, mas algumas raparigas solícitas correram entusiasmadas ao encontro dos heróis, carregando água para lavar as suas feridas. Mal acreditei quando Throst me chamou. Porém, o apelo repetiu-se e tive de forçar as pernas a moverem-se. Ao examiná-lo, verifiquei que tinha um corte feio no canto da boca que não parava de sangrar e vários lenhos no corpo, causados não só pelos golpes rudes de Gunnulf, mas também por pedras e pedaços de madeira que se escondiam na lama. As raparigas pareciam mais interessadas em apalpar-lhe as carnes do que em limpar-lhe as feridas, por isso afastei-as com um gesto severo e assumi a tarefa. Throst chamou-me a atenção, apelando com um sorriso:

— Muitos homens irão ferir-se com gravidade durante os torneios. Quero que cuides deles com o mesmo cuidado com que cuidas de mim. Farás isso, Pequena?

Confirmei com a cabeça e fiquei presa ao seu olhar, deslumbrada pela luz brilhante que refletia o meu rosto corado. O sorriso de Throst foi esmorecendo até desaparecer. Eu sabia o que lhe ia na mente, porque estava a ser assaltada pelas mesmas lembranças.

— Eu vinha ajudar-te! — A voz estridente de Halldora fez-me saltar para trás. — Mas vejo que já não precisas de assistência!

A sua ironia deixou-me gelada. Estremeci ao ver a raiva subir às faces de Throst quando encarou a namorada.

— Terias chegado a tempo... se não estivesses tão ocupada com o teu amigo!

Era a primeira vez que o ouvia revidar com aspereza, movido pelo ciúme. Também se apercebera de que a noiva passara a manhã esvoaçando em redor de Freysteinn. A situação estava a ficar feia.

— Talvez a Halldora prefira a companhia de um vencedor, para variar!

O tom jocoso do pérfido guerreiro-lobo, que surgia por trás da irmã de Gunnulf, levantou uma muralha de silêncio ao nosso redor. Fitei Halldora, suplicante. Bastar-lhe-ia saltar para o pescoço do noivo e cobri-lo com os seus beijos envenenados, para evitar uma desgraça. Halldora devolveu-me um sorriso vitorioso, e eu percebi que a última coisa que ela tencionava fazer era arrefecer os ânimos. Throst mirou Freysteinn de alto a baixo e desafiou-o:

— Pois decidamos, de imediato, quem é o digno companheiro da donzela!

Freysteinn cuspiu uma gargalhada de desprezo, com os olhos brilhando perigosamente.

— Queres bater-te comigo agora, Throst? Olha para ti! Mal te susténs de pé, depois da surra que o Gunnulf te deu! Não me vencerias como um homem, quanto mais a valer por meio...

Throst moveu-se tão rápido que mal o vi. Quando pisquei os olhos já Freysteinn estava no chão, com a boca a sangrar. O aleivoso guerreiro levantou-se com um salto e lançou-se sobre o rival. Halldora desencadeara uma avalanche!

Assisti impotente à disputa dos dois homens, fisicamente equivalentes, pela posse de uma mulher que não gostava de ninguém, além de si própria. Era evidente que Halldora só usava Freysteinn para provocar Throst. Mas também não amava o noivo, ou não o submeteria a tamanha afronta.

Numa coisa Freysteinn estava correto. Throst encontrava-se tão cansado e magoado que ser-lhe-ia difícil prevalecer. E, da forma como a disputa começara, o vencedor não se contentaria em subjugar o vencido. Era uma questão de honra! Halldora podia ter condenado o noivo à morte. Mas o sorriso de puro deleite que ela

exibia, enquanto os dois guerreiros se massacravam por sua causa, era revelador do pouco que isso lhe importava.

Gunnulf surgiu, e eu tive esperança de que estancasse a loucura. Porém, apesar de apreensivo, ele não moveu um dedo para deter os companheiros. Em redor, vários rostos conhecidos partilhavam o meu receio. Krum estava pálido como se a morte tivesse passado por ele. Curiosamente, Sven, Durin, Ormarr e Sigmund não pareciam preocupados. Saltavam, gritavam e gesticulavam, dominados por um grande entusiasmo, incitando Throst a abater Freysteinn. Percebendo a minha aflição, Sven premiu-me com uma pancada nas costas que quase me partiu os ossos.

— Não te preocupes, Pequena! Um rafeiro miserável não pode vencer o líder da alcatéia!

Não tive tempo para pensar nesta afirmação estranha, pois Throst tombara e parecia incapaz de se levantar. Freysteinn ria desalmadamente e batia no seu próprio peito com os punhos, uivava e voltava a fustigar o corpo prostrado com pontapés. O rosto de Throst cobria-se de vermelho, devido ao sangue que lhe escorria do nariz e da boca. O branco imaculado da neve estava manchado... manchado de lama... manchado de vida...

O brilho da pedra da minha avó entrou-me nos olhos. Sobressaltei-me ao recordar que o amuleto tinha o poder de fortalecer e sarar.

Podia estar no pescoço de Throst, mas continuava a pertencer-me. Através dele, eu conseguiria dar ao capitão a força necessária para reagir. Enchi o peito de ar e concentrei a minha atenção na luz que cintilava entre sangue, suor, lama e neve. Senti-a tão viva e quente como se estivesse na minha mão.

— Não confias nele... na sua força... nas suas capacidades?

Fui percorrida por um calafrio. Tentei virar-me para encarar o dono da voz, mas Sigarr cravou os dedos, como garras, nos meus ombros e impediu-me.

— O teu conhecimento da magia é ainda muito fraco, mas possuis uma excelente compreensão da força do coração dos homens, minha querida. O Throst não é um guerreiro normal. É um líder!

Acreditas que te perdoará quando descobrir que a sua honra foi salva devido à tua interferência?

Eu sabia a resposta. Esta luta pertencia a Throst, e ele tinha de vencê-la... ou perdê-la... mas sozinho!

— Os teus mestres nunca te explicaram por que falhas, jovem filha da Grande Ilha? Nunca te disseram qual é a tua maior fraqueza? — Os lábios de Sigarr colaram-se ao meu ouvido, mas permaneceram imóveis. — Tu não confias em ti própria, nem nas tuas capacidades. Os teus inimigos são sempre mais fortes, os teus objetivos inatingíveis. Caminhas pela vida de olhos vendados a tudo o que não consegues agarrar. Olha para ele... Sabes o que o torna poderoso? Aquilo que te falta! Enquanto houver um sopro de vida no seu corpo, o Throst não estará derrotado. No seu lugar, há muito que te terias entregue aos braços gélidos da morte. Enfrenta a Gwendalin com esse espírito, e ela esmagar-te-á com um olhar!

E sumiu tão subitamente como aparecera. Enquanto a minha cabeça estalava, num tumulto, os meus olhos recuperavam a visão da contenda. Os dois homens continuavam na mesma posição, como se o discurso de Sigarr tivesse decorrido num tempo só nosso. E o seu alerta ardia-me na mente. Utilizar ou não o poder da pedra?

Freysteinn esboçava uma nova agressão, mas, como se uma força divina o carregasse de energia, Throst agarrou-lhe na bota e rodou o seu próprio corpo, forçando o adversário a escorregar e cair. Dominado pela surpresa e aturdido pela queda, Freysteinn nem se apercebeu da derrocada que o esmagava. Throst imobilizou-o e pressionou-lhe um joelho contra o pescoço, até deixá-lo inconsciente.

— Mata-o! — gritavam vozes que eu já reconhecia.

— Sim! Mata esse cão!

— Mata-o, Throst!

Throst ergueu-se e inspirou o ar com força, como se a vida regressasse lentamente ao seu corpo. Por fim, olhou para Gunnulf, esperando pelo veredicto do líder. As palavras do colosso tornaram a surpreender-me:

— Se não acabares com isto agora, voltarás a ter problemas!

Apesar de tudo, eu só podia revoltar-me. Como é que este homem conseguia ser tão frio? Não era Freysteinn um dos seus guerreiros de confiança? Não era seu amigo? Por que não pedia pela sua vida em vez de incentivar a sua desgraça?

— A sua família não merece tamanha dor! — ripostou Throst, deixando-me atônita e sem fôlego. — O Freysteinn é demasiado jovem e irrefletido. Terá uma nova oportunidade. Se não a aproveitar, voltaremos a ajustar contas.

Halldora saltou para os braços do noivo, berrando hilariante:

— Eu estou tão orgulhosa de ti! E tão feliz por ser tua mulher!

Na minha indignação, pensei que Throst seria tão sensato como sempre provara ser em todas as decisões que tomava. Iria afastar aquela ordinária e dir-lhe-ia que fosse abraçar o seu campeão, que jazia inconsciente com o focinho enterrado na lama. O meu coração contraiu-se e sangrou ao constatar que ele estreitava Halldora e aceitava os seus beijos melosos. Este homem não tinha orgulho? Estaria tão cego, que não via a fera traiçoeira que segurava nas mãos, pronta a cravar-lhe os dentes no pescoço?

Rasguei a multidão e corri para casa. Sentei-me onde costumava dormir e envolvime na manta de lã. Sentia-me gelada e doía-me a cabeça. A intervenção de Sigarr atormentava-me o espírito. O feiticeiro sabia demasiado acerca de mim, das minhas fraquezas, temores e anseios. Respirei fundo com dificuldade, preparando-me para dissecar o novo enigma que ele plantara na minha mente, qual erva daninha que se multiplicava e crescia, absorvendo tudo o resto. Quem era essa mulher que Sigarr declarava que eu tinha de enfrentar? Quem era Gwendalin? Não me chegava Myrna? Ou estaria eu enganada desde o início? Seria Myrna apenas uma desgraçada com habilidades mágicas que resolvera estragar-nos a vida, e não a verdadeira ameaça, aquela que a minha avó temia?

Quando a porta se abriu, eu tremia tanto, que os meus ossos rangiam. Krum aproximou-se, franzindo a testa de preocupação.

— Então, foi aqui que te escondeste? Olha para ti! Vais morrer gelada, rapariga!

Num abrir e fechar de olhos, já preparara um chá e forçava-me a bebê-lo.

— O Throst pediu-me que te procurasse. — Esboçou um gesto para evitar o meu protesto. — E eu preciso da tua ajuda para tratar dos feridos...

Gesticulei exprimindo negação. Ele não precisava de mim!

— Estás enganada. A tua ajuda é tão preciosa como a tua companhia... prima!

Eu parei de respirar. Teria ouvido bem? Krum acariciou-me a face de cera e explicou:

— Há muito que descobri a minha origem e, assim que te vi, fiquei impressionado com a tua parecença com Mairwen. Depois, verifiquei a tua habilidade e domínio da Arte e poucas dúvidas me restaram. O mundo é pequeno, não é? — Sossegou-me com um sorriso apaziguador. — Quando pressionei a minha mãe, ela confessou-me a verdade. Não receies, Catelyn! Enquanto o desejares, este será o nosso segredo.

O cerco fechava-se. Quanto mais eu tentava apartar-me deste lugar e do seu povo, mais ligações criava. Como podia evitar cair nos braços de Krum e cingi-lo com força? Como podia impedir que a doce ternura, que sempre me invadia quando abraçava os meus irmãos, regressasse numa saudosa recordação?

— Eu conheço a tua missão, prima, e tudo farei para aliviar-te. Se isso significar seguir-te através do mar, também o farei. Sempre sonhei com a terra da minha mãe e desejei criar raízes no chão dos meus antepassados; ver os meus filhos a correr pelos montes e vales repletos de verde e luz. Quando o momento chegar, estarei ao teu lado. Mas, agora, terás de ser forte e enfrentar a vida que te espera lá fora.

O meu rosto escureceu, e Krum suspirou resignado. Hesitou muito, antes de acrescentar:

— Eu sei que te é difícil superar o que deixaste para trás, mas pensa que, se o destino quis que encontrasses uma família entre os Vikings, alguma razão teve. Acredita que também não me é fácil recordar o que aconteceu. Eu não sabia que Garrick McGraw, o homem que eu cresci a odiar, era o pai dos meus primos. Gostaria de te abraçar sem que o sangue derramado entre Vikings e Aliados nos separasse. Infelizmente nós não podemos mudar o passado...

Mas podemos aprender com os nossos erros e tentar construir um futuro de união e paz.

O que Krum dizia era bonito, mas a batalha da Enseada da Fortaleza continuava na minha mente, como uma ferida infectada que não parava de purgar. Por muitos anos que vivesse, eu não esqueceria a dor nos olhos de Aled ao despedir-se dos que amava, antes de entregar a vida para nos salvar. Agora, que podia abordar Krum sem receio, só ansiava por descobrir a sorte dos meus entes queridos. Como já era hábito, ele entendeu-me sem dificuldade. Tornou a hesitar, talvez procurando as palavras certas para não piorar o meu tormento:

— O teu pai escapou com vida das mãos do Gunnulf. Dos teus irmãos, eu nada sei. Entendo que, para ti, a dúvida seja mais angustiante do que a certeza e lamento nada poder acrescentar ao que já sabes. Contudo, estou convicto de que os deuses não te deixaram desamparada.

Eu assim esperava, com todas as forças da minha alma! O meu queixo tremia, enquanto movia as mãos num gesto simples: *Porquê?*

Krum suspirou longamente, antes de responder num murmúrio quase imperceptível, como se ele próprio procurasse uma justificação:

— Nós não tencionávamos invadir o reduto de Goldheart nesta campanha. Preparávamo-nos para retornar a casa, quando recebemos a ordem de Gunnulf para atacar. Foi tudo tão estranho! Surpreender Aliados guerreando entre si era a última coisa que eu esperava! Mas as surpresas não terminaram aí! De regresso ao barco, vi o meu irmão de criação e noivo da minha irmã carregando uma rapariga nos braços e impondo regras sobre a conduta dos homens. Em toda a sua vida, o Throst nunca agira assim... Mas agora eu compreendo a vontade que o moveu!

Então era verdade! Algo manipulara a sorte e unira os destinos de Vikings e Aliados, no dia do meu casamento. Era óbvio que tamanha desgraça só podia ter sido obra de Myrna. O clamor das suas ameaças ainda me arrepiava. Como ela chegara até Gunnulf estava para além da minha imaginação, e Krum também desconhecia quem

fora o delator da vulnerabilidade dos Aliados. Dei por mim a gesticular dolorosamente: *O Throst sabe... quem eu sou?*

Krum encolheu os ombros, enquanto raciocinava em voz alta:

— Se ele possui esse conhecimento, nunca mo revelou. Porém, não acredito que nenhum desígnio, divino ou terreno, pudesse persuadi-lo a ajudar-te, se soubesse que tu és uma McGraw! Quanto ao Gunnulf... eu não sei o que dizer! Quero acreditar que o Sigarr não te denunciou, porque reconheceu em ti o sangue da sua raça. Todavia, não tenho certezas. Por isso, peço-te que te mantinhas perto da minha mãe e longe de sarilhos... longe do Throst!

Eu tentei desviar-me do seu olhar, sobressaltada com o rumo da conversa, mas Krum segurou-me o queixo, enquanto insistia:

— Tu tens de arrancá-lo do teu coração, Catelyn! Fá-lo por ti, para que não sofras mais do que já estás destinada a sofrer.

Corei desalmadamente. Como podia Krum declarar algo que eu nem admitia a mim própria?

— Há muito que eu percebi, prima — prosseguiu ele com convicção. — Sei que estás confusa... O Throst também está dividido, mas jamais quebrará o juramento que fez à minha irmã. E o Gunnulf já se assegurou de que tu não serás uma rival para a Halldora. Além disso, o teu destino levar-te-á para onde o Throst não te poderá seguir. Eu acredito que os deuses lhe confiaram a missão de te trazer para a Terra Antiga, a fim de completares o teu treino em segurança, longe da feiticeira que te ameaça. Agora, debes afastar-te dele, antes que a força que vos atrai provoque um banho de sangue.

Passei a tarde com Krum e Ingrior, cuidando dos feridos como me fora solicitado. No torneio, cada homem esforçava-se ao extremo, o que significava que todos acabavam por necessitar de assistência. Freysteinn recuperara os sentidos, e foi Krum quem o socorreu. Mas eu não estava longe, apelando ao poder da minha mente para que cada toque do curandeiro lhe doesse como um pontapé nas ventas; pensando: *"Imbecil! Volta a encostar-lhe um dedo e verás o que eu te faço!"*

Por fim, fui acometida por um ataque de despeito. Não tivera Throst o que merecera? Não tornara a enroscar-se na noiva qual cão

fiel, depois de ela lhe ter cuspido para a cara?

Nessa noite, Halldora deleitou os convidados com a visão do seu corpo favorecido, dentro dos despojos de alguns vestidos saqueados na Grande Ilha. As costureiras haviam feito uma mistura berrante e feia, mas os homens ficaram extasiados com o resultado, e as mulheres não pararam de cochichar, inchadas de inveja.

Eu decidi não dormir na casa. Sentia-me incapaz de encarar Anna sem forçá-la a contar-me toda a verdade. O que diria ela quando soubesse que Sigarr me abordara? Certamente ficaria em pânico! Não, este não era o momento certo para um tão grande exercício de vontade!

Refugiei-me no celeiro, após certificar-me de que ninguém me seguia. Na mais completa escuridão, trepei pelas sacas de cereal até ao topo. Ora, aqui estava uma boa cama! Mesmo que me procurassem, jamais me descobririam. Adormeci de imediato e consegui descansar um pouco. Acordei com o ruído da porta a fechar-se e com o som de risos disfarçados. Cheguei-me à frente, o suficiente para averiguar quem invadira o meu esconderijo. Uma lanterna foi acesa e pendurada, revelando os intrusos. Era um casal de namorados: Throst e Halldora.

— O que é que tens para me dizer, que justifique tanto segredo?
— perguntou ele.

— Isto! — respondeu ela prontamente, atirando-se ao seu pescoço. Se eu conseguisse chorar, as minhas lágrimas teriam caído em cima dos dois como um aguaceiro. Eu não podia conceber tal coisa! Throst parecia enfeitiçado por Halldora, como Quinn ficara por Myrna. Que poder tinha esta fedelha fria e egoísta, para confundir o juízo de um homem de bom senso?

O beijo durou para sempre. Ouvi as suas respirações a acelerarem e Halldora a ronronar:

— Casa comigo agora, Throst! Eu não quero esperar mais!

Ele devia estar com dificuldade para dominar o instinto, ante o decote interminável do vestido garrido, que revelava os seios enormes e carnudos da noiva qual saboroso prato de carne quente servido a um peregrino esfomeado.

— Já te expliquei mil vezes, Halldora! Eu tenho de fazer, no mínimo, mais uma viagem. Devo-o ao teu irmão. Se nos casarmos e eu tombar, tu ficarás viúva...

— Pelo menos, conhecerei o prazer de possuir o teu corpo!

Não teria esta mulher um pingão de vergonha? Contudo, Throst pareceu apreciar a sua resposta. Procurou os lábios da oferecida e beijou-os com ardor, enquanto eu mastigava o despeito:

"Espero que te doa, desgraçado! Espero que ela te morda em cima da ferida..."

Halldora mordeu. Throst soltou um queixume, e a noiva gargalhou, provocadora e vitoriosa. Caíram os dois sobre o feno e rebolaram numa disputa incendiada, inflamando o desejo. Inevitavelmente, o macho venceu e prendeu a fêmea sob o seu corpo. Halldora arrancou-lhe a túnica, e Throst rendeu-se às suas carícias ousadas.

Eu não queria ver. Sentia-me mal; doíam-me o peito e a cabeça. Que maldição era esta, que me forçava a surpreender aqueles que me eram queridos, a fazer... coisas, com mulheres malditas? Primeiro Quinn, depois o meu pai, agora Throst...

Colocar Throst ao nível do meu irmão e do meu pai deixou-me ainda mais agoniada. Eu tinha de afastar-me. Porém, se me movesse de alguma forma, denunciaria a minha presença. Só me restava fechar os olhos. Tentei com toda a força, mas dir-se-ia que sofrera uma paralisia que me impedia até de os piscar. Estava condenada! Este era o meu castigo por ter permitido que um bárbaro se alojasse no meu coração!

Subitamente, o capitão afastou a noiva e forçou-se a recuperar o fôlego. De onde estava, eu conseguia vislumbrar o ardor das suas faces e o brilho dos seus olhos.

— Throst...

— Chega, Halldora! — atalhou ele, com a voz enrouquecida. — Nós não podemos continuar!

Ela sorriu meigamente e abraçou-o pelo peito, mergulhando a cabeça no seu pescoço.

— E por que não? Só mais um pouquinho...

— Não...

— Sabe tão bem!

— Não, Halldora! Não!

A noiva prendeu o seu olhar e insistiu:

— Mas, porquê?

Throst hesitava, respirando aos bocejos. Como sempre, ia cair na armadilha!

— Porque... Porque eu estou muito perto de perder o controlo.

— E eu quero que tu percas esse maldito controlo!

Halldora saltou sobre o noivo como uma loba esfomeada; a boca devorando-o, impedindo-o de protestar, enquanto as mãos se moviam sobre o seu peito musculado, descendo, descendo sempre, até penetrarem no interior das suas calças. O meu queixo tombou com o choque. Eu não acreditava no que via! Como é que ela ousava...?

Throst deu um salto. A sua mão caiu sobre a de Halldora, impedindo-a de continuar.

— Pára! Tu não sabes o que estás a fazer!

Ela sorriu e lambeu-lhe os lábios com a ponta da sua língua, retorquindo:

— Pelo contrário, meu amor! Sei muito bem... Já vi as escravas com os homens, dezenas de vezes. Deixa-me dar-te prazer...

Os seus beijos silenciaram os argumentos do noivo. Sem mais cortesias, Throst subjuguou-a, rugindo incendiado:

— Tu és um demônio!

A resposta foi imediata:

— Eu amo-te! Quero ser tua! Faz-me tua...

Eu sabia que Throst já perdera toda a vontade de resistir. Os suspiros do casal eram adagas arremessadas ao meu coração. Eu iria enlouquecer se assistisse àquilo! Mas, se me desse a conhecer, as conseqüências seriam certamente terríveis...

A sombra apareceu do nada e acometeu sobre mim. Fiquei cega e asfixiada num monte de penas. O sobressalto fez-me perder o equilíbrio precário que me mantinha suspensa na beira das sacas. Despenquei às cambalhotas e estatelei-me aos pés dos amantes. Enquanto eu tentava perceber se estava inteira, ouvi os berros irados de Halldora:

— Mas o que é isto? Esta vagabunda, outra vez? Faz qualquer coisa, Throst, ou não respondo por mim!

Consegui sentar-me e fixei o gigante louro, aterrada. O seu rosto estava quase tão rubro como o meu, e os seus olhos ardiam com mais fulgor do que o lume da lanterna.

— O que é que tu estás a fazer aqui, Pequena?

Throst falava baixo, mas eu cheirava a sua fúria. Confessei-lhe a verdade, com os gestos atrapalhados pelo pavor. Por cima das nossas cabeças, a pequena coruja branca, que provocara toda a comoção, encontrou o pouso ideal para a sua vigília noturna.

— O que é que ela está a fazer aqui? — repetiu Halldora. — É claro que veio espiar-nos!

Os seus gritos troavam no silêncio. Throst mirou-a com o sobrolho franzido e retrucou:

— Baixa a voz e não digas asneiras! Tenho a certeza de que a Pequena já aqui estava quando chegamos. Deve ter fugido da confusão da casa para tentar dormir...

— Ou para praticar bruxarias! — cortou a noiva, cuspidando maldade. — Olha para ela, Throst! Só tu é que não vês que essa criatura é uma bruxa!

Recuei instintivamente quando a irmã de Gunnulf avançou, tentando agredir-me. De imediato, Throst impediu-a, segurando-lhe o braço.

— Volta para casa, Halldora — ordenou num tom que não admitia contestação. — Nós não devíamos ter vindo para aqui! No fim, este incidente acabou por evitar um erro irreparável!

— Como podes dizer isso? — rugiu ela, com os olhos chispando de rancor. — Não acredito que tu vás defender esta cadela ordinária...

— Pára de ofender as pessoas! Eu vou falar com a Pequena...

— Ela não é uma pessoa — vomitou a grande figura, transbordando o seu ódio. — Ela é... é uma escrava! Eu não permitirei que tu a mantendas depois do casamento! E não vou deixar-vos sozinhos! Sei perfeitamente que ela pretende seduzir-te para parir o teu bastardo e garantir a sua situação. Mas eu não consentirei! Jamais admitirei outras mulheres entre nós...

— E eu não admito que tu me digas o que eu devo ou não devo fazer! — O grito de Throst sacudiu a chama da lanterna. — O teu ciúme e a tua obsessão estão a pôr-me doido! Vai-te embora! Falaremos amanhã quando estiveres mais calma.

Halldora estremeceu da cabeça os pés. Ergueu um dedo e abanou-o, ameaçadora:

— Eu vou chamar o Gunnulf! Dir-lhe-ei que te fechaste aqui para emprenhares a escrava.

Throst nem se moveu.

— Faz isso, Halldora! Desafio-te! O Gunnulf virá, nós lutaremos e eu morrerei. É isso o que tu desejas? Foi a minha morte que planeaste esta tarde, quando provocaste aquela confusão com o imprestável do Freysteinn?

— Throst... — A expressão feminina mudou de ira para indignação e, por fim, para súplica.

— Se queres matar-me, espeta-me um punhal no peito! — Num abrir e fechar de olhos, a arma que ele guardava na bainha da bota estava na sua mão. — Toma! — provocou-a. — Dou-te a minha palavra em como não resistirei. Então? Não tens coragem para cumprir as tuas ameaças?

— Throst! — Halldora saltou para o seu pescoço e abraçou-o, desesperada. — Como podes falar-me assim? Eu amo-te tanto!

O meu semblante devia ser uma máscara de sofrimento, pois Throst evitou o meu olhar e afundou o rosto no cabelo da noiva.

— Eu também te amo, querida! Sabes bem... Por favor, vai para casa!

Halldora cedeu finalmente, passando por mim como se eu não existisse. Throst guardou o punhal, vestiu-se e encarou-me em silêncio. Eu temia o que me esperava. Depois das exigências da noiva, Throst iria vender-me ou oferecer-me a algum monstro...

— Vem cá... Não tenhas medo, Pequena! Senta-te ao pé de mim.

Obedeci. Se continuasse de pé, provavelmente acabaria por cair.

— Há coisas que têm de ser esclarecidas...

Throst falava, mas eu não tinha coragem de enfrentá-lo. Mantive os olhos nas minhas botas e as mãos apertadas com força, para que ele não se apercebesse do meu pavor.

— Eu sei que os costumes do teu povo são diferentes dos nossos. Entendo que tu estás a sofrer e que te é difícil compreender... o que se passou conosco e o que eu sinto pela Halldora.

Fechei os olhos. Desejei tapar os ouvidos e fugir. Será que ele não percebia que estava a ferir-me? Mas, por que é que a sua rejeição me magoava? Por que é que eu não conseguia declarar-lhe a minha indiferença, o meu desprezo? Que praga era esta que se alojara no meu peito? Pensei em Tristan... As emoções que lhe devotava eram diferentes. Se eu amava Tristan, então não era amor o que sentia por Throst! É claro que não era! Eu jamais seria louca ao ponto de me apaixonar por um bárbaro!

— Eu tinha dez anos quando a Halldora nasceu — prosseguiu ele, alheio ao meu dilema. — Estava a morar na casa do Gunnulf, a ser treinado por ele. Quando uma criança nasce, os familiares fazem-lhe votos de amor e proteção. Eu fiz esses votos por Halldora e, a partir desse dia, soube que seria ela a minha mulher, a mãe dos meus filhos... É óbvio que a família não iria impor-lhe um marido que ela não desejasse! Mas a Halldora nunca contestou essa decisão, e o nosso casamento irá realizar-se no próximo Outono, assim que eu regressar.

Fez uma pausa e suspirou profundamente, antes de continuar:

— Quando eu te encontrei, senti que não podia deixar-te morrer... Era tarde demais para tudo, por isso trouxe-te comigo, sem pensar nas conseqüências. Porém, cada dia que passávamos juntos tornava-se mais complicado. Tu eras... Tu és diferente de todas as mulheres que eu conheço! Os teus olhos são doces como o mel, mas, ao mesmo tempo, selvagens... As tuas mãos fazem coisas maravilhosas e... — Tocou-me sutilmente, provocando-me um sobressalto. — Estás a entender o que eu estou a dizer?

Confirmei sem encará-lo, sentindo-me perdida no mundo. Desejava chorar, chorar muito! Mas não havia alívio para a minha alma. A dor que me possuía estava para além de qualquer pranto.

— O que aconteceu conosco... não foi planejado! — Throst segurou no meu queixo e forçou-me a olhá-lo. — Eu sabia que tu estavas magoada e não pretendia impor-me a ti, mas não resisti... Depois... — Hesitou, o seu rosto endureceu e a voz tornou-se

áspera, enquanto a razão aniquilava as emoções. — Eu posso ter quantas mulheres quiser, mesmo casando com a Halldora. Elas podem viver comigo e ter os meus filhos, aos quais darei o meu nome... — Soltou-me o queixo subitamente, como se o contato o incomodasse. — Mas entre nós dois não voltará a haver intimidade... porque eu dei a minha palavra ao Gunnulf. Compreendes?

Perfeitamente! Quem pensava este imbecil que era, para falar-me como se eu estivesse louca de amores por ele, a tentar intrometer-me no seu casamento perfeito? Depois do sermão de Krum, só me faltava enfrentar a vaidade de Throst! Por acaso, estaria escrito na minha testa que eu desesperava por um homem? Mesmo que estivesse, eles seriam incapazes de o ler! Não passavam de selvagens ignorantes, que só sabiam rebentar-se à pancada, roubar o bem alheio e chacinar inocentes. Enfrentei o gigante louro com altivez e tentei transmitir-lhe que, se existisse um inferno, quer este fosse druida, viking ou cristão, eu esperava que ele e a sua maravilhosa noiva lá ardessem, até ao fim dos tempos! O que Throst viu no meu semblante fê-lo desviar o olhar, antes de murmurar mais para si próprio do que para mim:

— Eu sei que tu não compreendes! Como podes aceitar que um homem tenha sentimentos por duas mulheres? — Fitou-me subitamente, e as suas palavras perturbaram-me tanto quanto o atormentado azul do seu olhar. — Eu amo a Halldora! Tenho a certeza de que é ela que eu quero, mas... quando estou contigo... sinto que posso dizer-te o que nunca disse a ninguém! Sinto que nem preciso de falar, porque tu entendes o meu silêncio, como se nos conhecêssemos desde sempre! Como se tu estivesses presente em mim desde o dia em que eu nasci... E destinado que nos iríamos encontrar... Acreditas no destino, Pequena?

Se eu acreditava no destino? O que diria Throst se soubesse que a sua imagem povoava os meus sonhos, muito antes de eu imaginar a sua existência? Como não lhe respondi, ele continuou:

— A atração que nos une é tão forte, que eu tenho de travar uma batalha para não te tocar sempre que estou contigo. O Gunnulf percebeu isso e receou pela Halldora. A Halldora percebeu isso e

odeia-te. O Krum aconselha-me a libertar-te... Mas eu não posso! Não, sem antes encontrar uma explicação...

Calou-se bruscamente e escondeu a cabeça por entre as mãos, deslizando os dedos pelos anéis dourados dos seus cabelos. Depois, suspirou e ergueu-se devagar, como se o esforço deste dia louco o esmagasse. Por fim, estendeu-me a mão, mas eu recusei a sua ajuda. Sentia-me pequena e indefesa, devorada pela vontade de lançar-me nos seus braços, como a Halldora fazia. Porém, isso nunca aconteceria! Não porque o Gunnulf o proibira, mas porque eu era a mulher de Tristan. Não voltaria a desonrar a sua memória e a trair a minha família e o meu povo!

— De qualquer forma, foi a sorte que te trouxe até aqui — disse ele, novamente como se pensasse em voz alta. — Se não me tivesses caído aos pés, eu teria feito uma grande asneira. Acabaria por casar-me já, porque não me arriscaria a partir para o mar e deixar a Halldora desonrada... Mas, mesmo que eu sobrevivesse à campanha, os meus irmãos matar-me-iam quando regressasse, depois de terem sido forçados a conviver com a personalidade forte da Halldora, durante todo o Verão.

Throst sorria e fixava o vazio, como se imaginasse o que descrevia. Eu fui percorrida por um calafrio ao interiorizar a convicção com que ele teimava que a morte o aguardava nesta última viagem. Parecia-me quase uma premonição...

— Tenta não criar mais conflitos com a Halldora — pediu, interrompendo os meus pensamentos sombrios. — Ela não é má, mas, quando se sente ameaçada, é capaz das piores loucuras. Não posso levar-te para a minha casa enquanto eu lá estiver. Mas, depois de eu partir, tu irás fazer companhia à Ingrid. Estou certo de que vós ireis entender-vos muito bem!

Eu gostava de Ingrid, mas não tinha nenhuma intenção de permanecer na Terra Antiga ao seu serviço. A minha prioridade era regressar à Grande Ilha e descobrir o que acontecera à minha família. Krum iria ajudar-me! E a minha tia também, a bem ou a mal!

— Vamos para casa — concluiu Throst, acusando cansaço. — Aqui não estás em segurança. O Freysteinn será capaz de te magoar só

para me contrariar... E ninguém o castigará por isso! — Franziu o sobrolho, perante o meu recuo. — Virás pelo teu pé ou terei de carregar-te?

Por cima de nós, a coruja soltou um pio estridente e desapareceu na noite. Eu segui Throst, qual cachorro bem treinado. Quando entramos na casa, já a ave pousara na sua trave favorita. Fiquei a mirá-la, à luz viva da fogueira, e quase ia jurar que ela me piscava um olho! De novo, a sua intervenção decidira o rumo da minha vida. Começava a questionar-me se não estaria perante demasiadas coincidências.

Não percebi a atitude de Halldora. Mais tarde, justifiquei-a com o seu desejo fervente de humilhar-me e reduzir-me à minha condição de escrava que jamais poderia sonhar com o afeto do seu senhor. No fim, talvez ela estivesse apenas a ser movida pela mão firme da vontade que governa os destinos de todos nós!

Eu já ouvira falar no grande poder das videntes vikings. Geralmente, elas eram mulheres muito reservadas, de idade avançada e sabedoria indiscutível. Eu admirava-as e temia-as. Sabia que lhes bastaria um olhar para que descobrissem a minha natureza, por isso mantinha-me afastada. Foi com apreensão que recebi a ordem de Halldora para acompanhá-la na consulta de uma dessas adivinhas, que viera assistir às comemorações. E a minha surpresa aumentou ao saber que Throst também fora apanhado na rede da sua maquiavélica noiva.

A vidente tinha a idade do mundo. Eu nunca vira uma mulher tão velha, com as peles pendendo como farrapos. Porém, quando se moveu, confirmei que ainda havia muito vigor no seu corpo esquelético e encarquilhado. Os seus olhos eram um céu de tormenta, e, quando os pousou em mim, eu acreditei que estava perdida. Se ela me denunciasse perante Halldora, a fedelha iria berrar a plenos pulmões por Gunnulf, que pouco se importaria com os argumentos do primo. Talvez, sabendo a verdade, o próprio Throst quisesse livrar-se de mim!

— O meu nome é Halldora e sou irmã do senhor desta terra começou a jovem viking, sem hesitação. — E este é Throst, o meu

noivo. Ouvi dizer que és a melhor da tua espécie... Quero que prevejas o nosso futuro.

Largou uma moeda de cobre sobre a manta da anciã com uma desenvoltura altiva. A vidente agarrou nos pequenos ossos que jaziam espalhados pela coberta de lã e voltou a lançá-los, sem se dignar a fitar a petulante rapariga. Depois de uma longa espera, em que pensei que Halldora fosse impacientar-se e gritar-lhe, a mulher perguntou ríspidamente:

— E ela, quem é? O que me pedes não é um espetáculo público!

As minhas entranhas revolveram-se, enquanto Throst murmurava friamente:

— Manda a Pequena embora, Halldora! Para que queres forçá-la a assistir a esta tolice?

A noiva silenciou-o com um gesto impaciente e irritado, dirigindo-se à vidente:

— Não lhe prestes atenção! Ela é só uma escrava sem importância!

Eu sustive a respiração quando o olhar cinzento-escuro da adivinha me invadiu. Podia jurar que os seus lábios ressequidos esboçavam um sorriso trocista.

— Uma escrava... — repetiu e, depois de outra pausa em que tudo ficou por dizer, voltou-se para Throst. — Ter-me-ão as velhas orelhas enganado ou acabei de ouvir o neto de “O Que Tudo Vê” a desdenhar da minha arte?

Sem que houvesse uma explicação, a minha pele arrepiou-se. Fixei o olhar em Throst, confusa. A anciã chamara ao seu avô “O Que Tudo Vê”? Mas não era o seu avô o mesmo de Halldora? Ainda mais estranho foi constatar que Throst se tornava tão rubro como a capa que lhe cobria os ombros. Os seus olhos brilharam perigosamente e pensei que iria pôr fim ao capricho da noiva. Porém, a vidente antecipou-se:

— Não queres saber o teu futuro, filho de Thorgrim?

Throst estava tão nervoso, que teve de baixar a voz para que esta não lhe tremesse, ao responder:

— Eu já vi o meu futuro, anciã, e não desejo revê-lo!

Fez menção de partir, mas a noiva protestou e segurou-lhe o braço. Enquanto isso, a velha lançava os ossos sobre a manta e replicava mansamente:

— O que tu viste foi um dos caminhos... Aquele que teimas em trilhar cegamente! Contudo, existe outro... Um caminho que te levará para longe e fará de ti o pai de três reinos: um para a profecia, outro para a união e outro para a paz...

Eu mal conseguia respirar. Primeiro, fora o Lobo Cinzento; agora, a vidente... Era óbvio que, em algum momento do passado, Throst se afastara do seu objetivo de vida. Seria verdade que o seu futuro já lhe fora revelado, como ele próprio afirmara? Uma coisa era certa: ele estava muito perturbado. Completamente alheada da comoção do noivo, Halldora guinchava excitada:

— Estás a dizer que eu darei três filhos ao Throst? E que os nossos filhos serão reis?

Os ossos espalharam-se mais uma vez, e os caracteres rúnicos formaram um padrão aos meus olhos. Por um instante, a manta transformou-se no céu e os ossos em estrelas, cada uma com luz própria, cada uma com um significado explícito. Estremeci quando a vidente replicou:

— Eu estou a ver o futuro do homem... *“Mas a mãe dos três reinos está presente...”*

Pisquei os olhos, temendo ver mais do que desejava, sem perceber se as últimas palavras haviam sido proferidas ou apenas escutadas pela minha mente. O meu coração apertou-se quando surpreendi o olhar de Throst cravado em mim. Sentime enrubescer e arfei em busca de ar. Ao meu lado, Halldora continuava a saltitar de alegria, enquanto a vidente profetizava que ela seria rainha. Para a irmã de Gunnulf não restavam dúvidas sobre o significado das adivinhações: Throst seria o seu rei, e os filhos de ambos conquistariam três reinos.

Baixei o rosto, lutando contra a vertigem que ameaçava dominar-me. Por que raio Throst não desviava o olhar? Eu sabia que era tolice, mas quase acreditara que a vidente se referira a nós dois.

Halldora deu-se por satisfeita e enfrentou-me abertamente, sem esconder o seu desdém:

— Ouviste? Eu serei rainha! E tu? — Extravasou o seu entusiasmo infantil diante da anciã: — Diz-me, o que o futuro reserva para a minha escrava?

De novo, os olhos cinzento-escuros da vidente invadiram a minha alma, e os seus lábios distorceram-se. Eu tremia tanto, que acreditei que iria desmaiar. Como num sonho, ouvi a voz harmoniosa retrucar:

— E o que importa a uma rainha o futuro de uma escrava? A sorte desta rapariga foi decidida há muito. Eu nada mais tenho a acrescentar.

Sentime inundar por um alívio imenso. Ela não me denunciara!

Halldora sacudiu os ombros com despeito e deu-se por satisfeita. Agarrou o braço de Throst e arrastou-o na direção de um grupo de jovens que tocavam e dançavam. Eu inclinei-me diante da vidente, grata pelo seu silêncio. Ela retribuiu com um aceno e exclamou:

— Não permitas que a rapariga te distraia! O falcão só desce ao encontro dos ratos quando tem de se alimentar.

Não compreendi o que ela queria dizer, mas não tive tempo para indagar, porque os ossos já rolavam sobre a manta e os meus olhos voltavam a vislumbrar um céu carregado de estrelas. Como uma música celestial, a anciã declamou solenemente na sua voz sem idade:

— O teu caminho não é tão direito como imaginas, e a tua missão não é tão simples como desejas. Está escrito no tempo que a revelação do passado irá corrigir o futuro e que o sangue de dois deve mergulhar como um, para sarar a ferida aberta no mar... Mas poderá uma alma perdida unir uma alma quebrada? Conseguirá a escolhida alterar a sorte do mundo, quando todas as forças foram desequilibradas? Prepara-te, filha da Grande Ilha! O destino com que as estrelas te brindaram, galopa ao teu encontro. Está a chegar o momento de decidires entre o que deveria ter sido e a nova vontade imposta.

Em toda a minha permanência na Terra Antiga, eu nunca ouvira tão extremo silêncio. Os Vikings eram barulhentos por natureza e, quando não estavam a gritar, estavam a cantar, a assobiar, a declamar uma patetice...

Mas não nesta noite de completa escuridão.

As centenas de pessoas, que se reuniam em volta do templo e no seu interior, retinham a respiração perante a solenidade do momento.

Este era o maior templo da Terra Antiga, erguido em honra do deus da guerra. E era ao próprio Odin que se prestava homenagem. Os guerreiros e os homens fortes da região enchiam a casa de culto até à porta. O povo tinha de assistir à cerimônia no exterior.

Eu aproximara-me por curiosidade. Havia uma fenda numa tábua da parede do templo, mesmo ao nível dos meus olhos, e foi por aí que espreitei. No interior, a grande fogueira central iluminava os rostos solenes dos senhores da guerra e a imponente e atemorizadora estátua do seu deus. Sigarr, que presidia ao ritual, deu a ordem para que a lâmina afiada da faca de bronze ceifasse a vida do bode que se agitava nervoso, como que adivinhando a negra sorte. Um jovem alto e possante para a idade que os olhos denunciavam, agarrou na cabeça do animal e desferiu-lhe um único golpe na garganta, rápido e preciso, que fez o sangue jorrar em vermelho-vivo para dentro da taça de cobre que Bjorn segurava.

Desviei o olhar à pressa. Eu já assistira ao abate de muitos animais, mas nenhum me perturbara assim. A minha pele estava suada e gelada, o meu coração batia a rebate e as entranhas remexiam-se. Se eu não tivesse o estômago vazio, teria sucumbido ao vômito. Desejei afastar-me, mas surpreendi-me aprisionada pela multidão. Dentro do templo, o bode parara de estrebuchar. Bjorn entregou a taça com o líquido viscoso que fumegava a Sigarr, e o feiticeiro ergueu-a acima da cabeça. Entoou um cântico sonoro e profundo a que todos, no interior e exterior, responderam a uma só voz, invocando e louvando o deus. Depois, fez-se silêncio, enquanto o feiticeiro levava a taça aos lábios e bebia dela, para que o espírito que chamara se apossasse do seu corpo.

A noite foi iluminada por um relâmpago colossal que me fez saltar de susto. Aproximava-se uma tempestade violenta e sobrenatural. A energia que se concentrava sobre o templo era tão forte que tombava sobre nós como poeira, brilhante e quente ao toque. Se os

deuses vikings eram reais, deviam estar bem despertos e com os olhos postos nos seus súbditos.

Sigarr mergulhou a mão na taça e tocou na fronte do deus de madeira, entoando um novo cântico. Eu engoli em seco quando as centenas de vozes se ergueram em coro. E já não pararam. O feiticeiro encarou a assistência: os guerreiros escolhidos para comandar os navios de guerra e, por detrás deles, os audaciosos companheiros. A um só tempo, todos desembainharam as espadas e o rugido do aço misturou-se com o clamor do povo. Sobre nós, um relâmpago encheu a escuridão de luz, e o trovão abafou a potente ovação. Desprovida da vontade gritante que me ordenara que fugisse sem olhar para trás, eu interiorizava cada pormenor do cerimonial.

Sigarr deteve-se perante Gunnulf, segurando a taça de cobre. A ladainha arrepiante subiu de tom quando o feiticeiro mergulhou a mão na taça e besuntou a testa do líder com o líquido da vida. Eu sustive a respiração, enquanto o guerreiro-urso lhe respondia, erguia a espada, cortava a palma da mão com a lâmina, unia o seu sangue ao sangue do animal sacrificado e besuntava a arma com essa mistura.

Rebentou outro relâmpago. Estourou outro trovão.

Sigarr deu um passo ao lado, parou em frente de Throst e o ritual repetiu-se. A minha atenção estava presa às sombras que o fogo desenhava no rosto belo do guerreiro e no brilho intenso do seu olhar azul. Quando o filho de Thorgrim rasgou a carne na lâmina afiada, eu senti uma dor fina, aguda e fria na minha própria mão. Apertei o punho com força, até os dedos me doerem, e testemunhei o momento em que Throst mergulhou a mão na taça e besuntou a sua espada com o sangue.

O ardor sufocava-me, mas eu só me atrevi a espreitar quando Sigarr parou diante do guerreiro seguinte. O sangue que vertera da minha mão fechada já me manchara o vestido. Como pudera isto acontecer? A resposta estourava com o fulgor da trovoada. Negar veementemente a força que me ligava a Throst não fora suficiente para contrariar o destino caprichoso que teimava em unir-nos, contra tudo e todos, combatendo a nossa própria vontade.

Enrolei a mão à capa e forcei-me a conter a tontura, mas esta não desapareceu. No interior do templo, o altar rodopiava por entre o fumo da fogueira e o colossal deus ganhava vida, estendendo os seus braços intermináveis sobre a multidão; as paredes rachavam-se, as colunas partiam-se e o sangue escorria. Muitas vidas perder-se-iam no próximo Verão. Quando Odin olhou dentro dos meus olhos, eu vi o campo de batalha.

Esta terra não era a minha, mas poderia muito bem ser. Um manto verde estendia-se até perder de vista; o céu e o mar tinham o azul da pedra mágica de Aranwen...

— *Throst!*

O eco da minha voz propagava-se pelo ar. Surpreendi-me perdida entre uma amálgama de corpos quentes e suados. As espadas embatiam, e o metal denso brilhava ao Sol. Os escudos chocavam e partiam-se como se fossem brinquedos. Os homens tombavam ao meu redor, e eu sofria a dor de cada um deles — uma vida desperdiçada, um sonho perdido, um amor desfeito...

De repente, sem aviso, um grito dilacerou-me o coração. Eu senti o corte da lâmina através do ventre, com a mesma precisão que sentira o golpe na mão. Olhei para baixo, mas não era o meu sangue que manchava a terra. O corpo de Throst dobrava-se, caía de joelhos e depois de costas, com a espada cerrada dentro do punho. Os olhos azuis escancaravam-se ao céu, e os seus lábios deixavam escapar um murmúrio:

— *Pequena...*

Um guerreiro robusto debruçou-se sobre ele. Agarrou-lhe no queixo e empunhou um punhal com destreza, rasgando-lhe a garganta de lado a lado. O sangue vermelho vida, jorrou como água da fonte. Os olhos de Throst reviraram-se, e o azul desapareceu.

A dor no meu peito era tão forte, que me enlouquecia. Não existia ar para respirar. O deus imponente permanecia inerte, no altar. A multidão corria para o porto, berrando em êxtase. Era liderada pelos guerreiros abençoados no ritual, que empunhavam archotes flamejantes. Um a um, arremessaram o fogo para dentro de um majestoso *Drakkar*, enfeitado para a cerimônia. O barco incendiou-se e iluminou o mar, revelando dezenas de outros semelhantes, que

assistiam ao seu sacrifício. O velho navio não tornaria a ver uma batalha.

O céu explodiu num abismo de luz. Os relâmpagos cruzavam-se, formando símbolos singulares — as Runas do povo viking. Os trovões sufocavam o clamor de homens e mulheres que se despediam do Inverno e da escuridão. Para alguns, esta era a última vez que celebravam o ritual centenário. Para muitos, este era o início de uma grande aventura.

CAPÍTULO 17

Abri os olhos a muito custo. A minha cabeça ainda rodopiava, e as formas resistiam a definir-se. Senti o cheiro da madeira queimada e da carne cozinhada. Estava em casa.

Quando a memória regressou, o meu primeiro reflexo foi erguer a mão à altura dos olhos para certificar-me de que tudo não passara de um horrível pesadelo. Encontrei-a entrapada com um lenço manchado de sangue.

— Devagar, Catelyn... — A voz suave da minha tia confirmou os meus temores. — Ainda não estás bem. Encontraram-te desmaiada, caída na neve, com um golpe feio na mão. Lembraste do que te aconteceu? Quem foi que te feriu?

Aceitei a sua ajuda para sentar-me na cama. Além de nós, não havia ninguém na casa; nem mesmo a pequena coruja branca. A custo, expliquei-lhe o inexplicável. A minha carne rasgara-se sem que ninguém me tocasse, no momento em que Throst fizera o juramento de sangue, perante o seu deus da guerra. Anna estava pálida, estranhamente agitada e apreensiva.

— O Throst não deve saber disto! — declarou com a voz a tremer. — Tens de afastar-te dele, Catelyn, antes que suceda uma desgraça! O Throst deve casar-se com a Halldora e ajudar o Gunnulf na liderança do povo. E tu tens de regressar à Grande Ilha e concretizar a tua missão. É necessário impedir a todo o custo a consumação do elo que vos une! Ouviste?

Era óbvio que a minha tia tinha planos definidos para o seu mundo e que estava determinada a contrariar tudo o que pudesse ameaçá-los. Mas eu fartara-me do seu egoísmo! Cansara-me de acatar as suas ordens sem uma justificação! Eu não podia simplesmente ignorar o corte na minha mão como se este não existisse! Precisava descobrir o seu significado e exigia resposta para

as outras questões que mantinham a minha vida suspensa. Não continuaria a pactuar com este silêncio absurdo, que me impedia de avançar. Mairwen ia responder-me... E já! Enfrentei o seu olhar, enquanto desferia a pergunta que pressentia ser a chave do enigma:

"Quem é a Gwendalin?"

O rosto de Anna fez-se mais branco do que o manto de neve que cobria a Terra Antiga. Voltou-me as costas e dirigiu-se à fogueira, começando a espevitar o fogo.

— Creio que tu não percebeste o que eu disse! — A sua voz soou ríspida e gélida. — Ou não quiseste perceber! Eu tinha a certeza de que a tua presença aqui não nos traria nada de bom. Os teus tutores enviaram-te para uma espera inútil! Ele não virá ao teu auxílio! Se pretendesse fazê-lo, já se teria manifestado...

Ela sabia! Ela conhecia a identidade daquele que eu buscava, cuja ajuda a minha avó me prometera! E nada dissera! E nada fizera para me orientar! Saltei da cama, impulsionada pela ira. Puxei-lhe pelo braço e forcei-a a encarar-me. A minha paciência chegara ao fim.

"Quem é esse homem de quem falais? Onde posso encontrá-lo? Eu exijo..."

— Eu não vou dizer-te, Catelyn! — cortou Mairwen, com uma violência que me sobressaltou. — A Aranwen não tem o direito de impor-me tal sacrifício! Eu desisti de tudo por esta vida! Lutei muito para chegar onde estou e não irei perder o que conquistei para ajudar aqueles que me desprezaram. Agora, esta é a minha família! Não me arriscarei mais por ti!

Recuei como se tivesse levado uma bofetada. Vi o arrependimento no olhar da minha tia, mas, antes que ela pudesse reagir, já eu fugira para a rua. Anna só me ajudara, porque não tivera alternativa e, agora, deixava claro que me queria fora da sua vida. Depois disto, nada voltaria a ser igual. A confiança que eu depositava nela estava desfeita.

Pareceu-me ouvir o apelo de Ingrior, mas não olhei para trás. Corri, fustigada por uma energia avassaladora, impossível de conter dentro de mim. Pulei a cerca, e a floresta abriu-me os braços. Avancei descalça sobre a neve, na mais completa escuridão. Eu não

sabia para onde ia, mas os meus pés conheciam o caminho e os meus olhos viam tão distintamente como num dia ensolarado.

Passado um tempo irreal, encontrei um ribeiro de água morna. Segui-o sem hesitação, como se esse fosse o caminho para casa.

Apesar de subir, cada vez mais e mais, eu não acusava o cansaço. Só parei quando uma grande pedra me bloqueou a passagem. Era da mesma forma e cor da Pedra dos Sábios e erguia-se no centro do ribeiro, com a água fluindo em seu redor. Eu chegara até aonde me era permitido.

Trepei para a pedra e coloquei-me em posição de meditação. Os meus sentidos estavam tão despertos que conseguia escutar o coração da floresta, batendo ao ritmo da vida que nascia e fenecia a cada instante; o rugido zangado do mar, enquanto açoitava as escarpas geladas; as gargalhadas dos aldeões, de regresso a casa após uma noite de festa... Os homens da família Grim cavalgando lado a lado, guerreiros imponentes sobre cavalos possantes; Ingrior correndo ao seu encontro, com os longos cabelos revoltos pelo vento; atrás dela, Halldora gritando furiosa; Throst e Krum virando as montadas na direção da floresta; o olhar furibundo de Gunnulf; os berros tresloucados da sua irmã...

Eu queria que Throst me encontrasse! Desejava estar junto dele, sentir o calor dos seus braços, ver o brilho dos seus olhos, ouvir o som da sua voz. Desta vez não iria negá-lo! Enquanto as árvores desviavam Krum do carreiro e abriam os ramos para indicar o caminho a Throst, o cântico doce do ribeiro trazia um murmúrio suave de uma voz sem idade:

"O destino com que as estrelas te brindaram galopa ao teu encontro... Chegou o momento da decisão, Catelyn da Floresta Sagrada da Grande Ilha..."

Não tardei a ouvir as passadas do robusto cavalo malhado. Mesmo de olhos fechados, vi o clarão do archote de Throst. Em menos de nada, ele chegara à margem do ribeiro. Desmontou, prendeu o cavalo a uma árvore e enterrou o facho na neve. Hesitou, perante a necessidade de entrar na água, mas acabou por trepar para a pedra. Encontrei o seu olhar azul consumido pelo tormento.

— Não sei como vim até aqui...

Não o deixei concluir. Lancei os meus braços em redor do seu pescoço e estreitei-o com toda a força. Throst correspondeu com o mesmo ardor, respirando pesadamente, enquanto me aninhava de encontro ao seu peito. Eu senti os seus lábios nos meus cabelos e inspirei felicidade. Como era possível que algo tão errado me parecesse tão certo?

O tempo passou por nós como uma brisa de Verão. Por fim, foi ele quem tomou a iniciativa de se afastar.

— Por que fugiste, Pequena? Tu prometeste...

Toquei nos seus lábios para silenciá-lo. Devagar, expliquei-lhe que eu não pudera resistir ao apelo deste lugar. Porém, a atenção de Throst estava presa à minha mão e ao sangue seco que manchava o lenço. Segurou-a com cuidado, murmurando com a voz a tremer:

— A Ingrid contou-me que te feriram durante o ritual. Quem foi, Pequena?

Quando eu comecei a negar, a expressão de Throst modificou-se, e a sua voz denunciou a perturbação e a raiva que o engasgavam.

— Eu preciso saber! — insistiu imperativamente. — Juro que matarei o desgraçado que te magoou! Diz-me quem foi!

Eu não sabia como contar-lhe a verdade. Suspirei, em busca de coragem, e coloquei a minha mão sobre o seu peito, mergulhando no olhar azul. Throst estremeceu, e o seu coração debandou a galope debaixo dos meus dedos. Abanou a cabeça, sem esconder a confusão.

— Eu? Mas, como...?

Lentamente, retirei o lenço e revelei-lhe a palma da minha mão. Respirando aos borbotões, Throst examinou o corte com cuidado. Por fim, colocou a sua mão ao lado da minha e abriu-a devagar. A sua ferida começara a cicatrizar, mas ainda estava ensangüentada. A lâmina lacerara um padrão estranho, arredondado, como uma lua crescente... igual ao que se encontrava na minha carne. Percebi que ele tremia. A sua expressão estava inundada de dúvidas, crispada por um sofrimento inconfessável e uma ansiedade palpável.

— Como é possível? — Gemeu num sussurro. — Eu não entendo...

A minha cabeça também latejava, cheia de interrogações. Contudo, neste instante de pura perfeição, questionar a nossa união

era uma ofensa à magia que nos acalentava. Nos braços do poderoso Viking, eu sentia-me maior do que a vida, capaz de ultrapassar todos os obstáculos, apta para vencer qualquer desafio. E a segurança que ele me inspirava confrontava-me com a revelação da sua morte. Eu tinha de impedir essa desgraça! Mas como? Além disso, mesmo que possuísse o poder de salvá-lo, teria o direito de interferir nos desígnios do destino?

Berchan sempre me avisara de que as Visões eram perigosas e mutáveis, dependentes da interpretação de cada indivíduo. Consequentemente, ao tentarmos impedir uma fatalidade, podíamos estar a desencadeá-la. Cada um devia enfrentar a sua própria sorte, afirmava o meu irmão. Por essa razão, nunca me escutara quando eu quisera contar-lhe sobre a voz da maldição que me assombrara na noite em que Fiona nascera. Também por isso, eu não devia revelar a Throst a Visão que tivera do seu futuro.

— Pequena... — começou ele subitamente, arrastando-me de volta à realidade. — Como posso explicar-te? Eu sou um homem racional... Sempre encarei a magia como algo perigoso... mesmo abominável! Algo que tinha de ser evitado a todo o custo! E agora... Parece que os fantasmas do passado regressaram para me assombrar e estão a usar-te para me enlouquecer. Sinto muito! Eu jamais te magoaria...

A sua perturbação era tão extrema, que eu apressei-me a gesticular: *Eu sei! A culpa não foi tua... Está tudo bem!*

Perdi o fôlego quando Throst me segurou as mãos e as beijou longamente, antes de exclamar:

— Gostava tanto que pudesses falar!

Ficamos presos pelo olhar e quase nos sobressaltamos com o pio melódico que eu já conhecia bem. A pequena coruja pairou com elegância por cima das nossas cabeças e pousou num ramo da árvore mais próxima, com o olhar brilhante competindo com a luz bruxuleante do archote. Quando tornei a encarar Throst, surpreendi-lhe um sorriso trêmulo.

— Encontrei uma companheira para a vida! — murmurou. — Acho que ela gosta de ti!

Correspondi ao seu sorriso, mas não consegui sustentá-lo. Throst colocou as minhas mãos sobre o seu coração. Eu não precisava senti-lo para saber que batia tanto como o meu. Fechei os olhos, comovida, e respirei o seu cheiro com declarada satisfação. Os seus dedos fortes deslizaram pelo meu rosto e entrelaçaram-se nos anéis dos meus cabelos. O suspiro do guerreiro viking pairou, acompanhado por um sussurro rouco:

— Eu acho... que... Acho que... eu também gosto de ti!

O coração da floresta parou, os seus filhos silenciaram e até o vento se acalmou. Apenas o ribeiro mantinha o seu sussurro insistente que despertava os espíritos.

Não se pode mentir numa floresta encantada, diante de um ribeiro virgem e sobre uma pedra sagrada, tão antiga como a própria Terra. Este era um lugar onde todo o bem e o mal podiam tomar forma. Mas não havia maldade em Throst. Ele era um homem puro. E negá-lo seria uma aberração contra mim própria; a rejeição de tudo o que eu aprendera. Lenta e dolorosamente, Throst alojara-se no meu peito e ganhara o meu afeto. Nós estávamos prisioneiros de algo que nunca poderia ser. Mas a magia do momento suplantava-me e sugava qualquer intenção de resistir ao impulso de entregar-me às emoções.

— E tu? — insistiu, perante o meu silêncio. — Gostas de mim? Só um pouco?

Ele parecia tão vulnerável como uma criança! Eu sabia que iria arrepender-me de tudo isto quando a magia se esgotasse e a realidade nos batesse na cara, qual onda bravia contra um rochedo. Mas a minha vontade já não me pertencia. Confirmei com a cabeça, e Throst estreitou-me nos braços, afundando o rosto nos meus cabelos. A sua voz soou tão débil que mal consegui escutá-la:

— Acreditarás se eu te disser que já te conhecia? Que, antes de te encontrar, há muito que vivias nos meus sonhos?

Cerrei os dentes para dominar a emoção que me arrasava. Esta era a prova de que nenhum de nós controlava a sua própria vida; de que o nosso encontro era tão inevitável como a seqüência das marés, o nascer e o pôr do Sol... Nem a distância que separava as nossas terras, nem o ódio que opusera os nossos povos, impedira

que, neste instante da história do mundo, um poder divino nos juntasse de forma inexplicável, mas definitiva.

— Não quero saber o que isto significa — segredou ele docemente. — Não me importam as coisas estranhas e ilógicas que têm acontecido. Não me importa quem tu és... ou quem eu sou! Pouco interessa que amanhã a realidade nos separe, porque nós já vivemos este momento... este sonho... E este sonho é só nosso!

Os nossos corações batiam como um só. Sem hesitação, Throst separou a carne do seu corte, até o sangue tornar a verter. De imediato, a minha ferida também se abriu. Fiquei a olhar para a sua mão estendida, com a respiração suspensa, temendo e desejando. Lentamente, entreguei-lhe a minha mão, e Throst apertou-a. Os nossos olhos não se separaram, enquanto a essência da vida se misturava, e os seus lábios ditavam a nossa perdição:

— A partir deste instante estaremos ligados, em corpo e em espírito, como nenhum homem e nenhuma mulher jamais estiveram. Eu juro pelo meu sangue, sobre o teu sangue, que nunca te abandonarei. A minha vida pertence-te. Irei até ao fim do mundo para te proteger. Lutarei pela tua honra e morrerei pela tua vida. A partir deste instante, faço parte de ti... É esta a vontade dos deuses. E é esta a minha vontade!

Para mim, um pacto de sangue era algo sagrado, e eu não tinha a menor dúvida de que também o era para Throst. Enquanto ele levava a minha mão aos lábios, a minha mente berrava que nós estávamos a fazer uma loucura; que Throst jamais conseguiria cumprir este juramento; que o meu destino se encontrava muito longe do seu; que nós estávamos a confundir a vontade dos deuses; que eu não devia retribuir os votos...

Era tarde! Beije-i-lhe a mão e apertei-a contra a minha face. Eu desconhecía o que o futuro nos reservava, mas sabia que esta escolha acabara de traçar um novo rumo para as nossas vidas.

Throst soltou uma exclamação imperceptível e abraçou-me. Sentia-se atordoado, prestes a tombar na água. Eu sabia, porque partilhava dessa sensação. A nossa relação nunca seria física, pois o juramento feito a Gunnulf não podia ser desfeito, mas nem Halldora romperia este elo espiritual. E eu já não tinha medo, nem sequer de

regressar e enfrentar a censura de Anna, a fúria de Halldora ou a maldade de Gunnulf, porque Throst estaria sempre comigo.

A brecha de luz que rasgava a bruma despertou-nos. Era o primeiro raio de Sol que rompia a escuridão do Inverno.

Throst não tornou a falar. Ajudou-me a montar e subiu para trás de mim, envolvendo a minha cintura com um braço protetor. Depois, incitou o cavalo a andar, e eu despedi-me da floresta, sem saudade, pois pressentia que muito em breve regressaria.

Ao entrarmos na Casa de Grim, fomos surpreendidos pela multidão que nos aguardava. Mairwen estava visivelmente angustiada. Krum e Signy suspiraram de alívio. Ingrior abraçou-nos com igual carinho. Quanto aos outros, eu nem precisava encará-los para perceber-lhes o rancor e o desprezo.

O ódio de Halldora era tão intenso que empestava o ar. O meu olhar incrédulo ficou preso no brilho da pedra azul-celeste que lhe pendia do pescoço, ornamentando o decote generoso do vestido novo. Senti o estômago contrair-se como se tivesse recebido um pontapé. Throst dera o amuleto da minha avó àquela criatura hedionda! Como fora capaz de fazer um pacto de sangue comigo, depois de tão abominável desfeita? Esta era uma traição que eu não podia perdoar!

Talvez devido à harmonia de que havíamos partilhado durante a noite, Throst apercebeu-se do meu sobressalto. Murmurou baixinho, com a voz carregada de constrangimento:

— A Halldora pediu-me tanto que eu lhe oferecesse o colar, que não fui capaz de negar-lhe... Julguei que não tinha importância! A pedra não tem nenhum valor...

Se eu pudesse, tê-lo-ia esbofeteado. O meu olhar declarou-lhe que ele jamais entenderia o valor da minha pedra. Magoada, não resisti quando Anna me amparou nos braços com um cuidado sincero.

Era óbvio que a casa já ouvira muitas considerações acerca do nosso paradeiro. Halldora estava rubra, ofegava e batia no peito com os punhos cerrados, num nervosismo crescente, qual fera enraivecida, prestes a investir sobre mim com a morte no olhar. O

semblante gelado de Gunnulf também não ocultava a sua ira e a voz de trovão não se fez esperar:

— Quebraste o teu juramento, Throst?

O olhar azul do primo estreitou-se, enquanto a sua resposta surgia fria e impaciente:

— É essa a fé que depositas em mim? Então, deves reconsiderar a decisão de combater ao meu lado! Não é prudente arriscar a vida junto de um homem em quem não se confia.

— Estais a ver? — guinchou Halldora ardorosamente. — O Throst revolta-se contra nós! Ainda alguém duvida de que esta mulher é uma bruxa? Olhai para eles, todos sujos de sangue! Tenho a certeza de que esta maldita enfeitiçou o meu noivo!

Eu sentime gelar, ao compreender a gravidade da situação que fora lavrada nas nossas costas. As faces de Throst enrubesceram, enquanto rosnava ameaçadoramente:

— Eu já te pedi que parasses com esses delírios, Halldora! Estou farto da tua impertinência!

— Começo a acreditar que a minha irmã tem razão! — O tom de Gunnulf deixou as minhas pernas bambas. — Como explicas o teu protecionismo para com essa escrava, Throst? Escuta a tua voz! Estás a insurgir-te contra a tua noiva e o teu próprio sangue, por causa de uma mulher que nada vale e da qual não podes desfrutar. Livra-te dela! Entrega a escrava ao meu cuidado e põe fim a esta desconfiança.

— Não! — revidou Throst, com a fúria a estalar na pele. — Esta discussão é ridícula! Eu não posso acreditar que te deixes influenciar pelos ciúmes infundados da tua irmã, Gunnulf! Não irei dar-te a Pequena, porque tenciono oferecê-la à Ingrior. E estou cansado desta embirração! Se a presença da escrava te aborrece, levá-la-ei para a minha casa.

Fez-se um silêncio tenebroso. Anna tremia quase tanto como eu. Krum estava pálido. Signy recolhera-se a chorar. Throst e Halldora bufavam de raiva. E Gunnulf... Eu sentia que a sua exigência não fora inocente. Gunnulf desejava separar-me do primo. Talvez já soubesse que eu era filha do seu maior inimigo! De qualquer forma, nas mãos do implacável assassino e longe da proteção de Throst, a

minha vida valeria menos do que um cabelo. Foi pois, com enorme surpresa, que o vi recuar, admitindo num tom perfeitamente controlado:

— Tens razão! Por vezes, a Halldora cega-me! — Avançou para o primo e estreitou-o com força. — Esqueçamos o que se passou. Este é o último dia em que poderemos apreciar a união de toda a família, por isso vamos comer, beber e festejar...

— Gunnulf!

O protesto de Halldora magoou-me os ouvidos. Pensei que o guerreiro-urso fosse reavaliar a sua decisão, mas limitou-se a replicar:

— Este assunto está encerrado! Eu não tenho razões para questionar a palavra do Throst. E tu, Halldora, se não confias no teu noivo, debes repensar o vosso casamento.

Eu vi no olhar de Throst que a brusca mudança de atitude de Gunnulf não o convencera. Eles deviam conhecer-se bem, porque, além de partilharem o mesmo sangue, haviam crescido juntos como homens e guerreiros, travado muitas batalhas, repartido alegrias e tristezas. Todavia, Throst não insistiu em arrancar-me das garras da fera. Voltou-me as costas, como se, subitamente, eu tivesse perdido toda a importância.

Enquanto regressava para junto das escravas, mastiguei o quanto fora tola por confiar no capitão viking. Todos aqueles que me prometiam amizade recuavam diante do esgar mortífero de Gunnulf. Agora, além de encontrar-me sozinha, eu ainda perdera o meu único tesouro. Halldora obtivera sem esforço o que Myrna tentara durante anos, sem sucesso.

Bjorn apareceu de manhã cedo. Animou-me um pouco com as suas tropelias e galanteios, mas a tristeza permanecia cravada no meu peito. Throst e Ingrior arrumaram os haveres e prepararam-se para partir. Em breve, eu ficaria à mercê dos caprichos de Halldora e dos humores de Gunnulf. O comportamento de Anna também mudara. A minha tia estava arredia e assustada. O nome que eu atirara para o ar caíra sobre a sua cabeça como uma muralha de pedra. Até Signy me parecia diferente no trato. Eu sabia que Halldora envenenava a cunhada com a desconfiança de que Krum

nutria uma paixão por mim. Em breve, o meu primo também se afastaria, pois não podia explicar à esposa, que tanto adorava, quão inocente era o nosso afeto.

Throst não se despediu de mim. Além de estar controlado pelo olhar dominador da noiva, eu sabia que o desgostara pela forma violenta como reagira por causa do amuleto. Mas, o que mais podia fazer? Mairwen convencera-me de que Throst haveria de devolver-me a pedra mas, ao invés, ele oferecera-a à noiva. Agora, a tirana jamais se separaria dela. Pior; se descobrisse que a pedra me pertencia, seria capaz de destruí-la só por despeito!

Esse dia foi um suplício. Halldora divertiu-se a fazer pequenas maldades que me feriram o corpo e a alma. Para terminar em beleza, espalhou as folhas espinhosas de uma planta venenosa pela minha manta. Eu só me apercebi do ardil depois de receber muitas picadas inevitáveis, mas não esbocei um queixume. Retirei os picos da carne, quando todos já dormiam, e dispus-me a enfrentar uma noite tormentosa de dores e febre.

O tempo passou lentamente, troçando da minha agonia. Eu acabei por levantar-me sem ter pregado olho e embrenhei-me nas tarefas diárias, acreditando que a distração do trabalho poderia amenizar o meu sofrimento.

Passei a manhã no estábulo e, quando voltei, encontrei a casa deserta. Na fogueira, o grande caldeirão cozia a carne para o almoço. Provavelmente, Anna fora ao mercado com as raparigas.

Quando passei pela mesa das refeições, o meu coração falhou uma batida. A pedra de Aranwen jazia abandonada, com o fio tecido pela minha mãe pendendo para o chão. Tombei num abismo de possibilidades. Teria Halldora desgostado do presente do noivo? Ou seria uma armadilha? Apesar dos avisos que a mente me berrava, eu não resisti a segurar na pedra, que se moldou à minha mão como se suplicasse por proteção. Sobre a minha cabeça, a coruja branca esvoaçava numa algazarra aflitiva, mas eu não lhe prestei atenção. O dilema que enfrentava era muito mais importante. O que fazer com o amuleto? Conseguiria escondê-lo? Se o enterrasse na floresta, poderia voltar para buscá-lo, antes de partir. Não seria um roubo... A pedra era minha!

Enquanto me afundava em hesitações e mágoas, a porta escancarou-se sem aviso. As senhoras da casa entraram, seguidas por uma escrava que trazia Eric ao colo. Instintivamente, escondi a pedra atrás das costas e pasmei ao perceber a razão por que Halldora retirara o fio do pescoço. Durante a noite, a pedra provocara-lhe uma violenta infecção.

A pele do seu peito, sempre imaculadamente branca, estava vermelha, queimada, carregada de pontos amarelos e espessos de vurmo. O simples toque da roupa devia ser insuportável. Anna segurava uma combinação de ervas curativas, e Signy tentava confortar a afogueada cunhada, garantindo-lhe que ficaria boa. Sem delonga, Halldora dirigiu-se à mesa, resmungando:

— Onde está essa porcaria? Vou atirá-la para a fogueira! E o Throst vai ouvir das boas!

Estacou ao deparar-se com o vazio. Num piscar de olhos, virou-se para mim, bradando:

— O que estás a esconder atrás das costas? Mostra-me as tuas mãos!

Neguei com a cabeça e tentei recuar, mas a tirana foi mais rápida e agarrou-me o braço, com tanta força, que quase me deslocou. Apesar de enraivecida, os seus olhos brilhavam de satisfação. Sabia que, finalmente, a vitória lhe pertencia.

— Abre a mão! — ordenou. — Abre!

Fraca como estava, eu não opus muita resistência. Halldora vislumbrou uma ponta do fio e puxou-o com ferocidade. A pedra escapou da minha mão e ficou suspensa nos seus dedos.

— Ladra! — berrou triunfante, enquanto exhibia o amuleto. — Eu não vos disse que esta peçonhenta era uma ladra? Vós não acreditastes em mim! Pois, aqui está a prova!

Fitei Anna em busca de auxílio. A minha tia era a única pessoa que podia desfazer o terrível equívoco. Gesticulei aflita e suplicante.

— O que é que ela está a dizer? — perguntou Signy, angustiada. Anna estava lívida, enfrentando um dos maiores dilemas da sua vida. Contrariar a enteada para me defender significava pôr em causa todas as suas preciosas conquistas.

— Ela está a dizer... que a pedra lhe pertence — respondeu a meia voz.

— Mentirosa!

A bofetada de Halldora apanhou-me desprevenida. O impacto foi tão violento, que me atirou ao chão.

— Mentirosa! — repetiu. — Este colar era do Throst! Toda a gente sabe disso, sua ladra!

Içou-me pelos cabelos e forçou-me a suster de pé. Depois, arrastou-me sem dificuldade até à fogueira, onde o guisado de carne fervia no caldeirão, enquanto rugia:

— Sabes como se castigam as ladras nesta terra? Vais ficar a saber, miserável!

Eu tentei debater-me, mas estava imobilizada. A minha cabeça rodopiava. Ainda não comera nada e já trabalhara muito. Eu só tinha pele sobre os ossos, e Halldora possuía a força do seu povo, aliada ao furor do ódio. Jamais conseguiria escapar-lhe! Bater nela com a minha mão livre era o mesmo que pretender arrombar uma fortaleza a murro. Os meus lábios escancararam-se num grito de mortificante horror que ninguém escutou, quando o vapor começou a queimar-me. Quis evocar um feitiço para causar-lhe uma dor de barriga e forçá-la a libertar-me, mas a minha mente estava toldada pela aflição. Quando eu já pensava que ia perder os sentidos, Anna veio ao meu auxílio:

— Solta a Pequena, Halldora! Isso não se faz! Deixa-a...

Mas a tirana chegava bem para nós duas. Eu ia perder a mão! Halldora iria mergulhá-la no caldeirão, e a carne largaria dos ossos... O meu sofrimento era tão extremo que não me permitia raciocinar. Sentime desfalecer.

— Por Thor... O que diabo se passa aqui?

A confusão era tanta, que nenhuma de nós ouvira a porta abrir-se. Throst quedava-se na entrada, sem acreditar no que os seus olhos revelavam. Krum chegou nesse instante. Com o susto, Halldora libertou-me, e Anna conseguiu arrastar-me para longe do tormento.

— Que barbaridade é esta, Halldora? — perguntou Throst, sem fôlego. — Enlouqueceste?

A tirana recuou hesitante, mas recuperou depressa e cobriu-se com a máscara de vítima, correndo para o noivo enquanto choramingava:

— Esta criatura é uma ladra, meu amor! Apanhei-a a roubar o colar que tu me ofereceste!

Ingrior surgiu por trás de Krum. Aproximou-se, arquejando de aflição:

— O que foi que aconteceu? Pequena... Que os deuses te ajudem!

Anna aplicou-me um unguento para aliviar as dores, e Ingrior ajudou-a a fazer o curativo. Aos poucos, eu recuperava a lucidez. Throst retorquia:

— Mesmo que isso seja verdade, Halldora, achas que justifica o que acabaste de fazer?

Krum tremia de indignação. Sem se importar com as conseqüências, pousou a mão sobre o meu ombro, esforçando-se para me confortar.

— Como é que a Halldora pôde ser tão cruel? — mastigou entredentes.

— Se vós não tivésseis chegado, teria havido uma tragédia! — declarou Anna, profundamente abalada.

— Foi o pássaro que nos avisou — explicou Krum, despertando a perplexidade geral. — Nós íamos a caminho do mercado quando a coruja apareceu, piando como louca. O Throst percebeu que algo de grave se passava...

A coruja salvara-me! Como eu não dera ouvidos ao seu alarme, ela voara em busca de socorro. E, mais uma vez, Throst não me falhara.

Halldora continuava a choramingar, tentando pendurar-se no pescoço do noivo:

— Eu perdi a cabeça, amor! Desculpa! A idéia de ficar sem o teu presente cegou-me de raiva! Mas prometo que irei pagar pelos danos que causei à tua escrava...

— Não percebes nada, pois não? — Throst afastou-a com um empurrão. — Achas que pieguices e mimos me farão esquecer as tuas atrocidades? Tu és má, Halldora!

— Throst... — argumentou ela, ultrajada. — O que é que se passa contigo? Eu estou a dizer-te que surpreendi esta escrava a roubar-me! E, além de ladra, ela é mentirosa! Tentou convencer-nos de que o colar lhe pertencia!

Throst engoliu em seco e encarou-me pela primeira vez. A expressão do seu rosto era um pedido de perdão, repleto de arrependimento e comiseração.

— E é verdade! Eu gostei tanto dessa pedra, que a reclamei para mim... Não devia ter cedido ao teu pedido! Dei-te algo que não me pertencia e fui mais uma vez responsável pelo sofrimento desta rapariga.

Halldora calou-se, assombrada com a reação do noivo. Sabia que estava a perder, mas jamais admitiria a derrota. Rapidamente, mudou de estratégia:

— Então, está explicado por que a proteges tão cegamente! Esta criatura é uma bruxa e usou a influência da pedra para te manter em seu poder. Desperta do feitiço, Throst! Eu sou a tua noiva! A mulher que te ama! A mulher que tu amas! Vamos casar! Não podes colocar-te contra mim para defenderes uma desconhecida! Tens de matar a escrava! Tens de matá-la já!

Throst fixou a noiva como se a visse pela primeira vez. Sem uma palavra, estendeu a mão reclamando o colar. Receosa, ela devolveu-lho.

Na casa reinava um silêncio arrepiante. Throst apertou a pedra entre os dedos e aproximou-se de mim num passo incerto. Eu testemunhei a tensão no seu corpo e a emoção no seu olhar. Por trás dele, Halldora abriu um sorriso deliciado, confiante no seu poder, e insistiu efusivamente:

— Mata-a! Só assim nós voltaremos a ter paz! Liberta-nos da bruxa...

Throst observou a minha mão, que Anna e Ingrid haviam ligado com perícia. Depois, murmurou comovido, enquanto colocava o colar no meu pescoço:

— Eu sei que as minhas desculpas não acalmarão a tua dor. Mas acredita que lamento sinceramente! Esta pedra nunca deveria ter saído do teu...

O guincho de Halldora cortou-lhe a fala. Throst virou-se, a tempo de evitar o ataque da noiva enraivecida. Prisioneira dos seus braços fortes, ela debateu-se, esperneando e tentando atingi-lo com os punhos, enquanto berrava, possuída pelo ódio e pela frustração:

— Tu não podes fazer isso! Esse colar é meu! Tu oferecete-mo!

— E tu não o merecete! — trovejou Throst, perdendo a paciência. — Assim como não merecete as atenções desta rapariga, que tanto te podia ter ensinado. Mas tu nunca quisestes aprender, pois não, Halldora? Achas que sabes tudo! Pensas que o mundo te pertence! Pois não é assim! Não passas de uma criança mimada e egoísta, que tudo pede e nada dá em troca!

Halldora libertou-se com um safanão. O que restava da sua compostura esfumou-se, quando cuspiu desdenhosamente:

— Se é isso que pensas, não sei por que queres casar-te comigo!

— Sinceramente, eu também já não sei! — retrucou ele, no mesmo tom. — Só sei que tu não és a mulher que eu acreditava que fosses. Desculpei as tuas birras, os teus caprichos e manhas, durante demasiado tempo! Agora, basta! Estou farto!

Halldora nem se apercebia de que estava a enterrar-se num pântano de veneno. O furor da sua ira forçava-a a enfrentar o noivo, sem medir as conseqüências:

— Estás a terminar o nosso namoro, Throst?

Tal como eu, todos sustiveram a respiração. Vi a esperança brilhar no olhar de Ingrior. Teria Throst coragem? Esta era a sua oportunidade de escapar da perpétua infelicidade ao lado da vil tirana!

— Isso só depende de ti — respondeu ele amargamente. — Eu gosto muito de ti, Halldora! Mas a mulher em que te transformaste não é a que eu desejo para companheira e mãe dos meus filhos. Se não mudares de atitude, podes escolher outro marido.

O silêncio ruiu sobre a casa. Num piscar de olhos, as faces de Halldora passaram de um vermelho intenso para um branco cadavérico, ao compreender que fora longe demais. Ainda tentou apelar, mas Throst ignorou-a. Dirigiu-se à irmã, sem sequer consultar a vontade de Anna:

— Ajuda a Pequena a reunir o que lhe pertence. Vamos levá-la para a nossa casa.

Fechei os olhos, atordoada. Ouvir isso era o que eu mais desejava, mas também o que mais temia. Quando procurei a opinião da minha tia, Anna limitou-se a confirmar com a cabeça. Depois do que acontecera, nada mais havia a fazer.

— A bruxa não levará um fio de lã desta casa! — berrou Halldora, empurrando Signy que tentava acalmá-la. — Vais assumir a tua amante, Throst? Eu não me submeterei a tão grande humilhação! Podes esquecer que eu existo!

Gesticulei devagar para que Throst e Ingrid percebessem que eu só desejava acabar depressa com este suplício. Krum tomou a iniciativa de conduzir-nos à porta.

— Eu vou acompanhá-los — decidiu. — É o mínimo que posso fazer!

Na despedida, Anna suspirou emocionada, engolindo em seco antes de murmurar:

— Perdoa a minha fraqueza! Estou velha e cansada...

Apertei a sua mão, esforçando-me para afogar o ressentimento. Afinal, Anna era apenas uma humana. Mairwen, ao contrário do que eu pensara e desejara, há muito que perecera.

Fizemos o caminho até à propriedade dos filhos de Thorgrim em silêncio. Throst sentara-me no seu cavalo, diante dele, e mantinha-me apertada junto do corpo. Sem me importar com o que quer que fosse, deixei a cabeça pender e aninhei-me no seu peito. A minha dor era grande, quase insuportável, mas o pior já passara. A mão sararia com cuidados, recuperara o amuleto da minha avó, ia viver pacatamente na boa companhia de Ingrid e estava nos braços de Throst, escutando as batidas fortes do seu coração, sentindo os seus músculos controlando o robusto cavalo malhado. Tudo isto, era muito mais do que ousara desejar.

— Perdoa-me por não ter chegado a tempo de evitar a tua dor — murmurou ele ao meu ouvido, forçando-me a regressar à realidade. — E perdoa-me por não ter visto o quanto sofrias naquela casa! Isto só aconteceu por minha culpa! Se eu não tivesse oferecido o teu colar à Halldora...

Desejei dizer-lhe que nada havia para perdoar. Afinal, segundo a Lei Viking, os haveres dos escravos tornavam-se propriedade do seu senhor. Logo, como meu dono, ele podia fazer o que entendesse com o colar. Se o oferecera a Halldora, eu realmente cometera um furto. Seria assim que todos interpretariam a história. Mas Throst via mais longe!

Sensibilizada com o seu cuidado, ousei tocar-lhe no canto dos lábios, puxando-o para cima para forçá-lo a sorrir. Queria que entendesse que eu estava bem e que ele não necessitava de preocupar-se mais. Throst ergueu as sobrancelhas, surpreendido pelo meu olhar ansioso. Voltou a fixar a sua atenção no carreiro, mas não sem antes abrir um largo sorriso.

— Que Thor me ajude! — suspirou, num desabafo bem-humorado e repleto de calor. — Isto vai ser muito, muito complicado!

Complicado? Sim, talvez fosse. Porém, quando voltei a mergulhar a cabeça no seu peito, todos os problemas se desvaneceram e permiti-me flutuar num mar de tranqüilidade. Mais tarde, pensaria nas novas dificuldades e desafios que se erguiam diante de mim, e teria tempo de sentir-me assustada e miserável.